



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - IH  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - GEA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DE SABARÁ-MG  
A ESSENCIALIDADE DA CIDADE PATRIMONIAL  
METROPOLIZADA**

**Doutoranda:** Janaína Mourão Freire Gori Felipe

**Orientador:** Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa

Brasília / DF, 15 de dezembro de 2016

JANAÍNA MOURÃO FREIRE GORI FELIPPE

**CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DE SABARÁ-MG  
A ESSENCIALIDADE DA CIDADE PATRIMONIAL  
METROPOLIZADA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Departamento de Geografia, da Universidade de Brasília, como Requisito para a Obtenção do Título de Doutora em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa**

Brasília / DF, 15 de dezembro de 2016

JANAÍNA MOURÃO FREIRE GORI FELIPPE

**CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DE SABARÁ-MG  
A ESSENCIALIDADE DA CIDADE PATRIMONIAL  
METROPOLIZADA**

Tese de doutorado submetida ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Doutora em Geografia, área de concentração: Gestão Ambiental e Territorial, opção Acadêmica.

Aprovado por:

---

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa [Orientador – Presidente / Membro interno]

---

Prof. Dr. Rafael Sanzio [UnB / Membro interno]

---

Prof. Dr. Leonardo Castriota [UFMG / Membro Externo]

---

Prof. Dr. Rodrigo Valverde [USP / Membro Externo]

---

Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva [IESA- UFG/ Membro externo]

---

Suplente – Profa Dra Marília Peluso [UnB/ Membro interno – suplente]

Brasília-DF, 15 de dezembro de 2016

*Dedico esta tese a minha Avó Odette (in memorian), por tudo que sempre representou e representa em minha vida, e aos meus pais Paulo Tasso e Fátima, por me fazerem sentir amada.*

*Dedico a meu marido Moisés, que há cinco anos se tornou o meu lugar.*

*Dedico a Sabará, que me acolheu.*

*Dedico também a Edith Stein (in memorian), pelo maravilhoso encontro que tivemos através de seus escritos.*

## AGRADECIMENTOS

A gratidão deve ser a base da existência. Em meu mundo espiritual há muitas pessoas a quem desejo ser grata, mas antes de cita-las, é preciso elevar meus pensamentos àquele que não tem forma, àquele que é luz sublime e que preenche minha vida de significado. A esse EU puro superior, minha gratidão pela vida e por essa encarnação. Grata pela família que tenho e pela preciosa intuição que me levou primeiramente a Geografia e depois a Fenomenologia.

Gratidão ao Mestre Gabriel por ser a fonte de estudo mais confiável que tenho, além de um esteio para toda minha família. A União do Vegetal tem um papel fundamental na minha vida.

Gratidão a meus pais que não fecharam a fábrica antes da minha chegada e quem têm dado o máximo de si na nossa criação. Gratidão aos meus cinco lindos e charmosos irmãos Renata, Zuila, Maria, Saulo e Felício por darem cor a minha história. Somos um time e tanto!

Gratidão ao Ruy Fabiano por ser um paidrasto amoroso e um marido cuidadoso para minha mãe. Gratidão a Joice por estar presente sempre, quando precisamos.

Gratidão aos meus sogros Gina e Moysés e as minhas cunhadas Alice e Ana por terem me recebido com muito amor.

Gratidão em especial a meu marido, pelo apoio, brincadeiras, brigas e pela confiança. O mundo melhorou desde que você chegou.

Gratidão a Universidade de Brasília, onde me formei em Geografia e que me abraçou mais uma vez, agora no doutorado. Seus jardins, o minhocão, a biblioteca e todos os seus outros cantinhos são, para mim, espaços sagrados.

Gratidão ao Rio de Janeiro, Brasília, Coimbra, Goiânia e Belo Horizonte, cidades do habitar que me fizeram quem sou.

Gratidão ao meu querido orientador Everaldo Costa, com quem aprendi que amizade é algo que se constrói e exige dedicação. Grata por toda compreensão e pelas preciosas orientações. Foi uma honra estar contigo esses quatro anos!

Gratidão aos meus colegas de doutorado, principalmente Lara Cristine, que já era minha irmã ruiva antes de passarmos no processo seletivo e Rafael e Luana, parceiros de orientador e de jornada.

Gratidão aos meus professores de doutorado, principalmente Nelba, Peluso e Cony, que já faziam parte da minha história desde a graduação e contribuíram para a tese conduzindo as disciplinas que cursei.

Gratidão aos meus antigos orientadores que auxiliaram na minha formação: Dante Flávio e Maria Geralda.

Gratidão ao amigo Eduardo Eustáquio por confiar na minha palavra e me dar a licença que eu precisava para cumprir essa tarefa.

Gratidão ao Guilherme e Gabriel, e principalmente ao Pedro Rocha e Gabriel Henrique por me auxiliarem na aplicação dos questionários. Gratidão também a Dani “Be Good”, pelo auxílio nos momentos finais.

Gratidão a todas as pessoas que passaram pela minha vida ao longo desses quase quatro anos e que me apoiaram para realização da tese. São muitos amigos, graças a Deus!

Gratidão a Sabará, que me recebeu sem pudores, mostrando-me tudo o que eu precisava. Gratidão a cada sabarense que conversou comigo e que me ouviu. Encontrei-me com um povo extremamente hospitaleiro e amigável. Deus abençoe todos vocês.

**A todos que como um rio passaram em minha vida, meu muito obrigado!**

*“Eu sou maior do que era antes  
Estou melhor do que era ontem  
Eu sou filho do mistério e do silêncio  
Somente o tempo vai me revelar quem sou”  
(Milton Nascimento e Dani Black)*

## RESUMO

A presente tese teve como objetivo compreender como os bens tombados se apresentam a consciência dos moradores de Sabará. Para tanto, o trabalho se pautou na Fenomenologia Steiniana e Husserliana, a partir da análise das vivências e do mundo espiritual. Por ser uma cidade patrimonial metropolizada, partiu-se da hipótese de que a metropolização impacta na valoração afetiva do bem tombado. Para desvelar todas as “Sabará” que existem dentro do município e compreender a valorização patrimonial e a valoração afetiva dos bens tombados, foram aplicados questionários tendo os setores censitários como unidade de cálculo das amostras; entrevistas semiestruturadas pautadas na história oral; caminhadas de reconhecimento dos diversos distritos; e o que se chamou de “mediações comunitárias” – atividades realizadas com jovens do município. Todo o material foi transcrito utilizando a análise de conteúdo para a interpretação. Por fim, muitas informações foram espacializadas em mapas temáticos diversos, produzindo as Cartografias Valorativas do patrimônio, tanto no âmbito da Valorização Patrimonial quanto da Valoração Afetiva, levando em consideração critérios diversos. Os fragmentos patrimonializados, quando afetivamente valorados, se constituem como patrimônio cultural ou bens de formação, que contribuem para o desenvolvimento humano e comunitário. Na primeira parte da tese a teoria fenomenológica foi aprofundada, para, em seguida, na segunda parte, iniciarem as análises de cada distrito. A terceira e última parte é dedicada a análise patrimonial levando em consideração todo o contexto municipal já compreendido.

**Palavras-chave:** Valoração Afetiva; Valorização Patrimonial; Sabará; Metropolização; Cartografias Valorativas.



## ABSTRACT

The aim of this thesis was to understand how the heritages presents in the conscience of the residents of Sabará. For this, the work was based on the Stein and Husserl Phenomenology, by the analysis of the experiences and the spiritual world. Because it is a metropolitan patrimonial city, it was assumed that the metropolization impacts on the affective valuation of the heritages. In order to unveil all the "Sabará" that exist inside the municipality and to understand the heritage appreciation and the affective valuation of the heritages, were applied questionnaires having the census tracts as unit of calculation of the samples; semi-structured interviews based on oral history; recognition walks on the various districts; and what was called "community mediation" - activities carried out with young people. All the material was transcribed using content analysis for interpretation. Finally, a great deal of information was spatialized in diverse thematic maps, producing the valuatory cartographs of the heritage, both in the scope of heritage valorization and affective valuation, taking into account diverse criteria. The patrimonial fragments, when affectively valued, are constituted as a cultural heritage or formation objects, which contribute to human and community development. In the first part of the thesis the phenomenological theory was deepened, and then, in the second part, started the analyzes of each district. The third and last part is dedicated to the heritage analysis by the entire municipal context already understood.

**Keywords:** Affective Valuation; Heritage Valorization; Sabará; Metropolization; Valuoratory cartographys.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Metodologias da tese.....	27
Figura 2 - Regionais de Sabará.....	28
Figura 3 – Mapa: Distritos de Sabará.....	29
Figura 4 – Mapa: Setores Censitários de Sabará – MG.....	32
Figura 5 - Sabará: antes de conhece-la.....	38
Figura 6 - Capela Nossa Senhora do Rosário dos Pretos .....	38
Figura 7 - Capela de Santana .....	40
Figura 8 - Chafariz Kaquende.....	44
Figura 9 - Cone do “vir a ser” .....	51
Figura 10 - Cone do tempo.....	51
Figura 11 - Eventos ligados a propagação técnica em Sabará - MG.....	67
Figura 12 – Mapa: Setores Censitários rurais e urbanos de Sabará - MG.....	76
Figura 13 - Observação Distrito Carvalho de Brito – Unidades de Paisagem.....	77
Figura 14 – Mapa: Vetorização das unidades de Paisagem – Carvalho de Brito.....	79
Figura 15 – Mapa: Unidades de Paisagem – Carvalho de Brito.....	80
Figura 16 – Mapa: Tipificações de áreas – Carvalho de Brito.....	82
Figura 17 - Posto de atendimento do turista – Sabará - MG.....	86
Figura 18 – Mapa: UPs 1,3,4: áreas de fronteira.....	87
Figura 19 - Croqui UP 1 - Carvalho de Brito.....	88
Figura 20 – Foto da avenida Contagem.....	91
Figura 21 - Croqui UP 3 e 4 - Carvalho de Brito.....	92
Figura 22 – Composição Fotográfica - MG5 Sabará .....	93
Figura 23 - Recibo de aluguel.....	95
Figura 24 - Vila Marzagão.....	96
Figura 25 – Foto estação de Sabará.....	97
Figura 26 – Foto casa em General Carneiro.....	97
Figura 27 – Composição Fotográfica - Estação General Carneiro.....	98
Figura 28 - Estrada de Ferro Central do Brasil.....	99
Figura 29 – Foto crianças laborando na Vila Marzagão.....	100
Figura 30 - Croqui da antiga Vila Marzagão.....	101
Figura 31 - Croqui UP 7 (Marzagão) – Carvalho de Brito.....	102
Figura 32 – Foto placas para Sabará.....	104
Figura 33 - Foto tirada do morro da Igreja de Bom Jesus.....	106
Figura 34 – Mapa: UP 2, 5, 6 e 7 – Carvalho de Brito.....	107
Figura 35 - Croqui UP 2 – Carvalho de Brito.....	109
Figura 36 - Croqui UP 6 – Carvalho de Brito.....	114
Figuras 37 e 38 – Foto marcos Caminhada de Reconhecimento – UP 7.....	115
Figura 39 - Croqui UP 7 – Carvalho de Brito.....	116

Figura 40 – Foto Chevrolet 1956 .....	121
Figura 41 – Foto VINSOL.....	121
Figura 42 – Mapa: Área de atuação Ônibus BH-Sabará.....	122
Figura 43 - Croqui UP 5 – Carvalho de Brito.....	125
Figura 44 – Composição de imagens de satélites -Aterro de Macaúbas.....	126
Figura 45 - Dados dos problemas da comunidade – Carvalho de Brito.....	128
Figura 46 - Observação Distrito Sede – Unidades de Paisagem.....	134
Figura 47 – Mapa: Unidades de paisagem da sede Sabará - MG.....	137
Figura 48 – Mapa: Vetorização da sede Sabará - MG.....	138
Figura 49 – Mapa: Tipificações de área da sede Sabará - MG.....	139
Figura 50 - Perfil dos arraiais de Sabará.....	142
Figuras 51 e 52 – Mapa: Ocupações Rio das Velhas e Rio Sabará.....	142
Figura 53 – Mapa: Comarca de Sabará da Capitania de Minas Gerais.....	145
Figura 54, 55 e 56 - Mapas das estradas reais.....	146
Figura 57 - Mapa antigo do município de Sabará.....	151
Figura 58 - Composição de cartas – Território sabarense.....	153
Figura 59 - Praça de Roça Grande.....	155
Figura 60 - Hotel do Ouro.....	156
Figura 61 - Horizonte do Morro da Cruz.....	157
Figura 62 - Casas no vale na beira da estrada.....	157
Figura 63 – Croqui unidade de Paisagem 1 - Sede.....	159
Figura 64 – Croqui unidade de Paisagem 2 - Sede.....	160
Figura 65 – Croqui unidade de Paisagem 3 - Sede.....	161
Figura 66 – Croqui unidade de Paisagem 4 - Sede.....	162
Figura 67 – Croqui unidade de Paisagem 3 - Sede.....	163
Figura 68 - Fotos da ponte da Igreja.....	166
Figura 69 – Composição fotográfica - Ponte da Paciência – antes e depois.....	167
Figura 70 – Composição fotográfica - ponte da Paciência antes e depois - segundo ângulo.....	168
Figura 71 – Composição fotográfica - Belgo Mineira antes e depois.....	170
Figura 72 – Composição fotográfica - paisagem das ruas mestra Ritinha e Dom Pedro II.....	173
Figura 73 - Imagem de Satélite - Terreno rua Mestre Ritinha e rua Dom Pedro II.....	174
Figuras 74 e 75 - Fotos das Vilas Operárias da Belgo Mineira.....	175
Figuras 76 e 77 - Fotos das casas de Pompéu.....	182
Figura 78 – Mapa: Setores Censitários rurais e urbanos Mestre Caetano de Sabará – MG.....	183
Figura 79 – Mapa: Unidades de paisagem Mestre Caetano de Sabará – MG.....	185
Figura 80 – Mapa: Vetorização UPs Mestre Caetano de Sabará – MG.....	186
Figura 81 – Mapa: Tipificações de área Mestre Caetano de Sabará – MG.....	187
Figura 82 – Croqui unidade de Paisagem 2 – Mestre Caetano.....	188
Figuras 83 e 84 - Ruínas de Mestre Caetano.....	192
Figura 85 – Foto barragem de rejeitos AngloGold Ashanti.....	193

Figura 86 – Foto igreja de São Sebastião – Nações Unidas.....	198
Figura 87 – Mapa: Hipsométrico Sabará.....	204
Figura 88 - Composição fotográfica- Cultura de bananas em Ravena.....	205
Figura 89 – Mapa: Unidade de Paisagem Ravena.....	206
Figura 90 – Mapa: Vetorização Ravena.....	207
Figura 91 – Mapa: Tipificação de área - Ravena.....	208
Figura 92 - Imagem de satélite de Ravena.....	209
Figura 93 - Composição fotográfica – espaço publico Ravena.....	212
Figura 94 – Mapa: Vetores de expansão RMBH .....	214
Figura 95 – Mapa: População urbana e rural – RMBH.....	216
Figura 96 - Crescimento Populacional – RMBH – 2000 -2010.....	219
Figura 97 – Mapa: Densidade demográfica RMBH.....	221
Figura 98 – Mapa: Nível de escolaridade - RMBH.....	222
Figura 99 - Cartaz festival da Jabuticaba 1987.....	224
Figura 100 - Ccomposicao fotografica – derivados de Jabuticaba.....	224
Figura 101 - Cartaz festival da Jabuticaba 2016.....	225
Figura 102 - Foto banda festival da banana.....	226
Figura 103 - Sabará: depois de conhece-la.....	228
Figuras 104 e 105 - Bairro Siderúrgica e Bairro Inconfidência.....	239
Figura 106 - Mapa de bens tombados pelo IPHAN.....	259
Figura 107 – Composição fotográfica - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.....	260
Figura 108 – Croqui travessia das procissões.....	261
Figuras 109 e 110 - Fotos Igreja de São Francisco e Igreja das Mercês.....	262
Figura 111 – Composição fotográfica paisagem entre Igreja de São Francisco e Igreja das Mercês.....	262
Figura 112 - Imagem do arraial da Igreja Grande.....	263
Figura 113 – Composição fotográfica – Chafariz do Kaquende.....	263
Figura 114 - Mapa turístico de Sabará.....	265
Figura 115 - Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IPHAN.....	267
Figura 116 - Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IPHAN.....	268
Figura 117 – Composição fotográfica - Igreja Nossa Senhora da Conceição e arredores.....	269
Figuras 118 e 119 – Fotos casas próximas a Igreja Nossa Senhora da Conceição.....	269
Figura 120 – Composição fotográfica - Igreja Nossa Senhora do Ó.....	270
Figura 121 - Mapa de acesso Zona Tombada 3 - IPHAN.....	272
Figura 122 - Mapa de acesso Zona Tombada 4 - IPHAN.....	273
Figura 123 - Mapa de bens tombados pelo IEPHA.....	274
Figura 124 - Casas Vila Marzagão.....	275
Figura 125 - Casa Ravena.....	276
Figura 126 – Mapa de acesso Zona Tombada 1 - IEPHA.....	277
Figura 127 – Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IEPHA .....	278
Figura 128 – Mapa de acesso Zona Tombada 3 - IEPHA.....	279

Figura 129 - Composição fotográfica – Tombamento municipal.....	280
Figura 130 - Ser e Não Ser.....	298
Figura 131 – Mapa de valoração afetiva – Sabará/MG.....	131
Figura 132 - Espaço Existencial de Norberg-Schulz.....	301
Figura 133 – Mapa de proximidades e distâncias.....	303
Figura 134 - Domínios identitários de Sabará.....	308
Figura 135 – Mapa: Tipos de identidades de Sabará - MG.....	309
Figura 136 - Composição Paisagística – Área da antiga Igreja de Santa Rita.....	314
Figura 137 - Foto do local da antiga Igreja de Santa Rita.....	315
Figura 138 – Mapa do Patrimônio Cultural Invisível.....	316
Figura 139 – Mapa do Patrimônio Cultural Excluído.....	319
Figura 140 - Fotos do interior da Igreja da Lapa - Ravena.....	320
Figura 141 - Foto da Nossa Senhora de Assunção da Lapa.....	321
Figura 142 – Foto visita capela do Rosário – Mestre Caetano.....	322
Figura 143 – Mapa do Patrimônio Cultural Ativo.....	323
Figura 144 – Mapa: Tipos de comunidades – Sabará - MG.....	329
Figura 145 – Mapa de comunidades valorativas.....	335
Figura 146 – Foto que representa Sabará.....	341

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Amostra para questionários .....	24
Tabela 2 - Setores Censitários de Sabará - MG.....	30
Tabela 3 - Unidades de Paisagem de Sabará - MG.....	31
Tabela 4 - População e Taxa de Crescimento dos municípios da RMBH, 2000 - 2010.....	217
Tabela 5 - Tipologias de acesso a bens tombados.....	266
Tabela 6 - Elementos constitutivos das Zonas Valorativas.....	300

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Legenda para transcrição de entrevistas.....	25
Quadro 2 - Experiência e Atenção.....	56
Quadro 3 - História X Memória - Pierre Nora.....	135
Quadro 4 - Análise dos aglomerados subnormais da sede.....	158
Quadro 5 - Título arraiais coloniais e do século XX .....	200
Quadro 6 - Teorias da restauração a luz da técnica.....	254
Quadro 7 - Bens tombados IPHAN e IEPHA.....	256
Quadro 8 - Valores conforme Alois Riegl.....	288
Quadro 9 - Valores de Rememoração.....	289
Quadro 10 - Valores de Atualidade.....	291

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipificação de áreas.....	81
Gráfico 2 - Condições de vida – UP2.....	108
Gráficos 3 e 4 - Condições de vida – UP6 e UP7.....	110
Gráfico 5 - Escolaridade Carvalho de Brito.....	111
Gráfico 6 - Aspectos físicos e Urbanos – Fátima e General Carneiro.....	120
Gráfico 7 - Tipificação de área - Sede.....	140
Gráficos 8, 9 e 10 - Religiosidade UP2, UP7 e UP6 - Carvalho de Brito.....	197
Gráfico 11 - Taxa de Crescimento de Sabará e Belo Horizonte.....	215
Gráfico 12 - Taxa de Crescimento de Sabará .....	220
Gráfico 13 - O que é o IPHAN? .....	282
Gráfico 14 – O que é Tombamento? .....	283
Gráfico 15 - Religião em censos demográficos.....	311



## LISTA DE SIGLAS

<b>AEIS</b>	Área Especial de Interesse Social
<b>AFFAS</b>	Ação Faça uma Família Sorrir
<b>BH</b>	Belo Horizonte
<b>BHTRANS</b>	Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte
<b>CAIC</b>	Centro de Integração Integral a Criança e a Adolescente
<b>CEP</b>	Código de Endereçamento Postal
<b>FGTS</b>	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBRAM</b>	Instituto Brasileiro de Museus
<b>IEPHA</b>	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>IPTU</b>	Imposto Predial e Territorial Urbano
<b>LOUS</b>	Lei de Ocupação e Uso do Solo
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PDDI</b>	Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte
<b>PLHIS</b>	Plano Local de Interesse Social do Município de Sabará .
<b>RMBH</b>	Região Metropolitana de Belo Horizonte
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UNESCO</b>	United National Educational Scientific and Cultural Organization
<b>UP</b>	Unidade de Paisagem
<b>VINCOL</b>	Viação Nossa Senhora da Conceição

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>18</b>
Bases para uma Geografia Fenomenológica.....	18
Travessia metodológica.....	22
Contextualização da metodologia na área de estudo.....	28
<b>CADERNETA DE CAMPO 1: Experiências “sabaráticas” –</b>	
<b>preâmbulo para uma pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>PARTE 1 - GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA.....</b>	<b>45</b>
<b>CAPÍTULO I - SER FINITO E EVENTO: O FLUXO DE VIVÊNCIAS DA PESSOA HUMANA</b>	
<b>NA CIDADE METROPOLIZADA.....</b>	<b>48</b>
1.1 Cada consciência é um mundo: a duração do tempo e as vivências.....	50
1.2 Vivências corpóreas, psíquicas e espirituais.....	52
1.3 Eventos e comunidade: uma proposta de diálogo.....	57
1.4 Paisagem, lugar e valorização.....	60
<b>PARTE 2 - O MUNDO ESPIRITUAL DOS SABARENSES.....</b>	<b>64</b>
<b>CAPÍTULO II -“PORQUE A GENTE TEM MUITA COISA SÓ QUE NINGUÉM PENSA NISSO” –</b>	
<b>A PERIFERIA SABARENSE DE BELO HORIZONTE.....</b>	<b>71</b>
2.1 A bairrificação de Sabará e o Lebenswelt metropolitano.....	73
2.2 Apresentação do distrito.....	75
2.3 Áreas de (não)fronteira – de município mãe a município filha.....	85
2.4 Vila Marzagão – resquícios de uma comunidade.....	94
2.5 Da guerra dos emboabas a guerra do tráfico – territórios do crime de Sabará.....	105
<b>CAPÍTULO III - A FIDELÍSSIMA SABARÁ: O DISTRITO SEDE NO CONTEXTO</b>	
<b>DA METROPOLIZAÇÃO.....</b>	<b>130</b>
3.1 Apresentação do distrito.....	132
3.2 300 anos de história da fidelíssima – os antigos sabarense e a repulsa aos novos.....	141
3.3 Arraiais do século XXI na sede.....	154
3.4 Belgo Mineira – a mãe de Sabará.....	170
<b>CAPÍTULO IV - O VALE ENCANTADO: AS RUÍNAS E MEMÓRIAS DO DISTRITO DE</b>	
<b>MESTRE CAETANO.....</b>	<b>178</b>
4.1 Apresentação do distrito.....	180
4.2 Irmandades religiosas e a perpetuação do barroco.....	194
<b>CAPÍTULO V - “AQUI É RAVENA E NÃO SABARÁ”: O DESCONEXO ARRAIAL DA LAPA.....</b>	<b>202</b>
5.1 Apresentação do distrito.....	204
5.2 A RMBH e o cotidiano sabarense.....	214

5.3 Eventos festivos: geografia alimentar de Sabará.....	223
<b>CADERNETA DE CAMPO 2: Experiências “sabaráticas” – aflições de uma pesquisadora.....</b>	<b>228</b>
<b>PARTE 3 - CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DO PATRIMÔNIO DE SABARÁ...231</b>	
<b>CAPÍTULO VI - VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL:REPENSANDO O BEM CULTURAL.....</b>	<b>234</b>
6.1 Bem cultural como bem de formação.....	236
6.2 A vida dos monumentos e as teorias da restauração: “ninguém pode colocar a mão né. Você tem que conservar.”.....	244
6.3 Bens tombados de Sabará: “patrimônio é uma coisa assim muito antiga, muito rustica”.....	255
6.4 “Nós temos obrigações de obedecer certas regras ditadas pelo patrimônio”.....	281
<b>CAPÍTULO VII - VALORAÇÃO AFETIVA E FORMAÇÃO ANÍMICA.....</b>	<b>285</b>
7.1 Valores objetivos: existência isolada da experiência humana.....	287
7.2 Valoração espiritual: o macrocosmo e o mundo dos sabarenses.....	297
7.3 Patrimônio cultural e identidade sabarense: bens tombados formativos.....	312
7.4 A comunidade e o Lebenswelt metropolitano.....	325
<b>CADERNETA DE CAMPO 3: Experiências “sabaráticas” – autoentrevista.....</b>	<b>340</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>342</b>
<b>REFRÊNCIAS .....</b>	<b>347</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>354</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O sentido e a essência não se encontravam em algum lugar por trás das coisas, mas em seu interior, no íntimo de todas elas (Sidarta, Hermann Hesse)*

### Bases para uma Geografia Fenomenológica

Essa é uma tese que é também um mergulho, um mergulho no sentido do patrimônio. É uma busca incessante pelo eu e pelo nós, na cidade patrimonial. O que é a cidade sem pessoas? Quem são as pessoas da cidade? O que difere uma cidade histórica<sup>1</sup> de uma não histórica na vida da pessoa humana<sup>2</sup>? Quais os impactos da região metropolitana sobre a valoração do patrimônio? Essas inquietações levaram ao brotar da pesquisa. Após conhecer as diversas e instigantes cidades de Ítalo Calvino (2003), ao mesmo tempo chão e mulher, sonho e realidade, metáfora e literalidade, me imaginei diante de Kublai Khan.

No livro, Marco Polo relata-lhe suas impressões das cidades do império visitadas. O imperador interpreta os gestos, as imagens e os movimentos. A mesma cidade é distinta para um e para o outro. Quem sabe as cidades tenham o poder de diversificar compreensões ao invés de agregá-las? Em uma passagem, imperador e mercador dialogam:

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.  
 - Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - perguntou Kublai Khan  
 - A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.  
 Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:  
 - Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.  
 Polo responde:  
 - Sem pedras o arco não existe. (CALVINO, 2003, p.81).

Em meu contato (imaginado) com o imperador, substituí o final do diálogo pela seguinte estrutura: “- Por que falar das *pessoas*? Só a *cidade* me interessa [...] – Sem *pessoas*, a *cidade* não existe”. E assim, após essa conversa, iniciei minha busca pelas pessoas da cidade patrimonial metropolizada.

É importante retomar alguns temas relativos ao desenvolvimento da fenomenologia Husserliana e conseqüentemente, Steineiana – que nos servirão de base. Edmund Husserl era um matemático que transcendeu as questões lógicas e aritméticas - por influência de Brentano

<sup>1</sup> Concordamos com Everaldo Costa (2016, p.79) que “toda cidade é histórica, pois advém de um processo histórico” e que as cidades da mineração ou litorâneas brasileiras tratadas assim se deve à sua representação no contexto de busca de símbolos na *construção* do Estado Nacional. Portanto, sempre que o termo for empregado referir-se às cidades mineiras, coloniais, que tiveram bens patrimonializados, embora saibamos ser uma expressão reducionista.

<sup>2</sup> Usa-se pessoa humana por influência dos estudos de Edith Stein. Pessoa é o divino, o criador encarnado, pessoa humana são os semelhantes.

- para um mergulho profundo na filosofia. A psicologia, envolta em conhecer o homem, se apropriou da Fenomenologia, contudo, essa última não possui uma filiação para com a primeira<sup>3</sup>. Por outro lado, após a ruptura com o positivismo, as ciências focadas nos estudos sociais, seguiram caminhos distantes da Fenomenologia. Na Geografia, a corrente marxista ganhou força na análise das relações sociais, a partir do materialismo histórico dialético. Apenas estudos isolados como os de Carl Sauer e Eric Dardel revelavam sementes ansiosas por germinar.

A Geografia Cultural é hoje uma corrente fortalecida, com diversos grupos de pesquisas nas universidades brasileiras e internacionais. Há, contudo, variações. De acordo com Maria Geralda de Almeida (2009), existem três abordagens da Geografia Cultural mais evidentes: 1) Semiótica - que explora os signos e significados; 2) Espiritualista – que se preocupa com a consciência humana e 3) Eclética – um mosaico de temas/interdisciplinaridade. A primeira delas se preocupa com o universo de símbolos atribuídos aos espaços e aos lugares; dedicando-se tanto às paisagens urbanas quanto ao meio rural. Denis Cosgrove é um geógrafo que se insere nessa abordagem. A corrente espiritualista é protagonizada pela italiana Giuliana Andreotti e está relacionada ao estudo das paisagens espirituais. Nessa corrente, os geógrafos se interessam pela consciência humana por um viés artístico e poético. A última linha, denominada Eclética, tem como representante principal o francês Paul Claval e possui como característica uma interdisciplinaridade. É um mosaico de diversos temas que possuem procedimentos metodológicos distintos.

A Geografia cultural humanista, inserida na corrente eclética, é aquela que busca centrar-se no homem para compreender as relações interpessoais e socioespaciais. Para tanto, vale-se da Fenomenologia. Contudo, não se pode afirmar que há aí um grupo coeso, pois, o fato é que a Geografia humanista tem se afirmado muito mais existencialista, do que propriamente fenomenológica. Isso porque está em Martin Heidegger, Merleau-Ponty e Jean Paul Sartre a maior influência recebida pelos pesquisadores. Há ainda outro problema correlato: uma gama de estudos reproduzidos sob o título de fenomenológicos demonstram o não conhecimento do método em si. Configura-se uma reprodução de geógrafos para geógrafos, sem consulta à fonte primária. Na presente tese, resgatamos a fenomenologia Husserliana para compreensão da tripartite humana. Além disso, levamos em consideração os aprofundamentos realizados por

---

<sup>3</sup> A ligação entre ambas não é ocasional e mesmo Husserl estabeleceu diálogos com correntes específicas como a psicologia descritiva. “Husserl não abandona a ideia de que o que ele havia realizado era uma psicologia descritiva, mas o que era descrito não eram eventos psíquicos, ou fatos psíquicos, mas as essências das vivências, e era esse último ponto que deveria ser enfatizado” (PERES, 2013). Em “Filosofia como ciência de rigor”, Husserl destaca a importância da Psicologia, mas atribui a ela caracteres diferenciados da Fenomenologia, afirmando, inclusive, ser a segunda um fundamento para a primeira.

Edith Stein, que fora sua assistente e talvez a discípula mais fiel a seus pensamentos. Por ela, chegamos à pessoa e à comunidade. Vale ressaltar que entre Edith Stein e Edmund Husserl há uma lacuna epistemológica no que concerne à dialética realismo/idealismo. O primeiro, julgado como ingênuo, acredita que há coisas mais além dos sentidos e o segundo, defendido por Husserl, impõe que não há nada para além dos sentidos. A partir desse ponto, nossos caminhos ideológicos se afinam com o realismo de Stein, o que dá a esta tese um rótulo efetivamente Steiniano, tanto no que concerne as continuidades oriundas de Husserl, quando as rupturas propostas pela filósofa. Vale ressaltar que, embora o existencialismo de Heidegger não nos sirva de base nesse momento, recorreremos a ele nas questões em que se manteve afinado a doutrina husserliana, travando diálogos com a própria Edith Stein, com quem conviveu no círculo de Gottingen.

A Fenomenologia consiste no estudo dos fenômenos e não na materialidade das coisas. Isso quer dizer, que o mais importante não é o objeto, mas o **sentido** que ele se mostra ao ser. Tudo o que há se manifesta com determinado sentido para a consciência. Para compreendermos a vida intencional humana, é fundamental captarmos os sentidos. A consciência é um **fluxo de vivências** e essas vivências nada mais são do que nossa própria vida. Husserl percebe que há categorias de vivências e que elas se manifestam de formas diferentes, podendo ser classificadas de sensoriais a intencionais.

A explicação para as distintas manifestações das vivências está na estrutura humana, que ele define como: corpo, psique e espírito. A combinação desses o leva ao mundo intersubjetivo, relativo as culturas, e permite que se defina conceitos como Estado, Nação, Comunidade, Sociedade e Massa, aprofundado por Stein. *Ideias II*, obra na qual Edith Stein foi uma das assistentes responsáveis por organizar, publicada postumamente, evidencia diversas dessas características. “Ele procura investigar fenomenologicamente como o ser humano vincula-se, em determinado nível, ao mundo material (físico), em outro, ao mundo animal enquanto ser vivo, e finalmente ao mundo sociocultural e histórico” (PERES, 2013, p.43).

Para Husserl (1992), como já dito, a estrutura humana é uma tríade: corpo, psique e espírito (a psique e o espírito compõem a alma). Portanto, existem vivências corpóreas, psíquicas e espirituais. Os atos corpóreos referem-se aos instintos em geral, como a fome, sede, sono, etc. São originados por uma causalidade e são as conhecidas sensações, ou vivências sensoriais – são as percepções<sup>4</sup>. Os atos psíquicos originam-se de certa motivação, que impele um impulso, uma reação, mas ainda há uma regência da causalidade. Emoções como medo, dor

---

<sup>4</sup> Muitos críticos à Fenomenologia alegam que seu subjetivismo é superficial, visto que se centra na percepção. Esta, todavia, é apenas um ato corpóreo humano. O perceber está no contato imediato com o objeto, é pré reflexivo.

da perda, alegria, são exemplos dessas vivências. Por fim, existem os mais profundos dos atos, que são aqueles denominados como espirituais, aonde por motivação, estabelecemos o registro, a reflexão. É o ato da compreensão, da decisão, da avaliação, do controle e de outros processos como a valoração. As vivências psíquicas ainda ocorrem em um eu escondido, passivo, enquanto as vivências espirituais são do eu desperto e ativo.

A consciência não está em nenhuma dessas três dimensões isoladamente, mas em todas elas, como um ponto de convergência na pessoa humana. Todos os atos são registrados na consciência. A consciência não é um objeto como outro qualquer, mas a condição para a manifestação de qualquer objeto (abstrato), seja ele real ou ideal. Os seres humanos têm a exclusividade dos atos espirituais e todos têm potencialmente a mesma estrutura de atos do ponto de vista psíquico ou espiritual, mas nem todos desenvolvem a totalidade dos atos.

A pessoa humana difere-se da pessoa original, o divino, e define-se pela composição tripartida, única entre os seres vivos. A exclusividade das vivências espirituais torna o humano um ser passível de motivação e alteridade. A motivação é um dirigir-se a, em busca do conteúdo de sentido. A Entropatia ou Empatia, diferentemente do que usualmente se concebe, refere-se a um viver do eu para o nós, é uma alteridade. É um identificar no outro um eu semelhante, que gera um nós. “sinto a presença de um outro ser humano, como eu, e, portanto, uma apreensão de semelhança imediata” (BELLO, 2006, p.63). Ao perceber o “nós”, vive-se a intersubjetividade, entende-se como um eu único, mas também como um eu social e cultural.

Propomos agora um exercício semelhante aos expostos por Husserl. Começando pelos parênteses: a *époché*. Colocar entre parênteses não é ignorar, mas é deixar momentaneamente de lado algo que dificulta o alcance da essência. Imagine o centro histórico de uma cidade colonial, repleto de igrejas, capelas, fachadas coloridas e pedra sabão. Há ali diversas pessoas a visitar ou a seguir o fluxo cotidiano diário. Se colocarmos as edificações entre parênteses, o que nos restaria da experiência das pessoas? O sentido captado. Que sentido é esse? Vivências diversas como o medo, o encanto, a recordação, a reflexão e a valoração. Agora pratiquemos com uma escala menor – observando exclusivamente a obra de arte enquanto obra de arte. Se pusermos entre parênteses a matéria, o elemento físico da obra, o que nos restaria sobre ela? Suas questões fundamentais. Que quer dizer isso? A história da obra, a experiência vivida ao redor e dentro dela, as crenças que lhe atribuíram determinada composição, a afetividade – sua existência enquanto bem cultural.

De acordo com a Fenomenologia, para que um bem seja cultural é preciso que esteja inserido no mundo dos valores do ser que habita, possuindo um sentido afetivo (*gemut*) (STEIN, 2003c). É o valor que faz com que algo seja aceito no interior da alma. Por isso, demos o nome

de *valorização afetiva*, à ligação espiritual entre um ser e uma obra, efetivando-a como patrimônio cultural. A *valorização patrimonial* se trata das políticas, eventos e ações ligadas a preservação e restauração da matéria patrimonializada, não necessariamente culturalmente patrimonializada.

Então nos perguntamos: como o patrimônio cultural se revela a consciência dos moradores da cidade patrimonial? Tendo como estudo de caso Sabará – MG, focamos ainda mais a questão norteadora: *Qual o valor afetivo dos bens tombados da cidade de Sabará-MG, metropolizada, à consciência dos moradores?* E começamos a escavação à essência colocando entre parênteses o patrimônio enquanto matéria para identifica-lo enquanto valorização (o que chamamos de bem formativo ou patrimônio cultural). Para tanto, mergulhamos no cotidiano da cidade, compreendendo suas diversas dinâmicas, e adentramos no universo da valorização patrimonial no município. Nossa hipótese é de que a metropolização impacta na valorização afetiva, pelas dinâmicas segregacionistas e o reordenamento do território que impõe.

Para tanto, foi necessário um percurso criterioso, que levasse a conclusões plausíveis. Optamos por representar o que chamamos de Cartografias Valorativas do Patrimônio, espacializando a relação dos diversos sabarenses com os bens tombados.

Desse modo, acreditamos ter nos aproximado da essencialidade de Sabará.

## Travessia metodológica

A **pesquisa exploratória** é o primeiro caminho para se traçar percursos metodológicos objetivos. Ela divide-se tanto em leituras quanto em entrevistas e observação ao local.

As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras. Uma e outra são complementares e enriquecem-se mutuamente. As leituras dão um enquadramento às entrevistas exploratórias e estas esclarecem-nos quanto à pertinência desse enquadramento. (QUIVY, 1995, p.69).

Esse tipo de aproximação inicial desenvolve e esclarece conceitos e ideias, auxiliando inclusive na formulação de hipóteses e questionamentos. Para esse tipo de pesquisa não há necessidade de um rigor no planejamento, pois poderá ser ainda mais útil se guiada de forma intuitiva, pelas sensações: “(...) passear tranquilamente, impregnar-nos da atmosfera social, procurando distinguir, em conversações informais, as contradições que cada realidade territorial encerra” (SOUZA, 2013, p.178). Todas as informações coletadas eram, ao final do dia, reunidas em um diário de campo. Nesse diário, além de expor dados sobre o diálogo com a comunidade escrevemos nossas impressões. O **diário de campo** foi fundamental porque: “Por mais que os



gravadores, as câmaras fotográficas, os questionários e os roteiros de entrevistas sejam técnicas indispensáveis, não conseguem registrar as emoções momentâneas, tanto por parte do pesquisador quanto por parte dos entrevistados” (VENANCIO, 2009, p.318/319).

Tendo como referência essas primeiras experiências e levando em consideração alguns pontos de complexidade dentro da cidade, entendemos que era preciso, antes de tudo, conhecê-la como um todo. **Observar** relaciona-se ao *ver*. Paulo César da Costa Gomes (2013, p.31) explica que o *olhar* envolve todo o campo visual que nosso sistema óptico é capaz de captar, já o *ver* resulta de uma atenção específica “Vemos somente aquilo que retiramos do fluxo contínuo do olhar”. O olhar, por ser contínuo, percorre uma paisagem sem se fixar – o *ver* se instala. Na pesquisa geográfica, vemos com olhos de geógrafos, ou seja, direcionamos nosso olhar – isso é observar. “A observação consiste num instrumento de pesquisa qualitativa essencial aos estudos do patrimônio cultural, já que a análise pessoal do pesquisador pode ser ampliada pela utilização dos sentidos humanos e, assim, enriquecida com mais detalhes” (SOTRATTI, 2013, p.199).

Segundo Edith Stein (2003c, p.590) o método fenomenológico busca se fixar nas coisas mesmas, para isso, é preciso: “No interrogar a teorías sobre las cosas, dejar fuera em cuanto sea posible lo que se há oído y leído (...) para, más bien, acercarse a las cosas com una mirada libre de prejuicios y beber de la intuición imediata”. A intuição para a Fenomenologia não tem o mesmo significado que costumamos empregar, ela é a percepção do que uma coisa é por essência. Assim, toda a prática de observação se deu antes de qualquer leitura ou pesquisa sobre a cidade, buscando uma prática intuitiva.

Após a longa etapa de exploração e observação, tornou-se fundamental adentrar na especificidade de cada área e realmente apreender o município. Além das conversas de rua e das entrevistas já planejadas para acontecer, optamos por aplicar **questionários** simples (apêndice I), que sanassem questões complexas para um melhor entendimento do conteúdo patrimonial.

Para uma melhor caracterização da cidade em suas questões funcional, formal e relacional, fizemos um cálculo de amostra com margem de erro de 3% a partir da população estimada, por setor censitário, no censo de 2010. A amostra escolhida pareceu inalcançável em determinados momentos, mas o desafio foi fundamental para o conhecimento da cidade e a manutenção de contato com os moradores. Foi por meio da aplicação dos questionários que conhecemos as pessoas que futuramente entrevistamos, além de muitas esquinas, becos sem saídas, fim de linhas, casas isoladas, resquícios de moradias, cachorros de rua e ladeiras. Muitas ladeiras.

Tabela 1 - Amostra para questionários

<b>Distritos</b>	<b>População total (Q)</b>	<b>Amostra (Q)</b>
Carvalho de Brito	22034	1133
Mestre Caetano	209	188
Ravena	1555	530
Sede	12442	1018
<b>TOTAL</b>		<b>2869</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

O objetivo de uma pesquisa quantitativa em uma tese fenomenológica deu-se, primordialmente, para entender o diálogo entre os lugares, em seus ritmos, redes e caminhos de uma forma que fosse possível visualizar padrões e mapeá-los. Através de um rigor metodológico seria mais crível, para nós mesmos, a complexa dinâmica existente dentro de Sabará, enquanto uma cidade histórica situada em região metropolitana – RMBH.

O questionário foi organizado em três grandes áreas: identificação da pessoa, conexões urbanas e valoração afetiva, totalizando dezoito questões com sete delas no modelo aberta. No primeiro grupo, detectamos elementos como gênero, religião, idade, tempo de moradia em Sabará e escolaridade. Na segunda área, procuramos identificar qual o local de trabalho das pessoas, assim como o tempo de permanência diária em Sabará e o contato com o centro da cidade. No terceiro grupo aproveitamos para inserir duas perguntas ligadas a patrimonialização, embora refletir sobre o patrimônio não fosse o objetivo naquele momento.

Somando-se aos questionários, realizamos **caminhadas de reconhecimento** (BUARQUE, 2008). Os motivos que levaram a adoção dessa metodologia foram: necessidade de entrada em áreas que não eram seguras sem algum membro do local e aprofundamento na percepção da área. Essa técnica “procura expressar em mapas o conhecimento dos atores e observação visual direta em relação ao solo, ao relevo, a paisagem, aos usos agrícolas, aos recursos hídricos, a oferta e a disponibilidade de infraestrutura” (BUARQUE, 2008, p.129). As caminhadas foram todas gravadas.

A observação, questionários e caminhadas de reconhecimento serviram como uma aproximação a Sabará. Concluídas essas etapas, iniciamos as entrevistas, pautadas nos conceitos de história oral e as *mediações comunitárias*, com alguns jovens da cidade.

Lucília Delgado (2010) divide a história oral em três tipos de entrevistas:

1. Histórias de Vida
2. Entrevistas Temáticas

### 3. Trajetórias de Vida

A primeira e a terceira relacionam-se a vida de um sujeito, embora a trajetória tenda a ser uma pesquisa menos profunda, mais sucinta. Optamos pelas **entrevistas temáticas** (apêndice II), que “(...) se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados” (DELGADO, 2010, p.22). Nesse caso, o evento é a própria vida em seu manifestar-se a consciência.

À medida que o tipo de entrevista tenha sido escolhido, a autora descreve sete etapas para a aplicação:

1. Definição do projeto de pesquisa
2. Preparação da entrevista → potenciais entrevistados
3. Preparação dos roteiros
4. Realização de entrevistas
5. Transcrição das entrevistas
6. Conferência de fidelidade
7. Análise das entrevistas

O material foi integralmente transcrito. Empregamos os seguintes símbolos já utilizados com sucesso ao longo da dissertação de mestrado (conforme indicação de BARDIN, 2011):

**Quadro 2 - Legenda para transcrição de entrevistas**

Legenda:	
♦	A continuação de uma fala foi interrompida
★	Falamos juntos
⊙	Silêncio
X	Inaudível
○	Entrevistado começou a falar sem pergunta prévia
♪	Imitação de som ou canto
⊖	Gesticulação
abc	não tenho certeza se a palavra é essa
☒	desenhando
Ⓛ	Respondeu algo diferente do perguntado

Fonte: Elaborado pela autora.

Para interpretação das entrevistas utilizamos a **análise de conteúdo** que consiste na catalogação e interpretação dos depoimentos. De acordo com Laurence Bardin (2011), é necessário estabelecer quadros de resultados e diagramas que coloquem em evidência as informações que contenham maior referência entre todos os entrevistados. Não há título de quantificação, mas sim para facilitar o processo interpretativo e dissertativo.

Sob a aparente desordem temática, trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por de trás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado. Cada qual tem não só o seu registro de temas, mas também a sua própria maneira de (não) os mostrar. Claro que tal como se pode, ao longo de várias entrevistas, e sobretudo se forem muitas, ver manifestarem-se repetições temáticas, pode também ver-se tipos de estruturação discursiva. (BARDIN, 2011, p.40).

A conferência de fidelidade, conforme propõe Lucília Delgado (2010), foi feita a partir do cruzamento de dados do Plano Diretor do Município (2008), da Lei de Ocupação e Uso do Solo (LOUS, 2004), do Plano Local de Interesse Social do Município de Sabará (PLHIS, 2012) e do Plano Municipal de Cultura de Sabará (2012). Toda a análise teve as unidades de paisagem como base, embora tenhamos referenciado as regionais, os bairros e mesmo os distritos, sempre que necessário.

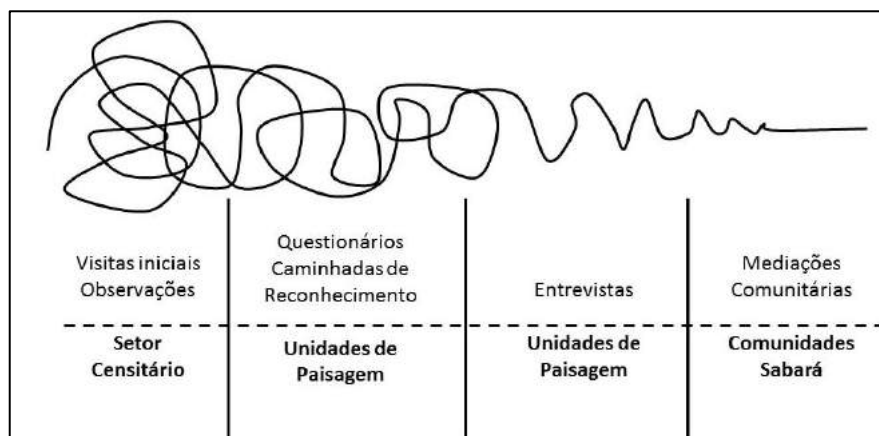
As **Mediações Comunitárias** surgiram da necessidade de aproximação ao conceito de comunidade de Edith Stein e da criação de uma relação mais próxima e afetiva com os moradores. Percebendo que entre os jovens sabarenses e os idosos há uma grande lacuna de percepção do patrimônio cidadão, e tendo como referência a busca pela essência da cidade hoje, optamos por trabalhar com jovens. Verificamos ao longo da pesquisa, três tipos principais de grupos:

1. Irmandades religiosas
2. Aglomerados subnormais/ favelas
3. Comunidade

Apenas o terceiro tem consonância com o conceito de comunidade de Stein, visto que os moradores demonstram muita sinergia e preocupação com o bem comum. Optamos, então, por trabalhar com jovens de um tipo de cada. Para o primeiro, selecionamos a escola estadual Christiano Guimarães que atende os bairros Siderúrgica, Morada da Serra, Esplanada e outros. Para o segundo, elegemos a AFFAS, ONG que trabalha no contra turno com jovens de bairros como General Carneiro, Vila São José, Vila Nova Vista e outros. Por fim, para a comunidade histórica, trabalhamos com o ponto de cultura Rancho da Cultura.

Após definidas os grupos, preparamos o trabalho de mediação, que visava desvelar as relações afetivas dos jovens moradores com os patrimônios imóveis, assim como identificar as particularidades de cada local. Utilizamos o conceito de Mediação de Feuerstein e Lorenzo Tebar (2011, p.16), entendendo que: “a decisão de atuar como mediador tem profundas raízes no desejo natural de sentir-se prolongado nos educandos, ou em sua descendência, não somente pelo componente biológico, mas também por meio da bagagem espiritual-moral de sua existência. Em cada escola realizamos de quatro a cinco encontros, com metodologias similares, mas adaptadas as realidades.

De forma gráfica, podemos representar as metodologias usadas na presente tese, da seguinte maneira:



**Figura 1 - Metodologias da tese**

Fonte: Elaborada pela autora.

Todas as etapas contaram com o uso de Sistemas de Informação Geográfica para o **mapeamento temático das cartografias valorativas**, assim como o uso de fotografias e outros **materiais iconográficos** que suportaram as análises. Para o mapeamento utilizamos o software ArcMap 10.3. Todos os mapas foram idealizados e produzidos pela autora, como formas de narrativas sobre a complexidade sabarense. Além de mapas georreferenciados também foram produzidos croquis para o zoneamento das áreas urbanas.

Embora haja uma linearidade nesse processo, ao longo dos capítulos, mesclaremos os resultados obtidos nas diversas metodologias. Ainda que os questionários e caminhadas de reconhecimento estejam mais ligadas aos capítulos de 2 a 5 e as entrevistas e mediações aos capítulos 6 e 7, todas as informações se fundiram ao longo da narrativa.

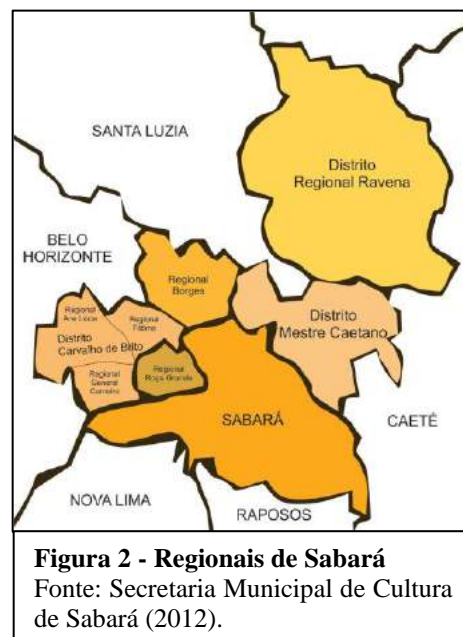
## Contextualização da metodologia na área de estudo

Sabará está dividida em quatro distritos: **Carvalho de Brito, Sede, Mestre Caetano e Ravena** (ver figura 3). A prefeitura definiu sete regionais dentro dos limites municipais: Ana Lúcia, Borges, Fátima, General Carneiro, Roça Grande, Sede e Ravena.

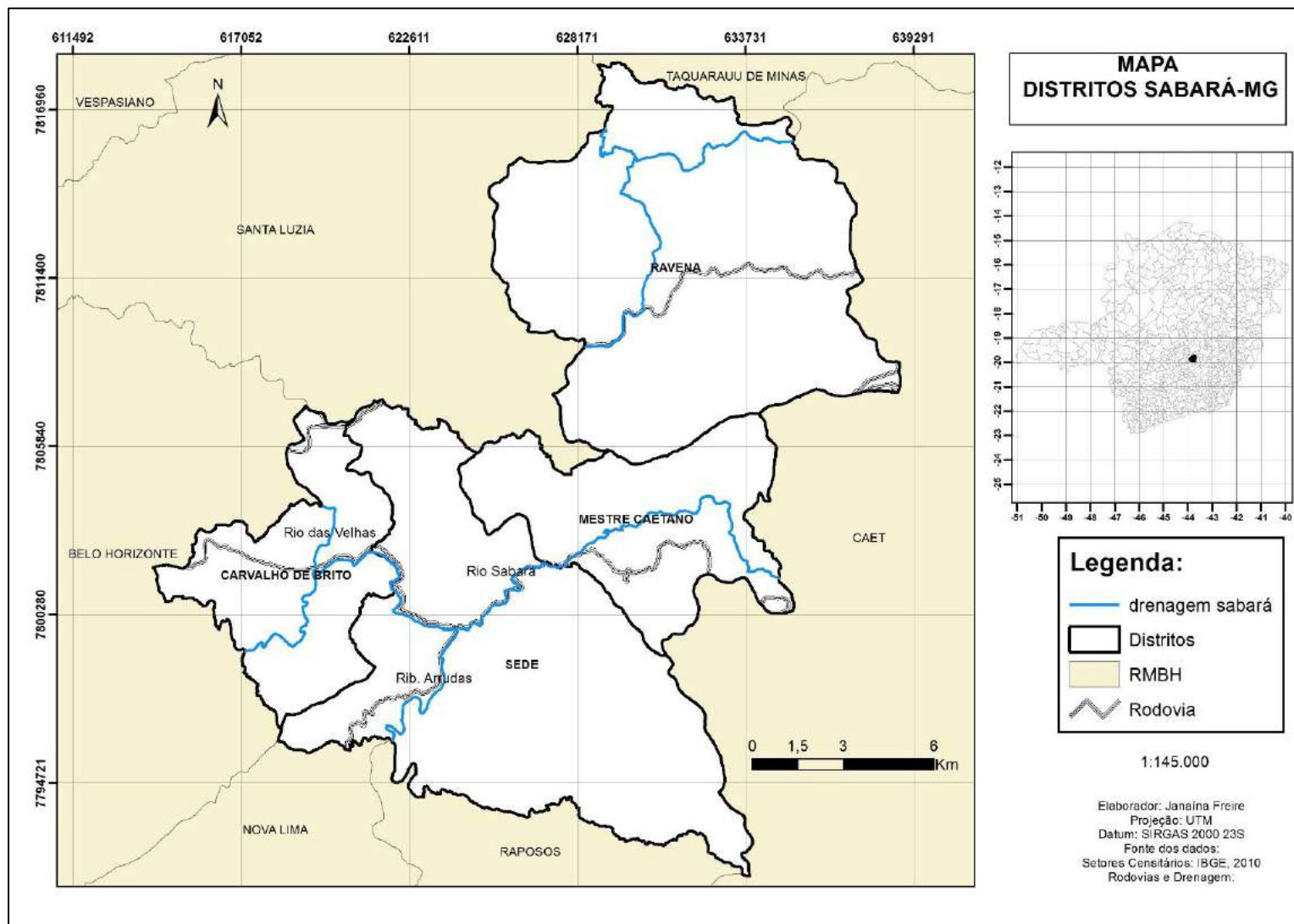
O município está inserido na RMBH desde a formação desta, em 1973. Faz fronteira com Belo Horizonte, Santa Luzia, Raposos, Caeté, Nova Lima e Taquaraçu de Minas. Com Santa Luzia se relaciona por meio do distrito Industrial Simão da Cunha, situado no distrito Carvalho de Brito e com Caeté, a comunicação principal se dá por meio do distrito de Mestre Caetano.

Nova Lima e Raposos são acessados pelo distrito Sede enquanto Taquaraçu de Minas só faz fronteira com Ravena. Todo o município tem relação direta com Belo Horizonte, independente de estar na zona fronteira ou no interior. Com os outros municípios, os contatos bem menos expressivos.

As primeiras ocupações do município, que são também as pioneiras de todo o estado, se deram nas proximidades do rio Sabará, situado no distrito Sede. Os bandeirantes nordestinos que lá chegaram, imprimiram marcas no território. Os paulistas, instigados por lendas indígenas sobre a região de Sabarabuçu, ocuparam o rio das Velhas, formando diversos arraiais que ganharam grande importância na Capitania. Nas proximidades do ribeirão Arrudas, as ocupações datam apenas do século XIX, embora se saiba de algumas fazendas anteriores a isso, restando apenas registros escritos.



**Figura 2 - Regionais de Sabará**  
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Sabará (2012).



**Figura 3 – Mapa: Distritos de Sabará**

Fonte: IBGE, 2010. / Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

A bacia do rio das velhas é berço desse território rico em minerais de ferro e ouro, desenhado por relevos mamelonados e um cerrado denso. São 304 km<sup>2</sup> de área, com diferentes períodos técnicos coabitando. A história de Sabará confunde-se com a história das técnicas. “Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo as forma como a história realiza das promessas da técnica” (SANTOS, 2004, p.111). Não se trata, nessa tese, de compreender o sentido desses períodos para o morador de outrora, mas sim, o que hoje representa na experiência cotidiana do(s) sabarense(s).

Inicialmente, as unidades distritais nos serviram de base, contudo, diante da necessidade de aprofundamento, principalmente nos distritos de Carvalho de Brito e Sede, optamos por trabalhar com a categoria setor censitário, proveniente do censo demográfico de 2010, do IBGE. Dessa forma, atingimos mais as particularidades. Os setores de Sabará se organizam conforme código e quantidade expostos na tabela a seguir:

**Tabela 2 - Setores Censitários de Sabará - MG**

UF (cod)	Município (cod)	Distrito (cod)		Setor Censitário (Q)	Total (Q)
31	56700	10	Carvalho de Brito	0001 a 0100	100
31	56700	15	Mestre Caetano	0001 a 0004	4
31	56700	20	Ravena	0001 a 0010	10
31	56700	05	Sede	0001 a 0063	63
<b>TOTAL</b>					<b>177</b>

Fonte: IBGE, 2010. / Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Os 177 setores censitários de Sabará não coincidem com os limites dos bairros e nem das regionais, portanto, embora referenciemos constantemente alguns deles, não são nossas unidades bases de análise e mapeamento.

O setor censitário é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do país. (IBGE, 2011).

Alguns setores pegam parte de um ou mesmo mais de um bairro. Através deles pudemos obter dados mais concretos do IBGE, visto que a prefeitura de Sabará tem sérios déficits de informações sobre os bairros da cidade, o que nos influenciou na escolha da unidade.

Depois da escolha, começamos novas visitas a Sabará, traçando a travessia de observação por setor. A observação é fundamental para a fenomenologia, pois permite uma aproximação com as vivências dos moradores, além de um contato sensorial revelador. De



acordo com Raymond Quivy (1995, p.196): “Os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de observação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou um testemunho”.

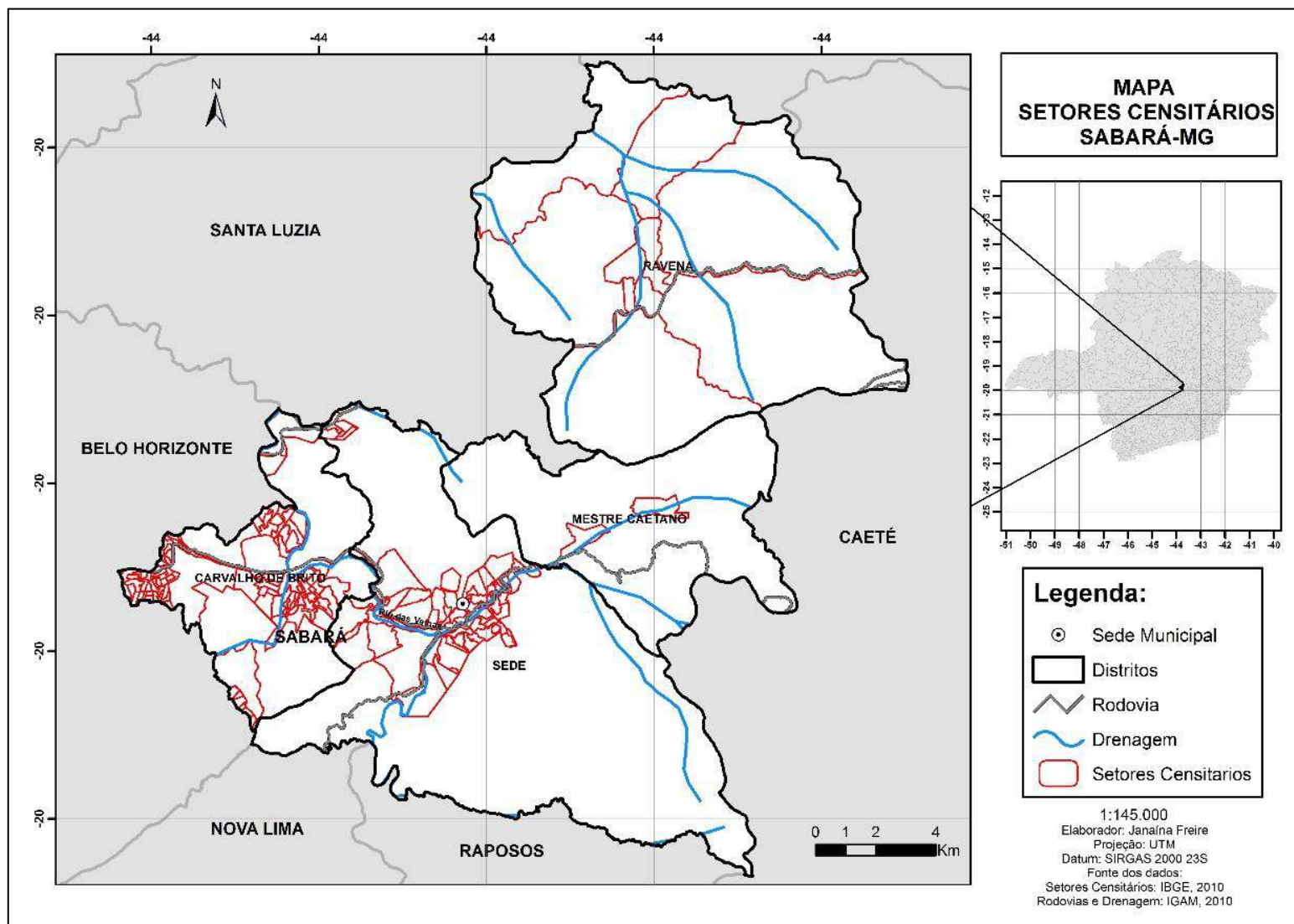
A visita aos setores censitários indicou alguns elementos. Primeiramente, ficou claro que muitos setores possuem uma morfologia urbana muito similar. Há uma continuidade habitacional sem qualquer traço de ruptura. Algumas dessas continuidades se dão com Belo Horizonte e é impossível identificar a fronteira sem um mapa na mão. Além disso, percebemos padrões similares de estilo de vida em mais de um setor, que perpassavam desde os modos de vestir as músicas e carros nas ruas. Por fim, pela observação, verificamos também a receptividade em cada um desses setores. Esse último elemento, embora tivesse uma regra geral, contou com algumas exceções, o que é natural. Diante dessa situação, percebemos que alguns dos setores censitários continham uma unidade que permitia um agrupamento.

Utilizamos como critério para a congregação, os dois primeiros elementos citados anteriormente. Desse modo, os 177 setores censitários tornaram-se 18 unidades de paisagem, que serão evidenciadas graficamente ao longo dos capítulos.

**Tabela 3 - Unidades de Paisagem de Sabará - MG**

<b>Distritos</b>	<b>Setores Censitários (Q)</b>	<b>Unidades de Paisagem</b>
<b>Carvalho de Brito</b>	100	7
<b>Mestre Caetano</b>	4	2
<b>Ravena</b>	10	3
<b>Sede</b>	63	6
<b>TOTAL</b>		<b>18</b>

Fonte: Elaborada pela autora.



**Figura 4 – Mapa: Setores Censitários de Sabará – MG**

Fonte: IBGE, 2010./ Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

É crucial compreender o porquê do uso do termo unidade de paisagem, defendendo-nos de uma interpretação errônea sobre o que compreendemos como tal. Embora a tenhamos empregado aparentemente como sinônimo de imagem e forma, sabemos que ela vai muito além disso:

A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ela faz parte de nós mesmos. Como um espelho, ela nos reflete. Ao mesmo tempo, ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. Precisamos fazê-la viver, pois nenhum homem, nenhuma sociedade, pode viver sem território, sem identidade, sem paisagem. (BERTRAND, 2009, p.299).

A paisagem pertence a um mundo além geométrico – o da representação e simbologia, e está na base dos valores que definem nossas relações com os lugares. Embora estejamos em busca, nesse momento, do cenário que compõe o espetáculo, o uso do termo paisagem não a reduz a um palco, tampouco cenário é apenas um local.

Paulo César da Costa Gomes (2008) fez uma apurada pesquisa etimológica sobre a palavra Cenário, desvendando suas diferenças. Para o português, tem o sentido de um local onde ocorre uma ação (no teatro, dramática). No francês, aproxima-se da noção de trama e enredo. Embora ele defenda que o sentido dado pela língua portuguesa se aproxima do que se define na Geografia como paisagem, acreditamos que o significado que ele pretende dar ao termo, como lugar e ação, é muito mais próximo da paisagem geográfica, a luz da Geografia Humanista. “Em outras palavras, a análise ganha a dimensão de um cenário quando incorporamos a trama, seja ela contida na imagem, seja ela constituidora, mas oculta da imagem” (GOMES, 2008, p.203). A trama da vida cotidiana que se desenrola no cenário, não é totalizada, é um fluxo dentro do eterno devir.

A paisagem, por sua vez, é como um “espelho que as sociedades erguem entre si e que as reflete. Construção cultural e construção econômica misturadas” (BERTRAND, 2009, p.332). A unidade de paisagem, portanto, é representação de uma área, erguido pela profundidade das relações humanas, além de tradução dos diversos eventos oriundos das vivências dos sujeitos. Nos debruçamos sobre elas, como “há paisagem”, para desvelar “a paisagem”, a primeira no âmbito da experiência e a segunda no terreno da reflexão.

A paisagem é o evento do horizonte. Mas o horizonte exprime aqui muito além da existência de mundos longínquos (...). Remete à parte de invisível que reside em qualquer visível, a essa dobra incessante do mundo que faz do real, definitivamente, um espaço inacabável, um meio aberto e que não pode ser totalmente tematizado. (BESSE, 2014, p.50).

A paisagem é, portanto, a própria vida da cidade, no seu eterno anunciar-se.

O objetivo desse percurso metodológico foi compreender a situação espacial do sujeito tal como ela se manifesta. Embora o que mais nos importe seja o fenômeno-coisa e não a coisa

em si, entendemos que esse percurso era necessário para conhecer o sujeito com o qual nos deparamos: o(s) sabarense(s). Todas as informações contidas no questionário e nas caminhadas de reconhecimento, permitiram um melhor planejamento das entrevistas e das mediações valorativas, além da estruturação do foco da análise. Sabemos que seria impossível contemplar a cidade toda, absolutamente, mesmo porque: “A apreensão de uma cidade é sempre incerta, incompleta, exploratória e nunca acabamos de explorar uma cidade, mesmo quando há muito a habitamos” (LADRIERI, 1979, p.167). Essa cidade visível, analisada nesse capítulo, nos levou a cidade como totalidade, fora do alcance do olhar e da percepção, no domínio do espiritual, oriundo da verdadeira manifestação da cidade, como veremos.

A verdade da cidade não está no que nela é visível. Não que este não seja necessário, não esteja presente, não seja verdadeiro; mas, pelo contrário, a verdade, desta presença, desta necessidade de desta verdade encontra-se na cidade invisível. Como sempre, o invisível é a verdade do visível. (LADRIERI, 1979, p.171).

A cidade visível, de tijolos e pedras, é que revela/provoca o invisível, mas sem este, é um vazio, um eco no vácuo. Como um indutor existencial, a cidade tem certa estrutura e modelagem. Uma (des) organização. Toda cidade organiza-se por dois aspectos: funcional e formal, que procuramos identificar. O funcional refere-se a destinação do lugar e o formal a sua apresentação. Em um primeiro momento, essa é a natureza da cidade a que nos dedicamos. Em seguida, evidenciaram-se as relações referente a disposição recíproca dos lugares, ou seja, como dialogam uns com os outros. Isso nos levou aos ritmos e caminhos.

Apoiados na percepção presente da cidade, debruçamo-nos, no passado e presente de Sabará através de uma aproximação mais íntima e efetiva com os moradores. A significação da cidade:

É acompanhada do jogo da imaginação que, através dos sinais que a cidade nos dá – a forma das construções, sua arquitetura, seu estilo, a disposição e a amplitude dos espaços vazios etc., restitui-nos o passado e também faz-nos antever um certo futuro. (LADRIERI, 1979, p.185).

A cidade se apresenta dentro do tempo das vivências dos moradores, enquanto uma paisagem que é tanto palco quanto trama.

## Organização dos capítulos:

### PARTE 1: GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

---

Realizamos uma revisão teórica sobre conceitos-chaves para a tese, como base para empreender uma pesquisa geográfica pautada na Fenomenologia Steiniana,

- **Capítulo 1: Ser finito e evento: o fluxo de vivências da pessoa humana na cidade metropolizada** → Nesse capítulo apresentamos os conceitos geográficos paisagem, lugar e evento, a partir de um estudo sobre o sentido do tempo e espaço. Efetuamos discussões de diversos conceitos fenomenológicos como vivência, comunidade e mundo da vida, por servirem de suporte para a compreensão da metropolização e sua influência sobre os lugares e as relações intersubjetivas.

### PARTE 2: O INDUTOR EXISTENCIAL DA CIDADE: O MUNDO ESPIRITUAL DOS SABARENSES

---

Relatamos os resultados obtidos ao longo das pesquisas de campo, cruzando com teorias que deram suporte para interpretação dos fatos. Desse modo, constituímos o cenário que suportaram o encaminhamento de uma tese fenomenológica em uma realidade tão diversa. Organizamos essa parte com um capítulo para cada distrito, na ordem: Carvalho de Brito, Sede, Mestre Caetano e Ravena.

- **Capítulo 2: “Porque a gente tem muita coisa só que ninguém pensa nisso” – os arraiais do século XXI** → Nesse capítulo apresentamos o distrito de Carvalho de Brito com toda a sua complexidade ligada a conturbação com Belo Horizonte, tráfico de drogas, criminalidade e abandono. É desvelado o distrito com maior concentração populacional do município que compõe grande parte do que foi chamado de “territórios do crime”. Além disso, evidenciamos o que chamamos de *bairrificação* e *lebenswelt metropolitano*. Esse distrito, de ocupação mais recente, sofreu grandes impactos com a construção da Indústria Têxtil Sabarense, a ferrovia Central do Brasil e a nova capital mineira.

- **Capítulo 3: A fidelíssima Sabará: “Ficou parecendo um bairro de Belo Horizonte”**  
→ Nesse capítulo tratamos do distrito Sede, o mais antigo do município, onde se formaram os principais arraiais e vilas coloniais. Apresentamos, inicialmente, os trezentos anos de história ligada a práticas mineradoras, tanto de ouro quando de ferro e aço, para em seguida, indicar os impactos da mudança de centralidade, gerada pelo crescimento da nova capital, de Sabará para Belo Horizonte. Salientamos o papel da fidelíssima Sabará, não mais para com a metrópole portuguesa, mas com a metrópole mineira.
  
- **Capítulo 4: As ruínas de Mestre Caetano: “Passou o trator em cima e quando a gente percebeu, já era”** → Nesse capítulo, sobre o distrito de Mestre Caetano, relatamos a realidade do bairro Pompéu e a memória do antigo bairro Cuiabá, reduzido a ruínas. A história do distrito tem relação direta com a produção de ouro e ferro e hoje é dependente do suporte belo horizontino. Expomos o papel das irmandades religiosas nessa localidade e em Sabará como um todo, discorrendo, também, sobre a expansão pentecostal no município.
  
- **Capítulo 5: “Aqui é Ravena e não Sabará”: o desconexo arraial da Lapa** → Nesse capítulo tratamos sobre Ravena e a desconexão existente com o município de Sabará. Discorremos sobre a precariedade urbana do local, além do abandono em termos de municipalidade. Os eventos tradicionais de todo o município de Sabará foram apresentados nesse momento. Procuramos convergir toda a análise empreendida ao longo da parte 2 para a RMBH, entendendo melhor o papel de Sabará nessa escala.

### **PARTE 3: CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DO PATRIMÔNIO DE SABARÁ**

---

Nessa terceira parte nos aproximamos da essencialidade patrimonial de Sabará, identificando os bens tombados a partir da valorização patrimonial e valoração afetiva.

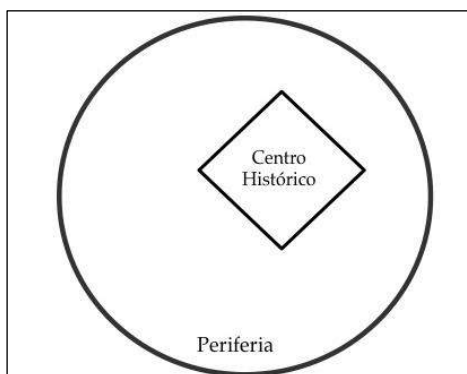
- **Capítulo 6: Valorização patrimonial: repensando o bem cultural** → Nesse capítulo refletimos sobre o que é patrimônio e qual sua ligação com os monumentos históricos, além disso, propomos uma nova noção de bem cultural pautado na fenomenologia, que consiste também em um bem de formação. Analisamos os monumentos de Sabará, tanto por zonas de tombamento, quanto por imóveis tombados do IPHAN e IEPHA, traçando

as bases para pensar a valoração afetiva.

- **Capítulo 7: Valoração afetiva e formação anímica** → Traçamos as cartografias valorativas do patrimônio de Sabará e analisamos a relação dos bens com o ser, entendendo qual tem sido a função do centro histórico e da patrimonialização. O objetivo foi utilizar diversos conceitos fenomenológicos para compreender as valorações, Identificamos os ruídos que separam a valorização patrimonial da valoração afetiva. Além disso, focamos em três comunidades distintas, uma delas, próxima do conceito trazido por Edith Stein.

## CADERNETA DE CAMPO 1: Experiências “sabaráticas” – preâmbulo para uma pesquisa

Assim era Sabará, para mim, quando decidi estudá-la:



**Figura 5 - Sabará: antes de conhece-la**

Fonte: Elaborada pela autora.

### *Ao som de dona Xica*



**Figura 6 - Capela Nossa Senhora do Rosário dos Pretos**

Fonte: Maria Tavares (1984).

Recém chegada a Minas Gerais, Sabará era ainda uma incógnita. As cidades da mineração, em geral, resumiam-se a uma Ouro Preto visitada na infância. Isso não foi um complicador, ao contrário, me libertou. Naquele dia, domingo de páscoa, a rua estava cheia. Moradores com roupas comuns se acumulavam em frente a uma igreja em ruínas, sem pintura, só pedra. Magnífica. Atravessando a multidão, avistei ao lado da igreja, os personagens arrumando-se em grande animação. Identifiquei facilmente a mãe de Jesus com o manto azul. Ao lado, o homem de vestes simples, só poderia ser José. No pátio da Igreja o padre rezava a missa junto com outros eclesiásticos. O coral, um pouco abaixo, expandia-se vocalmente apenas quando necessário, na hora exata. Não entendo de missas e também isso me auxiliou. Observei os detalhes. As gotas de suor do dia quente, a fé e o desinteresse da multidão. Os bêbados nos bancos, o lixo no chão, a hóstia acompanhada da “paz de cristo”. Os pais com os filhos personagens e os velhos sem expressão. As ruas de pedra e a antiga escola em volta da praça.



Eu não queria ser turista, mas também não era endógena...não sou. Queria ser uma visitante menos visitante, de alguma forma, achava que isso era possível. Tentei mesclar-me a eles, embora não convencesse nem a mim mesma. Mesmo sendo uma legítima cidadina desde o nascimento, aquela não era a minha cidade (ou as minhas cidades), e forjar um sentimento de pertencimento ou uma sensação topofílica era certamente a pior coisa que eu poderia querer para uma tese fenomenológica. Resolvi acompanhar a procissão assumindo minha condição alienígena. Partimos da praça Melo Viana, em frente a igreja Nossa Senhora do Rosário, rumo a igreja Nossa Senhora da Conceição. O caminho perpassado pelas ruas Borba Gato, Carmo, Zoroastro Passos, Marques de Sapucaí e a praça Getúlio Vargas, revelava os limites principais do centro histórico, com uma zona de amortecimento para baixo (a sudeste) e para cima (noroeste).

Dois homens de vermelho carregavam bandeiras enquanto outros dois, com as mesmas vestes, erguiam duas luminárias acesas. Logo atrás, José, Maria e Jesus e, em seguida, uma diversidade de personagens incluindo faraós, anjos, mulheres e homens. Atrás, vinha o padre de batina branca e dourada com a proteção de uma tenda branca erguida por mais quatro homens de vermelho. Por fim, estavam os músicos com trompas, clarinetas, caixas e pistões.

Não tardou para que eu encontrasse uma companheira para a caminhada: dona Maria das Graças, ou dona Xica. Todas as minhas dúvidas foram tiradas por ela, dentro de toda sua simplicidade de expressar. Além das grandes igrejas que são pontos chaves da procissão: Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição, há três capelas no percurso. Por dentro são tão adornadas quanto uma igreja, salvo as devidas proporções e estrutura. O caminho é feito de algumas casas coloniais restauradas e, em grande parte, refuncionalizadas. Na rua Borba Gato há muito comercio de namoradeiras e outros artesanatos que se repetem. Das janelas pendiam tecidos brancos, em sua maioria rendas, com flores em cima. Xica me explicou que se refere a um tempo antigo, quando as senhoras costuravam na janela. Além das rendas, as verdadeiras namoradeiras estavam por toda parte, nos primeiros e segundo andares. Xica me mostrou no caminho tanto o clube das damas, quanto o clube dos negros. E estávamos ali, eu branca e ela negra, juntas no mesmo evento, a conversar. Que bom!

Os primeiros monumentos que conheci de Sabará me foram apresentados por Xica, não ao vivo, pois eles não estavam no caminho da procissão. Ela me falou da Igreja de São Francisco que posteriormente conheci próximo ao chafariz do kaquende. Relatou sobre a Igreja de Santana que acabou por se tornar o meu refúgio em Sabará. Falou-me também da capela de Santo Antônio, mesmo antes de eu saber que existia um bairro chamado Pompeu ou que Sabará tem quatro distritos. Foi Xica quem me falou do museu do ouro e da biblioteca, antigo

estabelecimento prisional. Foi ela, que em uma parte alta da travessia me apontou ao longe uma serra e anunciou que lá atrás estava a da Piedade. Só depois eu descobri que a serra da Piedade é uma leve borda da tão importante Serra do Espinhaço. Também Sabará está, de algum modo, na espinha dorçal do Brasil. Dona Xica me falou do samba, da princesa Isabel e de Aleijadinho. Uma senhora tão simples, empregada domestica, que elevava a história de Sabará. Isso me pareceu curioso, como podia saber tantas coisas tendo, aparentemente, ido tão pouco a escola? Bem, eu fui criada em uma cidade histórica, mas não uma comum - uma metropole histórica - que é o Rio de Janeiro. Dona Xica foi criada em uma pequena cidade histórica, onde não apenas os livros ou os professores contam a história do seu lugar - como eu pude descobrir posteriormente.

Pedi seu telefone, mas ela não tinha, e me indicou que caso eu quisesse encontra-la bastava ir a praça Melo Viana, pois ela sempre estava ali.

Eu ainda não consegui encontra-la novamente, mas...obrigada, obrigada dona Xica, por me apresentar as ruas, as montanhas, os prédios e um pouco do povo, o diverso povo de Sabará.

..... *Sou devota de Santana*



**Figura 7 - Capela de Santana**

Fonte: Maria Tavares (1984).

Dona Márcia me entregou a chave da Igreja e disse: “- pode abrir e faz um pedido que dá sorte”. E eu fiz com grande devoção e concentração. Entramos, como em todas as igrejas da cidade em dias sem missa ou procissão, pela porta de trás. Mas não importa a porta, sim o que se abre. Ali era o lar da mãe de Maria e abri-lo, por onde quer que fosse, era o encanto. Passando pela simples sacristia avistei o interior da pequena capela, sem excessos. O piso de madeira rangia a cada passo. A capela branca com dourado, acolhia a imagem da santa. A nave, com parede toda de barro e pedra, dava a impressão de ser uma outra igreja. Eu estava claramente dentro de um lugar alterado de sua configuração original. Dona Márcia confirmou, relatando-me que o piso e o teto foram reconstituídos pelo IPHAN, mas que muitas alterações já tinham sido feitas antes da intervenção do instituto. Reclamou da comunidade ao redor e da quantidade de bares. Quando da sua chegada ao Arraial Velho, a igreja estava muito abandonada, por isso, resolveu auxiliar no cuidado. Hoje é a portadora da chave e uma das mulheres que casou em seu interior, como adora contar mostrando fotos. Nas paredes da nave,

dois cartazes anunciam a história da capela, a única representante do segundo período do barroco. No pequeno largo da Igreja, de chão batido, as árvores e o sino compõem o cenário. Na entrada do largo, um mata burro acumula pequenos papéis e outros lixos. Não vi burros por ali e em nenhuma ida minha ao local vi cavalos, embora consiga imaginar facilmente que algum morador os tenha. Isso porque o Arraial Velho, bairro onde está a igreja, é rustico e de difícil acesso para ônibus.

Na primeira vez que atravessei cuidadosamente o mata burro e adentrei no largo, senti-me completamente invadida por um sentimento de reencontro. Aquele arraial era desconhecido para a Janaína, mas não para mim, por mais complexo que isso possa parecer.

Sou devota de Santana, eu descobri. E segurei aquela chave com muita força.

.....*Sabará acaba aqui e recomeça ali*

Um dos grandes problemas de ter nascido e crescido em grandes cidades, é que a descontinuidade urbana municipal não existe declaradamente, e achamos que toda cidade é um percurso contínuo de prédios, vias, casas, morros abarrotados, shoppings, feiras, vendedores de rua, bicicletas, ônibus, uniformes escolares, garis, correios, lotéricas “enfileiradas”, supermercados, peixarias, restaurantes e bares, com áreas desabitadas ou serras conservadas apenas nas bordas distantes. Não que neguemos os parques municipais, os jardins botânicos, as praias ou os rios, mas eles se mesclam nessa continuidade urbana. Inserem-se em um panorama urbano, integrando-se ao ser da cidade. Mas para os municípios que não são totalmente urbanizados, a morfologia urbana é descontínua. A diferença entre cidade e município fica muito mais latente nesses lugares, e o que isso representa no cotidiano dos moradores também. Percebi isso no dia que me embrenhei para além do centro. Quando se percorre a margem esquerda do córrego Sabará, braço do rio das Velhas, descobre-se o fim da cidade. Depois de passar próximo a preciosa Igreja Nossa Senhora do Ó, símbolo de Sabará, a rodovia nos leva serra acima. No percurso, o horizonte é um conjunto de verdes diversos que alcançam o céu azul. Para quem não termina o fluxo na mineradora Anglo Gold, a estrada desce para uma outra Sabará. De volta a um vale, encontra-se o bairro Pompéu. Uma estreita ponte liga o “nada” a um novo “tudo” - diferente, único.

Alí eu me senti dentro de uma comunidade, onde todos se conhecem há anos. Eu certamente não ousaria disfarçar minha identidade forasteira, mas, de qualquer forma, já não fazia parte dos meus planos. Em um ponto alto, a capela de Santo Antônio é referência para

muitos moradores, “- os que não se tornaram evangélicos”, como me contou senhor Gilberto, o portador das chaves da igreja. De acordo com ele, a música e a animação das igrejas Evangélicas as tornaram mais interessantes e aprazíveis. Relatou-me também sobre o abandono do IPHAN e as dificuldades que vive para cuidar do local. O discurso se repete nas igrejas visitadas.

Pompéu é um pequeno bairro enigmático, rodeado de montanhas. É aconchego, sem desejo de grandeza e extremamente interessante. É o além do horizonte do centro de Sabará, e o primeiro filho da serra da Piedade. Sim, parte-se dali, há aproximadamente 800 metros de altitude, para o cume da serra (que chega a 1700m), já no município de Caeté. Nesse dia eu não subi a serra e nem almocei na casa da Dona Maria. Eu demoraria mais um ano e meio para conhece-la. Pompéu conseguiu ficar ainda melhor depois do tempero caseiro dessa grande mulher. Mas não vamos conhece-la agora, não agora.

### ..... *A Catalunha de Sabará*

Nos primeiros meses em Belo Horizonte, fui convidada a conhecer um centro espírita em Ravena. Após o Anel Rodoviário, pegamos uma avenida sentido a rodovia 381, conhecida como a rodovia da morte, que leva a Vitória. Na saída de Belo Horizonte, vi placas indicando Sabará, o que achei muito curioso pois não conhecia entrada por aquela parte. Próximo ao local, havia uma nova placa indicando divisa dos municípios de Santa Luzia e Sabará. Eu já estava fora de BH e nem havia notado, mas seja como for, nada da tal Ravena. “- Tem certeza que aqui é Ravena? Alí na Rodovia havia uma placa que nos dava apenas duas possibilidades: Santa Luzia ou Sabará”, eu perguntei. Sim, alí era Ravena, foi o que me responderam. Logo que retornei da visita, descobri que Ravena é a parte norte do município e é um distrito de Sabará. Naquele momento conclui que aquilo era um fato isolado, um desconhecimento pontual. Durante os meses subsequentes, sempre ouvi falar de Ravena, mas não de Mestre Caetano ou de Carvalho de Brito (os outros distritos de Sabará). Apenas Ravena era identificada como tal e não pelo nome do município. Continuei achando isso, vamos dizer, interessante, mas não foquei a lente. Isso mudou quando fui a primeira vez a Ravena e descobri que muitos moradores não sabem, ou não querem saber, que moram em Sabará.

“ - Aqui é Ravena, dona”

Será que temos uma Catalunha além mar, nas montanhas de minas?

### ..... *O ponto cego da beleza*

Toda vez que chegamos a Sabará, vindo de Belo Horizonte, pela MG -5, adentramos em

uma paisagem bem diferente do que se espera para uma cidade histórica. O desordenamento territorial não condiz com os postais e não é, nem de longe, algo que se almeja conhecer. Muitos, devem, possivelmente, ignorar sua existência, sem sequer reparar. Outros, quem sabe, devem julgá-la como uma periferia de Belo Horizonte. Mas há ainda alguns que, como eu, sabem que ali é Sabará, mas não querem conhecer. Simples assim.

Basta mais alguns quilômetros para que tudo se normalize e as casas coloniais apareçam, então, acelere o carro.

Eu sempre soube que aquelas edificações, em áreas de risco, e todo o cenário autoconstrutivo alaranjado e cinza, eram Sabará. Mas eu não entrei logo ali. Talvez, no fundo eu achasse ser possível fazer essa tese com um pequeno ponto cego, irrelevante. Mas o fato é que Carvalho de Brito não é, nem de longe, um distrito sem importância. E eu entrei. O meu primeiro contato com o distrito, bem nas bordas de Belo Horizonte, foram surpreendentes. Os bairros são horizontalizados com casas bem agradáveis. Embora eu achasse que muitos se sentiriam mais Belo horizontinos que Sabaraenses, conversei com duas pessoas que me disseram exatamente o contrário. Uma delas contou-me um fato interessante: sua filha estuda em uma escola que fica exatamente na divisa de dois bairros, um de BH e outro de Sabará. A professora pediu que levassem uma foto de algum prédio histórico da cidade e sua filha levou a imagem da Igreja Nossa senhora do Ó, de Sabará. Após ter sido repreendida pela professora que alegou que aquela igreja não era de BH, a mãe, dona Vânia, com quem conversei, defendeu dizendo que se a escola estava em uma zona de fronteira, não deveria privilegiar Belo Horizonte. Isso me revelou, ainda mais, o oposto do que eu esperava.

Mas Carvalho de Brito estava só começando.

Seguindo pelo distrito, adentrei nas zonas mais marginalizadas. O contato foi totalmente diferente. Em alguns pontos senti medo e confinamento. As milhares de ruas que levam a trechos sem saída e a ladeiras intrafegáveis, me deixaram muito insegura. Nas ruas, todos me observavam com um ar desconfiado e a cada tentativa de diálogo, uma repúdia. Ouvi muitas desculpas para a impossibilidade de uma conversa. Em um determinado momento, na porta da casa de uma senhora, notei que ela se esquivou do diálogo assim que dois rapazes chegaram com um carro de som tocando funk bem alto. Eles pararam o carro, diminuíram o som e observaram nossa conversa, tentando escutar o que eu dizia e decifrar o porquê da minha presença. Certamente sabiam que eu não pertencia aquele lugar. Naquele momento desejei ser de dentro não por um objetivo etnográfico, mas por um instinto de sobrevivência.

Dei tchau e segui meu rumo com um coração em ritmo de marchinha carnavalesca.

Em alguns outros pontos do distrito, embora com estrutura urbana bem escassa, fui bem

recebida. Em um deles, uma senhora me indicou alguns caminhos. Quando me perguntou o que eu fazia na região, disse-lhe que estava a conhecer, e ela pareceu formidavelmente feliz com a possibilidade de um turista naquela área. Disse-me para seguir mais a direita que eu veria uma região ainda mais bonita e com asfalto. A alegria, assim como as palavras, me tocou muito a emoção. O “ainda mais bonita” levou-me a refletir sobre a diferença de referenciais. Estávamos, as duas, em uma estrada de terra a poucos metros acima do rio das Velhas, que corria próximo à ferrovia da vale, onde naquele momento, passava o trem cheio de madeira. Essa descrição parece boa, mas não revela a precariedade do local. As moradias não tinham revestimento, a estrada era toda ravinada com verdadeiras crateras, havia lixo no chão e muita, muita poeira. Esse era um outro lado do bairro Nossa Senhora de Fátima, que costumam chamar de Eucalipto, possivelmente uma ocupação irregular que se desenvolveu aceleradamente. A região mais a direita, indicada pela moradora, era tão precária quanto, embora, de fato, tivesse asfalto. Pensando sobre referenciais me perguntei: porque não vejo beleza aqui? E entendi que a ausência não advinha do tijolo, ou da poeira, ou do poste no meio da pista, mas sim da escassez de dignidade do habitar - direito de todos.

Eu não poderia mais, nem que quisesse, negar esse lado de Sabará.

Essas foram as minhas primeiras aproximações com a cidade que durante mais de dois anos, tornou-se a minha cidade histórica. Há uma coisa a mais: eu bebi a água do Kaquende e, de acordo com uma lenda: “quem beber suas águas sempre retornará a Sabará”, conforme diz a placa pregada em uma de suas paredes.



**Figura 8 - Chafariz Kaquende**  
Fonte: Maria Tavares (1984).

## **PARTE 1**

# **GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA**



*Um ser-tempo é alguém que existe no tempo, e  
isso quer dizer você, e eu, e todos nós que estamos aqui,  
ou já estivemos, ou que um dia estarão.  
(Ruth Ozeki)*

O que/ quem é o tempo?

Filósofos o “enxergam” enquanto parte inerente do ser. Físicos e matemáticos buscam a “distância” entre as coisas e os fenômenos. Poetas e romancistas objetivam descreve-lo em sua infinitude e profundidade. O fato é que o tempo é, provavelmente, um dos mais instigantes substantivos de todos os idiomas.

O ser finito é assim denominado por existir dentro de uma fluidez temporal, ao contrário do ser eterno - aquele que não tem início e nem pode ser enquanto potência, posto que é ato permanente. Somos então um ser finito ou um ser-tempo. No entanto, nos identificarmos enquanto seres que habitam o impalpável tempo, não desvela que/quem ele é efetivamente e nem quem somos dentro dele (STEIN, 1994).

No mundo atual, denominado como globalizado, a vivência recebe uma carga muito maior de informações e uma aceleração mais intensa. Isso impacta na forma como o ser vive a paisagem, constitui identidades territoriais e estabelece relações afetivas com o lugar. Não vivemos uma aceleração do espaço-tempo, mas em um mundo confusamente percebido que possui três em um: tal como nos fazem vê-lo, a globalização como fábula; o mundo como efetivamente é, globalização como perversidade; e o mundo como pode ser, uma outra globalização (SANTOS, 2007).

Hoje o “mundo” se opõe e também engloba o “lugar”. Mundo não como velho/novo mundo e não somente como mundialização. Para a fenomenologia, o mundo é o “mundo da vida” (*lebenswelt*)<sup>5</sup>. Mundo que se estabelece a partir do corpo e da posição existencial do sujeito. “(...) o corpo, como já vimos, constitui o ponto de vista do ser-no-mundo; ele coloca o homem como existência, ele está do lado do sujeito e, ao mesmo tempo, envolvido no mundo (a partir da intencionalidade e da intersubjetividade)” (HOLZER, 2012, p.295).

Esse mundo da vida revela-se na experiência, dado a consciência no momento da vivência, no tempo presente.

‘mundo’, para uma ciência fenomenológica, está na essência dos significados de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. ‘Mundo’ para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial. (HOLZER, 2012, p.290).

Para Edith Stein (2003b, p.183), a alma tem uma existência própria e superior a do

---

<sup>5</sup> Alguns autores, como Werther Holzer, traduzem como mundo vivido.



corpo, pois “tiene que estructurarse, formarse y gobernarse a si misma y, al mismo tiempo construir um mundo em el que pueda vivir y trabajar: su entorno, um mundo espiritual”<sup>6</sup>. Esse mundo da vida é, portanto, o mundo espiritual, onde o ser vive, trabalha, cria, convive e valora.

Buscamos nesse primeiro capítulo um entendimento mais aprofundado da Fenomenologia enquanto aporte para o entendimento de algumas categorias essencialmente geográficas como Paisagem e Lugar, e conceitos como metropolização e patrimônio.

---

<sup>6</sup> Tem que se estruturar, se formar e governar a si mesma e, ao mesmo tempo, construir um mundo em que possa viver e trabalhar: seu entorno, um mundo espiritual

## CAPÍTULO I

### SER FINITO E EVENTO: O FLUXO DE VIVÊNCIAS DA PESSOA HUMANA NA CIDADE METROPOLIZADA

*Eu sei  
Que o tempo não para  
O tempo é coisa rara  
E a gente só repara  
Quando ele já passou*

*Não sei se andei depressa demais  
Mas sei, que algum sorriso eu perdi  
Vou pedir ao tempo que me dê mais tempo  
Para olhar para ti  
De agora em diante, não serei distante  
Eu vou estar aqui*

*Cantei  
Cantei a saudade  
Da minha cidade  
E até com vaidade  
Cantei  
Andei pelo mundo fora  
E não via a hora  
De voltar p'ra ti  
(Mariza)*



**SER FINITO E EVENTO: O FLUXO DE VIVÊNCIAS  
DA PESSOA HUMANA NA CIDADE METROPOLIZADA**

---

1.1 Cada consciência é um mundo: a duração do tempo e as vivências

1.2 Vivências corpóreas, psíquicas e espirituais

1.3 Evento e comunidade: uma proposta de diálogo

1.4 Paisagem, lugar e valoração

## 1.1 CADA CONSCIÊNCIA É UM MUNDO: A DURAÇÃO DO TEMPO E AS VIVÊNCIAS

*O tempo começou em determinado momento e vai acabar em determinado momento, mas só quando as pessoas não precisarem mais dele.  
(Michael Ende)*

Para desenvolver o método fenomenológico, Edmund Husserl exigiu a suspensão do julgamento daquilo que aceitamos como verdade, demonstrando que conhecimentos se tratam, muitas vezes, de fé inocente. Por isso, ele nos impele a desprender de pré-conceitos tanto sobre a existência do mundo natural quanto sobre os axiomas científicos, para focarmos na consciência e na “vida do eu”. Em toda parte, há um “eu sou”, mas o que é o ser? Para entendê-lo é fundamental compreender o que é o tempo, pois um ser como nós, finito, e não um eu puro eterno, é sempre do presente, do agora, portanto, sempre diferente (como o são as águas de Heráclito).

O ser de que sou consciente não está separado da temporalidade e nem da espacialidade, pois possui tanto um ser como um não ser, um “é”, um “já não é” e “um ainda não é”, em um lugar. De acordo com Edith Stein (1994, p.55): “El-ser-presente-y-real del momento no es pensable como existente por si mismo, del mismo modo que no se puede imaginar el punto fuera de la línea y el momento mismo sin una duración temporal”<sup>7</sup>. A autora relaciona o ser como algo que sai da escuridão, recebe durante um tempo um raio de luz e depois retorna novamente a escuridão – isso é a duração temporal, uma corrente de água que encontra na crista da onda: o presente.

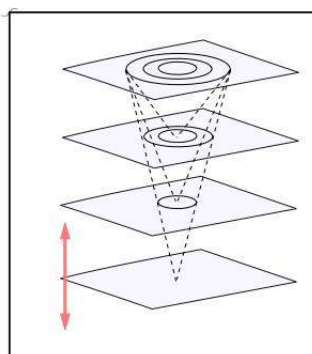
Na duração, o presente é o estado de atualidade (embora sejamos sempre o que fomos ontem e o que seremos amanhã, posto que o ser está em toda a duração), portanto é apenas no presente que o ser é ato e real. Contudo, no presente o ser é também um não ser, no sentido de que é, além de ato, potência. Tem a possibilidade de um ser anterior e de um ser futuro. O presente do ser não é plenamente vivo, porque não é apenas ato, é também potência/possibilidade. O passado e o futuro, enquanto tais, são completamente nulos – não existem, o que temos é a imagem de uma **extensão da existência**<sup>8</sup>, mas o ser atual está na crista da onda, no raio de luz frente a escuridão (STEIN, 1994).

<sup>7</sup> O ser-presente-e-real do momento não é pensável como existente por si mesmo, do mesmo modo que não se pode imaginar o ponto fora da linha e o momento mesmo sem uma duração temporal

<sup>8</sup> Termo em alemão empregado pela autora: *daseinsbreite* (STEIN, 1994, p.56)

Para Edith Stein (1994), passado e o futuro não são recipientes onde colocamos algo, porque eles não contêm nenhum ser permanente. O tempo, portanto, é nada fora da dimensão da atualidade – ele só se produz enquanto presente, como uma atualidade puntiforme. O tempo e o espaço são o ponto de contato existencial. Mas essa atualidade puntiforme não é pura para o ser finito, porque tem tanto o ser real quanto o ser potencial (do possível vir a ser e deixar de existir).

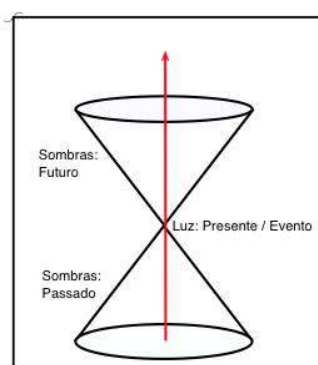
Representando graficamente, por meio de um cone, a potencialidade do vir a ser, teríamos a seguinte estrutura:



**Figura 9 - Cone do “vir a ser”**

Fonte: Elaborada pela autora.

Nesse cone, percebe-se que o presente vai se desenrolando em presentes, que, posteriormente, se tornam novos presentes. Cada um é diferente do outro. Se mantivermos a mesma estrutura de representação para o deixar de existir, teríamos a seguinte configuração:



**Figura 10 - Cone do tempo**

Fonte: Elaborada pela autora.

Henri Bergson (2006) defende que a nossa percepção – parte da consciência – sente-se sempre em duração e que nesta:

Eis aí o tempo real, ou seja, percebido e vivido. Eis também qualquer tempo concebido, pois não se pode conceber um tempo sem representa-lo percebido e vivido.

Duração implica, portanto, consciência; e pomos consciência no fundo das coisas pelo próprio fato de lhes atribuirmos um tempo que dura. (BERGSON, 2006, p.57).

Para a fenomenologia husserliana tudo aquilo que há se manifesta com determinado sentido para a consciência intencional<sup>9</sup>. Essa consciência é um fluxo de vivências – é a nossa própria vida. As vivências são diversas e variam de acordo com o nível de profundidade que possuem, por isso, podemos falar de vivências corpóreas, psíquicas e espirituais.

## 1.2 VIVÊNCIAS CORPÓREAS, PSÍQUICAS E ESPIRITUAIS

O objetivo da Fenomenologia, como já dito, é a clarificação e fundamentação última de todo conhecimento, para isso, exclui tudo que é desnecessário. Todo o mundo que nos rodeia, para o método fenomenológico, está sujeito à redução fenomenológica. Diante de uma coisa, posso duvidar se ela realmente existe: será uma alucinação? O que não há dúvida é que com ela tenho uma vivência naquele momento. Portanto, sua existência não importa a Fenomenologia, mas sim a vivência do ser com o fenômeno-coisa, ou seja, a coisa enquanto fenômeno para o ser. Não se nega, portanto, a existência do objeto, mas o foco está na vivência entre o ser e esse objeto, chamado de fenômeno, e não em sua materialidade (que Edith Stein admite a existência).

O fenômeno, é aquilo que se mostra, portanto, há alguma coisa e essa coisa se mostra para o ser. O fenômeno não se refere apenas ao que se mostra ou ao sujeito a quem se mostra. “ (...) O fenômeno é, ao mesmo tempo, um objeto que se reporta ao sujeito e um sujeito que se refere ao objeto” (VAN DER LEEUW, 1933, p. 179).

O fenômeno, para Van Der Leeuw (1933), tem três características:

1. Relativamente oculto – experiência presente, atual;
2. Se revela progressivamente – compreensão;
3. Relativamente transparente – testemunho.

Esses três elementos do fenômeno podem ser identificados nas estruturas básicas da vivência, de acordo com Edith Stein (2005):

1. A aparição da vivência, ou melhor, o conteúdo recebido pela consciência. Aqui existem os dados estranhos, os de sensação, e os dados oriundos do próprio eu, como o sentir (bem-estar, vivacidade, cansaço).

---

<sup>9</sup> A intencionalidade na Fenomenologia, refere-se a direcionalidade e é um traço fundamental da consciência, pois toda consciência é consciência de algo. É o dirigir-se para algo que se mostra.

- a. Ressalta-se que a intensidade da vivência não se deve confundir com intensidade de conteúdo. Perceber intensamente a cor vermelha não significa perceber um vermelho intenso. Sentir intensamente uma dor não significa sentir uma dor intensa. “Cuanto mas intenso es el vivenciar, tanto más luminosa y despierta es la conciencia que se tiene de ello” (STEIN, 2005, p.233).<sup>10</sup>
2. A atualidade da vivência enquanto presente originário. A vivência do conteúdo recebido (ter sensação, sentir bem-estar...)
3. A objetivação compreensiva da vivência explicitada, ou seja, a consciência da vivência.

A atualidade da vivência refere-se ao fenômeno oculto porque não podemos captar esse momento. A experiência experimentada, sempre quando captada já se passou. A vida, ela mesma, não pode ser tomada. O presente, quando revisto, já não é mais presente, ele só pode ser vivido.

A compreensão é a reconstrução que fazemos do momento vivido para um posterior testemunho. Na compreensão, o fenômeno começa a se revelar. Torna-se uma realidade significativamente organizada e essa significação pertence, em parte a realidade mesma e, em parte a alguém que tenta compreende-la. O testemunho já é o fenômeno relativamente transparente. Isso porque nunca o alcançaremos por completo fora do presente, que é incognoscível. É sobre a terceira estrutura da vivência e sobre as duas últimas características do fenômeno que se pautam uma pesquisa fenomenológica, como a nossa. O fenômeno-coisa é fundamental para o estudo geográfico, visto que aproxima a Geografia humanista da essência do vivenciar no espaço. No caso de Sabará, cidade patrimonial conturbada à metrópole mineira, a essência precisa ser escavada levando em consideração o impacto metropolizador sobre a cidade. A metropolização é um fenômeno transformador e ativo.

Como já mencionado, a pessoa humana possui uma estrutura tripartida: corpo, psique e espírito. As afecções sensoriais fazem parte das vivências corpóreas, e assim como as vivências psíquicas, encontram-se no primeiro nível de consciência. Como explica Bello (2004), temos consciência *em relação* ao nosso corpo, o que permite que eu distinga que algo está fora de mim a ser alcançado pelo tato. “O perceber tem necessidade de corporeidade” (BELLO, 2004, p.92). É a partir do corpo que se dão as sensações.

As vivências psíquicas são compostas pelos atos de reação. Não são por nós provocadas mas tem um conteúdo emocional muitas vezes intenso. Quando ouvimos um barulho forte podemos ter medo. É uma espécie de avaliação imediata que conseguimos fazer. Se

---

<sup>10</sup> Quanto mais intenso é o vivenciar, tanto mais luminosa e desperta é a consciência que se tem dele.

começarmos a refletir sobre o barulho, avaliando as possibilidades de sua origem, já estaremos imersos nas vivências espirituais. Nas vivências psíquicas estão os sentimentos/estados vitais: ânimo, cansaço, alegria, tristeza, medo, coragem, etc. A psique revela a emoção gerada pela sensação.

No âmbito do espírito, o ser pensa, reflete, compreende, decide e valora. Está, nesse momento, sob o domínio da motivação e não mais da causalidade. Quando tratamos de vivências sensoriais, ou seja, corpóreas, vigora uma relação de causalidade. Algo causa um efeito. Nas vivências psíquicas, por tratarem-se de sentimentos vitais, há ainda uma causa que gerou um efeito. É só a partir das vivências espirituais que a motivação se estabelece como uma base de controle individual e social, que determina o viver do ser como liberdade de escolhas.

Na lei da causalidade, uma causa leva a um efeito. Por exemplo: o ânimo vivifica a corrente da consciência. Na lei da motivação o “eu” abre seu olhar espiritual e se dirige até algo. Não está mais apenas no fluxo das coisas, mas no domínio da intencionalidade, ou das vivências intencionais. A direção para o algo pode ser diversa: retrospectiva, para o agora, ou até para algo que não pertence a sua corrente de vivências. A passividade deixa de existir. Mas o que é, de fato, a motivação? É a conexão entre os atos, é o realizar-se de um ato em virtude de outro. “El ‘pivote’ en el que se apoya en cierto modo la motivación, es sempre el yo” (STEIN, 2005, p.254)<sup>11</sup>. Uma vivência motivante leva a uma outra vivência, contudo, sem o conteúdo de sentido de uma vivência, ela nunca será motivante a uma outra vivência. Isso é fundamental para estudos ligados a identidade e pertencimento, pois, a medida que o ser não estabelece vivências espirituais significativas com o mundo, nunca se motivará a mais vivências espirituais, e, portanto, dificilmente teremos ali um sentido de lugar<sup>12</sup> envolvido.

A motivação e a causalidade coexistem. Uma sensação de alegria (sentimentos vitais, nível psíquico, causalidade) pode levar a uma ação (atos livres, nível espiritual, motivação) focada em, por exemplo, fazer o outro feliz.

La conciencia se actúa (...) en cada nivel en forma diversa, y, gracias a esas actividades de la conciencia, las unidades noemáticas de nivel inferior se convierten en multiplicidades en las que se constituyen las unidades de nivel superior. (...) entonces llegamos finalmente a una conciencia constituyente última (...): a la corriente de la conciencia original o corriente de la vivencia. (STEIN, 2005, p.223)<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> O pivô em que se apoia, em certo modo, a motivação, é sempre o eu.

<sup>12</sup> Mundo e lugar aqui entendidos como: “(...) [o espaço] se torna ‘mundo’, a partir da fixação das distâncias e das direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde ele se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna ‘lugar’” (HOLZER, 2012, p.291)

<sup>13</sup> A consciência age em cada nível de forma diversa, e, graças a essas atividades da consciência, as unidades noemáticas de nível inferior se convertem em multiplicidades nas quais se constituem as unidades de nível superior. Então chegamos finalmente a uma consciência constituinte última: à corrente da consciência original ou corrente da vivência



A corrente original é a fruição da vivência em constante geração, originando sempre uma nova vivência, sem que se possa perceber o deixar de existir de uma e o começar de outra. É uma única corrente que se incrementa de maneira constante. As fases da corrente não deixam claro seu originário, que permanece na escuridão, visto que a corrente é um *continuum* indivisível. “Al fluir las fases unas en otras, no surge una serie de fases interrumpidas, sino precisamente una unica corriente que se va incrementando de manera constante” (STEIN, 2005, p.224)<sup>14</sup>. Uma fase não substitui a outra, pois se assim fosse, teríamos sempre uma única fase. O transcorrido passa enquanto vitalidade, mas a consciência do mesmo, permanece, mesmo que de maneira vazia (pode acontecer de submergir novamente pois não estava inteiramente anulado, mas seguiu tendo um modo particular de existência). As fases da corrente possuem o que está chegando a ser e o que foi. São o impulso gerador que alimenta todas as unidades/vivências que a atravessam. Elas não podem ser concebidas isoladamente, ou seja, existir por si mesmas - são unicamente dentro da unidade de vivência. Aquilo que experienciamos na duração é uma constante transição do aqui e agora para um novo aqui e agora, constituindo um mundo da vida (*lebenswelt*). É um contínuo vir a ser e deixar de existir (SCHUTZ, 2012). Assim como as fases, as vivências não se formam uma após a outra, elas podem se sobrepor, se reposicionar, etc.

Essa estrutura toda converge para a consciência, que não está apenas em uma vivência ou em outra, mas em toda a tríade. Essa consciência, por sua vez, sempre se sente em duração no momento da experiência, enquanto um existir passado, presente e futuro. Ao contrário, há o tempo do relógio, quantificado e instantâneo que, deslocado do fluxo das vivências, é artificial.

Henri Bergson (2006) diferencia dois tipos de viver: 1) fluxo da experiência e 2) mundo espaço temporal. O primeiro se refere ao fluxo da duração interna, do momento da vivência e o segundo remete-se ao tempo quantificado e descontinuizado. Para Alfred Schutz (2012), a diferença entre os dois é na verdade uma diferença entre dois níveis de consciência. Na vida cotidiana, não há divisibilidade, mas sim um fluxo contínuo – uma constante transição de um aqui e agora para um novo aqui e agora. Mas essa transição não tem limites bem definidos, traçados, são como fases que se misturam – se encontram. Quando nos colocamos fora do fluxo, em atenção direta a ele, alcançamos o segundo nível da consciência que pertence ao universo espaço temporal. É a reflexão de um movimento que já completou seu curso e que, portanto, é espacializável. Quando reflito sobre minha experiência de vida, o que era uma fase se torna uma experiência acabada: uma experiência significativa. Utilizando minha capacidade de

---

<sup>14</sup> Ao fluir as coisas umas em outras, não surge uma série de fases interrompidas, mas sim, precisamente, uma unida corrente que vai se incrementando de maneira constante

refletir, imaginar, relembrar, valorar, etc., não recorro a extensão da existência, mas a uma experiência já transcorrida.

Deve-se observar bem a diferença entre esse tempo fenomenológico, essa forma de unidade e todos os vividos num fluxo de vivido (o de um eu puro) e o tempo 'objetivo', isto é, cósmico (...). Aquele tempo inerente por essência ao vivido como tal, com os seus modos de doação do agora, do antes, do depois, e do simultâneo e do subsequente etc., modalmente determinados por eles, não pode ser e não é medido em geral pela posição do sol, pelo relógio, nem por meio físico algum. (HUSSERL, 2006, p.184).

Husserl denomina esse tempo da experiência findada, espaço temporal, como cósmico.

**Quadro 2 - Experiência e Atenção**

<b>EXPERIENCIA</b>		<b>ATENÇÃO</b>	
<b>Tempo</b>	<b>Características</b>	<b>Tempo</b>	<b>Características</b>
Fluxo de vivências	Duração Simultâneo Fases	Cósmico/ Compreensão	Instante Fragmentado Pontos

Fonte: Elaborada pela autora.

O contato ingênuo é o uníssono instante em que nos damos ao mundo enquanto ele se abre para nós. São, aparentemente, duas coisas, dois sons, e, de fato, existem separadamente, tanto a flauta quanto o piano, tanto o ser quanto o mundo, mas apenas abstratamente. No encaixe perfeito da harmonia musical, a melodia é o *um* concreto da presença. Flauta e piano, ser e mundo, e uma vida onde ressoam unissonante. É o fluxo do viver em fases, sempre atual no presente.

### 1.3 EVENTO E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO

- “Eu estudo o casamento do espaço com o tempo” - disse Stephen Hawking.  
 - “O casal perfeito” - concluiu Jane Wilde.  
 (A teoria de tudo)

O termo empregado por Edmund Husserl e Henri Bergson: espaço-tempo, refere-se ao quadridimensional<sup>15</sup> matemático, todavia, para a Geografia, precisamos de uma reflexão mais aprofundada sobre o termo espaço-tempo. Para tanto, traremos a tona a categoria evento, posta em pauta por Milton Santos (2004), e procuraremos liga-la a teoria fenomenológica, trazendo nossas interpretações sobre como podem dialogar na pesquisa geográfica humanista

Para Milton Santos (2004, p.94): “Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história”. Onde o evento se instala, portanto, há mudança. “Não há evento sem ator. Não há evento sem sujeito”, continua o autor. Evento, além de mudança é ação e “essa assimilação da ideia de evento e da ideia de ação é fundamental para a construção de uma teoria geográfica” (SANTOS, 2004, p.95). A ação, para a Fenomenologia, é subjetiva, no sentido de que se origina do sujeito livre, e há níveis de ação: corpóreo, psíquico e espiritual. Neste último, ocorrem as vivências essencialmente humanas e de conteúdos fundamentalmente geográficos que impactam na memória, história, modos de vida e até na duração, constituindo-se uma duração organizacional (STEIN, 2004).

A duração natural deriva da natureza original do evento, de suas qualidades individuais, de sua estrutura íntima. Mas, podemos, também, prolongá-lo, fazendo-o durar além de seu ímpeto próprio, mediante um princípio de ordem (...). Como também é possível limitar ou reduzir sua existência amputando o seu período de ação mediante um recurso organizacional. (SANTOS, 2004, p.97).

Leis, instituições, calendários, etc. Vivemos em um mundo estruturado dentro de durações organizacionais que interferem diretamente no espaço.

Durante todo o tempo, os geógrafos trabalharam seu objeto tendo uma noção dicotômica de tempo e espaço. Estranhamente, sempre viram a relação homem-meio como tempo (porque vista numa relação com o trabalho), mas raramente como espaço (...). É através da dialética do espaço-tempo que podemos acompanhar os processos e os estágios de desenvolvimento das formações espaciais enquanto estágios diferentes da relação homem-meio no tempo. (MOREIRA, 2007, p.66).<sup>16</sup>

<sup>15</sup> O *continuum* espaço-tempo quadridimensional foi organizado pela primeira vez por Minkowski (1864–1909)<sup>15</sup> e compõe-se das três dimensões espaciais (já existentes) mais a dimensão temporal. Os elementos espaciais podem ser descritos por diferentes unidades como altitude/altura, longitude/largura e latitude/comprimento. Após a publicação da teoria da relatividade especial de Albert Einstein, o matemático russo-alemão Hermann Minkowski (1864-1909) descreveu os efeitos da teoria a partir da transformação de campos elétricos e magnéticos na passagem de sistemas inerciais. “Trata-se do desenvolvimento de uma nova visão do espaço e do tempo que, tradicionalmente pensados como sendo independentes, passam a ser colocados juntos num continuum espaço-tempo quadridimensional” (PEREIRA, 2008, p.92).

<sup>16</sup> Embora não partamos da dialética do espaço-tempo para as análises da tese, não deixamos de assumir que há na corrente dialética um desenvolvimento mais profundo sobre a noção de espaço-tempo, que tende a ser cada vez mais incorporada aos estudos fenomenológicos.

Milton Santos concorda que era uma prática frequente dos geógrafos considerarem o tempo histórico como a base do estudo geográfico, no entanto, ele afirma que: “(...) a simultaneidade das diversas temporalidades sobre um pedaço da crosta da Terra é que constitui o domínio propriamente dito da Geografia” (SANTOS, 2004, p.104). Não apenas tempo e nem somente o espaço: espaço-tempo. Para unir espaço e tempo, o evento desponta como a categoria faltante. Em uma pesquisa geográfica, não se pode reduzir espaço-tempo ao tempo cósmico do relógio e, por isso, não o usaremos como sinônimo, como o fez Husserl. A vivência une espaço e tempo no acontecer.

A ação do sujeito sugere um movimento não apenas corpóreo, mas também espiritual. Para a fenomenologia, a intencionalidade é o dirigir-se para algo que se mostra e, dessa forma, vivências intencionais –espirituais – são fruto da experiência de um objeto que receberá uma atenção a perceptiva e cognitiva. Um evento, para a Geografia Humanista, não seria, portanto, uma sensação de calor ou de alegria, mas um deslocar-se em direção a algo que se dá, com alguma motivação que resulta em uma significação<sup>17</sup>. O evento seria uma vivência espiritual em determinado espaço-tempo. Contudo, será que podemos tratar do evento como um acontecer no fluxo de vivências individuais? Acreditamos que não. De acordo com Milton Santos (2004, p.95), existem eventos naturais e eventos sociais/históricos, “os eventos sociais resultam da ação humana, da interação entre os homens, dos seus efeitos sobre os dados naturais. Aqui, é o movimento da sociedade que comanda, através do uso diversificado do trabalho e da informação”. Portanto, o evento se trata do fluxo de vivências comunitário com impacto gerado também no grupo. Para Edith Stein (2005), o fluxo de vivências comunitário tem um sentido não apenas para um indivíduo, mas para muitos deles, é algo que se transmite entre gerações porque impacta gerações.

O homem nasce em um mundo que já existia antes de seu nascimento; e esse mundo não é apenas físico, mas também sociocultural. O último é um mundo pré-organizado e pré-constituído cuja estrutura particular é o resultado de um processo histórico que, portanto, é diferente em cada cultura e sociedade. (SCHULZ, 2012, p.91).

Os eventos são fruto do mundo e do lugar ao mesmo tempo, não acontecem isoladamente, mas em conjuntos sistêmicos, ou melhor, *situações*, como caracteriza Milton Santos (2004, p.101):

Os eventos são atuais, absolutos, individualizados, finitos, sucessivos. Mas na medida em que se estendem uns sobre os outros, participando uns dos outros, eles estão criando a continuidade do mundo vivente e em movimento, ou, em outras palavras, a continuidade temporal e a coerência especial. É assim que as situações geográficas se criam e recriam. (SANTOS, 2004, p.101).

<sup>17</sup> Vale ressaltar que, embora Milton Santos tenha se aproximado de estudos existencialistas Sartreanos, em *Natureza do Espaço* (2004), ele não discorre sobre vivências intencionais ou espirituais. Está a nosso cargo a responsabilidade de ligar sua teoria à fundamentação fenomenológica, acreditando que o abismo criado entre as duas correntes tem, na verdade, uma ponte. Segura.

O ser humano, portanto, tem um componente anímico interno que lhe diferencia dos outros animais, permitindo que tenha vivências espirituais. O mundo da vida do ser humano vivente é um mundo espiritual que tem no individual o que ele é no grupo, porque também é um mundo cultural e histórico. A alma individual é “como um pequeno mundo, um microcosmo, y se há dicho que debe ser una imagen del macrocosmos, del “gran mundo”(…) las ‘ideas’ y los ‘conceptos’ del espíritu em su actividad cognoscitiva eran una imagen del mundo conocido” (STEIN, 2003b, p.187)

De que se trata ser histórico? Alfred Schutz (2012, p.180) alega que: “Eu sempre me encontro em um mundo historicamente dado, o qual, tanto enquanto mundo natural quanto sociocultural, já existia antes do meu nascimento e continuarão a existir após a minha morte”. Portanto, não adentramos em um nada, mas sim em uma cultura. A cultura para Edith Stein (2004) são as formas espirituais constituídas pelos seres humanos para sua organização social. Como exemplo tem-se as leis, a economia, as artes, o patrimônio, etc.

E de que se trata ser social? Significa ser intersubjetivo, relativo as condições normais da vida humana. Edith Stein (2004) dedica sua tese de doutorado ao conceito de empatia/entropatia, que defende como uma forma de compreensão da vida do ser humano sempre de um “eu” para um “nós”. É a identificação da humanidade no outro, um ser semelhante. É um apreender imediato do outro. Através da empatia adentramos em um mundo intersubjetivo que impacta em nosso desenvolvimento espiritual e cultural, pois se o ser humano é um ser social, tem uma dimensão intersubjetiva constitutiva.

As formas de organização humana, para Edith Stein, variam de acordo com a importância dada a cada uma das dimensões: corpo, psique e espírito. Quando há um domínio da influência do corpo e da psique, as pessoas se agrupam em uma “massa”, nela, a maioria age muito mais por impulsos coletivos. As comunidades<sup>18</sup> possuem um nível espiritual mais elevado, pois são grupos de pessoas que possuem um projeto comum. “A comunidade se forma quando cada membro aceita a comunidade como lugar de seu movimento individual” (RUS, 2015, p.74). Essas comunidades não representam a realidade de todos os agrupamentos humanos. E porque isso? A primeira comunidade que de fato experimentamos é a nossa corporeidade, precisamos aceitar quem somos, cuidar de quem somos e nos alimentarmos espiritualmente. “A comunidade é o alargamento da minha humanidade para incluir, fazer entrar os outros. Desse modo, mesmo quando o outro não está diante de mim, ele está sempre comigo” (ALFIERI, 2014, p.89). Portanto, a comunidade não tem um núcleo único,

---

<sup>18</sup> Vale ressaltar que, para Edith Stein, existe ainda as sociedades, que são formadas pelo agrupamento de pessoas com uma finalidade em comum como empresas, escolas, etc.

mas múltiplos núcleos (múltiplas pessoas humanas). É uma vinculação natural e orgânica entre os indivíduos. Se constitui quando pessoas se posicionam diante de outras como sujeito e não como objeto (STEIN, 2005). A sociedade seria um nível intermediário, que se define como uma vinculação racional e mecânica entre os indivíduos. Os sujeitos se colocam diante de outros como objeto, com vista a adquirir alguns efeitos pretendidos (a partir de conhecimentos adquiridos sobre o outro). “Puede observar-se que en la asociaciones que existen de hecho entre las personas, la mayoría de las veces se dan formas mixtas de estos dos tipos fundamentales” (STEIN, 2005, p.344)<sup>19</sup>. Para Edith Stein existem dois primados básicos: 1) toda sociedade se constitui até certo ponto como uma comunidade e 2) a comunidade sem uma sociedade é possível, mas a sociedade sem a comunidade não, pois precisa desta última para exercer controle (famílias, bairros, etc).

Diante dessa complexidade, procuramos, ao longo da tese, compreender tanto as vivências individuais de determinados moradores, quanto os eventos mais marcantes para os diversos grupos da cidade. Recapitulando a construção que estamos empreendendo entre o tempo da vivência e o evento, e como isso se conecta com a Geografia e com os estudos patrimoniais, é importante frisar, então, que existem três tipos de tempo (SCHUTZ, 2012):

1. **Espaço-tempo interno** → esse tempo é particular, que é o tempo da vivência, da experiência. É o fluxo de tempo imanente – o mundo da vida
2. **Espaço-tempo das experiências significativas** → é o tempo da representação, do acontecido já fora do acontecer. É o tempo das experiências já constituídas, onde há tanto vivências individuais quanto eventos coletivos.
3. **Tempo objetivo** → tempo cósmico, matematizado que une todos os tempos subjetivos em uma única ordem cronológica.

#### 1.4 PAISAGEM, LUGAR E VALORAÇÃO

*Guarde sempre na lembrança que esta estrada não é sua  
Sua vista pouco alcança, mas a terra continua  
(A Estrada e o Violeiro – Nara Leão)*

A Geografia pode se revelar na análise da paisagem, que “coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua Geograficidade original: a Terra como lugar” (DARDEL, 2011, p.31)<sup>20</sup>. A paisagem é o horizonte em

<sup>19</sup> Podemos observar que nas associações entre as pessoas, na maioria das vezes se dão formas mistas desses dois tipos fundamentais

<sup>20</sup> A Geograficidade, para Eric Dardel (2011, p. 1), é a essência da Geografia, é: “a Geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível” – a essência.

movimento. O lugar, por conseguinte, é o habitat do homem. Sobre a definição de lugar, discorre Edward Relph (2012, p.22, grifo próprio):

Provavelmente o melhor que podemos dizer é que, em seu contexto, seja um objeto, um **evento** ou uma experiência (...). Como indivíduos e membros de comunidades, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou uma identidade específica (...). Qualquer parte sem nome que não reúna, não é lugar. (RELPH, 2012, p.22).

Portanto, o lugar é espaço de reunião e identidade, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 2013, p.167). Para Edward Relph(2012), o lugar pode ter algumas características como: localização, fisionomia(quem o compreende apenas dessa modo, acredita poder construí-lo), *genius loci* (o espírito do lugar que não existe em todos)<sup>21</sup>, sentido (dado pelas pessoas), raízes (pertencimento que hoje, pela teoria rizomática, pode existir para vários lugares ao mesmo tempo), interioridade (conhecimento de um lugar de dentro pra fora, diferente do que ocorre para um turista), lar (onde as raízes são mais profundas e mais fortes, é onde está o coração), lugar-sem-lugaridade e não lugar (lugares com fraca capacidade de produzir a reunião), nós (que ligam redes nacionais e internacionais), exclusão/inclusão (dos que pertencem ou não pertencem ao lugar) e a fabricação, aonde:

em nosso mundo pós-moderno e neoliberal, surgem casos em que a identidade de lugar e a diferença dão lucro. Assim, a identidade de lugar tem sido manipulada e até mesmo inventada por empresas de desenvolvimento que visam lucro e por políticos da cidade, para atraís investimentos e turismo (RELPH, 2012, p.27).

É o forjar de uma identidade territorial. Isso é facilmente verificável em Sabará, na tentativa de propagação da identidade de cidade histórica para o turismo, ao mesmo tempo em que, na prática, nem toda a população tem acesso ao centro histórico, seja por barreiras físicas, sociais ou afetivas.

No Brasil, o período colonial, materializado no barroco das cidades da mineração, representa um contexto histórico marcante e majoritário nos processos de tombamento realizados pelo IPHAN. Sabará, como antigo arraial(ais) e vila colonial, vive esse contexto, do que denominamos na tese como **Valorização Patrimonial**, pautado na concessão de valor a determinado fragmento histórico.

O mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que tem a função de trazer alguma coisa à memória. Algumas dessas imagens, como acontece nos cemitérios, nos lembram pessoas que não mais existem. Outras, como nos sacrários ou os cemitérios de Guerra, relacionam a lembrança dos indivíduos à dos grandes eventos ou das grandes tragédias. Outras ainda, como acontece nos monumentos, nos remetem ao passado de nossas histórias, à sua continuidade presumível ou real com o presente (ROSSI, 2010, p.23).

---

<sup>21</sup> Norberg-Schulz (1984) defende que cada lugar tenha seu *Genius Loci* identificado e que qualquer edificação e restauro deve levar à concretização desse espírito.

Contudo, nem todo objeto instituído como fragmento representativo de uma história oficial tem um sentido espiritual para os moradores. De acordo com Edith Stein (2003), só na medida em que esses bens são produtos do espírito humano, os designamos como bens culturais e só assim podem ser bens formativos, que dão suporte a formação humana. O que constitui seu valor é algo espiritual e não impositivo. Nesse sentido, abre-se possibilidades de crítica ao real valor dos bens patrimonializados.

Lo que los sentidos y el intelecto le ponen de frente es un mundo de cosas; el significado que estas poseen para la estructuración del mundo interior, como alimento del alma, las sella como objetos de valor, o como bienes. (STEIN, 2003b, p.184)<sup>22</sup>.

Denominamos esse valor espiritual de **Valoração Afetiva**. “(...) investigar a dimensão subjetiva do espaço edificado implica necessariamente compreender como se constitui, psiquicamente, o homem que lhe dá forma e, sobretudo, significado” (LEITÃO, 2014, p.66). A fenomenologia nos dá todo o suporte conceitual para isso.

David Lowenthal(1998) defende que não há nada tão pessoal para um ser humano como suas próprias lembranças - ligadas à vivência compartilhada e à experiência pessoal adquirida. Essa seria a primeira forma de acesso ao passado. Ressalta algumas características da memória:

- Eventos públicos podem tornar-se experiências pessoais idiossincráticas;
- Muitas pessoas tem a necessidade de exaltarem suas memórias (experiências) de modo a aceitarem a si mesmos;
- Rememorar é fundamental para o sentido de identidade. A perda de memória é uma ausência de significado (como vimos, a memória é justamente constituída por experiências significativas);

Para o autor, uma segunda maneira de acessar o passado é a história, que por sua vez, difere da memória pela forma como é adquirida, armazenada e transmitida. Primeiramente, pode-se dizer que se trata de inferências sobre a memória de outras pessoas e sobre vestígios encontrados. O relato histórico não pode trazer o passado em sua plenitude visto que o passado não se tratou de um relato. A narrativa histórica não é um retrato fiel do ocorrido, mas uma história construída com base em alguns fatos disponíveis. Pode-se dizer que serve mais como retrospectiva de uma dada continuidade do que de uma realidade objetiva. É um tempo muito mais cósmico, psíquico, do que espiritual.

A terceira forma de acesso ao passado, de acordo com David Lowenthal (1998), se dá pelos fragmentos - artefatos humanos ou materiais da natureza, que podem ser elevados ao

---

<sup>22</sup> Aquilo que os sentidos e o intelecto põe na frente é o mundo das coisas; o significado que estas possuem para a estruturação do mundo interior, como alimento da alma, seja como objeto de valor, ou como bens.



patamar de relíquias tangíveis. Os fragmentos e relíquias são a permanência dos eventos, permitindo que estes sejam concebidos em uma continuidade cronológica - cósmica. Contudo, a existência do artefato não garante sua presença no mundo da vida dos moradores, e nem que com ele os indivíduos tenham uma valoração afetiva.

Os objetos em si não transportam o ser para uma época, mas, pela interpretação da consciência durante a vivência, essa época pode ser imaginada, permitindo que a peça (de variados tamanhos e extensão) adquira um valor. “Para que exista patrimônio reconhecível, é preciso que ele possa ser gerado, que uma sociedade se veja o espelho de si mesma, que considere seus locais, seus objetos, seus monumentos reflexos inteligíveis de sua história, de sua cultura” (JEUDY, 2005, p.19).

Eduardo Yázigí (2003, p.56), discorre sobre o Samovar, artefato de prata russo que tem a função de manter os chás aquecidos:

Um Samovar utilizado como simples adorno de um ambiente deixa de ser um samovar. Torna-se uma bela peça metálica e só. O patrimônio guarda semelhanças com o samovar: a mera contemplação, sem uso, retira seu significado maior, alienando-o do meio, que assim perde relações fundamentais, inclusive de coesão do grupo. (YÁZIGI, 2003, P.56).

E é isto que buscamos sobre o município nos capítulos posteriores, até que ponto os patrimônios de Sabará ainda são Samovares nesse contexto de metropolização? Para tanto, iniciaremos a imersão nos grupos, pois é neles que está a resposta para essa pergunta. A luz dos preceitos discorridos nesse capítulo, deixaremos que Sabará se revele.

## **PARTE 2**

# **O MUNDO ESPIRITUAL DOS SABARENSES**



*O sol tornava-se de um ouro mais brilhante e a cidade, lá embaixo, movia-se visivelmente, os telhados róseos ou de um amarelo-pálido movendo-se dentro da luz, e vozes inquietas e imperiosas levantavam-se da Acrópole como um vôo de pássaros alvoraçados*  
(Taylor Caldwell)

“Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido” (CALVINO, p.130). Assim pusemos nossos ouvidos em ação, demonstrando toda disponibilidade e interesse em escutar Sabará. Mortimer Adler (2013) alerta que o ouvido não possui nada comparável a uma pálpebra, mas que, ainda é assim, é fechado frequentemente. A aptidão para ouvir não é o mesmo que escutar. A escuta é um processo de participação ativa, onde a consciência está envolvida no processo. Portanto, ativamente estivemos com os moradores da cidade, na missão de escavar quem é Sabará. Mas conheçamos antes Cecília, uma cidade contínua (CALVINO, 2003):

Pelas ruas de Cecília, cidade ilustre, uma vez encontrei um pastor que conduzia rente aos muros, um rebanho tilintante.

- Bendito homem do céu – parou para me perguntar -, saberia me dizer o nome da cidade em que nos encontramos?

- Que os deuses o acompanhem – exclamei. – Como é possível não reconhecer a ilustríssima cidade de Cecília?

- Perdoe-me – o outro respondeu -, sou um pastor em transumância. Às vezes ocorre de eu e as cabras atravessarmos cidades, mas não sabemos distingui-las. Pergunte-me o nome dos pastos: conheço todos, o Prado entre as rochas, o declive verde, a grama à sombra. Para mim as cidades não têm nome: são lugares sem folhas(...)

- Ao contrário de você – afirmei-, só reconheço as cidades e não distingo o que fica fora(...)

Passaram-se muitos anos desde então; conheci muitas cidades e percorri muitos continentes. Um dia, caminhava entre as esquinas de casas idênticas: perderei-me. Perguntei a um passante:

- Que os imortais o protejam, poderia me dizer onde nos encontramos?

- Em Cecília, infelizmente! – respondeu-me. – Há tanto tempo caminhamos por estas ruas, eu e as cabras, e não conseguimos sair...

Reconheci-o, apesar da longa barba branca: era aquele pastor.

- Não pode ser! – gritei. – Eu também, não sei desde quando, entrei numa cidade e continuei a penetrar por suas ruas. Mas como pude chegar aonde você diz se me encontrava em uma outra cidade, muito distante de Cecília, e ainda não tinha saído de lá?

- Os espaços se misturaram – disse o pastor (...). (CALVINO, 2003, p.145-146).

Sabará também se misturou a Cecília.

A metropolização deu a Sabará um conteúdo contínuo com Belo Horizonte, além disso, mesmo as áreas apartadas por vazios urbanos, recebem uma influência direta da capital mineira. Os eventos vividos por Sabará, sempre estiveram ligados a alguma demanda além de suas fronteiras. Compreender esses eventos e os impactos deixados, são importantes para desvelar a existência humana no local: “como existência histórica, como peregrinação no espaço e no tempo, no lugar em que temos nossa morada” (LADRIERE, 1979, p.92).

As experiências com os lugares são consequência das condições econômicas e tecnológicas de determinada época, a medida que a Terra ganhou valor de uso (DARDEL,

2011; HAESBAERT, 2007). As técnicas vêm sendo produzidas há muito tempo, de diversas formas e em inúmeros lugares. Hoje, além da produção, é fundamental entender o processo de circulação da técnica. Essa circulação, influencia na formação e desenvolvimento das cidades (SANTOS, 2004). De acordo com Milton Santos (2004, p.25), “A forma como se combinam sistemas técnicos de diferentes idades vai ter uma consequência sob as formas de vida possíveis naquela área”. Deste modo, compreender a vida em uma determinada cidade é também entender o desenvolvimento das técnicas e a convivência entre elas no espaço. Grande parte da história e memória de Sabará está pautada no desenvolver técnico, como procuraremos demonstrar.

O nascimento da técnica se dá quando esta é inserida na sociedade, antes disso é apenas ciência/conhecimento. Não pode, por sua vez, ser analisada isoladamente, visto que as técnicas se apresentam de maneira sistêmica. Além disso, a propagação é desigual, permitindo com que técnicas modernas convivam com as rugosidades (SANTOS, 2004). Heidegger (2006, p.20) defende que a técnica moderna possui o sentido de explorar:

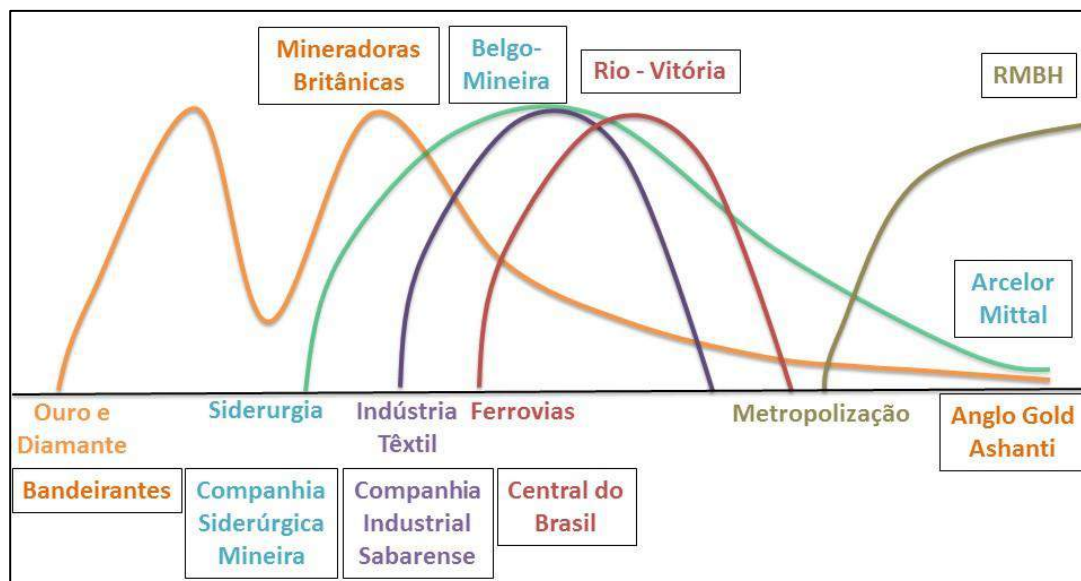
Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento<sup>23</sup>. Todavia, este desencobrimento não se dá simplesmente. Tampouco, perde-se no indeterminado. Pelo contrário, o desencobrimento abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do desencobrimento explorador. (HEIDEGGER, 2006, p.20).

A noção miltoniana de objeto técnico é bem abrangente e também se refere aos objetos naturais, desde que estes estejam inseridos no critério do uso possível. Pode funcionar como meio ou como resultado em uma atividade técnica. Milton Santos (2004, p.16) defende que a técnica é a “principal forma de relação entre o homem e a natureza”.

Em Sabará, definimos cinco principais eventos ligados a propagação técnica, que, embora tenham coexistido com outros secundários, tiveram maior importância na ocupação e desenvolvimento da paisagem.

---

<sup>23</sup> Para Heidegger(2006, p.16) “a produção conduz do encobrimento para o **desencobrimento**” onde descobrir significa revelar algo que estava encoberto - criar.



**Figura 11 - Eventos ligados a propagação técnica em Sabará - MG**

Fonte: Elaborada pela autora.

As primeiras ocupações na região do conhecido *Sabarabuçu* foram pautadas na busca pelo ouro. Inicialmente pelos baianos e, posteriormente, pelos bandeirantes paulistas. As jazidas aluvionares de ouro nos córregos e ribeirões foram substituídas pelo minério de montes, a partir da instalação de grandes mineradores britânicos, que prolongaram o apogeu aurífero (SOUZA, 2002). Hoje, embora a Anglo Gold ainda extraia ouro no distrito de Mestre Caetano, sua influência na comunidade limita-se a alguns eventos culturais. Concomitante a renovação da exploração aurífera, iniciaram-se as atividades de mineração ferrífera. Atualmente, a Arcelor Mittal, antiga Belgo-Mineira, tem aproximadamente 30 funcionários locais, tornando sua presença no município pouquíssimo expressiva. Ela foi fundada no distrito Sede, onde ainda permanece, tendo exercido grande influência sobre a população (POLANCZYK, 2014). No distrito de Carvalho de Brito foi edificada a primeira indústria têxtil da cidade: a Companhia Industrial Sabarense que já encerrou suas atividades. Teve grande importância na ocupação dessa outra área do município, além de ter fundado um modelo de Vila Operária padrão no Brasil e facilitado a construção da nova capital mineira: Belo Horizonte. A consolidação do ramal Nova Era que seguia até Belo Horizonte passando por Sabará (braço da Central do Brasil), fez emergir um novo modo de vida na cidade, hoje totalmente destruído (MEMÓRIA EMOTIVA, 2006). Ainda reside na memória de muitos moradores, o tempo das marias fumaças. “Eu andei de Maria Fumaça, ainda” (SLS). Atualmente o trem da Vale atravessa Sabará sentido Vitória, mas não há qualquer estação dentro da cidade. Esses quatro eventos definiram a história do desenvolvimento de Sabará. Hoje, é a consolidação da região

metropolitana de Belo Horizonte, que tem sido um marco na vida do município.

Expressaremos, ao longo dos capítulos, os seguintes elementos:

1. **Processo Histórico** → as mudanças e permanências, percebendo as marcas deixadas no ambiente e no sujeito, assim como os elementos e eventos principais desse processo. Caracterizamos, para cada distrito, períodos históricos que os definem, através dos relatos dos moradores. Vale ressaltar que todos culminam na consolidação de uma região metropolitana – a RMBH.
2. **Aspectos funcionais e formais** → diagnosticamos a destinação dos lugares, tanto hoje, quanto em todos os períodos históricos estabelecidos, assim como a forma de manifestação do lugar.
3. **Relações** → constatamos quais são as relações estabelecidas entre a localidade de análise e os outros distritos de Sabará e Belo Horizonte. Inicialmente pensamos em criar um núcleo único denominado BH-Contagem-Betim, pois muitos moradores referiram-se a esses outros dois lugares como Belo Horizonte, contudo, resolvemos manter apenas a referência a capital, pois, de qualquer modo, os locais de acesso, tanto em Betim, quanto em Contagem, tem sua dinâmica ditada por BH. É importante frisar que os contextos observados em todas as localidades são resultado de dinâmicas maiores, internacionais e globais, desde o processo de colonização.
4. **Ritmos** → observamos qual o tempo do local e a velocidade inerente ao cotidiano

Todos esses componentes serão apresentados de forma fluída, e não por meio de uma divisão cartesiana dos capítulos. Vale ressaltar que todas essas questões foram identificadas a partir do contato com o sujeito, através dos questionários, entrevistas e caminhadas de reconhecimento. Apenas depois dessa aproximação, trouxemos o diálogo com autores que nos ajudaram a interpretar o fenômeno tal como ele se apresentou.

Todo o desenrolar do cotidiano humano tem como espaço-tempo o mundo da vida (*lebenswelt*). Os elementos acima citados compõem, caracterizam, e qualificam o mundo da vida do sabarense. O mundo da vida cotidiana é a realidade que aparece na atitude natural com o espaço-tempo, é o local onde o homem pode intervir e modificar, através de seu organismo animado e vivo, embora haja limites para a sua ação. “Unicamente em el mundo de la vida cotidiana puede constituirse um mundo circundante, común y comunicativo. El mundo de la vida cotidiana es, por conseguinte, la realidade fundamental y eminente del hombre” (SCHUTZ, 2003, p.25)<sup>24</sup>. O homem reconhece no mundo da vida outros homens que também

---

<sup>24</sup> Unicamente no mundo da vida cotidiana pode se constituir um mundo circundante, comum e comunicativo. O mundo da vida cotidiana é, por conseguinte, a realidade fundamental e eminente do homem

existem ativamente neste mesmo mundo, não como objetos que a todo instante vê, mas como seres conscientes como ele. Edith Stein (2004) define esse reconhecer do outro como empatia

Portanto, desde o primeiro contato mundano, não se concebe uma existência privada, mas sim intersubjetiva. A atitude natural cotidiana pressupõe, então, os seguintes elementos:

1. A existência corpórea de outros seres semelhantes com consciências similares
2. As coisas do mundo externo estão incluídas no mundo do ser e do seu semelhante e tem para eles o mesmo sentido
3. É possível estabelecer relações e ações recíprocas com os semelhantes, em prol de um entendimento mútuo
4. O mundo social e cultural é dado previamente e historicamente como um marco para o ser e seus semelhantes e, por isso, a situação em que se encontra é só em uma pequena medida criada exclusivamente por ele.

Essa relação intersubjetiva define não apenas o ser humano e espiritual, mas o ser social e apresenta quatro conceitos fundamentais: atos sociais, relações sociais, estruturas sociais e tipos sociais. Os atos sociais são aqueles direcionados a outra pessoa, ou seja, supra individuais. As relações não são atos, mas o “algo” que existe entre duas ou mais pessoas. Para haver uma relação é preciso que tenham atos vindo das duas direções. As estruturas sociais podem ser comunidades e sociedades. No âmbito da comunidade, há uma primeira que está presente em todo homem individual desde o começo de sua existência que é a humanidade. Mas além disso pode ter a comunidade na forma de um povo, uma família, uma escola, onde ele exerce tipos sociais como presidente, pai, professor, etc. “(...) cada hombre pertenece a toda una serie de comunidades, cada hombre encarna también una gran variedad de tipos” (STEIN, 2003, p.718)<sup>25</sup>.

O mundo da vida é, portanto, natural e social, além de limite para as ações individuais e recíprocas. “El mundo de la vida es, entonces, una realidade que modificamos mediante nuestros actos y que, por otro lado, modifica nuestras acciones” (SCHUTZ, 2003, p.28)<sup>26</sup>, visto que é um mundo histórico e social, ao mesmo tempo que é cenário da vida anímica e ativa desse mesmo ser.

O mundo da vida sabarense não é um só e nem é o mesmo para todos os indivíduos. Buscaremos encontrar certos padrões nas relações sociais que permitam analisar a cidade diante do processo de metropolização, para depois mergulharmos na questão patrimonial. Os

---

<sup>25</sup> Cada homem pertence a uma série de comunidades, cada homem encarna também uma grande variedade de tipos

<sup>26</sup> O mundo da vida é, então, uma realidade que modificamos por meio de nossos atos e que, por outro lado, modifica nossas ações

próximos quatro capítulos estão divididos por distrito de Sabará, para facilitar a compreensão. O segundo capítulo tratará do distrito de Carvalho de Brito, o terceiro da Sede, o quarto de Mestre Caetano e o quinto de Ravena.



## CAPÍTULO II

### “PORQUE A GENTE TEM MUITA COISA SÓ QUE NINGUÉM PENSA NISSO”<sup>27</sup> – A PERIFERIA SABARENSE DE BELO HORIZONTE

*Eu venho dêrne menino,  
Dernê munto pequenino  
Cumprindo o belo destino  
Que me deu Nosso Senhô  
(Patativa do Assaré)*



<sup>27</sup> Frase de FTM ao se referir ao poder público que não conhece o valor do local onde mora.

**“PORQUE A GENTE TEM MUITA COISA SÓ QUE NINGUÉM PENSA NISSO”  
A PERIFERIA SABARENSE DE BELO HORIZONTE**

---

2.1 A bairrificação de Sabará e o Lebenswelt metropolitano

2.2 Apresentação do distrito

2.3 Áreas de (não)fronteira – de município mãe a município filha

2.4 Vila Marzagão – resquícios de uma comunidade

2.5 Da guerra dos emboabas a guerra do tráfico – territórios do crime de Sabará

## 2.1 A BAIRRIFICAÇÃO DE SABARÁ E O LEBENSWELT METROPOLITANO

*Então eu acho que Sabará é uma cidade com bastante potencial mas falta ainda um investimento. Saber que a gente tá lá mas que a gente também precisa de certas coisas, que a gente não vai perder nossa identidade se a gente tiver, sei lá, um restaurante de comida japonesa (GTV).*

Essa epígrafe é um trecho da entrevista realizada com GTV e representa muito o que é o distrito de Carvalho de Brito hoje. Ele defende ainda:

Pra mim Sabará é um lugar que tem bastante potencial, as pessoas, elas podem viver lá, devem viver lá, só que é um lugar que, pra mim, na minha opinião, por ser uma cidadezinha com ar acolhedor, investimento privado ainda tem uma certa resistência a investir em Sabará, tem uma lotérica lá e ela é longe. Tem um correio e também muito longe, tem três supermercados e dois deles são iguais. Se eu quero comer alguma coisa diferente eu não acho, só acho aquela comidinha caseira, se eu quero comer um sanduiche do *subway* eu tenho que pegar um ônibus e um metrô, entendeu? (GTV).

Nessa fala algumas coisas precisam ser destacadas como: “cidadezinha com ar acolhedor”, “investimento privado”, “resistência em investir”, “supermercados e dois deles são iguais”, “coisa diferente eu não acho”, “metrô”, “*subway*” e “potencial”. Essas expressões basicamente resumem o que verificamos no *lebenswelt metropolitano*<sup>28</sup> dos moradores do distrito.

Frequentemente os moradores referem-se a Sabará como uma cidade pequena que parece não crescer. No distrito Sede, os habitantes compartilham da mesma crítica quanto a estagnação de oportunidades na cidade, contudo, ao mesmo tempo que alegam sobre a falta de crescimento, reclamam que a periferia tem aumentado cada vez mais, e com ela a criminalidade, acabando com a tranquilidade e os hábitos do local: sentar na praça, brincar na rua e ficar tranquilo a noite. “Isso assusta a gente porque a gente tava acostumado num mundinho mesmo sabe, como se fosse interior. E de repente você vê isso tão próximo. Você ouvia falar isso em televisão, coisa de Rio de Janeiro né. Cidade grande, podemos falar assim” (ADZ).

Sobre a resistência ao investimento, muitos moradores trouxeram essa temática também, tanto quando discorriam sobre os equipamentos urbanos, quanto quando contavam sobre a história da cidade e os tempos idos. Hoje, a maior parte dos moradores depende de Belo Horizonte para tudo, de médico a trabalho.

Ai o que acontece...a cidade tá muito próxima de Belo Horizonte. Vai crescer pra que? Você vê...hoje tem dois anos que chegou uma Casas Bahias em Sabará. No sentido

<sup>28</sup> Marcelo Lopes de Souza (1996), em um de seus trabalhos, utiliza o termo *Lebenswelt favelado*, o que nos inspirou a caracterização de um novo *lebenswelt*: metropolitano, tendo como base a teoria husserliana e steiniana.

assim...precisava? ta tão próxima de Belo Horizonte, você vai num shopping, então assim, não tem aquela coisa como Caeté, Caeté cresceu. Nós tamos num vale né...a renda per capita de Sabará é muito baixa, é muito pobre (...) **abafou** por ser muito perto de Belo Horizonte, você só pega a estrada e você já ta em Belo Horizonte. Dez minutos você já ta ali no Minas Shopping. (ADZ, grifo próprio).

Para comer uma comida japonesa é preciso pegar um metrô (que só existe em Belo Horizonte) ou seja, é preciso ir pra capital mineira. ADZ, na citação anterior, usa um termo curioso: abafar. Belo Horizonte estaria, então, abafando o crescimento da cidade. Ao longo das pesquisas entendemos isso como um *rompimento de fronteiras*. Entre Belo Horizonte e Sabará existe uma fronteira imaginária, graficamente representada nos mapas políticos, mas na prática, é comum do *lebenswelt metropolitano*, acabar com muros e cercas. Não é a toa a sensação de que “a cidade não cresceu. Sabará ficou parecendo um bairro” (ADZ). Diante dessa fala e de muitos outros relatos, entendemos que para os moradores da cidade a metropolização atua como uma força de *bairrificação* de Sabará, que a cada dia parece estar mais dentro da metrópole.

Isso é muito significativo, pois a força metropolitana não enxerga limites e nem barreiras, ela se apropria do espaço. Um jovem da cidade, com o qual aplicamos o questionário disse: "Sabará é mais ou menos ruim e não tem nada, uma parasita!". Refletindo sobre isso e sobre o conceito de parasitismo, entendemos que Belo Horizonte estaria mais para parasita e Sabará para Hospedeiro, de modo que, nessa relação desarmônica, Belo Horizonte tem se beneficiado de Sabará enquanto gleba de baixo valor, mão de obra barata, etc.

A questão dos supermercados iguais também é uma característica muito apresentada em Sabará e nos leva a refletir sobre um ponto muito importante: o poder homogeneizador da metropolização que viabiliza um monopólio de produtos e serviços (SOUZA, 2012).

Sabará não cresce muito também, porque as pessoas, os antigos, acham que são dono da cidade. Por exemplo, se tem um médico antigo, um consultório e vai abrir outro, parece que não deixa sabe (BA)

Monopolizou aqui..até o comércio, se você for olhar, nas ruas, você vai achar que são donos diferentes mas são tudo o mesmo dono, é familiar. São irmãos, sobrinhos. Se eu abro uma loja...eu abro e não da nada. Por isso que a cidade não cresce. (ADZ).

A homogeneização também é verificada na fala de GTV, quando cita o *subway*, umas das lanchonetes propagadas no mundo. Embora ele seja morador de uma das favelas do distrito Carvalho de Brito, não é estranho a ele esse tipo de empreendimento e ele considera justo desejar isso (para além da comida caseira que encontra no bairro). Ele almeja o desenvolvimento defendendo que nenhuma identidade será perdida quando esse chegar. Analisando isso, percebemos que alguns moradores caracterizavam o mundo da vida sabarense como: simplicidade, clima familiar; e outros como: molecagem, traficantes e ignorantes. Há uma diversidade de interpretações sobre a identidade do lugar, portanto, que identidade estaria sujeito ao esquecimento? Há uma identidade a se perder com a inserção do subway (e da comida

japonesa)? Acreditamos que a falta do subway não é uma questão de falta, mas de distância. Levando em consideração que Sabará vive essa *bairrificação*, os moradores não têm um *subway* próximo ao bairro mas tem há alguns quilômetros de distância, em Belo Horizonte. O que se quer, então, é a proximidade.

Essa homogeneização, reproduzida pela metrópole, também se dá na pobreza (HAESBAERT, 2007), que se expande cada vez mais em Sabará. Junto à favelização há a multiplicação do tráfico de drogas, formando o que chamamos de *Territórios do Crime de Sabará*, que irá se constituindo até o capítulo 5.

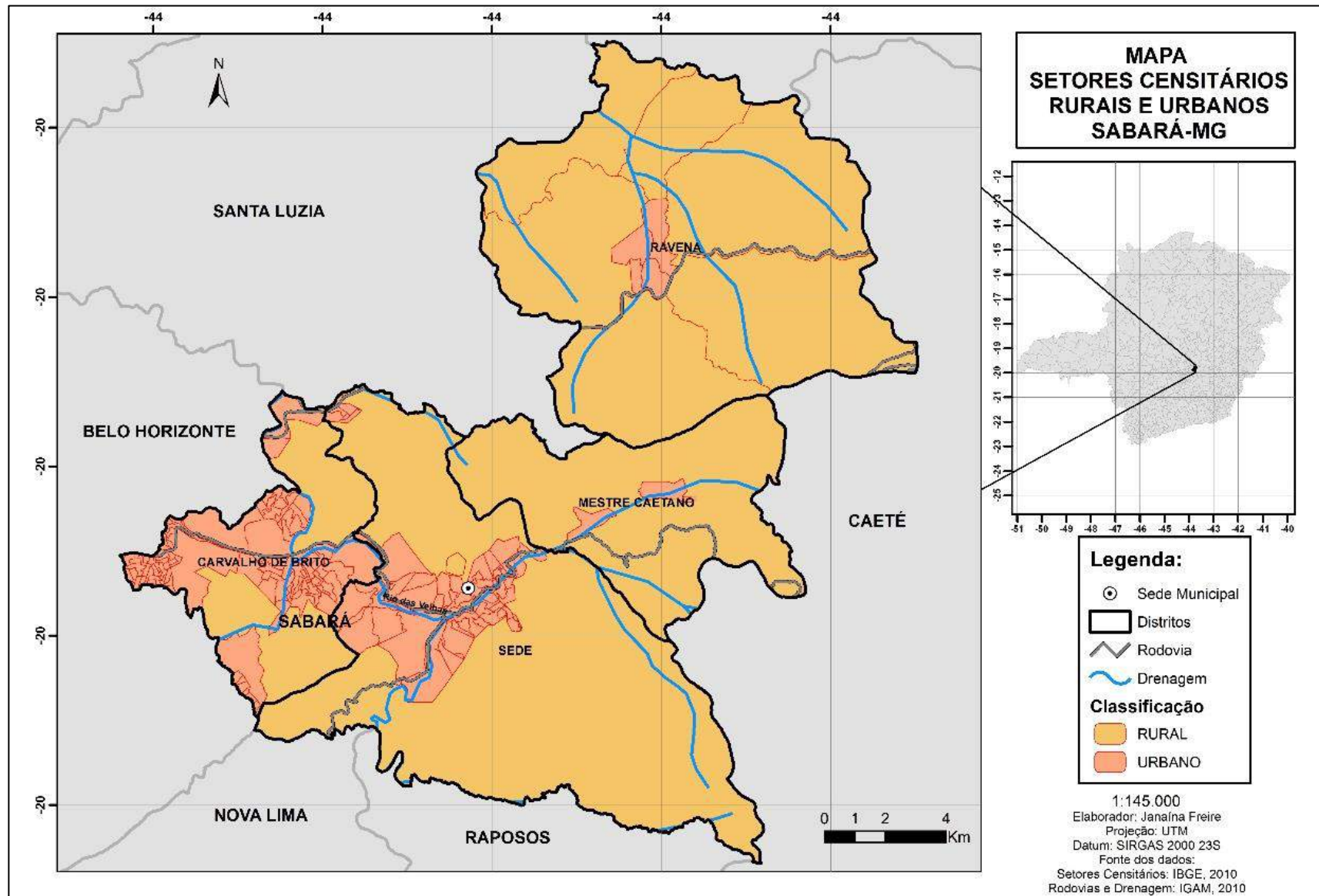
O potencial de Sabará, é o de ser, cada dia mais, um *lebenswelt metropolitano*, pelo menos, até que se descubra um mundo como possibilidade: uma outra globalização. Em síntese, as questões principais observadas no distrito de Carvalho de Brito, foram:

- Não fronteiras + Conurbação;
- Troca de centralidade entre Sabará e Belo Horizonte;
- Periferização e Criminalidade;
- Territorizações paralelas nos territórios do Crime – Sabará de Conflitos;
- “Sabará é mais pra lá” (FTM) – Sabará como o centro histórico;
- Falta de equipamentos urbanos básicos;
- Pouco pertencimento dos moradores ao lugar.

## 2.2 APRESENTAÇÃO DO DISTRITO

De quem segue de Belo Horizonte rumo a Sabará, o distrito Carvalho de Brito é a porta de entrada. É possível, contudo, adentrar em Sabará via Nova Lima, Caeté ou Santa Luzia. No primeiro caso, chega-se a Sede por uma estrada em más condições, no segundo a Mestre Caetano e no terceiro a Ravena. Para chegar ao Centro Histórico é preciso perpassar por algum desses outros distritos, visto que as barreiras orográficas e hidrográficas, e a baixa qualidade da estrada de Nova Lima, o isolam dos outros municípios. Esse fato é expressivo quando se analisa as dinâmicas dentro da cidade.

De acordo com o IBGE, grande parte dos setores censitários de Sabará são urbanos, conforme figura 12. Todavia, é fundamental elencar alguns elementos relativos a pesquisa censitária.



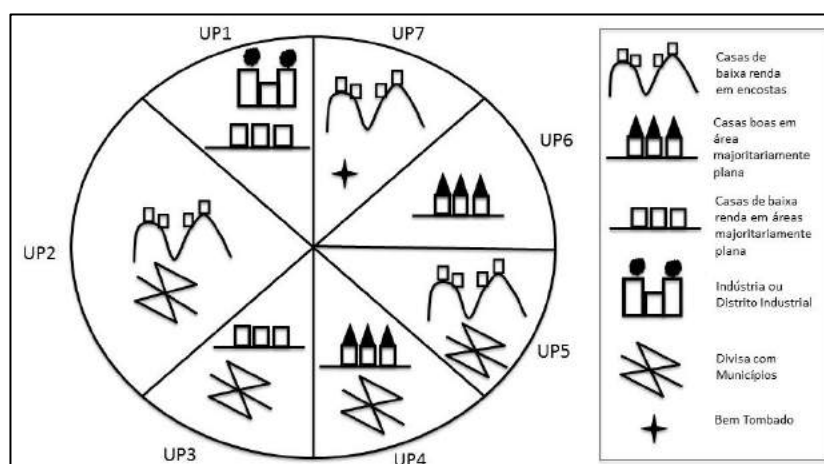
**Figura 12 – Mapa: Setores Censitários rurais e urbanos de Sabará - MG**

Fonte: IBGE, 2010. / Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Domicílios em situação urbana foram assim considerados quando inseridos dentro do perímetro urbano das sedes municipais ou distritais, previamente estabelecidos pelas prefeituras, mesmo estando em áreas claramente não urbanizadas. Essa informação é importante porque quando se observa os dados do IBGE, eles não parecem bater com a paisagem encontrada na cidade. De acordo com o censo, há apenas 3.185 pessoas, dos 123.084 moradores, em situação rural. Isso exige um esforço maior de interpretação do espaço, para além dos dados oficiais, como nos propomos a fazer.

Neste capítulo trataremos do distrito de Carvalho de Brito, onde se situam as regionais Ana Lucia, Borges, Fátima e General Carneiro. Atualmente, a população do local supera a do distrito histórico, dentre outros motivos, pela periferização acentuada. O motivo do planejamento municipal via regionais está no espalhamento delas. A primeira está a leste, a segunda e a terceira a norte, embora bem apartadas, e a quarta no centro. Embora seja um distrito muito adensado, há diversos vazios urbanos dentro dos limites distritais, abarcando setores rurais, precários e urbanos subnormais; além de algumas zonas de interesse social, ambiental, urbanístico e áreas de proteção ao patrimônio cultural (MZRM, 2004). Empreendemos uma vetorização do distrito a partir de observações da área por meio de imagem de satélite e visitas aos locais.

As áreas desabitadas, foram denominadas de áreas verdes. Além disso, vetorizamos as moradias rurais e urbanas, independentemente dos perímetros urbanos municipais (ver figura 14). Por fim, demarcamos as indústrias e os sistemas de abastecimento como a ETE Arrudas, a COPASA e o Aterro Sanitário que recebe todos os resíduos belo horizontinos. A partir da análise desse material cartográfico e da observação em campo, agrupamos os setores censitários em sete unidades de paisagem, conforme figuras 15

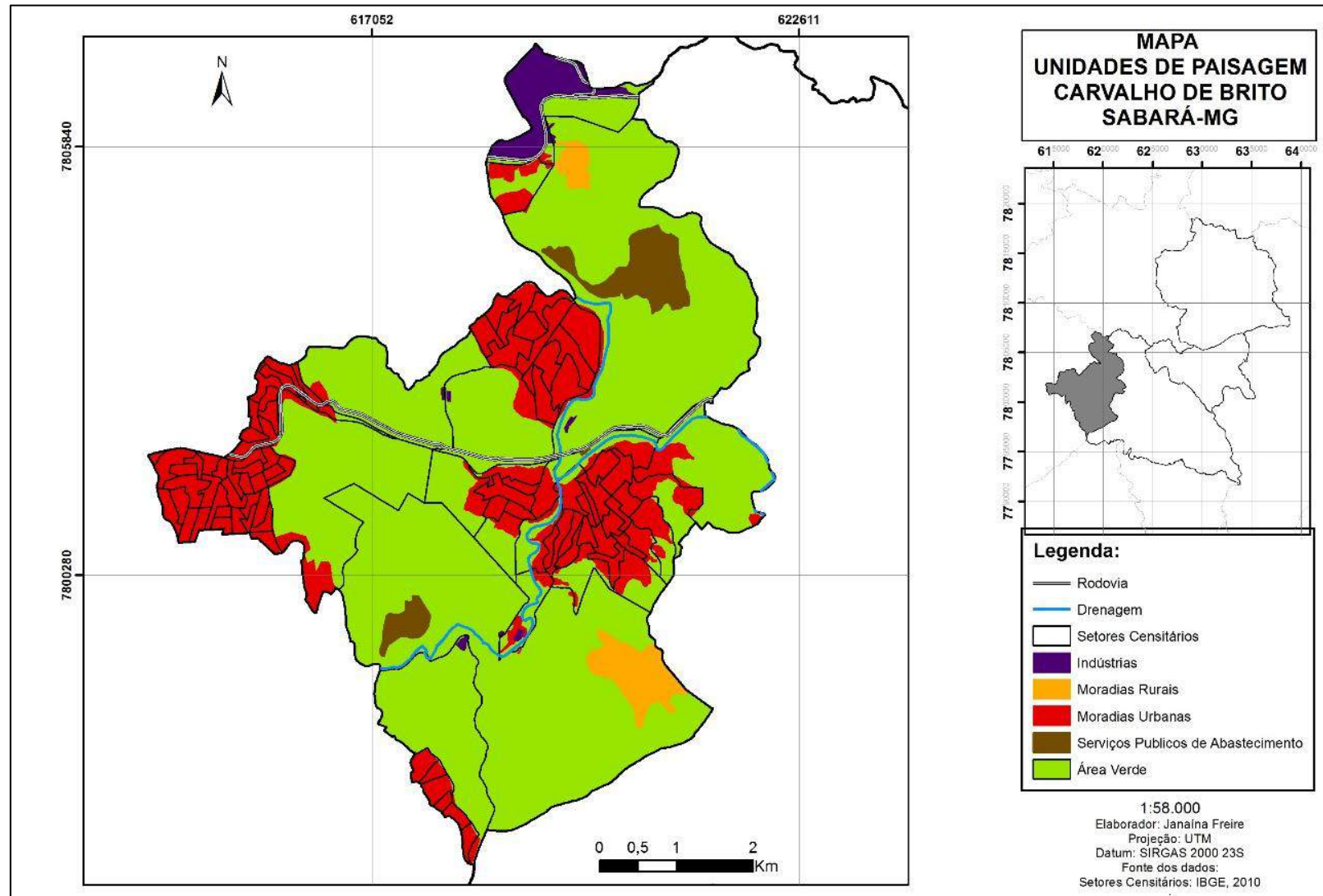


**Figura 13 - Observação Distrito Carvalho de Brito – Unidades de Paisagem**

Fonte: Elaborada pela autora.

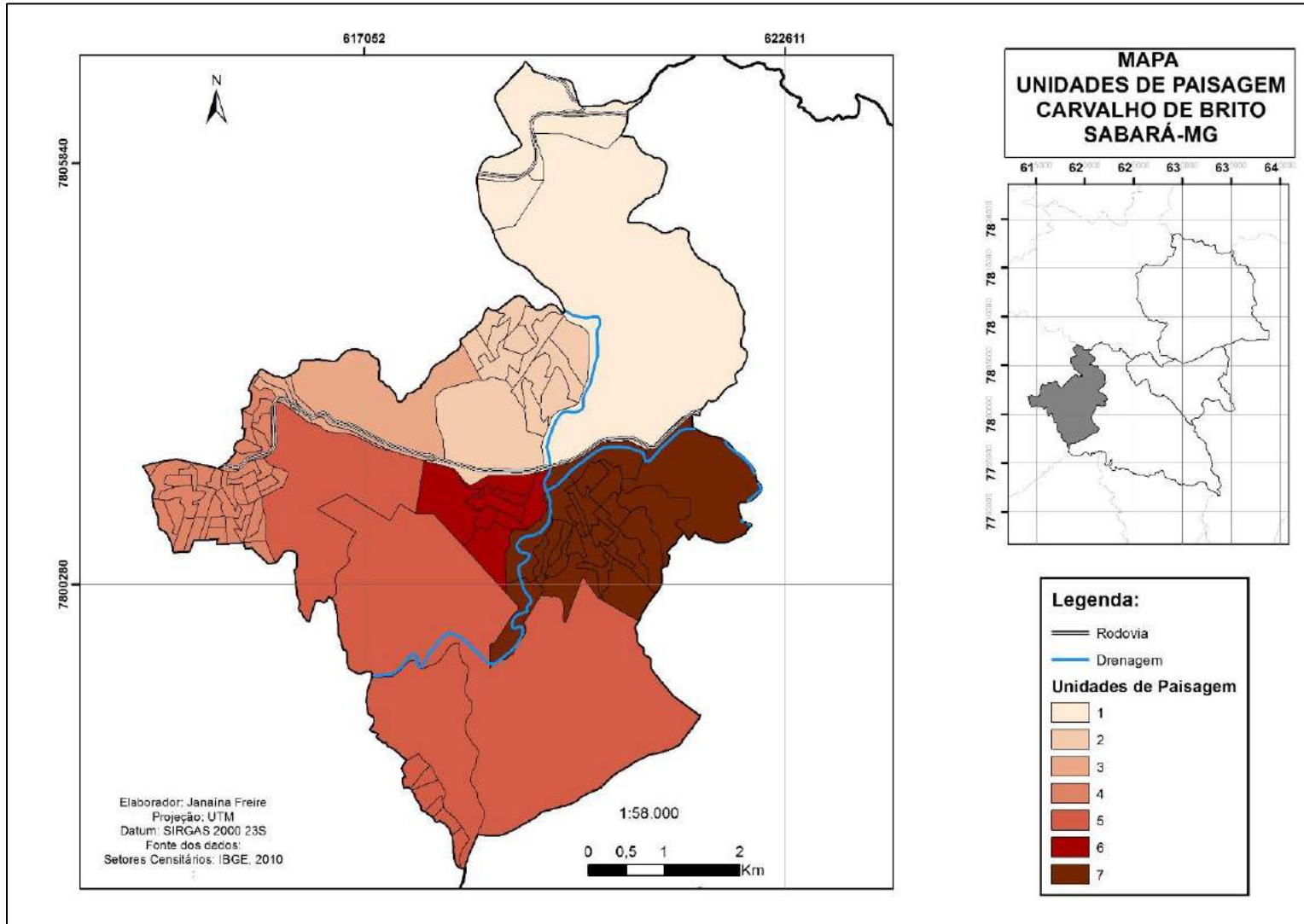
A primeira unidade de paisagem, mais ao norte, com poucas moradias, indústrias e o aterro sanitário, contempla a regional Borges. Uma segunda que abrange a regional Fátima, é uma grande massa urbana em área de declive. A terceira, é composta por ocupações de baixíssima renda na beira da MG-5, onde se encontra barracos até de papelão. Está inserida Regional Ana Lucia. A outra parte da regional Ana Lucia, a maior, constitui a quarta unidade, que tem com Belo Horizonte uma continuidade urbana, onde a avenida Contagem se revela bipolar: ora capital mineira, ora Sabará. Nessa área há bairros melhor estruturados como o Nova Vista. A quinta unidade refere-se a uma grande área desabitada com um pequeno foco urbano: o bairro Castanheiras. A sexta e sétima unidade, contemplam, respectivamente, o bairro Nações Unidas, tradicional no distrito, e a grande massa de morros urbanizados da cidade, como: Vila Rica, Vila São José, Itacolomi e Coqueiros, além da tradicional Vila Marzagão e Vila Elisa. Todos da regional General Carneiro, como denomina a prefeitura.





**Figura 14 – Mapa: Vetorização das unidades de Paisagem – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.



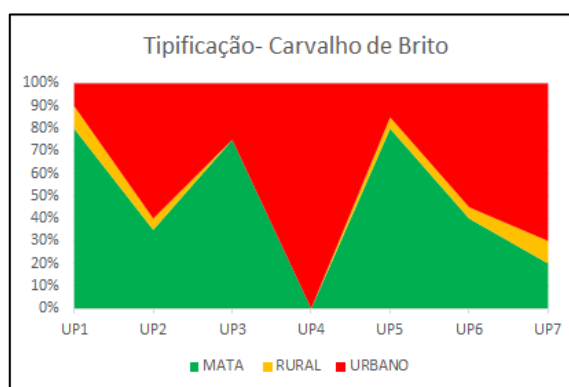
**Figura 15 – Mapa: Unidades de Paisagem – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas unidades de paisagem de 1 a 5, estão as áreas conturbadas ou muito próximas a fronteira com BH. Todas as outras fronteiras localizam-se fora do distrito de Carvalho de Brito. As unidades 2, 5, 6 e 7, com conexão intensa com BH, possuem um cotidiano particular, ligada ao tráfico de tóxicos, que explicaremos.

Analisando a área com base em três fatores: mata, rural e urbano, transferimos a análise espacial para uma análise percentual gráfica, de modo a estabelecer uma tipificação das unidades de paisagem.

**Gráfico 1 - Tipificação de áreas**



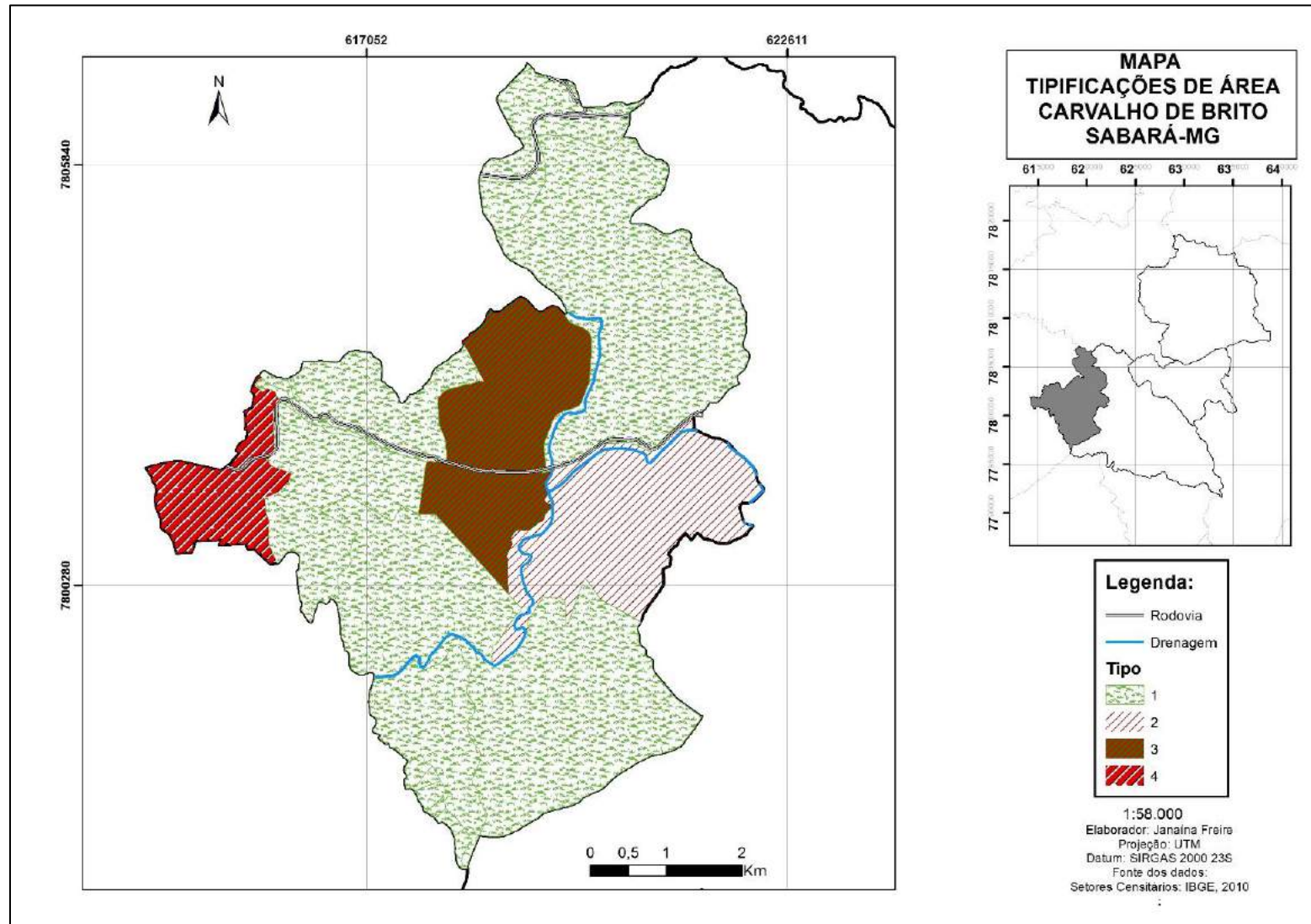
Fonte: Elaborada pela autora.

A observação do gráfico nos levou a quatro tipos principais:

- **Tipo 1** → Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão.
- **Tipo 2** → Majoritariamente espaço urbano com espaço rural discreto e matas reminiscentes.
- **Tipo 3** → Mata e espaço urbano em proporções similares com espaço rural discreto.
- **Tipo 4** → Apenas espaços urbanos.

As unidades de paisagem foram assim agrupadas, conforme figura 16:

<b>Tipo 1</b>	<b>UP 1, 3 e 5</b>
<b>Tipo 2</b>	UP 7
<b>Tipo 3</b>	UP 2 e 6
<b>Tipo 4</b>	UP 4



**Figura 16 – Mapa: Tipificações de áreas – Carvalho de Brito**

- Fonte: Elaborada pela autora.

Para cada unidade de paisagem, por meio das plantas disponibilizadas pela prefeitura, fizemos croquis básicos com uma classificação exclusiva para as áreas urbanas, inspiradas na análise feita em Ouro Preto e Diamantina por Everaldo Costa (2015)<sup>29</sup>. Definimos, portanto, as seguintes zonas urbanas dentro do município:

- **Área Urbana I:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano com comércio local e presença de municipalidade.
- **Área Urbana I.I:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano, próximo a edifícios patrimoniais, com comércio turístico e presença de municipalidade.
- **Área Urbana I.II:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano, próximo a edifícios patrimoniais, com comércio turístico e local e presença de municipalidade.
- **Área Urbana II:** Áreas com padrão construtivo de mediano a precário, com comércio local e presença mediana da municipalidade.
- **Área Urbana II.I:** Áreas com padrão construtivo de mediano a precário, próximo a edifícios patrimoniais, com pouco ou nenhum comércio turístico e local e presença mediana da municipalidade.
- **Área Urbana III:** Área com padrão (auto)construtivo de precário a subumano, com ausência de comércio local e presença deficitária ou ausência de municipalidade.
- **Área Urbana III.I:** Área com padrão (auto)construtivo de precário a subumano, próximo a edifícios patrimoniais, com ausência de comércio local e presença deficitária ou ausência de municipalidade.

Embora já identifiquemos aí as zonas patrimoniais, não nos aprofundamos nesse quesito no momento. Posteriormente a isso, na análise separada de cada unidade de paisagem, no processo de redação da tese, avaliamos as plantas de Uso e Ocupação do Solo de Sabará, buscando relacionar os diversos quesitos legais à nossa experiência com a paisagem da cidade (enquanto forma e relações humanas). Nenhum desses materiais foram acessados antes da vivência com a cidade. Nos reduzimos apenas a delimitar os setores censitários, com o intuito

---

<sup>29</sup> Everaldo Costa(2015) definiu as seguintes áreas residenciais: Área Residencial de nível I: predominância de uso; próximo a áreas que concentram instituições educacionais, comércio e lazer; qualidade de vida superior a outras áreas da cidade;elevado padrão construtivo; ou, ainda zona homogênea do estilo ‘patrimônio’

Área Residencial de nível II: uso residencial equilibrado a outros usos; bom comércio local, mas dependente de outras áreas da cidade; alguns equipamentos de educação e lazer; médio e elevado padrão construtivo. Ainda, na área de tombamento, são residências em zona híbrida ou em zona homogênea ou ‘estilo patrimônio’

Area Residencial nível III: Predominância do uso; precário ou inexistente atendimento e comércio, lazer, educação e serviços; de médio a baixo padrão construtivo; ou, ainda zona ‘híbrida’ do estilo patrimônio, na área de tombamento.

Area Residencial nível IV: Predominância do uso; o ‘morar’ se desempenha de forma não desejada e não própria para a vida digna; baixíssimo padrão construtivo.

Area Residencial nível V: Uso residencial existente porém não prevalente em relação a outros usos, na área homogênea do ‘estilo patrimônio’

de cálculo da amostra dos questionários e como um roteiro para a visitação da cidade.

Após esse preâmbulo, começaremos a dissecação das unidades de paisagem do distrito Carvalho de Brito, levando em consideração os quesitos já mencionados de forma e funcionalidade, além dos ritmos, redes e relações. No que concerne aos principais eventos do distrito, determinamos os seguintes períodos históricos, conforme nos contado pelos moradores:

1. **Chegada de fábricas e redes de transporte para atender a demanda comercial e a fundação da nova capital mineira, em finais do século XIX e meados do século XX** → Eventos marcantes desse período foram a formação e crescimento da Vila Marzagão que era referência não apenas regional, mas também nacional e a fundação de Belo Horizonte. Ambas impulsionaram o transporte ferroviário, rodoviário e a ocupação nessa zona de Sabará. Com as estações ferroviárias de Carvalho de Brito e General Carneiro, o atual distrito de Carvalho de Brito ligava-se a Belo Horizonte e Nova Era. De BH, havia interligação até Monte Azul, Pirapora, São Paulo e Cabo Frio; e de Nova Era até Vitória.
2. **Crise no século XX** → A crise industrial que atingiu diretamente a Vila Marzagão, impactou em toda a dinâmica do atual distrito. Nesse momento, evidenciou-se dois processos opostos: o abandono de Sabará gerado pela falta de emprego e o início do parcelamento de glebas para moradias urbanas, por conta do esvaziamento das antigas moradias da vila operária. O sistema ferroviário foi abandonado e grande parte das edificações ligadas a ele foram destruídas, ao mesmo tempo em que o sistema rodoviário se fortalecia. Houve uma reconfiguração do território Sabarense e localidades que pertenciam a Belo Horizonte, Santa Luzia e Caeté, passaram à gestão da prefeitura sabarense. Esses limites perduram.
3. **Consolidação da grande BH, na forma de uma região metropolitana** → Iniciou-se o processo de loteamento de terrenos sabarense para novas moradias, além do avanço irregular de casas de baixa renda. Ao mesmo tempo em que aos finais do século XX houve uma modernização da área com a inserção de energia elétrica, água, pavimentação e saneamento básico, os bairros sofreram muitos impactos, como a aglomeração em áreas de risco cada vez mais intensas. A abertura de rodovias melhores não aprimorou o transporte público que continua excludente e voltado a Belo Horizonte. Há uma intensificação do protestantismo, em substituição ao catolicismo dentro dos bairros. Sabará se constitui como um município precário e preocupante, sem unidade identitária.

### 2.3 ÁREAS DE (NÃO) FRONTEIRA – DE MUNICÍPIO MÃE A MUNICÍPIO FILHA

Me pediram pra atravessar  
Pra atravessar, a fronteira  
Mas atravessar, era passar  
Com um caminhão, uma tonelada de besteira  
(O Rappa)

Em Sabará nasceram pioneiras ocupações dos sertões mineiros. A partir de Sabará, nasceram outras tantas. Foi Arraial, Vila, Comarca e importante território para as Capitánias que esteve inserida. Sabará foi mãe da capital mineira, que das suas trilhas, serviços, mão-de-obra e produtos, se consolidou. Belo Horizonte, ainda menina, era uma filha leal. Mas o Brasil deixou de ser aurífero, como nos tempos das glórias sabarenses. A urbanização brasileira intensificou-se e as migrações também. Indústrias entraram em crise, patrimônios foram destruídos e talvez, a essência do que era Sabará também tenha se esvanecido. Talvez. A primorosa e lucrativa cidade do Rio das Velhas, tornou-se sombra da filha que gerou. “Parece que Sabará estagnou”, foi o que nos disse BA, nos arredores da Igreja Nossa Senhora do Ó. De centro, Sabará transfigurou-se em periferia. De colorida, em cor de tijolo. De próspera, em precária. “Existe um ditado que diz ser impossível colocar Belo Horizonte dentro de Sabará. Mas houve um tempo em que a tímida Belo Horizonte era completamente dependente das cidades vizinhas” (COSTA, 1997, p.21).

Uma coisa não mudou: é palco de conflitos e provedora. Sabará sempre proveu algo a alguém, que fosse a metrópole, o império ou mesmo a capitania. Além disso, os sabarenses estiveram, desde os prenúncios de sua formação, atualizados aos movimentos mundiais de comércio e economia. Hoje é dormente - vegetativa. Se existe uma essência de Sabará, é preciso busca-la, acreditando (porque se quer muito acreditar) que há uma raiz viva por ali, que lhe permita crescer de um modo inteiramente distinto do que tem crescido, com fluxos não escravizados por Belo Horizonte, sem pontos cegos e com uma identidade territorial *sui generis*. Mas não apressemos o passo.

Segundo o zoneamento metropolitano (2011), mais de 50% da população vive em situação precária. Em nenhum outro distrito isso é tão evidente como em Carvalho de Brito. O roteiro que percorreremos ao longo do capítulo 2, não deixará dúvidas de que, não importa como se queira chamar: comunidade, área de interesse social, aglomerado subnormal ou favela, “Sabará não é, nem de longe, o que se espera encontrar em uma cidade histórica” (VNA). Vide os cartões postais, que ignoram a existência dessa Sabará.

Sabará de verdade é a quase 9 km da minha casa, o começo de Sabará, Sabará, que as pessoas veem como Sabará. E...passou ali daquela construção branca e azul do informativo para os turistas, daí já é Sabará. Aí já começa jabuticabas, aquela coisa

mais de cartão postal. (GTV).

Dos limites de Belo Horizonte à casa de turismo, a Sabará barroca, colonial, não dá quaisquer sinais de existência. É como estar em uma outra cidade, ou em “um bairro de Belo Horizonte”, não apenas pela mudança paisagística, mas pela própria legitimação dada pelos órgãos de planejamento e de cultura.

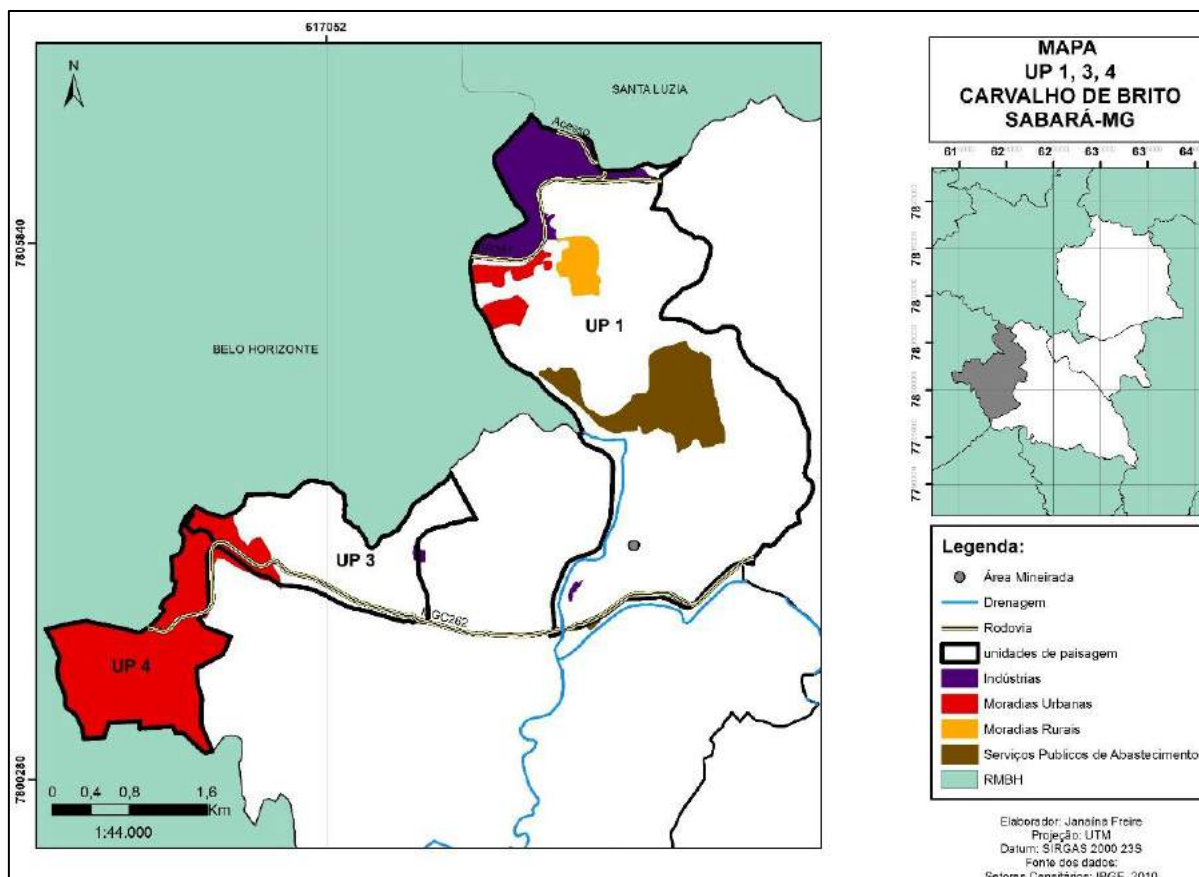


**Figura 17 - Posto de atendimento do turista – Sabará - MG**

Fonte: Janaína M Freire G Felipe.

Nesse primeiro subcapítulo discorreremos sobre as unidades de paisagem 1, 3 e 4. Embora as unidades 2 e 5 também sejam áreas de fronteira, possuem uma particularidade que será melhor desenvolvida no próximo tema. A UP 1, refere-se a zona industrial Simão da Cunha e aos bairros Borges, Jardim dos Borges, Borba Gato, São Rafael e Amélia, que ultrapassaram os limites do distrito sede. As unidades 3 e 4 integram os bairros como Ana Lucia, Bom Retiro, Nova Vista, Alvorada e Nova Alvorada.

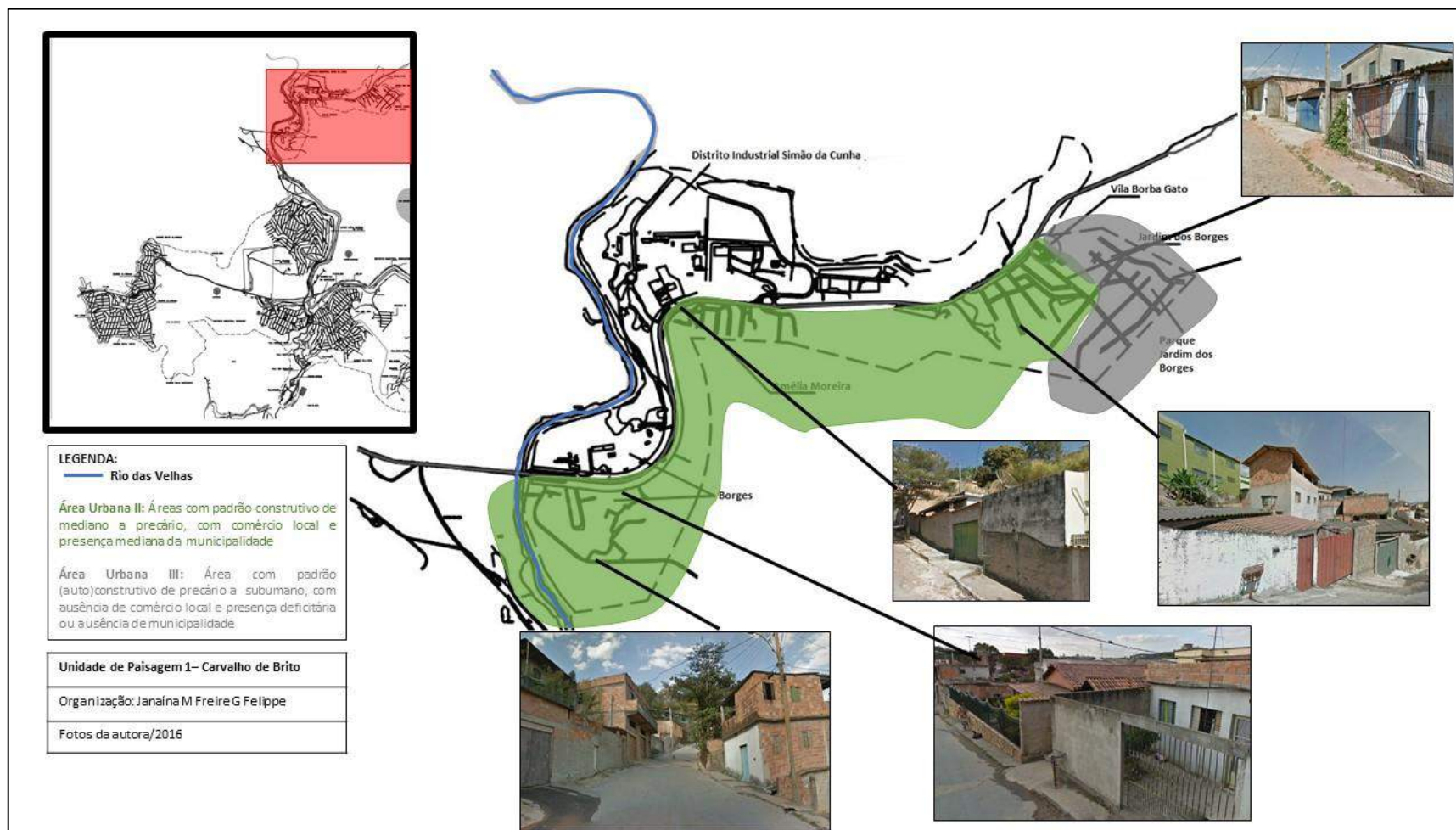




**Figura 18 – Mapa: UPs 1,3,4: áreas de fronteira**

Fonte: Elaborada pela autora.

A UP1 se localiza as margens da BR 381, fazendo divisa com Belo Horizonte e Santa Luzia. As ocupações urbanas nessa área, a meio século atrás, eram todas de adobe e pau a pique, como nos contou FRN. A chegada do distrito industrial Simão da Cunha, na década de 90, deu novo gás ao local, que nasceu de Belo Horizonte, às margens da rodovia do aço - importante trecho rodoviário que liga Minas Gerais ao Espírito Santo. Com a alocação das indústrias, o adensamento populacional aumentou consideravelmente. Grande parte das ocupações, contudo, se deram de forma irregular, por isso muitos moradores reclamam da ausência de escritura. Foram aplicados 34 questionários no local, com 55% de participação feminina e 45% masculina. Os moradores demonstraram não ter qualquer relação com o centro de Sabará, contatando a prefeitura apenas em reivindicações, que, de acordo com FRN, demoram muito (anos, as vezes décadas) para serem atendidas.



**Figura 19 - Croqui UP 1 - Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

A região não conta com nenhum ônibus no sentido centro de Sabará, ainda que parte da habitação já esteja inserida na Sede. Portanto, é preciso ir pra BH e pegar outra condução para o centro da sua própria cidade. Por outro lado, tem ônibus para o Centro de BH, São Gabriel e Contagem.

Essa UP está situada próxima ao rio das Velhas e classificada como tipo 1: “Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão”, justamente porque as ocupações restringem-se a proximidade com o distrito industrial, o rio das velhas e a rodovia, onde também passa um trecho do trem da Vale que escoar os produtos.

No geral os bairros têm uma estrutura com padrão construtivo mediano, com um comércio pouco fortalecido e presença de municipalidade escassa. Os moradores locais empreendem muitas lutas para as conquistas, que, possivelmente, não aconteceriam se se tratasse de uma população menos ativa.

Na ocupação mais a leste, o Jardim dos Borges, encontra-se uma área mais precária, com ocupação recente e mal estruturada, contudo, é um tipo de assentamento consolidável em grande parte da área, basta uma intervenção efetiva, que considere a proximidade de rodovias e ferrovias como um fator base do local. Esta área foi classificada como de Interesse Especial (AEIS) pela lei de Uso e Ocupação do Solo. Grande parte das casas estão com tijolo aparente, dando uma característica típica de ocupações irregulares de baixa renda. Há carência de água, coleta de esgoto, lixo e pavimentação. Além disso, as vias não têm calçamento em toda sua extensão, o que dificulta a acessibilidade. Nas proximidades há duas escolas municipais, contudo, para o ensino fundamental II e ensino médio, os moradores precisam buscar escolas estaduais nos bairros Ana Lucia e Nova Vista.

Para a população economicamente ativa do local, Sabará é uma cidade dormitório, apenas um CEP nas cartas. Grande parte dos moradores alegaram ficar na cidade apenas no final do dia, tendo uma relação muito mais próxima com Belo Horizonte. Essa realidade não é exclusiva dessa unidade de paisagem. Todos os locais estudados em Sabará, absolutamente todos, demonstram uma dependência com a capital mineira. Um relato da ADZ, da Sede, revela isso:

Pra mim, eu trabalho em Belo Horizonte, então eu vou e volto todo dia. Pra mim é vinte minutos, meia hora. Pra tudo...você vê, agora to chegando do médico com a minha filha, fui levar no oftalmologista. Tudo a gente resolve lá. Você leva aqui e não acha nada, não tem nada, não faz nada, então a gente vem pra dormir né? (ADZ).

Essa *bairrificação* de Sabará, como uma periferia que busca nos centros de BH os recursos necessários, é uma nova interpretação para o que tem sido denominado como cidade dormitório. A metropolização não cria cidades dormitórios, mas bairros dormitórios, como o

são aqueles inseridos no perímetro da cidade. Isso envolve questões ligadas as relações de trabalho que impõem ao trabalhador uma rotina intensa fora do lar, alcançando parte considerável da extensão diária. No caso brasileiro, onde grande parte do território tem um brilho solar médio de 12h ao longo de todo ano, a casa é muitas vezes habitada apenas a noite, o que intensifica ainda mais essa interpretação de dormitório. Segundo CSL: “[as pessoas] vão muito pra Belo Horizonte, grande parte trabalha em Belo Horizonte. É uma forma de ocupar perto de Belo Horizonte também. 90% aqui trabalha em Belo Horizonte”. Além do trabalho, as atividades de lazer também são buscadas em Belo Horizonte como festas, bares, shows, etc, conforme relataram alguns moradores.

Discorreremos agora sobre as unidades de paisagem 3 e 4, que estão inseridas na regional Ana Lúcia e constituem bairros como Bom Retiro, Alvorada, Nova Vista e as ocupações irregulares do Novo Alvorada e Barraginha. De acordo com VNA, os bairros daquela área foram crescendo a partir de Belo Horizonte. A sua casa, por exemplo, no Nova Vista, que é uma antiga da região, foi construída em 1963. O Ana Lucia é resultado de um loteamento estruturado que ela viu começar quando criança e ainda morava no lado de BH. Por ter surgido a partir desse planejamento, é um bairro bem mais organizado do que o que mora, que ainda assim, é um dos melhores da área.

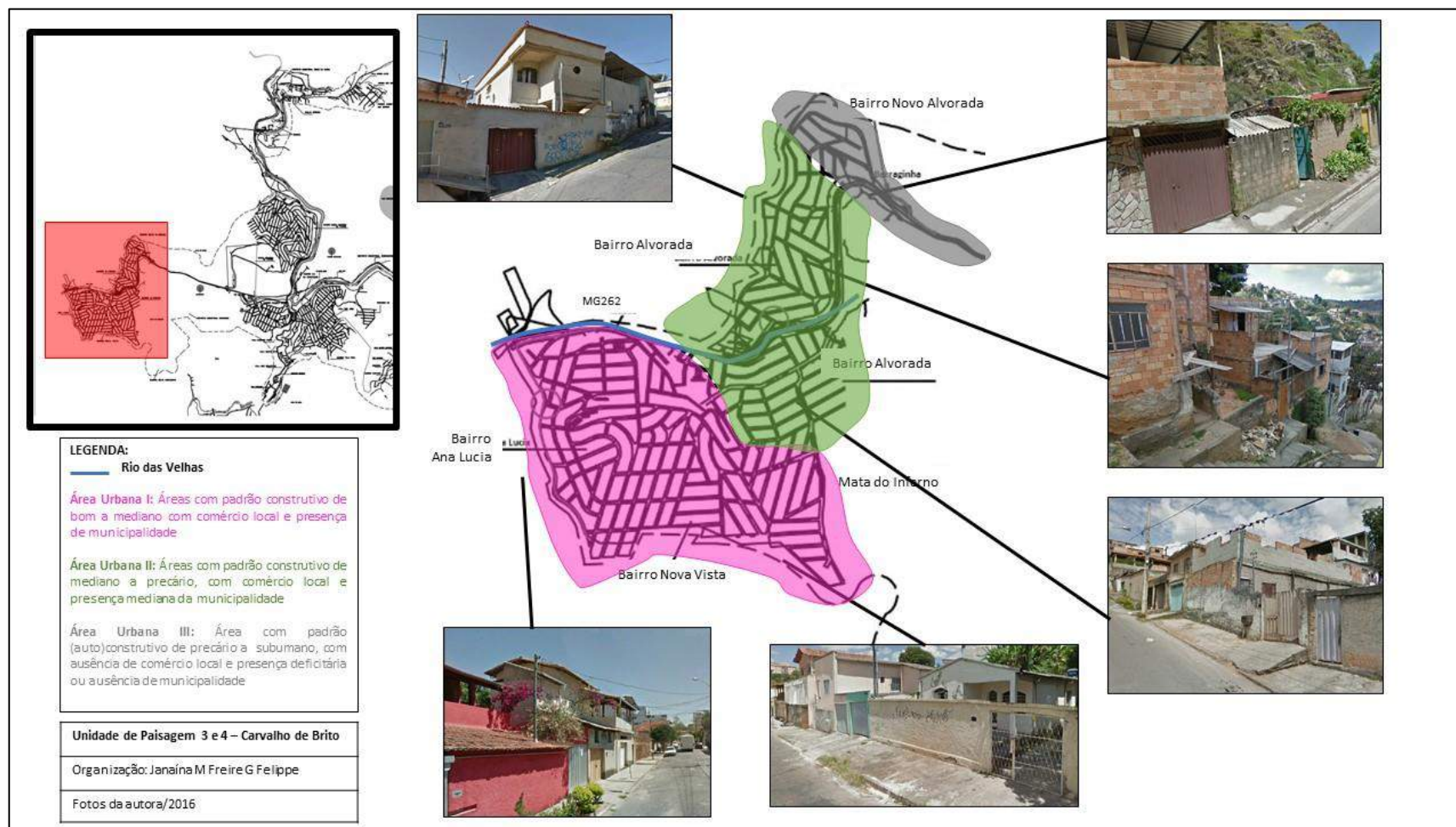
No Nova Vista tem um pouco mais o sentido de comunidade, da convivência comum que é o que a palavra quer dizer. No Ana Lucia, é um pouco diferente porque o Ana Lucia é um bairro mais elitizado, as pessoas se conhecem menos, tem menos essa convivência de vizinhança que existe Nova Vista, onde eu moro. Nova Vista tem bem mais isso (...). A gente pode contar sempre uns com os outros. (VNA).

O bairro Nova Vista tem uma brisa agradável que corta as ruas pouquíssimo verticalizadas. Algumas casas são realmente grandes e outras mais modestas. Todas têm revestimento e grande parte possui fachadas pintadas. Alguns quarteirões são mais acidentados do que outros, mas todos possuem calçamento e pavimentação. No geral, o bairro é silencioso e agradável. Mais perto da avenida Contagem, os comércios tomam conta e carros de som e vendedores ambulantes começam a se espalhar. Como nos disse VNA, de um lado da Contagem é Sabará e do outro Belo Horizonte, visto que o IPTU é mais barato do lado sabarense, grande parte dos bancos e principais comércios ficam ali. Mas para muitos que trafegam naquela via, os dois lados são Belo Horizonte, como nos foi respondido por diversos transeuntes, embora haja uma placa próximo a um shopping que indique o contrário. O visual da avenida é claramente belo horizontino. Não há, em toda Sabará, nenhuma via similar a ela.



**Figura 20 – Foto da avenida Contagem**

Fonte: Elaborada pela autora.



**Figura 21 - Croqui UP 3 e 4 - Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

O bairro Ana Lucia tem quarteirões maiores, que abrigam grandes casas e prédios de até cinco andares, alguns bem novos, o que indica a substituição de casas por edifícios. Foi classificado, juntamente com o bairro Nova Vista, como Zona Urbana I, visto que os padrões construtivos variam de bom a mediano com comércio local bem fortalecido na avenida Contagem, e presença da municipalidade no que tange a pavimentação, energia elétrica, água e transporte público. Toda essa área está inserida na UP 4, assim como o bairro Alvorada, que já apresenta um processo de decadência, quando se percorre suas ruas. Claramente, quanto mais longe da avenida Contagem, maior o déficit habitacional, chegando a uma paisagem com tijolo aparente em quase todas as residências. Por isso, essa outra área foi classificada como zona urbana II. Além da morfologia comprometida, quase não tem comércio e o transporte público é deficitário. A UP 3, se forma pelo prolongamento do bairro Alvorada e das ocupações na BR 262, constituindo o Barraginha e Nova Alvorada, dois fluxos de adensamento que já se encontraram. Quanto mais próximo à rodovia, pior são as características físicas da invasão<sup>30</sup>. Passa entre as moradias, o córrego Malheiros, que já se tornou um esgoto a céu aberto. Esse trecho foi classificado como Zona Urbana III pela intensa precariedade das moradias.

Quem entra em Sabará através do Anel Rodoviário, encontra essa paisagem nas margens da rodovia. Já quem entra pela Avenida dos Andradas, é o bairro Castanheiras (ainda mais crítico), na UP5, que recepciona o visitante. Falaremos dele mais adiante.



**Figura 22 – Composição Fotográfica - MG5 Sabará**

Fonte: Elaborada pela autora.

A criminalidade a partir do bairro Alvorada, é motivo de incômodo para a população dos bairros na Zona Urbana I. Alguns moradores relataram que até pouco tempo as portas das

<sup>30</sup> De acordo com VASCONCELOS (2013, p.30), invasão é “uma apropriação ilegal de terras públicas e privadas, sobretudo daquelas com disputa judicial”

casas ficavam abertas, mas que, atualmente, é preciso trancar com mais de uma chave para garantir a segurança.

A gente ali na pracinha da regional, quando determinada hora que eu passo, mais tarde, voltando de alguma reunião ou de alguma festa, eu que passo direto pra preservar a minha família e a mim porque se a gente olhar muito até marcam a gente né? Mas é normal como tem em toda cidade grande. (VNA).

Ao referir-se a Sabará como Cidade Grande, VNA já a assume como uma continuidade Belo Horizonte. Especificamente na área onde mora, Nova Vista, a dinâmica belo horizontina começa oficialmente do outro lado da avenida principal. Não é preciso ônibus para adentrar em territórios alheios, basta poucos metros de caminhada. Contudo, na prática, a dinâmica belo Horizontina já está presente em seu local de moradia. Inclusive, alguns residentes relataram que, até pouco tempo, só recebiam cartas com o CEP de Belo Horizonte e que, atualmente podem escolher usar este ou o de Sabará. Afinal, que real fronteira existe entre as duas cidades?

## 2.4 VILA MARZAGÃO – RESQUÍCIOS DE UMA COMUNIDADE

*Convidou consigo a Sinhá, comprando-lhe passagem para aquele intato lugar, empregou-a também na fábrica de Marzagão. Sobre os anos, foi pois quem dela pode testemunhar o verossímil(...).Moraram numa daquelas miúdas casas pintadas, pegada uma a outra, que nem degraus da rua em ladeira, que a Sinhá descia e subia, às horas certas, devidamente, sendo a operária exemplar que houve, comparável às máquinas, polias e teares, ou com o enxuto tecido que ali se produz(...).  
("Sinha Secada" Guimarães Rosa)*

Realizamos uma caminhada de reconhecimento com o senhor CNR, de modo a entender melhor a dinâmica do local. Nos encontramos com ele as 7h da manhã, para conhecer toda sua rotina diária. Ele vive em uma das antigas casas geminadas de dois andares que estão com sérios problemas estruturais e muito desgaste nas fachadas. Por ser a casa da ponta com um razoável espaço para o próximo bloco de casas, que hoje está praticamente desabitado pela condição ainda mais precária, ele construiu um prolongamento para a criação de vacas leiteiras. O boi negro, Charuto, reina no meio de tantas vacas e bezerros.

Depois da ordenha, que foi cuidadosamente calculada entre o balde e a necessidade do bezerro, foi a hora de colocar o leite para coalhar. Com o que consegue de leite ele produz dois queijos por dia, que vende a vinte reais cada. Tomei um café da manhã com ele e sua esposa e seguimos para levar a boiada a pastar. O descampado acima da antiga vila é de uma beleza sem



igual. Pode-se ver todo o distrito e Belo Horizonte. Identificamos a usina, o aterro sanitário de Macaúbas, a Estação de Tratamento de Esgoto, General Carneiro e arredores, bairro castanheira e a atual ferrovia da Vale, que tem Sabará como cidade de passagem. Com a ausência de chuva o pasto estava seco o que as vezes requeria que percorresse maiores distâncias, como me explicou. Durante o dia CNR me explicou que aquelas terras, que vivem sem documento, pertencem a União Rio Empreendimentos, antigo grupo Carvalho de Brito, com sede em Belo Horizonte. Posteriormente, confirmei essa informação. A empresa destruiu quase todas as casas que existiam, permanecendo apenas as que não foram totalmente desabitadas. Com a chegada do grupo Kabana, que comprou o antigo depósito (e são os únicos a possuírem documento de proprietários), a comunidade pouco instruída, recebeu apoio para lutar pelos direitos, e em 2004 conseguiram o tombamento pelo IEPHA, que freou as demolições, mas não alterou em nada a estrutura das edificações. Em entrevista a dona do Kabana, conhecemos a luta que travaram pelo patrimônio, pois foi preciso, antes de tudo, tomar posse da propriedade, que incluía convencer os outros moradores das suas boas intenções.

A União Rios, como explicou CNR, cobra um aluguel mensal de R\$74,00 contudo, a maioria das famílias não paga. Eles relataram muita insegurança em relação a isso, pois nunca recebem esclarecimentos satisfatórios. Temem que, caso não paguem, percam a moradia e caso continuem pagando, percam o direito ao uso capião, que demonstram total desconhecimento sobre o funcionamento. A figura a seguir é um recibo de pagamento recebido pela empresa, referente a quantia de dois alugueis, pois também paga para a filha que vive na casa ao lado.

UNIÃO RIO EMPREENHIMENTOS S. A. CNPJ 21.888.052/0001-16		RECIBO DE ALUGUEL	
[REDACTED]		REGISTRO Nº	
R. CARVALHO Nº 08		[REDACTED]	
Cidade: <u>SABARÁ</u>		RECEBEMOS	
ALUGUEL R\$ <u>142,00</u>	B. HTE. <u>01, 09, 16</u>		
MULTA R\$ _____	[REDACTED]		
OUTROS R\$ _____	[REDACTED]		
TOTAL R\$ <u>142,00</u>	[REDACTED]		

**Figura 23 - Recibo de aluguel**

Fonte: Elaborada pela autora (2016).

“Esse terreno todo aqui, tudo a gente tem muitos e muitos anos que eu cuido dele”, disse CNR, que relatou estar na região a trinta anos. Seus três filhos são nascidos no Marzagão. Na caminhada, passamos pela igreja e por diversas outras casas. Algumas estavam melhor acabadas

e outras apenas acabadas. Nos tempos áureos, funcionavam escolas, grupo escoteiro, escolas de samba e fanfarra e muitas outras atividades educativas. Ainda que fosse costume trabalhar 12 horas seguida, com um breve intervalo de almoço, construiu-se um caráter comunitário, como relata Jair Lopes (2001).

A fábrica de tecidos de Marzagão foi construída pela Companhia Industrial Sabarense em 1878. Neste período, muitas indústrias têxteis vinham sendo criadas em Minas Gerais. Contudo, a fábrica demorou algum tempo para tornar-se importante e ganhar visibilidade, saindo da sétima maior fábrica para a terceira. Em 1915, Dr. Manoel Tomaz Carvalho de Brito assumiu o controle da fábrica, dando a ela um verdadeiro progresso. Ao seu redor, edificou uma cidade com grande contingente populacional e boa estrutura urbana. Além das casas de família, havia vendas, bares, cinema, pensionatos, médicos, padaria, açougue, olaria, campo de esporte com piscina, etc. Uma verdadeira Vila.



**Figura 24 - Vila Marzagão**

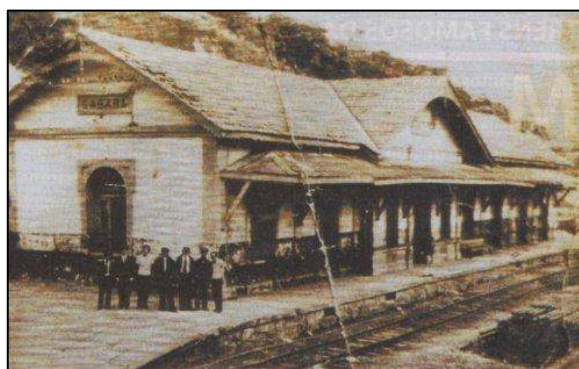
Fonte: Arquivo do Centro de Memória do Sistema FIEMG./ Acesso em: 2016.

Toda essa estrutura habitacional ficava junto a fábrica, na Vila Marzagão, enquanto que a elite, composta por familiares e funcionários de alto nível, viviam do outro lado do rio, na Vila Elisa.

Para o crescimento da produção de algodão, Carvalho de Brito trouxe alguns aprimoramentos, um deles foi a construção de uma usina para atender diretamente a fábrica, que até hoje existe e está em pleno funcionamento. Contudo, é importante registrar que, antes da sua chegada, a fábrica já detinha uma condição bem mais apropriada de crescimento, por conta da construção do Ramal BH ligado a Estrada de Ferro Central do Brasil, antiga Estrada de Ferro Dom Pedro II, que teve seu nome alterado após a proclamação da república. A Comissão Construtora da Capital, precisava drenar os mantimentos necessários para construção

de Belo Horizonte, que vinham do porto do rio, e a fábrica necessitava escoar seu algodão de maneira mais eficiente. Assim, em 1894, parte das terras do Marzagão foram cedidas a comissão, e a estação de General Carneiro foi edificada. Até então Sabará contava com apenas uma estação na região central da cidade, um braço que levava até Nova Era. A estação de Sabará foi fundada apenas em 1891, como anuncia o jornal “A Folha Sabarense”:

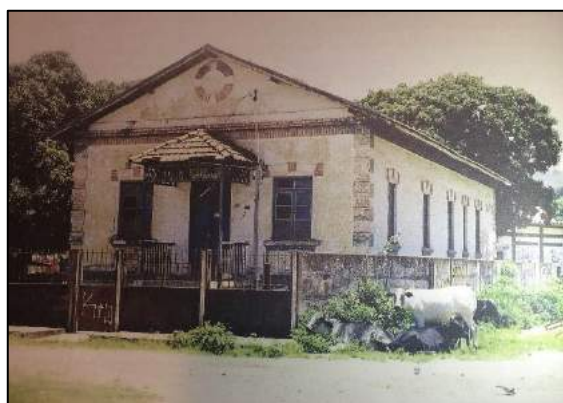
Por ocasião da inauguração das estações Rapozos e Sabará, uma comissão popular tomou a si os festejos dessa inauguração (...). [A estrada de ferro] tem feito todos os esforços que, não podendo esses festejos serem feitos imponentes e luxuosos, sirvam eles ao menos de regozijo do povo sabarense pela inauguração das referidas estações. (FOLHA SABARENSE, 22/02/1981).



**Figura 25 – Foto estação de Sabará**

Fonte: Núcleo de Comunicação da Prefeitura de Sabará./ Acesso em 2016.

Com o levantamento da estação de General Carneiro, tem-se o registro da primeira casa construída fora do perímetro da vila, que pertenceria ao agente da estação.



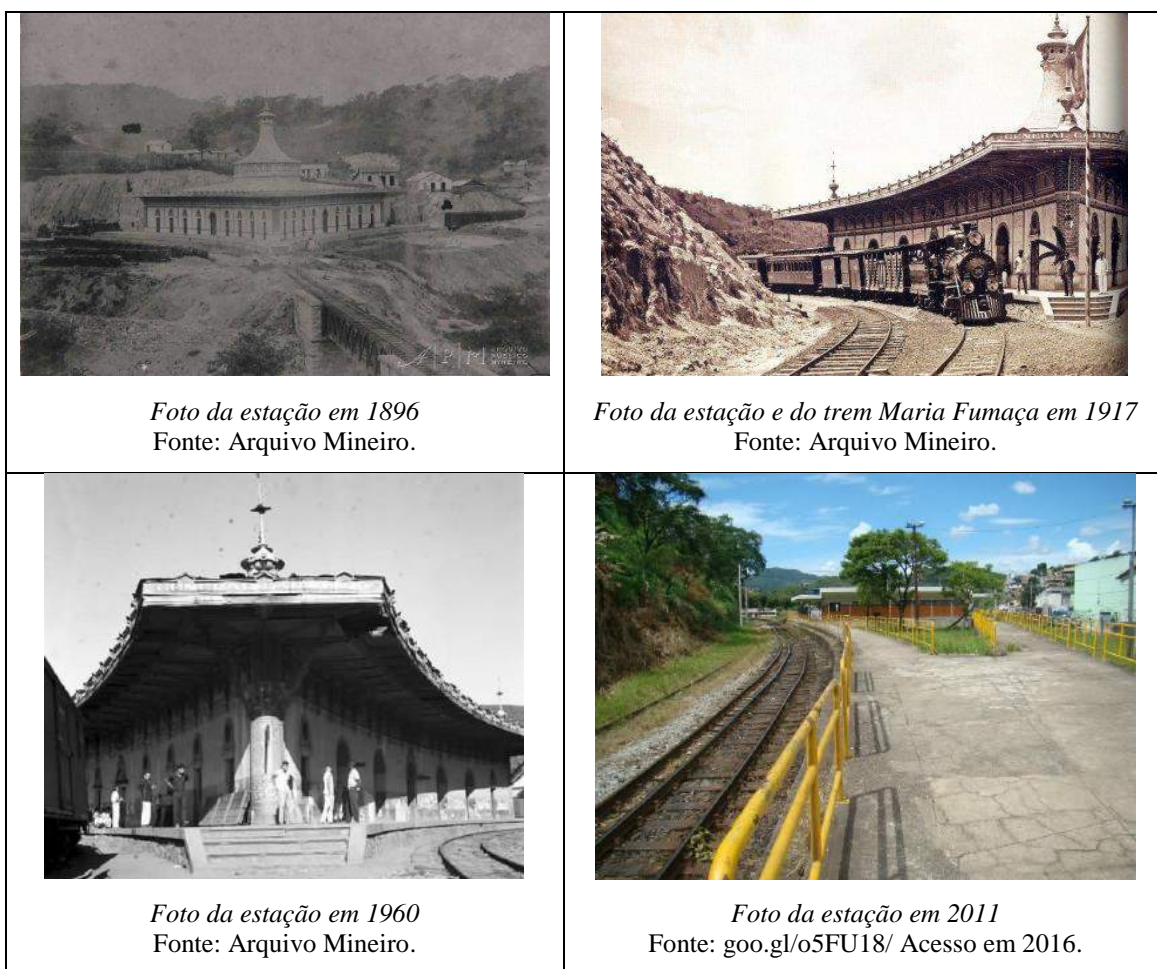
**Figura 26 – Foto casa em General Carneiro**

Fonte: Clarice Libânio (2008).

A estação foi erguida na foz do ribeirão Arrudas, em seu encontro com o Rio das Velhas. Pelo formato do local, planejaram um prédio triangular de grande imponência. O Ramal Belo Horizonte foi aberto em abril de 1895 e seguia da praça Rui Barbosa até a estação de General

Carneiro que foi inaugurada provisoriamente nesse mesmo ano, mas só ficou totalmente pronta dois anos depois. “Sabará contribuuiu imensamente para os trabalhos da Comissão Construtora e para a população em geral, fornecendo materiais, mão-de-obra, animais de traço e serviços (...)” (LIBANIO, 2008, p.28).

A estação foi demolida em 1960 para a construção de uma edificação mais moderna que funcionou até 1990. A retirada do predio foi a extinção de um lugar de convivência frequente, como nos relataram alguns moradores.



**Figura 27 – Composição Fotográfica - Estação General Carneiro**

O Ramal BH foi interligado a Central do Brasil em 1899, mas somente comprado pela companhia em 1907. Posteriormente, passou a ser chamado de ramal Nova Era (antigo São José da Lagoa). Em 1919, o Ramal ganhou a estação siderúrgica, que parava em frente a Belgo Mineira, proximo ao bairro Nossa Senhora do é, a estação de Pompéu e a estação Cuiabá, no arruinado bairro Mestre Caetano, formado pelo desenvolvimento da Companhia Morro Velho. A ligação entre o ramal. e a linha de ferro Vitória – Minas, ligando Santa Barbara e Nova Era,

aconteceu no governo Vargas, na década de 30.

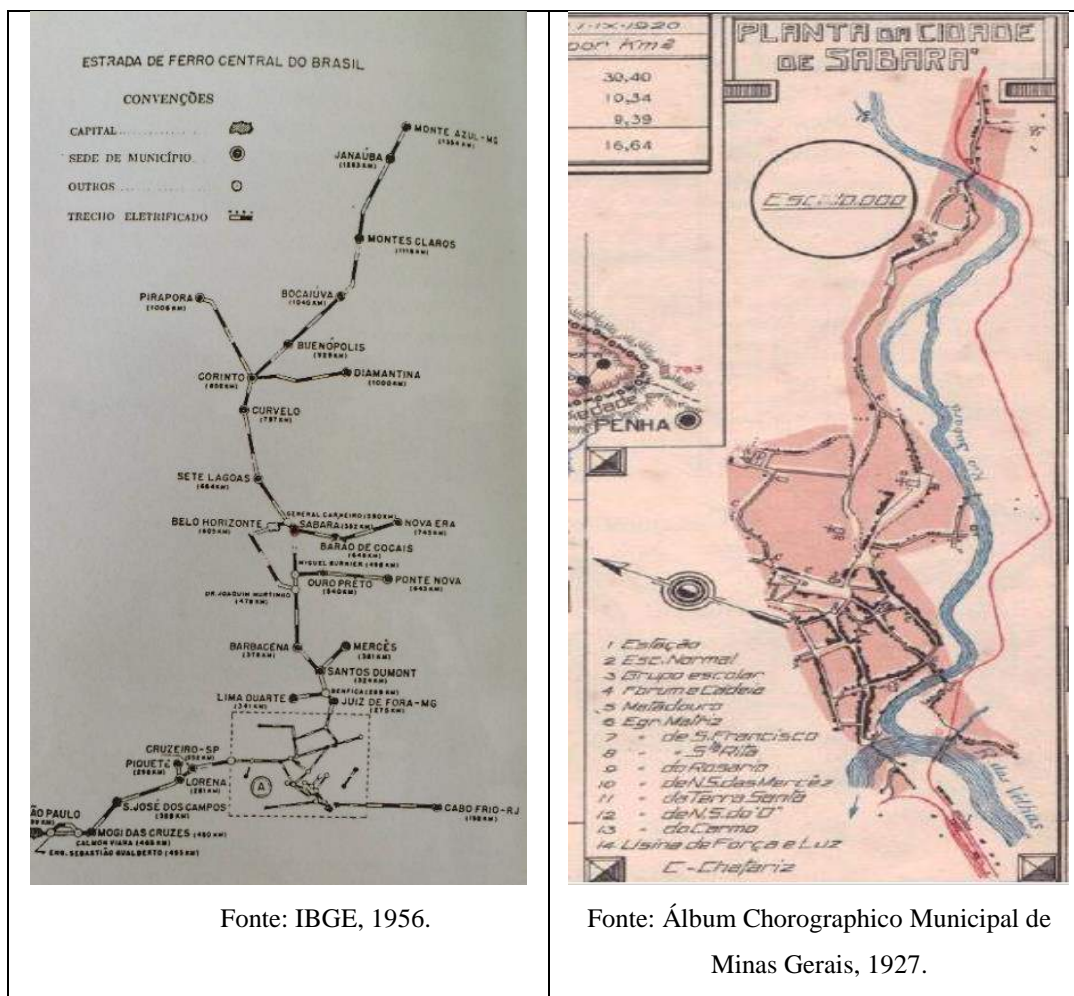


Figura 28 - Estrada de Ferro Central do Brasil

Em 1957 a Central do Brasil foi adicionada a RFFSA – Rede Ferroviária Federal S. A., e os trens foram sendo substituídos. As Marias fumaças deram lugar as máquinas diesel-elétricas, fato que evidenciou, ao longo do tempo, os problemas no uso de novas tecnologias em trilhos projetados para trens a vapor. Em 1999, a RFFSA foi desestatizada.

Dentre todos os trens da central, depois incorporada pela RFFSA, os que mais diretamente marcaram a vida das gerações sabarenses foram os subúrbios, usados diariamente nos deslocamentos, principalmente, entre o município e a capital do estado (...) os subúrbios foram indispensáveis para a população sabarense, pois a ligação com a capital, até a construção da atual rodovia ao final da década de 1960, era feita pela precária estrada de terra que passa pelo taquaril, na região leste da capital. (LIBANIO, 2008, p.31).

Os trens de subúrbio, na década de 1920 de estendiam a Raposos e em 1960 chegavam até Rio Acima. A interligação de Sabará com Belo Horizonte, com o Centro e com o Pompéu, estava garantida, além do encontro com outros municípios, como os citados.

O desuso da modelo ferroviário, levou a demolição de todas as estações que existiram em Sabará e hoje, apenas se encontra vestígios da estação Cuiabá, nos arredores das ruínas do bairro Mestre Caetano, como veremos. Na memória dos mais idosos, contudo, essas estações estão vivíssimas: “Estávamos na estação esperando o trem, plataforma cheia de gente, quando aparece na curva, vinda de General, a locomotiva Maria Fumaça, puxando 10 vagões de madeira com passageiros” (LOPES, 2001, p.13), relata o morador da Vila Marzagão sobre o tempo em que aguardava o subúrbio na estação Carvalho de Brito.

A Vila Marzagão cresceu com junto com a ferrovia brasileira, mas entrou em crise antes dela. Em 1950 as condições dos trabalhadores eram precárias, mulheres tinha assumido o trabalho pesado, todos trabalhavam mais do que suas condições físicas permitiam, as máquinas estavam obsoletas para o mercado e a vila não comportava todos os funcionários. Isso culminou na primeira greve ocorrida em 1958, quando todas as reivindicações foram atendidas. No histórico da vila, existem registros de trabalho infantil e feminino, contudo, eram cargos leves. Os pesados sempre ficavam para os homens, diferente do ocorrido nesse período. “Em termos humanos, algumas das piores características do sistema fabril, as longas jornadas de trabalho, o trabalho monótono, os salários baixos, o mau uso sistemático do trabalho infantil, tinham sido implantadas(...)”. (MUMFORD, 2004, p.493).



**Figura 29 – Foto crianças laborando na Vila Marzagão**

Fonte: Núcleo de Comunicação da Prefeitura de Sabará.

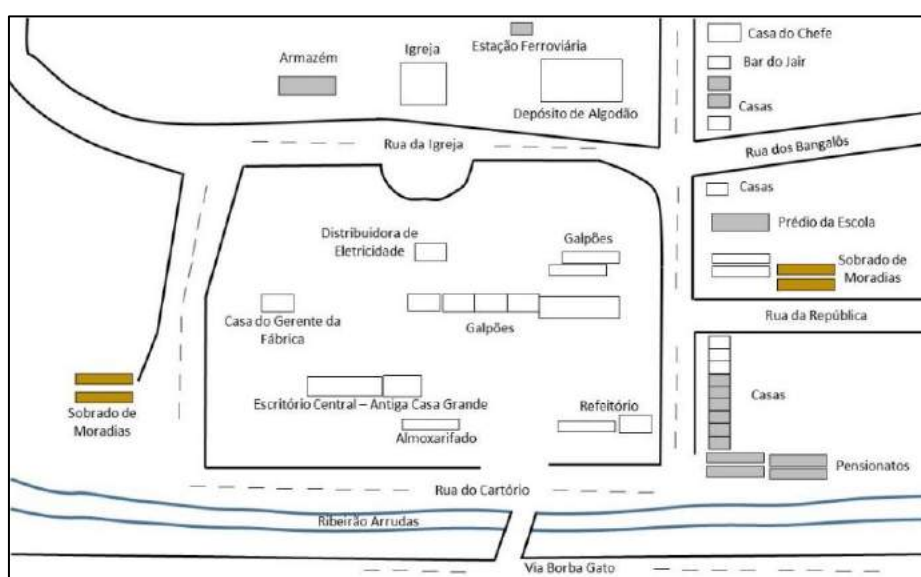
Muitas pessoas deslocaram-se para arredores, em busca de moradia, o que intensificou o processo de povoamento daquela área. O bairro Nações Unidas, o mais antigo da região, foi parcelado para atender a essa demanda. Em 1972 a fábrica passou ao domínio do grupo Paraopeba Industrial, onde se manteve até 1980, quando foi desativada. Nesse momento, a ferrovia, antiga aliada, tornou-se motivo de preocupação, por escoar produtos internacionais competitivos no mercado. Alguns poucos moradores permaneceram na vila, mesmo sem qualquer documento oficial da residência, mas a maioria se deslocou para novas localidades como Belo Horizonte e Sabará – nos arredores da antiga vila. Dois anos depois a Top

Confecções adquiriu a localidade, que abrigou a fábrica Marcel Philipe, que se ocupa da edificação principal da antiga fábrica. As casas, prédios culturais, igreja e até um galpão de armazenamento de material ficaram sob domínio publico não oficializado.

Atualmente, embora a Marcel Phillipe continue na localidade, os moradores das ruínas da vila não trabalham no local. A maioria desloca-se para Belo Horizonte ou vive de trabalhos esporádicos e aposentadoria. Formou-se uma comunidade de resistência dentro dos limites.

Morador de Marzagão, o Pingo, como era chamado Jair Lopes, escreveu um livro sem editoração contando algumas vivências. Ele relata que o FGTS foi criado ali, quando num almoço realizado na Casa Grande, na Vila Elisa, o ministro da Economia Roberto Campos e o ministro Luiz Gonzaga de Nascimento e Silva se reuniram. Em Brasília, apresentaram ao Presidente Marechal Castelo Branco, que sancionou a lei em dez dias. Ele conta ainda que o primeiro elevador de Minas Gerais foi erguido na Casa de dona Elisa Carvalho de Brito e tendia apenas um piso. Nas terras que pertencia a família, existia uma estrada de terra que levava a Belo Horizonte, depois partilhada para todos com o fim da vila. A família possuía um carro que precisava ser abastecido, por isso, havia um posto onde o “frentista da época tinha que ser forte para movimentar, rapidamente, a manivela, para sugar a gasolina do tanque subterrâneo” (LOPES, 2001, p.19). O abastecimento durava mais de meia hora.

A figura 30, a seguir, é um croqui da vila, organizado pela autora que propõe uma visualização do que foi mantido com o que foi retirado. Nos inspiramos em pesquisa feita por Rodrigo de Ávila (2009). Em cinza estão representados os estabelecimentos já demolidos e em marrom foram identificadas as edificações em estado deplorável de abandono.



**Figura 30 - Croqui da antiga Vila Marzagão**

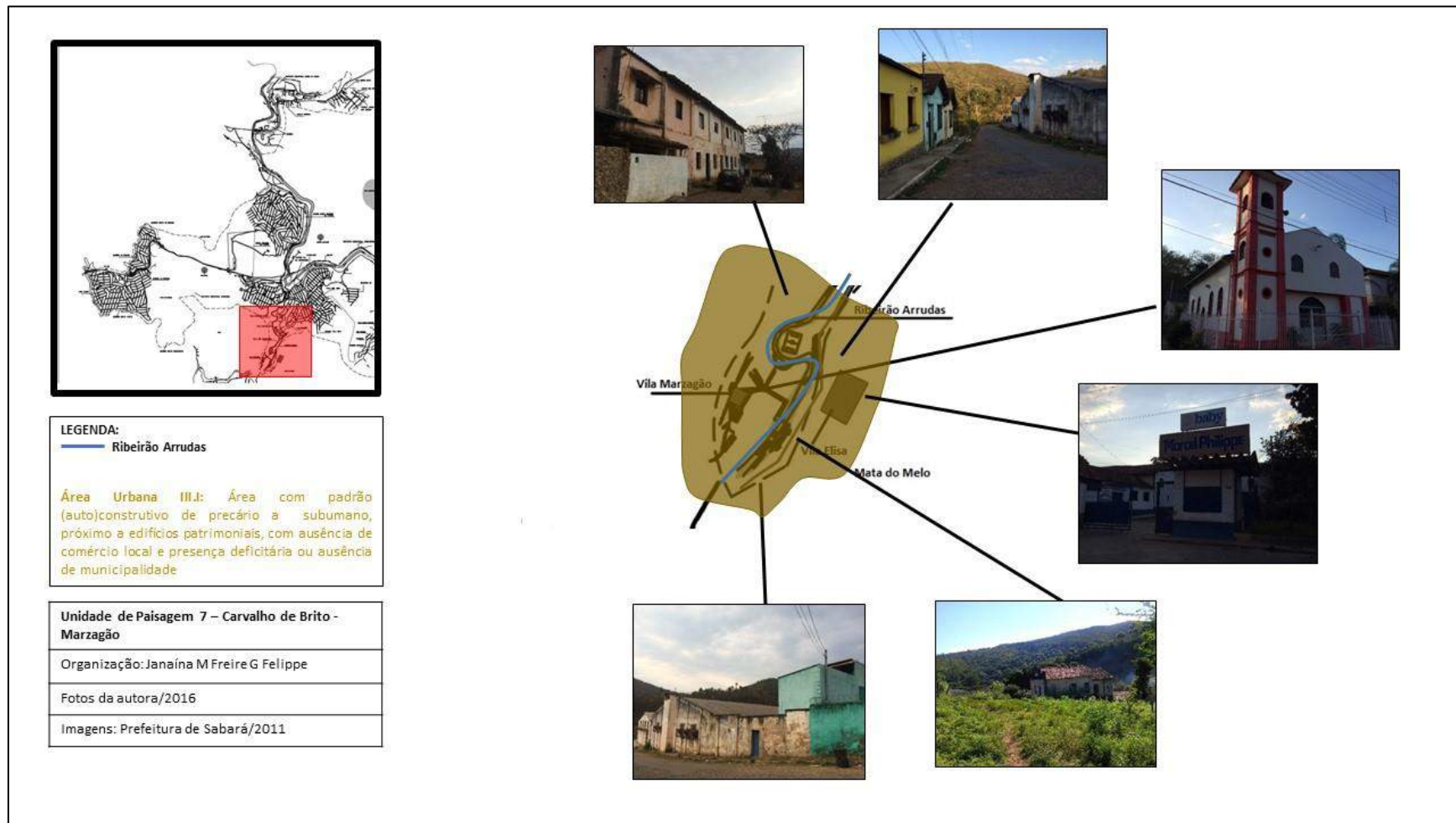
Fonte: Ávila(2009). / Organização: Janaína M Freire G Felipe.

### O Dossiê de tombamento explica a organização do espaço e a morfologia urbana:

O conjunto foi implantado em patamares, distribuindo-se a malha viária principal em duas vias transversais paralelas ao rio e duas longitudinais perpendiculares à encosta, uma delas em posição central conduzindo diretamente ao coração do núcleo representado pela rua da fábrica, e outra lateral que se subdivide na região intermediária, dando acesso às áreas residenciais à esquerda, à estação ao alto, e à rua da Igreja à direita. Uma via secundária parte da rua da fábrica levando às unidades residenciais localizadas à direita (sobrado velho e casa do encarregado), enquanto o prolongamento da rua da Igreja conduz à quadra de *casas novas*, hoje inexistentes, e à Fazenda Carvalho de Brito (...). Se nas casas de operários optou-se pelo emprego de esquemas formais e construtivos referenciados na arquitetura colonial, a modernidade da arquitetura eclética difundida nas últimas décadas do século XIX e início do século XX foi adotada nos edifícios industriais, nas casas do encarregado e do agente da estação, e na casa que abrigava o cartório, da qual restaram apenas ruínas de paredes. Essa convivência de repertórios arquitetônicos possivelmente corresponde ao caráter de transição da economia agrícola para a industrial típico de muitos dos conjuntos têxteis pioneiros. Entretanto, talvez estejamos diante, não da permanência daquelas soluções tradicionais, mas de uma opção por sua retomada, como se pode observar no caso da proposta de Lúcio Costa, datada da década de 1930, para a construção de vila operária em Monlevade/MG. (IEPHA, 2002).

A vila vive uma condição de extrema precariedade. Adentramos em uma outra casa bem próxima a de CNR e a situação era ainda mais crítica, havia um desnível preocupante no teto e o cheio de mofo era fortíssimo. Possivelmente há ali comunidades de ácaros e cupins. Por isso, a classificamos como área urbana III.I, conforme figura 31, pois possui imóveis patrimoniais e nenhum tipo de comércio ou serviço que supra as necessidades básicas. Existe apenas um bar que funciona para quem vem de fora - de General Carneiro e Nações Unidas - e não para os moradores, que não podem pagar. Qualquer suprimento que necessitem, implica em deslocamento, assim como qualquer serviço como médico e banco. Movimentações financeiras, não se resolvem em General Carneiro, que é o bairro mais próximo e acessado a pé, porque não possui bancos. Eles seguem para algum dos dois centros, de Sabará ou de Belo Horizonte. Não obstante o fato de Belo Horizonte estar mais próxima, só há um ônibus que segue para Sabará, e ele só passa uma vez ao dia. Para Belo Horizonte há quatro opções de ônibus na rodovia. O centro de Sabará é praticamente inacessado por esses moradores.





**Figura 31 - Croqui UP 7 (Marzagão) – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

A municipalidade está claramente ausente da localidade e parece desconhecer o território. A falta de suporte a essas famílias e a esse espaço de Sabará, revela centralidades nas ações da prefeitura. Fato que se evidencia, inclusive, em todo o distrito Carvalho de Brito. Não é à toa que em diversos pontos encontra-se a incômoda placa que aponta para Sabará, como se fosse um local mais adiante. A justificativa é de que se referem ao Centro Histórico, visto que são marrons e possuem símbolos que remetem a isso.



**Figura 32 – Composição fotográfica- placas para Sabará**

Fonte: Fotos da autora /2016.

O diálogo de Sabará com Belo Horizonte sempre foi muito intenso, desde a fundação, ou melhor, ainda antes disso. O ramal Nova Era selava essa proximidade. A rodovia não rompeu essa ligação, mas os papéis, com o despertar de um século XXI, se inverteram por completo. Sabará que já foi a provedora, hoje tem uma dependência existencial para com a capital mineira, em termos de medicina, suprimentos, trabalho, transporte aéreo, cultura e etc. Esses impactos ficam muito claros no Distrito de Carvalho de Brito, com o avanço acelerado e desregulado das periferias de baixa renda belo horizontinas sobre o município.

## 2.5 DA GUERRA DOS EMBOABAS A GUERRA DO TRÁFICO – TERRITÓRIOS DO CRIME DE SABARÁ

*W -Qual bairro que você mora?*  
*A-Vila Rica*  
*W-Vixi...o bairro mais perigoso daqui*  
*(risos)*  
*A-É nada....ta falando o que? Onde você mora?*  
*W-No São José. Vila Rica tem tiroteio todo dia, ouço la de casa...ta...ta...ta..*  
*A-Ahh...e o seu não né?*  
*W-Meu é dia sim e dia não (risada geral)*  
*(Jovens conversando dentro da AFFAS)*

A Guerra dos Emboabas foi um acontecimento histórico que revelava as rivalidades existentes no início do século XVIII, durante corrida pelo ouro. Partiu de Sabará e Caeté, na região do Rio das Velhas, seguindo para a região de Vila Rica, onde se situavam Ouro Preto e Mariana, alcançando a região do Rio das Mortes, em São João del Rei e Tiradentes, um reduto de paulistas, por ser o ponto de encontro de quem penetrava na rota da mineração.

O conflito que após paulistas e forasteiros teve como tônica o direito de conquista, defendido pelos primeiros em todo o território mineiro, pois, para incentivar as descobertas dos minerais, o Rei de Portugal lhes assegura previamente a posse de minas. (LIBÂNIO, 2008).

Os forasteiros costumavam usar longas botas que no tupi era chamado *emboaba* (pinto calçado) e, por isso, eram assim chamados pelos paulistas. Os arraiais da região do Sabarabuçu tinham como Guarda-Mor, o paulista Borba Gato, que enriqueceu e se fez temido na região. Após o envio de um superintendente das minas, José Vaz Pinto, para a região, sob ordens da coroa portuguesa, os paulistas, percebendo seu poder ameaçado, chegaram a ameaça-lo de morte. O desembargador fugiu para o Rio de Janeiro sem aguardar um substituto, o que desagradou o poder metropolitano português. Borba Gato aproveitou-se para ocupar o cargo que estava vazio, no qual despossuía habilitação, e o acumulou com a guardamoria. Os emboabas se incomodaram com essa situação, pelos exageros da conduta autoritária paulistana. Já nessa época, praticavam confiscos, propinas e privilégios. Dentre os emboabas, destacava-se o líder Manoel Nunes Viana, que residia em Caeté. Era responsável pelo abastecimento de gado a valores exorbitantes, que incomodavam os paulistas. Esse contexto crítico, sem a presença de uma mediação portuguesa, foi ponto de partida para o conflito. Nunes foi intimado por Borba a deixar as minas e o primeiro não aceitou, enviando uma carta que reivindicava os direitos dos emboabas. Borba tentou novo amedrontamento, ameaçando confiscar os bens de quem apoiasse Nunes. Isso deflagrou a Guerra. Emboabas se juntaram em Caeté e paulistas em

Sabará. Os emboabas atacaram Sabará pelos morros, junto com índios que usavam flechas incendiadas. Ainda hoje há um bairro denominado fogo apagou, que lembra o momento das casas com telhados de palha inflamando. Em entrevista com CLS, ela me indicou subir ao topo do morro da igreja de Bom Jesus, bem próximo aos bairros Fogo Acabou, Adelmolândia e Arraial Velho, para ver, l do alto, onde a Guerra começou. Uma das perguntas das entrevistas que apliquei, e que discorrerei com mais detalhes posteriormente, era: “se eu tivesse que tirar uma foto de um lugar que realmente representa quem é Sabará, qual seria?” CLS, escolheu esse lugar. A seta aponta para a Serra da Piedade que abriga, l em cima, o Santuário da Piedade, padroeira de Minas Gerais (em Caeté).



**Figura 33 - Foto tirada do morro da Igreja de Bom Jesus**

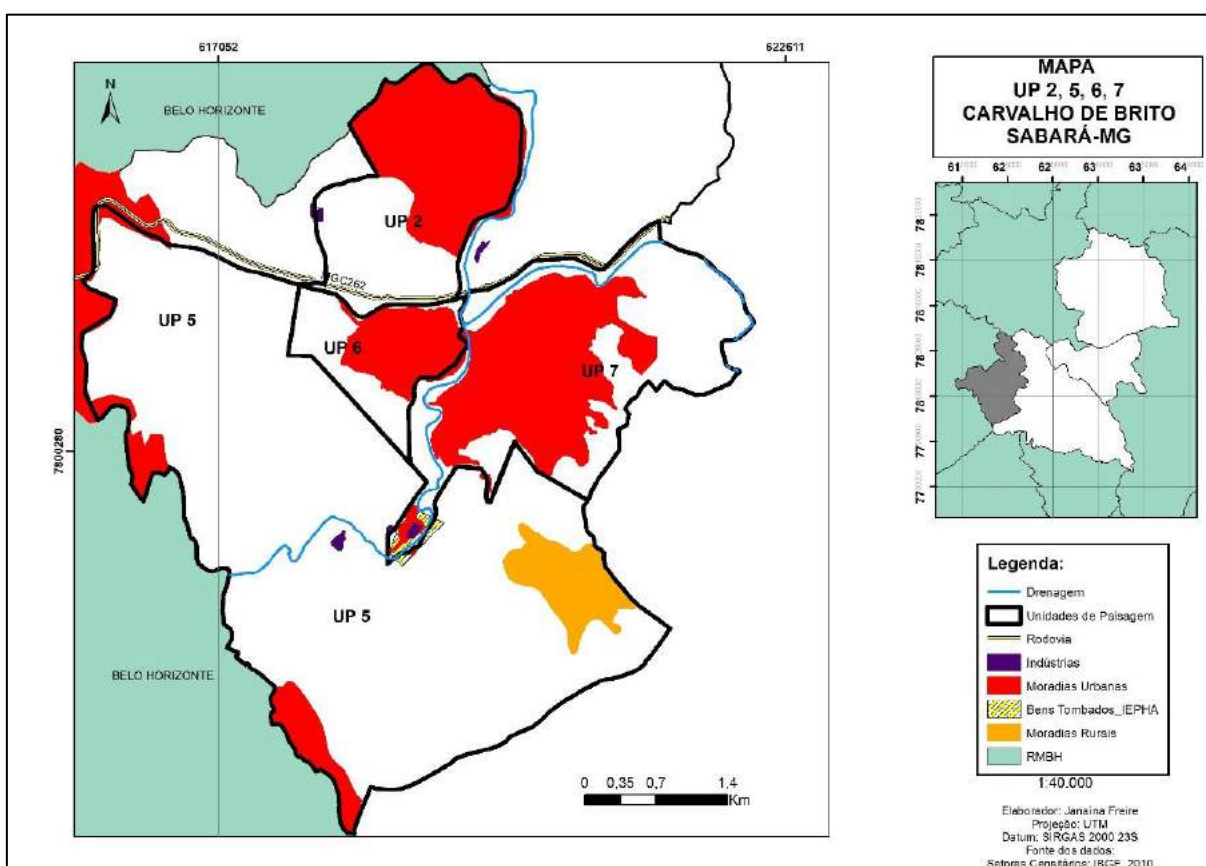
Fonte: Foto da autora/2015.

Os paulistas fugiram pelo rio e a região ficou tomada pelos emboabas. Manoel Nunes Viana tornou-se o novo governador, no lugar de D. Fernando Martins, que mesmo tendo sido avisado do pretenso conflito, não chegou a tempo. O governo revolucionário dos emboabas buscou seguir as orientaes metropolitanas e todas as deliberaes eram feitas em assembleia. Naquele mesmo ano, 1708, tmbm a região do Rio das Mortes expulsou os paulistas, no episódio conhecido como Capão da Traio.

Atualmente não há botas longas e nem paulistas confiscando terras, mas os conflitos não cessaram. Sabará sofre com uma série de faces ligadas ao tráfico de drogas que se distribuem entre os bairros mais perigosos – tmbm os mais marginalizados. Assim como no conflito

colonial, existem grupos que detém o controle sobre o espaço. Essa associação entre períodos históricos, desvela uma Sabará dos conflitos, que sempre existiu.

Para compreender melhor a Geografia da criminalidade, no distrito de Carvalho de Brito, analisaremos quatro unidades de paisagem: 2, 5, 6 e 7 (com exceção da Vila Marzagão), já apresentada. A primeira contém o bairro Nossa Senhora de Fátima, a segunda o bairro Castanheiras, a terceira o bairro Nações Unidas e a última, os diversos bairros que rodeiam General Carneiro, nos quais os jovens que conversam na epígrafe, vivem.



**Figura 34 – Mapa: UP 2, 5, 6 e 7 – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

Começaremos por analisar a segunda unidade de paisagem, que é composta pelo bairro Nossa Senhora de Fátima e Eucalipto - uma subdivisão do grande bairro. Essa unidade foi classificada no segundo tipo, como: “mata e espaço urbano em proporções similares com espaço rural discreto”. Embora haja alguns moradores em lares mais afastados e ruralizados, grande parte da população está alocada nos morros, em moradias muito precárias, oriundas de autoconstrução. Parte do bairro não tem pavimentação e o transporte é débil. O bairro tem uma vantagem da presença do CAIC (Centro de Integração Integral a Criança e a Adolescente), um

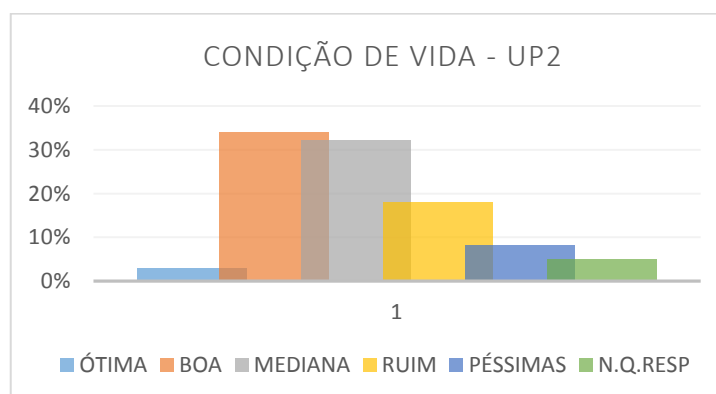
grande estabelecimento onde boa parte da juventude do local estuda.

Aplicamos 212 questionários no bairro. A maior parte dos entrevistados tinham entre 20 e 40 anos e eram mulheres (54%). Dos entrevistados que trabalham, 60% deslocam-se para Belo Horizonte em busca de dinheiro. Do total entrevistado, 10% estava desempregado, 7% aposentado e os outros 23% alegaram trabalhar em Sabará. Pelas conversas realizadas, percebeu-se que os moradores que trabalham na cidade, deslocam-se para o distrito industrial Simão da Cunha. A mão de obra é pouco especializada, apenas 2% dos respondentes concluiu o curso superior.

A ocupação intensa do bairro ocorreu pela periferização de Belo Horizonte, que saturada de áreas residenciais de baixa renda, impulsionou a ocupação nas cidades dos arredores, como Sabará. Pelo tempo de moradia em Sabará declarado pelos moradores, nota-se que o bairro é relativamente novo, pois grande parte está na localidade a no máximo quarenta anos. De acordo com relatos, estima-se que as ocupações tiveram início na década de 70 do século passado, a partir do loteamento de antigas fazendas, organizado pela prefeitura. Os primeiros moradores vivem em casas melhor estruturadas e bem posicionadas. No que tange ao declive, contudo, grande parte do bairro está em áreas de risco, principalmente próximo ao eucalipto. A parte baixa do bairro se encontra com o rio das velhas e a linha férrea da empresa Vale.

Toda a unidade está inserida na Área Urbana III pois evidencia um abandono da municipalidade no que tange a equipamentos urbanos, saneamento básico, pavimentação e transporte, e pela quase total ausência de comércio, excetuando-se os pequenos bares e vendas isoladas. Mesmo diante dessa realidade claramente precária, 66% dos moradores declararam que as condições de vida são boas ou medianas.

**Gráfico 2 - Condições de vida – UP2**



Fonte: Elaborada pela autora.

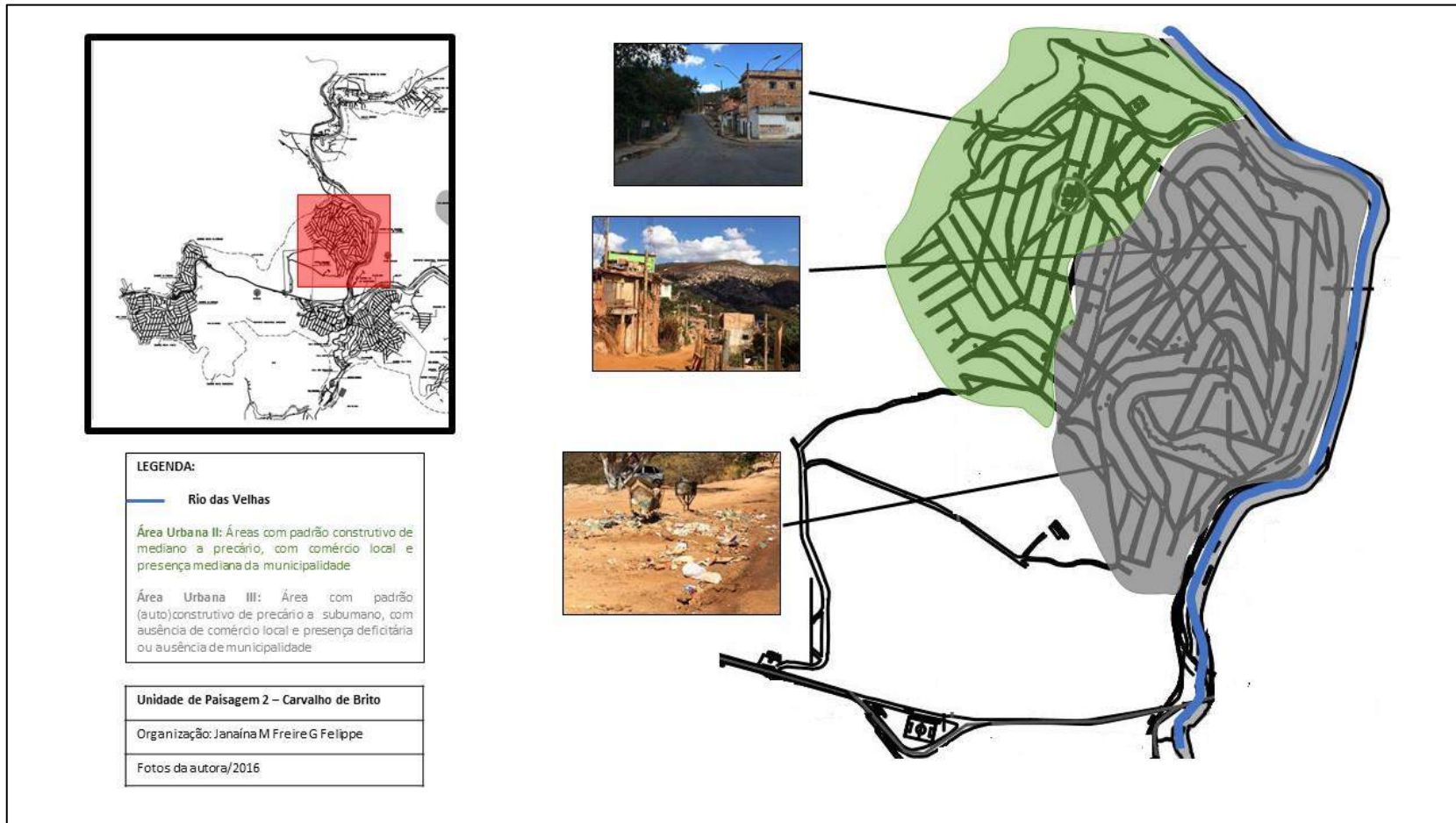


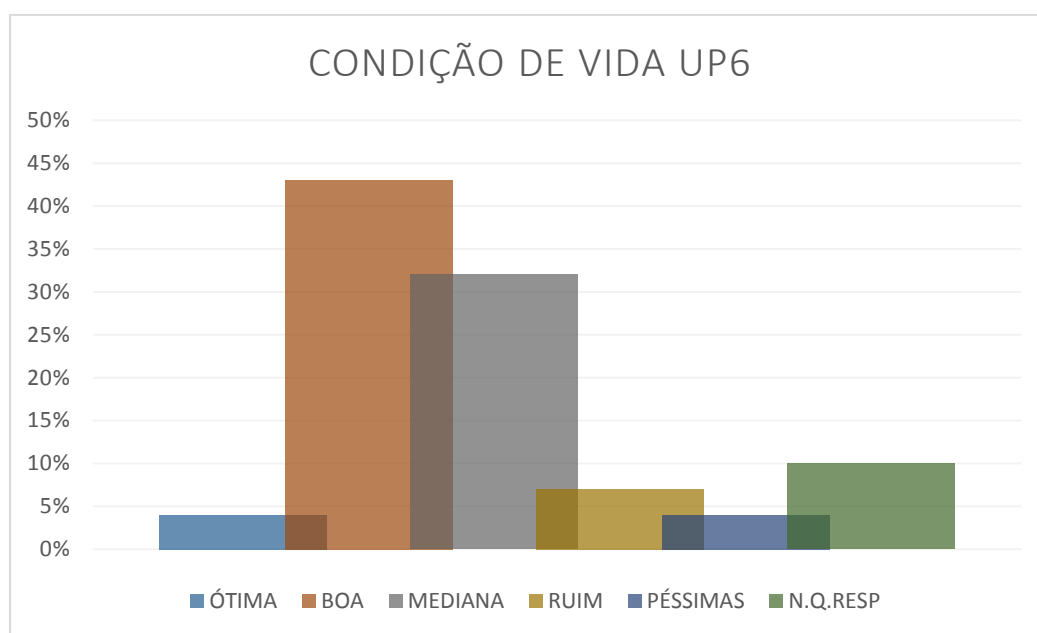
Figura 35 - Croqui UP 2 – Carvalho de Brito

Fonte: Elaborada pela autora.

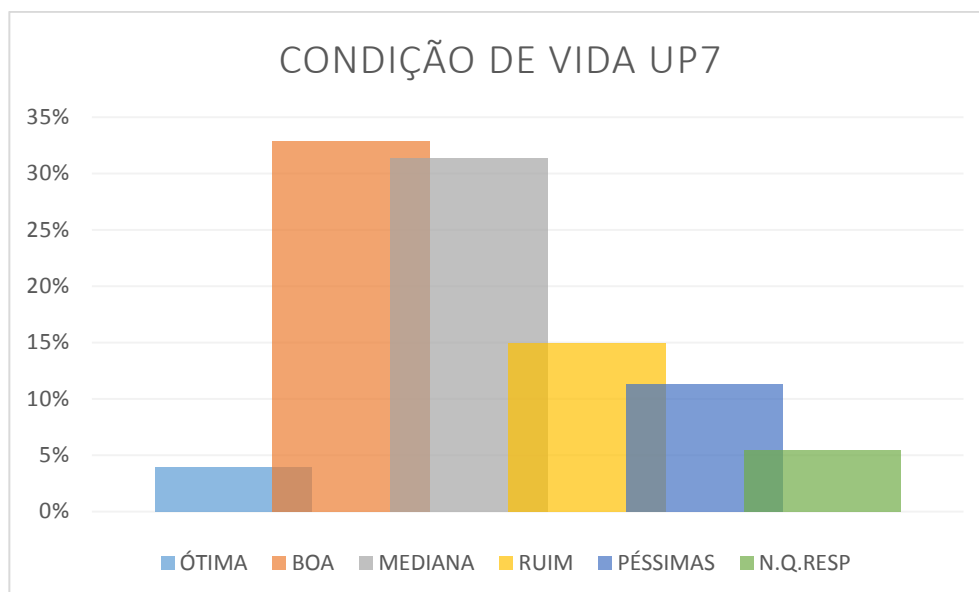
Este tipo de resultado também surgiu em outros bairros precários, o que sugere uma reflexão a respeito dos impactos da metropolização sobre a capacidade autoavaliativa dos moradores em relação as suas realidades. Vale ressaltar que o “boa” sempre vinha acompanhado de algum conteúdo explicativo complementar como: “dá pra gente viver”, “ainda é um lugar tranquilo”, “é a onde a gente vive né”, “não tenho do que reclamar da vida”, etc. Esse comodismo, diríamos, não intencional, é uma espécie de subterfúgio para a vida enquanto ato de sobreviver. Em alguns dos questionários aplicados, era difícil ouvir a resposta “boa”, estando em uma rua não asfaltada, sem acesso a transporte público e em frente a uma casa inacabada. Tínhamos vontade de reivindicar: você tem certeza? Olhe ao seu redor? Mas nenhum dos ímpetos emocionais se concretizaram em ações, visto que, na verdade, mesmo essa resposta aparentemente inesperada, é material para a pesquisa. Além do elemento comodismo, pode haver, nesses números, um quesito estranho a muitos seres humanos: a conformação, não enquanto estagnação, mas como aceitação da plenitude do que se tem. Uma espécie de entrega a quem se é hoje, a vida do presente. Além disso, pareceu-me que, ao tratar de seu próprio lar, o morador se sentiria infiel ou ingrato caso fornecesse uma resposta negativa. Seria como praticar uma espécie de heresia, sobre a terra que o abriga, afinal: “Nada a reclamar, há lugares piores”, como disse um morador.

Na UP 6, referente ao bairro Nações Unidas e na UP 7, relativa aos bairros General Carneiro e arredores, os resultados revelaram um padrão similar:

**Gráficos 3 e 4 - Condições de vida – UP6 e UP7**





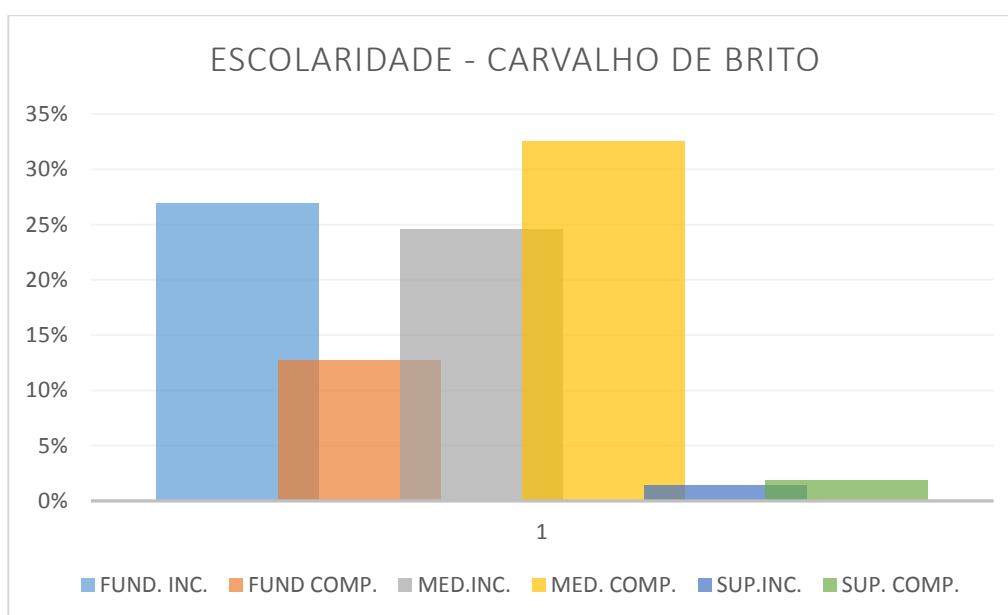


Fonte: Elaborado pela autora.

A exiguidade de nível instrucional da população pode ser um dos fatores que leva a um comodismo não intencional. Abaixo está a média geral de escolaridade dos moradores entrevistados em todo o distrito.

As pessoas muitas das vezes não têm aquele bom relacionamento e deveria ter. Um lado ajuda o outro então falta esse relacionamento e deixar de lado a ignorância da população. As crianças já vêm com essas ignorâncias, a gente vem tentando impedir que eles continuem sendo ignorantes com os antepassados deles e uma visão diferente que eles têm. (CSL).

**Gráfico 5 - Escolaridade Carvalho de Brito**



Fonte: Elaborado pela autora.

Marcelo Lopes de Souza (2012) avalia a questão da autoestima. Existe uma grande barreira de preconceitos que afastam os bairros legais dos ilegais, por isso: “urbanizar uma favela significa melhorar a autoestima dos favelados, integrá-los o mais possível à economia formal e melhorar sua renda” (SOUZA, 2012, p.74). O tráfico tem sido um grande empecilho para esse processo, pois vias mais largas, melhor iluminação pública e etc, representam uma ameaça para a continuidade da criminalidade. O autor explica que nem sempre o tráfico esteve associado a criminalidade, mas que:

Embora tráfico de drogas e criminalidade urbana violenta não sejam sinônimos – pois nem o tráfico precisa sempre e em todas as instâncias da violência nem a criminalidade violenta, naturalmente, se reduz aos crimes vinculados com o tráfico -, é indiscutível que a dinâmica da violência urbana passou, nas últimas duas décadas a estar fortemente marcada pelos efeitos diretos (guerras entre quadrilhas e entre estas e a polícia ‘bala perdida’) e indiretos (empréstimos de armamentos de traficantes para criminosos comuns, delitos praticados por viciados, etc.) do tráfico de tóxicos. (SOUZA, 2012, p.53).

O bairro Nações Unidas, na unidade de paisagem 6, foi fundado em 1969, para atender os funcionários da Vila Marzagão, mas como não houve demanda suficiente, foi parcelado e vendido por meio de financiamento. A maioria dos compradores vieram de BH e realizaram o parcelamento da terra por meio do BNH (Banco Nacional de Habitação). Por ser mais antiga e ter tido uma fundação, de alguma forma, planejada, possui uma morfologia urbana de boa qualidade e bonita.

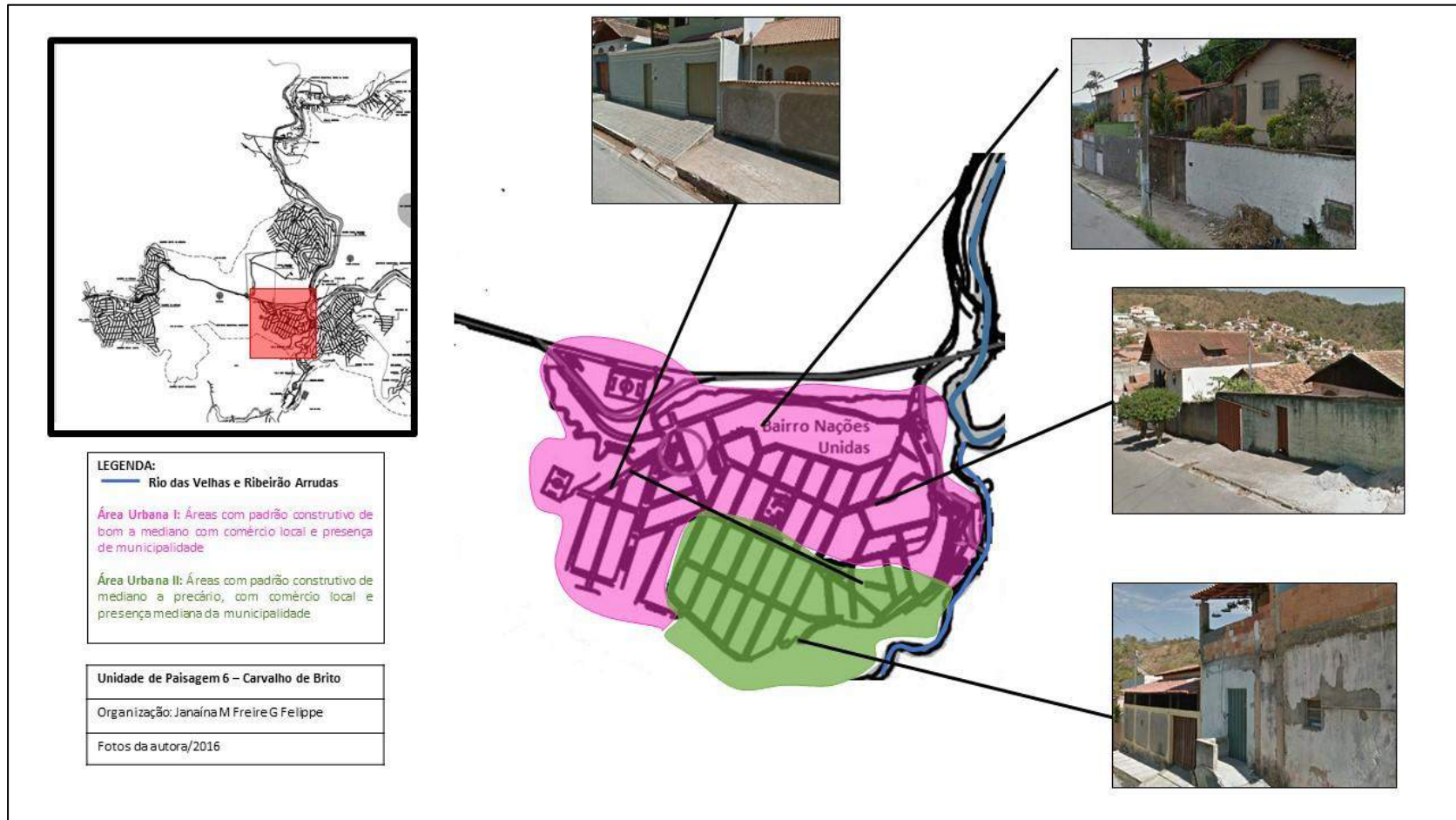
As casas são as mesmas porém quem construiu pensou, vamos pensar no bem estar das famílias que vão vir e lá não, lá em General todo mundo começou assim, com as suas próprias mãos, então, assim, a estrutura foi diferente porque lá...igual, meu pai construiu a casa da minha mãe. (FTM, 2016).

Quando adentramos em Nações Unidas, ao longo da caminhada de reconhecimento, FTM contou o que o bairro gerava na população de General: “Quando eu crescer vou comprar uma casa em Nações. Na época, quando eu era mais nova, não tinha ônibus dentro de General, tinha que pegar na pista que leva pra Nações, e o ônibus dava volta dentro do bairro e a gente sonhava”. General, nessa época, ainda era um bairro cheio de mata, onde FTM colhia diversas frutas para o café da manhã.

As áreas de ocupação recente, dentro de Nações, possuem uma estrutura mais simples, mas não crítica. Com o crescimento de General Carneiro, nas proximidades, a marginalidade também chegou ao bairro, que embora engane pelo visual mais acolhedor, possui conflitos ligados ao tráfico e grande rivalidade com os bairros além do rio.

A parte mais antiga do bairro está classificada como área urbana I enquanto os arredores, mais recentes, foram categorizados como área urbana II, pela ocupação mais desordenada. Ver figura 36.

Nas unidades de paisagem 6 e 7, realizamos uma caminhada de reconhecimento que durou uma tarde inteira. Por se tratar de uma zona muito perigosa que está sob o comando do tráfico, não é permitido (e nem aconselhável) trafegar sozinha. Por isso, fomos com uma funcionária do Conselho Tutelar, FTM, que é aceita por todas as facções, para que ela nos abrisse a porta imaginária entre os morros. Existe o que SOUZA (2012, p.51) chama de *pacto territorial*: “como se pode observar pelas constantes ‘guerras’ entre quadrilhas em disputas pelo domínio dos territórios”. FTM é moradora do bairro Vila Rica mas frequentemente refere-se a toda a região como General Carneiro, embora este seja apenas um bairro na parte mais baixa, próximo ao rio das Velhas. Contudo, por ter abrigado uma estação ferroviária de grande importância com esse nome, não é incomum encontrar quem se refira a toda região como “General”. Todavia, não há qualquer unidade, e a fragmentação está sacramentada pelo tráfico. Os paulistas da Guerra dos Emboabas deram lugar aos mandantes do crime organizado – as facções das drogas ilícitas. A Guerra Civil é diária.



**Figura 36 - Croqui UP 6 – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

A unidade de paisagem 7 também sofre intensamente com o tráfego, e abriga bairros como General Carneiro, Vila Rica, Vila São José, Itacolomi, Coqueiros e outras pequenas ocupações. Embora a Vila Marzagão também esteja inserida nessa unidade, mas já tratamos dela separadamente. As margens do rio estão localizados os bairros General, como costuma ser chamado, e Nossa Senhora da Conceição. Acima, nos altos dos morros, ficam os outros acima citados. Eu não saberia dizer onde começa um bairro e termina o outro sem o auxílio de FTM, pois eles já estão entrelaçados e possuem morfologia urbana similar.

As casas são construídas com tijolo em sua maioria sem revestimento. Assim, as poucas estruturas coloridas destacam-se na paisagem e são referência de localização – marcos. De acordo com Kevin Lynch (2011) os marcos são singularidades e exibem alguma proeminência na localização espacial, que, no caso, são as cores, assim como as escolas públicas. A todo instante, quando se conversa com um morador local, as casas coloridas são marcos de localização.





**Figuras 37 e 38 – Foto marcos Caminhada de Reconhecimento – UP 7**

Fonte: Fotos da autora/2016.

Na primeira imagem, a Igreja amarela foi referência para divisão dos bairros Vila Rica e Vila São José, os principais depois de General Carneiro. Em alguns momentos as rotatórias também foram utilizadas para explicação sobre os bairros:

A divisão de bairro é uma questão muito complexa, é uma questão de uma rua para outra, ali onde eu moro, da parte de cima das mangueiras até a praça da rotatória, é a vila rica, da rotatória pra esquerda é Itacolomi. Da rotatória pra direita é General Carneiro. (GTV).

Os limites básicos da unidade de paisagem são o Rio das Velhas e o Ribeirão Arrudas, pois é a partir deles que as ocupações se estabelecem. Dentro dos bairros há praças e coretos que se realizam como pontos nodais que são frequentados, em sua primazia, por moradores do próprio bairro e não dos bairros vizinhos (por causa dos territórios do tráfico). Nesse sentido, pontos nodais dominantes seriam alguns comércios da rua Carvalho de Brito, como o supermercado BH (antigo supermercado Araújo) e a sorveteria, na altura da ponte revitalizada para a rodovia MG 262, onde praticamente todos os moradores frequentam.

Tirando os morros mais distantes, ainda em processo de ocupação, como o Rola Ovo e

o Terra Branca<sup>31</sup>, todos os outros tem muita semelhança. Entretanto, embora para um pesquisador os limites sejam irreconhecíveis, para o domínio do tráfico eles são muito claros e aquele que estiver jurado de morte em algum dos lados, não pode sequer pisar no terreno inimigo. “Quantos jovens morrem aí, por falta de emprego, falta de apoio né?” (FTM)

A vida para eles [os jovens] não tem muito valor não. Vai pela ganância de ter uma posição social melhor mas muitas das vezes eles se perdem, morrem antes de chegar até os trinta anos. Então é difícil, eles não dão muito valor a si próprio. (CSL).

Souza(2012, p.73) discorre sobre a banalização da morte nesses ambientes favelados, onde cada vez mais jovens e crianças tem sido utilizadas como mão-de-obra descartável e “testas-de-ferro”.

A todo instante da caminhada de reconhecimento, FTM indicava as bocas de fumo, com muita naturalidade. Essa unidade foi classificada na segunda tipologia criada: “majoritariamente espaço urbano com espaço rural discreto e matas reminiscentes”. Praticamente toda a localidade já possui invasões. “tudo aqui é invasão, então não tem como comprar”, disse FTM, referindo-se ao Itacolomi, um dos bairros. A forma legal de aquisição de imóvel se dá pela imobiliária de Sabará, após o parcelamento de terra feito pela prefeitura, mas só uma pequena parte das residências estão legalmente ordenadas.

Todos os bairros estão em áreas de declives, e os principais comércios estão na avenida Carvalho de Brito, a principal de General Carneiro. A ocupação na localidade foi iniciada pelo crescimento econômico gerado pela Vila Marzagão e pela edificação de um braço da Estrada de Ferro Central do Brasil. Uma das primeiras casas registradas no bairro é a do agente da estação de General Carneiro, como já mencionado.

A família Carvalho de Brito, que comandava a indústria têxtil, a usina, assim como a Vila operaria e a Vila Elisa, fundou escolas e comércio, além de moradias ainda com caráter rural. General Carneiro formou-se como um bairro de Belo Horizonte, inserido inicialmente em Marzagânia e posteriormente em Carvalho de Brito. Passou ao município de Sabará em XXXX. Quando a fábrica têxtil entrou em declínio, muitos ex-funcionários estabeleceram moradias ali e buscaram trabalho em Belo Horizonte. Atualmente, a ocupação é impulsionada pelo setor secundário e terciário de Belo Horizonte, que abarca mão de obra, mas não sustenta residências. Nesse sentido, grande parte dos moradores se relacionam apenas com Belo Horizonte e nem sequer conhecem o Centro Histórico de Sabará.

Acho que o centro histórico, então, é pra gente saber o que aconteceu, saber dos costumes, o que eles comiam.

J- Mas você frequenta?

<sup>31</sup> Como nos explicou FTM, os nomes dos morros são dados pelos moradores e depois adotados pela prefeitura. Alguns, mesmo com outros nomes nas caras, continuam no cotidiano popular. O Morro Terra Branca possui uma grande encosta branca e o Rola Ovo é assim chamado porque as galinhas botavam ovo e esses rolavam morro abaixo antes do dono usufruir da proteína.

Nunca fui...

J- E as pessoas do seu bairro?

Eu acho que não tem muitos programas lá que induzam as pessoas a ir porque culturalmente falando, como eu já disse, programa de final de semana é festa ou ficar em casa. (GTV).

E as festas e shows acontecem dentro do bairro ou em Belo Horizonte.

Nessa unidade foram aplicados 328 questionários. 52% dos respondentes eram mulheres e 48% homens. Grande parte deles alegou não frequentar o centro de Sabará (62%) e a grande maioria declarou trabalhar em Belo Horizonte (73%). Para FTM, que mora em Sabará (o distrito Sede), vai morrer lá, mas quem mora em General, na primeira oportunidade “some, é aquela questão de falta de opção. Na primeira que eu tiver eu to fora”.

Classificamos a unidade de paisagem 7 em três tipos de áreas urbanas, a primeira, na parte baixa e nas ocupações mais antigas dos morros, foi classificada como II, por apresentar padrão construtivo de mediano a precário. Embora tenha focos de autoconstrução, encaixou-se nessa classificação pela presença de comércio e estruturas urbanas que evidenciam um apoio municipal, ainda que claramente não planejado e preventivo. A presença da antiga estação ferroviária, o colocaria na categoria II.I, mas, infelizmente, os únicos resquícios do primeiro período histórico estabelecido na presente tese, são recortes de trilhos. Os arredores da Zona Urbana II, foram classificados como Zona Urbana III, pelo predomínio de autoconstrução e a ausência ou rarefeita presença de comércios. Isto, por sua vez, tem se configurado como um padrão. As vias principais concentram os comércios, enquanto as secundárias organizam-se primordialmente em prol de residências, pequenos bares e vendas. Em todas as classificações urbanas de Carvalho de Brito, não há comércios turísticos, afinal, a única zona patrimonial existente (Vila Marzagão), está em estado lastimável.



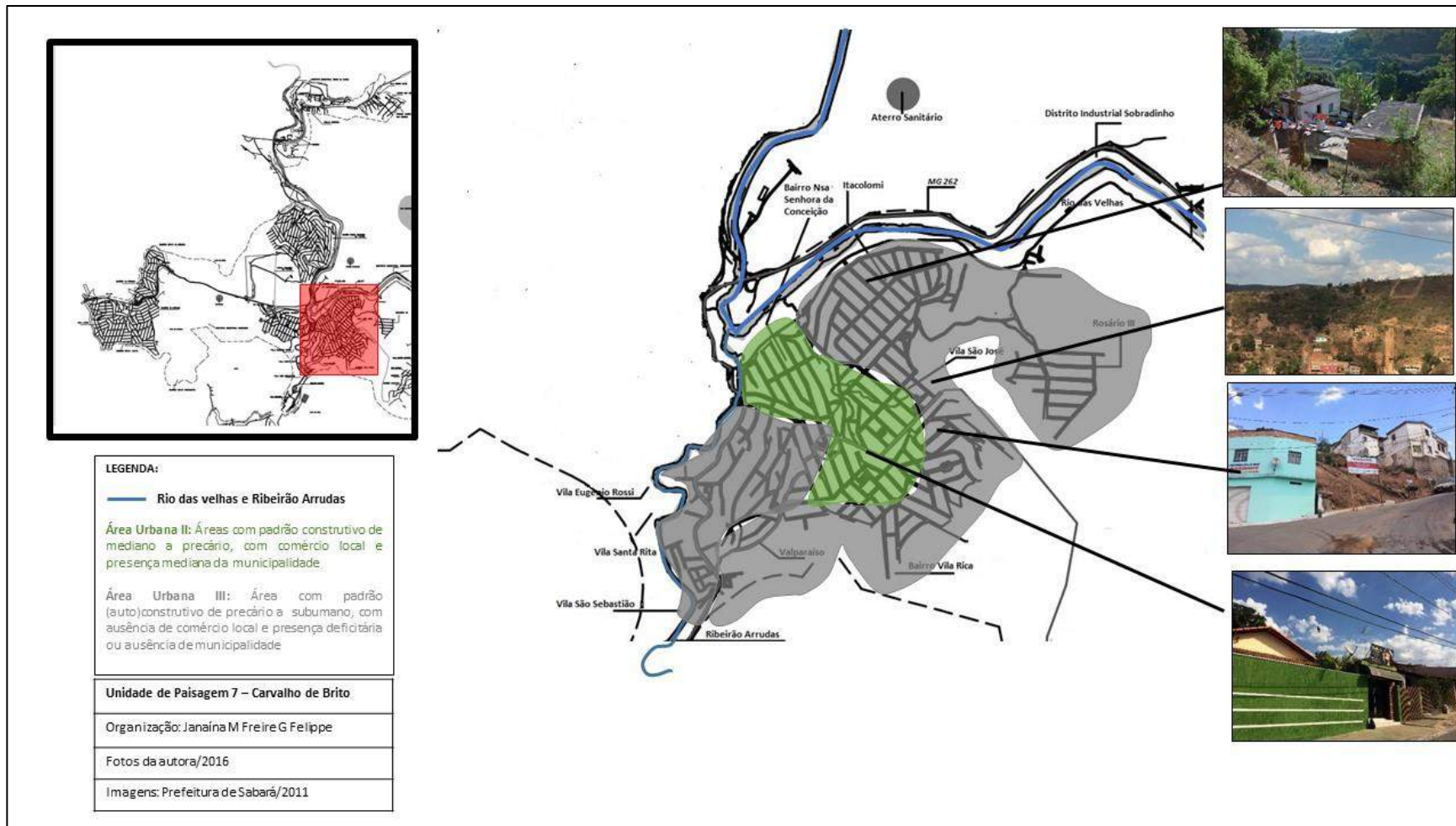
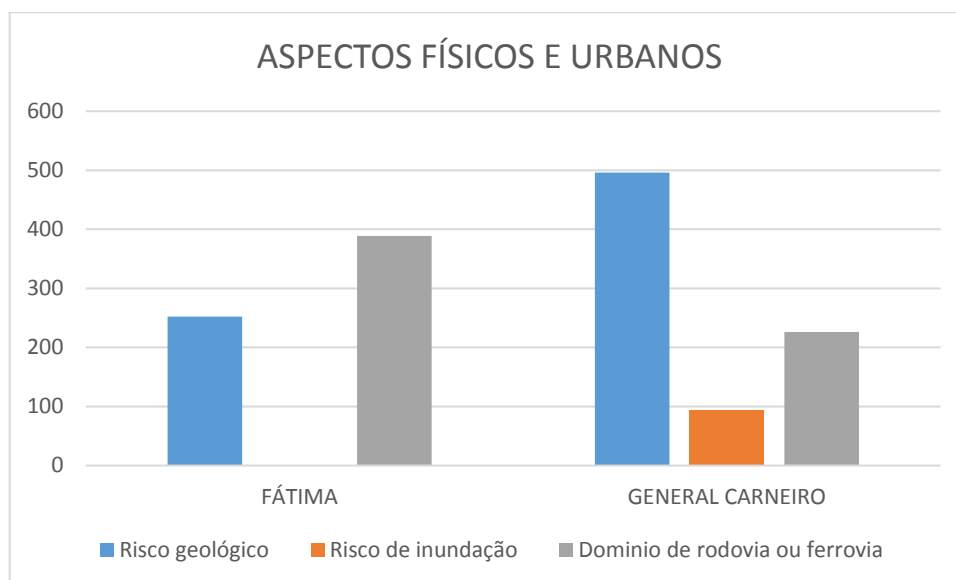


Figura 39 - Croqui UP 7 – Carvalho de Brito

Fonte: Elaborada pela autora.

General Carneiro teve, no período de sua formação, uma visibilidade nacional, pelo pioneirismo industrial dos administradores da Fabrica Têxtil. Sua destinação era tornar-se um polo industrial de grande riqueza, com um modelo educacional de qualidade. A crise da fábrica não apenas estagnou a região, como permitiu um crescimento totalmente distinto, desordenado e periférico (não mais como centralidade). Inicialmente, periférico a uma Belo Horizonte próxima mas ainda relativamente distante. Atualmente, com a consolidação da RMBH, e o encontro das duas cidades, no processo de conurbação, a periferização está bem mais acentuada e tem caráter favelizado e marginalizado. Além disso, a UP, vive o problema das moradias em área de risco, intensificado no período de chuvas. De acordo com FTM, a prefeitura cede umas lonas para as encostas, para quando chegam as águas, mas melhorar as casas, não!

**Gráfico 6 - Aspectos físicos e Urbanos – Fátima e General Carneiro**



Fonte: IBGE (2010). / Organização: Janaína M Freire G Felipe.

Pelo caráter ocupacional, as relações dos bairros são muito intensas com Belo Horizonte. Com a sede o contato é fraco mas existente, enquanto que com o Distrito de Mestre Caetano e Ravena, é nulo. De acordo com relato dos moradores, para cada quatro ônibus, três vão para Belo Horizonte e o que vai para Sabará, passa por dentro do bairro Nossa Senhora de Fátima, levando quase 40 minutos para chegar ao centro. Por isso, mesmo serviços mais rápidos como bancos (que não existe na UP), são atendidos em Belo Horizonte. A sede é acessada apenas nas épocas dos festivais gastronômicos, nem mesmo nas festas religiosas, pois grande parte da população é evangélica (63% dos entrevistados).

O primeiro ônibus a trafegar na localidade era chamado pelo povo de Pachanga e foi

trazido por Gilberto Gontijo Mello e Silva, que fazia a rota da estação ferroviária de Sabará a estação Carvalho de Brito. A viação, chamada de Vila Mathilde, contava, inicialmente, com apenas um ônibus – Chevrolet 1956.



**Figura 40 – Foto Chevrolet 1956**

Fonte: <https://goo.gl/At2ORq>. Acesso em set/2016.



**Figura 41 – Foto VINSOL**

Fonte: Fotos da autora/2016.

Acredita-se que a origem do apelido esteja ligado as festas que aconteciam no Marzagão, visto que Pachanga significa diversão. Anos depois, sr Gilberto perdeu a licença e iniciou-se as atividades da Viação Nossa Senhora da Conceição – VINSOL (LOPES, 2001). Contudo, ainda hoje os idosos e jovens se referem a esses ônibus como Pachanga, ainda que os jovens não entendam o caráter histórico desse apelido, como pudemos perceber ao longo do trabalho realizado na AFFAS, relatado no sétimo capítulo.

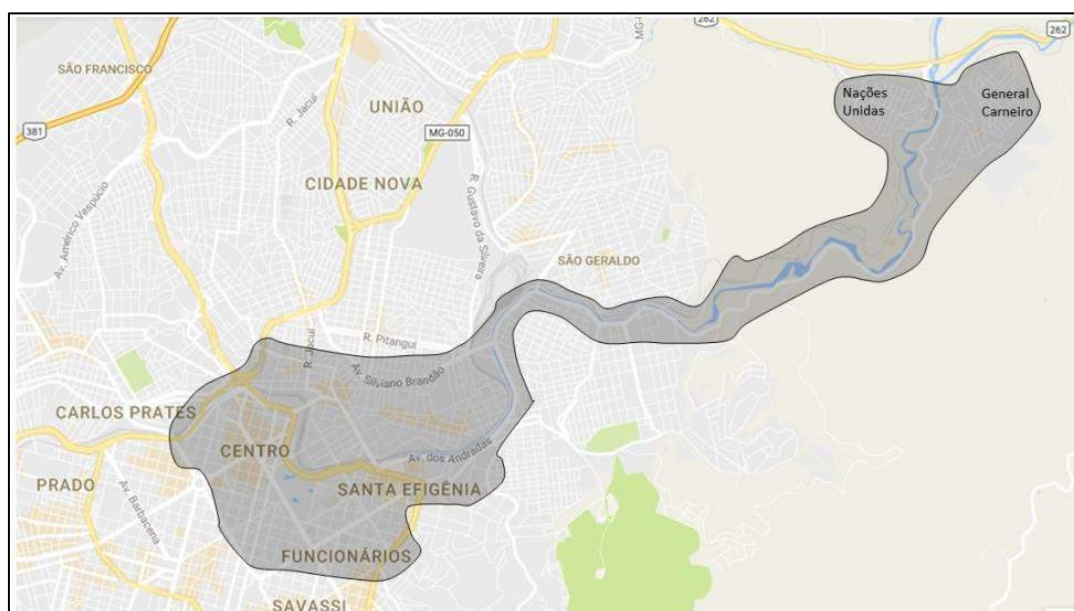
A VINSOL compõe-se de pequenos ônibus que adentram no centro histórico, ele é o único meio de transporte que liga o distrito de Carvalho de Brito a Sabará, chegando ao bairro Siderúrgica, onde se localiza a Igreja Nossa Senhora do Ó. A linha tem três variações: um circular que faz o maior trajeto, o Santa Casa, que sobe o morro da Intendência e o Vila Marzagão que passa em apenas um horário do dia dentro da vila. Para acessar o Pompéu ou Ravena, é necessário pegar um Segundo ônibus no centro ou no bairro Siderúrgica. Os ônibus partem de General Carneiro, Nações Unidas, Nossa Senhora de Fátima e Nova Vista. De Borba Gato, Borges e Vila Marzagão, não há rota frequente. Isso revela uma integração deficitária do distrito Carvalho de Brito. Além disso, para chegar ao bairro Pompéu ou a Ravena, é necessário pegar dois ônibus o que prejudica as relações entre os lugares.

Como nos antigos arraiais, a comunicação e integração são deficitárias, mesmo com uma ocupação relativamente próxima, como também se caracterizou o período aurífero sabarense (PASSOS, 1942). No que concerne ao deslocamento para BH, as opções são bem maiores e tem uma rota estratégica rumo ao centro da cidade, alcançando grandes avenidas

como Amazonas, Afonso Pena e Assis Chateaubriand. As seis linhas partem tanto do alto do Vila Rica, quanto do alto do São José, além de passarem às margens do Rio das Velhas, em General Carneiro, e no bairro Nações Unidas. São realizadas pela Viação Consórcio Estrada Real.

A cidade fragmentada, portanto, corresponde a uma mistura de usos desconectados, mal articulados pelas infraestruturas de transporte. Ela é produzida em parte pela ação (ou inação) do Estado, do mercado imobiliário e, sobretudo, pela ação da população pobre. (VASCONCELOS, 2013, p.22).

Sabará pode ser caracterizada então como uma cidade que sofre um processo de fragmentação. Roberto Lobato Correa (2013), contudo, defende que todo espaço urbano é fragmentado, constituído por áreas distintas quanto a gênese, conteúdo econômico e paisagem e arranjo espacial – um verdadeiro mosaico social.



**Figura 42 – Mapa: Área de atuação Ônibus BH-Sabará**

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com Eric Dardel (2011, p.10): “O afastamento real, o que é geograficamente válido, depende dos obstáculos a serem vencidos, do grau de facilidade que um homem coloca um lugar ao seu alcance”. Portanto, o centro de Sabará está longe e Belo Horizonte está perto. A linha reta não é necessariamente o caminho mais curto de um lugar a outro.

A unidade de paisagem 5 foi deixada para o final pela sua extrema complexidade. É uma grande área descampada, classificada como tipo 1: “Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão”. Esse espaço urbano é composto, exclusivamente, pelo bairro Castanheira que faz divisa com o Taquaril, bairro de Belo

Horizonte. Essa ocupação em área de declive, é conhecida como a mais perigosa de Sabará. Quando se questiona os moradores dos arredores, eles alertam para o perigo e recomendam distância. Conversando com uma assistente social que atendeu algumas famílias do bairro, nos foi explicado que as facções comandam de uma maneira muito mais rígida que em General e arredores. No bairro há toque de recolher e isolamento da população, o que já implicou em meses sem aula nas escolas públicas, pela impossibilidade de acesso dos professores. “Se você quer ver pobreza vai lá [Castanheiras], porque Fatima e General fica no chinelo quando você chega lá. E o tráfico ali é pesado. E tem hora que você vai trabalhar lá no bairro e tem toque de recolher e você não entra” (VNA). Ações como o toque de recolher, “restrições à liberdade de movimentos” (SOUZA, 2012, p.70) legitimam o poder sobre o território e vem acompanhado de uma falsa ideologia da segurança e da proteção, por isso: “constata-se que a instável dimensão de ordem encarnada pelos traficantes, a qual, quando se trata da punição de criminosos comuns, é benéfica para os moradores, cede, volta e meia, lugar a um elemento de ‘desordem’, de risco”. (SOUZA, 2012, p.71).

Entrando em Sabará pela avenida dos Andradas é impossível não o notar. Esta é a única área do distrito sem *Street View* do Google Earth, o que revela tanto uma inacessibilidade estrutural, visto que as estradas ainda permanecem em sua maioria sem pavimentação, como política, pelo poder exercido pelo tráfico. Não conseguimos nenhum morador ou profissional que nos acompanhasse em uma caminhada de reconhecimento e, portanto, só conhecemos o bairro pela vista do Taquaril e pela avenida principal. O trajeto de carro ao longo da avenida principal, chamou demasiada atenção e, por isso, não segui até o fim. Vale ressaltar que foram vistos diversos animais como cavalos, porcos e gado.

Pesquisando mais sobre a ocupação, encontramos uma reivindicação de pavimentação feita a prefeitura, com o fechamento de parte da avenida para Sabará, realizada em 2011. Cinco anos depois, apenas a avenida principal ganhou um calçamento de pedra que diminuiu a poeira. Os moradores alegavam doenças respiratórias e outros problemas de infraestrutura. Um morador, na entrevista, argumentou um fato posteriormente comprovado em conversa com VNA, “Nós moramos dentro de Sabará e não tem um ônibus que faz a linha Castanheira-Sabará”, é preciso ir até BH para pegar um segundo ônibus ao centro da cidade, no distrito sede. Para Belo Horizonte, o bairro é atendido pela BHTRANS, companhia de transporte da capital, que não avança além da avenida Castanheira, a principal.

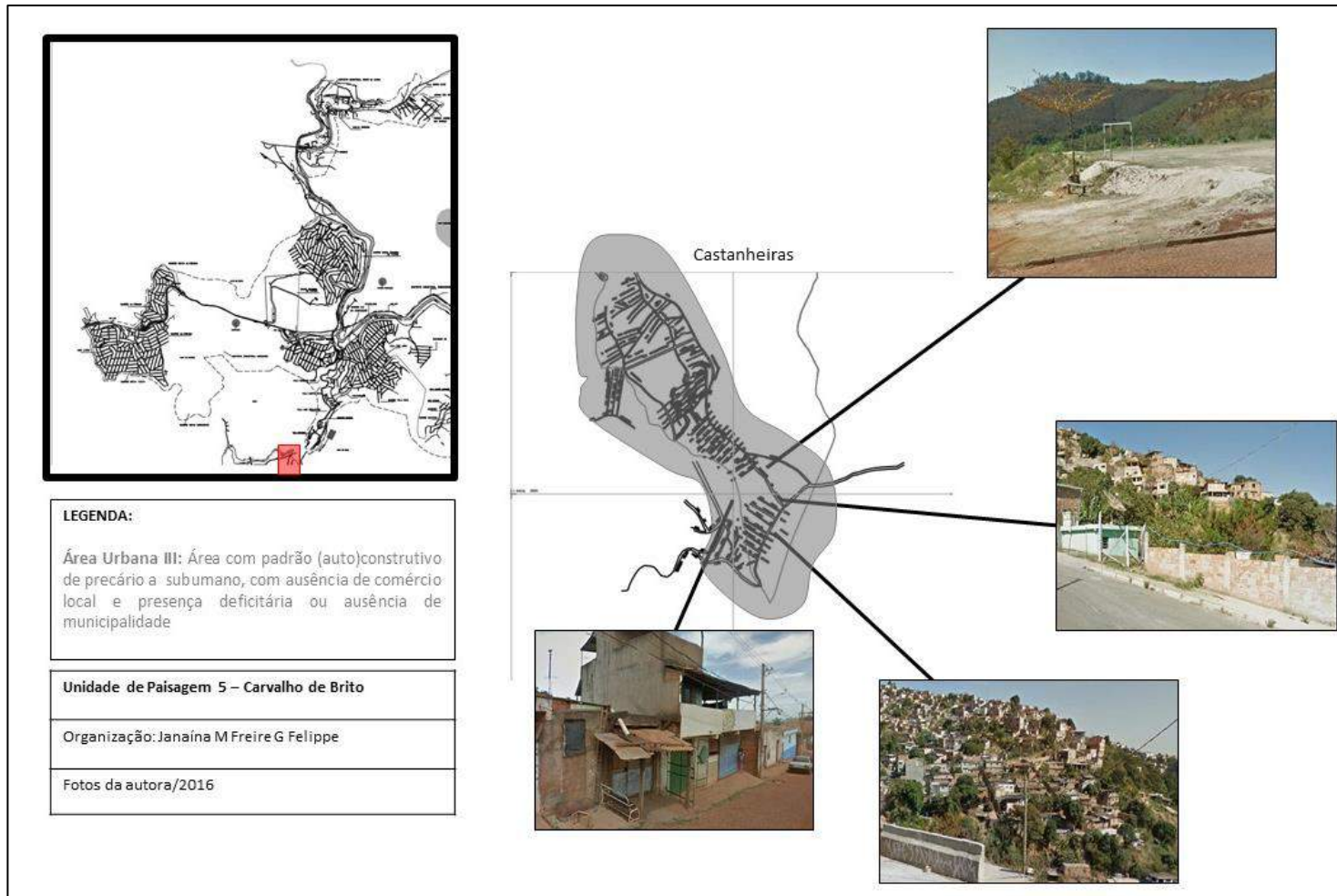
Por conta da periculosidade do local, não foram aplicados todos os questionários programados, mas pelas poucas pessoas com quem conversamos nas bordas, o convívio com Sabará é ínfimo. Mesmo com General Carneiro e Nações Unidas não há interlocução, pela

ausência de mobilidade. Com os bairros Nova Vista, Alvorada e Ana Lucia há um maior contato, que para o lado de lá, representa uma ameaça a segurança, como muitos moradores relataram.

A UP 5 foi caracterizada como Zona Urbana III, pela ausência de comércio, baixíssima qualidade de vida e uma carência absoluta da municipalidade que claramente pretende negar a existência desses sabarenenses. O IBGE classifica os setores dentro do bairro como subnormais.

Dificuldade de acesso com núcleo central de Sabará, haja vista, o acesso ser feito por estrada de terra, precária e pela ausência de transporte coletivo entre o núcleo central de Sabará e o Assentamento. A relação maior dos moradores é com a cidade de Belo Horizonte, de onde há uma linha de ônibus que liga o centro de BH à via principal do assentamento localizada na cumeada da encosta. O assentamento faz divisa com o município de Belo Horizonte através de um córrego no fundo de vale. Da via localizada na cumeada, a única com caixa para acesso a veículos automotores, conectam-se becos e ruelas precários, em direção perpendicular às curvas de nível, no sentido do córrego no fundo do vale e onde está localizada a maior parte das moradias: precárias e em situação de risco. (MZRM, 2011, p.20).

“O bairro parece um lixão, é horrível, horrível. Muito precário, muito ruim” (VNA). Toda essa segregação analisada no distrito Carvalho de Brito é denominada como involuntária por Pedro Vasconcelos (2013) e imposta por Roberta Lobato Correa (2013, p.43) que afirma que envolve “aqueles que residem onde lhes é imposto, sem alternativas de escolha locacional e de tipo de habitação”. Essa é a realidade e uma grande parcela de Sabará.



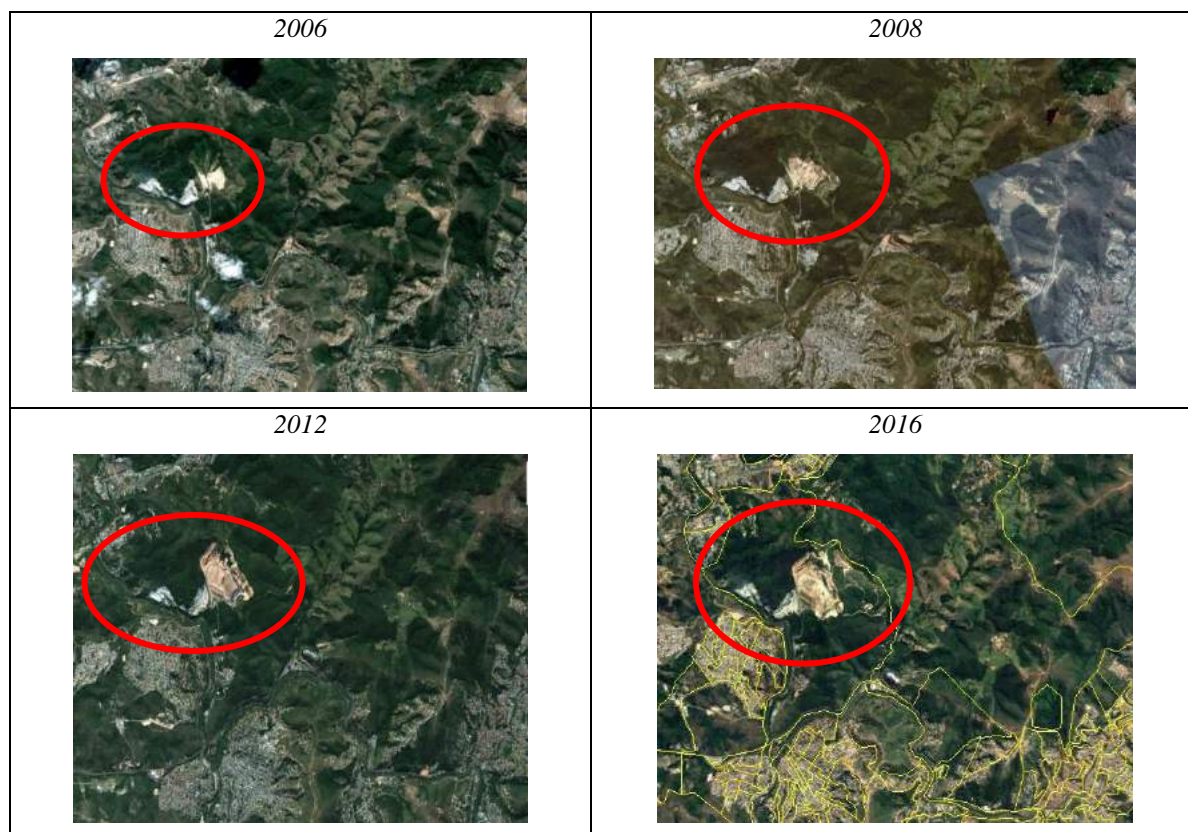
**Figura 43 - Croqui UP 5 – Carvalho de Brito**

Fonte: Elaborada pela autora.

Sabará rompeu os séculos com uma lógica de ocupação e comunicação similar ao colonialismo, salvo as devidas proporções, é claro. É um local de múltiplos arraiais do século XXI, sob o comando de um novo poder metropolitano. Contudo, deixou de ser sede da Comarca e de exercer liderança sobre a localidade, cedendo a Belo Horizonte todo o domínio sobre o rio das Velhas e o antigo Sabarabuçu. Essa força metropolitana que irradia de BH, é resultado de dinâmicas maiores – globalizantes. Isso é facilmente verificável ao olhar a paisagem do distrito de Carvalho de Brito – mais uma Cecília no mundo.

A saturação residencial da metrópole, criou uma zona de expansão para além dos limites municipais da capital. Essa saturação é resultado da urbanização acelerada, gerada pela industrialização e o estabelecimento de grandes empresas. Além disso, o alto valor da terra na capital, dilatou as ocupações rumo as glebas menos onerosas, ainda que irregular.

Diante do crescimento acelerado, a força centrífuga da capital não expelle apenas pessoas, mas também indústrias, serviços e resíduos. Atualmente, toda Belo Horizonte despeja seus resíduos no aterro Sanitário de Macaúbas, em Sabará, também localizado no distrito de Carvalho de Brito, o que tem desagradado a população local. A cada ano, o dano ambiental  maior.



**Figura 44 – Composição de imagens de satélites -Aterro de Macaúbas**

Fonte: Google Earth Pro. / Organização: Janaína M Freire Gori Felipe.



Embora esses pretensos arraiais do século XXI, como pretendemos chamar, não tenham se formado da mineração, como outrora, tiveram, como antigamente, um fundamento econômico para sua formação. No caso de Carvalho de Brito, as “minas” são as indústrias, comércios e serviços da capital mineira<sup>32</sup>, que geram emprego a um município economicamente estagnado pela redução da empregabilidade na mineração ferrífera, pós meados do século XX.

O *lebenswelt metropolitano* não pode ser entendido como um problema local e exclusivo a RMBH.

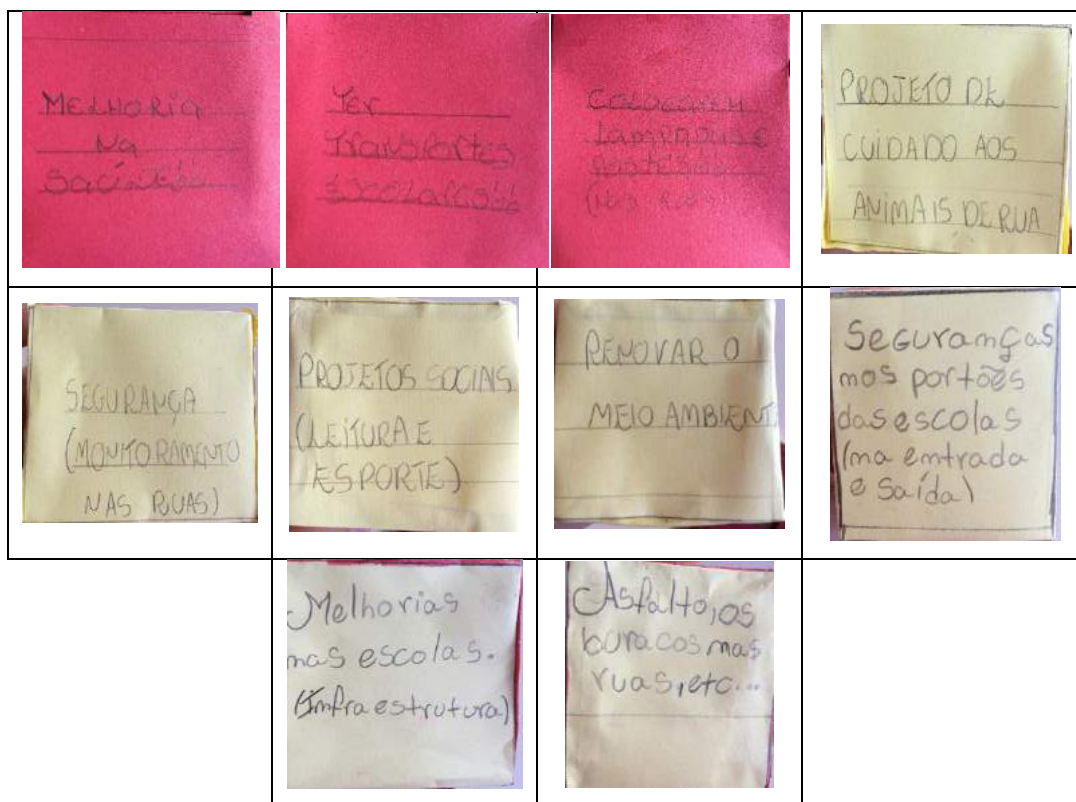
Os problemas urbanos podem ser vistos como não sendo puramente locais em duas situações: primeiramente, se o mesmo tipo de problema se manifesta de maneira idêntica ou semelhantes em várias cidades, demonstrando, assim, que, ao menos em um certo nível, trata-se de um mesmo fator ou conjunto de fatores produzindo resultados iguais ou parecidos em uma escala supralocal. Em segundo lugar, se a gravidade dos problemas e suas implicações são de tal monta que mobilizam as atenções de atores sociais estratégicos vinculados a vida política e a gestão territorial em nível supralocal, torna-se evidente, destarte, que o problema não interessa apenas a esfera sociopolítica local. (SOUZA,2012, p.95).

No caso da RMBH, foi estruturado um PDDI- Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte entre 2009 e 2010. Posteriormente iniciou-se a etapa do macrozoneamento realizado por uma equipe multidisciplinar, ligada a UFMG. O intuito é instituir uma unidade de planejamento que permita identificar e atuar sobre as áreas e zonas de interesse metropolitano, que são sempre, intermunicipais.

Na atividade realizada com os jovens do distrito, foi pedido que produzissem um dado onde cada lado deveria conter um problema referente ao local de moradia. Organizamos eles em três grupos de acordo com a proximidade das casas. Abaixo seguem os problemas relatados, alguns foram repetidos:

---

<sup>32</sup> Processo iniciado com a Vila Marzagão, embora em proporções bem menores



**Figura 45 - Dados dos problemas da comunidade – Carvalho de Brito**

Fonte: Alunos de General Carneiro e arredores. / Organização: Janaína M Freire G Felipe.

A última pergunta do questionário aplicado, requeria que o participante definisse Sabará em uma palavra. Construímos uma nuvem de palavras do distrito de Carvalho de Brito. Grande parte dos moradores a definiram como História. Inicialmente, questionei-me o porquê disso. Estariam eles tão alienados assim? Definem a própria cidade com o conteúdo que sequer conhecem ou acessam no cotidiano. Então, percebi que, na verdade, quando eu pedia que definissem Sabará, muitos não associavam ao seu local de moradia, mas ao centro e, por isso, a resposta. O mesmo ocorre para as palavras, igrejas, antiga, histórico e cultura. Resolvi não mudar a forma da pergunta, pois me pareceu uma oportunidade incrível de analisar o pertencimento com Sabará. Quando, contudo, os moradores respondiam boa, tranquila, legal, favela, precária, desvalorizada, ruim e pobreza, por exemplo, ficava claro o entendimento da narrativa do questionário, como uma análise do local de moradia e não do centro histórico.



### CAPÍTULO III

#### A FIDELÍSSIMA SABARÁ: O DISTRITO SEDE NO CONTEXTO DA METROPOLIZAÇÃO

*A gente vem do tambor do Índio,  
A gente vem de Portugal,  
Vem do batuque negro  
A gente vem do interior e da capital,  
A gente vem do fundo da floresta,  
Da selva urbana dos arranha-céus,  
A gente vem do pampa, do cerrado,  
Vem da megalópole, vem do Pantanal,  
A gente vem de trem, vem de galope,  
De navio, de avião, motocicleta,  
A gente vem a nado  
A gente vem do samba, do forró,  
A gente vem do futuro conhecer nosso passado.  
(Lenine)*



**A FIDELÍSSIMA SABARÁ:  
O DISTRITO SEDE NO CONTEXTO DA METROPOLIZAÇÃO**

---

3.1 Apresentação do distrito

3.2 300 anos de história da fidelíssima – os antigos sabarenses e a repulsa aos novos

3.3 Arraiais do século XXI na sede

3.4 Belgo Mineira – a mãe de Sabará

### 3.1 APRESENTAÇÃO DO DISTRITO

O primeiro contato com o distrito Sede aconteceu em uma procissão na semana santa. Naquele dia, vimos as casas, os sobrados, as igrejas, vimos tudo o que se espera em uma cidade histórica. Na janela, estavam as rendas e flores, no chão, as pedras disformes. Depois da Dona Xica, a nossa primeira anfitriã, algumas outras pessoas nos apresentaram a Sabará histórica. Descobrimos que muitos sujeitos do centro sabarense de fato vivem aquele espaço com muito amor, entendendo-se como parte de algo muito especial, de uma história que transcende seu tempo ali. Alfred Schutz dá a esse conteúdo histórico o nome de *acervo de conhecimentos*, que é um acervo de experiências prévias, tanto das vivências individuais imediatas quanto daquilo que é transmitido pelos semelhantes nas instâncias familiares, sociais e comunitárias. Esse acervo torna-se um esquema de referência para a explicação do mundo.

Tudo o que está pressuposto no mundo da vida do ser, como um acervo, é um modo de conteúdo determinado que também tem um horizonte de indeterminação. O mundo da vida presente é o da ação, já o mundo passado é o imutável, aquilo que pode ser reinterpretado, mas nunca modificado. O futuro é alheio a influência humana embora os atos do presente possam, de alguma forma, condicioná-lo. Os três estão presentes do fluxo da experiência do mundo da vida, o primeiro como ato e os outros como potência.

Me encuentro em una situación espaciotemporal y social, em um mundo circundante natural y socialmente articulado. Como consecuencia de esto, surgen para mí estructuras de significativdad que (por médio de la memoria y de mi pasado, de la decision pasada, de los actos emprendidos y de los proyectos inconclusos) se combinan em un sistema planificado. (SCHUTZ, 2003, p. 38)<sup>33</sup>.

Durante a observação da Sede, a sensação era de estar em uma cidade pequena, com casas miúdas mescladas a outras maiores. Sem nenhum arranha céu, a cidade acolhe. Muitas casas não possuem portões, outras já edificaram grades, cercas elétricas e até câmeras, mas são a minoria absoluta. Passaríamos despercebidos por elas se a ideia não fosse justamente observar.

Identificamos que Sabará tem um “é” e um “costumava ser” e que isso está muito claro na memória e no discurso dos moradores da Sede. Como relataram, os tempos de prosperidade se foram junto com a Belgo Mineira e hoje a cidade parece estar “sufocada” com a presença de Belo Horizonte, configurando-se como “um lugar apenas pra dormir” (ADZ). Os tempos de segurança acabaram com a chegada dos que são de fora: “não é roubo de Sabará, é roubo que

---

<sup>33</sup> Me encontro em uma situação espaçotemporal e social, em um mundo circundante natural e socialmente articulado. Como consequência disso, surgem para mim estruturas significativas que (por meio da memória e do meu passado, da decisão transcorrida, dos atos empreendidos e dos projetos incompletos) se combinam em um sistema planificado.

ta chegando, ta vindo de fora. Se você olha o morro hoje em dia, só tem favela, como cresceu” (BA). Os moradores da Sede não se identificam com os “forasteiros” o que explica o uso da expressão “não é de Sabará”. Acreditam que a cidade não possui o mesmo valor para quem mora nas periferias, e que são muito mais belo horizontinos do que sabarenses. “São pessoas diferentes, nem do bem e nem do mal, mas diferentes”, como nos disse ADZ, sobre os moradores de Carvalho de Brito.

Para Edith Stein uma comunidade se torna valiosa a partir dos valores e da dedicação pessoal que se direcionam a ela:

(...) la comunidad es algo valioso, y tanto más valioso cuanto más altos sean los valores, más pura la respuesta a ellos y más intensa la dedicación personal a los mismos, esto es, cuanto mayor sea el grado em que es una comunidade y la pureza con que lo sea. (STEIN, 2003, p.736)<sup>34</sup>.

A diferença entre os moradores de Carvalho de Brito e da Sede de fato existe, os primeiros não estabelecem vivências espirituais significativas com o centro histórico e isso impede que se efetive um mundo espiritual e um sentido de lugar. Isso se dá pela distância do centro histórico, tanto pelas limitadas redes de transporte quando pela carência de equipamentos urbanos.

Organizamos o capítulo trazendo os principais pontos verificados na fala dos moradores, procurando analisa-los criticamente, em diálogo com alguns autores. Todos esses temas foram levantados em campo para posterior análise, portanto, nos preocupamos em abordar a totalidade do que nos foi passado e não necessariamente abarcar tudo o que vigora em Sabará. Acreditamos que, como explica Edith Stein (2005) o indivíduo representa o coletivo e o fluxo de vivências individuais dos moradores participantes da tese, representam o fluxo de vivências do grupo.

Em síntese, essas foram as questões principais observadas no distrito Sede:

- A repulsa aos novos sabarenses ( não aceitação deles como sabarenses)
- Periferização e criminalidade
- Importância da Belgo Mineira
- Sufocamento de Belo Horizonte e Sabará como cidade dormitório
- A problemática dos governos municipais
- As comunidades católicas (irmandades)
- Dualidade do “ser” e do “costumava ser” da cidade

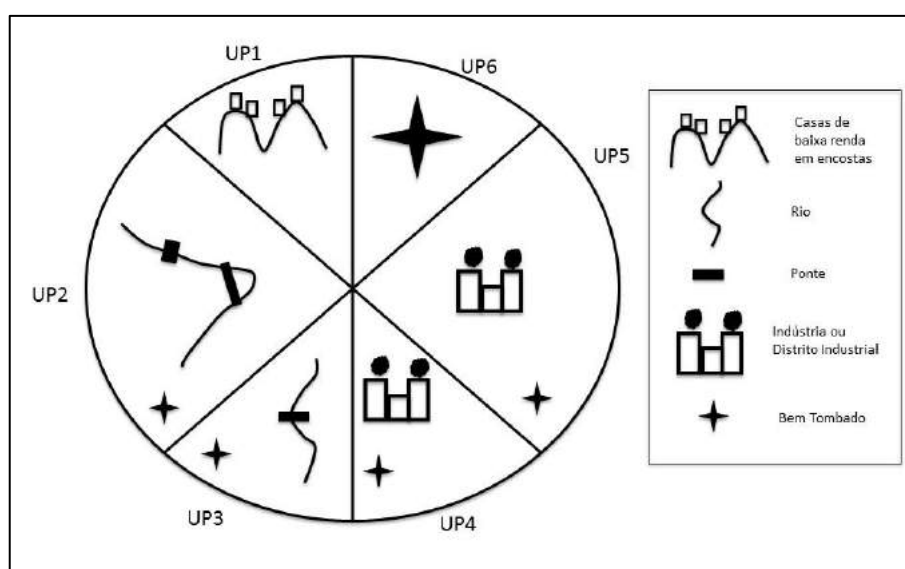
No distrito foram realizadas cinco entrevistas e duas caminhadas de reconhecimento.

---

<sup>34</sup> A comunidade é algo valioso e tanto mais valioso quanto mais alto sejam os valores, mais pura a resposta a eles e mais forte o empenho pessoal aos mesmos, quer dizer, quanto maior seja o grau em que é uma comunidade e a pureza com o que a seja

Durante a etapa de observação, dividimos o distrito em seis unidades de paisagem, conforme figura 47. Essas unidades foram vetorizadas (figura 48) e posteriormente tipificadas (figura 49). Finalmente, todas as áreas urbanas foram agrupadas nas zonas já definidas e apresentadas. De acordo com a prefeitura, os distritos Sede e Mestre Caetano compõem uma única regional, denominada de Sede. Isto nos parece uma decisão prejudicial, principalmente, ao bairro Pompéu, em Mestre Caetano, que tem uma dinâmica particular, como veremos no capítulo 4.

Os elementos destacados na caderneta de campo e utilizados para a divisão das unidades de paisagem, foram os seguintes:



**Figura 46 - Observação Distrito Sede – Unidades de Paisagem**

Fonte: Elaborado pela autora

Na primeira unidade de paisagem, estão as ocupações verticais do Rosário (I, II e III) que já se encostam ao distrito Carvalho de Brito. Na unidade 2, localizam-se os tradicionais bairros de Roça Grande e Paciência (além de outros), que já não carregam nenhum vestígio dos oitocentos e novecentos. Para acessar grande parte dessa região é preciso tomar a ponte da Paciência, famosa na região, donde se avista o pontilhão da antiga ferrovia, tombado pelo município, o que explica o uso do símbolo da rosa dos ventos no canto do quartil e a imagem do rio das Velhas com as duas pontes. Já a UP 3, é acessada pela também conhecida ponte do Arraial Velho, bem mais modesta. Nessa unidade, estão os bairros Adelmolândia, Fogo Apagou (onde aconteceu conflitos da Guerra dos Emboabas), Morro da Cruz e Arraial Velho. Nesses dois últimos há remanescentes históricos tombados. A UP 4, foi distinguida por conta da presença da Siderúrgica e minas de ferro, algumas desativadas. Lá encontra-se a igreja símbolo de Sabará: Nossa Senhora do Ó. A UP 5 é um grande descampado com ocupações rurais e uma



borda urbanizada que vem avançando do bairro Borges e Borba Gato, próximo ao distrito Industrial Simão da Cunha, já apresentado no capítulo 2. Contudo, há nessa área uma antiga capela rural, a da Soledade, pouquíssimo inserida no circuito turístico, mesmo que tombada. Por fim, a unidade 6 foi assim destacada por conter todo o centro histórico e arredores mais próximos

Apenas as unidades 1, 2 e 3 são banhadas pelo Rio das Velhas, todas as outras são cortadas pelo rio Sabará, onde se estima as primeiras ocupações. Ao longo de toda a pesquisa os moradores não mencionaram dados históricos sobre a Sabará dos séculos XVII, XVIII e XIX. Os moradores sentiam-se mais confortáveis em discorrer sobre a história recente, que vivenciaram pessoalmente ou através de relatos de familiares. As poucas informações relatadas sobre a Sabará do Brasil colonial tratavam-se sempre das igrejas, e também podiam ser encontradas em cartazes colados nas paredes dos templos.

Para Pierre Nora (1993), a existência dos *lugares de memória* comprova o fim desta, porque, se ela ainda existisse, eles não seriam necessários. Em vista disso, os monumentos e museus são esvaziados daquilo que deveria fazer deles verdadeiramente lugares de memória – ela própria. Para melhor esclarecer essas ideias, construímos o quadro síntese a seguir, que compara história e memória à luz da teoria de Pierre Nora.

**Quadro 3 - História X Memória - Pierre Nora**

<b>HISTÓRIA</b>	<b>MEMÓRIA</b>
<b>Reconstrução sempre incompleta de algo que não existe mais</b>	Grupos vivos, Lembrança viva, Permanente evolução. Aberta à dialética da lembrança e do esquecimento
<b>Representação do passado</b>	Fenômeno sempre atual (eterno presente)
<b>Operação intelectual, Laicizante, Análise e discurso crítico</b>	Afetiva, Mágica, Lembranças flutuantes e vagas; não se prende a detalhes
<b>Prosaico</b>	Sagrado
<b>Pertence a todos e a ninguém; Vocação para o universal</b>	Emerge de um grupo, Múltipla, Desacelerada. Coletiva e Individualizada ao mesmo tempo
<b>Se liga nas discontinuidades temporais e nas relações entre as coisas</b>	Enraíza no concreto, no gesto, no espaço, na imagem, no objeto...
<b>Deslegitimação do passado vivido</b>	É o próprio vivido
<b>Relativo</b>	Absoluto

Fonte: Pierre Nora (1993, p.7-14)/ Organização: Janaína Mourão Freire.

Os templos religiosos, embora se configurem como história quando se trata de sua origem colonial, abastecem a memória de muitos moradores da atual Sabará, principalmente no distrito Sede, onde há muitas irmandades católicas. Mas sobre isso nos aprofundaremos no capítulo 6.

No que concerne a tipologia<sup>35</sup>, grande parte da Sede está classificada como tipo 1, pelo enorme espaço vazio encontrado nos limites do distrito. A UP 6 está totalmente urbanizada, por causa da influência do centro histórico, que expandiu suas fronteiras. Na UP 4, muito conectada ao centro histórico, embora a urbanização esteja bem avançada, ainda há vazios urbanos. Já as unidades de paisagem 1 e 2, mesclam urbanização com mata e espaços rurais.

---

<sup>35</sup> Tipo 1 → Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão

Tipo 2 → Majoritariamente espaço urbano com espaço rural discreto e matas reminiscentes

Tipo 3 → Mata e espaço urbano em proporções similares com espaço rural discreto

Tipo 4 → Apenas espaços urbanos

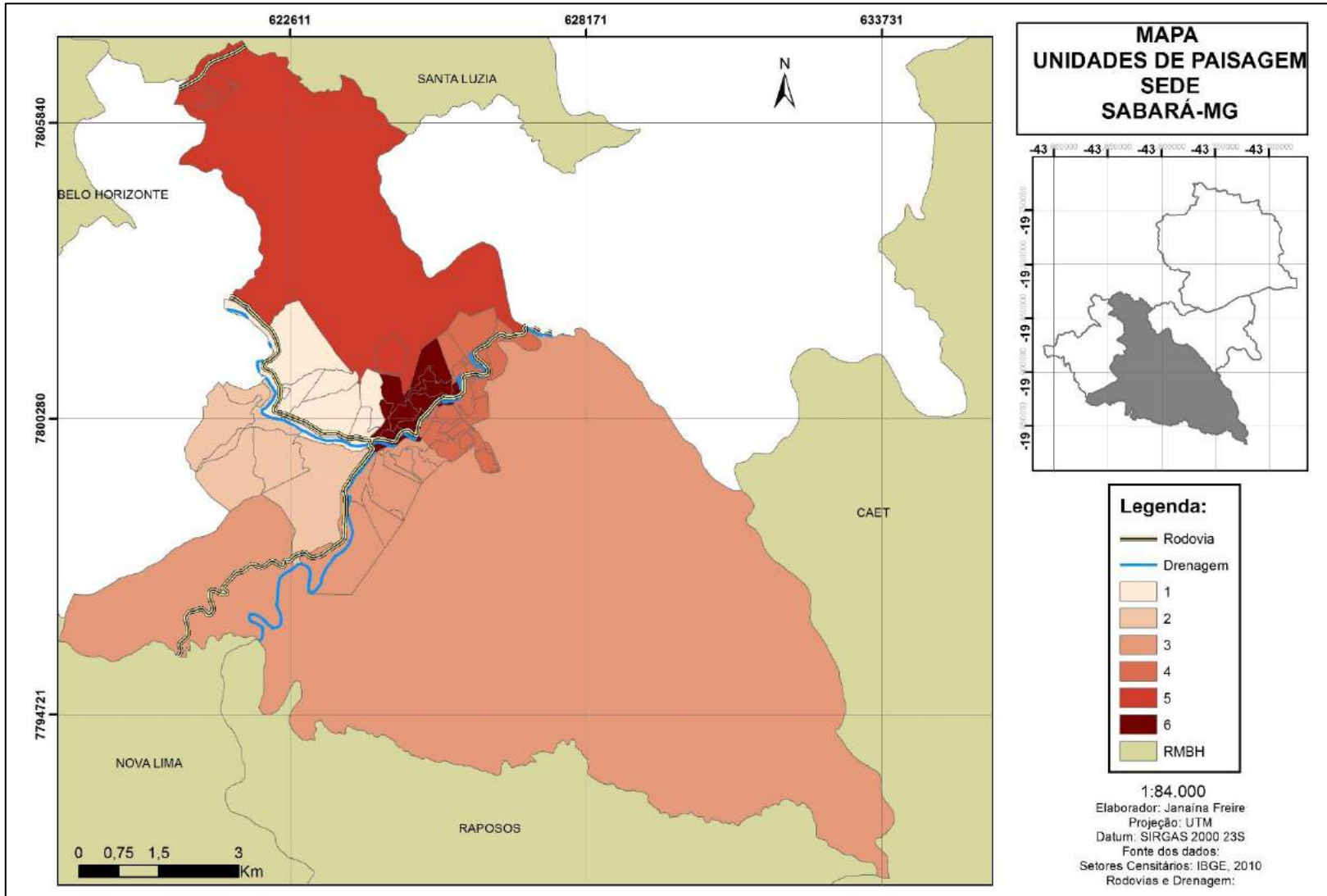
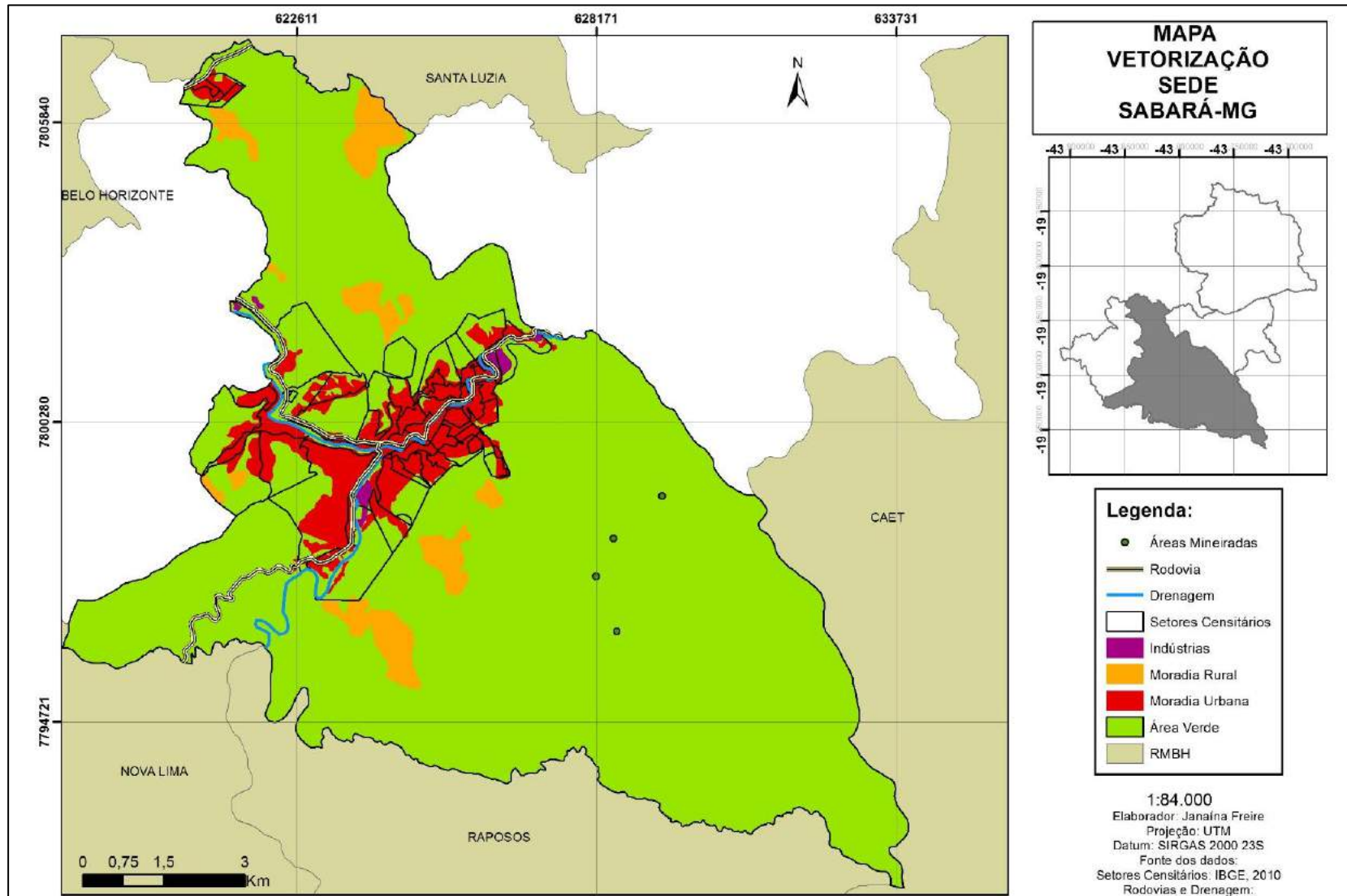


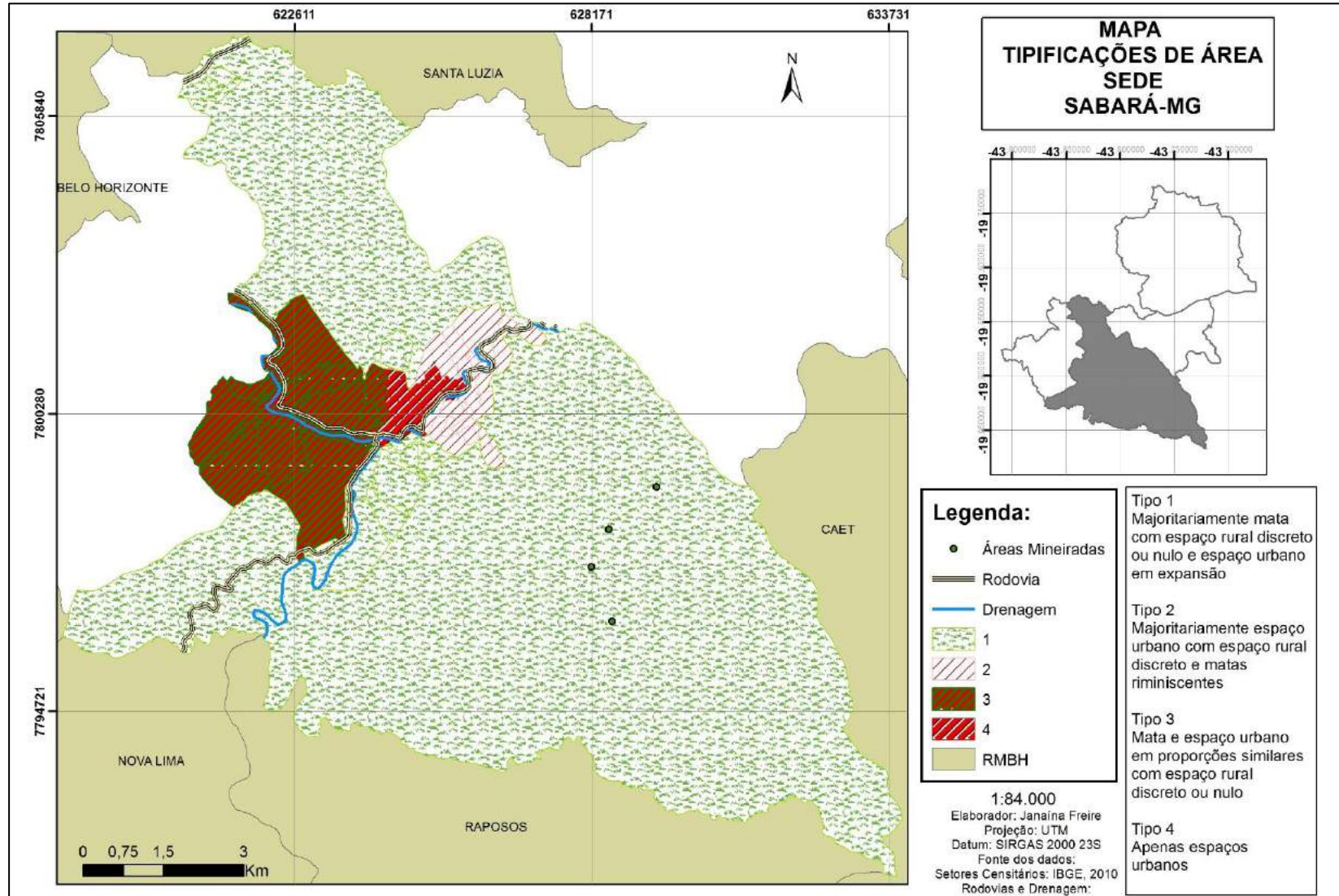
Figura 47 – Mapa: Unidades de paisagem da sede Sabará - MG

Fonte: Setores Censitários, IBGE, 2010. / Organização: Janaina Freire.



**Figura 48 – Mapa: Vetorização da sede Sabará - MG**

Fonte: Setores Censitários, IBGE, 2010. / Organização: Janaina Freire.

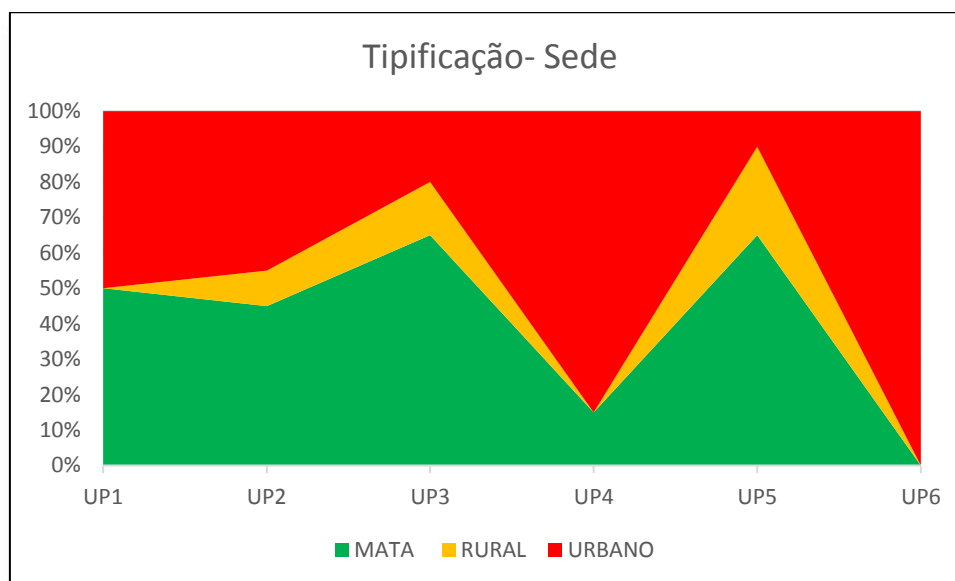


**Figura 49 – Mapa: Tipificações de área da sede Sabará - MG**

Fonte: Setores Censitários, IBGE, 2010. / Organização: Janaina Freire.

É importante frisar que os espaços rurais se caracterizam basicamente por moradias em chácaras. São grandes terrenos com piscina e considerável área construída. Há algumas chácaras já misturadas a moradias urbanas, com estrutura viária pavimentada (como é o caso do Arraial Velho e do Paciência) e, por isso, as inserimos dentro do perímetro urbano, pela dinâmica de vida dos moradores estar mais ligada à cidade que ao isolamento rural.

**Gráfico 7 - Tipificação de área - Sede**



Fonte: Elaborada pela autora.

Partindo dos relatos dos moradores, dividiríamos os períodos históricos ligados ao distrito somente a partir da chegada da indústria ferrífera na cidade. Contudo, optamos por fazer uma pesquisa histórica para contextualizar Sabará em sua origem. Embora a tese não tenha qualquer pretensão historiográfica, acreditamos que algumas páginas sobre a formação da cidade, seja fundamental para sua compreensão. A partir disso, traçaremos um resumo dos períodos históricos ligados ao distrito. A escolha de fazer isso apenas no terceiro capítulo é explicada pelo fato de Carvalho de Brito não ter qualquer registro que comprove sua ocupação antes dos novecentos. Por isso, no segundo capítulo pudemos traçar os períodos históricos partindo, apenas, dos relatos dos moradores.

### 3.2 300 ANOS DE HISTÓRIA DA FIDELÍSSIMA – OS ANTIGOS SABARENSES E A REPULSA AOS NOVOS

“Como produto de um devenir universal a denominada cidade histórica ou cidade colonial mineira retrata a saga material-econômica e política portuguesa no além mar” (COSTA,2015, p.80). Há controvérsias sobre a primeira ocupação branca na região de Sabarabuçu, nome dado a Serra da Piedade<sup>36</sup>. De acordo com Zoroastro Passos (1942), os baianos chegaram primeiro, nas proximidades do Rio Sabará, e só posteriormente, as ocupações paulistas começaram as margens do Rio das Velhas, formando o arraial de Roça Grande. O paulista Manoel de Borba Gato, é elevado como o primeiro povoador, que integrou a bandeira a percorrer a região da atual Minas Gerais, entre 1674 e 1681, chefiada por Fernão Dias, seu sogro. Mas os indícios da ocupação nordestina pioneira, segundo o historiador mineiro Zoroastro Passos, estão na forma da ocupação. As localidades povoadas inicialmente por paulistas, como Ouro Preto e Mariana, tinham arraiais muito distantes uns dos outros, em torno de uma légua (4,2 km). Já as ocupações baianas, caracterizavam-se por arraiais próximos, afastados em aproximadamente 200 metros, como é o caso do Centro Histórico de Sabará, “o baiano audaz, muito antes do paulista, já em 1655, senão antes, na viagem de penetração de Spinosa, viera aos sertões de Sabará, muito antes de Vila Rica e Mariana”. (PASSOS, 1942, p.35).

Dentre os arraiais originados nesse período, poderíamos citar, às margens do rio Sabará: arraial da Barra, da Capela do Rosário, da Esperança, da Igreja Nova, de Sabará Acima, de Pompéu, de Lavras Velhas. E às margens do Rio das Velhas: Arraial de Santo Antônio da Mouraria (hoje Arraial Velho), de Santana e de Santo Antônio de Bom Retiro (hoje Roça Grande). No livro de Passos (1942), encontramos uma espacialização dessas antigas ocupações

---

<sup>36</sup> De acordo com Rafael Straforini(2007) : “A lenda do Sabarabuçu tem origem no mundo mítico europeu feudal, que dizia que a leste (oriente) desse continente se localizavam riquezas jamais vistas. Acreditavam que quanto mais a oriente estivesse localizada uma colônia, terras ou minas, maiores seriam os tesouros a serem descobertos. Com as navegações dos séculos XVI e XVII, tal lenda não só foi reforçada e recriada – uma vez que os navios voltavam do oriente carregados de riquezas – como também foi transposta para as possessões coloniais da América, África e Ásia. A descoberta de metais preciosos na América Espanhola, no século XVI, mais precisamente em Potosi, alimentou a idéia de que as verdadeiras e ricas minas de metais preciosos ainda estavam para ser descobertas (...). Foi a partir dessa realidade fantástica que se criou o mito do Sabarabuçu (serra de prata, esmeralda e, sobretudo, ouro) entre os portugueses, os espanhóis e, sobretudo, entre os homens coloniais no século XVI, lançando-os para o sertão à procura da serra” (STRAFORNI, 2007, p.82/83)

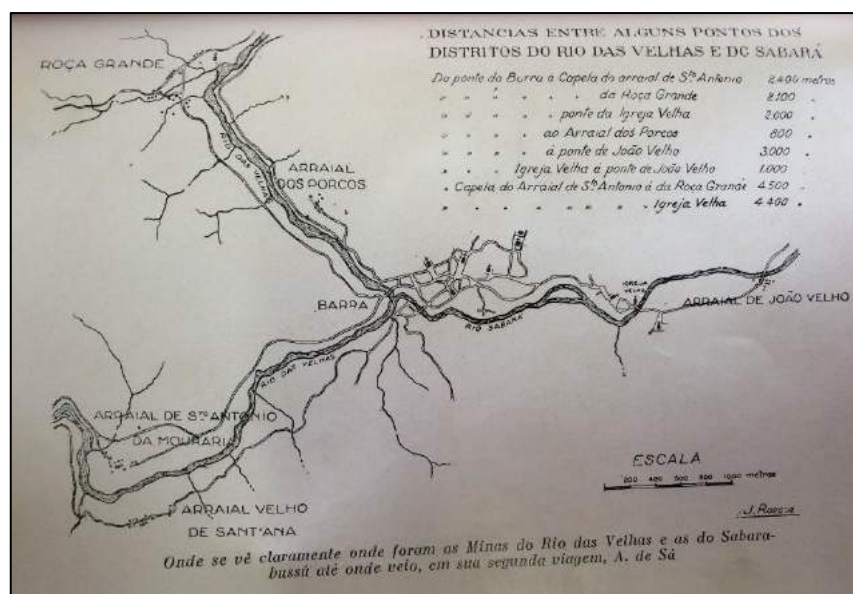


**Figura 50 - Perfil dos arraiais de Sabará**

Fonte: PASSOS (1942).

Atualmente todos esses locais já estão conectados por um considerável adensamento urbano. Os espaços de convívio eram muito valorizados ao longo do ciclo do ouro, e, por isso, a presença de alguns largos e praças. Como eram usados para cultos, atividades comerciais e manifestações cívicas, possuíam, normalmente, os edifícios de maior expressão arquitetônica das redondezas. Em relação as vias de acesso, é possível perceber o traçado irregular e estreito, além da ausência de calçamentos, que precisaram ser adaptados.

Avaliando esse outro mapa abaixo, é possível visualizar as ocupações a partir dos rios das Velhas e Sabará. Inserimos, em seguida, uma imagem se satélite dos bairros que hoje se estendem por essas localidades.







**Figuras 51 e 52 – Mapa: Ocupações Rio das Velhas e Rio Sabará**

Fonte: PASSOS (1942)/ Google Earth (acesso em outubro de 2016).

Nota-se claramente o predomínio ocupacional na altura do rio Sabará. Contudo, a permanência de Borba Gato como o grande colonizador, seria resultado de uma primazia paulista no cenário intelectual brasileiro, que Zoroastro Passos (1942) fez questão de desmistificar, em prol da história mineira.

Dois núcleos se formaram ao longo do processo de ocupação: o da Igreja Grande e o da Barra. Eles se comunicavam pelo rio ou por estradas abertas na mata, dentre os morros. O principal morro de passagem é o hoje chamado morro da Intendência, onde se localiza a Igreja Nossa Senhora das Mercês, o museu do ouro e a Santa Casa. O primeiro núcleo formado foi o da Igreja Grande, que ainda está de pé e é chamada de Igreja de Nossa Senhora da Conceição, uma das matrizes da atual irmandade católica de Sabará. Acredita-se que teve sua construção iniciada em 1701 e inaugurada nove anos depois. Contudo, há registros de uma igreja anterior, do século XVII, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, que teria sido construída na cabeceira do rio. O núcleo da Barra englobou uma Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Rita e de Santo Antônio de Mouraria, todas já inexistentes. Os dois núcleos pertenciam a Comarca de Sabará, também chamada de Comarca do Rio das Velhas.

As bandeiras chegando as minas gerais, onde encontrassem ouro, erigiam uma capela provisória, ponto de partida para os grandes templos, se a mineração prosperava, ou que desaparecia se o ouro escasseava (...). Em torno desse núcleo iam se formando, aos poucos, as irmandades, que cultivavam privilégios, estabeleciam competições e toda uma trama de pequenos nadas que davam encanto a vida colonial. (PASSOS, 1942, p.2-3).

A abundância do ouro em Sabará explica a quantidade de capelas construídas entre os séculos XVII e XVIII, conforme pesquisa realizada por Passos (1942). Toda a vida colonial girava em torno dos pequenos e grandes templos construídos, mas muitas capelas foram

completamente perdidas após a desocupação da área, ainda nos setecentos. A verdade é que somente as capelas do século XVIII, e não todas, chegaram até nós.

Ocorre um processo de transmissão de formas, porém, em novo espaço tempo; há a emergência da sociedade da mineração, com suas cidades encravadas em montanhas e o barroco como expressão cultural dessa sociedade, florescendo novo, distanciado de suas matrizes europeias. Logo, as cidades coloniais barrocas da zona das minas trazem, em sua formação, a forma-conteúdo da retórica sacra, da pintura e da arquitetura como princípios fundamentais do ordenamento do território e da sociedade nascente. Os homens daquela época viveram e nos legaram um drama sagrado à sombra dos anjos, santos e profetas, onde a busca da salvação deu conformação às aglomerações, organizou os edifícios, as ruas, as praças e os palácios. (COSTA, 2015, p.81).

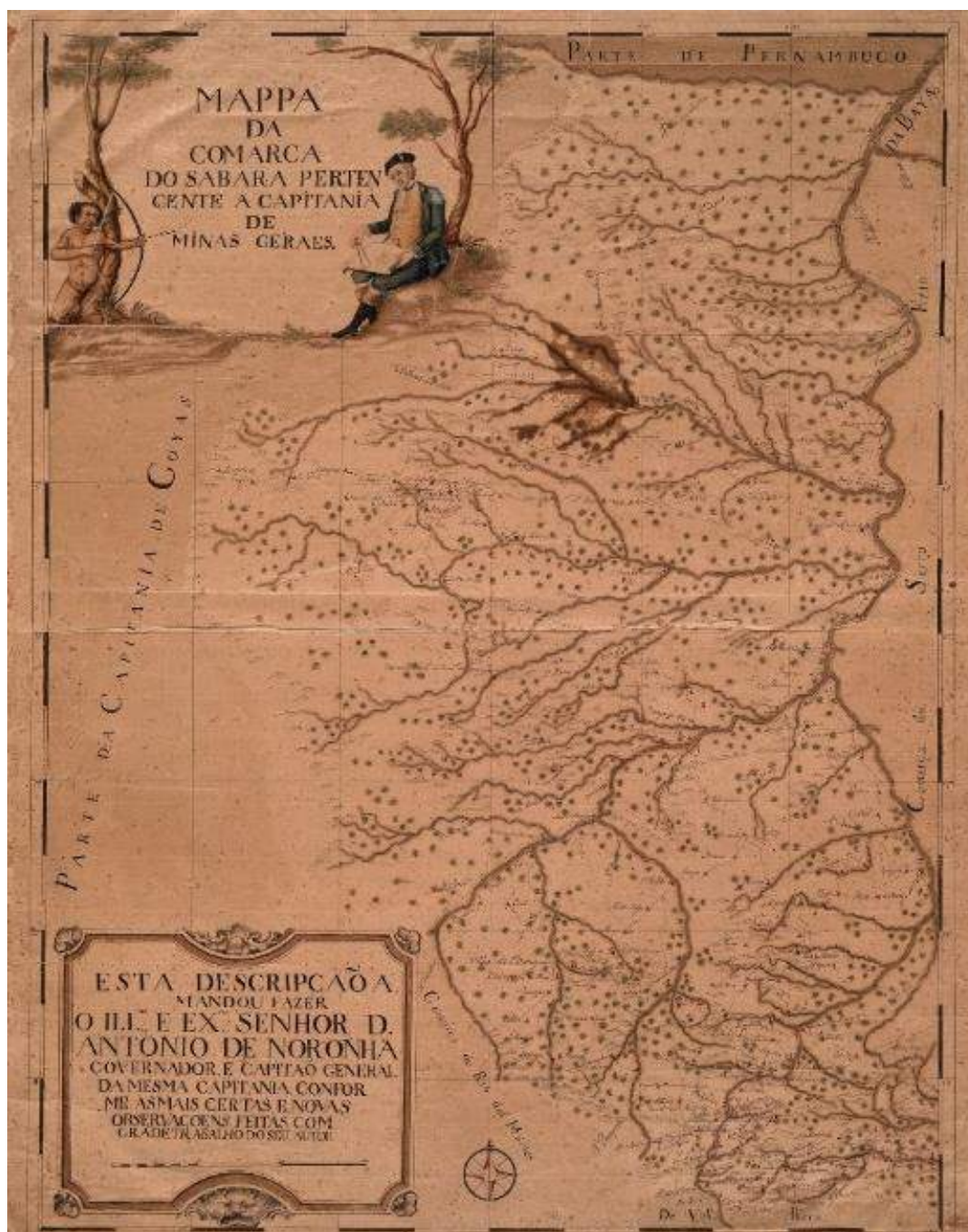
Everaldo Costa (2015) elenca alguns elementos que representam essa sociedade da mineração, dentre eles, destacamos:

1. A mineração favoreceu o comércio interno;
2. A comunicação do Nordeste com o território das Minas;
3. O ouro permitiu a diferenciação entre as distintas regiões do Brasil, tornando-as independentes;
4. Produção artística cidadinas, materializadas no barroco mineiro;
5. A urbanização viabilizada pela mineração. “A mineração favorece (...) a formação de uma rede urbana de ‘tempo lento’ no Brasil” (COSTA, 2015, p.84);
6. Ampliação da ocupação para além do *litoral atlântico, contendo uma estrutura colonial litorânea e uma estrutura colonial interiorana setecentista*.

Sabará tornou-se vila – Vila Real de Sabará - em 16 de julho de 1711, tendo sua sede estabelecida no núcleo da barra, bem próximo a foz do Rio Sabará, no encontro com o Rio das Velhas<sup>37</sup>. Pertencia a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro (e não mais diretamente ao Rio de Janeiro, desde 1709) e era governada por Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho. A capitania, onze anos depois de criada, dissolveu-se em duas, para facilitar a administração, tornando-se Capitania de Minas Gerais e Capitania de São Paulo. Nomes que vigoram até os dias atuais na divisão política estadual brasileira. Com a separação das capitanias, a sede de Minas passou a vigorar na Vila Rica, que se tornou a capital quando da instituição da província de Minas Gerais, pela proclamação da República.

---

<sup>37</sup> Embora as primeiras ocupações registradas tenham ocorrido na região de Sabará, Mariana tornou-se vila meses antes, recebendo o nome de Vila do Carmo, seguida por Ouro Preto que na altura recebeu o nome de Vila Rica. A terceira vila formada foi a Real de Sabará. Isto explica a crença que muitos tem a respeito de Mariana, como a primeira zona mineira, contudo, foi a primeira vila, formada mais de meio século depois dos primeiros registros de baianos no rio Sabará.

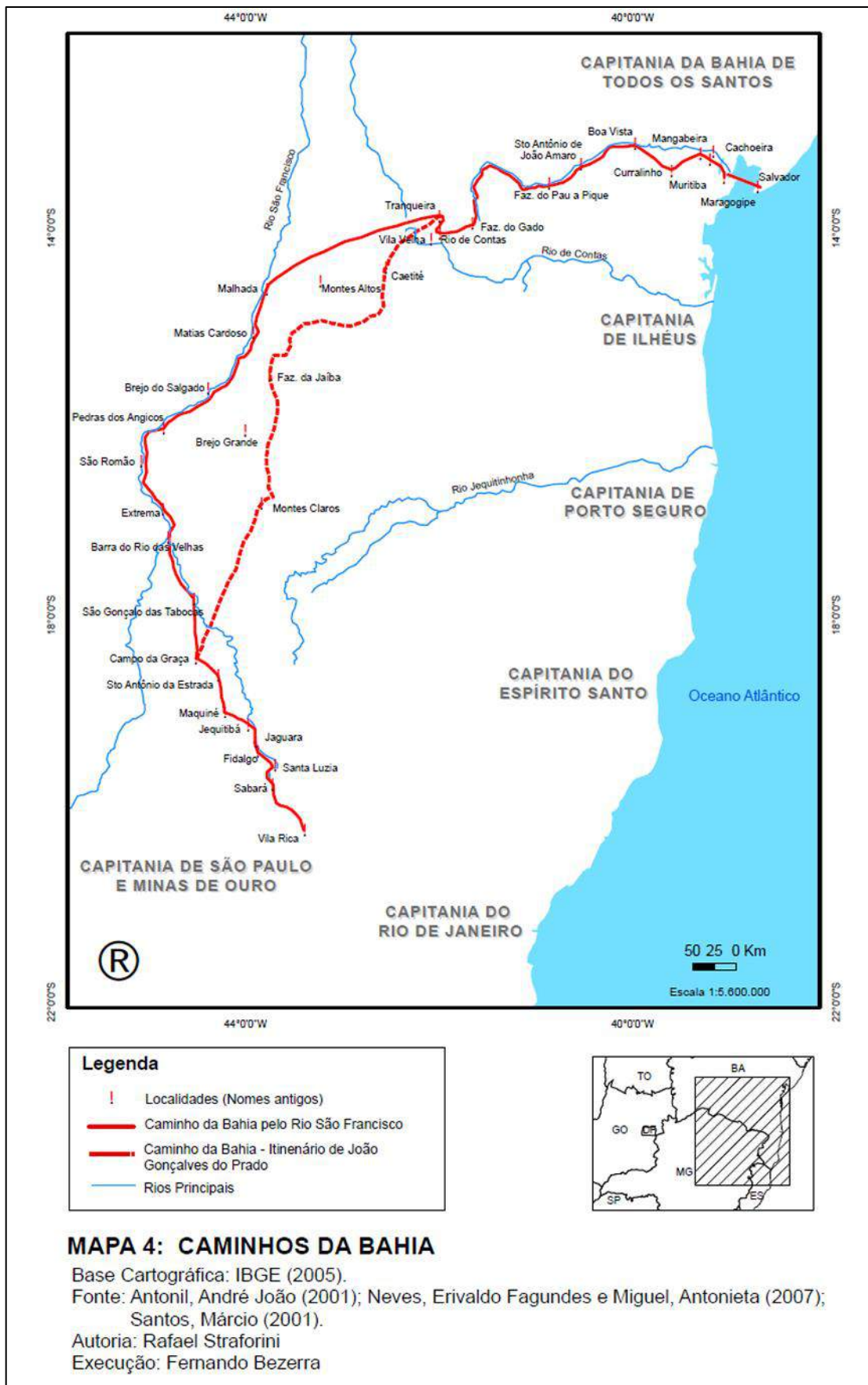


**Figura 53 – Mapa: Comarca de Sabará da Capitania de Minas Gerais**

Fonte: Arquivo Publico Mineiro.

Sabará, embora ainda inserida na comarca de maior destaque e com maior contingente populacional, perdeu a centralidade política sobre as Minas Gerais para Villa Rica, contudo mantinha sua primazia enquanto ponto de culminância viário e, por conseguinte, comunicacional pela estrada real. Tanto o caminho velho, como o da Bahia e o novo, ligavam-se a cidade pelo caminho do Sabarabuçu, como representado nas figuras a seguir. “Nos primeiros tempos da mineração, o caminho mais usado para o abastecimento das minas foi o da





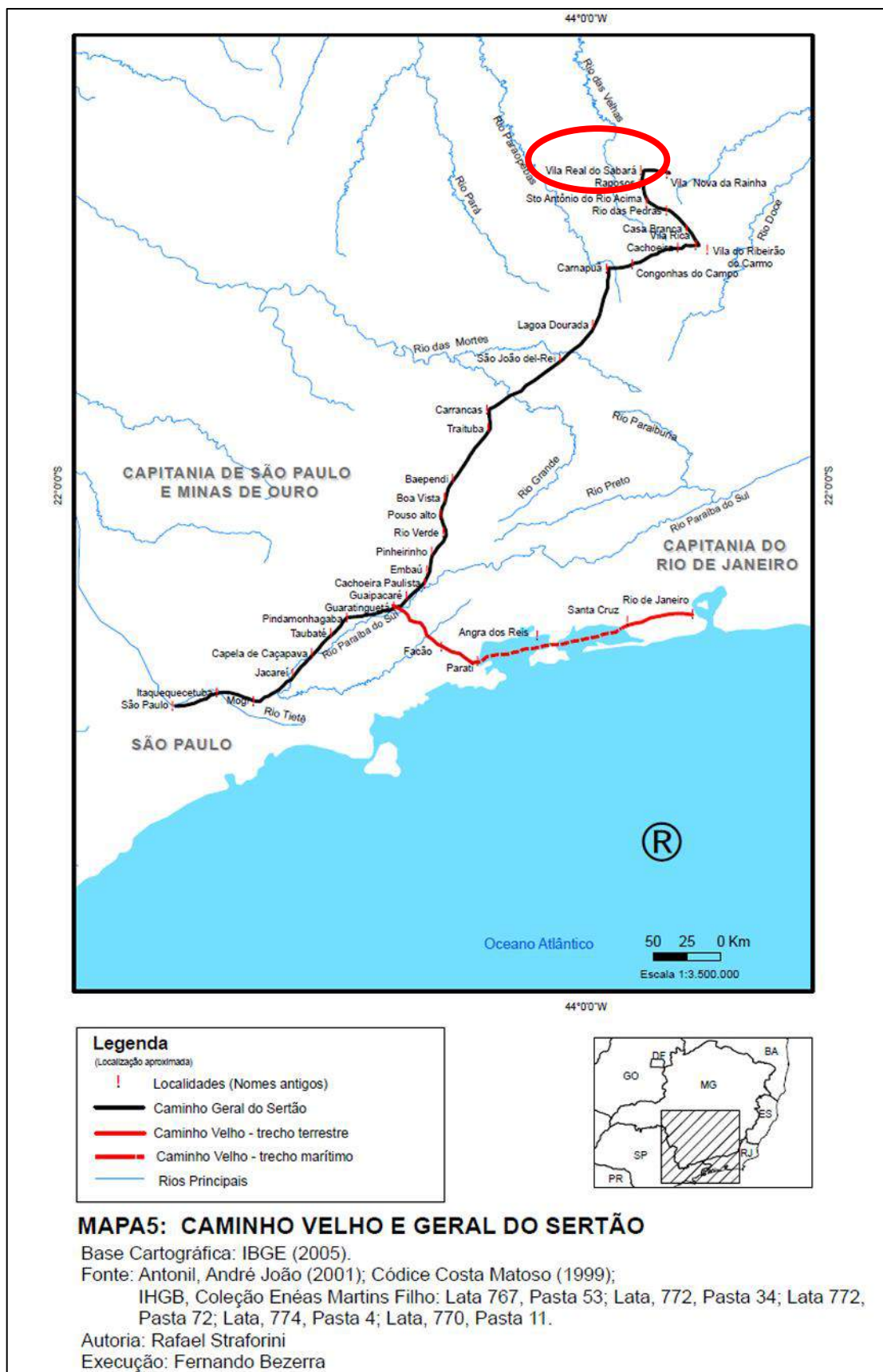


Figura 54, 55 e 56 - Mapas das estradas reais (grifo próprio)

Fonte: <http://www.institutoestradaereal.com.br/>. Acesso em setembro/2016.

O fato do caminho dos diamantes ser melhor trafegável, ainda que mais longo, é um dos fatores que sustentam a tese de Passos (1942b, p.12) sobre as pioneiras ocupações baianas no local: “De Salvador até ali [Sabará], é um chapadão servido por rios navegáveis que a partir do Jequitinhonha vinham até o rio das Velhas, não sendo preciso vingar serras”.

Atualmente os caminhos da estrada real têm sido muito usados por motoqueiros e turistas que buscam grandes trilhas, mas é pouquíssimo consumido pelos moradores locais. Apenas no Pompéu identificamos a estrada real na memória da população. Dois dos moradores entrevistados relataram o programa juvenil de fazer a rota até o topo da Serra da Piedade, que durava aproximadamente seis horas para a subida e uma hora a menos na volta. Contudo, pela idade, já não o fazem mais e, segundo relataram, os jovens da comunidade não valorizam mais esse atrativo.

O Rio das Velhas foi usado para transporte de pequenas embarcações desde o século XVIII. Portugal chegou a edificar um forte próximo a Santa Luzia para evitar a navegação clandestina com contrabando de ouro não quintado. Nesse período, Sabará também vivia muito do comércio e da produção agrícola. Hoje o rio das Velhas encontra-se em estado deplorável, além do baixíssimo nível mesmo no período chuvoso, está em estado degradante de poluição, não sendo possível trafegar por embarcação e nem nadar. Algumas cachoeiras que existiam, como relataram moradores, só restaram na memória e nas marcas deixadas nas pedras.

A crise aurífera, iniciada em 1750, intensificou-se com o aumento de impostos exigidos pelo poder metropolitano, o que culminou na inconfidência mineira, em 1789. Além disso, as jazidas em aluviões e filões, com precárias técnicas de extração, já não forneciam resultados satisfatórios, esgotaram-se. O mineiro brasileiro, minerava em céu aberto, não possuía tecnologias para desbravar o subterrâneo, que quando explorado, gerava muitos desmoronamentos. Grande parte dos mineiros eram faiscadores, aqueles que livres ou escravos apresentavam o produto as casas de fundição para serem quintados. Os garimpeiros, eram os catadores furtivos que transportavam o ouro clandestinamente. Com a tentativa de soerguer a produção de “ouro”, D João VI abre espaço para a chegada de mineradoras inglesas no Brasil que com algumas inovações, protelam a vida aurífera da cidade. (SOUZA, 2002). Nos dias atuais, a AngloGold ainda extrai ouro das montanhas do antigo Sabarabuçu.

Sabará elevou-se a condição de cidade no dia 06 de junho de 1838. Enquanto ainda era vila, abarcava quase todo o território que hoje pertence a Caeté, Raposos, Rio Acima, Nova Lima, Belo Horizonte e outros. Sabará era um centro econômico das Minas Gerais. O elemento chave de todo o seu desenvolvimento era o ouro, embora também houvesse veios de diamantes na região. A sua importância como centro comercial do Brasil colonial, lhe rendeu o título de

fidelíssima, dado pelo imperador D. Pedro I, em 17 de março de 1823. Até o século XIX, sua presença era basilar. O tempo passou e Sabará continua sendo fidelíssima a alguém, no caso agora, uma nova metrópole: Belo Horizonte.

Encontramos um mapa de Sabará, de 1927, que utilizamos como base para representar as mudanças ocorridas no município em termos de território. O mapa está claramente alterado no que concerne ao georreferenciamento, mas permitiu uma visualização clara das dinâmicas territoriais ocorridas. Com exceção do centro da cidade, todas as outras áreas sofreram alguma alteração para que chegássemos a estrutura atual do município. Isso é relevante porque tanto Ravana, que tem uma complexidade “separatista” em relação a Sabará, quanto Carvalho de Brito não estiverem sempre dentro dos limites da cidade.



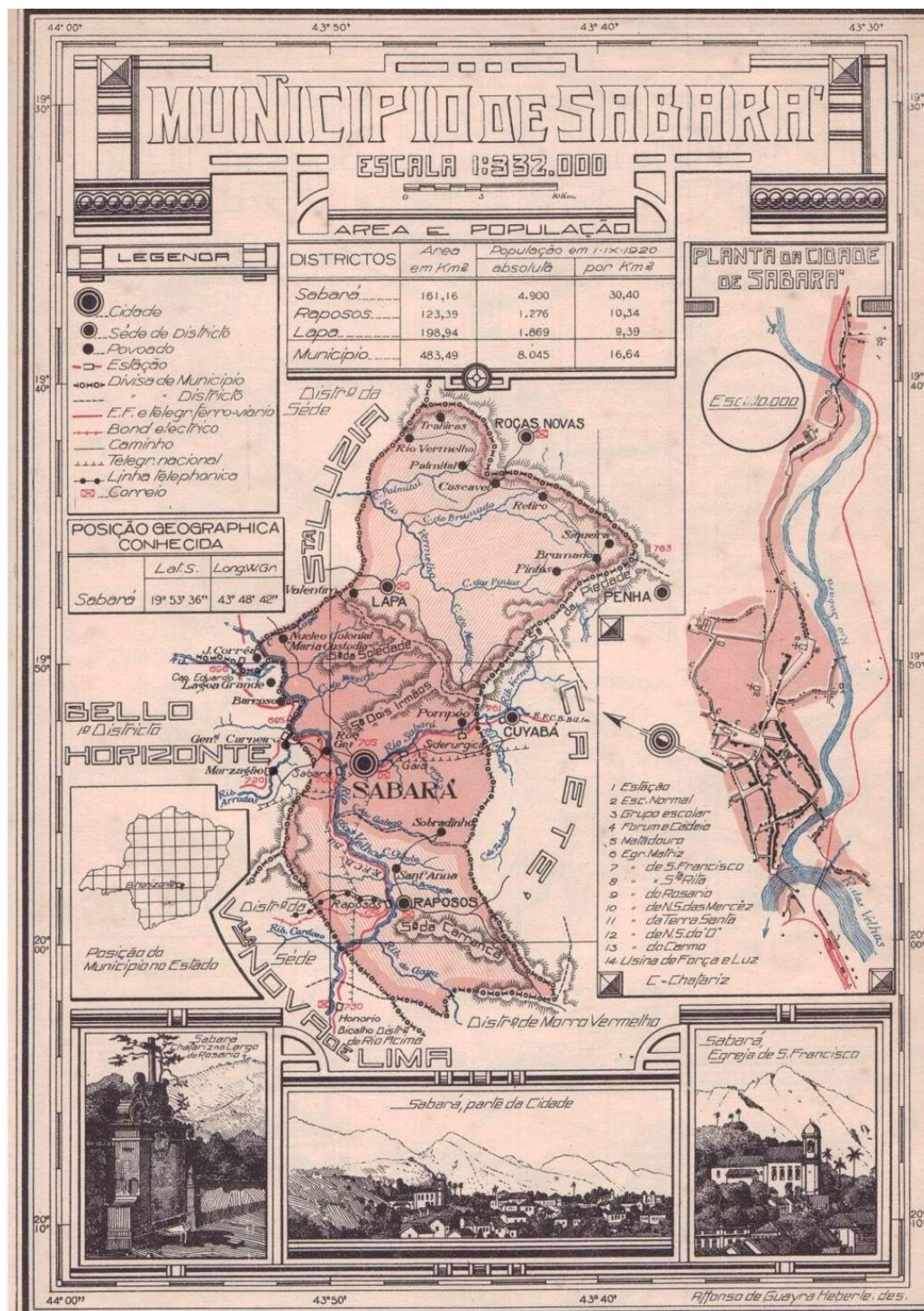


Figura 57 - Mapa antigo do município de Sabará

Fonte: <https://goo.gl/a6DXWa>

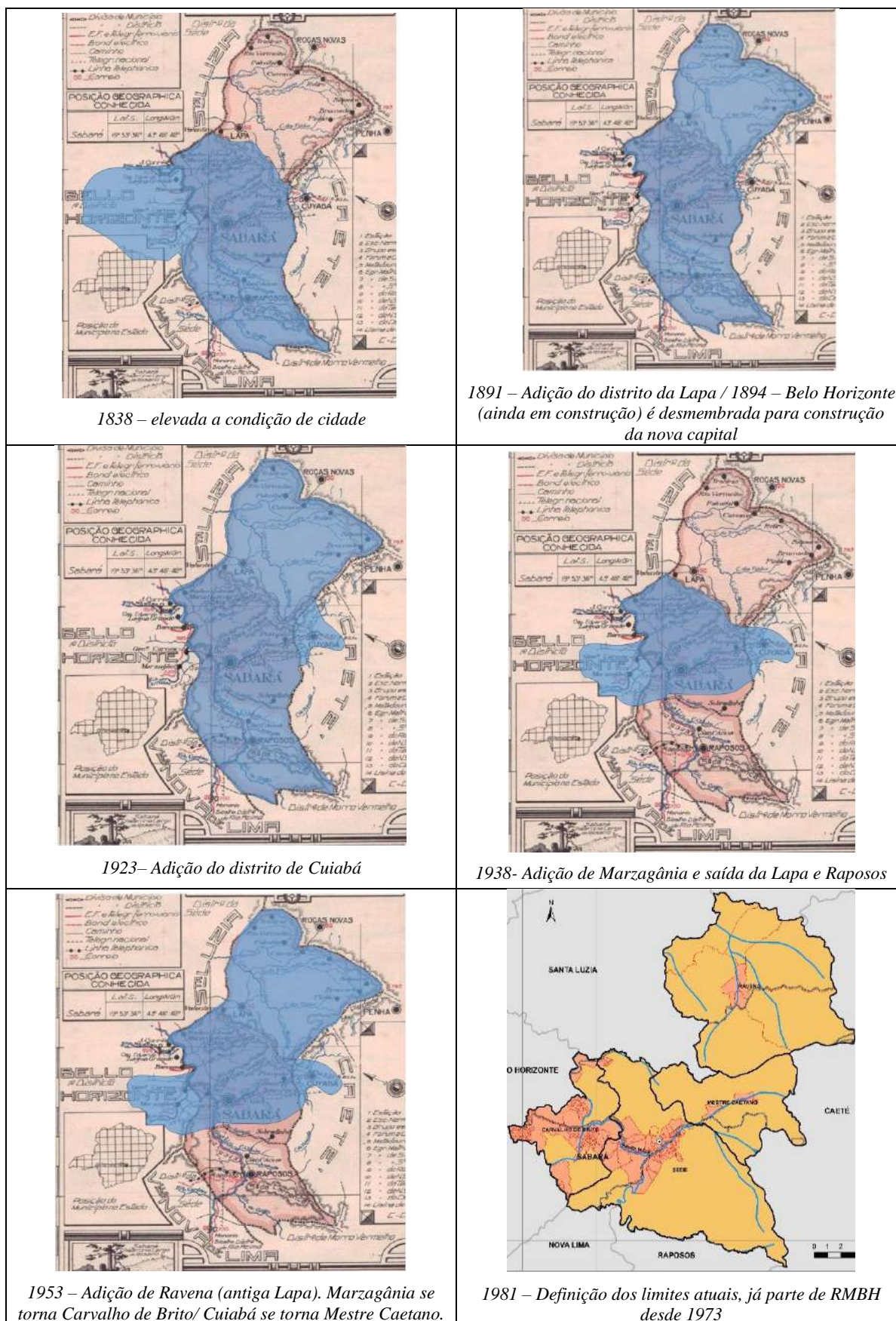
Isso ainda perdura na memória de muitos moradores da Sede, que se referem às periferias conurbadas com Belo Horizonte como não sabarenses, não apenas porque são moradores que vem da capital, mas porque aquela área não pertencia ao município. Ainda que

grande parte dos moradores de hoje não tenham vivido isso diretamente, isso é reproduzido nos discursos, tanto na Sede quanto em Mestre Caetano:

Quem é de Goiânia [bairro de Belo Horizonte], na divisa com Belo Horizonte se sente Belo Horizontino. O pessoal de Ravena não tem nada a ver com General Carneiro que não tem nada a ver com a gente aqui. Na verdade, pra gente que mora aqui, que cresceu, que teve a infância assim, é uma cidade (...)pra gente é uma cidade, só que hoje, igual, pra minha filha que nove anos, já não é a mesma cidade. Já não é aquela referência que a gente tinha. A gente brincava na rua até tarde, hoje ainda pode brincar, mas não é ainda como antes que a gente brincava, vinha na rua sozinha. Podia voltar a pé pela rua, hoje é difícil e quem tá fazendo essa **bagunça**, essa **mistura**, não é gente daqui. É gente vindo de fora... (ADZ, grifo próprio).

(...) nós temos uma qualidade de vida alta e boa aqui em Pompéu, não só em Sabará, mas na RMBH, nossa ocorrência policial era duas, agora chega a quatro cinco por ano. Nós temos problema com furto, pessoas que vem de fora. Com pessoas daqui nós não temos problema. Eu não falo que Pompeu não tem maconheiro. Tem, mas uma meia dúzia, que rouba coisa em casa e vende, não gera problema pra comunidade. (SLS).

O vindo de fora traz o perigo das ruas, a mudança da infância que se vive na cidade. Gera uma *bagunça* e uma *mistura*, dois elementos fundamentais para análise. A *bagunça* é algo que rompe uma ordem que supostamente existia antes da invasão e a *mistura* remete a existência de um sabarense “raça pura”, autêntico, ainda que este não seja mais do que o resultado de uma ulterior mistura de emboabas, negros, índios e europeus.



**Figura 58 - Composição de cartas – Território sabarense**  
 Fonte: <https://goo.gl/a6DXWa> / Organização: Janaina Freire.

A cidade de Sabará, quando fundada, abarcava o antigo Curral del Rey, donde se originou Belo Horizonte, que adquiriu esse nome antes da sua escolha para capital. Quando isso aconteceu, nos finais do século XIX, essa parte do território foi retirada de Sabará: “Porque Sabará é uma parte muito próxima de BH, porque BH foi tirada de Sabará. O prazer dos sabarenses de ter saído de Sabará a nova capital, era muito grande” (LDS). Somente em 1938 a região da Marzagânia, hoje Carvalho de Brito, voltou aos limites territoriais sabarenses. Ravena retornou ainda mais tarde, em 1953.

General Carneiro...eu sou uma pessoa de oitenta anos. Aquilo ali é outra cidade. Desde pequena que eu conheço ali. Parece outra cidade por causa do muito desenvolvimento que teve ali. Fazem ali o que pensam, o que querem. Não tem patrimônio ali, os morros...poucas casas haviam. Tem até asfalto no morro. Houve essa mudança que ano por ano está aparecendo mais (LDS)

Esse fator territorial, de avanço acelerado, associado aos impactos gerados pela periferização, explicam a resistência dos sabarenses da sede aos sabarenses de general e arredores: “Há uma rivalidade de nações com Sabará, porque quem é de nações acha que é Belo Horizonte, então assim, eles não têm um **amor** pela cidade que estão. Não tem” (ADZ).

É intrigante ter que explicitar de que sabarense estamos discorrendo (da Sede ou não), isso desvela uma dualidade de identidades que existem. Há sentidos de ser sabarense bem distintos.

### 3.3 ARRAIAIS DO SÉCULO XXI NA SEDE

Seguindo a análise do distrito sede no que concerne a periferização, “Mesmo a entrada de General pra Sabará já uniu, não era unido não, agora já uniu. Cheio de favela”, relatou BA sobre a vista que tem atualmente dos horizontes da cidade, a partir da sua casa. Como mora no bairro Nossa Senhora do Ó, é impossível ver as periferias de Carvalho de Brito, portanto, também na Sede já há intrusões de moradias de baixa renda.

De acordo com a fenomenologia steiniana, o Estado tem como essência a soberania e “tem como fim principal aquele de promover o bem-comum de todos os seus cidadãos, de protegê-los, de garantir a defesa e o cumprimento de seus direitos” (SBERGA, 2014, p.245). Para que exerça uma verdadeira soberania, é preciso que se sirva de pessoas livres (no sentido de liberdade de escolhas), com um mundo espiritual consolidado. Nas áreas periféricas de Sabará, o que se observa é uma segregação imposta, que envolve “aqueles que residem onde lhes é imposto, sem alternativas de escolha locacional e de tipo de habitação” (CORREA, 2013, p.43). Portanto, nessas áreas fica evidente a não garantia da liberdade individual e um mundo

espiritual limitado com vivências espirituais restritas.

Podemos citar as seguintes zonas periféricas dentro do distrito:

- **UP1: Rosário I, II e III** → As ocupações do Rosário compõem a paisagem de quem chega de BH sentido Sabará. Após atravessar todo o distrito de Carvalho de Brito e ainda antes do centro, as casas nos morros podem ser avistadas. Não há diferença em termos de morfologia urbana do que se encontra em General Carneiro e arredores. A distinção do Rosário para os outros bairros de baixa renda da Sede, é que, além de ser ainda mais precário, o avistamos de longe. Todos os outros bairros periferizados estão entremeados a outros com melhor estrutura urbana
- **UP 2: Santo Antônio e arredores** → Essas áreas estão situadas dentro do antigo arraial de Roça Grande. Durante a caminhada de reconhecimento, FTM explicou que alí tem o maior índice de violação de direito infantil e por isso recebe muita atenção do conselho tutelar. “Eu nunca viveria aqui porque é muita miséria, as pessoas não trabalham, vivem de esmolar”. Desafiou-nos a ver como estaria a praça da cidade, cheia de pedintes. Para ela, Roça Grande tornou-se um núcleo de indigentes e seres humanos estagnados no tempo.



**Figura 59 - Praça de Roça Grande**

Fonte: Janaína M Freire G Felipe.

- UP3: Adelmolândia, Morro da Cruz , Galego e Córrego da Ilha → Durante a caminhada de reconhecimento, subindo o Morro da Cruz, passamos ao lado do Hotel do Ouro, que é avistado de diversos pontos do centro da cidade, pela sua localização no alto da encosta. Ele é o ponto de convergência, na Sede, dos moradores de Carvalho de Brito envolvidos no tráfico. Atua, portanto, como um ponto de venda e compra de drogas e de prostituição de menores, conforme nos explicou FA.

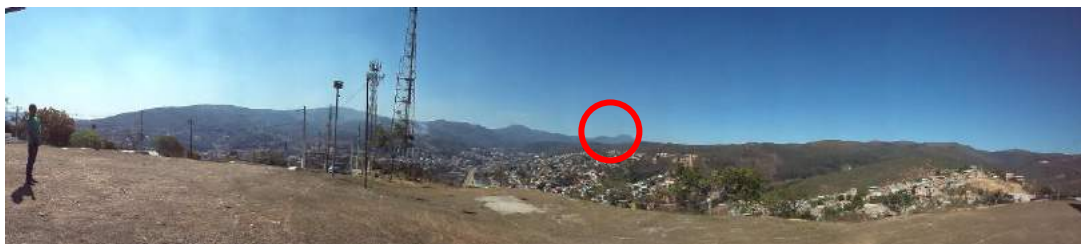


**Figura 60 - Hotel do Ouro**

Fonte: Foto da autora/2016.

Descendo do Arraial Velho, a paisagem se transforma completamente e o aspecto ruralizado, com boas casas, dá lugar a um adensamento intenso, tanto na Adelmolândia, quanto no Morro da Cruz, embora o primeiro ainda tenha casas de melhor qualidade. A igreja colonial de Bom Jesus, no topo do morro, jaz em um estado precário. Naquela altura da visita, ainda foi possível conhecê-la por dentro, mas hoje, está fechada.

Uma das perguntas feita a todos os entrevistados é que escolhessem um lugar para uma foto que representasse Sabará para eles. O morro da cruz, foi a escolha de CSL, entrevistada em General Carneiro, não pela igreja, mas pelo horizonte. É realmente curiosa a visão que se tem dali. Além de trechos do próprio Morro, é possível ver vários bairros como o Campo Santo Antônio, Cabral e Córrego da Ilha (este último aparece na primeira foto). Referenciamos a Serra da Piedade, que já se consegue avistar da Sede. Apenas no distrito Carvalho de Brito não se consegue vê-la de ângulo nenhum.



**Figura 61 - Horizonte do Morro da Cruz**

Fonte: Fotos da autora/2015.

- UP4: Campo Santo Antônio, Mangueiras, Mangabeiras, Vila Michel e Gaia → Essa área está bem próxima da Arcelor Mittal, antiga Belgo Mineira, já localizada no caminho para o Pompéu. Fica bem visível na beira do rio Sabará. Como parte da estrada está um nível acima do rio, algumas casas estão abaixo da rodovia, em risco constante de serem impactadas por algum acidente automotivo.



**Figura 62 - Casas no vale na beira da estrada**

Fonte: fotos da autora/2015

- UP6: Cabral, Alto do Cabral e Morro do São Francisco → essas são as áreas periféricas mais próximas do centro histórico e podem ser avistadas de muitos pontos da cidade, porque está no seio do município.

Para facilitar a compreensão dessas áreas, construímos uma tabela comparativa que resume as observações feitas no local e o resultado dos questionários aplicados. Depois disso, construímos os croquis, definindo as zonas urbanas dentro da tipologia já explicitada no capítulo anterior. Vide figuras a seguir.

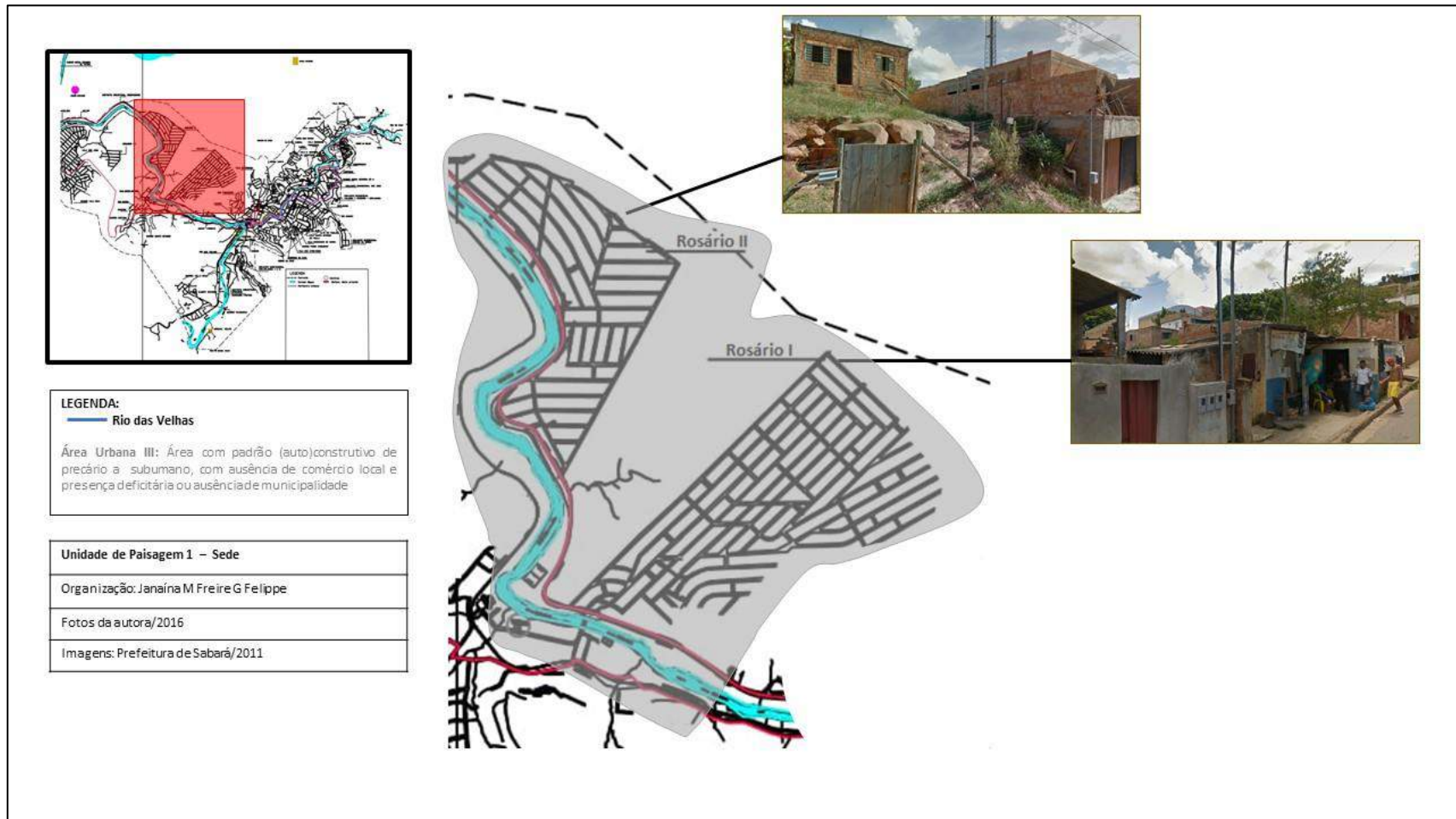
A tabela foi organizada considerando as áreas de baixa renda de cada uma das unidades de paisagem. Percebe-se que todas as unidades possuem moradias em encostas e apenas uma delas não tem nenhuma moradia de baixa renda ocupando vales. Nenhuma delas localiza-se em áreas planas. Denominamos como traçado viário as áreas onde as moradias estão organizadas em quarteirões separados por vias de acesso, já os aglomerados são as ocupações sem nenhum traçado no terreno. Apenas duas unidades de paisagem apresentavam uma quantidade considerável de casas com revestimento. Quando visualizamos uma minoria absoluta, não marcamos na tabela de observação, por ser baixa a representatividade. Apenas a UP 4 está próxima de indústria: Arcelor Mittal. A UP 3 tem pavimentação na região do Morro da Cruz. Quanto a pavimentação, é importante frisar que, embora grande parte dos bairros tenha pavimentação, existem muitas áreas ainda não pavimentadas. Só encontramos escolas em duas unidades e posto de saúde em apenas uma. A carência de transporte público foi identificada em dois dos Rosários e não foram constatados nenhum equipamento de lazer ou praças.

**Quadro 4 - Análise dos aglomerados subnormais da sede**

	AGLOMERADO	TRAÇADO VIÁRIO	ENCOSTA	VALE	ÁREA PLANA	COMERCIAL	RESIDENCIAL	INDUSTRIA	BENS TOMBADOS	SEM REVESTIMENTO	COM REVESTIMENTO	ÁGUA	ELETRICIDADE	PAVIMENTAÇÃO	ESCOLA	POSTO DE SAÚDE	TRANSPORTE PÚBLICO	PRAÇA OU EQUIPAMENTO DE
UP1		X	X	X			X			X		X	X	X				
UP2		X	X	X			X			X	X		X	X	X	X	X	
UP3	X	X	X				X		X	X		X	X	X	X		X	
UP4		X	X	X			X	X		X	X			X			X	
UP6	X	X	X	X			X			X		X	X	X			X	

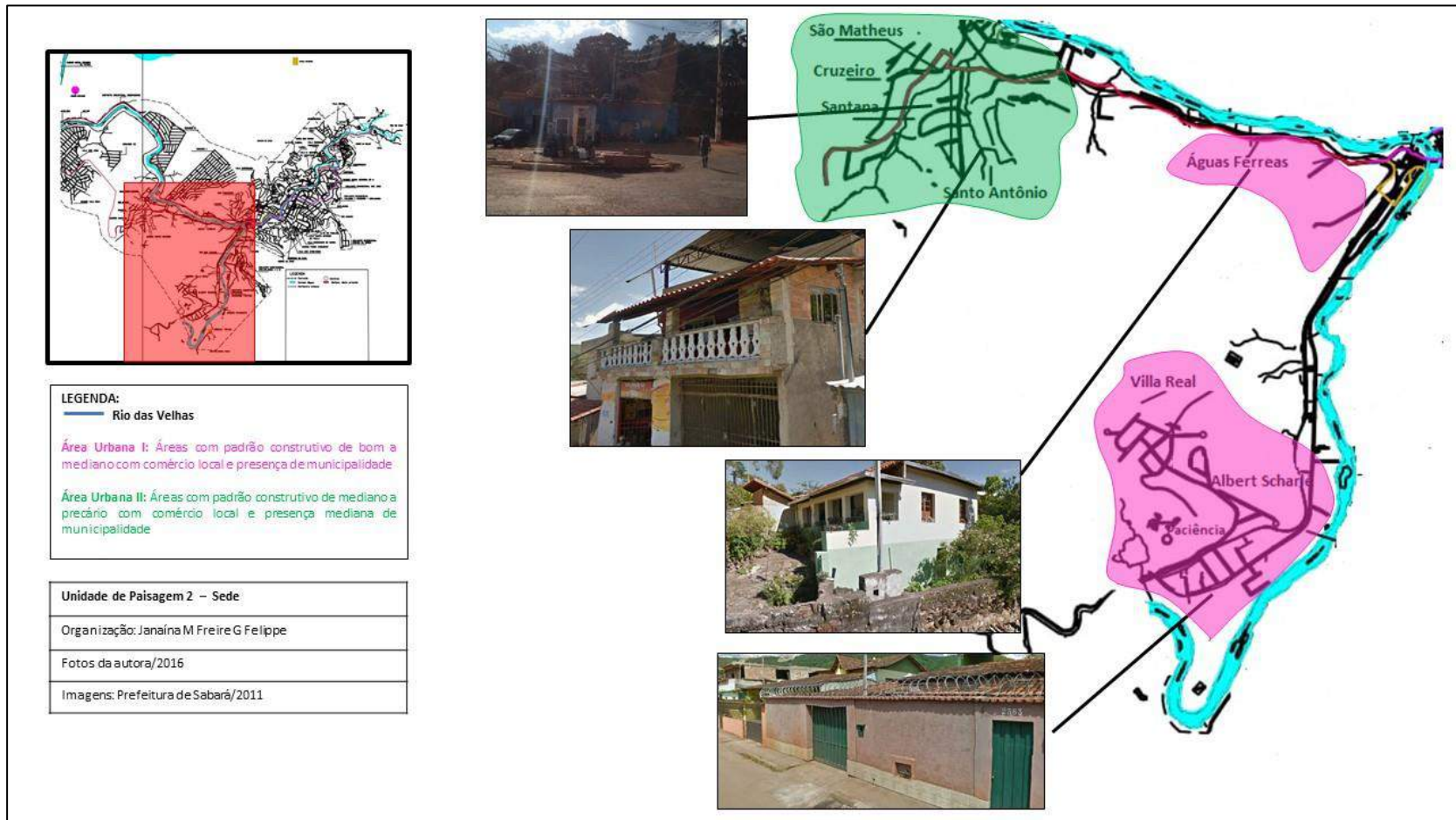
Fonte: Elaborado pela autora.





**Figura 63 – Croqui unidade de Paisagem 1 - Sede**

Fonte: Elaborado pela autora.



**Figura 64 – Croqui unidade de Paisagem 2 - Sede**

Fonte: Elaborado pela autora.

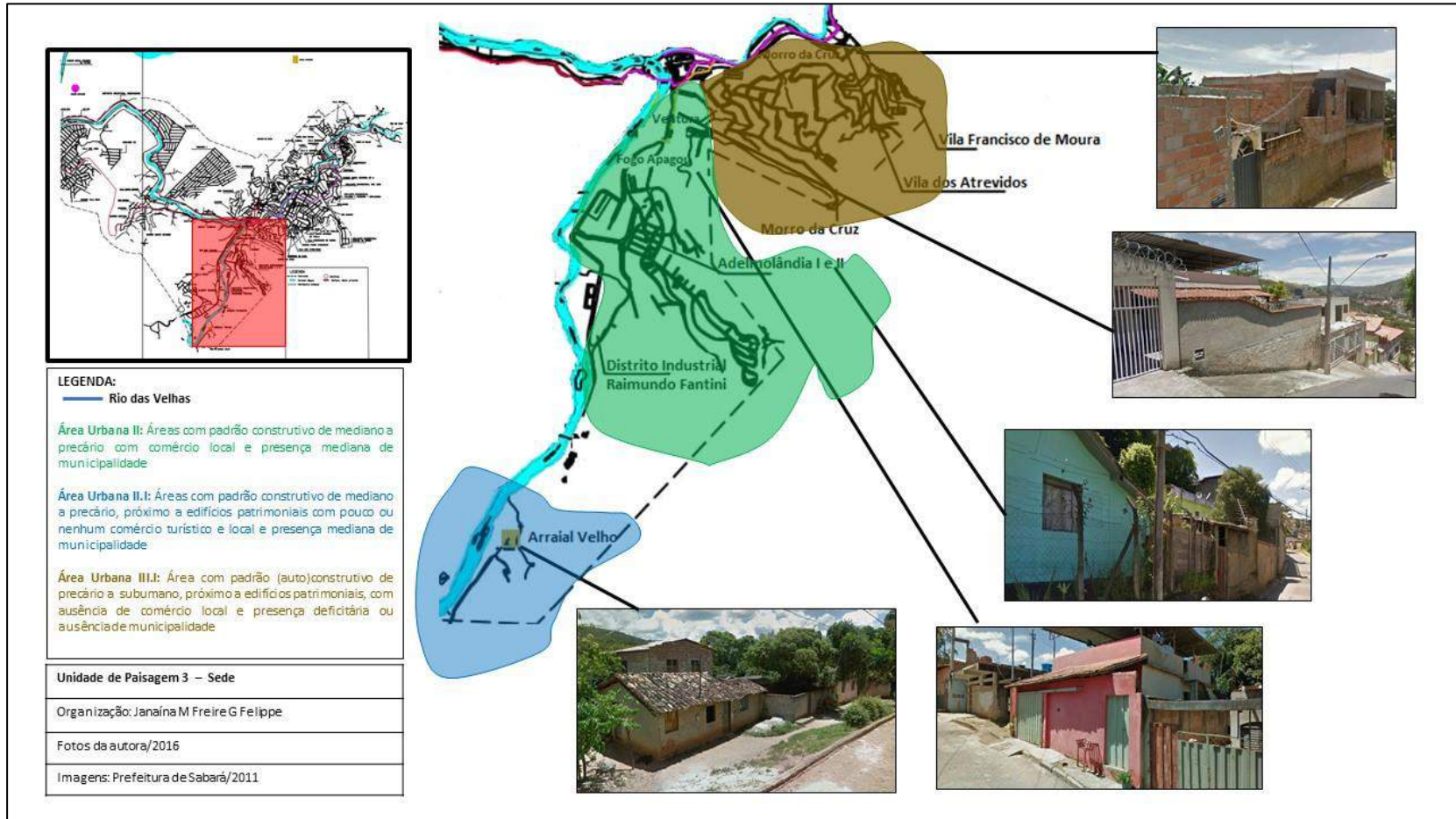


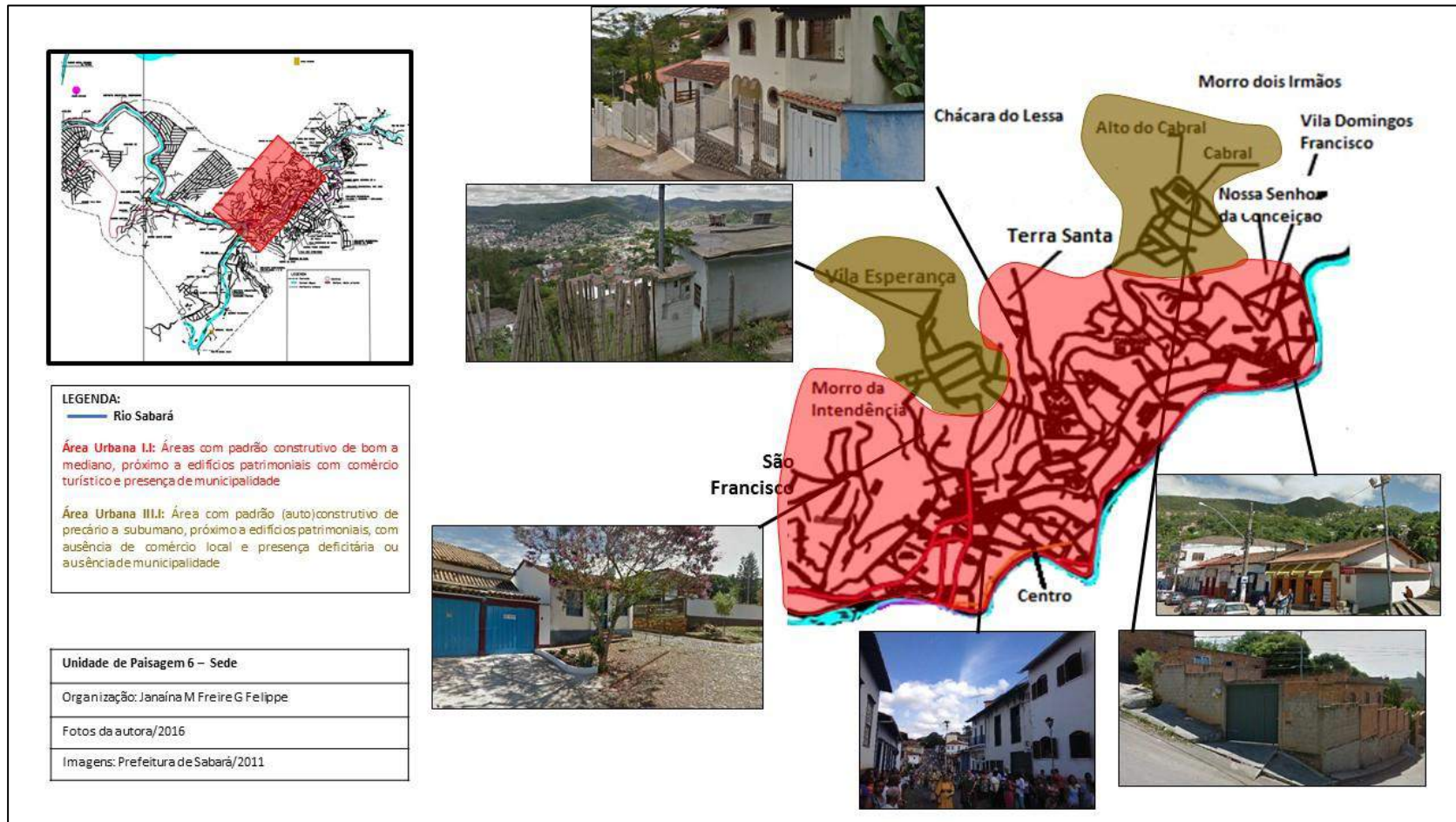
Figura 65 – Croqui unidade de Paisagem 3 - Sede

Fonte: Elaborado pela autora.



Figura 66 – Croqui unidade de Paisagem 4 - Sede

Fonte: Elaborado pela autora.



**Figura 67 – Croqui unidade de Paisagem 3 - Sede**

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante as mediações valorativas, os jovens do distrito foram organizados em seis grupos, de acordo com as unidades de paisagem estabelecidas, para realizarem uma avaliação do local. Depois de analisar a localidade utilizando o Google Earth, eles se reuniram e definiram pontos positivos e pontos negativos do local de moradia. Vale ressaltar que todo o trabalho foi realizado na escola Christiano Guimarães, escolhida por conter moradores de todos os bairros periféricos da cidade. Ela se localiza no bairro Esplanada.

Na UP1, o aluno GBL relatou: “No Rosário tem muitas pessoas que fazem vandalismo, temos lá grupos de gangues”, já EDO discorreu sobre o problema da poluição dos córregos.

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Pontos Negativos</b>
Paisagens lindas Pessoas agradáveis Brincadeiras na rua Muitas árvores	Gangues Pessoas folgadas Poluição dos córregos

Na UP2, AMA disse que: “Em Roça Grande temos muitas coisas boas e ruins. Porém amo morar lá”. Em síntese, os jovens que conversaram sobre essa unidade de paisagem chegaram a seguinte conclusão:

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Pontos Negativos</b>
Praças Parquinhos Amizades Legal de morar	Buracos nas ruas Barrancos Animais peçonhentos Maconheiros Furtos

A UP3 teve o maior número de participantes, por abarcar bairros muito adensados. Depois de muita conversa e discussões eles chegaram ao seguinte consenso:

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Pontos Negativos</b>
Bairros familiares Amizades Clube	Sem pavimentação Acúmulo de lixo Pouca segurança Bares

Na UP4 percebemos que os estudantes tiveram dificuldade de entrar em um acordo

porque algumas áreas são bem diferentes de outras. Enquanto os jovens do Mangabeiras tinham menos reclamações a fazer, os da Vila Michel e Vila Santa Cruz tinham maiores críticas. “Quando todo mundo ta andando de bicicleta, quando não tem muita movimentação e quando o vizinho está de bem sabe, aí é bão” (SPH).

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Pontos Negativos</b>
Campo de futebol	Falta de educação das pessoas
Sombra de árvores	Lixo
Silencioso	Brigas
Calmo	Trapaça
Poucos carros	Vizinho Fofoqueiro
Amizades	Mendingo na rua
Muita criança	Roubos
	Muito inseto e mato
	Pouca criança

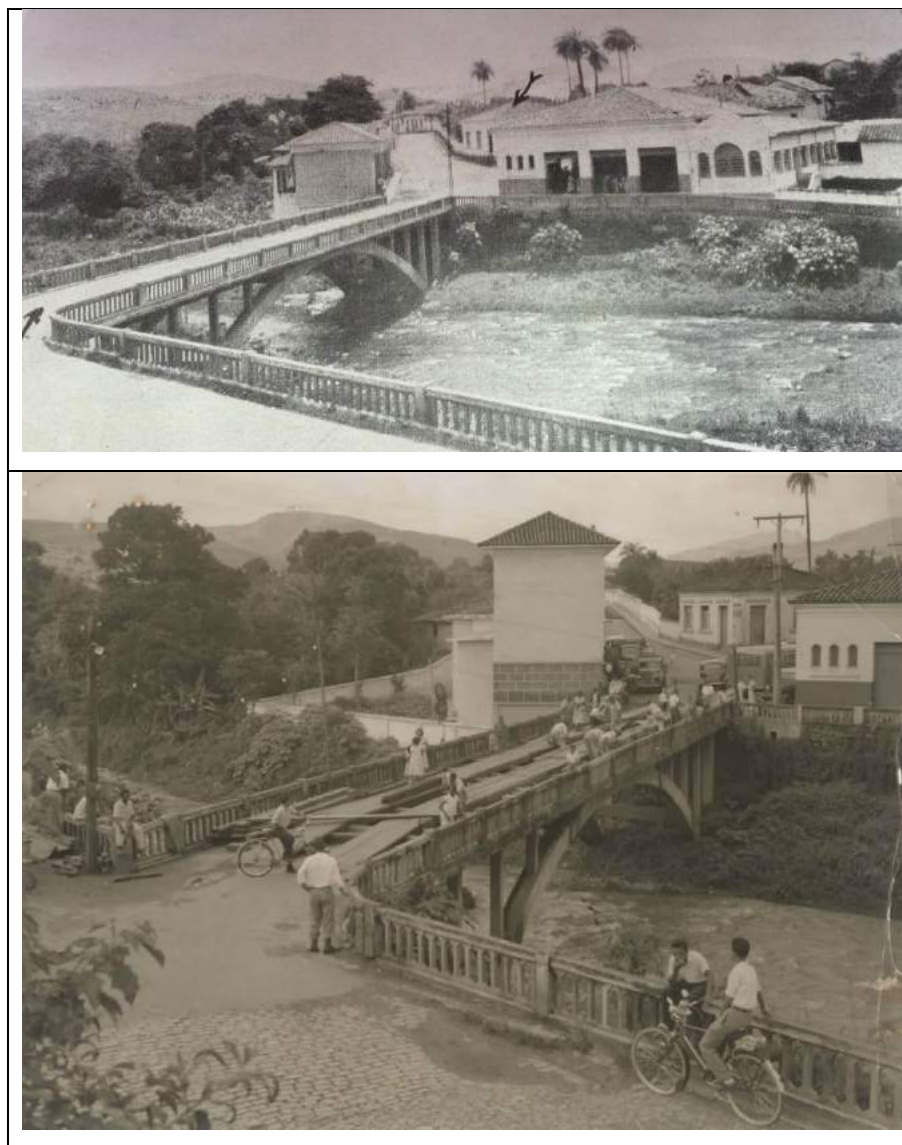
A diferença do local de moradia dos participantes revela algumas disparidades como ser calmo e ter muitas brigas e muita e pouca criança. Também é interessante ver a questão do verde como local de sombra, o que é benéfico, mas ao mesmo tempo, espaço reprodutor de insetos.

Na sexta unidade de paisagem, apenas três jovens participaram da atividade. Por se tratar de uma localidade próxima ao centro e ao bairro São Francisco, a ligação com o patrimônio é muito mais presente e isso fica evidente nas falas. “Gosto de lá, é histórico” (TYA)

<b>Pontos Positivos</b>	<b>Pontos Negativos</b>
Chafariz do Kaquende	Bueiro sempre estraga
Vegetação muito boa	Muito movimentado
Tem monumentos históricos	Muito morro

Nesses trezentos anos de história, Sabará sofreu muitas transformações. Mostraremos agora três exemplos desse processo. O primeiro grupo de imagens refere-se a ponte que leva do centro ao bairro Siderúrgica (tirada do bairro Siderúrgica), antiga ponte da igreja. As duas primeiras fotos são do início do século XX, enquanto a terceira foi tirada em 2016. É possível observar a mudança na fachada da casa situada bem na beira do rio Sabará (a direita da foto).

Tratava-se de um comércio que hoje não tem mais aquelas janelas e portas. Além disso, verifica-se a diferença entre o piso de pedra e a pavimentação completa. A arborização também é um fator preponderante na análise, fica claro o crescendo da vegetação da primeira para a terceira foto, na mesma medida em que é evidente a diminuição do caudal do rio, que hoje está praticamente todo revestido por verde. Acima das casas de referência das fotos, nota-se novas telhas que encobrem, inclusive, a visibilidade das montanhas ao fundo.



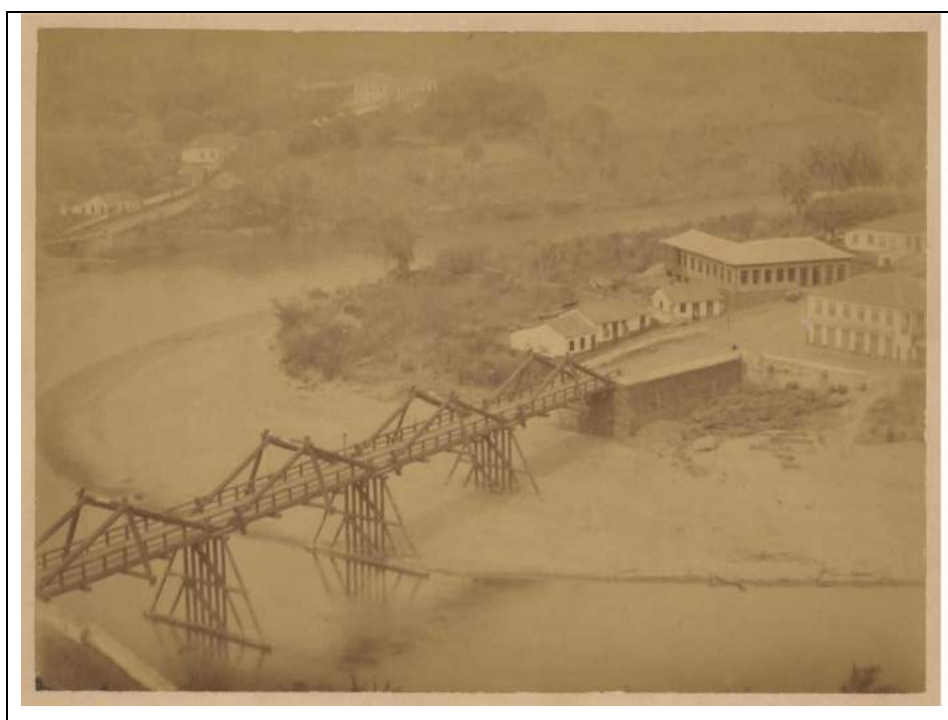


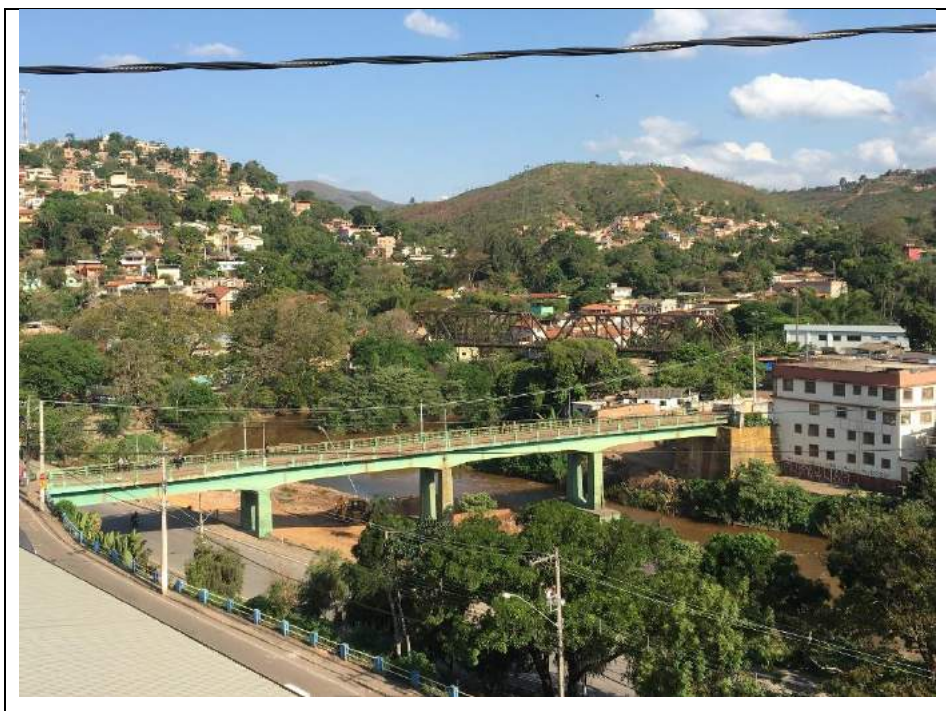


**Figura 68 - Fotos da ponte da Igreja**

Fonte: Foto 1 PASSOS(1942); Foto 2 Arquivo Publico Mineiro; Foto 3 foto da autora.

O segundo grupo de fotos desvela a atual ponte da Paciência que já teve outra característica. Sua primeira versão era de madeira e foi construída pelo pai de Santos Dumont, Dr. Henrique Dumont, em 1882. Era chamada de Ponte Grande, mas depois da edificação da segunda versão, que liga o centro ao bairro Paciência passou a ser chamada pelo nome do bairro.



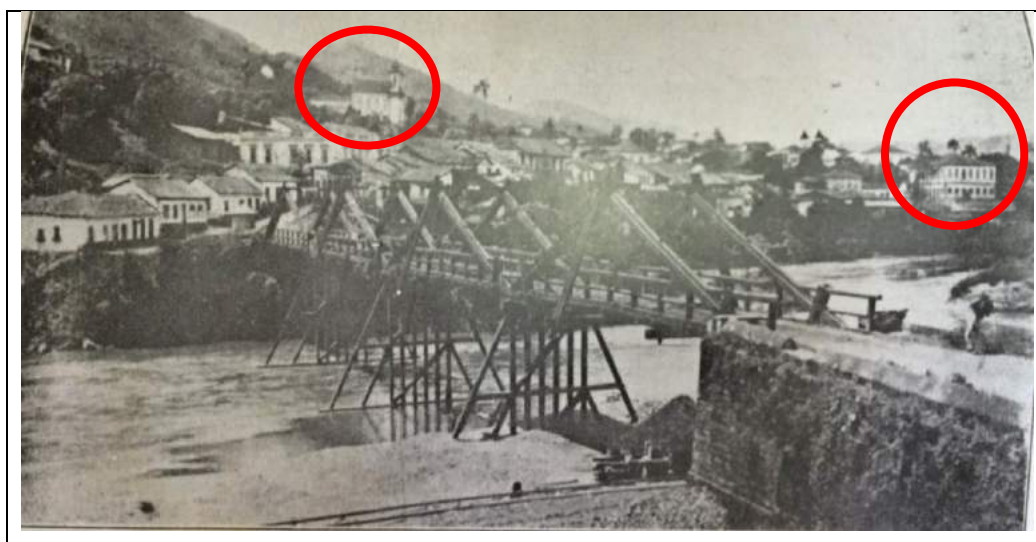


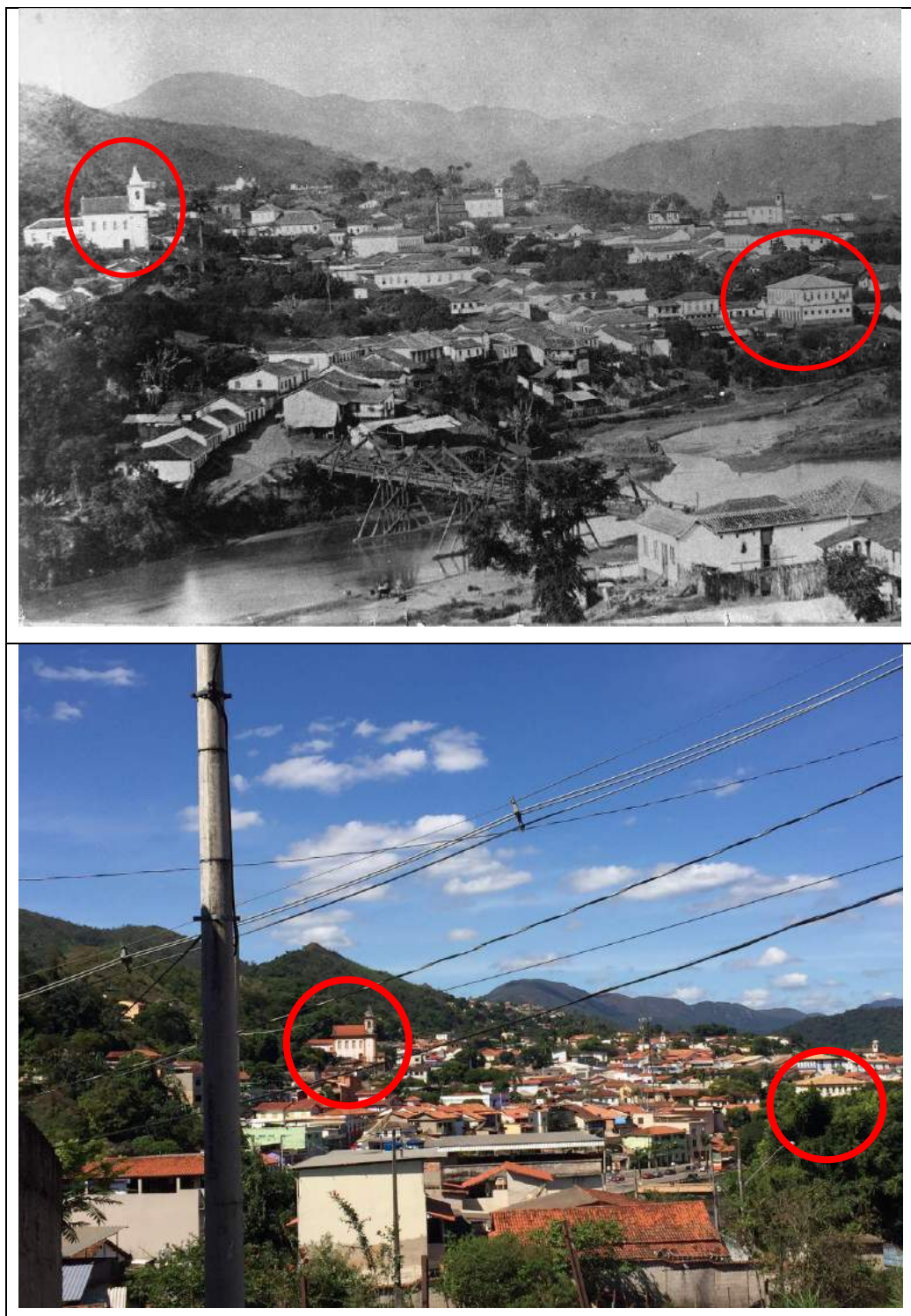
**Figura 69 – Composição fotográfica - Ponte da Paciência – antes e depois**

Fonte: Foto 1- Arquivo Publico Mineiro, Foto 2 - foto da autora.

Comparando as duas fotos, é possível identificar algumas mudanças. Inicialmente, apenas uma pequena casa das antigas edificações ainda está ali. Mas na foto está invisibilizada pela ponte. O outro lado do rio, na esquerda da foto, está repleto de residências e há o conhecido pontilhão, usado na antiga ferrovia. Hoje ele é tombado pelo município.

Se observarmos a antiga ponte da paciência por outro ângulo, esse é a transformação verificada na paisagem – também muito significativa. Na segunda foto, pela quantidade de construções já não é nem possível avista-la.





**Figura 70 – Composição fotográfica - ponte da Paciência antes e depois - segundo ângulo**

Fonte: Foto 1 - PASSOS(1942); Foto 2- Laboratório de Fotodocumentação UFMG, Foto 3 - foto da autora.

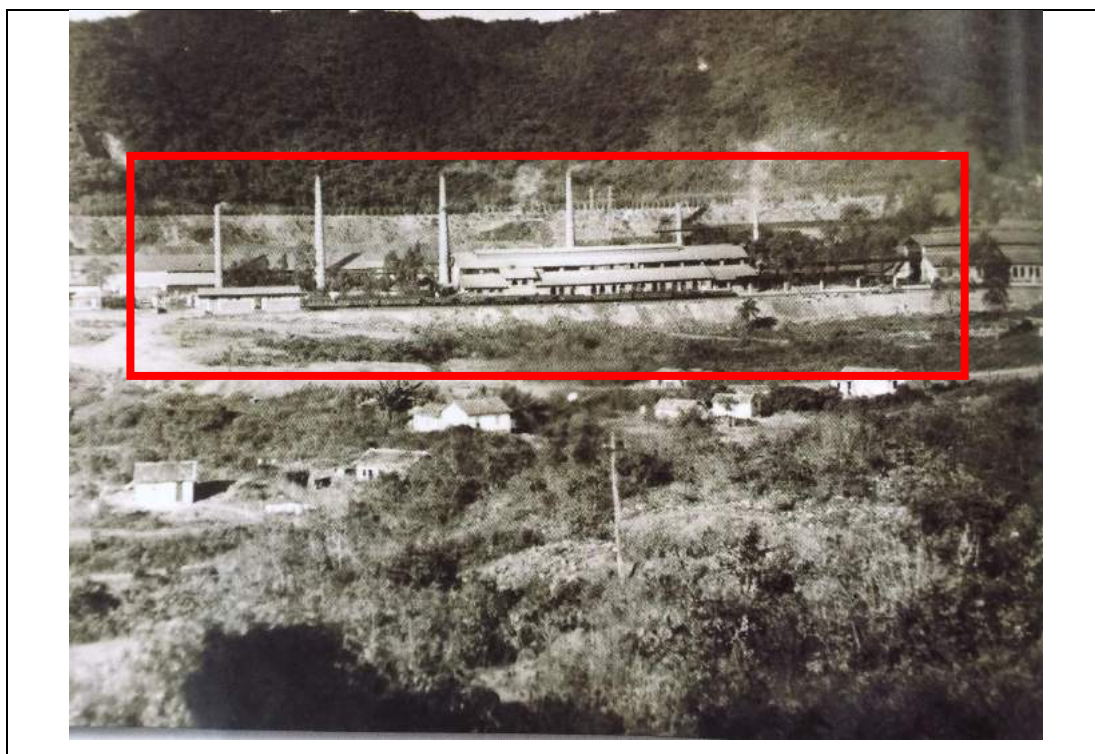
Das fotos é possível ver a igreja de São Francisco no horizonte. Como se percebe, há um grande adensamento populacional nos morros, no centro e uma considerável mudança no padrão construtivo.

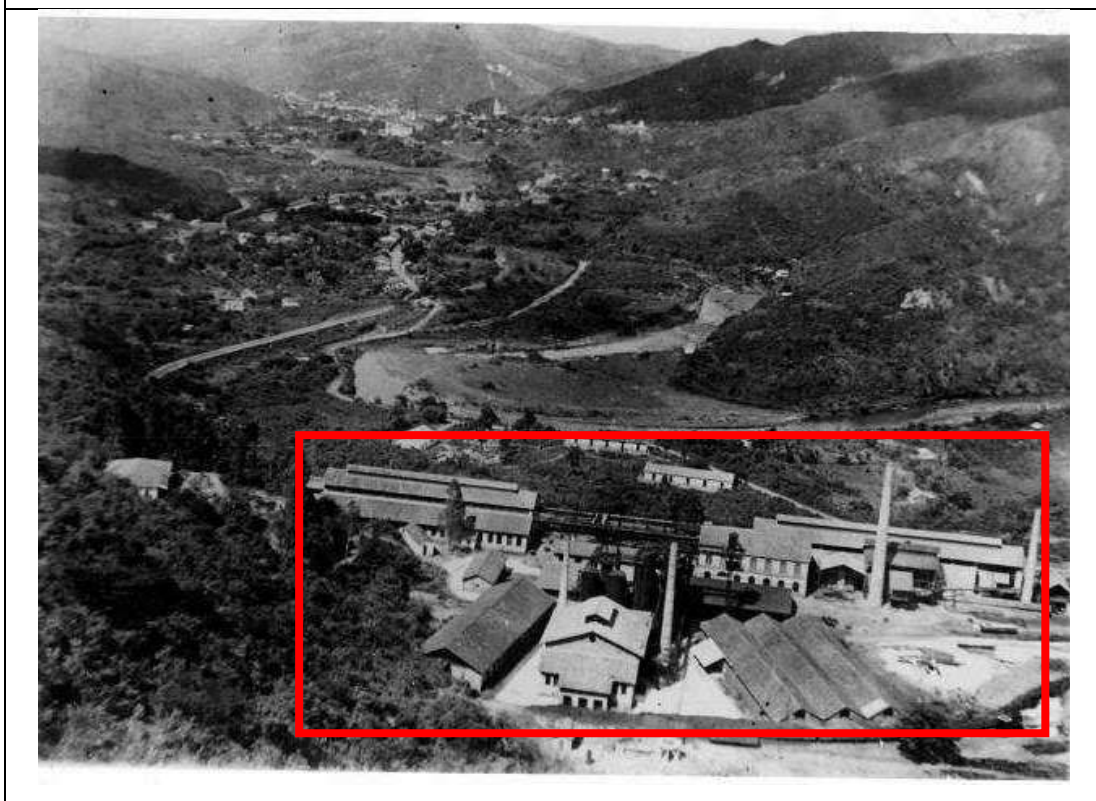
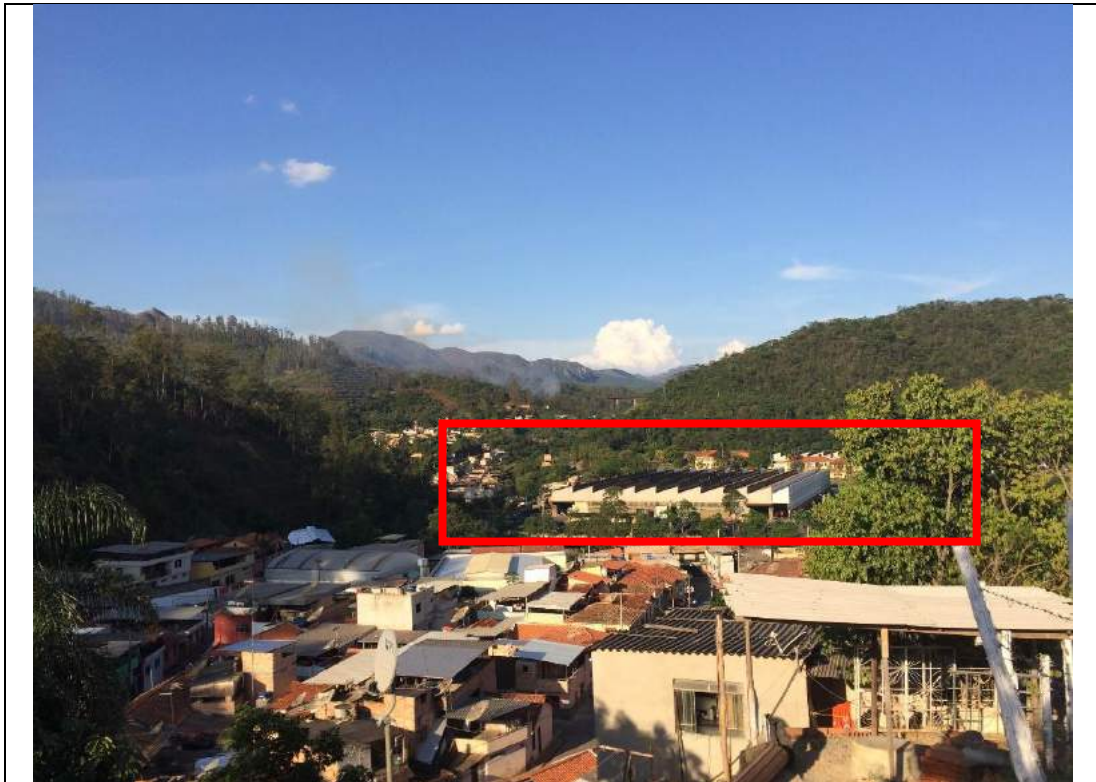
### 3.4 BELGO MINEIRA – A MÃE DE SABARÁ

“Sabará tinha uma coisa antigamente que é a Belgo, falava que a Belgo era a mãe de Sabará de repente, de repente a Belgo fechou, cortou, acabou com tudo”, contou BA que se mudou de Itabirito para Sabará há mais de cinquenta anos para acompanhar o marido, contratado pela antiga siderúrgica Belgo Mineira.

Em 1917 foi criada a Companhia Siderúrgica Mineira, sob a liderança de Christiano Guimarães. Em 1921, em junção com grupo siderúrgico de Luxemburgo, foi constituída a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Em 2005 a Belgo se juntou com a francesa USINOR e a espanhola ACERALIA, criando a ARCELOR MITTAL. O nome Belgo Mineira foi retirada da indústria, mas não da memória dos moradores.

Sabará foi escolhida para implantação da Usina da Companhia Siderúrgica Mineira porque possuía um ramal da ferrovia Central do Brasil, além de ter mão-de obra disponível e estar próxima a capital de Minas Gerais. A chegada do grupo Luxemburguense foi fundamental para a continuidade do projeto que estava em franca decadência. A Belgo Mineira constituiu um capítulo fundamental na história da siderurgia mineira e nacional, embora Minas Gerais não tenha sido escolhida como sede da CSN, mas sim o Rio de Janeiro.







**Figura 71 – Composição fotográfica - Belgo Mineira antes e depois**

Fonte: Foto 1 - Arquivo Público Mineiro; Foto 2 - Foto da autora, Foto 3 - Arquivo Público Mineiro; Foto 4 - Foto da autora.

Na figura acima, é possível verificar o avanço populacional nos arredores da siderúrgica. A Belgo Mineira deu a Sabará um novo gás de povoamento e desenvolvimento econômico. Everaldo Costa (2016), avalia o impacto da ALCAN sobre Ouro Preto, revelando um processo muito similar ao ocorrido em Sabará:

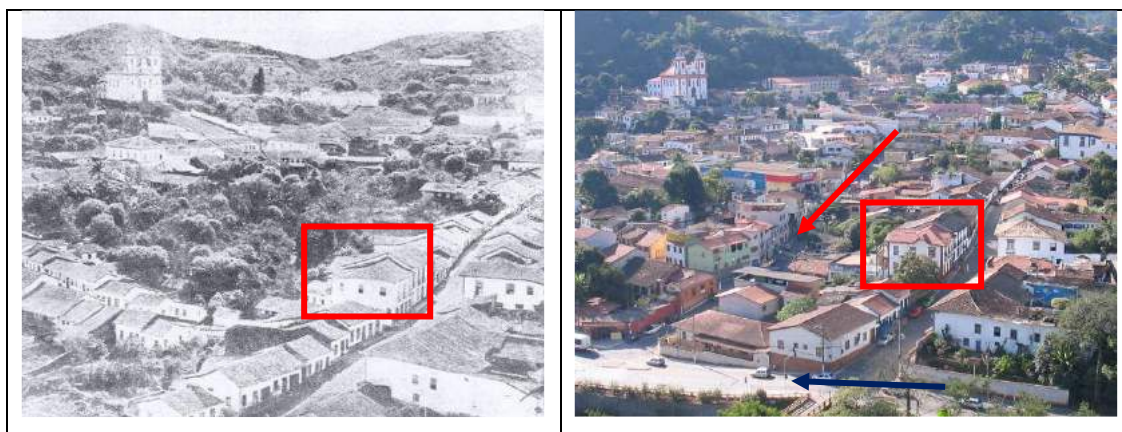
Esse ‘evento’ [criação da fábrica] favorece a evolução econômica e o aumento da densidade demográfica em Ouro Preto. Tem início, assim, um crescimento populacional de base migratória que se mantém constante até a década de 1980, por influência da indústria. O impacto que a cidade sofreu a partir da implantação da referida fábrica se faz sentir no ordenamento do território. (COSTA, 2015, p.328).

Sabará sofreu um processo intenso de adensamento urbano ocasionado pelo movimento migratório. O ordenamento do território transformou-se, constituindo uma periferia densa que exerceu pressão sobre o centro histórico, ocupando os arredores ainda esvaziados. Diversos bairros se formaram a partir disso como: Siderúrgica, Esplanada, Morada da Serra, etc. Esse movimento migratório não se restringiu à Sabará ou Ouro Preto, mas era parte de um contexto nacional de deslocamento do campo para a cidade, oriundo tanto da crise agrária quanto da crise da cidade em formação (COSTA, 2015).

Com a mecanização da produção e a competitividade internacional, hoje a fábrica

emprega pouquíssimos sabarenses. “As pessoas trabalhavam lá [na belgo], nem saiam muito, hoje os homens não trabalham aqui, saem pra fora. Pra Belo Horizonte...nós não temos aqui...tem pequenas empresas mas não é o que acolhe o sabarense” (ADZ). Grande parte desse contingente populacional tem Sabará como uma cidade dormitório e Belo Horizonte como referência de empregabilidade. São os efeitos da *bairrificação* da cidade.

O parque industrial da siderúrgica foi edificado próximo ao antigo arraial de Tapanhoacanga. Para atender a nova demanda industrial, foi necessário alterar o traçado das vias para o transporte de carga e de pessoas, criando um novo sentido de fluxo na cidade. As vias se multiplicaram e causaram danos a estrutura urbana colonial, como o derrubamento de muitas moradias e supressão de vegetação. Na figura abaixo, é possível ver a inserção da rua Mestre Ritinha (seta vermelha) paralela a Dom Pedro II (a direita das imagens) que cortou e acabou com uma grande área verde que havia, onde estavam os quintais das residências. A casa identificada nas imagens foi colocada como referência para a interpretação da paisagem. Além da Mestre Ritinha, a BR 262 que hoje margeia o Rio Sabará também impactou na morfologia colonial, mas foi inserida posteriormente a implantação da siderúrgica. Contudo, vale mencionar porque é visível a quantidade de casas que foram suprimidas e que foram edificadas.



**Figura 72 – Composição fotográfica - paisagem das ruas mestra Ritinha e Dom Pedro II**

Fonte: CAPUTE (2008).

Para facilitar a identificação, inserimos um recorte de imagem de satélite.



**Figura 73 - Imagem de Satélite - Terreno rua Mestre Ritinha e rua Dom Pedro II**

Fonte: Google Maps (imagem captada em 15 de setembro de 2016).

A rua Mestra Ritinha, embora tão perto do centro, tem uma morfologia completamente destoante. Pelo sentido de deslocamento viário da cidade, ela é uma das vias de acesso a praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário na praça Melo Viana, o centro histórico e turístico da cidade.

Com a competitividade do ferro no mercado internacional, a Belgo Mineira precisou se reinventar e se reconstituir, o que exigiu o avanço do maquinário e a diminuição do trabalho humano. Concomitante a isso, Belo Horizonte crescia a passos largos, começando a abarcar a mão de obra desempregada de Sabará.

Nas vilas operárias que margeavam a siderúrgica, o modo de vida colonial, caracterizado por espaços de convivência, foi substituído por uma identidade mais individualista, com formas geométricas diversas. Muitas das casas desse período ainda existem e se misturam a edificações mais recentes com feições diferenciadas. Tornou-se um mosaico de formas.





**Figuras 74 e 75 - Fotos das Vilas Operárias da Belgo Mineira**

Fonte: Fotos da autora.

O bairro Pompéu, no distrito de Mestre Caetano, também cresceu pela influência da Belgo Mineira. O senhor SLS, enxerga que esse processo, por mais impactante que tenha sido, contribui para acabar com o comodismo que havia e aumentar o interesse pelo estudo no bairro. Segundo conta, quando chegou lá, com 10 anos de idade e até recentemente, havia pouquíssimos moradores com curso superior. Hoje os jovens têm que buscar isso.

Quando acabou essa mineração, acabou o trabalho, mas eu acho que é bom porque acabou com essa mão de obra barata, porque todo mundo já tinha esse negócio, vai crescer e vai trabalhar na mineração. Vai crescer e vai trabalhar na Arcelor (...). Pai, filho, neto, todo mundo na mineração. O pai já arrumava pro neto e ia desse jeito. Então agora eu achei legal nesse sentido. O pessoal tem que ta desenvolvendo, estudando, tomar um rumo pra gera um desenvolvimento maior e ter um emprego melhor também né! (SLS).

De fato, todos os moradores entre 18 e 25 anos que entrevistamos no bairro estão fazendo faculdade em Belo Horizonte. Como Sabará só possui uma faculdade com pouquíssimas opções de curso, é preciso ir para Belo Horizonte buscar um aprofundamento científico.

A antiga Belgo Mineira pode ser considerada como a porta de entrada do modernismo na cidade, que cedeu ao desenvolvimentismo o poder de ditar as regras. Paralelamente a isso, a capital mineira crescia a passos largos, constituindo uma centralidade fortalecida. Com a crise e a mecanização, Sabará precisou se reinventar economicamente, fato que ainda não aconteceu. Dessa forma, a força metropolitana que se impunha sobre a cidade iniciou um processo de abafamento da cidade tanto em questão de empregabilidade, educação e saúde, quanto no que concerne a identidade cultural. Zoroastro Passos (1942, p.343), faz um desabafo sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano colonial: “Os nomes das ruas estão mudados! E se não se puder um entrave ao modernismo que se assenhoreou da cidade, da antiga Vila Real, que



4. **Consolidação da grande BH, na forma de uma região metropolitana** → Iniciou-se o processo de loteamento de terrenos sabarenses para novas moradias, além do avanço irregular de casas de baixa renda. Ao mesmo tempo em que aos finais do século XX houve uma modernização da área, os bairros sofreram muitos impactos, como a aglomeração em áreas de risco cada vez mais intensas, além da pressão exercida sobre o centro histórico. A abertura de rodovias melhores não aprimorou o transporte público que continua excludente (não levando aos outros distritos com eficiência) e voltado a Belo Horizonte. Há uma intensificação do protestantismo nos bairros periféricos. Sabará se constitui como um município precário e preocupante, sem unidade identitária.

Finalizaremos o capítulo com a nuvem de palavras do distrito Sede, referente ao pedido de definição de Sabará em uma palavra.



A palavra história se sobressaiu novamente na imagem, além disso, também emergiu a palavra tranquilidade, cultura e ruim. Os questionários foram aplicados em todos os setores censitários da Sede, o que explica a dualidade de respostas, embora prevaleça descrições positivas. Palavras como descaso, bosta, buraco, atrasada e lixo, tem uma conotação similar, mas por serem expressões distintas, não ganharam proeminência na figura.

## CAPÍTULO IV

### O VALE ENCANTADO: AS RUÍNAS E MEMÓRIAS DO DISTRITO DE MESTRE CAETANO

*Da janela lateral do quarto de dormir  
Vejo uma igreja um sinal de glória  
Vejo um muro branco e no vôo um pássaro  
Vejo uma grade e um velho sinal  
(Lô Borges)*



**O VALE ENCANTADO:  
AS RUÍNAS E MEMÓRIAS DO DISTRITO DE MESTRE CAETANO**

---

4.1 Apresentação do distrito

4.2 Irmandades religiosas e a perpetuação do barroco

#### 4.1 APRESENTAÇÃO DO DISTRITO

O desenvolvimento do distrito de Mestre Caetano é muito similar a Sede. Os eventos que marcaram o ordenamento do território são similares:

1. **Ocupações rurais e urbanas entre os séculos XVII e XIX** → Algumas fazendas, foram formadas nessa região pela doação de sesmarias tanto para mineração, quanto para exploração de águas minerais e produção rural dentro da capitania, que abasteciam as vilas. Eram produzidos milho, arroz, feijão, mandioca e gado. Embora haja pouquíssimos resquícios de fazendas desse período, existem registros de sua existência. As ocupações urbanas se davam em formas de arraiais localizados próximo a zona de extração.
2. **Primeiro declínio de Sabará e mineração Inglesa do século XIX** → Período de decadência do ouro e diamante. A exaustão da mineração aurífera de aluvião e filões levou Sabará ao seu primeiro declínio econômico que não foi suprido pelo comércio, mesmo com a intensificação das lavouras e a criação de pequenas atividades industriais. A produção aurífera é resgatada com a presença de grandes empresas inglesas que modernizaram as técnicas de produção e mantiveram Sabará em atividade no mercado mineiro. Emergência do bairro Mestre Caetano/ Cuiabá, trazendo prosperidade ao distrito.
3. **Consolidação da mineração ferrífera e segundo declínio de Sabará** → Com a instalação da Companhia Belgo Mineira e construção do ramal da Central do Brasil, o distrito recuperou suas forças. Foram formadas vilas operárias. A empresa mãe de Sabará viabilizou grande crescimento para a Sede e Mestre Caetano, que sofreu muito o impacto da mecanização da indústria e da redução de mão de obra fabril. A desmobilização da Central do Brasil, impactou diretamente no distrito, arruinando o próspero bairro Cuiabá .
4. **Consolidação da grande BH, na forma de uma região metropolitana** → Iniciou-se o processo de loteamento de terrenos sabarenses para novas moradias, além do avanço irregular de casas de baixa renda. Ao mesmo tempo em que aos finais do século XX houve uma modernização da área, os bairros sofreram muitos impactos, como a aglomeração em áreas de risco cada vez mais intensas, além da pressão exercida sobre o centro histórico. A abertura de rodovias melhores não aprimorou o transporte público que continua excludente (não levando aos outros distritos com eficiência) e voltado a Belo Horizonte. Há uma intensificação do protestantismo nos bairros periféricos.

Sabará se constitui como um município precário e preocupante, sem unidade identitária.

O mundo da vida cotidiana é composto por um mundo social cotidiano e por extratos de sentido que o ser dá aos objetos do mundo material que o circunda. Sede e Mestre Caetano são, certamente, os distritos que mais partilham parecenças e que possuem um mundo espiritual comum, pautado em objetos circundantes similares. Os moradores dessas duas localidades convivem e carregam uma carga histórica partilhada desde os setecentos, embora Mestre Caetano sempre tenha sido mais isolado. “Todo hombre tiene relaciones mutuas com otros hombres, y es membro de uma estrutura social en la que há nacido o la que se há incorporado y que existía antes de él y existirá despues de él” (SCHUTZ, 2003, p.37). O sentido de ser sabarense é muito claro nesses espaços históricos e, embora muitos moradores sejam descendentes de imigrantes que para lá se dirigiram em busca de serviço na Belgo Mineira, apenas no século XX, aderiram ao passado mais remoto da cidade como seu próprio passado, principalmente pela ligação estabelecida com as paróquias barrocas remanescentes

Mestre Caetano é um distrito composto por apenas um bairro: Pompéu. Mesmo assim, possui uma divisão de três setores censitários. No mapa a seguir, o Pompéu está localizado no setor urbano mais abaixo, no formato de um pássaro. O outro setor registrado como urbanizado pelo IBGE, não apresenta qualquer estrutura urbana e nem moradias. Alí só encontramos ruínas de um povoamento que não existe mais, denominado por alguns como Cuiabá e por outros como Mestre Caetano.

Levando em consideração que a estrutura urbana residencial do distrito se resume ao Pompéu, constituímos duas unidades de paisagem. A primeira está justamente no setor censitário onde se localiza o bairro e a segunda é composta por toda a extensão distrital que o envolve. Depois disso, vetorizamos o distrito e o tipificamos. No distrito encontra-se a Anglo Gold Ashanti, responsável pela antiga mina Cuiabá, ainda em funcionamento. As lavras já alcançaram mais de mil metros de profundidade e atendem a grande parte da demanda aurífera da companhia. Vale ressaltar que a empresa é dona de quase todas as terras próximas as moradias do Pompéu, inclusive no que concerne as ruínas encontradas no local.

Foram aplicados 57 questionários no distrito que possui, de acordo com o censo de 2010, 209 habitantes. 57% os entrevistados eram homens e 43% mulheres. Além dos questionários, entrevistamos MRA, SLS e GBT, além disso, realizamos uma caminhada de reconhecimento com SLS.

O bairro Pompéu fica no vale, rodeado por morros. Ele é passagem para quem segue para a Serra de Piedade. Não possui praticamente nenhum comércio, além de bares e pequenas mercearias. Os três restaurantes da cidade funcionam apenas no final de semana. Na localidade

existe uma escola municipal, mas para o ensino médio, os jovens precisam ir para o distrito Sede em busca do ensino estadual. Não há postos de saúde e nem atendimento bancário, seja eletrônico ou humano. O bairro é quase inteiramente pavimentado e tem uma ponte de ligação, já que se situa em grande parte, do outro lado do rio. No centro está a Igreja de Santo Antônio. A descrição do local, pode dar a impressão de muita carência e pobreza, mas, como explica FONSECA (2004, p.93),

Dentre as centenas de pessoas que visitam os seus restaurantes nos fins de semana, a pergunta mais habitual que se faz aos moradores do bairro é:

- Você sabe de alguma 'terrinha' a venda por aqui?

A resposta é sempre habitual:

- Não!!!(FONSECA, 2004, p.93).

É um lugar onde muitos querem morar!

Pompéu apresenta ainda algumas casas com morfologia colonial, mas como o bairro se desenvolveu mesmo em meados do século XX, a maioria das moradias são mais modernas, com nenhuma verticalidade.



**Figuras 76 e 77 - Fotos das casas de Pompéu**

Fonte: Fotos da autora.



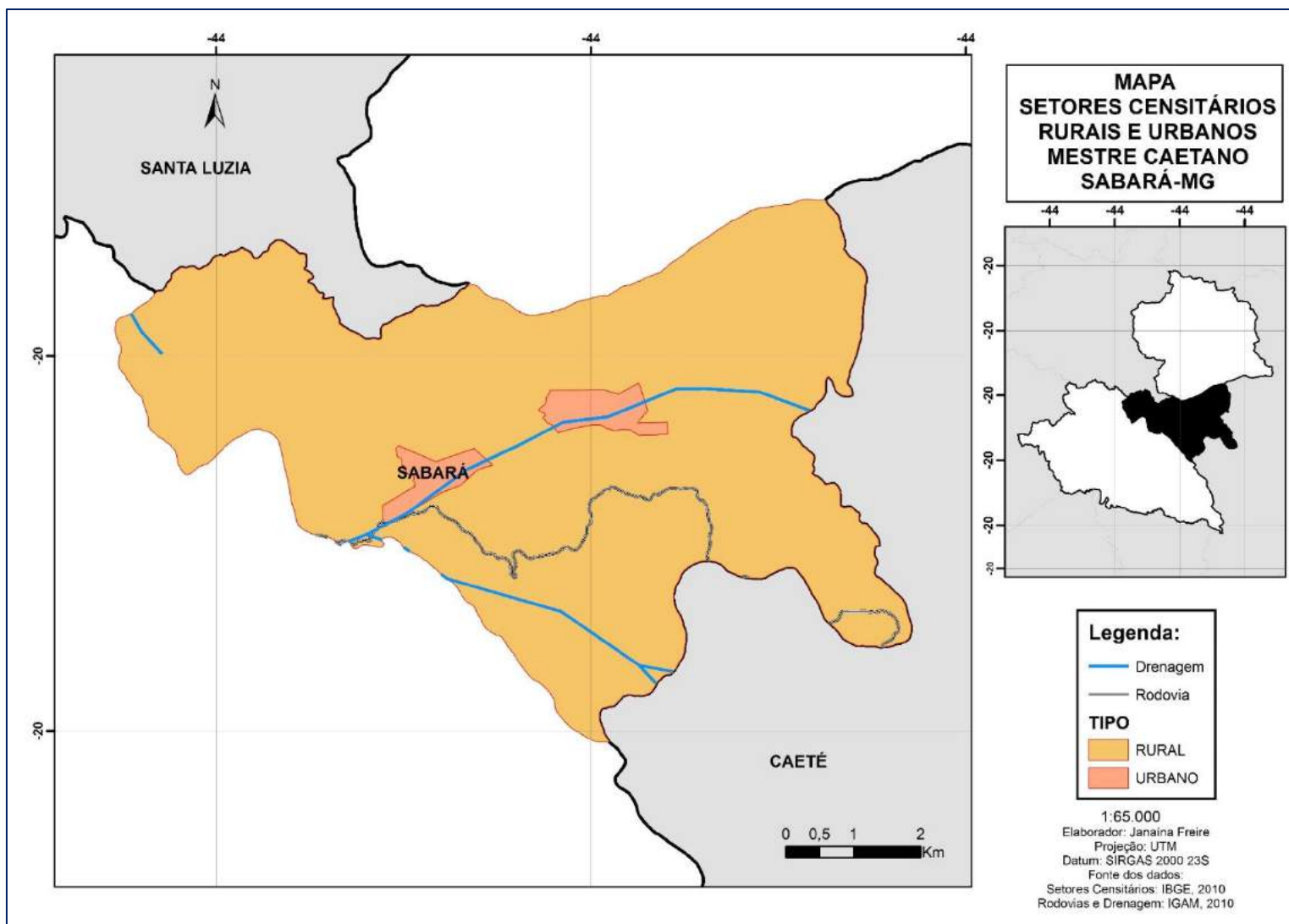


Figura 78 – Mapa: Setores Censitários rurais e urbanos Mestre Caetano de Sabará - MG

Fonte: Elaborada pela autora.

Foi a mineração inglesa e a siderurgia que impulsionaram seu crescimento. Dona MRA, que chegou na cidade há sessenta anos atrás, conta que:

quando eu vim viver aqui tinha só uma meia dúzia de casa aqui, só tinha carro de boi, só tinha uma venda, chamava de venda os armazenzinhos ali. Vinha um caminhão trazer as comida, era todo estrada de terra e todo mês tinha que por gente aí pra arrumar porque estragava as estrada de terra ali. (MRA).

O bairro demorou para ter energia elétrica e só foi abarcar uma torre de celular em 2016. Muitos da comunidade eram resistentes ao impacto disso sobre as famílias, que perderiam o tempo de convivência pra internet. Outros moradores já entendem que esse desenvolvimento era necessário para o bairro. A fato é que tudo ali é resolvido a muitas bocas e ouvidos.

É o seguinte, faz tempo que eu moro aqui, quando eu cheguei aqui tinha 15 casas, hoje nós temos 180. A marca principal do Pompéu é a unidade, temos 150 famílias, e todas elas originada daquelas 15. Então aqui hoje você pode chegar na última casa que ela conhece a última casa. É uma família mesmo, eu não lembro qual foi a última briga que tivemos aqui no Pompéu, fofoca eu lembro até de hoje de manhã, mas briga não, é um lugar espetacular pra se viver, um padrão de vida excepcional. (SLS).

Essa união fica muito clara quando se anda pelas ruas do bairro. Todos se cumprimentam e se conhecem. Esteja onde estiver, é possível encontrar quem se procura pedindo indicação.

A UP 2, única urbanizada, foi classificada como tipo 2<sup>38</sup> por ser constituída em grande parte por espaços urbanos, com mata e espaço rural discretos. Essa área situa-se em um vale rodeado por montanhas com certo limite de expansão, o que impacta diretamente nas suas características originais, pois, embora seja antigo, permanece enxuto com aproximadamente 250 famílias moradoras. Os limites do bairro Pompéu foram qualificados como Zona Urbana I,II, enquanto os arredores foram classificados como Zona Urbana II,I, por terem uma ausência absoluta de comércio e um afastamento de municipalidade ainda maior.

---

<sup>3838</sup> Para relembrar, os tipos criados para a tese são:

Tipo 1 → Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão

Tipo 2 → Majoritariamente espaço urbano com espaço rural discreto e matas ríminiscentes

Tipo 3 → Mata e espaço urbano em proporções similares com espaço rural discreto

Tipo 4 → Apenas espaços urbanos

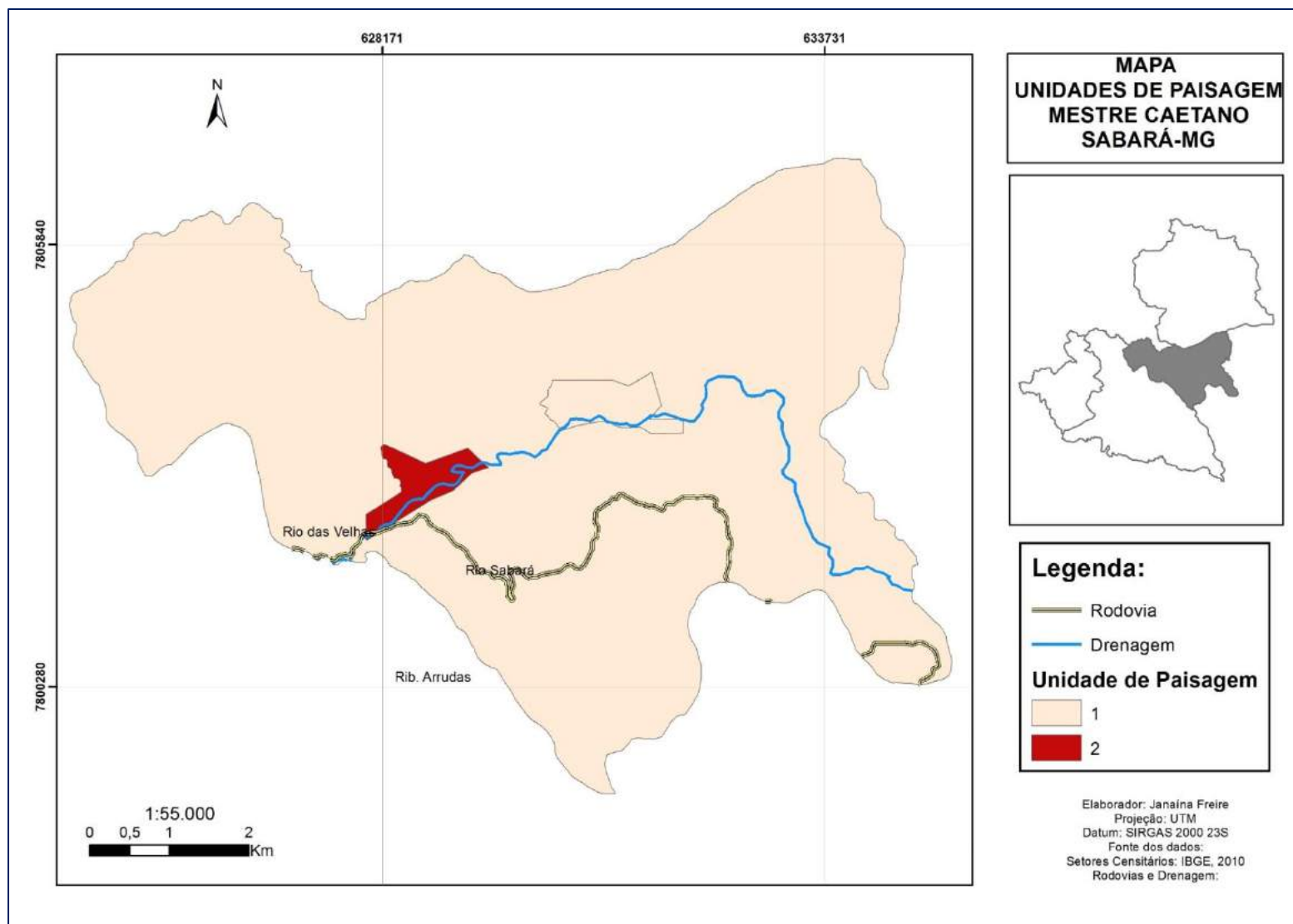
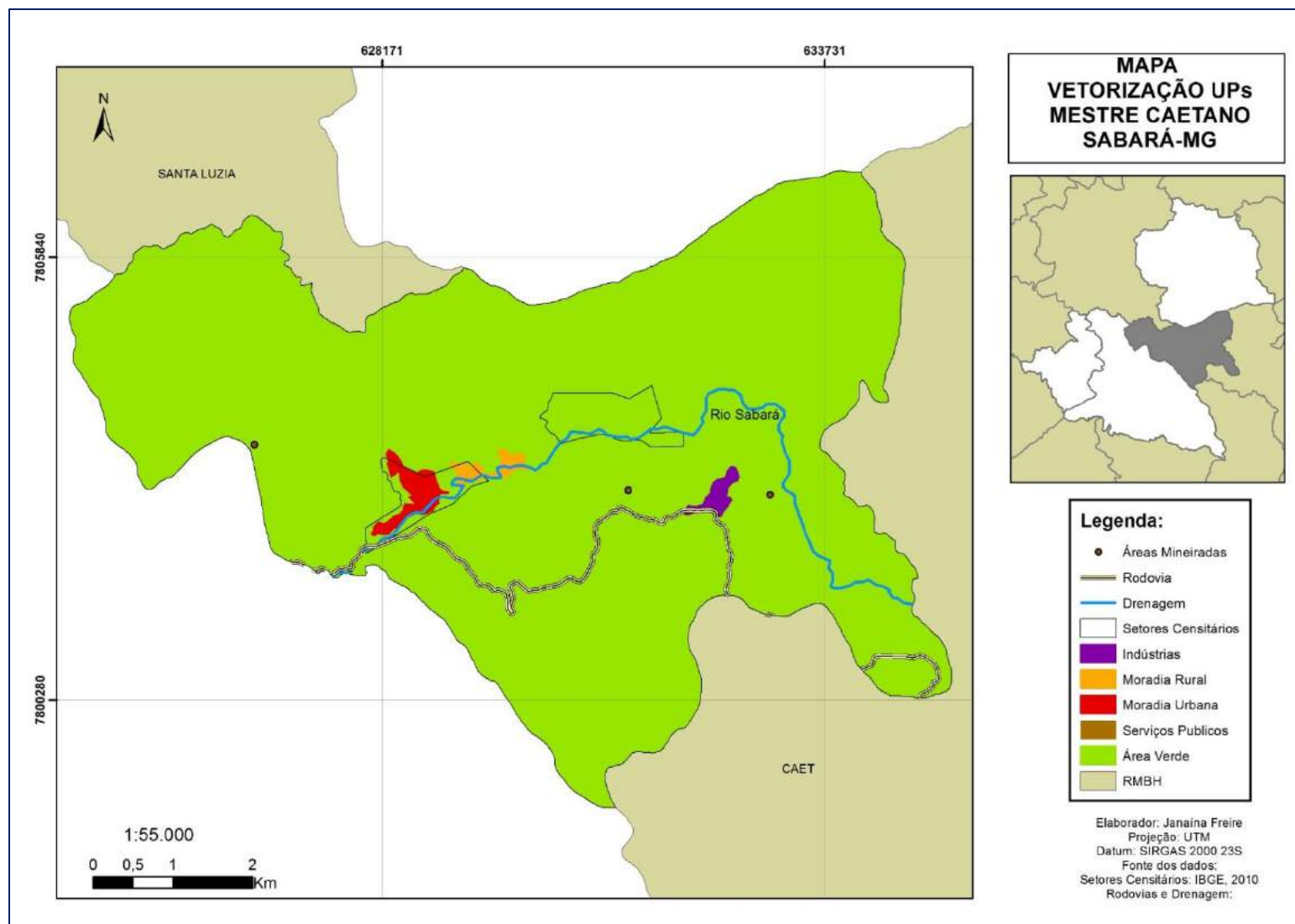


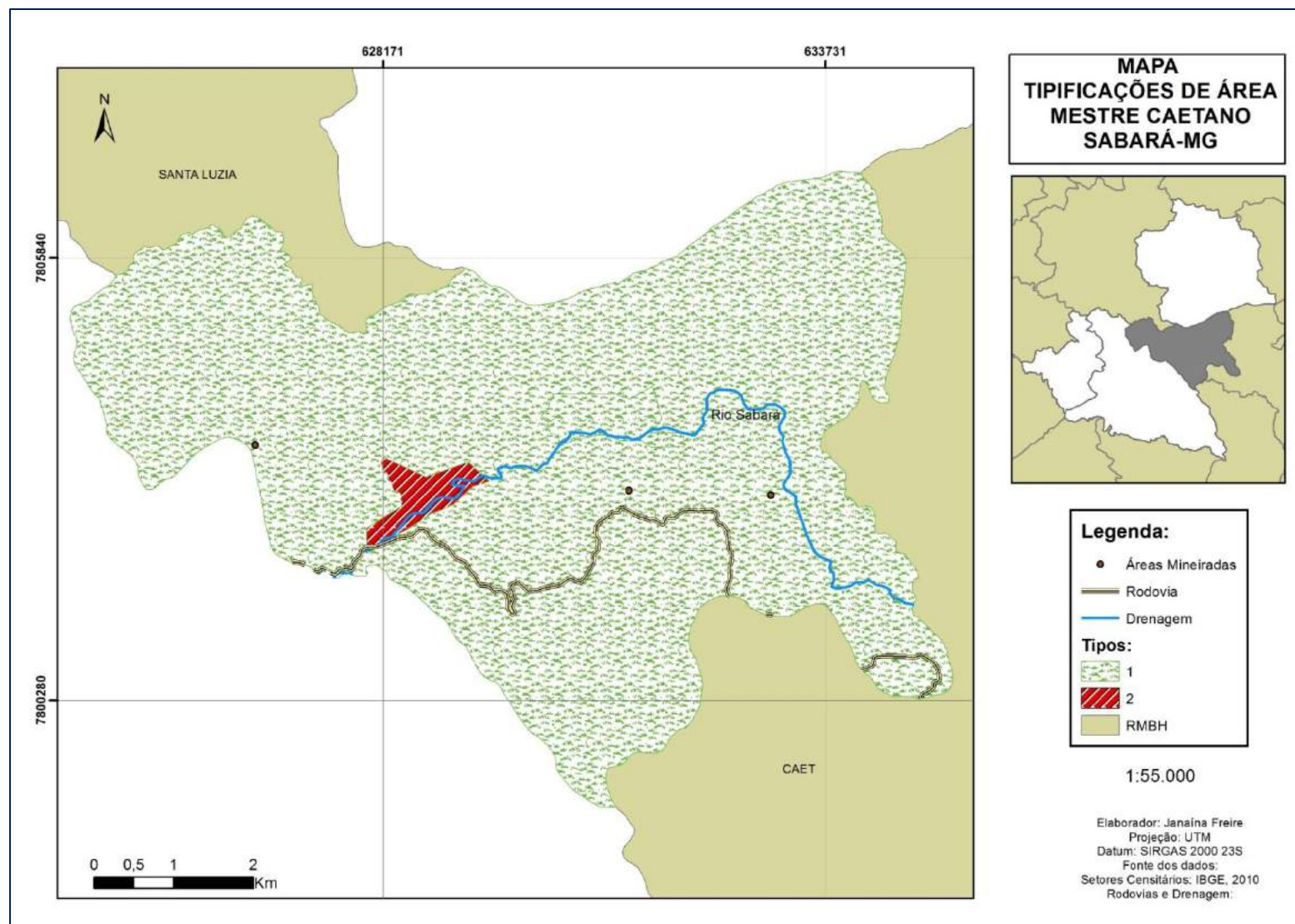
Figura 79 – Mapa: Unidades de paisagem Mestre Caetano de Sabará - MG

Fonte: Elaborada pela autora.



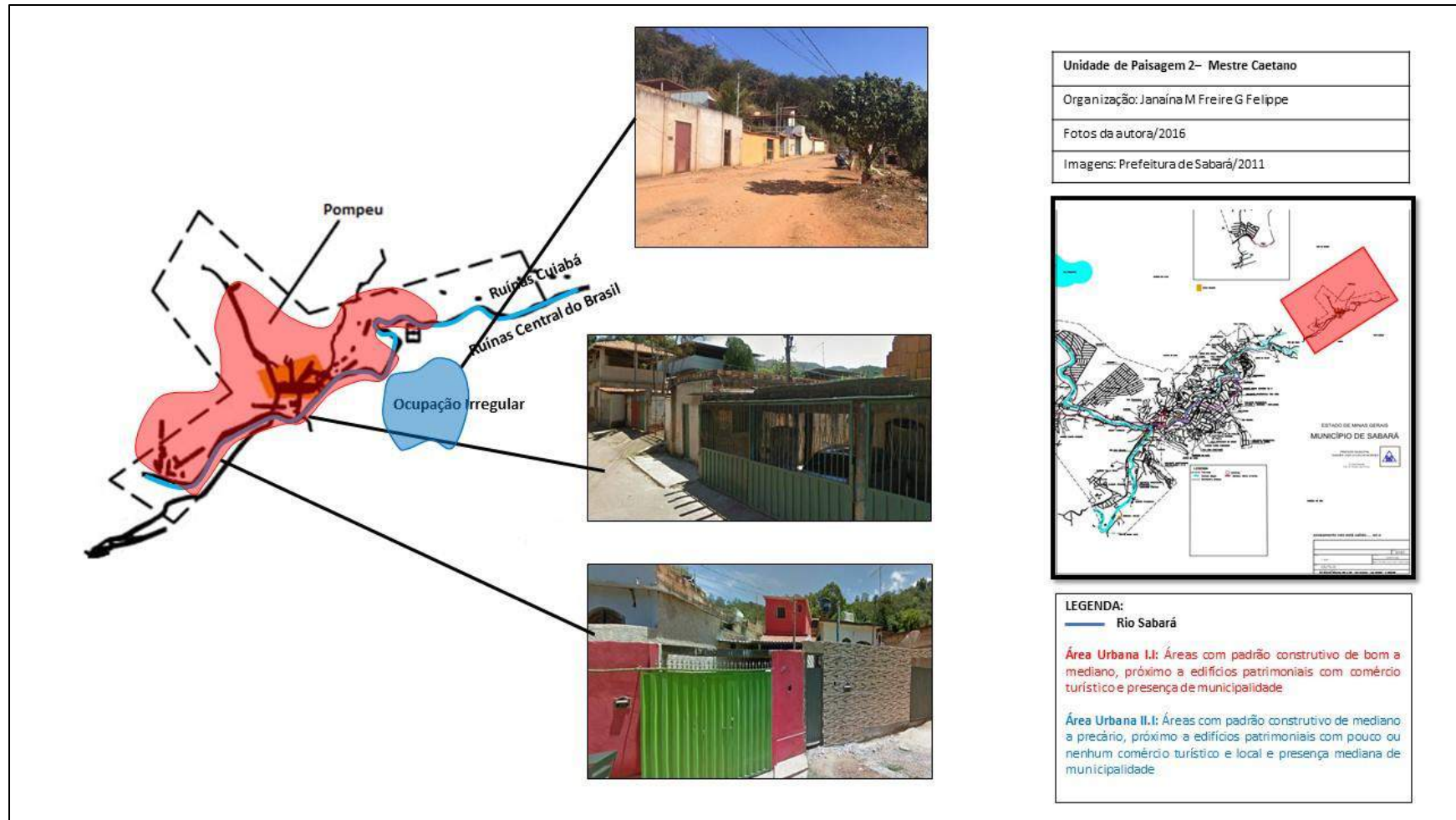
**Figura 80 – Mapa: Vetorização UPs Mestre Caetano de Sabará - MG**

Fonte: Elaborada pela autora.



**Figura 81 – Mapa: Tipificações de área Mestre Caetano de Sabará - MG**

Fonte: Elaborada pela autora.



**Figura 82 – Croqui unidade de Paisagem 2 – Mestre Caetano**

Fonte: Elaborada pela autora

Edith Stein define comunidade como um agrupamento espiritual entre seres que se identificam enquanto sujeitos, dentre as comunidades que existem, a maior delas é a humanidade. Significa que é o maior agrupamento que estamos inseridos embora, todavia, ela não possua na prática a relação espiritual ideal. A menor comunidade é a família, todavia, vale ressaltar que para a autora, não bastam os laços de consanguinidade, é preciso que os seres estejam dispostos a se unirem, a manterem relações intersubjetivas saudáveis e produtivas.

O povo, é um dos tipos de comunidade que a filósofa define, este tem uma vida interna composta por três elementos: autoconfiguração, auto conservação e auto expressão. O primeiro refere-se a capacidade de desenvolvimento que possui a partir da ligação interna que há entre os membros, quanto maior a ligação espiritual, maior a capacidade de desenvolvimento. Os outros dois elementos estão interligados, auto conservação alude a produção material de bens que visam atender as necessidades internas, a organização econômica, o sistema de saúde e as questões práticas para a permanência próspera. A auto expressão concerne a linguagem, as criações, costumes, ou seja, a cultura. Todo povo, independentemente de ser uma nação possui uma cultura. “Em mi opinion, cada una de estas dos ideas, ‘pueblo’ y ‘cultura’, hace referència a la outra. Se puede considerar como ‘una cultura’ a la creación del espíritu humano em la que han encontrado expresión todas las funciones vitales esenciales del hombre” (STEIN, 2003, p.728)<sup>39</sup>. Pompéu apresenta essa característica de povo com uma cultura compactuada pela maioria absoluta. Essa cultura, é claro, está a todo tempo se desenvolvendo, assim como faz parte de um acervo de conhecimento herdado, pois “los individuos que forman parte del pueblo nacen y mueren sin que por ello el pueblo mismo nazca o muera” (STEIN, 2003, p.726)<sup>40</sup>.

Os moradores vivem a saudade do trem que outrora passou ali, um componente muito presente na cultura local. Conforme contaram, antes da chegada das indústrias que aumentaram a população do local, todo o alimento tinha que ser buscado no centro da cidade ou no antigo bairro Mestre Caetano/ Cuiabá. Para chegar lá, ia-se de trem, bicicleta ou a pé.

Dava quase uma hora a pé. Ia com menino nos braços. Tinha trem mas o trem era só duas vezes no dia, só de manhã e a noite. Agora não tem mais, não para mais o trem aqui. A estação acabou, destruíram a estação. De Sabará, de Mestre Caetano, aqui tinha uma parada de trem. A festa do povo era ali na paradinha. Todo dia de domingo, deu 2 horas que é a hora do trem passar, ia todo mundo pra parada, uns ia ficar jogando bola, outros vendendo salgado, vendendo doce, enchia de gente pra ver o trem passar. Vinha de Raposos, ia pra Belo Horizonte, pra Santa Barbara, Barão de Cocais.. Uma pena que acabou isso. (MRA).

O trem passou, mas a memória não.

<sup>39</sup> Na minha opinião, cada uma dessas ideias, povo e cultura, faz referência uma a outra. Pode ser considerado como cultura a criação do espírito humano na qual se encontra expressão de todas as funções vitais essenciais do homem.

<sup>40</sup> Os indivíduos que formam parte do povo nascem e morrem sem que por eles o povo em si mesmo nasça ou morra

Diante de tudo que escutamos em Mestre Caetano, elencamos os seguintes itens sobre a auto conservação e auto expressão do distrito:

- Ligação afetiva com o rio;
- Memória do antigo bairro Mestre Caetano ainda muito presente na memória dos mais velhos;
- Carência de comércios e serviços;
- Carência de educação básica;
- Ligação com o festival Ora Pro Nobis;
- Comunidade consolidada.

SLS conta como era o Pompéu de sua infância. No meio do relato, o rio Sabará desponta como um grande representante da sua memória afetiva com o lugar.

Um rio aqui por exemplo é um patrimônio ambiental. O Rio quando eu cheguei aqui por exemplo tinha peixe, nos tomava banho no rio, dentro tinha fruta na correnteza. Pulava do guarda mão da ponte de ponta cabeça. A gente percebe que a coisa ta acabando. (SLS).

Ele conta que a cada duas casas havia uma pedra onde as mulheres lavavam as roupas. Hoje as mulheres utilizam o curso de água para pequenas pescas, mas segundo ele: “Pescar pra diversão ainda dá, mas pra comer não dá não” (SLS). O Rio e o homem conversam, se conhecem e compartilham experiências. Contudo, sem o homem, os mares e rios empreenderiam monólogos. “Então o rio tem uma importância tão grande na minha vida pelo menos, que eu falo que não dá pra contar minha história sem falar dele, eu falo que contando minha história tinha que ter sempre uma parada no rio” (SLS).

Por sua mobilidade, pelo salto soetrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação. Há uma palavra que encanta, uma substância que atrai. Palavra discreta ou turbulenta, acariciante ou ameaçadora, que dá ao rio ou ao mar uma personalidade. (DARDEL, 2011, p.21).

As ocupações da mineração que se deram primordialmente nos vales, revelam a ligação entre o ser e a água, tanto os maiores rios, utilizados para navegação, quanto os pequenos córregos, fizeram parte da vida dos mineiros

As primeiras ocupações no local, assim como aconteceu no distrito Sede, foram ocasionadas pela mineração aurífera de aluviões e filões. Acredita-se que foi um homem chamado José Pompéu que aqui se instalou. Alguns defendem que isso se deu antes da Guerra dos Emboabas e outros posteriormente. As moradias, na região, até meados do século XX, eram muito esparsas e pouco representativas. Edificou-se ali a capela de Santo Antônio que ainda reside no local. A mina Morro Velho, explorada desde 1725 na atual região de Nova Lima, se



utilizou de muita mão-de-obra escrava e, pelas técnicas rudimentares, sofria com acidentes constantes. Em 1934, com o incentivo a chegada das mineradoras inglesas em Minas Gerais, a empresa Saint John Del Rey assumiu o local. A história do Pompéu passa a ligar-se a essa mina, fornecendo muitos trabalhadores. Em 1975 a mina se associa a Anglo American Corporation. E apenas em 2004 a empresa ganha o nome de AngloGold Ashanti, embora não extraísse mais ouro da mina Morro Velho que chegou a ser a mais antiga em atividade no mundo.

A partir do desenvolvimento do trabalho na mina, originou-se o bairro Mestre Caetano que se ligava ao Pompéu, Sabará e à Mina, pela estação Central do Brasil. Com a Segunda Guerra Mundial, houve uma grande diminuição na produção e isso gerou um primeiro abandono do bairro Mestre Caetano

Hoje lá não tem mais nada nada nada... armazéns, lojas, congados, bandas, escola estadual... derrubaram tudo. Lá vivia em função da Mina Morro Velho, quando foi na segunda guerra faltou explosivo no mercado então a mina fechou... Funcionava em torno da mina Morro velho e estação central do Brasil. (SLS).

A produção voltou a ganhar visibilidade e isso deu a Mestre Caetano uma considerável sobrevida. “Antes Pompéu não tinha população, era pequeno, prevalecia o Mestre Caetano (GBT). Mestre Caetano que era o centro. Lá em Mestre Caetano você tinha duas vendas, duas escolas, duas igrejas né? Então, as coisas mudou” (GBT).

Na margem direita do rio ficavam as moradias feitas de madeira ligadas a ferrovia, e na margem esquerda todas as casas de proletários e funcionários de posições superiores da mina. O bairro possuía diversos equipamentos urbanos que ainda hoje não voltaram a existir na região, como cartórios, escola estadual e armazéns. Quando conversamos com os moradores mais antigos do local, era intrigante perceber que uma área tão importante para a história, já não existe mais. O segundo abandono das moradias, com o fechamento efetivo da mina, foi considerável. A desativação da Central do Brasil também influenciou nesse processo. Pela inutilização das casas que ali existiam, os derrubamentos começaram. Praticamente toda a área que rodeia o bairro Pompéu pertence a mineradora Anglo Gold e foi deles a decisão dessa supressão.



**Figuras 83 e 84 - Ruínas de Mestre Caetano**

Fonte: Fotos da autora.

A obra mais recente demolida é o casarão, um sobrado que lá havia. De acordo com SLS, com quem fizemos a caminhada de reconhecimento, o casarão teve várias funcionalidades. Ele foi construído para ser um hospital pois tinha muita incidência de febre amarela, mas com a edificação da Santa Casa em Sabará, tornou-se uma hospedaria para as pessoas que vinham de fora visitar a mina. Posteriormente, virou uma escola.

Além das casas e sobrados, os moradores sentem não poder frequentar as duas igrejas existentes dentro dos limites da mineradora: Ermida de Santa Efigênia e Capela Nossa Senhora do Rosário. Muitos moradores enterraram conhecidos e parentes nos arredores da construção. Hoje a mineradora impede o acesso e, embora as construções sejam tombadas pelo IEPHA, não há celebrações e nem mesmo visitas. Tentamos diversos contatos pedindo a entrada, mas nos foi negada por diversas vezes. Falaremos mais sobre esse caso no sétimo capítulo.

Na região onde ficavam as ocupações de Mestre Caetano só existem três casas com aspecto e rotina bem ruralizada. Visitamos essas moradias e conversamos com os moradores. Todos são descendentes de antigos da área. A sensação de ter visto um centro de prosperidade dar lugar a ruínas, é muito impactante para os mais antigos. Isso revela a possibilidade do apagamento de toda uma história. São homens e mulheres que viram a efetivação do esquecimento, não apenas pela desocupação e o fim da dinâmica viva do lugar, mas pelo extermínio dos fragmentos que ainda comprovavam a veracidade dos fatos. A existência de Mestre Caetano se perderá no tempo.

Paolo Rossi (2010) explica que desde os filósofos gregos há um consenso sobre a diferença entre memória e reminiscência. A memória é aquilo que persiste e a reminiscência uma (re)evocação de algo outrora esquecido a partir de um conhecimento ou de uma sensação

já experimentada. A reminiscência é um trabalho de escavação, uma busca voluntária - capacidade restrita aos seres humanos, ou seja, também uma vivência espiritual.

De acordo com Aleida Assmann (2008), a dinâmica da memória situa-se entre o esquecimento e a lembrança. Por isso, para entender como funciona a memória, torna-se necessário compreender o que é o esquecimento. Não há lembrança sem que algo tenha sido olvidado. A autora identifica duas formas de esquecimento, um ativo e outro passivo. O primeiro vem de um ato intencional de descartar e destruir, resultado, por exemplo, de tabus ou censuras de uma sociedade. O segundo liga-se às ações não intencionais, como dispersão, perda etc., sem, no entanto, haver a destruição completa - podendo ser, inclusive, redescoberto.

Para Heidegger (2012) a história do ser é também a história do olvido do ser, posto que o esquecimento não é uma negligência, mas sim a essência do próprio ser. Em vista disso, esquecer e lembrar caminham juntos e fazem parte do caráter mnemônico da consciência humana. O fluxo de vivências desses moradores, mais do que qualquer outro sabarense, vivenciou a antítese da memória que impactou em seus modos de vida. A Sede de Sabará voltou a ser o centro polarizador dos moradores dali, até que Belo Horizonte também ocupasse esse lugar, visto que grande parte dos moradores para lá se deslocam em busca de emprego. Há poucos que cumprem funções na Anglo Gold.

Atualmente a Anglo Gold tem duas minas em atuação no distrito: Lamego e Cuiabá. Essa segunda fica no caminho para Caeté e abarca as duas igrejas já mencionadas. A barragem de rejeitos da Mina Cuiabá é imensa e caso houvesse qualquer rompimento, iria direto para o bairro Pompéu, situado muitos metros abaixo, mas bem no sentido de deslocamento da massa de água.



**Figura 85 – Foto barragem de rejeitos AngloGold Ashanti**

Fonte: Foto da autora (2016).

Durante o período de pesquisa da tese, a mineradora se reuniu com a comunidade para discutir um plano de segurança no local, envolvendo plano de fuga caso houvesse algum problema com a sustentação da estrutura. “A gente se reuniu com eles pedindo um sistema de alarme, a gente se reuniu com eles aqui. Tem quase do tamanho da de Mariana. Se ela romper lá, 90% do bairro acabou. Mas disse que até julho de 2017 o sistema de alarme ta pronto” (GBT). Contudo, encontros como esses não alteram o medo dos moradores de que em poucos minutos, o vale encantado possa deixar de existir, além de que, certamente a perda de um será uma perda de todos.

Mas primeiro todo mundo era uma família, todo mundo era irmão. Mas até hoje Pompeu é um lugar muito bom da gente viver, todo mundo é muito unido. Quando tem uma doença numa casa a casa enche, numa festa também enche, numa oração também enche, povo muito unido, lugar muito bom pra gente viver graças a Deus. (MRA).

A Belgo Mineira também exerceu influência sobre a região. Quando começou suas atividades em Sabará, precisava de mão de obra tanto para a mineração, quanto para a produção de eucalipto (por reflorestamento) para os fornos a lenha. Para isso, contratou uma empresa reflorestadora e construiu 250 casas de madeira próximas ao bairro Pompéu, que foram organizadas em dois conjuntos habitacionais: Segredo e Córrego do Meio. “A Arcelor no meu tempo de criança era Belgo Mineira e tinha três mil funcionários, hoje tem oitenta” (SLS)

Na década de 80, com a crise na Belgo, o contrato com a reflorestadora foi rompido. A siderúrgica notificou isso aos moradores e indenizou a todos, depois disso, todas as casas foram desmanchadas. Havia nas proximidades uma fazenda com um grande campo de futebol. Os moradores, recém indenizados ofereceram o valor recebido ao dono da fazenda, pedindo que vendesse a eles aquele campo, com o intuito de construir suas moradias. Assim foi feito. Hoje essa área já se juntou totalmente ao que havia do Bairro Pompéu e são um bairro só.

## **4.2 IRMANDADES RELIGIOSAS E A PERPETUAÇÃO DO BARROCO**

Mestre Caetano e Sede se mostraram como distritos muito religiosos. Grande parte do bairro Pompéu gira em torno da igreja de Santo Antônio, que tem como matriz a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no centro histórico. Já a Sede tem irmandades distribuídas tanto na de Nossa Senhora da Conceição, quanto nas seguintes igrejas coloniais: Igreja das Mercês, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja de São Francisco, Igreja Nossa Senhora do Ó, além de outras mais recentes.

Eu respeito as religiões tudo, mas eu nasci na Católica, eu morro nela. Não tem necessidade de ficar mudando, se Deus é um só. Eu nasci na igreja católica eu vou morrer nela, as vezes tem um convite pra ir na festa que o pastor vem aqui e me convida, eu vou lá, aniversário do pastor... Eu graças a Deus tenho amizade com todo mundo. (MRA).

Dona MRA revela um fator fundamental em relação a igreja católica no distrito Sede e Pompéu: muitos moradores são batizados na religião e acabam crescendo dentro de seus limites, isso cria um laço que pode ser eternizado, contudo, esse acervo de conhecimento que os moradores têm, não é homogêneo, é um núcleo rodeado de imprecisão e ambiguidade. São, ao mesmo tempo, coisas dadas, crenças cegas, suposições e vivências espirituais intensas, oriundas de atos livres repletos de motivação. Todavia, conhecer esse estoque de conhecimento é fundamental para entender a dinâmica cultural da área.

Toda interpretação sobre esse mundo é baseada sobre um estoque de experiências prévias a seu respeito, nossas próprias experiências e aquelas transmitidas a nós por nosso pais e professores que, sob a forma de um ‘conhecimento a mão’, opera como um esquema de referência. (SCHUTZ, 2012, p.84).

A igreja católica acaba por se tornar um esquema de referência para muitos dos moradores que nascem nesse contexto barroco herdado de geração em geração, ainda que, como comentamos, muitos dos moradores sejam descendentes de imigrantes que lá habitam a menos de um século. Um fator que parece ser definidor dessa identificação local e a aceitação da identidade sabarense é o barroco, que dá ao tempo presente um conteúdo histórico e social transcendente e significativo.

A paisagem urbana histórica, em Minas Gerais, deve ser apreendida na perspectiva da dialética espacial, produto material, simbólico e ideológico que atravessa os momentos da história universal e que é sintetizado no barroco no Novo Mundo. (COSTA, 2015, p.62).

A valorização do barroco tem conteúdo religioso, obviamente, mas também é alimentada por um discurso patrimonial convincente. Deste que este foi considerado pelos modernistas como a grande representação da identidade nacional brasileira, a cidade colonial ganhou “status”. O ostracismo do monumento (para o mundo e para o próprio morador) é substituído por uma valorização patrimonial que agregou a cidade ao turismo (ainda que em Sabará o turismo seja extremamente deficitário). Pertencer a uma paróquia barroca é, então, mais do que ser católico, é ser um católico barroco, parte da formação da história nacional.

O processo de valorização dos sítios coloniais iniciado na década de 1930, que preservou e deu legitimidade à identidade nacional do barroco brasileiro, se estendeu às outras cidades e é responsável pela emergência de uma identidade urbana que, ainda que fundada sob o jugo da colonização, nos permite tomá-la como patrimônio histórico e cultural. (PAES, 2014, p.54).

A unidade de paisagem da Sede e Mestre Caetano que se declarou com menor número de devotos ao catolicismo alcançou um número de 51% para 37% evangélicos. Já a unidade de paisagem com maior índice de católicos teve 67% para 23% de evangélicos.

BA, moradora do bairro Siderúrgica e vizinha da igreja Nossa Senhora do Ó, conta o que entende como comunidade:

Comunidade é um grupo de pessoas que se une pra comunidade crescer né, agt não faz a comunidade sem as pessoas. Ninguém faz nada sozinho. A comunidade é importante na vida da gente. Todo mundo é família né? Você quer fazer alguma coisa todo mundo já te ajuda. Você adoeceu te ajuda junto. A Igreja é todo mundo junto, então comunidade é uma coisa que você tem que ta sempre unida, com amizade né. Pro crescimento da comunidade. (BA).

Percebe-se que comunidade, para ela, tem relação com a organização da igreja e envolve ajuda mútuo, amizade e crescimento. Se aproxima do entendimento de Stein (2003), de comunidade como uma comunhão de pessoas para o bem comum. Muitos moradores se envolvem nos trabalhos das irmandades, em busca da preservação da igreja e da melhoria dos equipamentos urbanos dos bairros. Como ela explicou, embora o bairro se chame Siderúrgica, a comunidade é Nossa Senhora do Ó, porque é o nome da Igreja e mais de um bairro pertence a essa comunidade. Não há uma comunidade por bairro, mas sim por igreja.

A matriz Nossa Senhora da Conceição tem 10 comunidades. Comunidade, pra mim, é aquela que tem cada uma tem seu santo, seu santo de devoção. Aqui por exemplo nós temos o Santo Antônio. Nossa Senhora do Ó nós temos Nossa Senhora do Ó né? Lá no bairro esplanada tem Nossa Senhora Aparecida. Lá no Bairro Morada da Serra tem a Rosa mística, entendeu? Então cada comunidade tem seu santo de devoção, entendeu? (GBT).

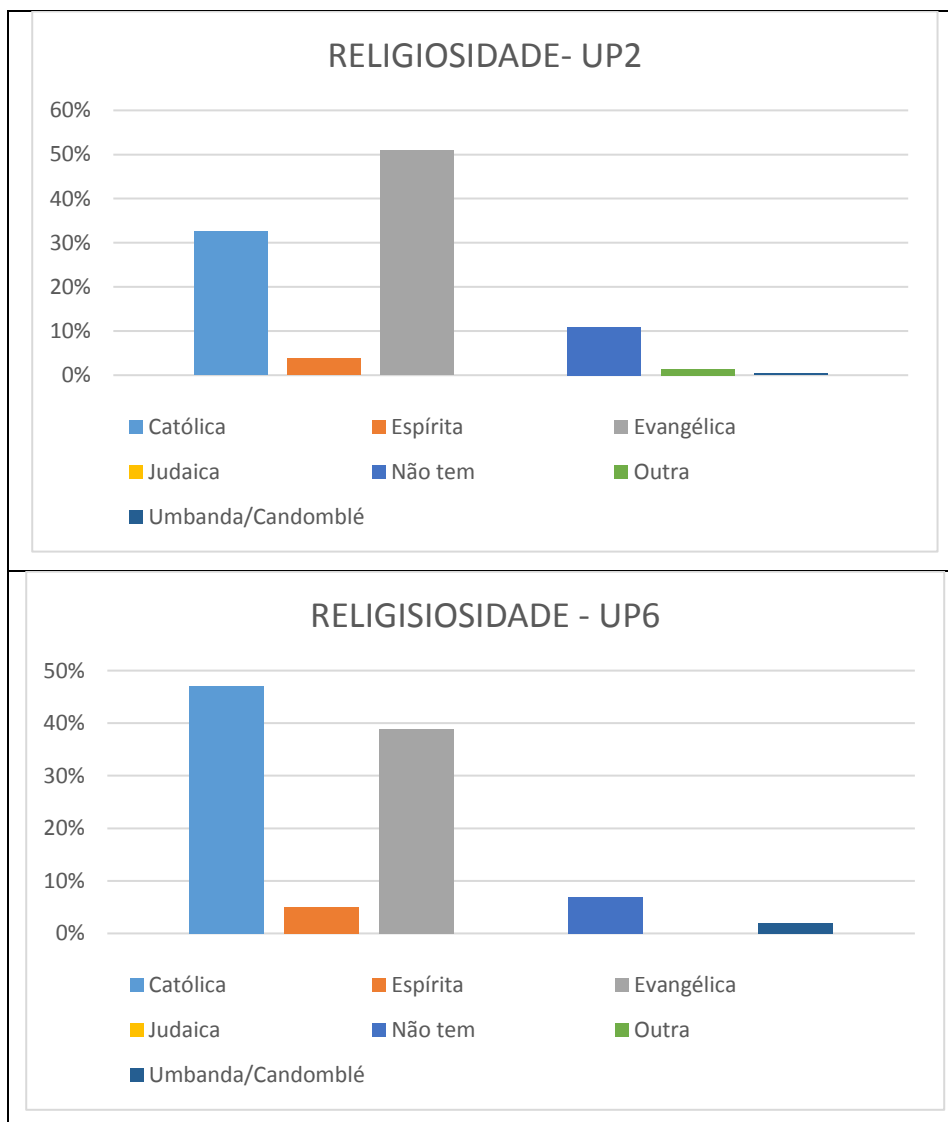
As igrejas constituem uma territorialização dentro da cidade pautada no santo que dá nome a ela. É um território sacralizado. Questionamos BA: “- Os evangélicos fazem parte da comunidade?”, ao que ela respondeu: “Não os evangélicos tem a turma deles. É o pessoal que frequenta a igreja deles é outra comunidade. Tem uma igreja aqui em baixo”. Assim, embora exista a unidade bairro, ela está fragmentada em outra unidade – religiosa. Esse padrão católico dos dois distritos centrais do município, diferem-se dos distritos polares: Ravena e Carvalho de Brito.

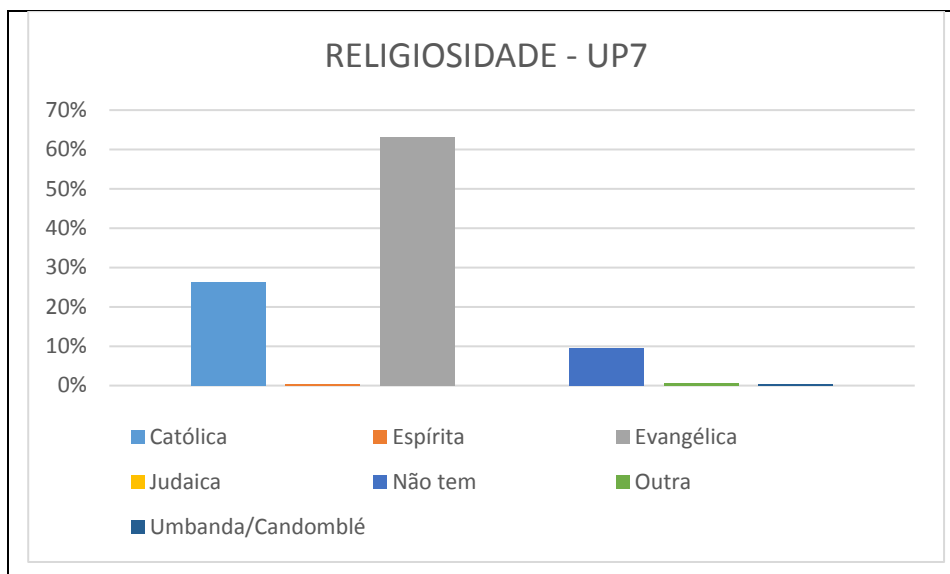
Em Carvalho de Brito a realidade é um tanto diferente. Na Unidade de Paisagem 4, onde se localiza os bairros Nova Vista e Ana Lucia, a maioria se qualificou como católico (53%). Na UP 3, bem próxima, onde estão as ocupações do Novo Alvorada e Barraginha, 81% se declarou evangélico. Uma mudança muito grande para bairros colados um no outro. Nas Unidades de Paisagem 2 e 7 (Fátima e General + arredores, respectivamente) há carência de irmandades católicas, contendo apenas uma igreja em General e uma paróquia em Fátima, que foi construída em 2001. FTM, nos conta: “eu vou te falar uma coisa, aqui tem mais evangélicos que católicos. Pra você que está numa cidade histórica, que tem muitas igrejas católicas, a maior parte é protestante”. Isso foi comprovado nos questionários, conforme gráficos a seguir. Na unidade de paisagem 2, 51% dos participantes se declaram evangélicos, enquanto que na UP 7,

o número foi de 62%. Nações Unidas teve um alcance de 39% para 47% de católicos.

A Vila Marzagão, inserida nos resultados da UP7, tem um contexto particular que se camuflou. Como trata-se de poucos moradores, nas visitas realizadas no local, ficou claro que grande parte frequenta a igreja católica dentro da vila, embora, segundo nos contaram, tenham menos adeptos nos dias atuais.

**Gráficos 8, 9 e 10 - Religiosidade UP2, UP7 e UP6 - Carvalho de Brito**





Fonte: Elaborado pela autora.

Como se percebe no bairro Nações Unidas, o catolicismo também teve primazia e isso se deve ao fato de ser uma ocupação tradicional, soerguida pioneiramente e com um planejamento urbano, que levou em consideração a edificação da igreja de São Sebastião, na década de 60.



**Figura 86 – Foto igreja de São Sebastião – Nações Unidas**

Fonte: Foto da autora/2016.

Esta realidade se deve a ausência de igrejas católicas provenientes dos séculos XVIII a XX, e do processo de evangelização acelerado nessas periferias. De acordo com FTM, o que primeiro surge após as invasões é um bar e depois, uma igreja. No caso, protestante. Esse fato tem dois lados. Em uma face, as irmandades católicas no distrito Sede e Pompéu, tem demonstrado muita resistência ao desenvolvimentismo, alimentando um ideal de Sabará



interiorana, o que pode ser prejudicial para um município com crise de empregabilidade. Nas diversas entrevistas realizadas, os moradores demonstraram resistência com o que chamam de modernidade. SLS reclamou da torre de celular do Pompéu e BA da juventude que está muito mudada, com novos valores. Na outra face, as irmandades constituem uma comunidade que dialoga e interage, criando uma sinergia entre os moradores. As igrejas católicas tem sua ordenação por meio de matrizes que proporcionam uma unidade, enquanto que as igrejas evangélicas são tão diversas que seria necessário uma tese específica para identifica-las. Por meio da minha observação, embora não tenha coletado dados sobre isso, as igrejas batistas parecem dominar em todo o distrito. A falta de interlocução entre os evangélicos e a inexistência de uma matriz única, não faculta o diálogo entre os adeptos. No caso de General Carneiro e arredores, assim como o bairro Fátima e Nações Unidas, há a particularidade dos limites imaginários impostos pelas facções – as territórios do crime. Assim, um morador proibido de adentrar no bairro São José, não poderá frequentar a igreja Batista do local, ainda que, para a Igreja isso não seja um problema, pois ele costuma frequentar a mesma linha evangélica no bairro Vila Rica, por exemplo. Esse caso, foi nos explicado por FTM e CSL, como algo cotidiano nos bairros.

Diferentemente dos arraiais setecentistas e oitocentistas, os arraiais do século XXI não são essencialmente católicos, ao contrário, tem se mostrado majoritariamente evangélicos. Ravena, ainda que seja um distrito com ocupações coloniais, possui apenas a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, datada dos oitocentos. Já os distritos Sede e Mestre Caetano mantêm o culto as igrejas ainda vivas na memória de muitos moradores, buscando enaltecer o valor do barroco para a comunidade. “(...)os arraiais mineiros, antes de se fazerem barrocos, nasceram barrocos” (COSTA, 2015, p.89).

De acordo com Edith Stein (2005), cada eu individual vive como pessoa e como comunidade. Vivemos de modo pessoal aquilo que a comunidade vive, mas também temos vivencias comunitárias, embora não haja uma consciência comunitária, apenas uma consciência individual. A consciência individual pode viver as vivencias comunitárias. Há um fluxo de vivencias comunitárias (em uma comunidade que funciona), ou seja, posso ver uma dor que é também a dor de uma comunidade, uma alegria que também é compartilhada por todos. A dor e a alegria são vividas por mim mas tem um sentido que não é somente meu, é do grupo. A perda de Mestre Caetano é certamente uma dor compartilhada pelo grupo que sente seus impactos não somente na memória, mas também na vida cotidiana.

A comunidade, com seus membros, constitui um único ser comunitário com um fluxo de vivencias e muitas consciências individuais. O convívio deve se pautar por um respeito

mútuo e responsabilidade recíprocas. Cada indivíduo responde pela responsabilidade de seus atos, e não o ser comunitário. Para isso acontecer a comunidade precisa ser constituída por pessoas livres. A comunidade é uma unidade de pessoas humanas únicas e espirituais e quanto mais a pessoa consegue exercer sua singularidade, ou seja, viver a comunidade de forma pessoal, mais ela enriquece a vida comunitária. Esse processo de formação do eu mesmo e fortalecimento do ser também depende de uma tomada de posição pessoal.

No Pompéu esse conceito de comunidade de Stein parece vigorar porque, embora haja a organização estrutural da igreja, transcende os limites dela, fazendo com que todos da comunidade, independentemente da religião, se comuniquem e se ajudem quando necessário.

Em todas as unidades de paisagem católicas que estivemos, os moradores relataram a preocupação com os jovens, que tem se afastado muito do município. Para GBT, isso é explicado pelas músicas e outras ações mais interessantes que a igreja evangélica propõe, ao contrário do catolicismo que está estagnado. Uma das perguntas feita aos moradores era: “se Sabará falasse, o que te diria?”, esta foi a resposta de BA:

Se Sabará falasse...me diria pra eu cuidar da senhora do ó, toda restaurada pra que a comunidade cresça e vou abrir um lugar pra juventude participar e crescer. Se a igreja é nossa comunidade, é nosso ponto histórico, ela falaria que vou cuidar da sua igreja e da juventude que você tanto cuida. A juventude precisa muito de cuidado. (BA).

Construímos um quadro que resume as diferenças encontradas entre o que chamamos de arraiais do século XXI e os arraiais setecentistas e oitocentistas, identificando quatro elementos principais: religião, economia, poder e processo.

**Quadro 5 - Título arraiais coloniais e do século XX**

	<b>Religião</b>	<b>Economia</b>	<b>Poder</b>	<b>Processo</b>
<b>Arraiais Setecentistas e Oitocentistas</b>	Catolicismo	Aurífera	Metropolitano Português	Urbanização
<b>Arraiais do Século XXI</b>	Prioritariamente Evangelismo com presença de muitas outras religiões e práticas religiosas	Setores Secundário e Terciário em Belo Horizonte	Metropolitano Belo Horizontino	Periferização Bairrificação

Fonte: Elaborado pela autora.

Verifica-se, portanto, que nas áreas periféricas de baixa renda, com segregação imposta, há um predomínio de práticas pentecostais e, por conseguinte, um afastamento ao barroco. Contudo, esse afastamento não é apenas religioso, mas também posicional. Os moradores desses ditos arraiais do século XXI tem a corporeidade posicionada em um espaço existencial afastado dos bens tombados, não apenas em termos de quilometragem, mas de acesso a meios de transporte e equipamentos urbanos. Além disso, pelo que estamos chamando de bairrificação, originada do avanço do poder metropolitano, as relações prioritárias se dão com a centralidade de Belo Horizonte.

As definições de Sabará em uma palavra, resultaram na seguinte estrutura:



Observa-se que novamente a história aparece como um elemento chave, além da tradição e a tranquilidade. Isso nos aproxima da essencialidade de Sabará, que carrega tanto uma personalidade histórica barroca, como uma reputação pacata, ligada a tranquilidade. De fato, é uma cidade sem largas avenidas, grandes ônibus e arranha-céus. Para concluir essa segunda parte, no próximo capítulo discorreremos sobre o último distrito de Sabará: Ravena, que assim como Carvalho de Brito, possui um conteúdo distinto da Sede e Mestre Caetano.

## CAPÍTULO V

### “AQUI É RAVENA E NÃO SABARÁ”: O DESCONEHO ARRAIAL DA LAPA

*E sai o povo pelas ruas a cobrir  
De areia e flores as pedras do chão  
Nas varandas vejo as moças e os lençóis  
Enquanto passa a procissão  
Louvando as coisas da fé  
(Milton Nascimento)*



**“AQUI É RAVENA E NÃO SABARÁ”:  
O DESCONEJO ARRÁIAL DA LAPA**

---

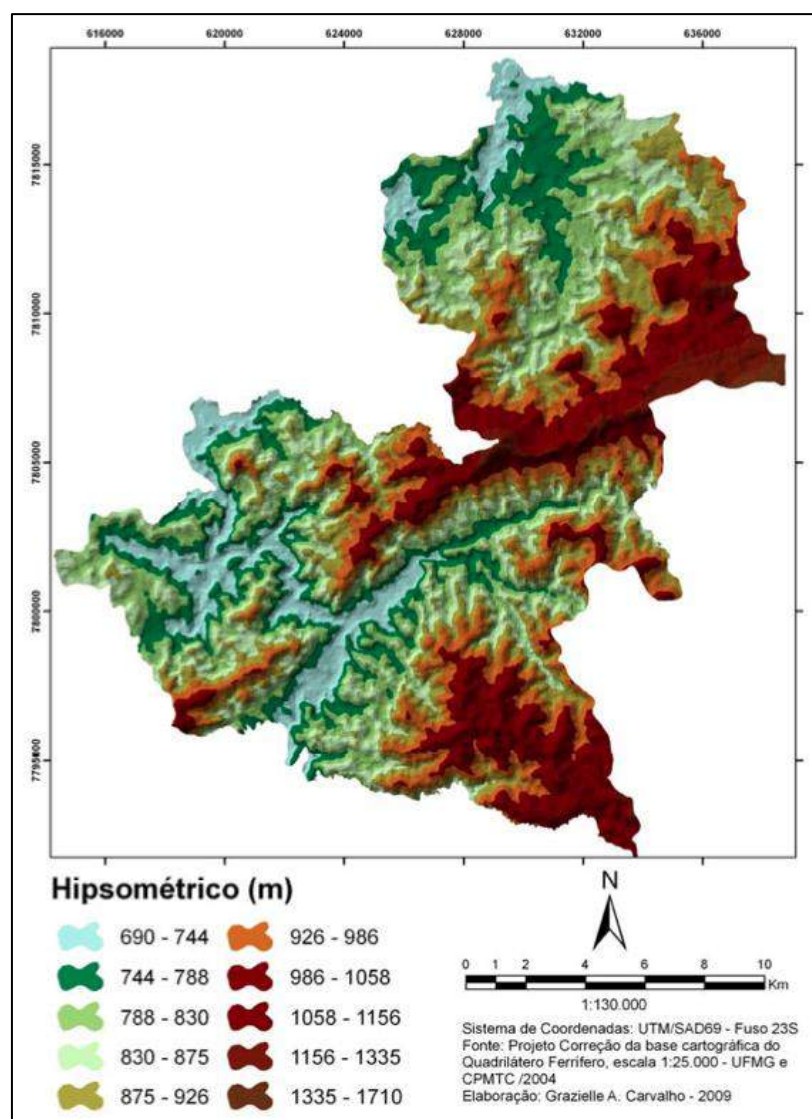
5.1 Apresentação do distrito

5.2 A RMBH e o cotidiano sabarense

5.3 Eventos festivos: geografia alimentar de Sabará

## 5.1 APRESENTAÇÃO DO DISTRITO

As regiões habitadas com maior intensidade em Sabará, situam-se abaixo da serra e ao longo do Rio das Velhas, conforme mapa abaixo. Acima da serra, no distrito de Ravena, há pequenos focos de urbanização. É possível perceber que em Mestre Caetano, na região central do município, há uma pequena área de vale, onde justamente se encontra o bairro Pompéu, que já não tem para onde crescer.



**Figura 87 – Mapa: Hipsométrico Sabará**

Fonte: CARVALHO, 2009.

Assim como o distrito de Mestre Caetano, Ravena é pouco habitada, tendo apenas uma área central de urbanização, composta tanto pelo centro histórico quanto por uma periferia favelizada as margens da BR 381, que leva a Vitória. Além disso, Ravena tem muitas chácaras

de alto padrão mais afastadas do centro. “Tem muito sitio, então você chega final de semana só carros e ônibus indo pros sítios” (EDR). Por isso, foram definidas duas unidades de paisagem para o distrito, uma que contempla a área urbana e outra que permeia as chácaras e áreas verdes. Isso fica evidente nos mapas a seguir.

As unidades de paisagem foram classificadas em dois tipos distintos, um e dois, de acordo com a tipologia já definida<sup>41</sup>. A área urbanizada do centro, foi categorizada como Urbana II.I<sup>42</sup>, pela baixa presença de comércio e de suporte municipal. É uma prática de Ravena o plantio no fundo das casas, principalmente de bananeiras. Então, ainda que se esteja em um centro urbanizado e pavimentado, basta adentrar nas ruas para perceber que é rodeado por cachos de bananas. A zona periférica, já favelizada foi classificada como área urbana III, pois embora não esteja longe do centro histórico, não se relacionam.



**Figura 88 - Composição fotográfica- Cultura de bananas em Ravena**

Fonte: Fotos da autora.

<sup>41</sup> **Tipo 1** → Majoritariamente mata com espaço rural discreto ou nulo e espaço urbano em expansão.

**Tipo 2** → Majoritariamente espaço urbano com espaço rural discreto e matas reminiscentes.

**Tipo 3** → Mata e espaço urbano em proporções similares com espaço rural discreto.

**Tipo 4** → Apenas espaços urbanos.

<sup>42</sup> **Área Urbana I:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano com comércio local e presença de municipalidade.

**Área Urbana I.I:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano, próximo a edifícios patrimoniais, com comércio turístico e presença de municipalidade.

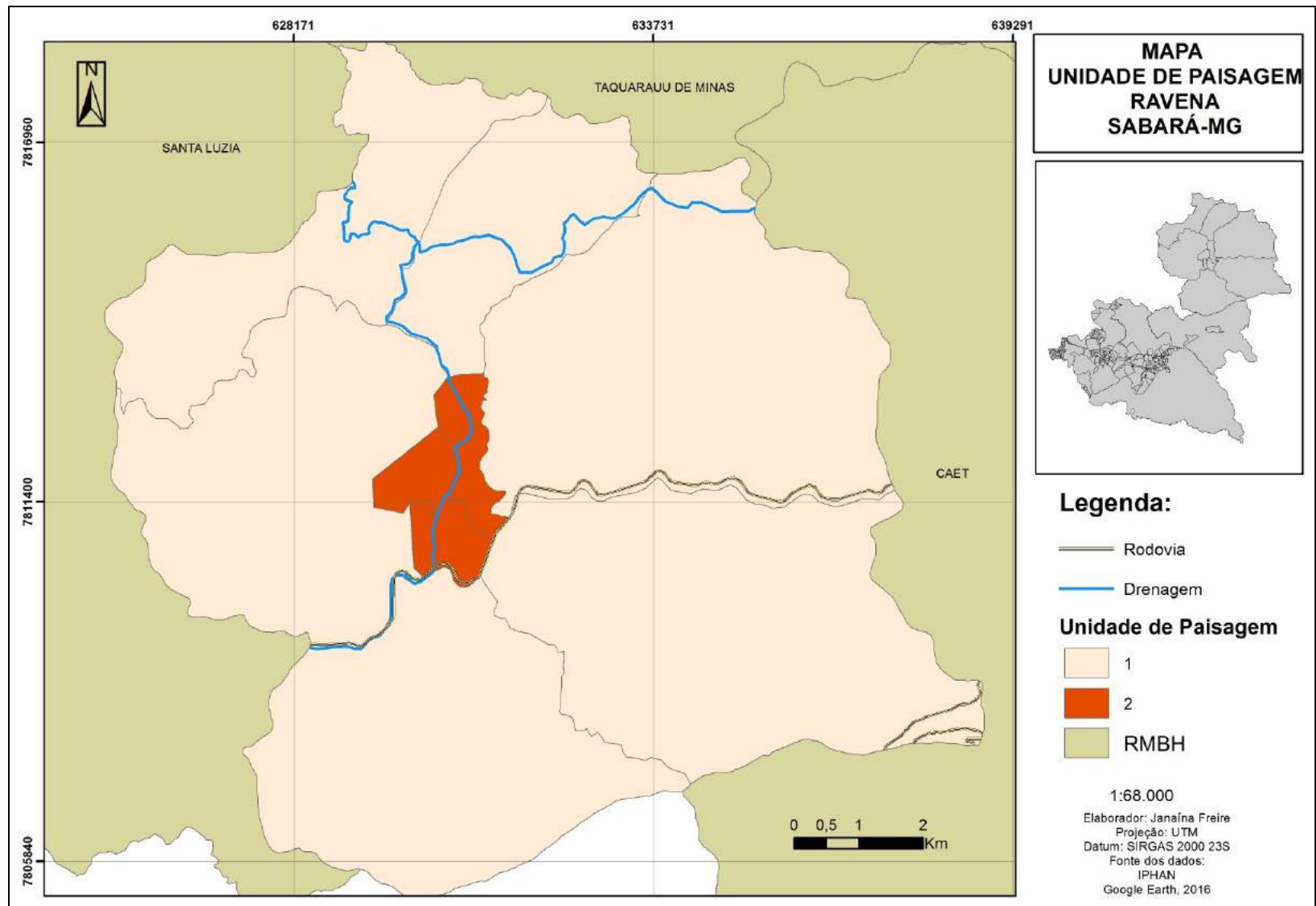
**Área Urbana I.II:** Áreas com padrão construtivo de bom a mediano, próximo a edifícios patrimoniais, com comércio turístico e local e presença de municipalidade.

**Área Urbana II:** Áreas com padrão construtivo de mediano a precário, com comércio local e presença mediana da municipalidade.

**Área Urbana II.I:** Áreas com padrão construtivo de mediano a precário, próximo a edifícios patrimoniais, com pouco ou nenhum comércio turístico e local e presença mediana da municipalidade.

**Área Urbana III:** Área com padrão (auto)construtivo de precário a subumano, com ausência de comércio local e presença deficitária ou ausência de municipalidade.

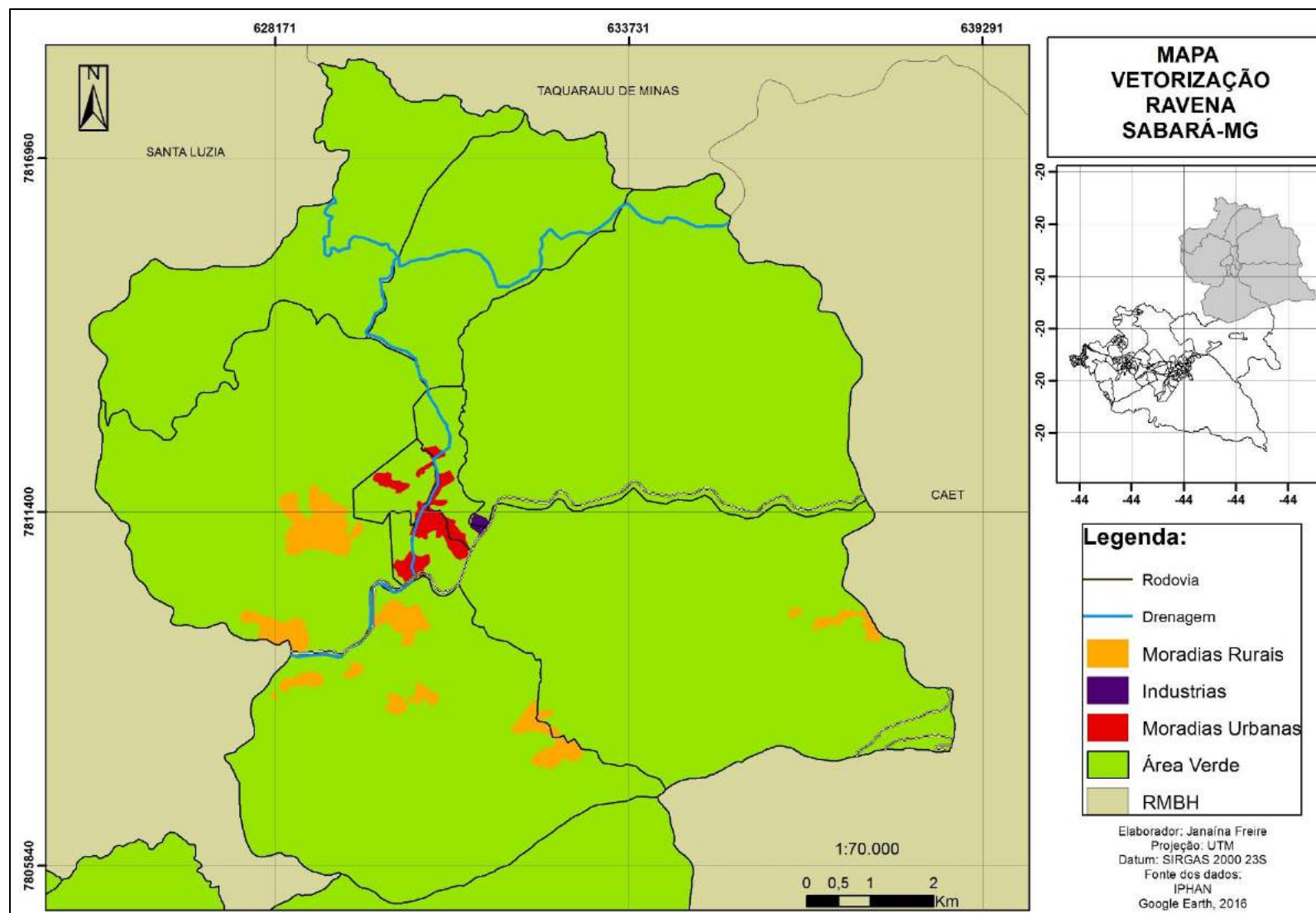
**Área Urbana III.I:** Área com padrão (auto)construtivo de precário a subumano, próximo a edifícios patrimoniais, com ausência de comércio local e presença deficitária ou ausência de municipalidade.



**Figura 89 – Mapa: Unidade de Paisagem Ravena**

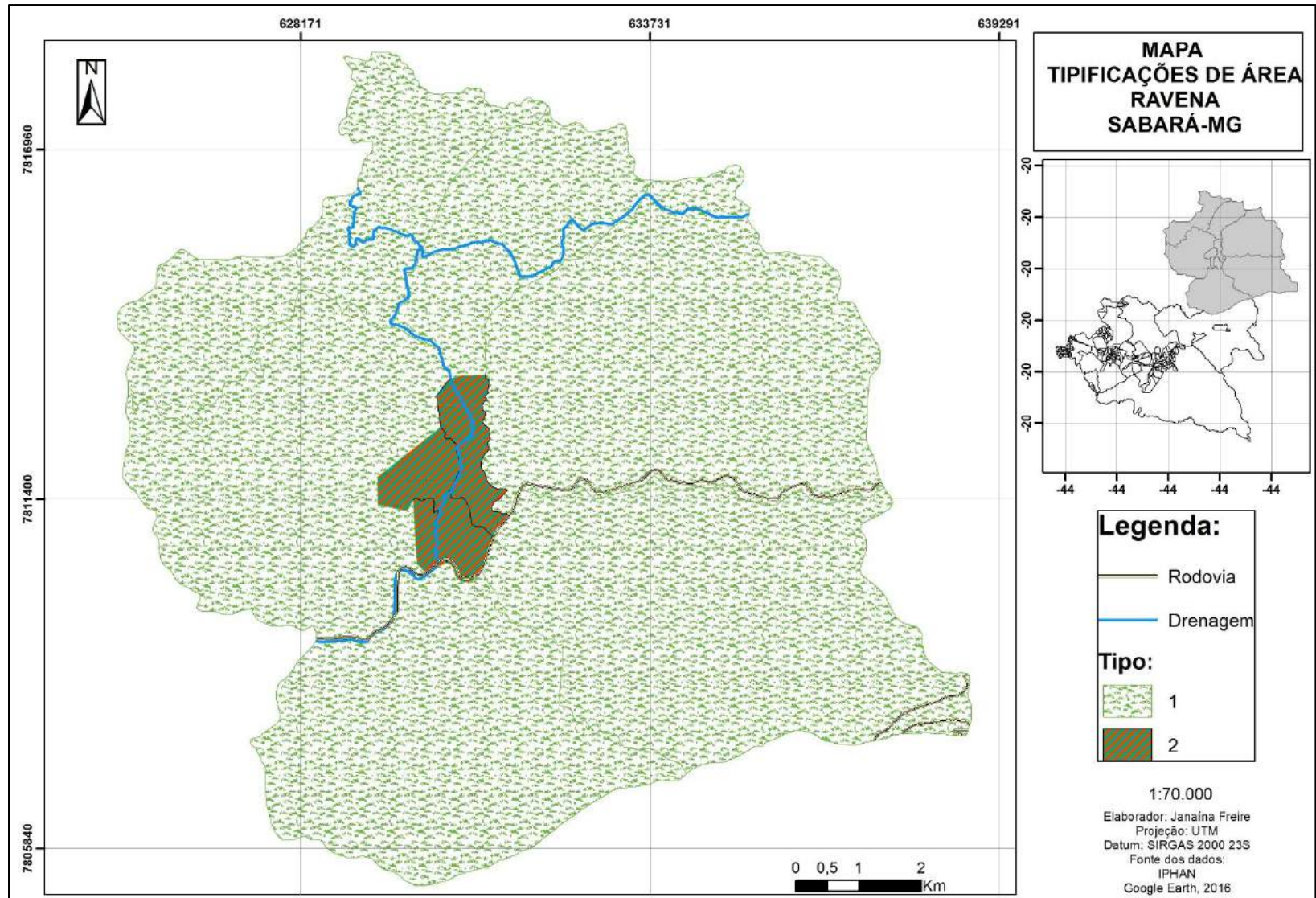
Fonte: Elaborada pela autora.





**Figura 90 – Mapa: Vetorização Ravena**

Fonte: Elaborada pela autora.



**Figura 91 – Mapa: Tipificação de área - Ravena**

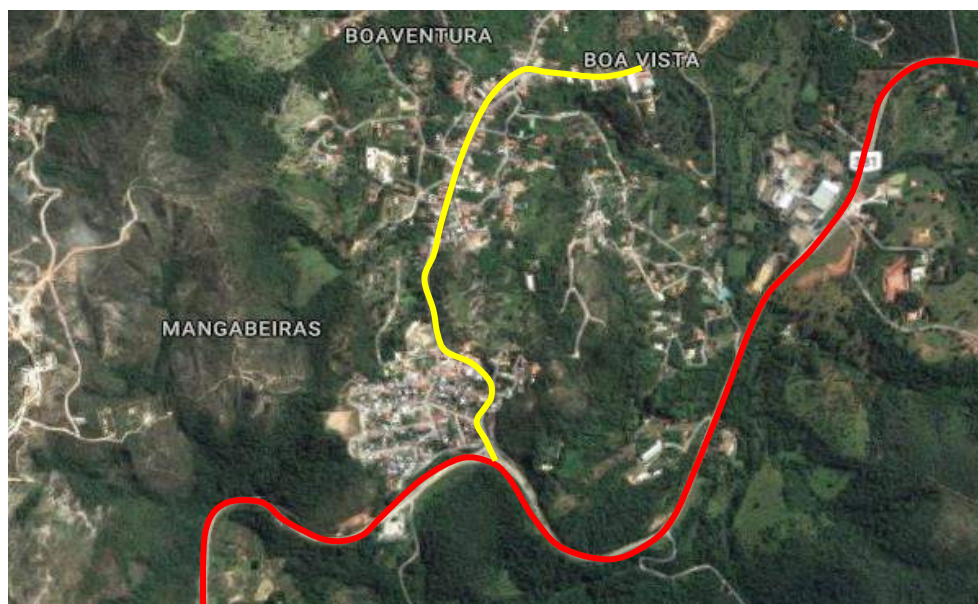
Fonte: Elaborada pela autora.

A pavimentação no distrito se estende pelas ruas do centro e por outras principais ruas como: Chafariz, Uris, Lapa e Lava Pés. A partir delas só se encontra estradas de terra que levam até os chacramentos. No Horizonte de Ravena avista-se algumas serras, inclusive a serra da piedade.

Assim como verificado em Carvalho de Brito e Mestre Caetano, existe uma dependência de Belo Horizonte para praticamente tudo:

Meio de sobreviver aqui não tem, ou você tem um comércio e emprega seus parentes e os mais chegados ou alguns trabalham na prefeitura e o resto tem que ir pra Belo Horizonte, faculdade, estudo, curso, tudo BH. (EDR).

Embora a Sede e Caeté não estejam tão distantes, não suprem as necessidades dos moradores, principalmente em termos de empregabilidade. Vale ressaltar que o acesso a Caeté é muito mais fácil do que para a Sede, que por dentro do município só se chega por uma estrada de terra. Os moradores de Ravena reclamam da dificuldade de saída e entrada do distrito, posto que sempre precisam acessar a BR 381, que frequentemente fica interditada por conta dos acidentes - não é toa que é conhecida popularmente como “rodovia da morte”. Na imagem de satélite abaixo é possível ver em Vermelho a BR e em amarelo a via de acesso as zonas urbanizadas ravenenses. A igreja da Assunção, matriz do distrito, fica no final da trilha amarela.



**Figura 92 - Imagem de satélite de Ravena**

Organização: Janaína M Freire G Felipe.

No distrito eles tem uma questão identitária muito particular, pois não se consideram sabarense.

A gente fala que o atraso de ravena é culpa de Sabará, porque Sabará não da infraestrutura, é um descaso geral.. eu concordo em partes.. por exemplo a área da

saúde é um caos. Remédios não tem. Se precisar de um hospital e a rodovia estiver parada MORRE. Por um lado há um descaso, por outro a gente tem pouca participação. (EDR).

Isso se dá não apenas porque ser “ravenense” é algo muito especial para eles, mas também porque existe uma repulsa a Sabará e ao descaso com que o governo municipal lida com o distrito: “Aqui ainda tem uma coisa que você falar que você é sabarense você toma. É uma richa muito grande que eles tem com Sabará, a gente até fala que está jogado às traças por Sabará. Aqui a gente fala que é Ravenense da Gema.” (EDR). Mesmo que uma pessoa já viva em Ravena há muitos anos, os outros moradores nunca esquecem sua origem e, por isso, é sempre considerada como um “sapo que veio na enxurrada”

Porque minha família que sou mais ligado, família de mãe, não é daqui. Minha família que é daqui é a família do meu pai. Meu avô se for olhar hoje é um dos homens mais velhos daqui. Ele tem 96 anos. Então o pessoal costuma falar que quem é de fora não tem que dar pitaco aqui dentro. Então como minha família é lá de Morro do Pilar, próximo a serra do cipó, diz que é o povo veio na enxurrada...e sapo que veio na enxurrada não pia aqui dentro. É assim pra qualquer um. Todo mundo que entra aqui que é diferente é visto e tratado como os intrusos. (EDR).

Na década de 1990, Ravena tentou sua emancipação que não foi adiante, contudo, ainda hoje os moradores mencionam essa possibilidade, embora não haja um movimento organizado a esse favor “Estamos muito perto de Belo Horizonte e não temos tanta relação com Sabará. A emancipação seria muito boa para nosso desenvolvimento. Não temos hospital, não temos indústria, não temos nem uma boa farmácia” (EST). O prefeito de Sabará que termina sua gestão em 2016, foi perguntado sobre isso por um jornal local, ao que respondeu que: “a minha opinião é que Ravena é muito pequena. É uma terra muito boa, muito progressista, com gente empreendedora, mas piorou um pouco nos últimos anos por causa da quantidade de chacreamentos ilegais” (FANTINI, Diógenes)<sup>43</sup>. Os moradores, embora se incomodem com o excesso de chácaras, não acham que é essa a origem do problema, mas sim o descaso dos prefeitos que assumem a gestão do município, que nunca são de origem ravenense, pelo número reduzido de eleitores, que há no distrito. Para o próximo mandato (2017-2021), foram eleitos um vereador de Mestre Caetano e um de Ravena, mas isso não é uma constante, justamente pelo problema do contingente populacional.

No município há duas igrejas barrocas: Nossa Senhora do Rosário e a Matriz, mais antiga, de Nossa Senhora de Assunção da Lapa. A segunda está fechada com obras inacabadas por conta de diversos problemas como cupins, telhado, estrutura, etc. O antigo arraial da Lapa

---

<sup>43</sup>Entrevista encontrada em:

[http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/06/04/interna\\_politica.398809/maior-desafio-para-emancipar-distritos-e-financeiro.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/06/04/interna_politica.398809/maior-desafio-para-emancipar-distritos-e-financeiro.shtml), acessada em nov/2014.

erigiu um princípio de sociedade no local, que pertencia inicialmente a Vila de Sabará, sendo posteriormente transportada ao Município de Santa Luzia até o seu retorno aos limites sabarenses. De todo modo, independente de divisões políticas, eles querem o direito de serem apenas ravenenses. Embora a identidade territorial esteja nos limites de Sabará, é como se não estivesse, por não considerarem aquelas terras sabarenses.

Embora seja uma ocupação antiga, foi no século XX que a população cresceu consideravelmente (assim como se deu no Pompéu), o motivo, por conseguinte, não foi a mineração ferrífera (embora muitos trabalhadores trabalhassem em fábricas de Caeté e Sabará), mas sim a produção de bananas. Esta, todavia, não começou nos novecentos, mas nos oitocentos, quando um padre local indicou que a população se dedicasse a essa cultura. Foi a demanda do século XX que gerou o crescimento, fazendo de Ravena a maior produtora de bananas de Minas Gerais na década de 1960/1970. A banana do distrito é muito elogiada por ser sem semente e ter um sabor considerado inigualável. “Hoje nós temos pessoas graduadas em vários setores, justamente porque vieram de famílias que plantaram bananeiras. Essa banana nossa daqui tem mais de 200 anos” (AVR). A produção da banana então é mais próxima de uma cultura da região. Pela diminuição na safra nos dias atuais, alguns produtores falam até da extinção da espécie, visto que de uma bananeira brotam as mudas de outras, e a redução ou o fim da produção pode ser prejudicial.

Ela não tem o valor que tinha antigamente, o pessoal não gosta de trabalhar mais, então fica difícil. Mas ainda produzimos pro Mercado de Cruzeiro, Ceasa. Mas antigamente nós tínhamos uma média de cinco caminhões por semana pro Mercado Central, ia pra Santa Luzia, Caeté...depois passou pro Ceasa, aí que começou a diminuir. (AVR).

Para a produção não se utiliza adubo, apenas esterco de gado, e por isso é considerada orgânica. No mercado central, como conta o senhor AVR, eles perguntam “onde tem a banca de bananas de Ravena?” (AVR). Por ser uma “cultura que anda”, por conta da rebrotagem, de vez em quando eles precisam replantar para o melhor uso do espaço, mas, caso contrário, evitam fazer intervenções. Alguns moradores acreditam que essa prática precisa ser registrada como patrimônio imaterial da UNESCO, mas, ao mesmo tempo, pela experiência negativa com o IEPHA, relativo ao abandono da Igreja da Matriz, questionam se isso faria muita diferença para os produtores que resistem a manutenção da prática.

Em Ravena foram aplicados 530 questionários, 55% dos respondentes eram mulheres e 45% homens. A aplicação foi especialmente complicada nessa área porque os moradores entendiam Sabará como o centro histórico e muitos se opunham a colaborar com a pesquisa. No terceiro dia de pesquisa descobrimos que muitos moradores tinham se comunicado por *whatsapp*, avisando que havia umas pessoas fazendo perguntas “suspeitas”. Uma moradora nos

aconselhou a ter cuidado. Assim, só finalizamos as pesquisas no distrito dois meses depois, após concluir todo o resto de Sabará e de modo a deixar a “poeira baixar”. A personalidade aparentemente mais bruta do ravenense, contrastou com Sabará, principalmente o Pompéu.

A foto a seguir mostra a mudança na estrutura urbana da área a partir de finais do século XX:



**Figura 93 - Composição fotográfica – espaço público Ravena**

Fonte: Foto da autora e Facebook Ravena e suas memórias.

Embora Ravena tenha um sentido de ser ravenense muito arraigado, não há uma união entre os moradores, principalmente porque muitos vieram de fora, para atender a demanda de banana do mercado nacional e isso, não sendo esquecido pelos mais idosos, acaba segregando e dificultando determinadas ações. “Não são unidos não, nem um pouquinho. Em todos os aspectos, religioso, social, em tudo. O pessoal fica assim...porque que vocês não juntam pra poder cobrar das autoridades a reforma da igreja? E não fazem nada” (EDR). Essa desunião é refletida nas práticas religiosas, que contam com a participação de poucos membros. Além disso, o avanço do evangelismo já é bem marcante na região.

O avanço das áreas favelizadas também tem sido um elemento marcante de Ravena, os moradores reclamam muito da criminalidade desses bairros marginalizados, considerando-os também, não ravenenses: “Muito, muito assalto em cima de assalto, o povo do lugar condena o lugar” (EDR)

Durante todas as pesquisas de campo realizadas no distrito, chegamos aos seguintes pontos principais

- Resistência a Sabará, tanto em termos de políticas, quanto no sentido de ser sabarense
- População dividida
- Escassez de trabalho e equipamentos urbanos
- Avanço da favelização e criminalidade
- Bens tombados em abandono

- Tentativa de manutenção de festas religiosas, embora que por meio de releituras
- Cultivo de banana ainda presente

Diante de tudo que escutamos, traçamos os seguintes períodos históricos, para o distrito:

1. **Ocupações rurais e urbanas entre os séculos XVII e XIX** → Algumas fazendas, foram formadas nessa região pela doação de sesmarias tanto para mineração, quanto para exploração de águas minerais e produção rural dentro da capitania, que abasteciam as vilas. Eram produzidos milho, arroz, feijão, mandioca e gado. Embora haja pouquíssimos resquícios de fazendas desse período, existem registros de sua existência. As ocupações urbanas se davam em formas de arraiais localizados próximo a zona de extração. No caso de Sabará, muitos arraiais foram formados, mas nem todos deixam resquícios. No século XVIII o início da produção de bananas na área, permitiu a dormação uma verdadeira comunidade agrícola.
2. **Fortalecimento da produção de bananas** → Com o aumento da demanda de bananas no século XX, Ravena intensificou a produção. Muitos imigrantes chegaram no local, tomando posse de terras com vista a lucrar com a cultura. Muitos desses novos moradores ali permanecem até os dias atuais. A banana ravenense ficou nacional conhecida. Dessa prática surgiu o Festival da Banana, muito famoso.
3. **Consolidação da grande BH, na forma de uma região metropolitana** → Iniciou-se o processo de loteamento de terrenos sabarenses para novas moradias, além do avanço irregular de casas de baixa renda. Ao mesmo tempo em que aos finais do século XX houve uma modernização da área, os bairros sofreram muitos impactos, como a aglomeração em áreas de risco cada vez mais intensas, além da pressão exercida sobre o centro histórico. A abertura de rodovias melhores não aprimorou o transporte público que continua excludente (não levando aos outros distritos com eficiência) e voltado a Belo Horizonte. Há uma intensificação do protestantismo nos bairros periféricos. Sabará se constitui como um município precário e preocupante, sem unidade identitária.

No próximo subcapítulo procuramos representar melhor o que significa esse fortalecimento metropolitano (identificado nos quatro capítulos dessa segunda parte), para Sabará.

## 5.2 A RMBH E O CONTEXTO SABARENSE

A consolidação de uma Região metropolitana representa a afirmação de um poder metropolitano em expansão, o que de fato acontece na RMBH:

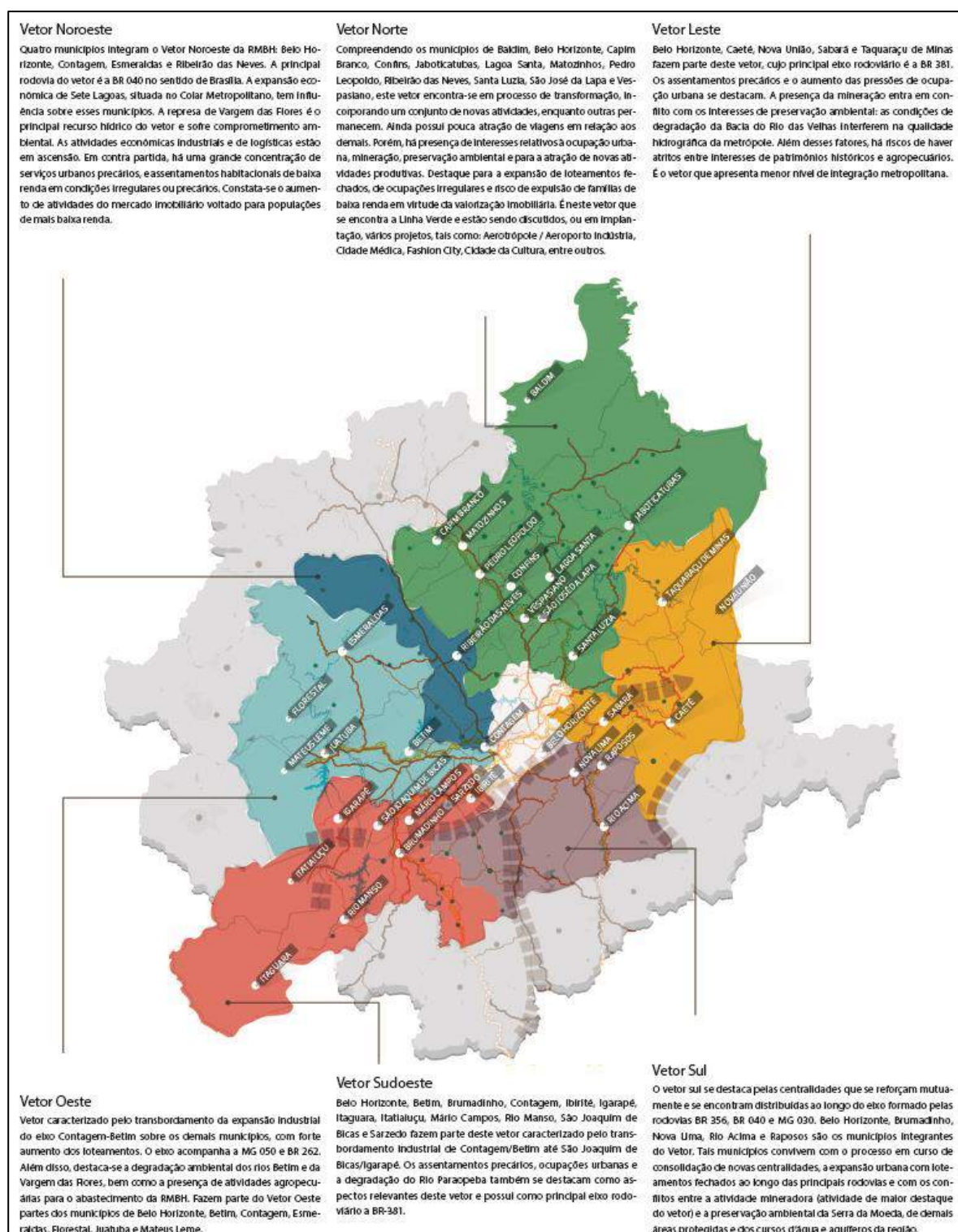


Figura 94 – Mapa: Vetores de expansão RMBH

Fonte: Macrozoneamento Metropolitano (2011).

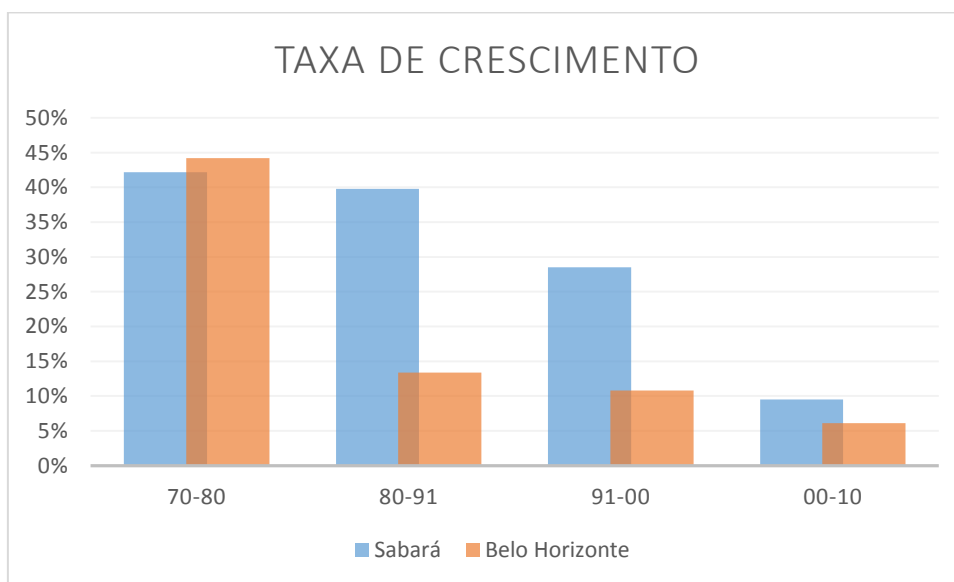


Foram definidos seis vetores e Sabará encontra-se no leste, apresentando baixo nível de integração com a Região metropolitana, mesmo que muito próxima a Belo Horizonte. Isso fica muito evidente no município sabarense, com as precárias vias de acesso mesmo no interior de seus limites.

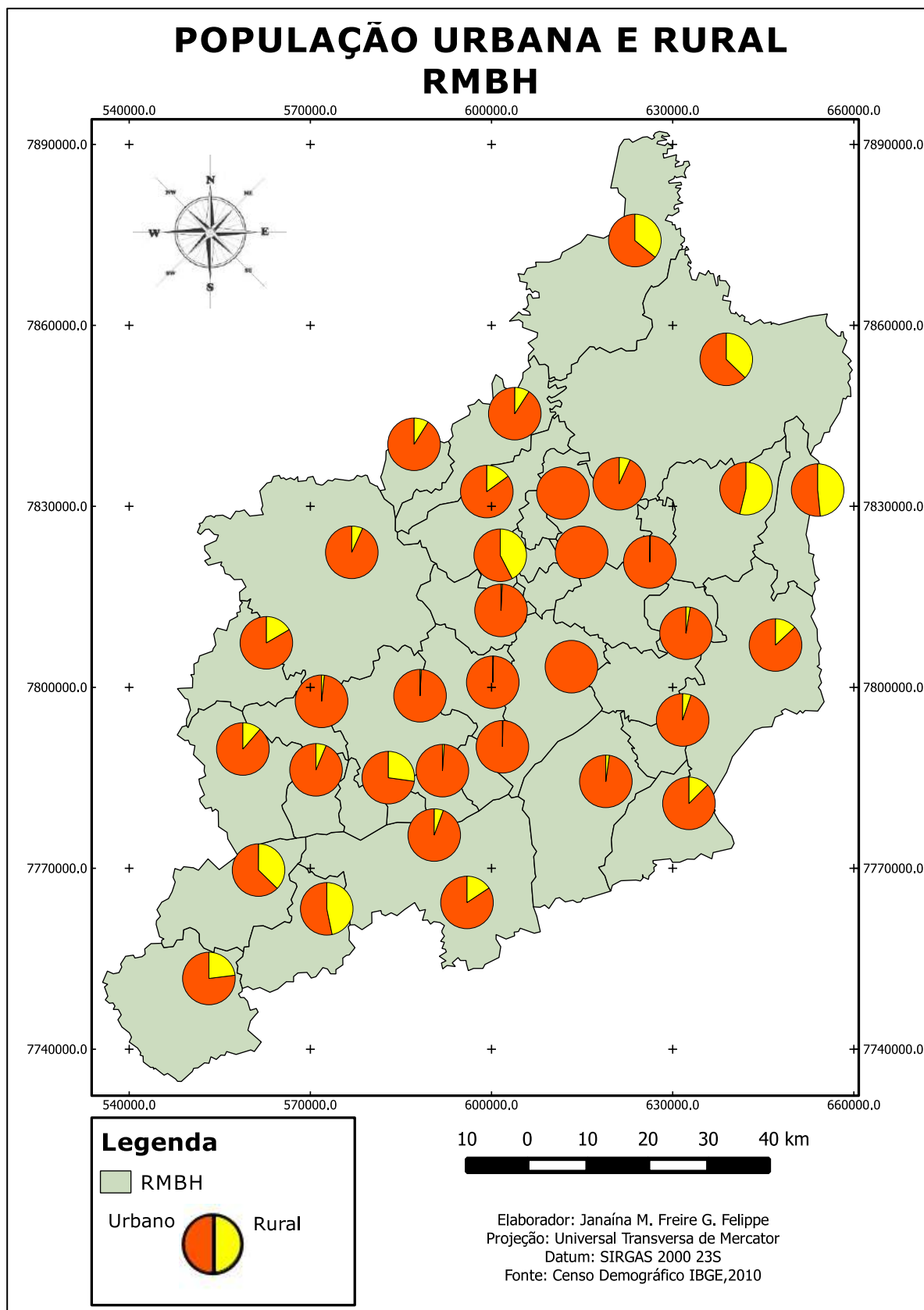
Se observarmos os dados da Região metropolitana, notamos que, quanto mais próximo a BH, mais urbanizados são os municípios, conforme figura 95. Esse processo é justificável pela expansão da metrópole mineira. Sabará tem sido cada vez mais foco dessa expansão que saturada a oeste, no sentido Betim e Contagem, avança com mais força ainda sobre a cidade – a leste. Pelas informações espacializadas a partir do censo demográfico de 2010, conclui-se que a maior parte da população da RMBH vive em zonas urbanas, principalmente os habitantes de municípios mais próximos a capital. Belo Horizonte, Vespasiano e Confins não possuem área rural e municípios como Santa Luzia, Sarzedo, Capim Branco, Ibirité, Juatuba, Mário Campos e Raposo tem no máximo 900 pessoas vivendo em ambientes rurais. Em nenhum dos municípios a população rural supera a urbana.

A taxa de crescimento de Sabará, desde a década de 1980, tem sido mais elevada do que a da capital mineira, o que evidencia o polo de atração da primeira e o inchaço da segunda.

**Gráfico 11 - Taxa de Crescimento de Sabará e Belo Horizonte**



Fonte: Censos Demográficos do IBGE / Organização: Janaína M Freire G Felipe.



**Figura 95 – Mapa: População urbana e rural – RMBH**

Fonte: Janaína M. Freire. G. Felipe.

Observa-se, portanto, um deslocamento do centro de atração dentro da RMBH, com os municípios do entorno da capital mineira ampliando sua participação. Ainda segundo o IBGE, historicamente, durante a década de 70, no vetor norte, destacou-se o crescimento populacional de Ribeirão das Neves (21,36% ao ano), acompanhado pelos municípios de Vespasiano e Santa Luzia. Na década de 80, o município da região que mais cresceu foi Ibirité (8,47% ao ano), localizado no vetor oeste. Nos anos 90, mesmo confirmando a tendência de retração do crescimento populacional da capital (1,07% ao ano) e da própria RMBH (2,29% ao ano), verificaram-se taxas expressivas de crescimento na direção norte, com destaque para os municípios de Esmeraldas (7,83% ao ano), Mário Campos (7,64% ao ano) e São José da Lapa (8,84% ao ano). Em 2010, Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ribeirão das Neves representavam 74,8% da população total da RMBH. Segundo o censo demográfico de 2010, as quatro maiores populações dentre os municípios da região eram Belo Horizonte, Contagem, Betim e Ribeirão das Neves.

**Tabela 4 - População e Taxa de Crescimento dos municípios da RMBH, 2000 - 2010**

Municípios	População 2010	% pop. em relação à RMBH	População 2000	Taxa de crescimento pop. 2000-2010 (%)	Taxa de crescimento pop. anual (%)
<b>RMBH</b>	<b>4.883.970</b>	<b>89,94</b>	<b>4.357.942</b>	<b>12,07</b>	<b>1,15</b>
Balduim	7.913	0,16	8.155	-2,97	-0,3
Belo Horizonte	2.375.151	48,63	2.238.526	6,1	0,59
Betim	378.089	7,74	306.675	23,29	2,12
Brumadinho	33.973	0,7	26.614	27,65	2,47
Caeté	40.750	0,83	36.299	12,26	1,16
Capim Branco	8.881	0,18	7.900	12,42	1,18
Confins	5.936	0,12	4.880	21,64	1,98
Contagem	603.442	12,36	538.017	12,16	1,15
Esmeraldas	60.271	1,23	47.090	27,99	2,5
Florestal	6.600	0,14	5.647	16,88	1,57
Ibirité	58.954	3,25	133.044	19,47	1,8
Igarapé	34.851	0,71	24.838	40,31	3,45
Itaguara	12.372	0,25	11.302	9,47	0,91
Itatiaiuçu	9.928	0,2	8.517	16,57	1,54
Jaboticatubas	17.134	0,35	13.530	26,64	2,39
Juatuba	22.202	0,45	16.389	35,47	3,08
Lagoa Santa	52.520	1,08	37.872	38,68	3,32
Mário Campos	13.192	0,27	10.535	25,22	2,27
Mateus Leme	27.856	0,57	24.144	15,37	1,44

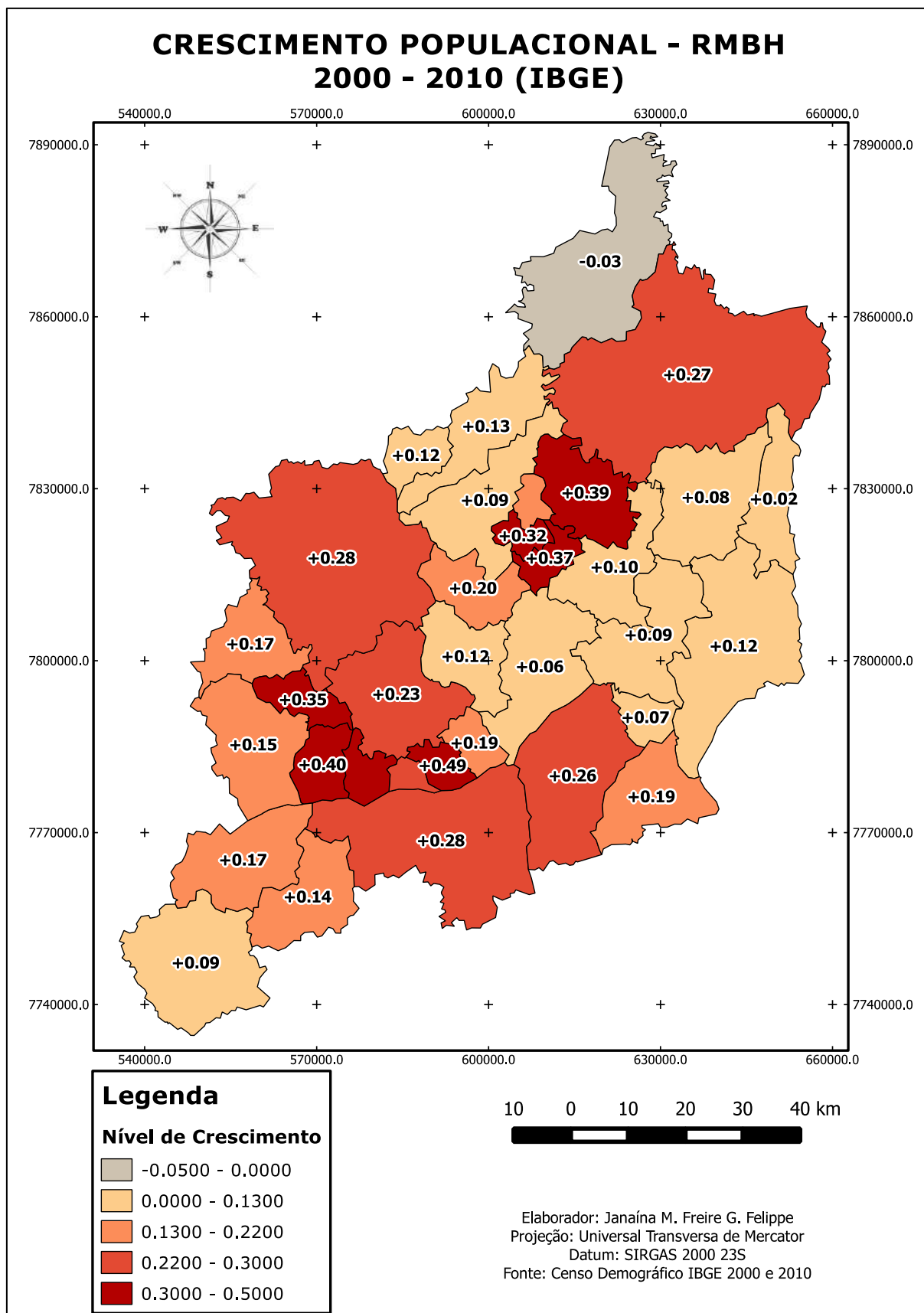
Matozinhos	33.955	0,7	30.164	12,57	1,19
Nova Lima	80.998	1,66	64.387	25,8	2,32
Nova União	5.555	0,11	5.427	2,36	0,23
Pedro Leopoldo	58.740	1,2	53.957	8,86	0,85
Raposos	15.342	0,31	14.289	7,37	0,71
Ribeirão das Neves	296.317	6,07	246.846	20,04	1,84
Rio Acima	9.090	0,19	7.658	18,7	1,73
Rio Manso	5.276	0,11	4.646	13,56	1,28
Sabará	126.269	2,59	115.352	9,46	0,91
Santa Luzia	202.942	4,16	184.903	9,76	0,94
São Joaquim de Bicas	25.537	0,52	18.152	40,68	3,47
São José da Lapa	19.799	0,41	150.003	1,99	2,81
Sarzedo	25.814	0,53	172.744	9,44	4,1
Taquaraçu de Minas	3.794	0,08	3.491	8,68	0,84
Vespasiano	104.527	2,14	76.422	36,78	3,18

Fonte: IBGE (2010); FJP (2010).

A Figura 96, a seguir, demonstra a taxa de crescimento por município, referente ao período de 2000 a 2010.

Após a década de 80, Sabará teve um considerável aumento demográfico o que acarretou uma transformação na morfologia urbana do distrito de Carvalho de Brito, até então discretamente habitado. A saturação de Belo Horizonte, gerou o inchaço de outras cidades. Entre os censos de 1980 e 2010, o número de almas (como eram registrados os moradores nos resumos estatísticos do império) cresceu em 62 mil habitantes - praticamente dobrou<sup>44</sup>.

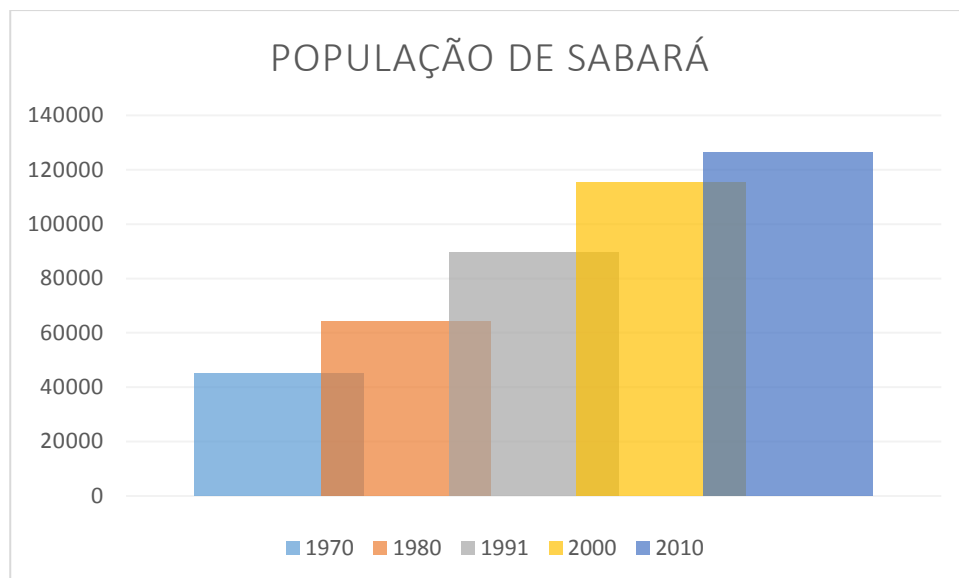
<sup>44</sup> Vale ressaltar que só entre 2000 e 2010, a população de Betim e Contagem aumentou em quase 70 mil habitantes, enquanto Sabará aumentou 10 mil. Diante do inchaço verificado no polo industrial de Contagem e Betim, o número de deslocamentos para Sabará parece aumentar, como se poderá verificar com exatidão no próximo censo. Os 10 mil, contudo, não são um número irrisório, pois gerou grandes transformações no território sabarense.



**Figura 96 - Crescimento Populacional – RMBH – 2000 -2010**

Fonte: Janaína M. Freire. G. Felipe.

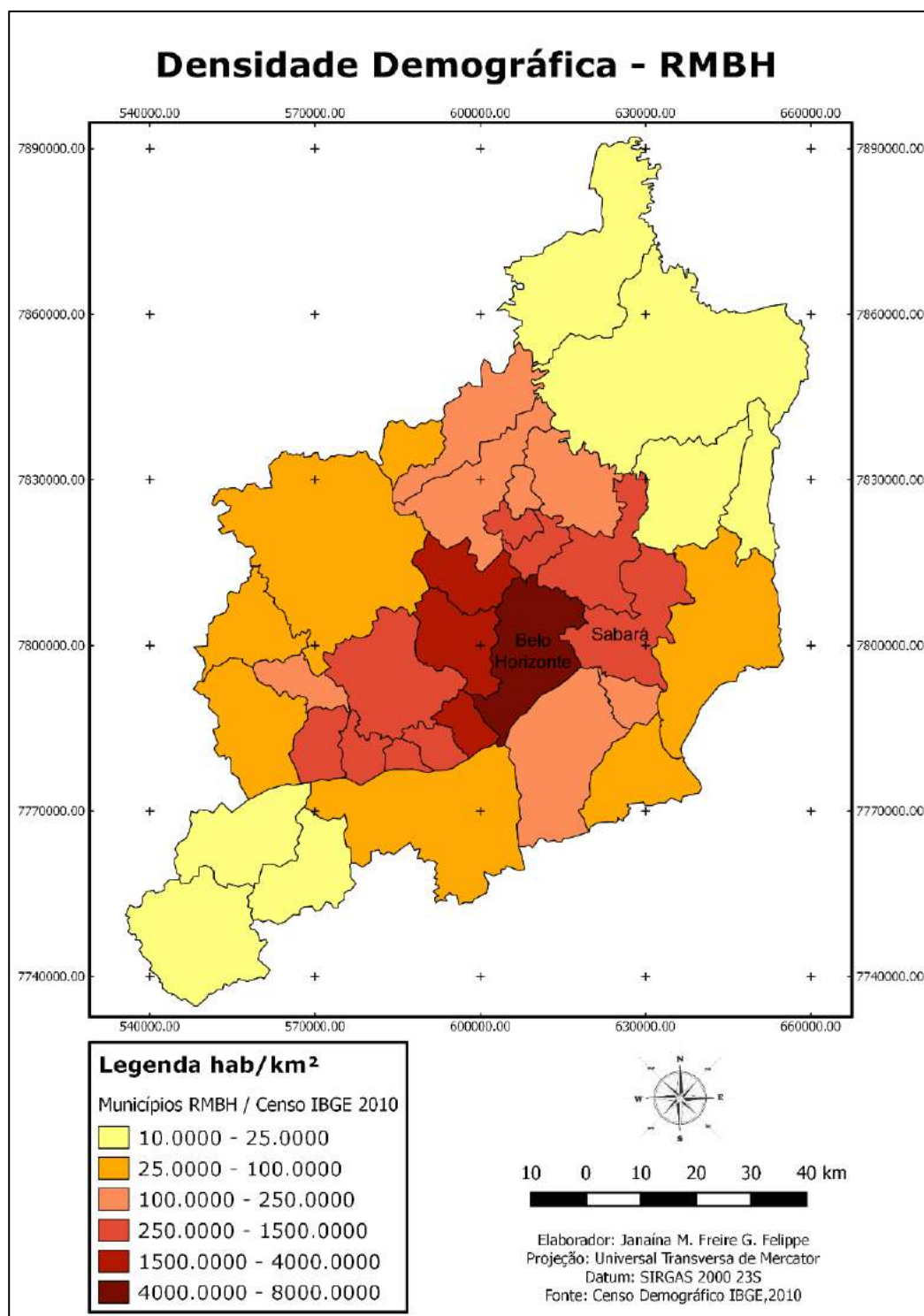
Gráfico 12 - Taxa de Crescimento de Sabará



Fonte: Censos Demográficos do IBGE. / Organização: Janaína M Freire G Felipe.

A densidade demográfica da RMBH, assim como a urbanização, também tem um aumento radialmente a partir do centro político. Na figura 97, fica claro o adensamento mais elevado na porção leste, onde se situa Ribeirão das Neves, que tem uma densidade de 1905 hab/km<sup>2</sup>, Contagem com 3.090 hab/km<sup>2</sup> e Ibirité que marca o índice de 2.190 hab/km<sup>2</sup>. Sabará, com 417 hab/km<sup>2</sup> sente os impactos do avanço das periferias metropolitanas, mas ainda possui polos de concentração populacional afastados um dos outros, por vazios urbanos, por conta de diferentes eventos que empacaram em distintos processos de povoamento.

Belo Horizonte possui o maior índice de habitantes por km<sup>2</sup>, seguido por Contagem, Ibirité e Betim, os três do vetor de expansão Oeste. Baldim, Jaboaticatubas e Taquaraçu de Minas possuem os menores índices de povoamento, explicado pela presença de expressiva área rural nesses territórios, conforme visto anteriormente.



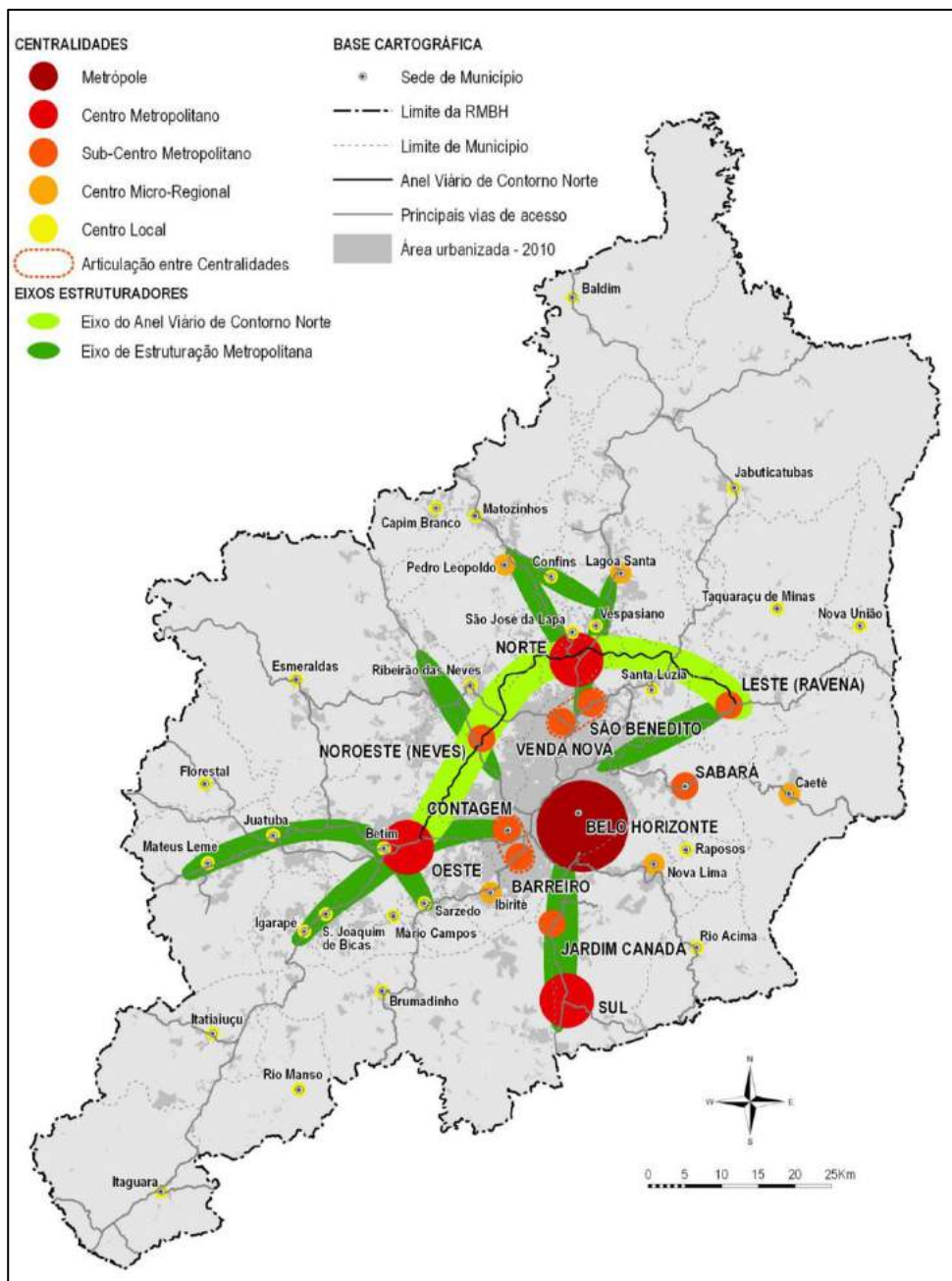
**Figura 97 – Mapa: Densidade demográfica RMBH**

Fonte: Janaína M. Freire. G. Felipe.

O macrozoneamento da RMBH<sup>45</sup>, visou compreender as diversas dinâmicas dentro da região, levando em conta, inclusive, os municípios que compõem o colar metropolitano. O

<sup>45</sup> <http://www.rmbh.org.br>

mapa, a seguir representa algumas centralidades da RM, assim como dois eixos principais de circulação. O distrito Sede de Sabará se apresenta, dentro das cinco categorias possíveis, como um subcentro metropolitano, e o distrito de Ravena, além de ter a mesma caracterização, se insere no *eixo do anel viário de contorno norte*. Carvalho de Brito está inserido na centralidade da metropole, como pudemos verificar no segundo capítulo.



**Figura 98 – Mapa: Centralidades Metropolitanas - RMBH**

Fonte: Janaína M. Freire. G. Felipe.

Esses fatores aqui explicitados justificam a importância de se pensar a cidade de Sabará frente a metropolização, vendo esta como um fenômeno inerente à urbanização, mas



que se desenvolve para além de uma metrópole ou de uma região metropolitana. Esse mapa expressa muito claramente tudo o que identificamos em campo, tirando o Pompéu que tem pouca expressividade, tanto Ravena, quanto Sabará e Carvalho de Brito são centralidades metropolitanas. Ainda que o crescimento sabarense não seja um dos maiores na RMBH, os impactos para a população não são menos intensos. Vale ressaltar que o fenômeno metropolitano impacta no aumento da precarização do espaço e na difusão de “códigos” metropolitanos, que foram verificados em Sabará como o que chamamos de “bairrificação” e o rompimento de vínculos com o lugar, além de outros impactos ligados a formação cultura, como será visto na parte 3 dessa tese.

### 5.3 EVENTOS FESTIVOS: GEOGRAFIA ALIMENTAR DE SABARÁ

*Sabará é a terra da jabuticaba.  
De repente, em certa época do ano,  
Belo Horizonte se esvaziava,  
todo mundo vinha a Sabará chupar jabuticabas,  
que eram vendidas no pé.  
O freguês chupava quantas quisesse,  
até cair do galho.  
Só não podia levar nenhuma.  
(Fernando Sabino)*

Sabará possui muitos eventos religiosos que ainda vigoram no local, como as celebrações da Semana Santa, Nossa Senhora Aparecida, Festa de Reis, Festa das Padroeiras e outras. Além disso, possui três festivais tradicionais: Jabuticaba, Ora pro Nobis e Banana. O festival da Jabuticaba acontece no distrito Sede e traz visitantes de todo o Brasil. Em Sabará, quem tiver no mínimo cinco Jabuticabas plantadas no jardim, consegue 25% de desconto no IPTU (5% por pé, com o máximo de 25%). Para participar, a árvore precisa ter um mínimo de 5% de diâmetro. Isso tem incentivado muitos moradores a plantar na área externa de suas residências, o que, em contrapartida, auxilia na realização do festival. Produzem de licor a doces de Jabuticaba, que alimentam as vendas durante o ano e principalmente nos dias do festival.

As Jabuticabas sempre estiveram no local e seu extrativismo ocorre desde o período colonial, quando já se produzia alimentos com essas frutas. A lei de incentivo ao plantio das árvores foi publicada em 1982, mas a divulgação mais intensa do benefício só começou em 2011. Atualmente grande parte dos moradores já estão inscritos no programa. O primeiro festival ocorreu em 1987, na praça Santa Rita, onde antigamente havia a igreja dedicada a essa santa - as margens da rua Dom Pedro II. Em 1997 o festival foi transferido pra praça dos esportes, de modo a abarcar todo o contingente que chega a Sabará. A cidade recebe uma média de 20.000 visitantes, o que é muito para o padrão turístico do local. (AGÊNCIA RMBH). Onze anos depois o festival, que ocorre todo ano, foi inscrito no livro de celebrações do município, quando formou-se a Associação dos Produtores de Derivados da Jabuticaba de Sabará (ASPRODEJAS).



**Figura 99 - Cartaz festival da Jabuticaba 1987**

Fonte:

<https://www.facebook.com/ouronegrodesabara/>

Atualmente, aproximadamente 30 famílias fazem parte da associação e são produzidos em torno de 50 toneladas de derivados de Jabuticaba com uma média de 20 artigos diferentes, com preços que variam de 3,00 R\$ a 30,00 R\$. Muitos moradores com quem conversamos defenderam a manutenção de preços acessíveis, para que a festa continue reunindo pessoas de diversas classes sociais. Nas fotos a seguir é possível ver a variedade:



**Figura 100 - Composição fotográfica – derivados de Jabuticaba**

Fonte: <https://www.facebook.com/ouronegrodesabara/>

O festival costuma acontecer entre novembro e dezembro, reunindo mineiros de diversas partes do estado, além de moradores de outras cidades. Ver Sabará no festival é encontrar uma cidade transfigurada, muito diferente do habitual.



Figura 101 - Cartaz festival da Jabuticaba 2016

Fonte: <https://www.facebook.com/ouronegrodesabara/>

Na Geografia alimentar festiva de Sabará, não é apenas a Jabuticaba que reina. O Festival Ora Pro Nobis também é extremamente famoso e ocorre no Pompéu. Silas Fonseca (2011) conta que o festival nasceu em sua casa. Sua mãe, Maria, sempre gostou de cozinhar com a verdura. Uma vez, recebeu a visita de um desconhecido que pediu para almoçar lá. Começou uma amizade e o senhor aparecia com frequência no bairro. Um dia, chegou lá com uma ideia de produzir marrecos no terreno de Maria, que é bem grande até hoje. Ela aceitou e ele chegou com milhares de marrecos, prometendo alimentá-los. Ela só precisaria arcar com o espaço. Assim, ele fez durante um bom tempo, levava alimento para os marrecos toda semana. Até que em um determinado momento o homem sumiu sem deixar rastros. Desesperados sem poder alimentar os bichos, começaram a doa-los, usando como ferramenta de troca. Um dia cozinhou um daqueles marreco com Ora Pro Nobis, para participar de um festival Gastrômico que teve no centro histórico, e o prato se tornou famoso na região, o que incentivou, anos depois, em 1997, na fundação do festival.

O nome ora-pro-nóbis, do latim *ora pro nobis*, resposta de uma ladainha religiosa, significando “rogai por nós”. A planta apresenta-se na forma arbustiva ou trepadeira, intensamente armado de acúleos (espinhos), e pertencente à família das cactáceas (*Peireskia aculeata*), que se caracteriza pela presença de nítidas folhas suculentas, com flores de cor rosada ou branca. (NETTO, 2014, p.42)

O festival ocorre em maio e dura em média três dias e recebe mais de dez mil pessoas. Para Silas Fonseca(2011):

O festival do ora-pro-nóbis tornou-se a principal festa de Pompéu, superando a festa de Santo Antônio, o padroeiro local. São pessoas vindas em sua maior parte da região metropolitana de Belo Horizonte, mas também de outras partes de Minas Gerais e de outros Estados.

Por fim, precisamos citar o festival da Banana que se refere especificamente a Ravena. Como vimos, desde o século XVIII há bananas plantadas no local, mas foi apenas há oito anos que ele começou, no ano de 2016 teve sua 8ª edição. Por mais que seja novo, tem recebido mais investimento da prefeitura do que as festas religiosas, o que causa incômodo.

Antigamente só se via bananal, era meio de subsistência do povo, hoje ainda produz mas não é aquilo que era. Hoje ela perdeu o título de maior produtora de banana do estado de Minas Gerais. São poucos produtores de Banana, aí os que ficaram, tiveram essa ideia de fazer o festival da banana aqui.. mas tem apenas 10 anos.. Se colocar na balança uma festa de 10 anos ou uma de 300 anos qual que pesa mais? E a prefeitura investe muito mais na festa da banana. (EDR)

AVR, ao contrário, defende que se tenha cada vez mais investimentos no evento porque, por mais que seja novo, a prática da produção de banana não é, e assim como as igrejas barrocas, não pode ser esquecida. No geral, tem ficado evidente o apoio da prefeitura aos eventos gastronômicos, estando mais a cargo das igrejas, as festas religiosas. O festival ocorre em setembro e conta com banda de música, tendas com alimentos derivados da banana e banheiros químicos, tudo financiado pela prefeitura.



**Figura 102 - Foto banda festival da banana**

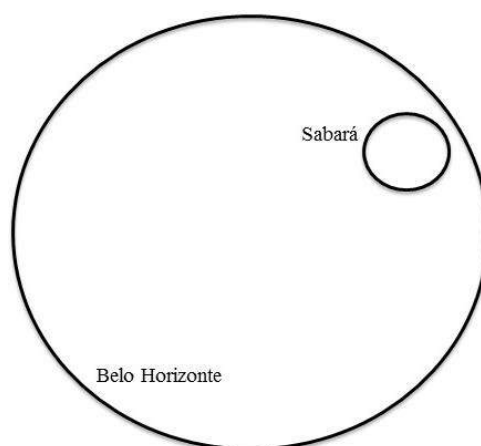
Fonte: <https://www.facebook.com/ouronegrodesabara/>

A importância de citar esse festival, que nos impeliu a também mencionar os outros, se refere ao valor dado pela prefeitura a esses eventos. Isso, por mais que gere renda e visibilidade a cidade, carrega uma perversidade que muitos moradores notam e criticam. No caso de Ravena



## CADERNETA DE CAMPO 2: Experiências “sabaráticas” – aflições de uma pesquisadora

Assim é Sabará, para mim, depois de todas as pesquisas de campo:



**Figura 103 - Sabará: depois de conhece-la**

Fonte: Janaína M Freire G Felipe.

*“Ela me recebeu com muito carinho e alegria. Disse que está sempre aberta a auxiliar quem precisa. Expliquei-lhe sobre a minha tese e me apresentei. Tentei analisar a sua fala sem focar nas contradições que apareciam, procurando retirar a essência da vivência dela com o bairro. Ela foi extremamente simpática e isso mexeu muito comigo. Preciso retribuir.”*

*“Ela me disse que os jovens que estão ali na ONG são os sobreviventes, os que querem alguma mudança de realidade. Pra primeira vez que me viram, fui muito bem recebida. Nossa, que sala quente, que aperto. Alguns ficaram completamente mudos e outros conversaram mais. Um deles ficou imitando meu sotaque a tarde inteira, tentando me convencer que eu falo errado. Talvez eu fale.”*

*“Voltei de um dia inteiro em Sabará me sentindo tão reabastecida quanto exausta. Interessante sentir as duas coisas ao mesmo tempo. Dá uma vontade imensa de contar pra todo mundo o que existe tão perto de Belo Horizonte: clamores, sonhos, choro, pobreza. Meu Deus, por mais clichê que pareça, eu não tenho do que reclamar. Estou alí, sugando suas experiências de vida para fazer uma tese de doutorado, porque sim, eu posso fazer uma tese, e eles?”*

*“Cada dia que passo em Sabará me sinto mais inútil...não sei se adianta fazer uma tese se ela não tiver o poder de mudar a realidade que eles têm.”*

*“Recebemos trinta alunos da UnB em Sabará. Foi incrível, pena que eu estava extremamente resfriada. Criei um roteiro no centro histórico e também fomos na Nossa Senhora do Ó e no Pompéu. A noite, na casa da dona MRC, compartilhamos uma janta deliciosa, com direito a oração. O mais incrível foi o ônibus ter chegado lá...”*

*“Pedi que fizessem a atividade da identidade, fiquei muito mexida com as respostas”*

*“Ele me recebeu em sua casa, me deu café, passou o dia comigo mostrando sua rotina, me ensinou a ordenhar vacas (mas eu não aprendi) e ainda tocou violão pra mim. Que senhor querido e que família linda. Eles são a resistência. Me deu vontade de visita-los todos os dias e de seguir aquela rotina sempre. Paz, paz, paz. A paz emana do olhar e da casa deles. Que medo de um dia saber que foram tirados dali para qualquer lugar...porque para eles, qualquer lugar fora dali será um lugar qualquer. Quero eles como amigos. Ela me deu um cristal de presente...”*

*“Aquele jovem me dizendo que acha que pessoas ruins têm que morrer mesmo...o que dizer? Ele convive com pessoas ruins mesmo...”*

*“Perguntei pra ela porque insistia em me dizer que não sabe de nada e ela me respondeu: não sei. Continuei fazendo um monte de perguntas e só ouvia a mesma resposta acompanhada de um sorriso irônico. Então eu disse: então ta Mariana, seu nome é Mariana né? Perguntei sabendo que não era. Ela me respondeu: Não, meu nome é AMD. Eu então complementei: viu, alguma coisa você sabe! A cara dela de braveza foi engraçada. Depois sentei do lado dela e dei alguns conselhos. Ela é muito agressiva...diz abertamente que bate na avó e que tentou matar uma colega. Surreal? Não, real!”*

*“O Pintado avançou em mim com tanta vontade, um cão de guarda daqueles é top. Mas ele se acostumou comigo horas depois. Só que eu tropecei de susto e me sujei toda.”*

*“Depois da entrevista fiquei muito intrigada em pensar Sabará como um lugar que se estagnou, que parou, que se bairrificou mesmo. Me envolvi tanto com a cidade que acho difícil assumir*

*isso. Queria poder escrever que ela tem uma identidade densa, bem difundida...mas Sabará é um verdadeiro abandono. Que houve com aquelas terras pra que tenha se tornado tão coadjuvante?”*

*“Eu preciso admitir que fiz como todos fazem: perguntei se tinha uma terra pra eu viver no Pompéu. Que lugaaaaaar. Aquele friozinho é demais de conta de bãõ sô. Vou me organizar para as visitas no Pompéu acontecerem na hora de maior brilho solar, porque aí passo menos calor”*

*“Hoje foi mais um dia que bebi água no Kaquende. Sei lá...eu quero ser doutora, mas ao mesmo tempo não quero que a tese acabe. Será que vou parar de vir pra Sabará? Me apeguei...”*



## PARTE 3

# CARTOGRAFIAS VALORATIVAS DO PATRIMÔNIO DE SABARÁ



Evento e valor são categorias fundamentais para esse trabalho. O evento está diretamente ligado à valoração afetiva e a valorização patrimonial da obra de arte – o monumento, pois no microcosmo se desvela o que acontece no macrocosmo. Depois de toda a contextualização feita sobre a cidade de Sabará ao longo dos capítulos anteriores, nos empenhamos em ligar os diversos processos que ocorrem na cidade com a valoração e valorização. Antes, contudo, torna-se fundamental diferenciar os dois termos, para isso, citaremos trechos do dicionário Houaiss (2001):

1. **Valoração** → “1 ato ou efeito de valorar, de determinar a qualidade ou o valor de algo <a v. da propriedade feita por especialistas> <av. de uma obra por seus admiradores>”.
2. **Valorização** → “1 aumento do valor ou do preço de algo, em virtude de ter recebido aperfeiçoamento ou melhoria, em virtude de suas qualidades intrínsecas ou raridade, ou em virtude de estar em alta o valor ou o preço de seus similares.”

A valoração é um ato de determinar o valor de algo, relativo a sua qualidade, e está ligada ao valor dado por especialistas e admiradores de uma obra. Valoração afetiva refere-se, portanto, a essa determinação de valor dentro do mundo espiritual do sujeito, como um objeto cultural. Já a valorização reporta-se a um preço ligado a uma melhoria, por isso, quando tratamos de valorização patrimonial, nos referimos as ações governamentais em prol do aumento do valor mercadológico de determinados monumentos, tanto a partir de restaurações quanto pelo uso do instrumento de tombamento (no caso dos bens imóveis, que nos referimos na tese). Vale ressaltar que entendemos que a valoração afetiva está muitas vezes à margem do processo de valorização patrimonial, posto que o patrimônio é mais uma imposição do que o resultado de uma experiência coletiva.

O patrimônio não tem sido uma ferramenta utilizada para/com a comunidade, mas para/com preceitos jurídicos e periciais, perdendo seu verdadeiro valor enquanto bem cultural. A valoração afetiva do bem o coloca como parte da história e da cultura do indivíduo e do grupo. Pela valoração afetiva, poderemos resgatar o ser que vive, o ser que habita, o ser que é na cidade patrimonial.

(...) o patrimônio deve ser considerado como um campo de práticas e representações que se constituem de forma relativamente autônoma, sendo possível problematizar e questionar a experiência patrimonial, investigando os modos como o simbólico opera socialmente e integra a memória social até se constituir como imaginário totalizante. (DENCKER, 2012, p.139).

Italo Calvino, em *Cidades Invisíveis* (2003), discorre sobre as cidades Zaíra e Tamara, a primeira contém o passado e a segunda é a cidade dos símbolos. Para descrever Zaíra nos dias atuais é preciso conhecer sua história. Assim como Zaíra, Sabará tem um passado que se estende

pelas ruas da cidade. “Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras [...]” (CALVINO, 2003, p.16), as pessoas que a contam. Em Tamara tudo o que se vê são símbolos. Difícil, ou talvez impossível, saber o que ela carrega em baixo das simbologias:

o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e a todas as suas partes. (CALVINO, 2003, p.20).

As cidades que possuem símbolos (sejam antigos ou modernos), como é o caso de Sabará, não podem ser confundidas com eles, para conhecer uma cidade patrimonial é preciso ouvir e interagir, conhecer os anseios e o grito. Para identificar a valoração afetiva é fundamental essa aproximação.

A valorização patrimonial não atinge a todos os moradores do município, principalmente os que habitam em zonas periféricas. Nesse âmbito perpetua o valor artístico, histórico e estético, também importante, mas não suficiente para garantir que o patrimônio povoe o mundo espiritual dos moradores. A valorização patrimonial possui uma perspectiva histórica que explica a “cara” atual dos monumentos ou o porque de determinados edifícios serem patrimonializados e outros não, pois envolve conflitos de visões e interesses.

A escolha desses dois processos justifica-se por uma estratégia de agregação e de defesa de possíveis perdas. Almeja-se compreender Sabará em sua totalidade<sup>47</sup>. Quando eventos são analisados em conjunto, em suas ligações, tornam-se situações, que não são totalizantes - a própria totalidade (SANTOS, 2004). Acreditamos que ligar esses dois tipos de valor é fundamental para uma pesquisa geográfica fenomenológica, focada em cidades históricas. Vale ressaltar que a todo instante retomaremos a reflexão sobre a cidade metropolizada, que tem correspondência direta, no caso de Sabará, com as disparidades/ruídos existentes entre a valorização patrimonial e a valoração afetiva.

Para empreender essa tarefa, essa terceira e última parte está dividida em dois capítulos, seis e sete. No sexto capítulo apresentamos a valorização patrimonial propriamente dita, discutindo o conceito fenomenológico de bem cultural e apresentando os tombamentos atuantes em Sabará, e no sétimo capítulo tratamos da valoração afetiva, desvelando quais fatores a afastam do processo de valorização.

---

<sup>47</sup> Essa perspectiva vem sendo desenvolvida pelo GECIPA – Grupo de Pesquisa em Cidades e patrimonialização da Universidade de Brasília sob a coordenação do professor Everaldo Batista da Costa,

## CAPÍTULO VI

### VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL: REPENSANDO O BEM CULTURAL

*A minha melodia  
Vem do rio que me banha  
E eu tiro as harmonias  
Do contorno das montanhas  
A minha voz é o bronze  
Vem do sino das igrejas  
Meu ritmo é a dolência  
Da toada sertaneja  
E é pelo som das cordas  
Da viola que eu falo  
É crina solta ao vento  
No galope do cavalo  
Meu verso tem riacho  
Bicho, pedra, flor campina  
Não faço letra, eu leio  
Os versos meus no chão de Minas  
(Paulo César Pinheiro)*



## **VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL: REPENSANDO O BEM CULTURAL**

---

6.1 Bem cultural como bem de formação

6.2 A vida dos monumentos e as teorias da restauração:

“ninguém pode colocar a mão né. Você tem que conservar.”

6.3 Bens tombados de Sabará: “patrimônio é uma coisa assim muito antiga, muito rustica”

6.4 “Nós temos obrigações de obedecer certas regras ditadas pelo patrimônio”

## 6.1 BEM CULTURAL COMO BEM DE FORMAÇÃO

*E eu fascinado com o tempo, contemplo a vida na terra, que bela!  
E ergo em meu peito meu templo que aceso de luz paralela,  
revela-me como Deus cria: do barro, do sopro, costela.  
Eu nunca compus poesia porque sou composto por ela  
(Paulo César Pinheiro).*

Edith Stein, além de filósofa e freira carmelita, sempre foi educadora, principalmente de mulheres. A experiência obtida no ensino feminino deveu-se a sua condição de mulher e judia que lhe impediu alcançar a docência em grandes universidades. Isso foi algo fundamental para o seu aprofundamento filosófico, visto que se dedicou imensamente a formação humana e ao sentido primeiro desse formar. Para compreender melhor o seu conceito de formação é preciso revisitar os tipos de matéria que existem.

De acordo com Edith Stein (2003b), matéria é tudo o que não está inteiramente formado, mas que pode tomar alguma forma. O *não inteiramente formado* refere-se aquilo que embora ainda possa se formar, não é amorfo. A única matéria amorfa é Deus. Portanto, sempre nos deparamos com algo com forma, esteja em formação ou completamente formado. Existem dois tipos de matéria: inanimada e animada. A primeira são as mais suscetíveis a serem formadas. Ocorre uma manipulação formativa da matéria a partir de um arquétipo que o formador tenha estabelecido na mente. Essas formações são os objetos que podem ser trans-formados e re-formados. Os patrimônios imóveis tombados estão nessa classe de matéria.

As matérias animadas são divididas em vegetais e animais, sendo que dentro do segundo reino há distintos níveis e o mais alto deles é o humano. A matéria animada tem uma formação interior e exterior, pois tem uma alma que a anima. Se nenhuma intervenção externa for feita em uma planta, ela não ficará inerte, pois continuará a se desenvolver pela energia vital interna que possui. A alma é o princípio vital interior, invisível e misterioso. Contudo, a planta também pode sofrer formações externas como a jardinagem e o paisagismo, além do impacto de fenômenos naturais como a chuva, a fertilidade do solo, etc. Os animais também têm alma mas há uma diferença pois: “ella puede disponer, em cierto modo, de la matéria organizada desde dentro del cuerpo, es decir, puede moverlo, y como consecuencia puede procurarse la matéria em um ambiente mas amplio” (STEIN, 2003b, p.182)<sup>48</sup>. A possibilidade do movimento é típica da estrutura anímica animal, que pode dispor de um *mundo de alcance efetivo* mais amplo que o reino vegetal. Para o ser humano esse mundo de alcance efetivo ganha uma qualificação mais

---

<sup>48</sup> Ela pode dispor, em certo modo, da matéria organizada a partir do corpo, é dizer, pode move-lo, e como consequência pode dispor a matéria em um ambiente mais amplo”

profunda e uma ação mais intensa, visto que possui o que se chama de alma racional: o espírito.

O local onde o ser posiciona sua corporeidade é o ponto de partida para a orientação no espaço. “Es el origen del sistema de coordenadas dentro del cual las dimensiones de la orientación, las distancias y perspectivas de los objetos quedan determinadas em el campo que me rodea” (SCHUTZ, 2003, p.54)<sup>49</sup>. Esse setor do mundo que é acessível e acessado pela experiência, é denominado por Alfred Schutz (2003) como mundo de alcance efetivo.

Os sentidos e o intelecto são os órgãos espirituais que recebem o externo. Eles provêm ao EU suprimentos que podem ser valorados ou não. “Lo que el conviene al alma como material estructural, es asimilado em su mas profundo interior y crece con ella. Así el alma crece, se enriquece y se amplía, pero al mismo tempo crece también el mundo que explora discerniendo” (STEIN, 2003b, p.183)<sup>50</sup>. Alma e mundo, em inteiração, crescem e se desenvolvem mutuamente. A matéria animal humana se forma, portanto, não apenas pelo “sopro da vida”, que emana de dentro, mas pelos elementos externos - o mundo espiritual de alcance efetivo - com o qual o ser tem experiências, vivências corpóreas, psíquicas e espirituais.

Os órgãos espirituais estão diante de um mundo de coisas e estas podem dar significado ao mundo interior, como um alimento para a alma. Esses objetos significativos são denominados por Stein (2003b) como objetos de valor ou bens culturais. Na maioria dos casos esses bens culturais têm como fundamento um objeto material “pero lo que constituye su valor es algo espiritual; una parte de la vida espiritual está misteriosamente prisionera em ellos, y puede ser asimilado por el alma que entra em contacto com ellos” (STEIN, 2003b, p.184)<sup>51</sup>. Assim se dá com o patrimônio, que no sentido fenomenológico não basta ser um produto tombado, é preciso ser um bem cultural, ou seja, é fundamental que tenha conteúdo espiritual e atue na formação da matéria humana – um bem de formação. Desta forma, a relação do ser com o espaço torna-se uma relação de afetividade, ou seja, de lugar (TUAN, 2013). Contudo, nos processos de patrimonialização essa ideia tem estado muito distante daquilo que se denomina como monumento histórico (bem imóvel tombado).

O monumento, do latim *monumentum*, relaciona-se à *memini* (memória), já o verbo *monere* liga-se ao ato de recordar - iluminar. Portanto, ser monumento é ser revestido de memória. Contudo, essa condição não reflete com clareza o que hoje se concebe como monumento (LE GOFF, 1990). A memória coletiva, como elemento latente deste, esvaiu-se,

<sup>49</sup> É a origem do sistema de coordenadas dentro do qual as dimensões de orientação, as distâncias e perspectivas dos objetos se determinam no campo que me rodeia.

<sup>50</sup> O que convém a alma como material estrutural é assimilado em seu mais profundo interior e cresce com ela. Assim a alma cresce, se enriquece e se amplia, mas também cresce o mundo que explora discernindo

<sup>51</sup> Mas o que constitui seu valor é algo espiritual; uma parte da vida espiritual está misteriosamente presa neles, y pode ser assimilado pela alma que entra em contato com eles

perpetuando um *discurso* da memória coletiva. Hoje, os monumentos são verdadeiros documentos e, por isso, Alois Riegl e Françoise Choay diferenciaram monumento e monumento histórico – aquele, revestido de valor memorial, e este de valor historiográfico, documental.

Antigamente, os monumentos eram transformados em documentos, atualmente, a história transforma documentos em monumentos. Documento, vem do latim *documentum* que deriva de *docere* – ensinar. Se, inicialmente, era concebido como texto escrito, hoje (pós século XX) compõe-se de textos que se comunicam para além das palavras – englobando os monumentos (LE GOFF, 1990).

Françoise Choay (2006), explica que monumento é aquele que possui valor memorial desde a sua origem, ou seja, é criado a priori como tal. É construído para provocar emoções por meio de ritos, sacrifícios, crenças etc. Local onde o passado deve ecoar no presente – tornar-se familiar. “O monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança” (CHOAY, 2006, p.18) pois desafia a entropia e combate a angústia da morte. Os túmulos, colunas, templos, arcos do triunfo, estelas, obeliscos e totens tinham essa função antropológica.

Por monumento, no sentido mais antigo e original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou a combinação de ambos). (RIEGL, 2014, p.31).

Essa função memorial do monumento perdeu força por dois principais motivos. Primeiramente, a arte robusteceu com o advento do renascimento - resultado da busca pela perfeição das obras clássicas. Exaltava-se mais o efeito do que a utilidade dos artefatos, tornando-se fatores de embelezamento das cidades. Em segundo lugar, a emergência das “memórias artificiais” criaram verdadeiras próteses memoriais. “Toda construção, qualquer que seja o seu destino, pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de ‘comunicação’” (CHOAY, 2006, p.22). Com o registro cada vez mais fiel e exato de eventos e lugares, a historiografia encontrou sua ligação direta com os monumentos. Como consequência, esses dois processos criaram meios para a consolidação dos monumentos históricos.

Foi a partir destas mudanças que se agregaram novos valores, não mais aqueles ligados à memória coletiva, mas ao valor artístico e histórico, e estes, posteriormente, associados à identidade das nações, todos por meio da seleção criteriosa dos historiadores, arqueólogos e dos amantes da arte. (BELLO, 2014, p.54).

Isso impactou não apenas o monumento histórico, mas todo o conjunto paisagístico dos centros históricos das cidades patrimoniais. Os patrimônios arquitetônicos concebidos como uma coleção de objetos são: “identificados e catalogados por peritos, como representantes significativos da arquitetura do passado” (CASTRIOTA, 2007, p.12), e legitimados pelo instrumento do tombamento. Contudo, o monumento histórico enquanto bem isolado criou



disparidades morfológicas que impactaram a paisagem urbana das cidades patrimonializadas, a medida que prédios modernos foram edificados muito próximo a fragmentos históricos. As fotos a seguir são dois exemplos disso, da esquerda para a direita tem uma imagem do bairro siderúrgica bem próximo a Igreja do Ó e uma imagem da rua do Museu do Ouro, no bairro Inconfidência. BA comenta sobre a primeira edificação:

A minha casa é tombada, o patrimônio aprovou. É um sobradinho né, mas o senhor me autorizou a mudar um pouco, botar umas janelas. E por aqui ninguém pode pintar direito tem que esperar. E tem um cara aqui que fez uma casa ali na esquina, moderna. Não sei como que conseguiu, na verdade eu sei, é amigo do prefeito. (BA).

Na mesma imagem é possível ver que uma das casinhas tem uma janela modernizada, o que também alterou bem o visual da edificação. Na foto da direita, a casa do fundo tem portão elétrico de garagem ao invés de janelas e portas, o que também revela bem as diferenças morfológicas nas ruas de Sabará.



**Figuras 104 e 105 - Bairro Siderúrgica e Bairro Inconfidência**

Fonte: Fotos da autora.

Além disso, os bens tombados tornaram-se falsificações e encenações a partir de verdadeiras intervenções cirúrgicas estéticas (CASTRIOTA, 2010). Ao analisar Ouro Preto, Leonardo Castriota (2007) questiona o papel das práticas preservacionistas: “instaura-se alí [em Ouro Preto], como de resto em todo o Brasil, uma prática orientada para a manutenção dos conjuntos tombados como objetos idealizados, desconsiderando-se, muitas vezes, a sua história real” (CASTRIOTA, 2007, p.15). Diríamos também que esses conjuntos têm sido mantidos desconsiderando a história atual, as dinâmicas cotidianas da cidade hoje. Isso pode ser identificado em outras cidades da mineração de Minas Gerais, como Sabará.

Os monumentos históricos, originados no renascimento, difundiram-se progressivamente fora do continente europeu a partir de meados do século XIX. “Todo objeto

do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial” (CHOAY, 2006, p.25/26). Essa gama de possibilidades de monumentalização, cada vez mais ampla, foi a chave para se entender a historicidade penetrada nos monumentos pelos historiadores.

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa concepção linear do tempo – neste caso, seu valor cognitivo relega-o inexoravelmente ao passado, ou antes à história em geral, ou a história da arte em particular -; ou então ele pode, além disso, como obra de arte, dirigir-se à nossa sensibilidade artística, ao nosso ‘desejo de arte’: neste caso, ele se torna parte constitutiva do presente vivido, mas sem a mediação da memória ou da história. (CHOAY, 2006, p.26).

Alois Riegl (2014) diferenciou os dois tipos de monumentos: volúveis e não volúveis. Ambos, ainda em atividade, muito embora o segundo represente de maneira axiomática o culto moderno aos monumentos. Volúvel se refere àqueles que, desde sua origem, destinam-se à uma (re)memoração específica, enquanto os não volúveis não se originaram com caracteres memoriais.

Nos dois casos, de monumentos volúveis e não volúveis, trata-se de valores de memória e por isso falamos em ‘monumentos’. Em ambos os casos, a obra nos interessa em sua forma original, aquela na qual saiu das mãos do seu criador, sem mutilações, ou ainda na forma pela qual tentamos reconstituí-la pelo olhar ou pensamento, por meio de imagens ou de palavras. No primeiro caso, o valor de memória nos é outorgado pelo autor; no segundo, ele é atribuído por nós. (RIEGL, 2014, p.36).

Existe, contudo, uma diferença significativa entre obra de arte e monumento histórico, por causa de seus valores constitutivos. O valor histórico é muito mais abrangente e refere-se a algo que foi e não poderá ser novamente na atualidade.

(...) tudo o que foi, forma o elo insubstituível e irremovível de uma corrente de evolução ou, em outras palavras, tudo que tem uma sequência, supõe um antecedente e não poderia ter acontecido da forma como aconteceu se não tivesse sido antecedido por aquele elo anterior. (RIEGL, 2014, p.32).

Essa citação de Alois Riegl revela o conceito de duração que defendemos na tese, onde as fases se ligam criando uma continuidade da vida. Na realidade que dura, revela-se a consciência que se sente sempre em duração (STEIN, 1994).

O valor de arte, por conseguinte, não possui grandeza absoluta e sim relativa. O valor artístico do monumento é calculado pela forma como atende ao desejo de arte, que é cambiante de “tempos em tempos”. Portanto, o valor de arte está ligado a um valor de atualidade (RIEGL, 2014).

(...) todo monumento de arte, sem exceção, caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, um monumento histórico (...) todo monumento histórico é também um monumento de arte, pois mesmo um monumento escrito banal – como um pedaço do papel, contendo uma breve nota sem importância – contém ao lado do seu valor histórico referente à evolução da fabricação do papel, da escrita, dos materiais usados para a

execução da escrita etc (...) se o referido papel representasse o único testemunho artístico que tivesse ficado do seu tempo, ele seria considerado, apesar da sua pobreza, como um monumento de arte absolutamente indispensável. (RIEGL, 2014, p.31).

A Revolução Francesa inaugurou a noção de patrimônio associada aos monumentos. Foram divididos em duas categorias: móveis e imóveis. A primeira pretendia alimentar os museus e servir como elemento educativo da nação e a segunda almejava uma ressignificação. As igrejas, conventos, abadias, castelos e residências particulares, adquiriram novos usos como mercados, prisões, depósitos de munição etc. Isso foi resultado do que Françoise Choay (2006) denomina como conservação secundária (reacional), fundamentada no enfrentamento dos vandalismos ideológicos<sup>52</sup> a que a França revolucionária estava submetida (não apenas ela, mas todos os regimes de ruptura).

Paradoxalmente, a conservação reacional não emana dos mesmos homens, mas do mesmo aparelho revolucionário de que deriva o vandalismo ideológico. O Comitê de Instrução Pública e as Comissões das Artes publicaram quase ao mesmo tempo decretos contraditórios, dos quais os primeiros (destruidores) são anulados ou atenuados pelos segundos (conservadores) (CHOAY, 2006, p.109).

O vandalismo ideológico derivou da necessidade de um começo absoluto para a fabricação de uma nova sociedade, contudo, deu lugar a uma concepção mais amadurecida, de que não há como uma sociedade “preservar e desenvolver sua identidade senão pela duração e pela memória” (CHOAY, 2006, p.112). Fato que legitimou a conservação secundária implantada pelo Estado revolucionário francês.

Romper com o passado não significa abolir sua memória nem destruir seus monumentos, mas conservar tanto uma quanto outros, num movimento dialético que, de forma simultânea, assume e ultrapassa seu sentido histórico original, integrando-o num novo estrato semântico (CHOAY, 2006, p. 113).

Esse processo de patrimonialização francês durou seis anos e influenciou a conservação ocidental do patrimônio. Os principais valores que a França revolucionária deu ao patrimônio foram: 1) valor nacional, 2) valor cognitivo, 3) valor econômico dos monumentos históricos, e 4) valor artístico dos monumentos históricos.

Após a industrialização, o monumento histórico conquistou as prerrogativas para a sua consagração. Françoise Choay (2006) demarca que essa consagração se deu até a publicação da carta de Veneza, em 1964 (iniciando em 1820), embora admita as particularidades de cada país e as variações na intensidade. Todavia, acredita que esse intervalo seja uma unidade soberana que engloba a todos pelas transformações nas delimitações espaço-temporais, no estatuto jurídico e no tratamento técnico dos monumentos históricos.

A revolução industrial como processo em desenvolvimento planetário dava, virtualmente, uma dimensão universal ao conceito de monumento histórico, aplicável

---

<sup>52</sup> O vandalismo ideológico não tem relação com atos privados de vandalismo como roubos, depredações, violência e a destruição de bens nacionais após a compra (neste caso, um ato legalizado).

em escala mundial. Como processo irremediável, a industrialização do mundo contribuiu, por um lado, para generalizar e acelerar o estabelecimento de leis visando à proteção do monumento histórico e, por outro, para fazer da restauração uma disciplina integral, que acompanha os progressos da história da arte. (CHOAY, 2006, p.127).

John Ruskin, importante por ter escrito *A Lâmpada da Memória*, contribuiu para esse processo com a publicação anterior de *A abertura do Palácio de Cristal e suas relações com o futuro da arte*. Além dele, François Guizot foi responsável por criar na França o cargo de inspetor dos monumentos históricos, focado principalmente na arte gótica - a grande manifestação artística nacional. No Brasil, o barroco foi/é o estilo adotado como símbolo nacional, fato perceptível em Sabará e em outras cidades mineiras setecentistas (a partir da criação do SPHAN em 1937).

Mas qual é a efetiva influência do avanço técnico proporcionado pelo advento da revolução industrial no processo de valorização do monumento para além da estética: o valor histórico? Françoise Choay (2006, p.135), entende que houve uma “ruptura traumática do tempo” com a separação entre a historiografia social e a ambiental. Os processos, que se dão na relação com o meio, foram (e são) camuflados, cegados, pelo “brilho” do fim. A relação entre homem e mundo, outrora ligada aos processos de extração e produção, transfigurou-se em uma relação entre homem e produto final. “O mundo acabado do passado perde a continuidade e a homogeneidade que lhe conferia a permanência do fazer manual dos homens. O monumento histórico adquire com isso uma nova determinação temporal” (CHOAY, 2006, p.136). As obras da antiguidade, que antes figuravam-se como artefatos a serem superados esteticamente, ganha o *status* de insubstituível e, portanto, passíveis de patrimonialização. Os objetos deixaram de ser obras para tornarem-se produtos. Por isso, mais do que nunca, as obras antigas (não apenas no sentido de antiguidade) mereciam foco.

Portanto, a industrialização ao transfigurar os objetos como produtos, exaltou seu valor histórico em detrimento do valor artístico, e uma sociedade histórica começou a emergir. Acompanhando o desenvolvimento técnico da sociedade, o monumento e o patrimônio (existe patrimônio para além do monumento) se escravizam, adequando-se às transformações da sociedade – cada vez mais aceleradas. Atualmente, o patrimônio tornou-se um ramo produtivo da *indústria do lazer*. “Sua ‘valorização’ insere-se, então, diretamente nos ritmos, nas temporalidades rápidas da economia de mercado atual, choca-se com ela ou, em todo caso, aproxima-se dela” (HARTOG, 2013, p.237/238).

Além disso, emerge nas cidades o valor estético, no qual a sociedade apela por espaços de vivências intensas, de modo que mesmo um café possa ativar uma vivência (CASTRIOTA, 2010) a ser compartilhada, fotografada e postada. François Hartog (2013) discorre sobre as duas

fendas do presente. A primeira refere-se ao papel da mídia com a “memoriação” de acontecimentos presentes durante o acontecer. “(...) o presente, no momento mesmo em que se faz, deseja olhar-se como já histórico, como já passado” (HARTOG, 2013, p.149/150). O presente almeja se historicizar imediatamente. O apelo fotográfico do cotidiano, com o uso exacerbado de *selfies*, desvela a conjuntura superficial criada entre homem e mundo. A segunda fenda é patrimonial, visto que diante da modernização despótica, a preservação emerge na tentativa de manutenção de raízes e genealogias.

O fato é que para muitos sabarenses o patrimônio não tem valor espiritual e não exerce influência sobre a formação humana. Para entender isso, Edith Stein (2003b) define que o intelecto é um órgão denominado como espiritual, podendo ser passivo e ativo. A passividade ocorre quando o ser recebe algo que se oferece sem a sua intervenção e o segundo quando há uma vontade, uma ação livre. É uma escolha nossa aquilo que queremos ampliar no nosso mundo espiritual e o que queremos receber como elemento de formação da vida anímica – a alma (vale ressaltar que nenhuma alma pode existir de outra maneira que não no âmbito do indivíduo). A forma da alma vai se fazendo a partir dos elementos formativos que se assimila ao longo da vida. “La forma no existe de antemano ya acabada, sino que se va imprimiendo a lo largo de su proceso evolutivo y unido con la asimilación de materias espirituales, del mismo modo que la semilla se desarrolla como una planta” (STEIN, 2003b, p.186)<sup>53</sup>. A realidade cotidiana do mundo da vida inclui a natureza e o mundo social, que se cria a partir de outros seres e de objetos. Os objetos, para tornarem-se culturais, precisam de um extrato de sentido dado pelo ser, caso contrário, não passam de objetos como outros.

Lo que nos es dado lisa y llanamente em la actitud natural, em ningún caso incluye solamente los objetos de percepcion externa (entendidos puramente como tales), sino también los estratos de sentido, gracias a los cuales las cosas naturales son experimentadas como objetos culturais. (SCHUTZ, 2003, p.27).<sup>54</sup>

Deste modo, o mundo da vida não é apenas uma composição de objetos e matérias, mas também extratos de sentido que os qualificam em culturais, atuando na formação humana. O papel das matérias é, portanto, fundamental na formação do ser. Contudo, o instrumento do tombamento não tem sido efetivo nesse processo, pois a ausência do valor espiritual/cultural implica na carência de assimilação de formas espirituais, cruciais na formação anímica. Por isso, denominamos como valorização patrimonial o processo de preservação do monumento

<sup>53</sup> A forma não existe de antemão já acabada, mas se vai imprimindo ao longo de seu processo evolutivo e unido com a assimilação das matérias espirituais, da mesma forma que a semente se desenvolve como uma planta.

<sup>54</sup> O que não é dado claramente na atitude natural, em nenhum caso se inclui somente os objetos da percepção externa (entendidos puramente como tais), mas também os estratos de sentido, graças aos quais as coisas naturais são experimentadas como objetos culturais

histórico (ainda que a preservação também não venha sendo efetiva), entendendo que é preciso tornar-se alvo de uma valoração espiritual, ou seja, fazer parte do mundo espiritual do ser que habita a cidade.

## 6.2 A VIDA DOS MONUMENTOS E AS TEORIAS DA RESTAURAÇÃO: “NINGUÉM PODE COLOCAR A MÃO NÉ. VOCÊ TEM QUE CONSERVAR”

*Cadê a esfinge de pedra que ficava ali  
 Virou areia  
 Cadê a floresta que o mar já avistou dali  
 Virou areia  
 Cadê a mulher que esperava o pescador  
 Virou areia  
 Cadê o castelo onde um dia já dormiu um rei  
 Virou areia  
 E o livro que o dedo de Deus deixou escrita a lei  
 Virou areia  
 Cadê o sudário do salvador  
 Virou areia (...)  
 Cadê a voz que encantava multidão, cadê  
 Virou areia  
 Cadê o passado o presente a paixão  
 Virou areia  
 Cadê a muralha do imperador  
 Virou areia  
 (Lenine)*

O que é patrimônio? Perguntamos a todos os entrevistados. VNA respondeu que: “Patrimônio é algo que pertence a alguém ou a alguma localidade. Por exemplo, pessoal é uma coisa que me pertence e patrimônio histórico é uma coisa que pertence ou aquela cidade ou aquele país”. Eduardo Yázigi (2003) explica que ao termo patrimônio vem do latim *pater* e quer dizer pai, donde também se deriva o termo pátria, “era o legado do pai ao filho, aquilo que deveria servir para a geração seguinte”. (YÁZIGI, 2003, p.56).

Patrimônio – *alter ego* da memória – assim denominado por François Hartog (2013) - tem se constituído como um valioso instrumento aprisionador do tempo, e revela não o presente de outrora, mas um presentismo – o passado no presente. Joel Candau (2012, p.65) alerta que “no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”. Não é possível qualquer ato memorial sem que o futuro do passado lembrado faça parte do presente da lembrança. “O tempo da lembrança não é o passado, mas o ‘futuro já passado do passado’. O tempo da lembrança é, portanto, inevitavelmente diferente do tempo vivido, pois a incerteza inerente a este último está dissipada no primeiro”. (CANDAU,

2012, p.66). O presentismo abarca toda essa complexidade que envolve, inclusive, o patrimônio, pois, a lembrança não é o acontecimento passado em sua exatidão, mas uma imagem. Na consciência, as coisas não se apresentam, se representam. A lembrança já é, então, posterior a vivência.

Vale ressaltar que essa noção de patrimônio não reside em todas as culturas e não coexiste da mesma maneira nos lugares que a adotam. Em geral, são ações em nome do amanhã, que visam salvaguardar, por meio de leis, o que se deseja manter para as gerações futuras. Além disso, o conceito surge apenas na modernidade, o que não significa dizer que as práticas de preservação de artefatos, edifícios etc, sejam tão recentes assim.

(...) as ameaças permanentes que pesam sobre o patrimônio não impedem um amplo consenso em favor de sua conservação e de sua proteção, que são oficialmente defendidas e nome dos valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos, representados por esse patrimônio nas sociedades industriais avançadas. (CHOAY, 2006, p.17).

O uso do termo patrimônio sem o adjetivo cultural não é acidental. A partir da perspectiva fenomenológica, o patrimônio cultural é um bem cultural, ou seja, um produto material preenchido de espírito: a cultura. Essa cultura tem um papel formador, a medida que viabiliza uma humanização (RUS, 2015). No próximo capítulo propomos esse novo entendimento sobre o patrimônio cultural.

Na base de um patrimônio cultural está sempre a experiência viva de um povo que se organiza, se estrutura, atinge tal ou qual configuração particular homogênea e se manifesta por meio de tudo o que nós definimos, justamente como bens culturais. Um patrimônio cultural é, de certo modo, uma sedimentação de experiências humanas fundadoras que tomam corpo e se objetivam materialmente em obras. (RUS, 2015, p.66).

O processo de patrimonialização de bens imóveis perpassa pelo uso do instrumento do tombamento, passível nas esferas federal, estadual e municipal. Para Dencker (2012), inspirada em Jorge Eduardo Esperança (1997), existem duas definições principais de patrimônio: jurídicas e periciais. Ambas se pautam na definição de Unesco, de que: “O patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade” (UNESCO)<sup>55</sup>, apoiada pelas cartas de Haia(1954), Veneza(1964) e Paris (1972). A perícia avalia o potencial patrimonial de um bem, enquanto o jurídico, baseado na análise de especialistas, define as formas legais de proteção.

O processo de restauração tem tido, ao longo do tempo, acepções bem distintas, pois não existem concepções exatas e universais, ao contrário, a diversidade de compreensões é a

---

<sup>55</sup> Site: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>, acessado em agosto de 2016

principal característica desse campo disciplinar. Apenas a partir de meados do século XVIII que se fala em uma política de restauro. Outrossim, embora já houvesse práticas de apreço e preservação, não predominava uma intencionalidade e as ações eram esporádicas e não sistematizadas. Voltavam-se para monumentos antigos em uso e por isso, a decisão da preservação dava-se por questões de cunho cotidiano. (CHOAY, 2006).

Quando a arquitetura se torna patrimônio coletivo, surgem algumas problemáticas a serem consideradas. A Carta de Atenas, publicada em 1933, centrava-se apenas na restauração de monumentos históricos, efetivamente os de grande porte. Trinta anos depois, com a publicação da Carta de Veneza<sup>56</sup>, ampliou-se os objetivos da conservação e restauração dos monumentos, prevendo que a noção de monumento histórico também se referisse às obras modestas com significação cultural - lugares aonde a “memória está viva” (HARTOG, 2013). A disciplina de restauro que vinha se desenrolando ganhava adeptos com concepções de memória de maneiras completamente distintas.

John Ruskin(2008) diferenciou a arquitetura tradicional da construção moderna, a partir de sua crítica à sociedade industrial que se desenrolava. Foi um visionário em alguns quesitos, visto que observava o inchaço das cidades, miséria, injustiça social e proteção ao meio ambiente. Ainda hoje, muitas de suas ideias soam contemporâneas. Sua principal obra *As Sete Lâmpadas da Arquitetura*<sup>57</sup> constrói um raciocínio coerente e interligado que perpassa *A Lâmpada do Sacrifício*, *A Lâmpada da Verdade*, *A Lâmpada do Poder*, *A Lâmpada da Beleza*, *A Lâmpada da Vida*, *A Lâmpada da Memória* e, por fim, *A Lâmpada da Obediência*. A penúltima é a que mais nos interessa. Considerava que é na passagem do tempo, na duração, que a arquitetura se impregna de vida e de valores humanos e por isso deve sempre se edificar em bases sólidas e duradouras que preservem aquilo que chegou até nós.

Para Ruskin(2008), a arquitetura conserva o laço com o passado que é, por conseguinte, parte de nossa identidade. O autor defende que toda e qualquer obra de toda e qualquer cultura se comunica com os homens, seja ele quem for e de onde for, e, por isso, almeja resgatar o valor de reverência aos monumentos, perdido com a industrialização que retira do trabalho o papel da memória. O trabalho tem, por sua vez, grande relevância para sua obra. Na crítica ao exacerbado materialismo, ele previa a dissolução do que é consistente na vida, o nosso saber fazer. Denunciava, em seu humanismo imperioso, a ausência do trabalho humano na nova sociedade que se constituía. Para ele, o verdadeiro valor da arquitetura vem do trabalho humano e a máquina, desprovida do antrópico, é vazia de valoração. (RUSKIN, 2008).

---

<sup>56</sup> Consultada em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>

<sup>57</sup> Publicado originalmente sob o título: *The Seven Lamps of Architecture*, em 1849



No âmbito específico da restauração, defendia seus preceitos a partir da seguinte visão: “Nós podemos viver sem ela [a arquitetura], e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela” (RUSKIN, 2008, p.54). Sendo, então, imprescindível para o processo recordativo, seria fundamental que pudéssemos “ter ao alcance não apenas o que os homens pensaram e sentiram, mas o que suas mãos manusearam, e sua força forjou, e seus olhos contemplaram, durante todos os dias de sua vida” (RUSKIN, 2008, p.54/55). Isso o levou a seu 27º aforismo: “A arquitetura deve ser feita histórica e preservada como tal” (RUSKIN, 2008, p.55). Portanto, não apenas considera a arquitetura e os monumentos (a arquitetura em uma “perfeição verdadeira”<sup>58</sup>) como objetos de memóriação, mas dá a eles um valor histórico. Sendo assim, preservar a herança de épocas passadas, é deixá-las como está, sobre o efeito do tempo, como também nós estamos.

As marcas nos monumentos históricos são o seu dialogar e não temos o direito de intervir em algo que pertence aos que construíram e às gerações futuras. É uma perspectiva anti intervencionista (radical) onde restaurar é como ressuscitar um morto (fato que Camillo Boito refletirá de maneira distinta). John Ruskin defendia que o bem imóvel deveria ser preservado, mas não remodelado ou reconstituído, pois isso lhe tiraria a originalidade e o valor de ancianidade<sup>59</sup>. Era um nostálgico do passado e condenava as inserções. Em *A lâmpada da memória*, é emotivo e sensibilizador ao referir-se aos monumentos, os denomina como vencedores do esquecimento.

Além da teoria na qual se dedicava com esmero, era um ativista nas questões morais (consideradas puritanas). Adotava uma linha preservacionista conhecida como *Anti-Scrape Movement*, traduzido no Brasil como Movimento Anti-Restauração, contra à restauração dos monumentos e a favor de sua manutenção.

Ruskin escreveu *As Sete Lâmpadas da Arquitetura* ‘no olho do furacão’, vendo o mundo em que fora criado esboroando-se ‘a sua volta. Sua principal preocupação é a dissolução de valores e princípios – morais e estéticos, e vice-versa, já que ambos são indissociáveis em seu pensamento – nos quais acreditava profundamente, procurando a todo custo preservá-los das transformações em curso. (PINHEIRO, 2008, p.19).

Preocupou-se, inclusive, com os conjuntos urbanos, tendo influência na formação da concepção de cidades históricas. Durante sua vida mobilizou-se para isso, viajando por diversos países da Europa, preocupado com a substituição da Europa pela imagem que o “futuro” revelava (a máquina).

---

<sup>58</sup> A arquitetura como monumento é uma perfeição verdadeira por ser aquela construída para durar, para permanecer. O autor critica o humano que constrói apenas para ele e sua breve vida, a construção torna-se profanada. “(...) essas habitações sem conforto e sem dignidade são os sinais de um grande e crescente espírito de descontentamento popular” (RUSKIN, 2008, p.58). O lar de um homem deveria ser seu templo, local de moradia de Deus. “Quando construirmos, lembremo-nos de que construímos para sempre” (RUSKIN, 2008, p.67)

<sup>59</sup> Termo posteriormente trazido por Alois Riegl(2014)

Viollet-le-Duc(2006), em contrapartida, autorizava a transformação completa de um monumento, dando ao restaurador a possibilidade de uma reinterpretação, conforme exposto na obra *Restauração*<sup>60</sup>. Aprofundou seus estudos em arquitetura medieval concluindo que haviam princípios a serem seguidos no material, na forma, função e estrutura do monumento e que deveriam vigorar também na arquitetura clássica. A partir de 1840 começou efetivamente a trabalhar com restauros, fato que lhe concedeu em curto prazo grande prestígio. Viollet-le-duc:

(...)não se contenta unicamente em fazer uma reconstituição hipotética do estado de origem, mas procura fazer uma reconstituição daquilo que teria sido feito se, quando da construção, detivessem todos os conhecimentos e experiências de sua própria época, ou seja, uma reformulação ideal de um dado projeto. O seu procedimento de caracterizava por, inicialmente, procurar entender profundamente um Sistema, concebendo então um modelo ideal e impondo a seguir, sobre a obra, o esquema idealizado. (KUHL, 2006, p.18).

Por essa forma de conceber o restauro, alterou diversas partes que considerava defeituosas, sem manter qualquer prudência em relação as alterações. Defendia que “restaurar um edifício não é mantê-lo, repara-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento” (VIOLLET-LE-DUC, 2006, p.29). Ao que complementa: “Dissemos que a palavra e o assunto são modernos e, com efeito, nenhuma civilização, nenhum povo, em tempos passados, teve a intenção de fazer restaurações como nós as compreendemos hoje” (VIOLLET-LE-DUC, 2006,p.30). Para ele, a manutenção de um *fac-símile* é perigoso e o seu trabalho é encontrar batidas que o martelo de outrora não foi capaz de dar.

Sua influência estendeu-se para além da França, chegando à Grã-Bretanha. Pela sua personalidade impositiva, não gostava de ser contrariado (KUHL, 2006). Atuava incisivamente sobre os monumentos e as cidades. Para ele, o restaurador deveria ser, também, um construtor hábil com personalidade e conhecimento do monumento.

(...) se for o caso de refazer em estado novo porções do monumento das quais não resta traço algum, seja por necessidades de construção, seja para completar uma obra mutilada, então o arquiteto encarregado de uma restauração deve imbuir-se bem do estilo próprio ao monumento cuja restauração lhe é confiada. (VIOLLET-LE-DUC, 2006, p.53).

Criticava o uso de técnicas antigas em monumentos remanescentes pela prerrogativa de manutenção do caráter original. Acreditava que o restauro deveria acompanhar o avanço técnico e valer-se de suas benesses, de modo que fossem feitas substituições “por materiais melhores e por meios mais eficazes ou mais perfeitos. É necessário que o edifício restaurado tenha no futuro, em consequência da operação à qual foi submetido, uma fruição mais longa do que a já

---

<sup>60</sup> Trechos de publicações no Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle, publicado entre 1854 e 1868.

decorrida” (VIOLLET-LE-DUC, 2006,p.54)<sup>61</sup>. Portanto, o arquiteto encarregado, deveria conhecer a estrutura do monumento, a escola de origem e sua anatomia - enxergar-se como o próprio criador da obra para ler o que não foi feito pela ausência da técnica.

(...) o melhor a fazer é colocar-se no lugar do arquiteto primitivo e supor aquilo que ele faria se, voltando ao mundo, fossem a ele colocados os programas que nos são propostos. Mas compreende-se, então, que é preciso deter todos os recursos que possuíam esses mestres antigos, que é preciso proceder como eles mesmos procediam. (VIOLLET-LE-DUC, 2006, p.65).

O que ele propõe é uma tarefa de imaginar. De acordo com Françoise Choay(2006), ele valorizava os registros fotográficos e a preservação de esculturas frágeis das fachadas, além de que tinha métodos de pesquisa *in situ* e se interessava pelas técnicas utilizadas na indústria da construção. Ao contrário de Ruskin, “tem a nostalgia do futuro e não a do passado”. (CHOAY, 2006, p.158).

Camillo Boito (2008)<sup>62</sup> desponta com uma síntese formidável que retira do inglês antiintervencionista e do francês intervencionista, o que considera o melhor. De Ruskin, reconhece o valor da autenticidade e de Viollet-le-duc a primazia do presente em relação ao passado, o que legitima a existência da restauração. Contudo, para ele, qualquer intervenção só deve ocorrer quando estritamente necessária e depois de já se terem aplicado meios de salvaguarda, como a manutenção.

Sua carreira não foi tão coerente quanto a de Ruskin, tendo atravessado opiniões por vezes contraditórias. Inicialmente foi um adepto a grande parte da teoria de Viollet-le-duc e, posteriormente, desenvolveu críticas construtivas como: “o arbítrio é uma mentira, uma falsificação do antigo, uma armadilha posta aos vindouros” (BOITO, 2008, p.58). Essa não linearidade de seu percurso, contudo, não diminui o valor de sua obra. Entendendo que ambos os autores acima discutidos tinham propostas impiedosas, a seu modo, procurou desenrolar um novo apelo a comunidade artística e científica: que aplicassem aos monumentos conservações periódicas de modo a evitar a restauração, mas que, se de todo modo fosse inevitável, esta deveria ser aplicada para que o dever de preservação da memória não fosse descumprido. Diante da crítica de Ruskin que restaurar é como ressuscitar os mortos, alega que, assim como na

---

<sup>61</sup> Em uma passagem diz o restaurador: “Muitos edifícios somente estão ameaçados de ruir pela fragilidade ou qualidade mediocre dos materiais empregados. Toda pedra a ser retirada deve, pois, ser substituída por uma pedra de qualidade superior. Todo Sistema de grampus deve ser substituído por uma amarração continua posta no lugar cupado por esses grampus (...). A natureza dos materiais, a qualidade das argamassas, o solo, o Sistema geral da estrutura por pontos de apoio verticias ou por uniões horizontais, o peso e a maior ou menor concreção das abóbadas, a maior ou menor elasticidade da alvenaria, constituem temperamentos diferentes” (VIOLLET-LE-DUC, 2006,p.55). Mais adiante, de maneira enérgica ele diz: “Que um arquiteto se recuse a fazer com que tubos de gás passem dentro de uma igreja a fim de evitar mutilações e acidentes é compreensível(...) mas que ele não consinta na instalação de um calorífero, por exemplo, sobre o pretexto de que a Idade Média não havia adotado esse sistema de aquecimento de edificios (...) isso cai no ridículo” (VIOLLET-LE-DUC, 2006,p.66).

<sup>62</sup> Publicação original de 1884 sob o título: I Restauratori: Conferenza tenuta all'Esposizione di Torino

medicina, a cirurgia é um mal necessário, e questiona: “preferiria ver morrer o parente ou o amigo a fazer com que perdessem um dedo ou usassem uma perna de pau?” (BOITO, 2008, p.25).

As intervenções devem ser datadas e não se camuflar ou esconder-se, ao contrário, também são testemunhos, por isso, o arquiteto responsável deve usar técnicas e *savoir-faire* de sua época e não da de origem do fragmento. Classifica três tipos de restauração: arqueológica, pictórica e arquitetônica. Diferencia conservação de restauração e adverte:

Mas aqui não se discorre sobre conservação, que alias é obrigação de todo governo civil, de toda província, de toda comuna, de toda sociedade, de todo homem não ignorante e não vil, providenciar que as velhas e belas obras do engenho humano sejam longamente conservadas para a admiração do mundo. (BOITO, 2008, p.37).

Ele retoma a importância dos valores artísticos e históricos na obra como fatores dialéticos e define dois postulados: “É necessário fazer o impossível, é necessário fazer milagres para conservar no monumento o seu velho aspecto artístico e pitoresco” (BOITO, 2008, p.60) e “É necessário que os complementos, se indispensáveis, e as adições, se não podem ser evitadas, demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje” (BOITO, 2008, p.61).

Além dos três nomes já citados, outras teorias da restauração despontaram, aproximando-se cada vez mais do ser que vive. Um apelo na atual sociedade. Segundo Vanessa Bello (2014, p.61), Cesare Brandi: “funda o então chamado restauro crítico, considerando concomitantemente os aspectos materiais, formais e documentais da obra e cada intervenção como um caso específico”. A obra ganha individualidade, e o restauro abandona características homogêneas e generalizadoras. Vale ressaltar que, se na Europa as técnicas estiveram fiéis aos princípios de *Viollet-le-Duc* apenas até 1960, no Brasil ele ainda está presente em muitos dos casos de restauro. A Igreja das Mercês em Sabará é um exemplo disso, visto que possui uma característica bem distinta do original. A Igreja do Ó, sofreu intervenções mutiladoras em prol da modernização da igreja, tendo perdido afrescos inteiros.

Brandi(2004) no livro *Teoria da Restauração*<sup>63</sup>, explica que de forma redutivista, a restauração tem sido concebida como um meio de dar eficiência a um objeto da atividade humana, mas adverte que isso é válido quando se trata de produtos(industriais) e não de obras de artes e monumentos, pois para estes, a funcionalidade é um fator secundário (o primário é aquele que consiste no valor de obra de arte e no valor histórico). O objeto como obra de arte:

assim o é pelo fato de um singular reconhecimento que vem à consciência(...) pode ser classificado, de modo genérico, entre os produtos da atividade humana, até que o reconhecimento que a consciência faz dele como obra de arte, excetuando-o, definitivamente, do comum dos outros produtos. (BRANDI, 2004, p.27).

<sup>63</sup> O título original da obra é *Teoria del Restauro* e foi publicado em 1963

Deixa de ser comum quando se torna um produto da espiritualidade humana. Martin Heidegger (1975) em *A origem da obra de arte*, reflete sobre a essência desta. Entende que, para conceber a obra em si mesma, seria preciso retirar dela todas as relações com aquilo que é outro em relação a ela, de modo que repouse em si mesma. Todavia, é próprio da obra estar em relações, ou seja, existir relativamente. O caráter-de-obra da obra consiste no seu ser-criada pelo artista. Portanto, não há como encontrar o puro ser-obra da obra por ela mesma, mas sim pela origem – pelo artista.

A instituição da verdade na obra é a produção de um tal ente que não era antes e não voltará a passar a ser depois. A produção instala de tal maneira este ente no aberto que o que se intenta produzir clareia originalmente a abertura do aberto em que ressaí. Onde a produção traz expressamente a abertura do ente, a verdade, aí o produzido é uma obra. (HEIDEGGER, 1975, p.50).

A criação da obra aparenta estar ligada ao agir da manufatura, mas na verdade está sempre no usar da terra para fixação da forma.

Brandi(2004) defende que o comportamento em relação a obra de arte deve ser de reconhecê-la como tal, e que a intervenção, qualquer que seja, precisa considerar esse juízo dado pelo indivíduo à *artisticidade*. A obra de arte é que deve condicionar a restauração pelo reconhecimento da bipolaridade já preconizada por Camillo Boito: a instância estética (obra de arte como obra de arte) e a instância histórica (produzida em um determinado espaço-tempo). A esfera da utilidade não se dá isoladamente, mas em relação as duas anteriores. Portanto, para ele: “a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (BRANDI, 2004, p.30). A consistência física é a matéria, sua existência enquanto fragmento – a permanência do evento, que se nos apresenta enquanto imagem: a epifania da matéria, que se dá para a consciência do indivíduo.

A polaridade estética é a mais proeminente posto que se retirado do objeto sua artisticidade, sobraré apenas um resíduo; enquanto a polaridade histórica divide-se em dois caracteres: um primeiro advindo de sua criação e do tempo do artista, como propôs Heidegger; e um segundo referente a sua existência no presente, no espaço-tempo dos eventos. Essas duas instâncias históricas compõem a *dialética da restauração* a que se submeteu Ruskin, Viollet-le-duc, Boito e outros, e que Brandi sintetizou: “a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 2004, p.33).

Na dialética da restauração da obra de arte, o tempo se apresenta sobre um aspecto fenomenológico em três momentos:

1. Como duração enquanto é criada pelo artista;
2. Como intervalo entre o fim da criação e o momento da apreensão na consciência do observador/experenciador;
3. Como instante da obra de arte na consciência (atitude natural no mundo da vida)

A obra pode ou não remeter ao espaço-tempo que vivia o artista, sua validade não estará ameaçada por causa disso. É no instante da consciência, o presente da vivência, que reside o tempo legítimo a ser considerado pelo restauro. Para os que acreditavam que o restauro habitava o primeiro tempo, desenvolveu-se uma restauração fantasiosa, como o fez Viollet-le-Duc. Na segunda expressão temporal, desenvolveu-se o restauro de repristinação e, por fim, na terceira, o modelo ideal de restauração: o presente da consciência da obra que está no átimo e, ao mesmo tempo, na história.

A ação de restauro, ademais, e pela mesma exigência que impõe o respeito da complexa historicidade que compete à obra de arte, não se deverá colocar como secreta e quase fora do tempo, mas deverá ser pontuada como evento histórico tal como o é, pelo fato de ser ato humano e de se inserir no processo de transmissão da obra de arte para o futuro (BRANDI, 2004, p.61)

O autor define três princípios para o restauro: 1) a integração de novas estruturas deve ser irreconhecível a distância, mas perceptível em uma visão aproximada; 2) a matéria só deve ser substituída para melhorar a visibilidade da imagem como aspecto e, 3) as intervenções atuais devem facilitar possíveis intervenções futuras. Todo caso de restauração deverá ser analisado individualmente e “como a obra de arte se apresenta com a bipolaridade da historicidade e da esteticidade, a conservação e a remoção não poderão ser feitas nem a despeito de uma, nem no desconhecimento da outra” (BRANDI, 2004, p.71). Nesse sentido, a restauração deve atender a ambas, mas com foco no principal valor identificado no fragmento (quando de sua análise individual)

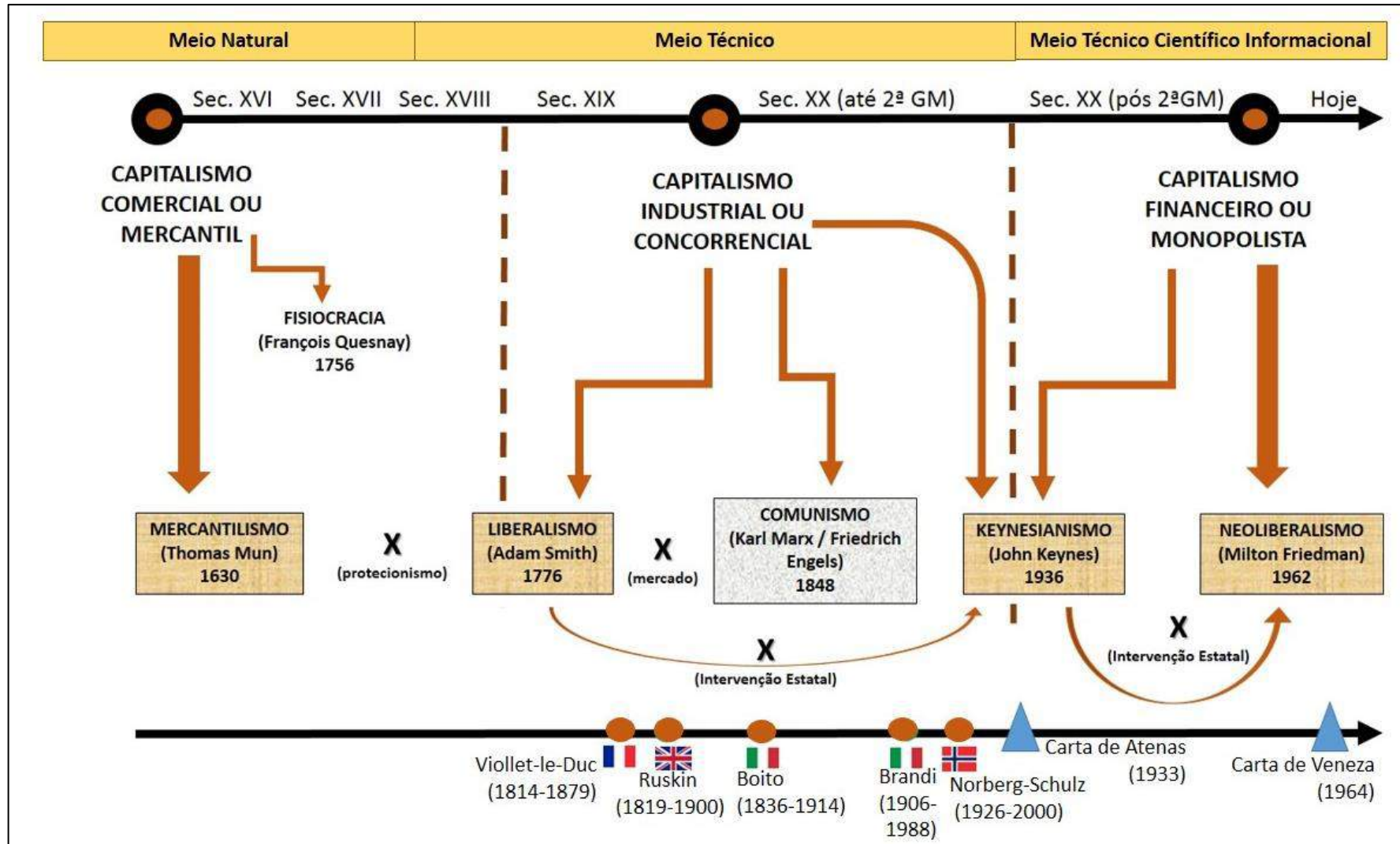
Na figura a seguir, os cinco teóricos agora discutidos foram posicionados dentro do contexto técnico em que estavam inseridos, que exerceu intensa influência na mudança do conceito de monumento e nas transformações sofridas nas teorias da restauração. Para tanto, selecionamos alguns dos principais pensadores ligados à economia que, além de explicar a sociedade, buscaram teorizar transformações. As datas elencadas para os economistas referem-se à publicação de alguma obra de grande circulação, conforme listado abaixo e de modo a facilitar na organização temporal. Os arquitetos/restauradores, por conseguinte, foram posicionados a partir da data de nascimento, embora também tenhamos destacado o ano de falecimento.

- **Thomas Mun** → Tesouros da Inglaterra pelo Comércio Exterior – 1630
- **François Quesnay** → Rendeiros – 1756

- **Adam Smith** → A Riqueza das Nações – 1776
- **Marx e Engels** → O Manifesto Comunista – 1848
- **John Keyne** → Teoria Geral do Emprego -1936
- **Milton Friedman** → Capitalismo e Liberdade - 1962

Consideramos como marcos temporais as três etapas do capitalismo: 1) Capitalismo Comercial ou Mercantil, 2) Capitalismo Industrial ou Concorrencial e 3) Capitalismo Financeiro ou Monopolista. Além disso, posicionamos diante dos três meios expressos por Milton Santos (2004): Meio Natural, Meio Técnico e Meio Técnico-científico-informacional. Entre os modelos econômicos elucidou-se a contradição que tornava distintas, ou mesmo contrárias, as teorias. Entre o Mercantilismo e o Liberalismo, a diminuição das barreiras protecionistas por parte do segundo, era o principal fator de ambivalência. Entre o Liberalismo e o Comunismo a lógica de mercado é o pivô da antinomia, enquanto entre aquele e o Keynesianismo a questão da intervenção estatal na economia é a antítese básica. Ruskin teve grande influência comunista em sua crítica ao novo modelo que se desenvolvia, lutava, inclusive, para que suas cartas não fossem transportadas por ferrovias, pela rejeição ao avanço técnico. Por fim, há o desacordo entre o modelo Keynesiano e o Neoliberalismo, por causa de novos questionamentos sobre o papel do Estado na economia.

Quadro 6 - Teorias da restauração a luz da técnica



Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.



O modelo neoliberal, que compõe o atual meio técnico científico informacional, inseriu o patrimônio na era da indústria cultural, transformando significativamente os valores (CHOAY, 2006). Promoveu-se um *frénésie* ou uma corrida patrimonial indutora de ações que produzem e ao mesmo tempo mutilam os bens, ressignificando fragmentos patrimoniais urbanos, de acordo com interesses submetidos para além do local (COSTA, 2015).












### **6.3 BENS TOMBADOS DE SABARÁ: “PATRIMÔNIO É UMA COISA ASSIM MUITO ANTIGA, MUITO RUSTICA”**

*A cidade se espreguiça  
 Nas cores do casario  
 Que vive a pular carniça  
 Nas rampas de beira-rio.  
 E é doce vê-la sorrindo  
 Aos anjos do Aleijadinho  
 Que na portada do Carmo  
 Com bochechas inchadas  
 Assopram, de tanto frio.  
 Há paz na velha cidade  
 Uma paz de fazer longe...  
 A não ser na identidade (...)  
 O viajante que passa  
 Itinerante por lá  
 Não se espante se, na aurora  
 Ou à luz crepuscular  
 Vir o vulto iluminado  
 De um belo arcanjo pousado  
 Guardando a casa onde mora  
 A santa de Sabará.  
 (Vinicius de Moraes)*

Diante dos objetivos que nos propomos na tese, focamos nos bens materiais. Sabará possui alguns monumentos históricos tombados que estão em distintos níveis de degradação e uso. Salientaremos os tombamentos oriundos do IPHAN e do IEPHA, embora não deixemos de citar as atuações da Gerência do Patrimônio Cultural e Natural, assim como do conselho consultivo municipal. O quadro a seguir lista todos os bens tombados pelo IPHAN e IEPHA. Os bens foram organizados de acordo com o instituto responsável pelo tombamento e por zonas, estabelecidas na tese após a especialização.

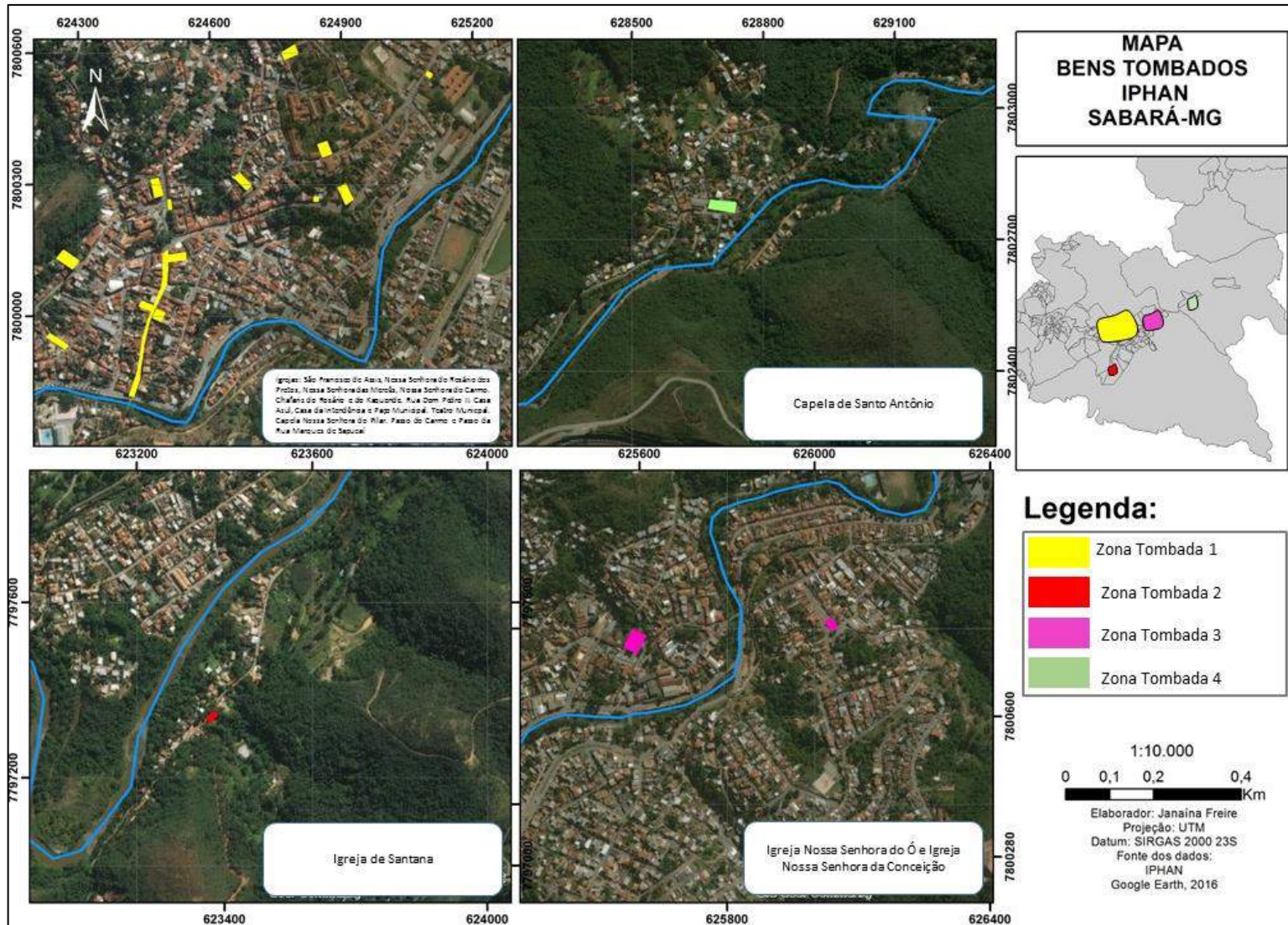
Quadro 7 - Bens tombados IPHAN e IEPHA

					
BEM TOMBADO	LIVRO	LOCALIZAÇÃO	DATA DA CONSTRUÇÃO	DATA DO TOMBAMENTO	FOTOGRAFIA
<b>ZONA 1</b>					
Casa Azul	Livro Histórico	Distrito Sede	Séc XVII	10/03/1965	
Casa da Intendencia Museu do Ouro	Livro das Belas Artes Livro Histórico	Distrito Sede	1730	28/06/1950	
Chafariz do Kaquende	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1757	07/02/1950	
Chafariz do Rosário	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1752	07/02/1950	
Capela de Nossa Senhora do Pilar	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1760	09/05/1950	
Igreja de Nossa Senhora das Mercês	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	Séc XVIII	13/06/1968	
Igreja de Nossa Senhora do Carmo	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1760	13/06/1968	
Igreja de Nossa Senhora do Rosário	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1757	13/06/1968	
Igreja de São Francisco de Assis	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1772	13/06/1968	
Paço Municipal	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1773	07/02/1950	
Passo da Rua Marques de Sapucaí	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	desconhecido	09/05/1950	
Passo do Carmo	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	desconhecido	09/05/1950	

Conjunto arquitetônico e urbanístico Rua Dom Pedro II	Livro Histórico Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Distrito Sede	Séc XVIII	27/01/1965	
Teatro Municipal	Livro Histórico	Distrito Sede	Séc XIX	02/01/1963	
<b>ZONA 2</b>					
Igreja de Santana	Livro das Belas Artes	Arraial Velho	1747	09/05/1950	
<b>ZONA 3</b>					
Igreja de Nossa Senhora do Ó	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1717	13/06/1968	
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	Livro das Belas Artes	Distrito Sede	1700	13/06/1968	
<b>ZONA 4</b>					
Capela de Santo Antônio do Pompéu	Livro das Belas Artes	Regional de Pompéu	Meados de 1720	08/09/1958	
					
BEM TOMBADO	CATEGORIA IPAC	LOCALIZAÇÃO	DATA DA CONSTRUÇÃO	DATA DO TOMBAMENTO	FOTOGRAFIA
<b>ZONA 1</b>					
Conjunto Arquitetônico e paisagístico da Vila Elisa	Conjunto Arquitetônico	Distrito de Carvalho de Brito	Séc XIX/ XX	26/10/2004	
<b>ZONA 2</b>					
Capela de Nossa Senhora do Rosário	Igrejas e Capelas	Distrito de Mestre Caetano	Séc XVIII	16/10/1978	
Capela de Santa Efigênia	Igrejas e Capelas	Distrito de Mestre Caetano	Séc XVIII	16/10/1978	
<b>ZONA 3</b>					
Conjunto Arquitetônico e paisagístico da Igreja de Nossa Senhora da Lapa	Igrejas e Capelas	Distrito de Ravena	Séc XVIII	02/06/1977	

Fonte: IPHAN e IEPHA/ Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Os principais bens barrocos de Sabará foram tombados pelo IPHAN, embora haja algumas exceções. Três das zonas tombadas pelo instituto federal estão no distrito Sede e uma no distrito Mestre Caetano, no Pompéu. Ravena e Carvalho de Brito foram desconsiderados pelo IPHAN. Em compensação, o IEPHA não tem nenhum bem tombado na Sede. O tombamento municipal abarca edificações que não foram salvaguardadas pelos anteriores, principalmente residências. Concentra-se em absoluto no distrito Sede, mas também abarca Ravena.



**Figura 106 - Mapa de bens tombados pelo IPHAN**

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.

A primeira zona tombada pelo IPHAN, conforme mapa, refere-se ao centro histórico e arredores, localizado na Sede. Além de bens individuais, também foi tombado o conjunto arquitetônico e urbanístico da Rua Dom Pedro II. Ligada ao centro histórico, não está inserida na Zona 1 a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que foi agrupada com a Igreja Nossa Senhora do Ó, na zona 3. Essa primeira zona tem três igrejas de grande porte: São Francisco de Assis, das Mercês e Nossa Senhora do Carmo. A terceira já foi matriz e comportou a terceira ordem do Carmo de Minas Gerais, e estima-se que seja a mais antiga ainda edificada. Além disso, na praça Melo Viana, se encontra a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, uma ruína nunca finalizada, mantida como marco. A irmandade do Rosário foi fundada em 1713, quando ergueu-se uma pequena capela que ainda existe no interior da ruína. Estima-se que as obras da grande igreja começaram em 1767, mas os problemas financeiros embargaram a atividade por diversos momentos. A abolição da escravatura veio a romper qualquer tentativa de término. Por isso, a nave da igreja é metade finalizada e metade inacabada. Durante o tempo da pesquisa da tese, sempre que conversávamos com turistas, esse era o monumento que causava maior encantamento. Essa igreja talvez seja o elemento de maior singularidade do barroco da cidade em relação a outras cidades mineiras, pois além de preservar um valor de ancianidade, está localizada em uma região central. GTV, morador de General Carneiro, conta quando a conheceu pela primeira vez: “eu me senti como se tivesse na Europa sabe, vendo aquelas coisas antigas”.

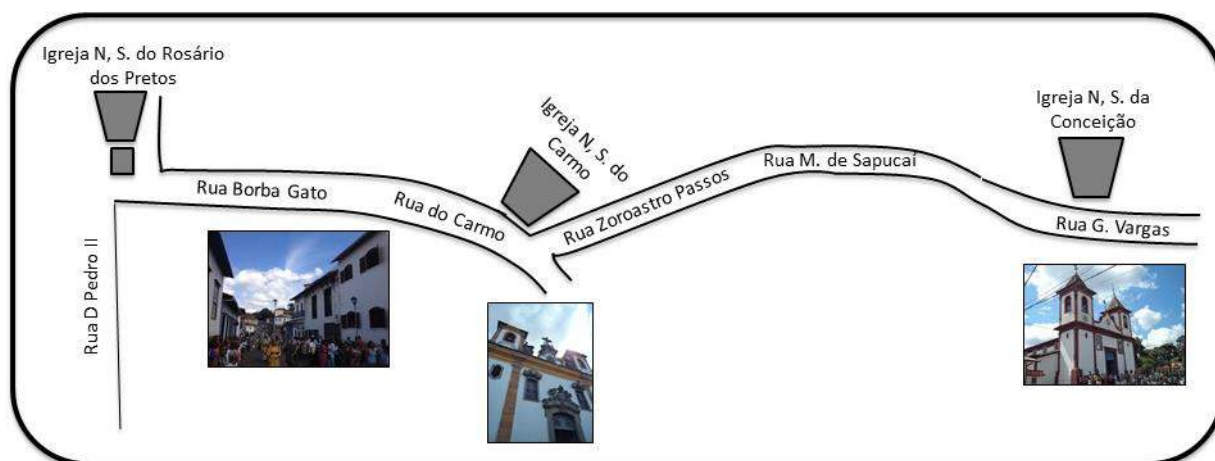
Há monumentos que valem por uma consagração: - as paredes inacabadas da obra monumental que os sabarenses de antanho começaram a construir no Largo do Rosário, e que hoje fazem os viandantes se deter em muda contemplação de pasmo e admiração, fazendo acudir de tropel a sua imaginação, os heróis de tão empolgante empreendimento, são argumentos irrespondíveis da indomável força do querer, do alevantado espírito de fé e da grandeza de sentimentos dos que nos antecederam! (PASSOS, 1942, p.285).



**Figura 107 – Composição fotográfica - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos**

Fonte: Janaína M.Freire. G. Felipe.

É da igreja do Rosário que partem todas as procissões em feriados católicos. Passam pela Nossa Senhora do Carmo e finalizam na matriz Nossa Senhora da Conceição. Até a primeira parada a composição paisagística de casas estilo colonial é mantida (rua Borba Gato e do Carmo), mas depois eclética-se com construções mais modernas, embora mais perto da rua Getúlio Vargas estejam as áreas de ocupações mais antigas.



**Figura 108 – Croqui travessia das procissões**

Fonte: Janaína M. Freire. G. Felipe.

Além da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, também havia outras irmandades dos pretos e de pardos nos tempos de Comarca: Nossa Senhora das Mercês e São Francisco de Assis. A primeira foi construída nos inícios do século XVIII, enquanto a segunda tem registro que data de 1761, a partir da fundação da não existente mais Capela da Senhora Rainha dos Anjos.

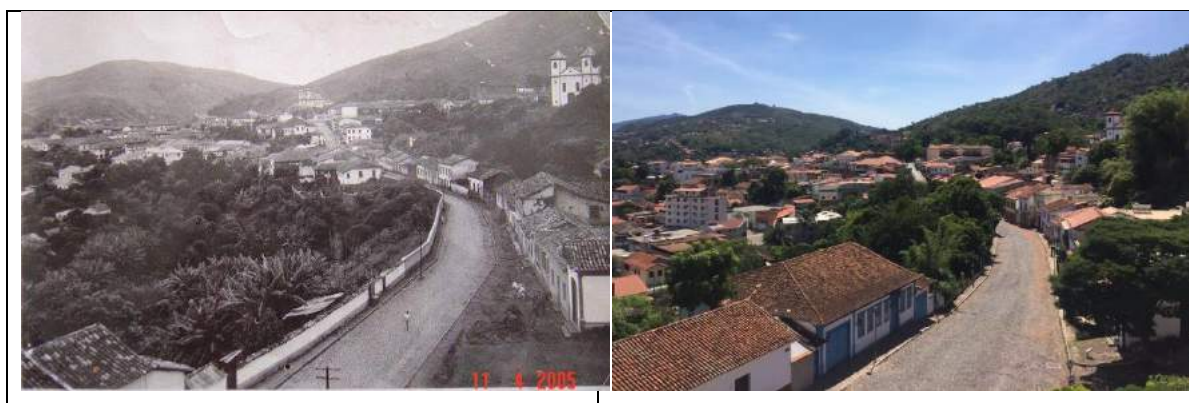
Os pretos e os pardos, filhos de português com negras, eram em número considerável, a ponto de se reunirem em duas irmandades cada grupo: Rosário e Mercês, pretos; Amparo e São Francisco, pardos; ao passo que só em 1763, repito, os brancos começaram a erigir a sua irmandade, a do Carmo, com a sua ordem terceira (PASSOS, 1942, p.325)

Essas irmandades de pretos e pardos serviam como uma forma de subordinação dos escravos, pois os preceitos religiosos eram como um “freio social”, além disso, os cargos de comando só eram ocupados por brancos e assim “tinha o português organizado uma falsa democracia” (PASSOS, 1942, p.326). Pelas figuras a seguir, é possível notar que as duas igrejas têm características distintas. Inserimos também duas fotos da mesma paisagem que abarca as duas, uma do início do século passado e outra dos dias atuais. É possível perceber o avanço da ocupação entre elas.



**Figuras 109 e 110 - Fotos Igreja de São Francisco e Igreja das Mercês**

Fonte: Fotos da autora.



**Figura 111 – Composição fotográfica paisagem entre Igreja de São Francisco e Igreja das Mercês**

Fonte: Arquivo público mineiro e fotos da autora.

Vale ressaltar que muitas igrejas e capelas foram destruídas, inclusive a Igreja Grande, que dava nome ao arraial, donde se acredita terem surgido os primeiros povoados, por baianos. “Neste ‘arraial’ com sua ‘igreja’, de que tenho notícia até 1760, eu vejo a célula mãe da terra mineira” (PASSOS, 1942, p.158). Não apenas os povoados de Sabará se iniciaram dali, mas de toda Minas Gerais. A figura a seguir é uma representação da antiga igreja Grande e seu arraial. Próximo ao Rio Sabará, o arraial da Igreja Grande teve grande proeminência, mas a escassez de registros contribuiu para a manutenção do discurso colonizador paulista como o originário, elevando Borba Gato como o grande povoador. Nesta zona hoje está erguida a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.





**Figura 112 - Imagem do arraial da Igreja Grande**

Fonte: PASSOS (1942).

Na década de sessenta dos setecentos, os irmãos do Carmo se emanciparam da Vila Rica, edificando a igreja que ainda permanece, e, por isso, estima-se como a mais antiga de pé. Esta foi a edificação que sofreu menos transformações e abarca diversos trabalhos de Aleijadinho, que residiu na cidade por alguns anos para realização desse trabalho.

Ainda na Zona 1 encontram-se dois passos, dois chafarizes e algumas residências, a maioria delas na rua Dom Pedro II. Os passos não costumam abrir nem em períodos festivos e apenas o chafariz do Kaquende ainda funciona. É possível visitar a nascente da água no alto do monte e sua estrutura é realmente muito bonita. A todo instante os moradores chegam com garrafas para coletar água. Na verdade, vê-lo vazio é realmente uma raridade. Do chafariz do Rosário restou apenas a fachada que, após o tombamento, não pôde ser suprimida pelas residências que avançaram sobre ele.



**Figura 113 – Composição fotográfica – Chafariz do Kaquende**

Fonte: Fotos da autora.

Assim como a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o chafariz do Kaquende é um importante representante do patrimônio sabarense principalmente por seu valor de uso, como presença constante no cotidiano dos moradores da Sede. No caso da Igreja do Rosário, não é tanto o santuário que tem grande usabilidade, mas sim a praça Melo Viana, situada a sua frente, e onde diversos bancos recebem moradores de todas as idades diariamente, que convivem sob a paisagem da ruína.

Das residências, duas tornaram-se órgãos governamentais, inclusive sede da Prefeitura. Todavia, é importante destacar o Teatro Municipal e a Casa do Intendente. O primeiro era a antiga Casa de Opera e trata-se de uma construção mais recente, estimada do início do século XIX. Ainda acontecem apresentações no local, embora não com tanta frequência. O segundo tornou-se o atual Museu do Ouro, único no estado. Eduardo Yázigi (2003) reflete sobre a patrimonialização da técnica. Não apenas um monumento, mas também um documento, uma floresta e até um saber técnico precisam da eternização. O museu relaciona com o que Choay(2006) explica sobre relação do homem com os objetos ter se tornado mais de produto final do que de processo. Nesse sentido, a eternização de um processo é uma forma de perpetuar um saber fazer que já não vigora.

O modo de extração do ouro em aluviões e filões, assim como outros modelos posteriores, foram tão marcantes na história de Minas Gerais e do Brasil, que mereceram a musealização (ainda que o ouro retirado de Sabará na atualidade seja de minas profundíssimas e com técnicas completamente distintas). O museu é gerido pelo IBRAM.

Por fim, na zona 1, é importante frisar a presença da Capela Nossa Senhora do Pilar, situada bem próxima a Santa Casa e ao museu do Ouro. Ela foi erguida em 1712 junto com o Hospício que antes existia (PASSOS, 1942).

Para melhor analisar os bens tombados e sua relação com a comunidade, estabelecemos quatro critérios de observação principais:

1. Acesso ao imóvel por meio de vias pavimentadas
2. Placas de sinalização no caminho ao imóvel
3. Referência do imóvel no mapa turístico principal da cidade (entregue no centro de apoio ao turista)

























**Figura 114 - Mapa turístico de Sabará**

Fonte: Prefeitura de Sabará.

4. Acesso permitido para moradores e turistas. Consideramos aqui todos os imóveis que podem ser visitados, ainda que haja uma agenda específica. Por exemplo, apenas a Igreja Nossa Senhora do Ó abre as segundas feiras, todas as outras igrejas, assim como o Museu do Ouro e o Teatro não abrem, mas isso não significa que tenham acesso negado.

Após todas as visitas constituímos oito tipologias que combinam esses quatro elementos e espacializamos por zona de tombamento do IPHAN e IEPHA, conforme tabela a seguir.

Tabela 5 - Tipologias de acesso a bens tombados

<b>TIPO 1</b>	Imóvel com acesso pavimentado, placas de sinalização, referência nos mapas turísticos da cidade e acesso permitido	   					
<b>TIPO 2</b>	Imóvel com acesso pavimentado, placas de sinalização, referência nos mapas turísticos da cidade e acesso negado	  					
<b>TIPO 3</b>	Imóvel com acesso pavimentado, com pouca ou nenhuma sinalização, com referência em mapas turísticos e acesso permitido	  					
<b>TIPO 4</b>	Imóvel com acesso pavimentado, com pouca ou nenhuma sinalização, com referência em mapas turísticos e acesso negado	 					
<b>TIPO 5</b>	Imóvel com acesso pouco pavimentado ou sem pavimentação, com pouca ou nenhuma sinalização, com referência em mapas turísticos e acesso permitido	 					
<b>TIPO 6</b>	Imóvel com acesso pouco pavimentado ou sem pavimentação, com pouca ou nenhuma sinalização, com referência em mapas turísticos e acesso negado						
<b>TIPO 7</b>	Imóvel com acesso pavimentado, com pouca ou nenhuma sinalização, sem referência nos mapas turísticos e acesso permitido	 					
<b>TIPO 8</b>	Imóvel com acesso pavimentado, com pouca ou nenhuma sinalização, sem referência nos mapas turísticos e acesso negado						
<b>LEGENDA:</b>							
	Com Pavimentação		Com Sinalização		Com Referência nos Mapas Turísticos		Com acesso permitido

Organização: Janaína M Freire G Felipe.

Na zona 1 os imóveis foram classificados em cinco tipos diferentes. Quatro dos imóveis dessa área tem acesso negado: Passo do Carmo, Passo da Marquês de Sapucaí, Capela Nossa Senhora do Pilar e o Chafariz do Rosário, que classificamos assim por não funcionar mais. Todos os outros imóveis são acessíveis, contudo, os imóveis localizados na rua Dom Pedro II não são bem sinalizados.

A zona 2 é composta pela Igreja de Santana, no Arraial Velho. O acesso não é fácil e tem pouca sinalização. Parte do caminho ainda não é asfaltado e a via é bem estreita. A Igreja já não realiza tantas atividades religiosas e a chave fica com uma moradora próxima, portanto, para adentrar é preciso encontra-la na residência. O Arraial Velho combina casas medianas com chácaras e tem uma população pouquíssimo articulada. Os casamentos e batismos que costumavam acontecer, atualmente são raríssimos. Ela foi classificada como tipo 5 pela escassez de sinalização e pavimentação no trajeto.

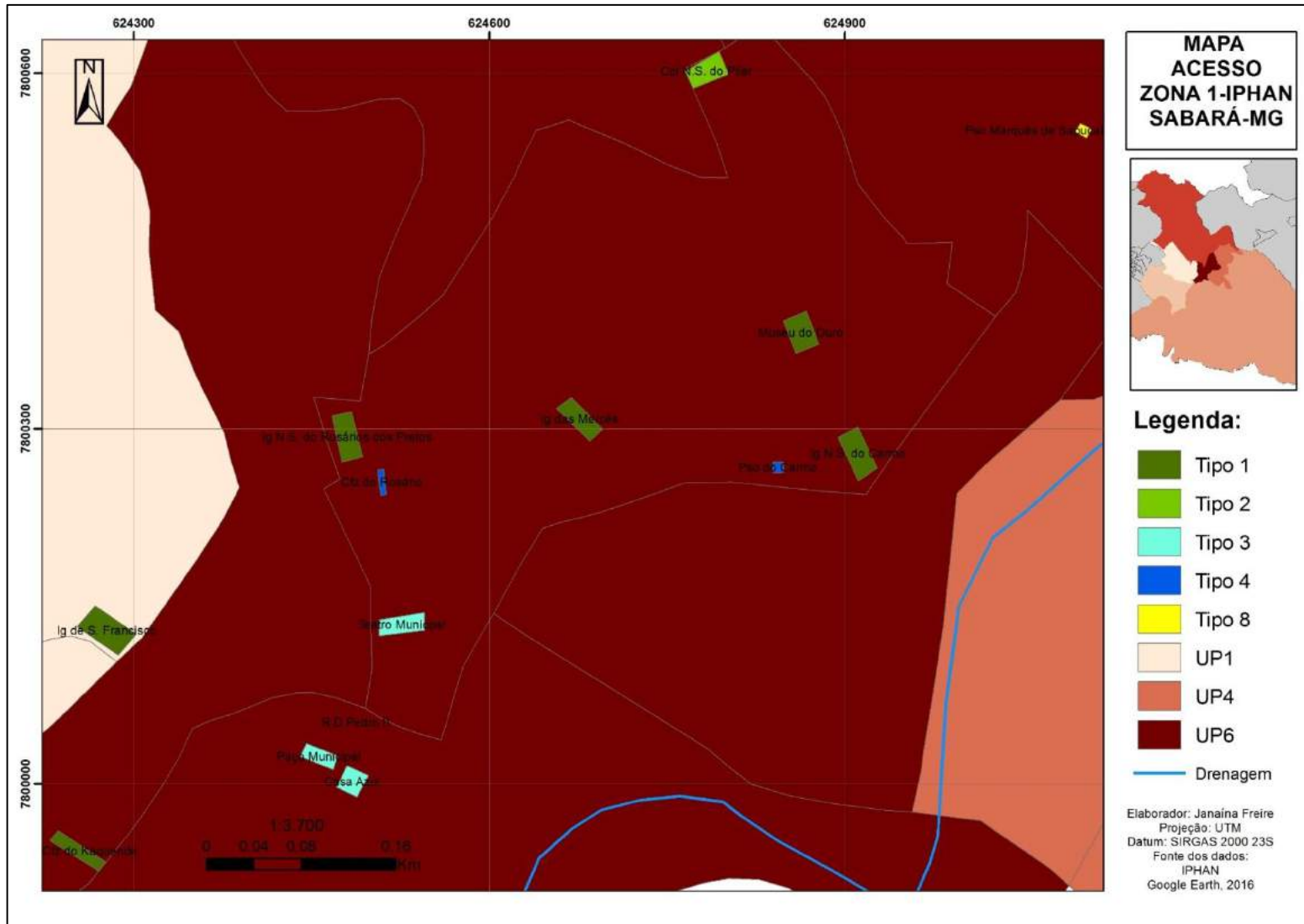


Figura 115 - Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IPHAN

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.

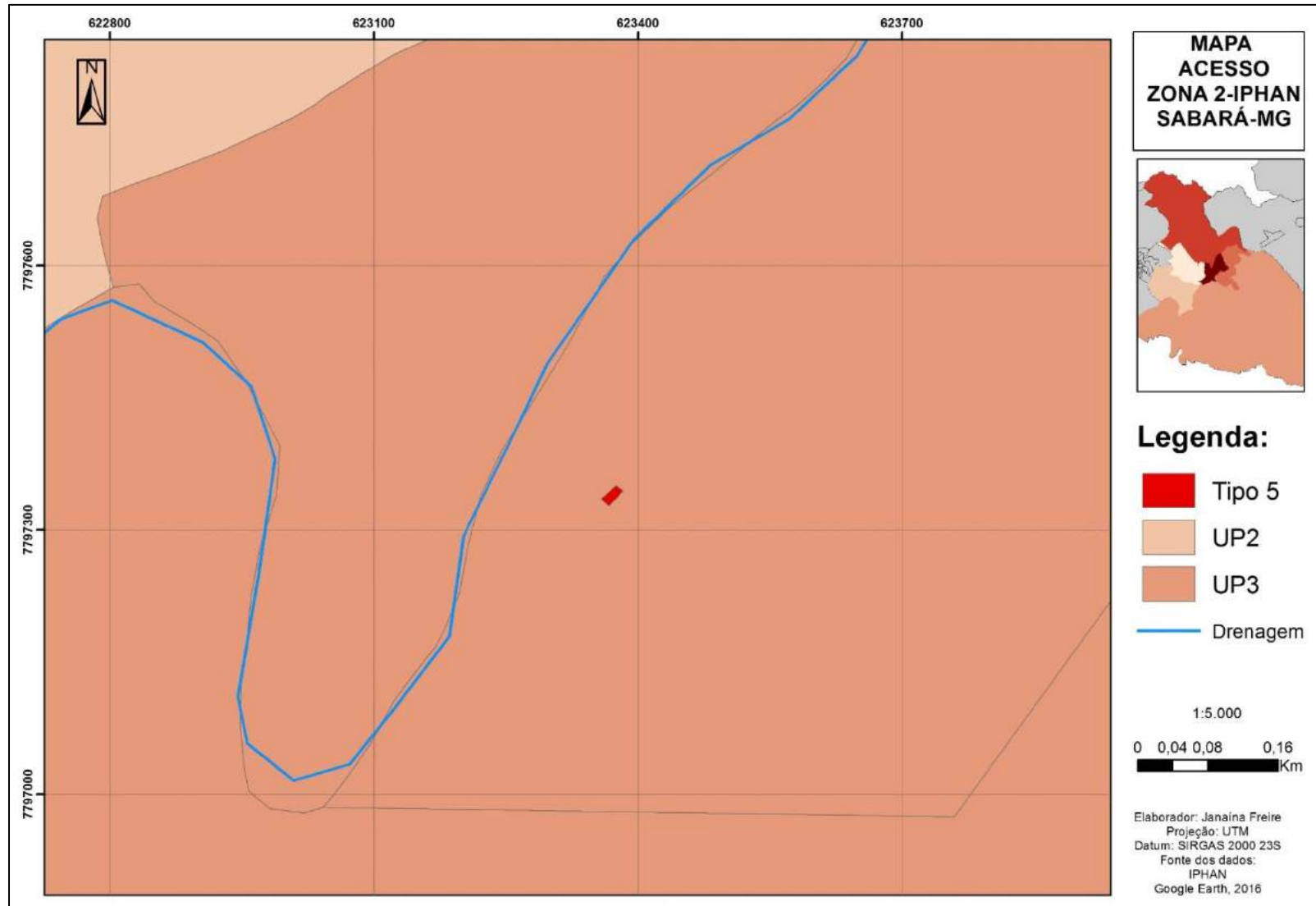


Figura 116 - Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IPHAN

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.

A zona 3 reúne a matriz de Nossa Senhora da Conceição e a Igreja Nossa Senhora do Ó, a primeira é a padroeira da cidade e a segunda, o monumento histórico símbolo de Sabará. Essa área é a mais antiga ocupada, embora atualmente pareça mais nova. Com exceção de algumas casas e as igrejas, pouca coisa remete ao Brasil Colonial.



**Figura 117 – Composição fotográfica - Igreja Nossa Senhora da Conceição e arredores**

Fonte: Arquivo publico Mineiro e foto da autora.



**Figuras 118 e 119 – Fotos casas próximas a Igreja Nossa Senhora da Conceição**

Fonte: Fotos da autora.

Dos arraiais que tinham em volta da Igreja Grande já destruída, apenas uma igreja permanece. “Foi num ambiente de grande afazer que se erigiu, em 1717, a capela de Nossa Senhora da Expectação, Nossa Senhora do Ó, assim chamada porque as antífonas que se cantam nas vigílias das vésperas de Natal começam todas por Ó (PASSOS, 1942, p.152). A igreja do Ó é o terceiro monumento que acreditamos representar, com mais fieldade, a singularidade patrimonial de Sabará. No seu interior, as telas e os afrescos remetem ao oriente e por isso

estima-se que foram encomendadas de Macau. Não há registros gráficos de antes de sua modificação, quando ainda não tinha a torre, contudo, é nesta morfologia de agora que ela conquistou o posto de especialíssima. No seu interior algumas alterações abusivas também foram realizadas, acabando com trechos inteiros de afrescos. Ela tem estado a cada ano um pouco mais inclinada e há uma grande preocupação da população de que não resista ao tempo. Dona BA, vizinha da Igreja, quando perguntada sobre o que Sabará lhe diria se pudesse falar, respondeu:

Se Sabará falasse...me diria pra eu cuidar da Senhora do ó, toda restaurada pra que a comunidade cresça e vou abrir um lugar pra juventude participar e crescer. Se a igreja é nossa comunidade, é nosso ponto histórico, ela falaria que vou cuidar da sua igreja. (BA).

Fica claro na fala dela como a Igreja é de Sabará, como representa a cidade. A figura abaixo mostra a Igreja do Ó antes da urbanização gerada pela chegada da Belgo Mineira e nos dias atuais







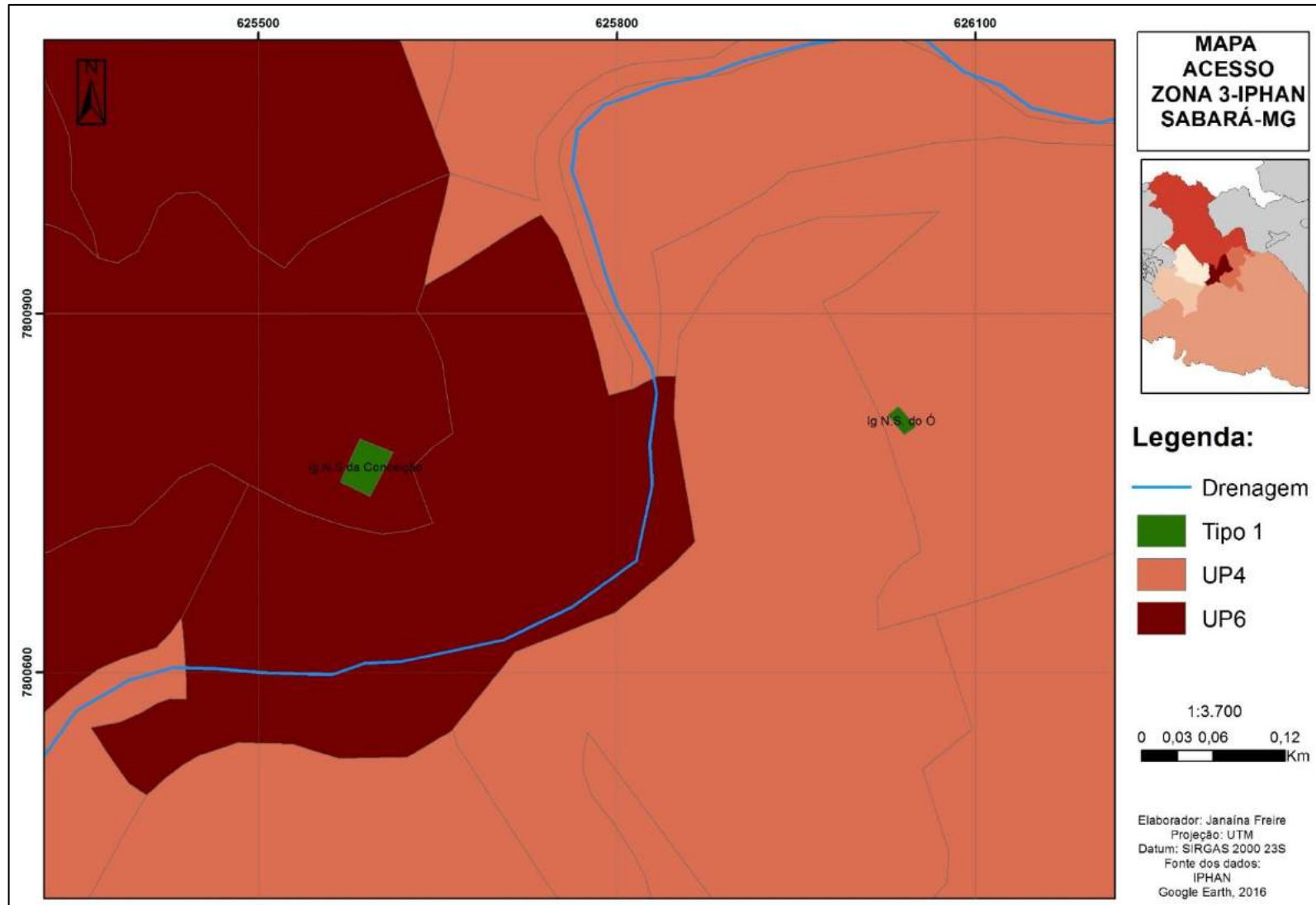
**Figura 120 – Composição fotográfica - Igreja Nossa Senhora do Ó**

Fonte: Arquivo público Mineiro e foto da autora.

Os dois imóveis foram classificados como tipo 1 por serem bem sinalizados, tanto nas vias quanto nos mapas turísticos, além de terem acesso pavimentado e entrada permitida. Todavia, o acesso a Igreja do Ó é bem estreito, pois adentra no bairro Siderúrgica que cresceu muito por conta da Belgo Mineira.

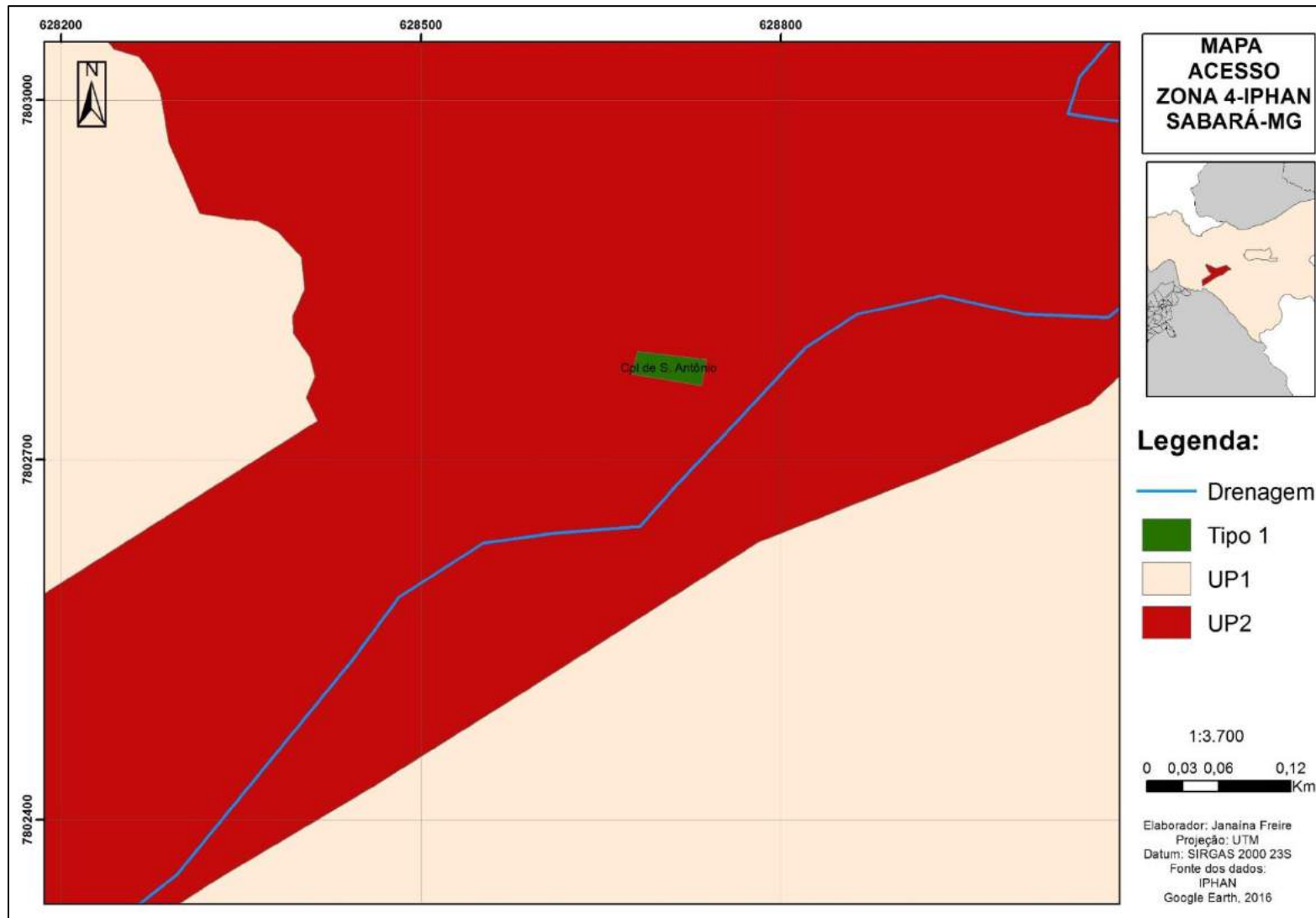
A zona 4 situa-se fora dos limites da Sede, no bairro Pompéu. A Capela de Santo Antônio é pequena, mas muito presente no cotidiano dos moradores. Em seu interior, apenas a capela-mor é adornada, com características semelhantes a Igreja do Ó, embora com menos riqueza de detalhes. Foi classificada como tipo 1 pois a sinalização para o bairro Pompéu é muito boa, além disso, próximo a ele também há placas que indicam a capela. A rodovia entre os dois distritos é toda pavimentada e de ótima qualidade.

Os poucos tombamentos do IEPHA também foram agrupados em zonas, conforme mapa a seguir. A primeira refere-se a Vila Marzagão e Vila Eliza, no distrito Carvalho de Brito, a segunda as igrejas do antigo Cuiabá que hoje estão nos limites da Anglo Gold, no distrito de Mestre Caetano e a terceira em Ravena, contemplando o conjunto urbanístico colonial que sobrevive no local.



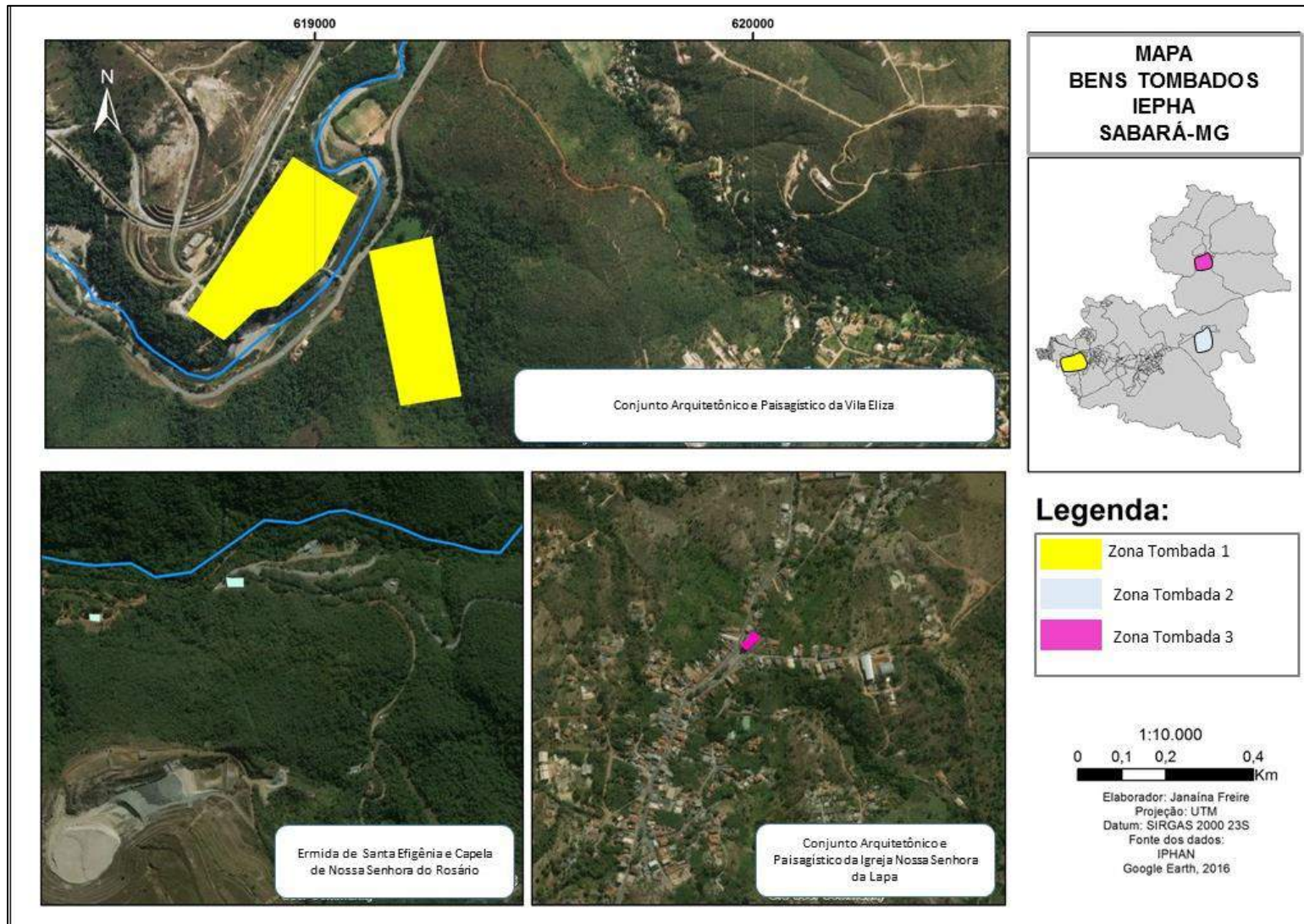
**Figura 121 - Mapa de acesso Zona Tombada 3 - IPHAN**

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.



**Figura 122 - Mapa de acesso Zona Tombada 4 - IPHAN**

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.



**Figura 123 - Mapa de bens tombados pelo IEPHA**

Fonte: Janaína M. Freire G. Felipe.

A Vila Marzagão e Vila Eliza, como já discorrido no capítulo 2, estão em estado de completo abandono. Além da fábrica Marcel Philippe e dos moradores, lá habita o grupo Kabana, criado por um casal. Em entrevista realizada com ela, foi possível compreender a importância que tiveram para a manutenção do local. O senhor CNR já havia comentado que foi o casal que conseguiu o tombamento, caso contrário, ele e sua família estariam sem casa:

Tudo aqui era da União Rio empreendimentos, a herdeira dos Carvalho de Brito. Então eles são donos da Vila Eliza e de toda essa área aqui. Eles são uma imobiliária e estão construindo vários prédios. E eles tinham um projeto pra cá que era tirar toda a população e demolir tudo. A gente chegou nesse momento e quando a gente viu o que tava acontecendo fomos pro Jornal avisar que estava destruindo Sabará. Fizemos passeatas, aqui ainda tinha muita coisa mas quase tudo foi destruído, a gente falava que estavam destruindo o patrimônio de Sabará. O que a gente conseguiu parar é o que tem hoje. Aí começou nossa briga para o tombamento. (NLD).

Como nos relatou, quando o IEPHA conheceu o local, ainda havia muitos portadores de memória vivos, e o instituto percebeu a importância de frear as demolições. Contudo, muitas moradias que não foram destruídas estão ocupadas sem qualquer segurança sobre a permanência no local, embora muitos seja moradores há mais de quarenta anos. O problema da permanência é tão relevante quanto o da estrutura das residências. Algumas casas que adentramos tem grandes rachaduras, além de problemas no telhado, goteiras, escadas quebradas, etc. Mas não são apenas os interiores que estão desgastados, também as fachadas estão em estado deplorável. Essa zona foi classificada como tipo 7 pois não contém sinalização nas vias e nem nos mapas. Embora tenha acesso liberado, isso só acontece por conta do descaso em que se encontra o local, posto que se houvesse qualquer fiscalização, algumas das edificações estariam, por questão de segurança, com acesso negado. Diante de todas as conversas que tivemos com moradores, percebemos que o interesse da empresa União Rio parece ser justamente o desmantelo das edificações, visto que não podem derruba-las por conta do tombamento.



**Figura 124 - Casas Vila Marzagão**

Fonte: Fotos da autora.

O conjunto arquitetônico da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Ravena, também está

em abandono, não apenas a Igreja, mas algumas casas ao redor. Abaixo segue uma foto de uma casa bem próxima ao templo religioso.

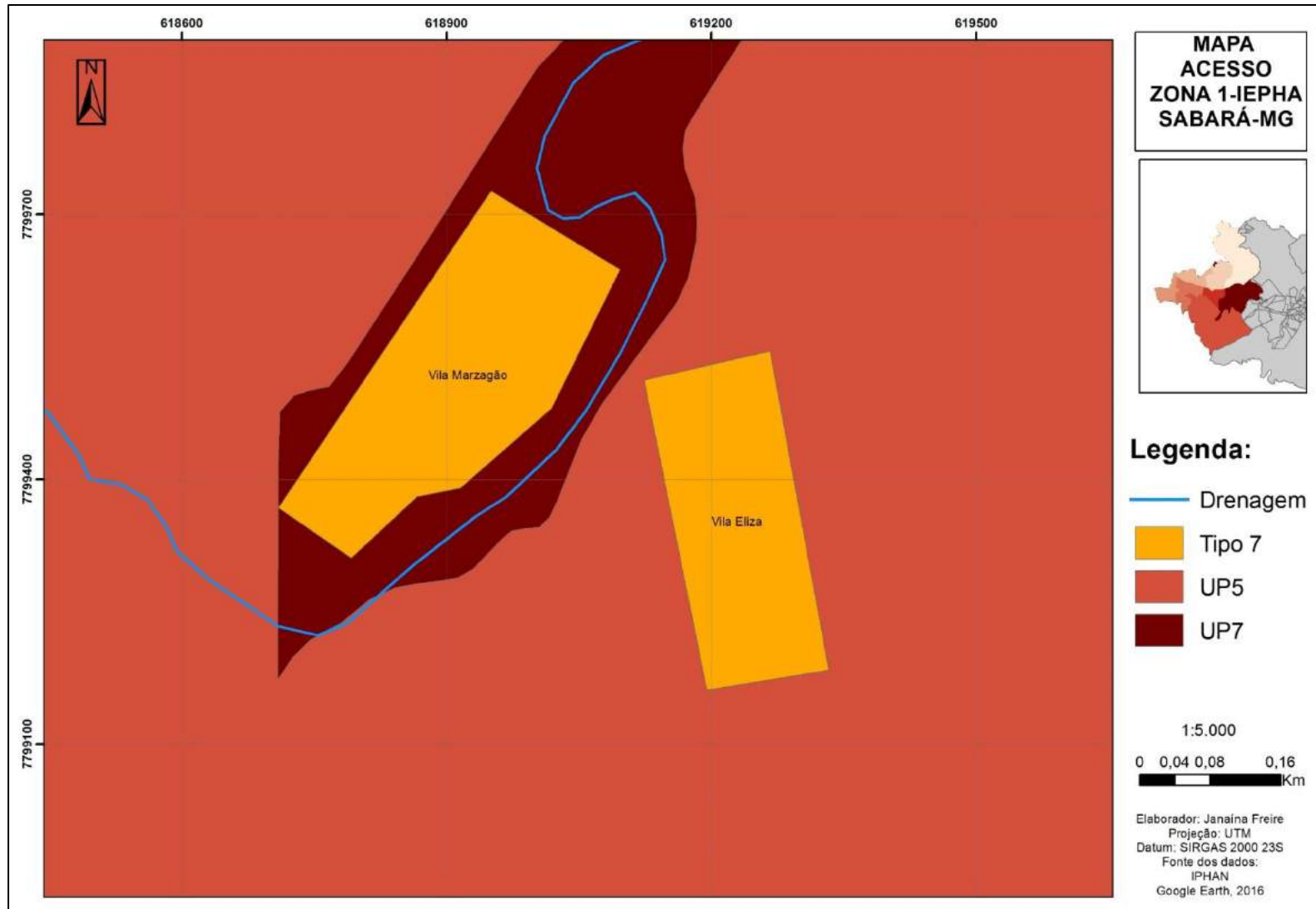


**Figura 125 - Casa Ravena**

Fonte: Foto da autora.

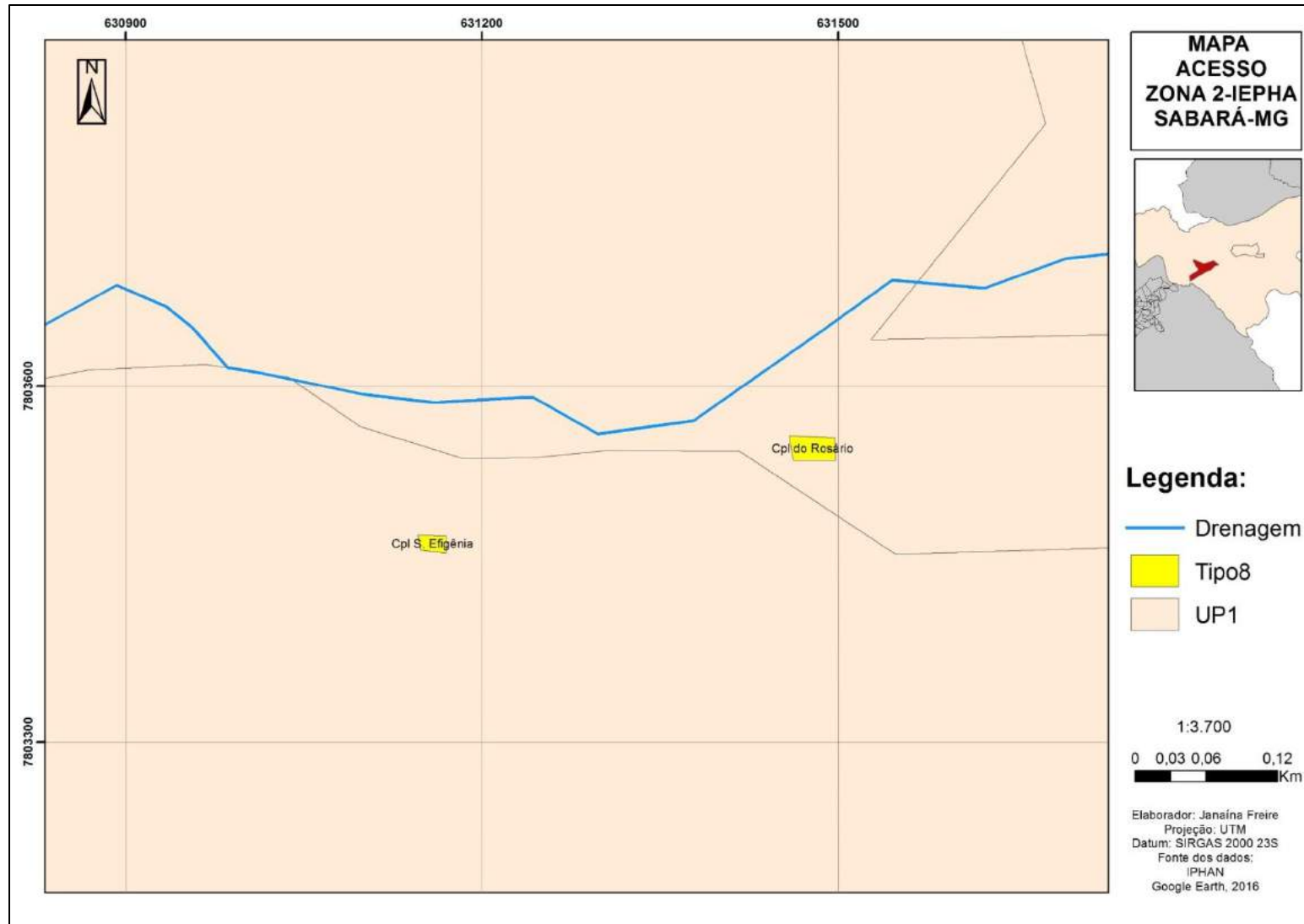
Estima-se, por alguns registros comerciais encontrados, que o santuário foi erguido em 1727, passando por diversas mudanças até os dias de hoje. A maior reforma aconteceu em 1853 pelo Frei Luis de Ravena, isso a elevou a condição de Matriz de Nossa Senhora da Assunção da Lapa. Para visita-la é preciso agendar, pois praticamente não fica aberta. Em 2003 foi fechada pela prefeitura por conta de goteiras, cupins e problemas estruturais. Em 2010 sofreu nova interdição pelo corpo de bombeiros que alegou impossibilidade de uso constante. Desde então as missas ligadas a santa são realizadas na rua. Foram classificadas como tipo 3 pois embora não se possa usa-la com frequência, as visitas são permitidas.

As capelas do Cuiabá vivem uma situação particular que será mencionada no sétimo capítulo. Por estarem dentro dos limites da Anglo Gold, não podem ser visitadas sem a autorização da empresa.



**Figura 126 – Mapa de acesso Zona Tombada 1 - IEPHA**

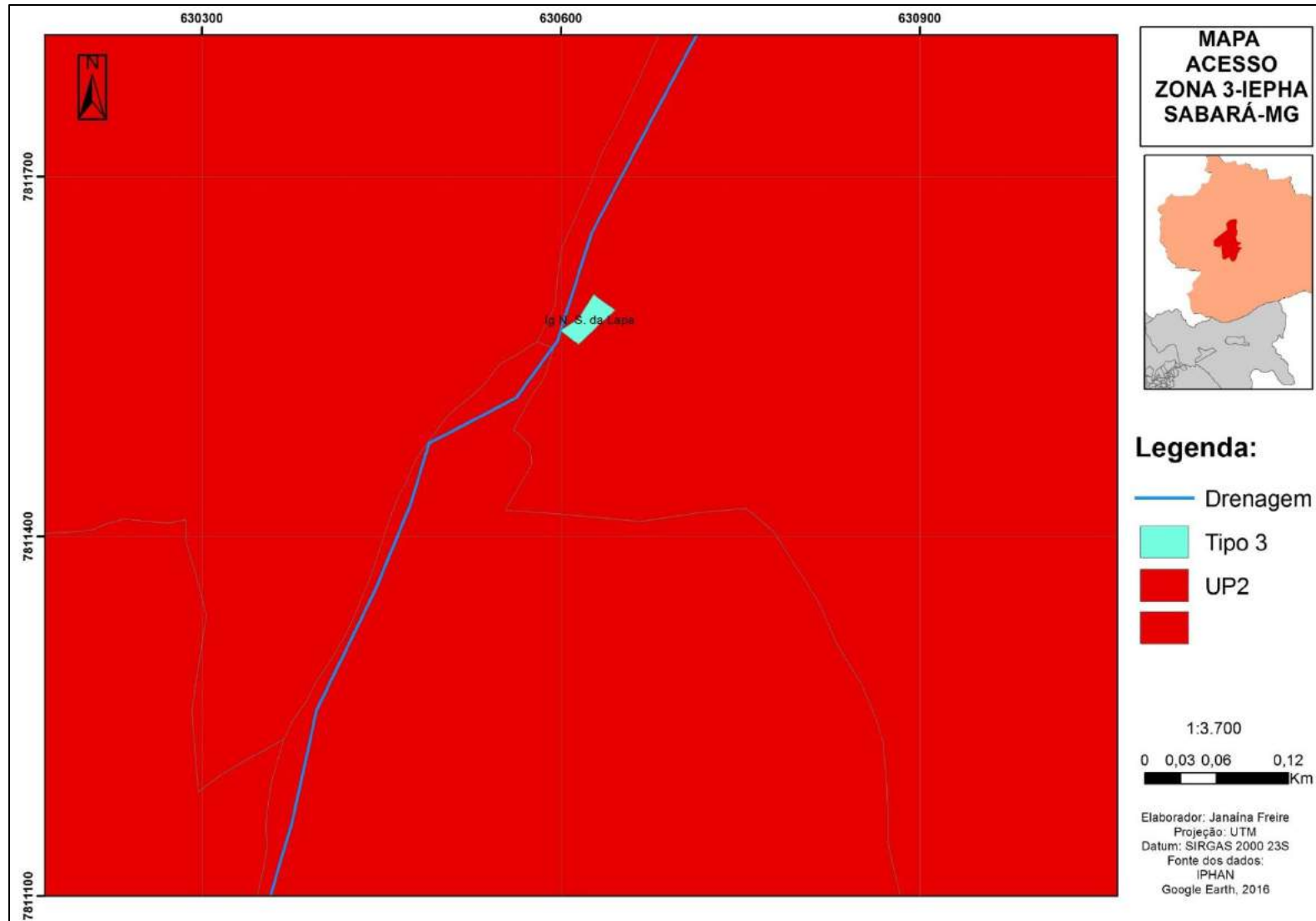
Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.



**Figura 127 – Mapa de acesso Zona Tombada 2 - IEPHA**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.





**Figura 128 – Mapa de acesso Zona Tombada 3 - IEPHA**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Além desses monumentos citados, o município possui uma Gerência de Patrimônio Cultural e Natural e um Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e Natural que entre 1998 e 2004 tombou alguns monumentos, principalmente residências. Dentre os imóveis públicos estão: o chafariz da Confraria, Chafariz da Corte Real (ambos sem funcionamento), a Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho, da Soledade, de Bom Jesus e a Igreja do Rosário (de Ravena). Existem pouquíssimos registros sobre essas edificações, e algumas datas são imprecisas.



*Chafariz da Confraria - Sede*



*Chafariz da Corte Real - Sede*



*Capela de Bom Despacho - Sede*



*Capela da Soledade - Sede*



**Figura 129 - Composição fotográfica – Tombamento municipal**

Fonte: Fotos da autora.

Desses monumentos, apenas a Igreja da Soledade e a Igreja do Rosário estão em pleno funcionamento, todas as outras edificações têm acesso restrito. Contudo, pode-se afirmar com certeza que a Igreja do Rosário é a mais atuante dessas, por conta da festa do Rosário que ocorre todo ano em Ravena. Além disso, pelo fato da igreja Matriz de Ravena estar fechada por conta de obras inacabadas, a Igreja do Rosário tem sido bem utilizada, embora não com a mesma afetividade.

#### **6.4 “NÓS TEMOS OBRIGAÇÕES DE OBEDECER CERTAS REGRAS DITADAS PELO PATRIMÔNIO”**

O contato dos moradores de Sabará com a patrimonialização não é efetivo e nem amigável, como foi possível perceber:

Então a gente fica olhando pra ver o que pode fazer, não pode fazer nada. Olhando e cuidando. Mas **o patrimônio precisa olhar** mais coisas pra nós aqui de Sabará. Agora eu to brigando com a prefeitura pra pode pintar a igreja.

J – E o IPHAN?

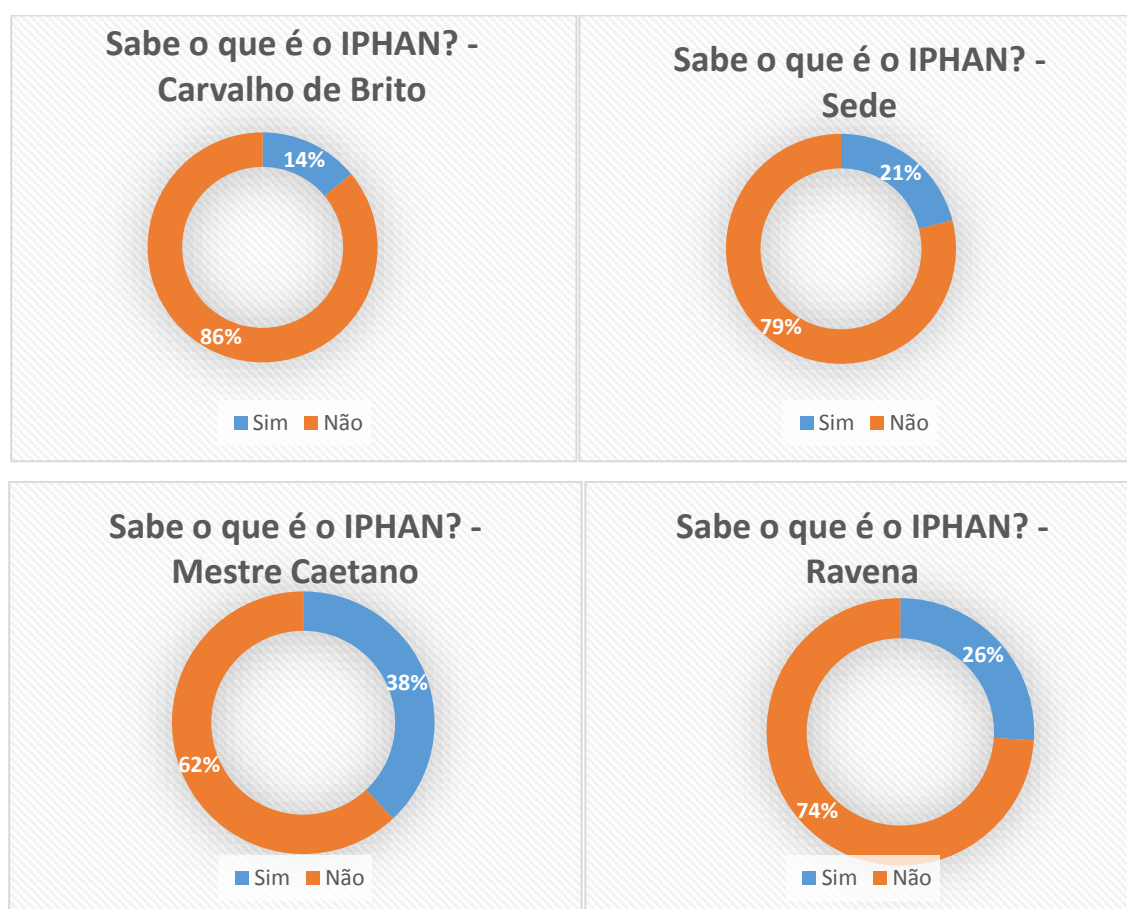
**O IPHAN não ta fazendo muita coisa mais não**, não pode por a mão em nada, não pode fazer nada, não pode fazer nada e eles não fazem nada. **A gente vai ver a igreja cair qualquer dia e a gente vai cair junto com essa igreja, ta?** (BA)

**Nós temos obrigações junto ao patrimônio.** Nós temos que obedecer certas **regras ditadas pelo patrimônio**. Não quer dizer que não apreciamos o estilo barroco da nossa rua sabe, mas **eles não dão apoio nenhum**. Creio que a nossa rua [Dom Pedro II] é a que está mais dentro do estilo barroco. eu faço questão de conservar, muitas pessoas aqui já desmancharam, mas eu moro na original do princípio de Sabará (LDS)

Essas duas citações revelam alguns elementos fundamentais para a análise. Primeiramente, o órgão soberano responsável pelo tombamento quase nunca é nomeado, no

primeiro trecho nós perguntamos sobre o IPHAN para averiguar se a entrevistada o conhecia. Eles sempre são chamados de “patrimônio”, portanto, o conceito se transfigura em uma entidade possuidora de Soberania<sup>64</sup>. Isso pode ser considerado, aparentemente, irrelevante, mas o fato é que o uso do termo cria uma resistência não apenas com o órgão, mas com o objeto tombado e a prática patrimonial. Para entender melhor isso, nos questionários perguntamos se os moradores sabiam o que é o IPHAN e o que é o instrumento de tombamento. As respostas foram agrupadas em gráficos, a seguir.

**Gráfico 13 - O que é o IPHAN?**



Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

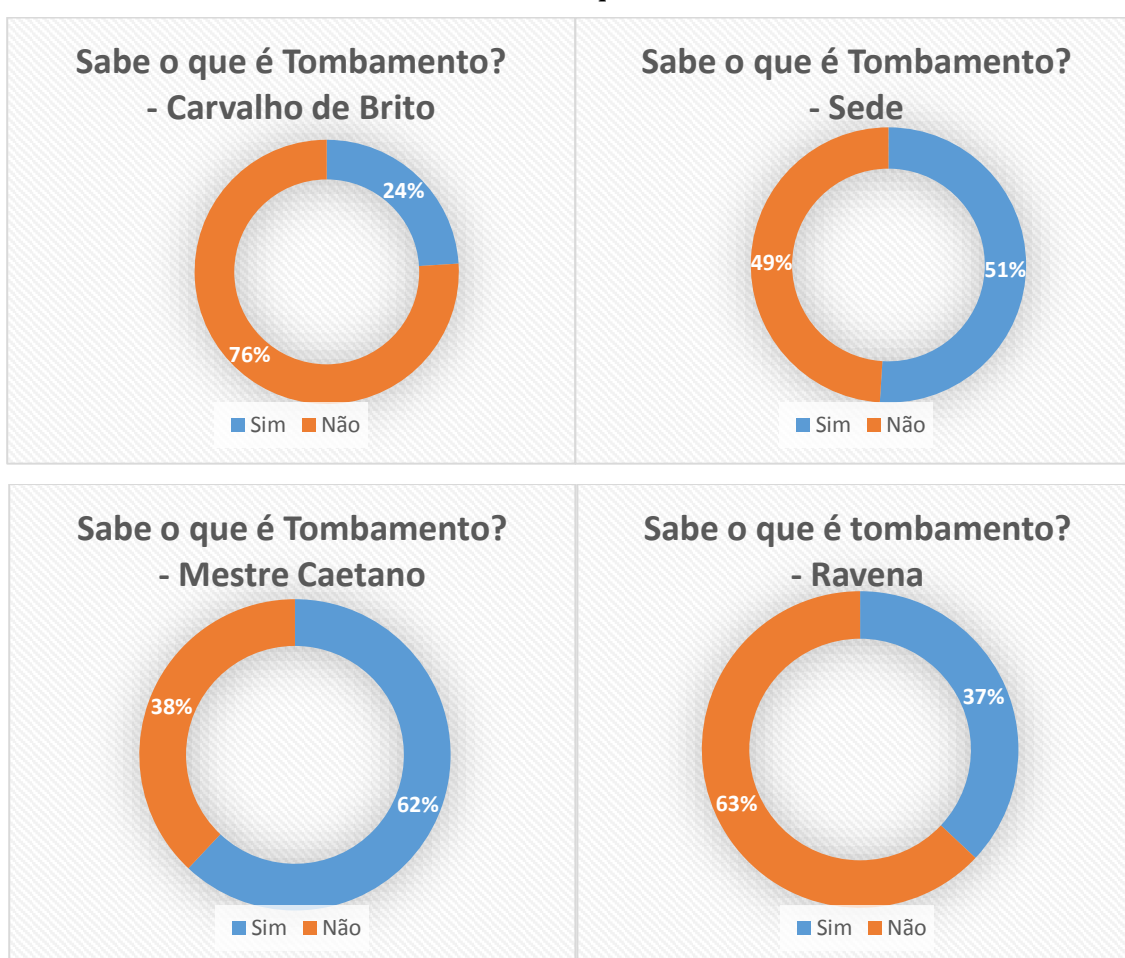
Pelos resultados, mesmo as áreas com maior índice de bens tombados, como a Sede e Mestre Caetano, demonstraram não saber quem é o órgão e muito menos qual é a sua atuação. Portanto, isso permite concluir que atuação do órgão, quando existente, não tem envolvido a comunidade local. Isso também fica evidente nas citações inseridas no início desse subcapítulo, quando as moradoras colocam desabafos como esses: “O IPHAN não ta fazendo muita coisa

<sup>64</sup> Para Edith Stein (2005b, p.537) soberania é uma característica que implica uma esfera de domínio e é a essência do Estado: “el Estado es la única comunidad que puede tener como característica esencial la soberania”

mais não” e “eles não dão apoio nenhum.

A pergunta sobre o tombamento incluiu um percentual de conhecimento maior. Vale ressaltar que após cada uma das duas perguntas, sempre que o respondente dizia sim, pedíamos que explicassem o que é. Todos os moradores que responderam sim mas explicaram errado, tiveram suas respostas computados no não. Na questão sobre tombamento era muito frequente a explicação de que se trata do derrubamento de um imóvel por ação encomendada ou por acidente.

**Gráfico 14 – O que é Tombamento?**



Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Na questão sobre o tombamento, Mestre Caetano teve mais respostas positivas do que negativas, isso pode ser explicado pela relação direta que possuem com a Capela de Santo Antônio, convivendo com todos os problemas estruturais gerados pela falta de assistência “do patrimônio” e do tombamento. A Sede, por envolver muito mais do que o centro histórico, tem quase metade da amostra que não sabe o significado dessa prática. Carvalho de Brito como já

era de se esperar, teve poucas respostas positivas nas duas questões. Com relação a Ravena, a maior parte dos respondentes que afirmaram saber quem é o IPHAN e o que é o tombamento, vivem na unidade de paisagem 2, onde estão os edifícios históricos.

Por fim, é importante comentar sobre o final da fala da BA: “A gente vai ver a igreja cair qualquer dia e a gente vai cair junto com essa igreja, ta?”. Esse é um registro fundamental pois demonstra claramente que a Igreja é um bem cultural que tem um conteúdo espiritual na atualidade. A vida do bem confunde-se com a vida do ser pelo tamanho valor afetivo que possui, por isso, a queda de um seria a queda do outro. São para esses patrimônios culturais que as políticas deveriam se voltar (assim como para outros bens por meio de práticas que lhe concedam valor cultural, caso não tenham)

“Definem-se, pois, espaços a preservar ou monumentos a conservar tendo como critério o valor histórico ou artístico, em que pese a inexatidão desses termos, e não o valor afetivo, existencial, que esses espaços podem ter para uma determinada comunidade. (LEITÃO, 2014, p.14/15).

O mundo espiritual do ser é um mundo de valores. No âmbito do patrimônio cultural (efetivamente enquanto cultural) os valores afetivos predominam sobre os objetivos (artístico, histórico, de uso, etc.) pois são livres e espirituais, todavia não é isso que vigora nas práticas patrimoniais. Existe um grande ruído entre a valorização patrimonial e a valoração afetiva e a falta de diálogo entre os órgãos públicos e a população é um elemento significativo. Além disso, a patrimonialização parece interessar-se muito mais pelo turismo do que pelo uso da população local, constituindo um valor estético idealizado, e não um valor afetivo.

De acordo com John Dewey (2010), nesse mundo de produtos perdeu-se o entendimento da arte como experiência, motivo pelo qual decisões são tomadas unilateralmente. Para Max Scheler (2012), o valor de utilidade, resultante da lógica produtivista, ganhou primazia em relação ao valor de agradável, ligado à experiência.

Na concepção comum, a obra de arte é frequentemente identificada com a construção, o livro, o quadro ou a estátua, em sua existência distinta da experiência humana. Visto que a obra de arte real é aquilo que o produto faz com e na experiência, o resultado não favorece a compreensão. (DEWEY, 2010, p.59).

No primeiro capítulo discorreremos sobre a experiência, que se refere a vivência no presente, onde o ser é também um não ser, pois tem também um ser potencial. Quando diante de objetos culturais, o ser pode formar-se, desenvolver-se para as possibilidades do futuro. Por uma experiência significativa, a pessoa pode acentuar a sua vitalidade, realizando uma troca ativa, livre e consciente com o mundo, com a comunidade. A valoração afetiva de um bem envolve, então, muito mais do que apreciação de uma obra, mas o resgate do verdadeiro valor estético, histórico e de utilidade, como veremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO VII

### VALORAÇÃO AFETIVA E FORMAÇÃO ANÍMICA

*Yes, and how many years can a mountain exist  
Before it's washed to the seas (sea)  
Yes, and how many years can some people exist  
Before they're allowed to be free?  
(Bob Dylan)*



## **VALORAÇÃO AFETIVA E FORMAÇÃO ANÍMICA**

---

- 7.1 Valores objetivos: existência isolada da experiência humana
- 7.2 Valoração espiritual: o macrocosmo e o mundo dos sabarenses
- 7.3 Patrimônio cultural e identidade sabarense: bens tombados formativos
  - 7.4 A comunidade e o Lebenswelt metropolitano



## 7.1 VALORES OBJETIVOS: EXISTÊNCIA ISOLADA DA EXPERIÊNCIA HUMANA

*Em última análise,  
amam-se os nossos desejos,  
E não o objeto desses desejos (Nietzsche)*

A cultura é um processo de humanização através do qual os seres humanos inventam matrizes como a linguagem, a técnica, a arte e as ciências. Através da cultura desenvolvem características próprias e constituem um patrimônio espiritual que é, em síntese, a forma de manifestação do espírito (RUS, 2015).

(...) uma cultura não morre: antes, são as almas que ressecam por não cultivarem uma relação viva com um patrimônio cultural que, à medida que é redescoberto em toda a sua novidade e realmente acolhido, conserva o poder de renovar as almas infundindo nelas energias formativas. (RUS, 2015, p.68).

O patrimônio cultural possui uma energia formativa, contudo, pode ruir, caso não haja entre ele e o ser uma relação ativa e viva. Se ele é a sedimentação das experiências humanas em bens culturais, é o reflexo de um povo. Um bem cultural é um produto material revestido de espírito.

A vida se dá em um meio ambiente; não apenas nele, mas por causa dele, pela interação com ele. Nenhuma criatura vive meramente sob sua pele; seus órgãos subcutâneos são meios de ligação com o que está além de sua estrutura corporal, e ao qual, para viver, ela precisa adaptar-se, através da acomodação e da defesa, mas também da conquista (...). A carreira e o destino de um ser vivo estão ligados a seus intercâmbios com o meio, não externamente, mas sim de uma maneira mais íntima. (DEWEY, 2010, p.75).

Portanto, ser um bem de formação é ter com a pessoa uma relação íntima e afetiva e não apenas um contato de objeto externo, mas de objeto com significação interna. O patrimônio se torna cultural pelo valor que é dado a ele, pelo sentido afetivo (*gemut*), ou seja, a capacidade do espírito humano de entrar em contato com o mundo dos valores. “A las realidades que tienen em sí algo que les hace aptas para ser aceptadas em el interior del alma les llamamos ‘bienes’, a esse algo le denominamos ‘valor’” (STEIN, 2003c, p.203)<sup>65</sup>.

Vale ressaltar que não se trata nem de uma operação/ato intelectual e nem de uma operação sensorial/sensível, mas sim de uma percepção afetiva, que quer dizer “percepção de um sentido acompanhada imediatamente de um movimento de vontade que inclina a ver esse sentido como um bem” (RUS, 2015, p.73). Ou seja, é a vivência consciente de um objeto e a afetividade imediata, transfigurando o objeto em um bem - é uma percepção de um sentido e de um valor concomitantemente. Essa percepção afetiva é denominada por Max Scheler (2012) e Edith Stein (2004) como sentimento. Portanto, sentimento pode ser o nome específico para o

---

<sup>65</sup> Às realidades que tem em si algo que as fazem aptas a serem aceitas no interior da alma as chamamos “bens”, denominamos esse algo de “valor”

ato do sentido afetivo, assim como o nome do ato do intelecto e do ato da percepção é pensamento e sensação respectivamente. “La profundidad de un sentimiento de valor determina la profundidad de un sentir que se constituye sobre la aprehension de la existencia de esse valor” (STEIN, 2004, p.120)<sup>66</sup>. *Gemut* pode ser traduzido como *coração*, desde que não o compreenda como algo sem razão, apenas emoção, pois o sentimento não é algo livre de conhecimento. Pelo *Gemut* o ser pode receber e usufruir da força formadora dos bens culturais e o reflexo disso atua tanto no próprio indivíduo, quanto no grupo social.

Para compreender o que denominamos como valoração afetiva é preciso antes percorrer o terreno dos valores objetivos dados ao patrimônio, pensando que “ainda que uma obra seja portadora de valores, é, todavia, conveniente avaliar em que medida os valores em questão estão de acordo ou não com o valor da pessoa mesma, sabendo que “a pessoa tem efetivamente mais importância do que todos os valores objetivos” (RUS, 2015, p.72). Começamos então por avaliar os valores objetivos. Alois Riegl (2014) os estudou com primazia, estabelecendo a seguinte estrutura:

**Quadro 8 - Valores conforme Alois Riegl**

VALORES GERAIS	REMEMORAÇÃO (LIGADOS AO PASSADO)			CONTEMPORANEIDADE / ATUALIDADE (LIGADOS AO PRESENTE)		
				Valor de Arte		
<b>Valores Específicos</b>	Intencional Memória Comunicação	Histórico	Ancianidade Antiguidade	Artístico de Novidade	Arte Relativo	Uso
<b>Conceito</b>	Monumento	Monumento Histórico	Monumento Histórico	Monumento Monumento Histórico	Monumen- to	Monumento Monumento Histórico

Fonte: Alois Riegl (2014) e Françoise Choay (2006) / Organização: Janaína M Freire G. Felipe.

O valor nacional não foi considerado por Alois Riegl, fato que chamou a atenção de Françoise Choay (2006). A seguir, definiremos melhor cada um deles, começando pelos valores de rememoração.

<sup>66</sup> A profundidade de um sentimento de valor determina a profundidade de um sentir que se constitui sobre a apreensão da existência desse valor”

Quadro 9 - Valores de Rememoração

VALORES GERAIS	REMEMORAÇÃO (LIGADOS AO PASSADO)		
Valores Específicos	INTENCIONAL/ MEMÓRIA/COMUNICAÇÃO	HISTÓRICO	ANCIANIDADE ANTIGUIDADE
<b>Definição</b>	Refere-se às atitudes voluntárias de perenização de um dado evento como valor memorial presente – vivo (desde a origem)	É erudito e científico. O fragmento é um testemunho, um documento histórico.	Contido nas marcas acumuladas pelo monumento ao longo do tempo.
<b>Medidas</b>	Manter o aspecto novo ou atualizado do bem. Restauração permanente. Combate as forças da natureza.	Paralização da degradação, embora reconheça a importância histórica das marcas do tempo já presentes.	Degradação temporal corrente mas protelada sempre que possível.
<b>Exemplo</b>	Arco da Défense – Paris Edifício do Lloyd’s- Londres Memorial JK – Brasília Roma	Basílica de São Pedro – Vaticano Campanário de São Marcos – Veneza	Pirâmides do Egito; Partenon; Roma Antiga; Ruínas de São Miguel das Missões – RS; Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Sabará – MG
<b>Conceito</b>	Monumento	Monumento Histórico	Monumento Histórico

Fonte: Alois Riegl (2014) e Françoise Choay (2006) / Organização: Janaína M Freire G. Felipe.

O valor de rememoração intencional é o que mais se aproxima do valor de contemporaneidade

O valor intencional de comemoração tem esse objetivo desde o início, ou seja, o objetivo de, desde a ereção do monumento, nunca deixar, de certa forma, que um momento faça parte do passado, permitindo que permaneça na consciência das gerações futuras, sempre presente e vivo. (RIEGL, 2014, p.63).

É a representação clara de um passado presentista. Essa classe possui uma intrínseca relação com os valores de atualidade, pois busca a imortalidade e, portanto, não permite a degradação. É absolutamente contrário ao valor de ancianidade. Demanda a inércia e não a evolução criadora.

O valor histórico relaciona-se a um saber, como a tecnologia, a arte e a arquitetura. Para melhor representar essas ciências, busca manter o monumento fiel a sua origem. No entanto,

há exemplos como a catedral de São Pedro, no Vaticano, que foi demolida depois de quase doze séculos por decisão de Júlio II para que, no lugar, construíssem um monumento venerado por toda a comunidade cristã. A atual Basílica de São Pedro abrange uma área de mais de 2 hectares e sua cúpula tem visão privilegiada em Roma. Destarte, desde a criação da nova basílica, evita-se todo tipo de degradação, enaltecendo a superioridade monumental. “O valor histórico é tanto maior, quanto mais o monumento tenha conservado a sua integralidade e quanto mais inalterado estiver após a criação” (RIEGL, 2014, p.55).

O valor de ancianidade aceita o envelhecimento de maneira natural, as marcas são cicatrizes que atendem ao gosto moderno. O culto à esses monumentos tende a:

trabalhar a favor de sua própria destruição (...). A atividade desagregadora das forças naturais, inicialmente, é muito lenta, de tal forma, que mesmo monumentos milenares ainda persistirão, por um bom tempo, ao menos durante o tempo em que perdurar o seu culto. (RIEGL, 2014,p.53/54).

Esse gosto moderno (a partir do século XIX) difere da visão barroca pelo antigo, posto que entendiam as ruínas como uma decadência do presente, simbolizada pela ferida que remetia à grandeza do passado de outrora, agora perdida (BELLO, 2014). A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Sabará – MG, é um exemplo desse valor de ancianidade. Zoroastro Passos (1942, p.285) defende que “Há obras que não acabam, que trazem sempre, no entanto, a marca genial dos que a idealizaram e que servem para manter vivo em nós o culto ao passado” e apela:

Que se proteja a Igreja do Rosário, restaurando-lhe o que lhe for necessário, que se conservem as paredes do templo magnífico, apenas reforçadas no que for indispensável para mantê-las de pé, mas que se não tire aos sabarenses o orgulho daquela obra de titãs! (PASSOS, 1942, p.285).

Um aspecto importante que difere o valor histórico do valor de ancianidade, é que o primeiro exige certo conhecimento científico que possa vir a comprometer a compreensão imediata de alguns elementos (por isso não alcança as massas), enquanto o monumento ancião se oferece com clareza e transparência ao observador. Quanto maior for o valor histórico, menor será o de antiguidade. “Sendo o valor histórico mais insistente, mais impositivo, palpável e objetivo, o valor de antiguidade mais íntimo, é quase anulado, podendo-se chegar à sua supressão, principalmente quando se trata de monumentos volúveis” (RIEGL,2014, p.59).

Agora avaliaremos os valores de atualidade. O quadro a seguir resume os tipos existentes:

Quadro 10 - Valores de Atualidade

VALORES GERAIS	CONTEMPORANEIDADE / ATUALIDADE (LIGADOS AO PRESENTE)		
Valores Específicos	VALOR DE ARTE		USO UTILITÁRIO
	ARTÍSTICO DE NOVIDADE	ARTE RELATIVO	
Definição	Propriedade efêmera. Dá ao novo mais valor em relação ao antigo.	Valor que perpassa as gerações e se resinifica.	Ligado ao cotidiano. Inerente a todos os monumentos históricos, exceto ruínas quando o valor de ancianidade se sobrepõe.
Medidas	Eliminação de qualquer degradação. Perfeita integridade Oposto ao valor de ancianidade	Deve parecer uma criação moderna recente ou manter sua integridade original.	A forma de conservação é irrelevante, todavia, é fundamental que não comprometa a existência do monumento e que não atenda às exigências do valor de ancianidade.
Exemplo	Parque do Flamengo – RJ tombado pelo IPHAN antes da inauguração em 1965	Cúpula de Santa Maria Del Fiore de Brunelleschi – Florença Igreja Sagrada Família – Barcelona	Chafariz do Kaquende em Sabará- MG
Conceito	Monumento Monumento Histórico	Monumento	Monumento Monumento Histórico

Fonte: Alois Riegl (2014) e Françoise Choay (2006) / Organização: Janaína M Freire G. Felipe.

Os valores de antiguidade e de contemporaneidade em algum momento se chocarão nos limites irremovíveis, e deste modo, este não poderá existir enquanto houver aquele. O valor artístico satisfaz as necessidades espirituais do ser humano, tanto no que concerne ao novo, quanto no que tange à mutação constante, embora seja impossível que um monumento atenda à ambas.

O valor de novidade da arte é exatamente o oposto do valor de antiguidade e existe para atender a todos. “[a massa] prefere enxergar nas obras humanas a força criativa e vencedora do homem, ao invés da força destruidora e inimiga da natureza. Apenas o novo e íntegro é belo, segundo a visão da multidão; aquilo que está velho, fragmentado, descolorido é feio” (RIEGL,

2014, p.71). O século XIX, por influência desse valor, foi marcado pela reconstituição do documento ao seu estado original. Nesse mesmo século, o valor de antiguidade ganhou corpo e o conflito que até hoje existe nas políticas patrimoniais, nasceu. Nos monumentos sem utilidade, o valor de ancianidade ganhou a batalha, todavia, nos monumentos em uso o valor de novidade atende ao apreço do povo pela jovem e forte estrutura, como se verifica em muitas fachadas de edificações coloniais.

De um lado, vemos a valorização do antigo por si mesmo que, basicamente condena qualquer renovação e, do outro, a valorização do novo por si mesmo, que procura eliminar todos os traços de antiguidade, considerados perturbadores e ofensivos (RIEGL, 2014, p. 72).

Esse conflito, por sua vez, chegou ao consenso de que os monumentos novos não devem atender ao tratamento estético dado pelo valor de ancianidade, e podem manter-se sob a lógica conservacionista típica de monumentos de novidade. “Devemos ter em conta, que o valor de antiguidade é baseado em um princípio bem cristão: a humilde submissão à vontade do Todo – Poderoso, que o homem impotente não deve ter o sacrilégio e audácia de enfrentar”. (RIEGL, 2014, p.79).

O valor de arte relativo “refere-se à capacidade que o objeto patrimonial antigo mantém de sensibilizar esteticamente o homem de hoje, garantindo perenidade ao valor de arte atribuído ao patrimônio” (BELLO, 2014, p.56). As obras não apenas representam o poder de sobreviver ao tempo, são apreciadas enquanto arte. A titulação relativa contrapõe o que se pensava ser uma característica intrínseca da arte: o absoluto. Obras que em seu tempo de origem foram renegadas, hoje podem ser verdadeiros artefatos artísticos. Esse valor relativo divide-se em dois: positivo e negativo. O primeiro refere-se as obras em que as formas e cores atendem ao gosto moderno e por isso deverão manter fortalecido seu significado, indo contra o valor de antiguidade. O negativo, representa uma obra com valor: “infinitamente pequeno” e que, por isso, será entregue à destruição voluntária (exemplo da casa próxima a Igreja Matriz de Ravena – foto inserida no capítulo 6). Isso revela um fator importante da atualidade, é muito difícil que um monumento seja destruído por seu valor negativo de arte relativo, ele é entregue à depredação natural (fato que pode mudar caso ele adquira valor de utilitário ou de novidade ao longo do “caminho”).

A importância do valor de uso está ligada ao valor da vida humana. O bem-estar da sociedade está acima de qualquer valorização de antiguidade, posto que a degradação não pode correr seu curso desenfreadamente sem que se ateste, constantemente, a segurança da construção. Embora saibamos que o homem exerça um poder erosivo, não é do interesse de um monumento com valor de antiguidade que ele seja retirado do circuito, ou seja, que o valor de

atualidade acabe. A dinâmica cotidiana das populações dá vida ao monumento, como é o caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Sabará, onde diversos fiéis participam da missa antes da procissões, como vimos. “Trata-se de obras que estamos acostumados a ver em plena utilização pelos homens, e a falta desse uso, que nos é familiar, incomoda-nos, por apresentar os efeitos de uma destruição violenta, intolerável mesmo para o culto de antiguidade” (RIEGL, 2014, p.68). Portanto, o valor de ancianidade não é sinônimo de abandono e, por isso, a casa próxima a Igreja da Nossa Senhora de Assunção da Lapa, em Ravena (foto inserida no capítulo 6), não se refere a uma valorização de antiguidade intencional. Uma obra que tenha o valor de utilidade não poderá ter o valor de antiguidade sobressalente, posto que dará sinais de desgaste e desleixo em comparação ao resto da estrutura urbana moderna.

Muitos monumentos, tanto profanos quanto religiosos, da antiguidade, ainda estão em uso. No entanto, é possível encontrar castelos e casas, principalmente da Idade Média, que tem seu uso associado apenas ao turismo.

Observa-se que os valores se mesclam, se fundem e sobrepõem. Esse fato explica grande parte das problemáticas que envolvem a conservação do patrimônio. É importante estar claro que patrimônio histórico e monumento histórico não são sinônimos: “(...) o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades” (CHOAY, 2006, p.13). Como sempre, à montante, o rio patrimonial parece infinito – é impossível prever o que um arqueólogo pode ainda encontrar. No entanto, a atual conjuntura revela também uma jusante ilimitada que, pela primeira vez, ganha forças para ser muito mais extensa do que se pôde imaginar outrora.

A questão latente que nos salta é: como fazer a gestão do patrimônio diante da diversidade de valores que envolvem os monumentos e conjuntos arquitetônicos? De acordo com Vanessa Bello (2014), existe um “paradoxo valor-tempo/interação/ação”, posto que os valores se mesclam, gerando diversas interações e escolhas que resultam em ações variadas. Esse paradoxo é responsável pelas diferentes formas de intervenção e preservação do patrimônio.

Algumas intersecções importantes entre os valores precisam ser destacadas:

1. A valor de ancianidade e o valor de novidade se contrapõe;
2. O valor de ancianidade, além de excluir o valor de atualidade, pode prejudicar o valor de utilidade e o valor histórico;
3. O valor de novidade pode tornar-se um valor de arte relativo ou um valor histórico

quando da perda de sua atualidade. Em uma situação extrema pode, inclusive, adquirir valor de ancianidade;

4. Os valores memorial, de arte relativo e de ancianidade se justapõe ao valor histórico e de uso;
5. O valor de uso pode ser superior a todos os outros, visto que a dinâmica da vida cotidiana, com as funções sociais, é primordial

Atualmente, podemos considerar que, além dos valores expressos por Alois Riegl, outros se nos apresentam com grande relevância, como: turístico, científico, tecnológico, etnográfico e ecológico. Um monumento com valor de ancianidade pode ter valor turístico, assim como um monumento com valor histórico é capaz de suscitar valores científicos (como é o caso da Cupula de Brunelleschi, que intriga engenheiros há séculos, em busca da verdade sobre sua construção).

Norma Lacerda (2002) define cinco valores distintos dos de Riegl: Econômico, Pedagógico (cognitivo), Cultural (referente a indústria cultural), Opção (especulação) e existência (monumentos valem por existir, como um simples documento de compra encontrado no Egito que não seria histórico se não fosse o fato de ser um dos poucos remanescentes). Há ainda outras perspectivas de valoração que vão além do monumento, - alcançando a paisagem. Para F. Archibug (1989, p.5): “Apesar da importante função de bens ambientais na manutenção dos processos dos ecossistemas, o valor socioeconômico desses objetos nem sempre é inequívoco”<sup>67</sup>. Em seguida, define seis tipos de valores: de uso (para o presente e futuro), de afastamento de risco (não há certeza quanto a possibilidade de uso mas preferem assegurar sua existência), quase-opção (almejam usar o bem, dispostos a abandonar um desenvolvimento irreversível), existencial (preservação intacta dos bens por usuários), virtual (manutenção intacta de um bem público por não-usuários) e herança (não usuários protegem bens para gerações futuras). De acordo com Solange Lima-Guimarães (2007, p.57):

Diante da variedade de valores atribuídos ao meio ambiente, observamos que, nos processos vinculados à gestão dos recursos paisagísticos, é de grande relevância o conhecimento de como a paisagem, como um bem, um recurso ambiental natural ou cultural, é valorada segundo diferentes percepções

Esses conflitos de valores recaem no domínio da restauração e reutilização dos monumentos e influenciam no processo de patrimonialização, contudo, não são insolúveis. “(...) em verdade dependem de compromissos, negociáveis em cada caso particular, em função

---

<sup>67</sup> Despite the important function of environmental goods in maintaining ecosystems processes, the social-economic value of such goods is not always unambiguous.



do estado do monumento e do contexto social e cultural em que se insere” (CHOAY, 2006, p.170). Em meados do século XIX, como vimos, a restauração dos monumentos já obtinha um sentido disciplinar. Alguns lugares lendários, adquiriam significação histórica, como: Egito, Mesopotâmica e o templo de Jerusalém. O monumento histórico expandia-se para além do mediterrâneo ou dos territórios de domínio europeu. Visavam especificamente os grandes edifícios, tanto religiosos quanto civis. Embora essas experiências fossem, ainda, localizadas, já consagravam o monumento histórico como tal. Por mais ou menos um século, as práticas conservadoras mantiveram-se similares, até que se iniciasse uma corrida de transformações. Riegl (2014) previa que o valor de ancianidade seria o grande representante do século XX, mas parece que o valor de mercadoria, ganhou a “batalha”.

Max Scheler(2012), discorre sobre a supremacia do útil ao agradável. Os valores vitais estão estritamente relacionados ao valor de agradabilidade, que dá à vida sua essência. Derivado do agradável, que é o valor fundamental, está a utilidade. Algo é útil para que o agradável se revele. Todavia: “O ascetismo moderno se manifesta primordialmente por meio do fato de que o desfrute do agradável, ao qual tudo o que é útil está ligado, experimenta uma contínua modificação; tão ampla, que por fim o agradável acaba se vendo subordinado ao útil” (SCHELER, 2012, p.161). O homem moderno é o homem do trabalho, da utilidade. A civilização moderna acumula coisas agradáveis que não pode desfrutar.

Assim se dá com os monumentos, inclusive no tempo do desfrute turístico.

(...) quanto mais o mundo circundante se torna colorido, divertido, ruidoso e estimulante, tanto mais isto se apresenta como desprovido de alegria para os homens. Coisas muito divertidas, olhadas por homens muito tristes, que não sabem começar nada a partir delas: este é o ‘sentido’ de nossa cultura do divertimento, cosmopolita (SCHELER, 2012, p.162/163).

Esse mundo cosmopolita, da indústria cultural, altera diretamente o monumento e o patrimônio histórico pela dupla função a que se subordinam na atualidade: “obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (CHOAY, 2006, p.211). A realidade atual, além de conter políticas de restauração que se apoiam em diversos dos valores explicitados por Alois Riegl (uma verdadeira miscelânea valorativa), sustenta o valor de mercadoria como primordial, “inventando” monumentos e patrimônios a serem consumidos sobre o discurso da memória e da identidade. Isso resulta em uma confusão sobre o que é, afinal, patrimônio, pois cada vez mais fragmentos são patrimonializáveis.

Esse crescimento recorde começa a provocar inquietação. Resultará ele na destruição de seu objeto? Os efeitos negativos do turismo não são percebidos apenas em Florença e em Veneza. A cidade antiga de Kyoto se degrada a cada dia. Foi necessário fechar, no Egito, os túmulos dos reis. Na Europa, como em outros lugares, a inflação

patrimonial é igualmente combatida e denunciada por outros motivos: custo de manutenção, inadequação aos usos atuais e paralisação de outros grandes projetos de organização do espaço urbano. (CHOAY, 2006, p.265).

Essa nova configuração cultural da cidade, relaciona-se à quantificação da mesma e à formação de metrópoles anuladoras do humano. O processo de sufocamento das lembranças e abandono da memória vem acompanhado de uma renúncia das emoções. Na metrópole, o homem se deixa mover quase que plenamente pela razão, ao contrário do homem do campo, que pode desenvolver com mais facilidade o emocional. “O homem metropolitano, de que existem inúmeros gêneros individuais, desenvolve uma capacidade protetora contra a profunda perturbação com que o ameaçam as flutuações e descontinuidades do ambiente externo” (SIMMEL, 1997, p. 32). Para tanto, o ser humano abandona o espírito criativo por um espírito calculista que seja capaz de habitar as cidades, principalmente as metrópoles.

Dessa forma, “as condições que criam o abismo que costuma existir entre o produtor e consumidor, na sociedade moderna, agem no sentido de também criar um abismo entre a experiência comum e a experiência estética” (DEWEY, 2010, p.69), dando a esta última um caráter exclusivo e superior ao cotidiano, por isso, as pessoas tem se dedicado mais a experiências efêmeras do que estéticas (DEWEY, 2010).

O tempo tem sido uma mercadoria do efêmero tendo como ferramenta chave o turismo – um instrumento presentista que exerce poder em todo o mundo.

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa (HARTOG, 2013, p.148).

Esses fluxos, objetivamente estruturados, são construídos ou adaptados em função dos monumentos para o aumento de seu valor estético e econômico, e não em função do ser que habita. É a construção de um presente já passado antes mesmo de já ter ocorrido completamente. Um presente que fabrica o passado e o futuro de que necessita. Isso afasta, a passos largos, a experiência. Constrói-se uma inversão entre a experiência e a interpretação, onde esta pretende chegar primeiro, já pronta, mastigada e, tanto melhor, já consumida. Emerge a necessidade de nos inserirmos efetivamente no mundo, visto que vivências espirituais são ativas e livres.

## 7.2 VALORAÇÃO ESPIRITUAL: O MACROCOSMO E O MUNDO DOS SABARENSES

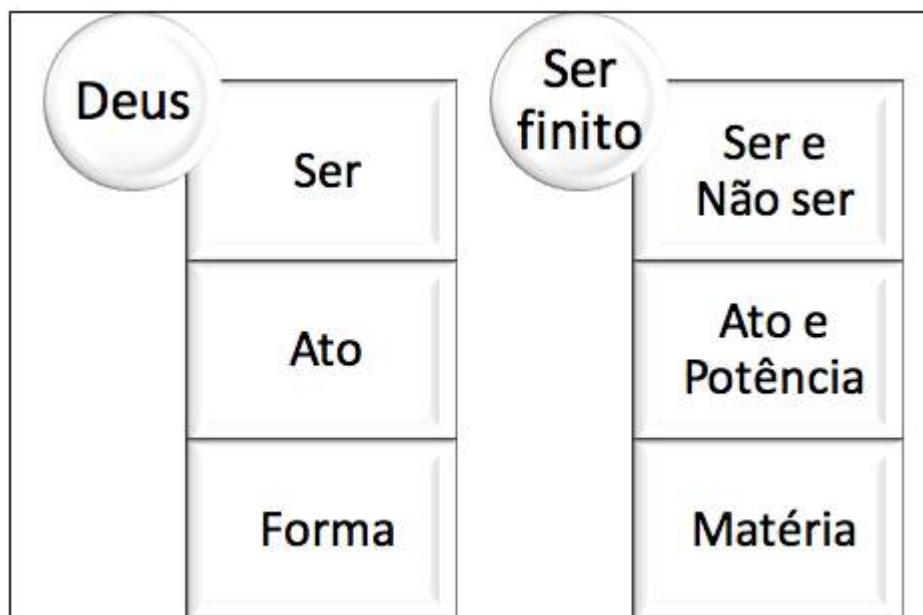
*Vem pra esse mundo, Deus quer nascer  
Há algo invisível e encantado entre eu e você  
E a alma aproveita pra ser a matéria e viver  
(Marisa Monte)*

Para uma teoria de formação/educação é fundamental uma teoria axiológica que una intelecto e sentimento, porque “(...) sólo lo que ella [a alma] acepta interiormente passa a ser su próprio ser, de manera que cabe hablar de crecimiento y formación; lo que sólo perciben los sentidos y el entendimiento continua siendo posesión exterior” (STEIN, 2003c, p.203)<sup>68</sup>. Nem uma apreensão apenas intelectual e nem somente perceptiva garante uma valoração, pois não há uma verdadeira participação interna do sujeito (RUS, 2015). Grande parte do patrimônio de Sabará, não tem sido valorado e, conseqüentemente, está ausente de papel formativo.

Antes de adentrar no contexto sabarense é importante ligar toda a narrativa que estamos construindo ao longo da tese. Conforme visto no capítulo primeiro, o ser é também um não ser, pois é, ao mesmo tempo, ato e potência, ao contrário de Deus, que é ato permanente. “Dios es espíritu puro, en el que no hay nada de matéria. Es el ente em el que no hay nada de no ser: es ser puro. En él no hay nada de posibilidad que no se haya desplegado: es acto puro” (STEIN, 2003, p.691). Na parte dois, da tese, buscamos compreender tanto os atos presentes dos moradores, quanto as possibilidades, a partir da análise de cada distrito. Adentrando na questão patrimonial, nesta terceira parte, começamos a discorrer sobre matéria e forma. O ser finito é aquele que não é forma pura, pois pode ser configurado, ao contrário de Deus, que “no hay contraste alguno entre lo configurado y lo configurante: es forma pura. Espíritu puro, ser puro, acto puro, forma pura: todo esto es en Dios una y la misma cosa” (STEIN, 2003, p.691). A figura abaixo resume essa diferença.

---

<sup>68</sup> Apenas o que ela [a alma] aceita interiormente para a ser (fazer parte do) o seu próprio ser, de maneira que cabe falar de crescimento e formação; aquilo que só os sentidos percebem e entendem continua sendo posse exterior



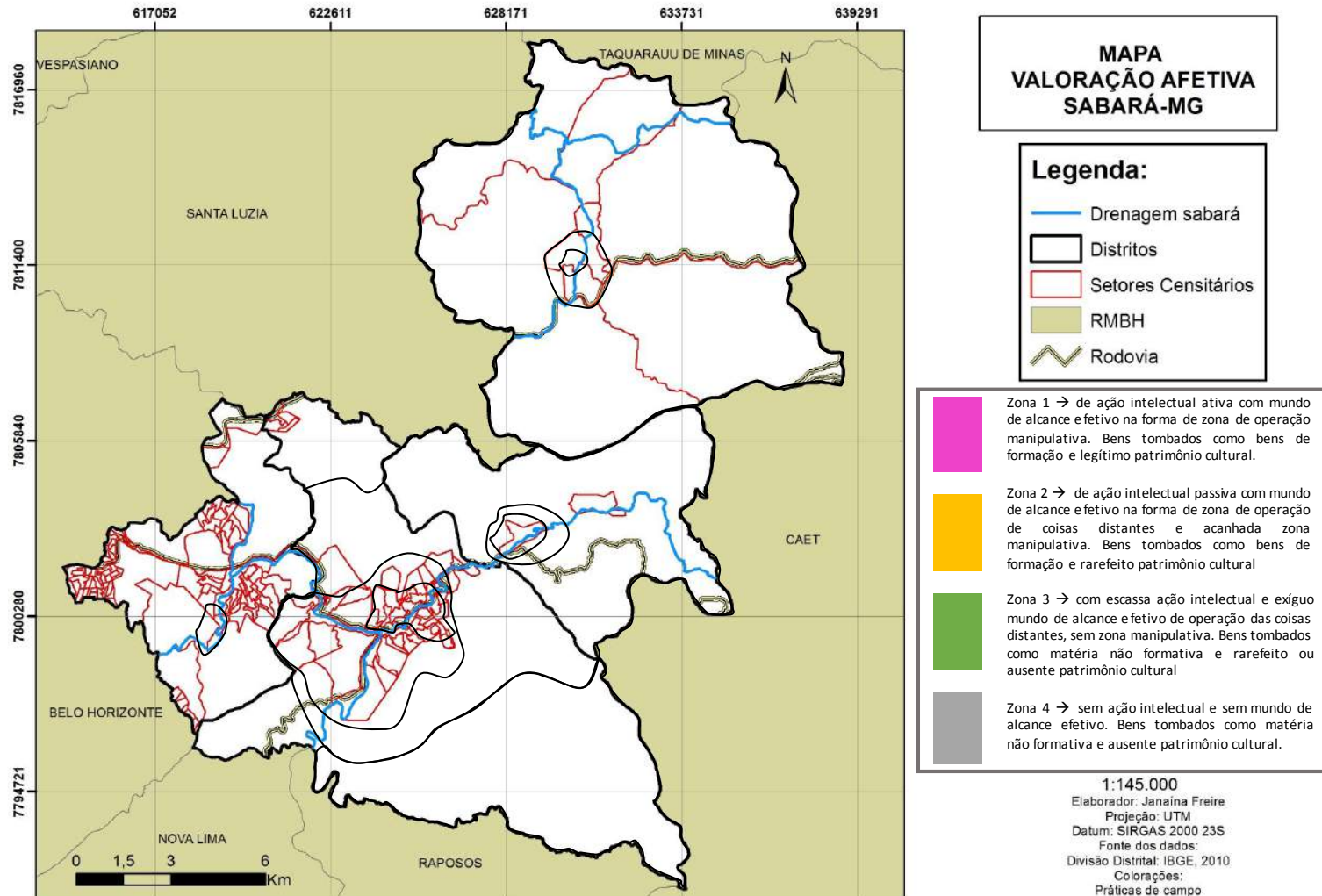
**Figura 130 - Ser e Não Ser**

Organização: Janaína M Freire Gori Felipe.

O mundo material valorado (com sentido afetivo) é uma fonte de formação. O bem cultural, ou patrimônio cultural, é assim constituído porque reúne uma percepção afetiva (um sentimento), pelo contato do ser com o mundo dos valores. Por isso, denominamos como valoração afetiva, as vivências dos moradores sobre o bem tombado, tornando-o mais que um imóvel congelado: um patrimônio cultural.

É a simples ignorância, portanto, que leva a supor que a ligação da arte e da percepção estética com a experiência significa uma diminuição de sua importância e dignidade. A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. (DEWEY, 2010, p.83).

A valoração afetiva, portanto, acentua a vitalidade e representa um ser consciente no mundo. No processo de mapeamento primeiramente identificamos a valorização patrimonial, no sexto capítulo, para nesse momento devalar a valoração afetiva.



**Figura 131 – Mapa de valoração afetiva – Sabará/MG**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe..

No mapa acima espacializamos a valoração afetiva dos bens tombados de Sabará, de modo que fosse possível analisar os impactos da metropolização sobre os lugares. Para tanto, definimos quatro tipos de zonas valorativas, a partir de alguns conceitos fenomenológicos já abordados.

1. Zona de ação intelectual ativa com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação manipulativa. Bens tombados como bens de formação e legítimo patrimônio cultural.
2. Zona de ação intelectual passiva com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação de coisas distantes e acanhada zona manipulativa. Bens tombados como bens de formação e rarefeito patrimônio cultural
3. Zona com escassa ação intelectual e exíguo mundo de alcance efetivo de operação das coisas distantes, sem zona manipulativa. Bens tombados como matéria não formativa e rarefeito ou ausente patrimônio cultural
4. Zona sem ação intelectual e sem mundo de alcance efetivo. Bens tombados como matéria não formativa e ausente patrimônio cultural.

A tabela a seguir demonstra os aspectos levados em consideração:

**Tabela 6 - Elementos constitutivos das Zonas Valorativas**

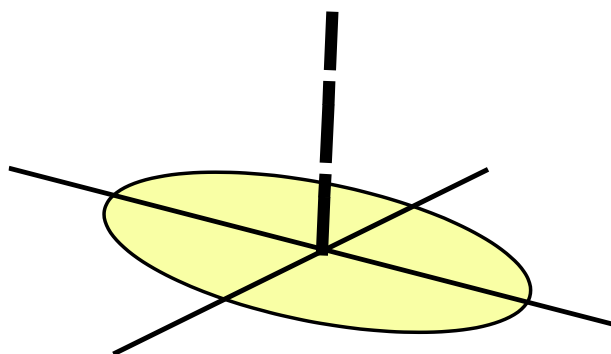
	Intelecto			Mundo de Alcance Efetivo		Objeto		Patrimônio Cultural		
	Ativo	Passivo	Nulo	Zona de Operação Manipulativa	Zona de operação das coisas distantes	Bens de formação	Matéria não formativa	Legítimo	Rarefeito	Nulo
<b>Zona 1</b>	X			X		X		X		
<b>Zona 2</b>		X			X	X			X	
<b>Zona 3</b>		/			/		X		X	/
<b>Zona 4</b>			X				X			X

Organização: Janaína Mourão F. Gori. F.

O *mundo de alcance efetivo*, de Alfred Schutz (2003), refere-se àquele acessado pela experiência, tendo o corpo como ponto de partida. Existe uma zona de operação manipulativa e uma zona de operação de coisas distantes, as duas têm ação direta, contudo a primeira “abarca aquellos objetos que pueden ser tocados y vistos, en contraste con la zona de las cosas distantes,

que no pueden ser experimentadas por el contacto corporal vivo, pero que están dentro del campo de la visión” (SCHUTZ, 2003, p.59)<sup>69</sup>. A zona manipulativa refere-se aquilo que além de visível, é palpável, e a zona de coisas distantes, embora dentro do campo de visão, alude ao que não pode ser experimentado pelo contato corporal vivo. É na zona manipulativa que se tem a verificação de toda a realidade. A zona de operação muda a medida que mudamos de lugar: “Mediante los movimientos de mi organismo animado transfiero el centro O de mi sistema de coordenadas a O’, y esta circunstancia basta por si sola para alterar el valor de las coordenadas que corresponden al sistema” (SCHUTZ, 2003, p.60)

Esse conceito relaciona-se com o espaço existencial de Norberg-Schulz (1984) e desvela proximidades e distâncias. Em *Existence, Space and Architecture* (NORBERG-SCHULZ, 1984) o autor representa graficamente a posição existencial, diretamente ligada a orientação. A reconstruímos dividindo o homem em três partes, que embora pareçam pernas, tronco e cabeça, são corpo, psique e espírito. Verifica-se que o círculo representa os limites do lugar onde o homem efetivamente habita. O círculo é o envolvimento, o plano da vida cotidiana onde se desenvolve a ação. O homem, representado pelo traço vertical tem a sua postura ereta na terra, assim como sua individualidade, embora no envolvimento sejamos seres feitos de intersubjetividade.



**Figura 132 - Espaço Existencial de Norberg-Schulz**

Fonte: Norberg-Schulz(1984) e Carsalade(2011)/ Organização: Janaína Mourão Freire.

Habitar um lugar para Norberg-Schulz (1984) é a posição existencial (*existencial foothold*). O homem habita quando se identifica e se orienta em um lugar. Embora não se dedique aos problemas sociais e econômicos, reconhece que eles podem facilitar ou impedir a realização de certas estruturas existências, como verificamos em Sabará. Norberg-Schulz

<sup>69</sup> Abarca aqueles objetos que podem ser tocados e vistos, em contraste com a zona de coisas distantes, que não podem ser experimentadas pelo contato corporal vivo, mas que estão dentro do campo de visão

(1984, p.6) comenta que o propósito de construir é fazer com que um espaço se torne um lugar. “[lugar] é algo mais do que uma localização abstrata. Entendemos como uma totalidade formada por coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas, estas coisas determinam um caráter ambiental, que é a essência do lugar”.

Vale ressaltar, que o círculo da imagem não se limita a um horizonte com medidas espaciais escalares, mesmo porque: “(...) o nosso mundo, que está dentro de nós, não coincide com as coisas que nós vemos nesse momento. Nós podemos ver pouquíssimas coisas nesse momento, mas nós podemos estar experimentando um intenso mundo interior: recordamos, refletimos, sonhamos etc.” (BELLO, 2004, p.93). Isso nos é muito valioso pois, no circundante que habitamos, temos não apenas os limites territoriais, mas o ilimitado mundo interior – individual e único.

A cor, o modelado, os odores do solo, o arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes. Mas essa realidade não toma forma senão em uma irrealidade que a ultrapassa e simboliza. Sua ‘objetividade’ se estabelece em uma subjetividade” (DARDEL, 2011, p.34)

O mundo dos diversos sabarenses é um reflexo do macrocosmo, de estruturas maiores que impactam na formação da alma. O *lebenswelt metropolitano* impacta nas relações estabelecidas dentro da cidade e com Belo Horizonte.

O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, no lugar de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, ou de concebe-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensa-lo como a potencial universal de suas conexões (MERLEAU- PONTY, 2006, p.328)

Diante de tudo o que foi visto ao longo da segunda parte da tese, foi possível traçar esse potencial de conexões expresso na fala de Merleau-Ponty (2006). Percebemos que dentro do município há uma insuficiente rede de transporte público, uma parca gama de equipamentos urbanos no centro e nos arredores, e déficit de emprego para atender a população local. Esses três fatores, associados a outros, fazem com que a população se relacione muito mais com a metrópole. Para Yi-Fu Tuan (2013, p.148): “A distância, ao contrário do comprimento, não é um conceito espacial puro; implica tempo”, isso é importante entender pois embora algumas áreas de Sabará tenham um intervalo espacial mais curto do que Belo Horizonte, as carências acima citadas as tornam mais distantes, constituindo um mundo de alcance efetivo para além de limites municipais ou de um  $\Delta$ s. “A experiência deve ser considerada de forma multidimensional, tomando em conta o vivenciado e as condições de existência da experiência” (DENCKER, 2012, p.138). O mapa a seguir representa graficamente o mundo de alcance efetivo dos quatro distritos sabarenses para com o distrito Sede e Belo Horizonte, divididos em proximidade e distância.



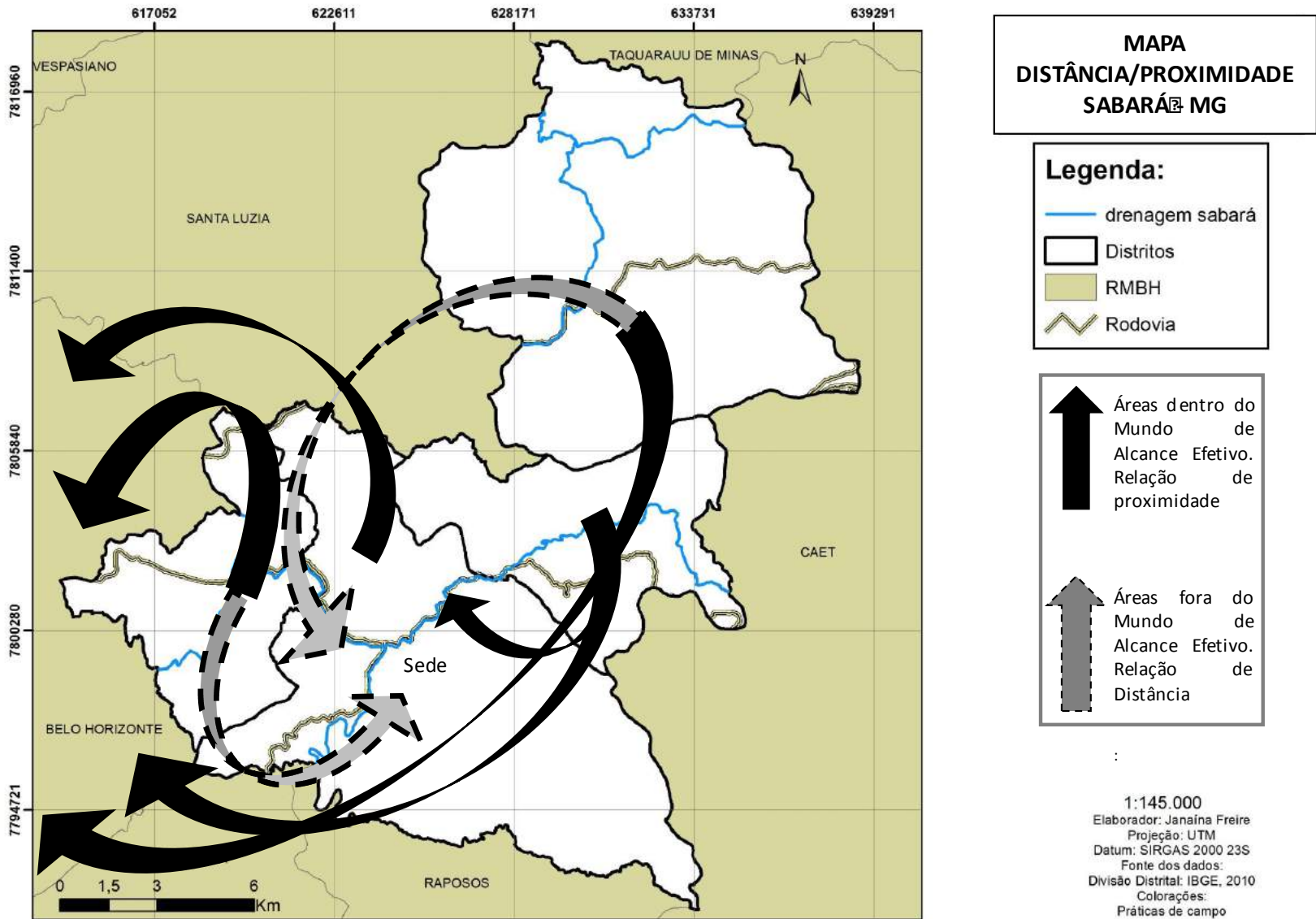


Figura 133 – Mapa de proximidades e distâncias

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Apenas Mestre Caetano possui um mundo de alcance efetivo com a Sede e com Belo Horizonte. Ravena e Carvalho de Brito não tem mundo de alcance efetivo com o centro do município, apenas com a capital metropolitana. Todos têm com BH zonas de operação manipulativa e zonas de operação de coisas distantes, pois a cidade tornou-se fundamental para a dinâmica sabarense.

Com relação ao *intelecto*, passivo é aquele que recebe algo sem a intervenção do ser, ou seja, sem uma ação, já o ativo advém justamente de um ato livre, uma vontade. Para a concepção de um objeto como *bem cultural de formação*, é preciso mais que um intelecto ativo, mas também sentimento, pois é este que acessa o mundo dos valores, constituindo uma valoração afetiva. “Gemut (sentimiento) -, que siente caules de las provisiones acaparadas tienen o no valor. Lo que le conviene al alma como material estructural, es asimilado em su más profundo interior y crece com ella” (STEIN, 2003b, p.183)<sup>70</sup>. Os bens de formação são, deste modo, revestidos de conteúdo espiritual.

Por fim, *patrimônio cultural* é a solidificação de experiências humanas em obras, possuindo tanto valores objetivos como valores afetivos. Na base do patrimônio cultural estão as relações intersubjetivas de um povo: a cultura. Cultura difere-se de civilização porque:

A civilização está ligada ao grande processo de coisificação da racionalidade que, levado pela técnica e pelo poder, se pode exportar até ao infinito e cria a história do progresso. Quanto a cultura, está ligada ao sentido, aos significados, ao único, aos estilos de vida, à representação, à compreensão geral do mundo. (MENDES, 2004, p.122).

Conforme o mapa de valoração afetiva, há um rarefeito processo de valoração. Alguns elementos externos explicam o ruído existente entre a valorização patrimonial e a valoração afetiva. A metropolização impacta no mundo de alcance efetivo, como já visto e, conseqüentemente, repercute nas referências identitárias. De acordo com Edith Stein (2003b), a estrutura anímica pode ser co-gerida por algum elemento externo que exerce uma espécie de adestramento. Além disso:

A menudo se há denominado al alma como um ‘pequeño mundo’, um microcosmos, y se há dicho que debe ser una imagen del macrocosmos, del ‘gran mundo’ (...). Las ideas y los conceptos del espíritu em su actividad cognoscitiva eran una imagen del mundo conocido. (STEIN, 2003b, p.187)<sup>71</sup>.

Com relação a identidade, definimos três tipos distintos:

1. As identidades territoriais de resistência legitimadas pelos lugares de memória e características das zonas urbanas de padrão bom a mediano, com território de

<sup>70</sup> Gemut (sentimiento) -, que sente quais dos suprimentos acumulados tem ou não valor. O que convém a alma como material estrutural, é assimilado em seu mais profundo interior e cresce co ela.

<sup>71</sup> A alma tem sido frequentemente denominada como um ‘pequeno mundo’, um microcosmo, e se tem dito que deve ser uma imagem do macrocosmo, do ‘grande mundo’ (...). As ideias e conceitos do espírito em sua atividade cognitiva eram uma imagem do mundo conhecido.

referência identitária situado em determinados limites de Sabará;

2. As identidades transterritoriais legitimadas pela metropolização e características das zonas urbanas de padrão mediano a subumano, com território de referência identitária que transcende os limites de Sabará.
3. As novas territorialidades características dos arraiais do século XXI<sup>72</sup>, com zonas urbanas de padrão mediano a subumano com território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará;

Expliquemos.

O território é sempre apropriação e domínio em um espaço socialmente partilhado. É resultado de uma construção histórica e possui “tanto uma dimensão mais subjetiva, que se propõe denominar, aqui, de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial” (HAESBAERT, 2007, p.42), como uma dimensão objetiva, de “dominação do espaço”. Para a Fenomenologia, as conexões entre a consciência constituinte e os objetos constituídos, é tarefa fundamental (STEIN, 2005).

Identidade pode ser entendida como uma identificação com algo que é semelhante ou idêntico. Algo igualmente autêntico. Portanto, sugere um “com”, um conteúdo relacional.

(...) a(s) identidade(s) implica(m) uma busca de reconhecimento que se faz frente a alteridade, pois é no encontro ou no embate com o outro que buscamos nossa afirmação pelo reconhecimento daquilo que nos distingue e que, por isto, ao mesmo tempo, pode promover tanto o diálogo quanto o conflito com o outro. (HAESBAERT, 1999, p.175).

Para Edith Stein (2004), essa alteridade é entendida como empatia, que é o reconhecimento de um outro que também tem vivências, que padece, que quer e que se orienta no mundo como sujeito. Essa vivência espiritual que é a empatia, difere-se das outras pelo seu conteúdo originário. Quando vivenciamos o querer de algo, por exemplo, é de nosso interior que isso se origina. Não importa se foi uma outra vivência que o motivou, como a ida a um centro comercial ou uma propaganda televisiva, pois a vivência intencional do querer brotou de dentro do próprio sujeito que a experimentou. No caso da empatia, o sujeito empatizado não é quem gera a empatia, mas sim o outro, que reconhecido como sujeito, desperta a empatia em alguém. Portanto, é uma vivência essencialmente intersubjetiva. Isso é relevante porque, sendo essencialmente compartilhada, essa experiência pode gerar o conflito, principalmente quando envolve um conteúdo cultural.

A identificação de um grupo, como tal, implica na classificação de certas características, que quando não atendidas, resultam na diferença e na desigualização. Claramente esse processo

---

<sup>72</sup> Como denominamos, no capítulo 2 da tese, as ocupações de baixa renda mais recentes

ocorre em Sabará e os conteúdos da diferenciação são, basicamente: local da residência, tipo de moradia e os “territórios de referência identitária”<sup>73</sup>. Esses três componentes, verificados ao longo das experiências vividas em/com Sabará, são territoriais, o que nos levaram a utilização do conceito identidade territorial, que Rogério Haesbaert (1999, p.180) define como:

Um das características mais importantes da identidade territorial (...) é que ela recorre à uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência ‘condense’ a memória do grupo, tal como ocorrer deliberadamente nos chamados monumentos históricos nacionais (...) envolve, portanto, uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade

As **identidades de resistência**, assim classificadas, se referem as tentativas de manutenção de uma memória coletiva. O conceito de memória coletiva trazida por Halbwachs (1990, p. 26) relaciona-se ao fato de vivermos em sociedade. Coletiva, pois é sempre compartilhada, e assim permanecerá “mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”. No entanto, o próprio autor entende que existe uma consciência puramente individual na estrutura de toda e qualquer lembrança, ao que ele denomina de *intuição sensível*. De fato, há na lembrança o componente subjetivo mas sempre, também, o elemento intersubjetivo. “Não existe uma consciência da comunidade, pois a consciência é apenas individual. Porém, a consciência individual pode viver as vivências comunitárias” (BELLO, 2015, p.89). Quando Halbwachs refere-se a memória coletiva ele entende exatamente isso, e sustenta, assim como os fenomenólogos, que toda memória individual tem caracteres coletivos, pela condição social do ser. Nesse caso, o território de referência identitária está em Sabará, em determinados limites do que eles consideram que seja Sabará. “Acho que o que tem aqui em Sabará está morrendo com os idosos aqui da cidade, eles vão levar com eles” (FT)

As **transterritorialidades** são denominadas por Rogério Haesbaert (1999) como identidades pós-modernas, características do mundo globalizado, posto que não é uma ateritorialidade, mas uma territorialidade que transcende limites, que se reformula. Atualmente, o que se verifica, tanto em relação às conexões urbanas, quanto no envolvimento emocional (de lugar), é uma identidade belo horizontal. Contudo, há casos em que essa identidade pareceu não fazer parte nem de Sabará e nem de BH, transcendendo ainda mais.

Durante as mediações comunitárias, uma das dinâmicas implicava na construção de uma nova carteira de identidade. O jovem poderia construir uma totalmente nova, seguindo critérios

---

<sup>73</sup> Para esse termo, nos inspiramos no que foi empregado por Poche (1983) no artigo *La région comme espace de référence identitaire*, publicado na revista *Espaces et Sociétés*, nº 42. O espaço de referência identitário pode ter como referência um recorte territorial que transpõe determinadas barreiras geográficas. Adotamos o termo território, pois temos Sabará como referência.

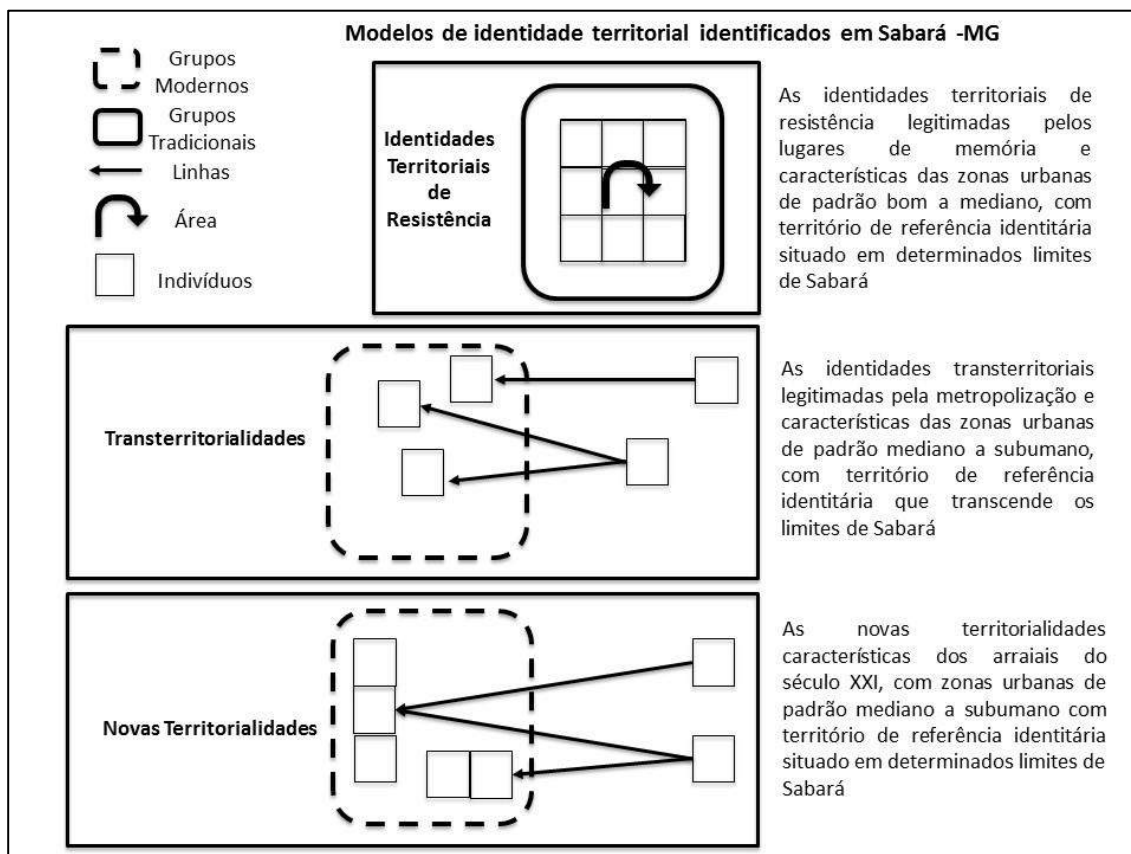
pré-estabelecidos, como: colocar no registro qualquer número (um ou mais de um) que ele gostasse ou fizesse parte de sua história. Inserir o nome que gostasse de ser chamado ou como gostaria de ser chamado, e etc. Na naturalidade, que nos interessa nesse momento, eles poderiam adicionar qualquer lugar que se sentiam parte, pertencentes. De todos os jovens participantes, 45% respondeu Sabará, todos os outros responderam outras localidades como Belo Horizonte, São Paulo, Nova York e Espanha. Nesses três últimos casos, os jovens não conheciam a cidade/país: “eu não nasci lá, mas quero morar lá” (KL), “a pessoa que eu gosto mora lá” (NR), “é...meu sonho assim, eu nasci em Sabará, mas meu sonho de verdade assim, que eu queria, era estar, era morar nos Estados Unidos mesmo sabe, ter minha vida lá, e eu to aprendendo inglês sabe, comigo mesma” (LL), “Naturalidade Espanha, porque eu não sei onde eu nasci e Espanha eu gostaria de conhecer”.

Por outro lado, tiveram jovens que se apropriaram de Sabará: “na naturalidade eu coloquei Sabará mesmo, porque assim, é aqui que eu nasci e é aqui que eu me sinto bem” (AD), “Naturalidade...Sabará mesmo, porque eu nasci aqui” (MR). Isso nos leva ao que chamamos de **novas territorialidades**. Utilizamos esse termo para indicar as novas identidades territoriais sabarenses que se originam no município, nos espaços de homogeneização da pobreza e da miséria (HAESBAERT, 2007), que aumentam a medida que a força metropolitana se expande sobre os limites municipais. O território de referência identitária é Sabará, mas uma Sabará diferente daqueles vivenciam identidades de resistência.

O espaço tornado território que implica em dois elementos: subjetivo e objetivo, é constituído por pontos e linhas, e áreas. Nas sociedades tradicionais prevalece uma construção territorial pautada em áreas, pela preponderância de uma dimensão simbólica. Nas sociedades modernas predomina a geometria de pontos e linhas, que é mais objetiva e funcional. A primeira tende a uma apropriação do território como sagrado, como elemento especial. Na segunda, o território é mais utilitário e, por isso, se abre facilmente a outras culturas (HAESBAERT, 2007). Levando isso em consideração, as identidades territoriais de resistência são características dos grupos mais antigos dos distritos Sede e Mestre Caetano, enquanto as transterritorialidades e as novas territorialidades referem-se aos moradores com ascendência familiar recente na cidade ou sem ascendência, sendo primeiros moradores. É importante frisar que apenas no distrito de Mestre Caetano não encontramos identidades transterritoriais, mas até mesmo na Sede, isso ficou latente.

A figura 134 sintetiza essa classificação, que impacta diretamente na valoração do patrimônio, como veremos no capítulo 6. As setas lineares representam as linhas, e a seta em curva a área. Notamos que os indivíduos, no segundo e terceiro caso, têm um território

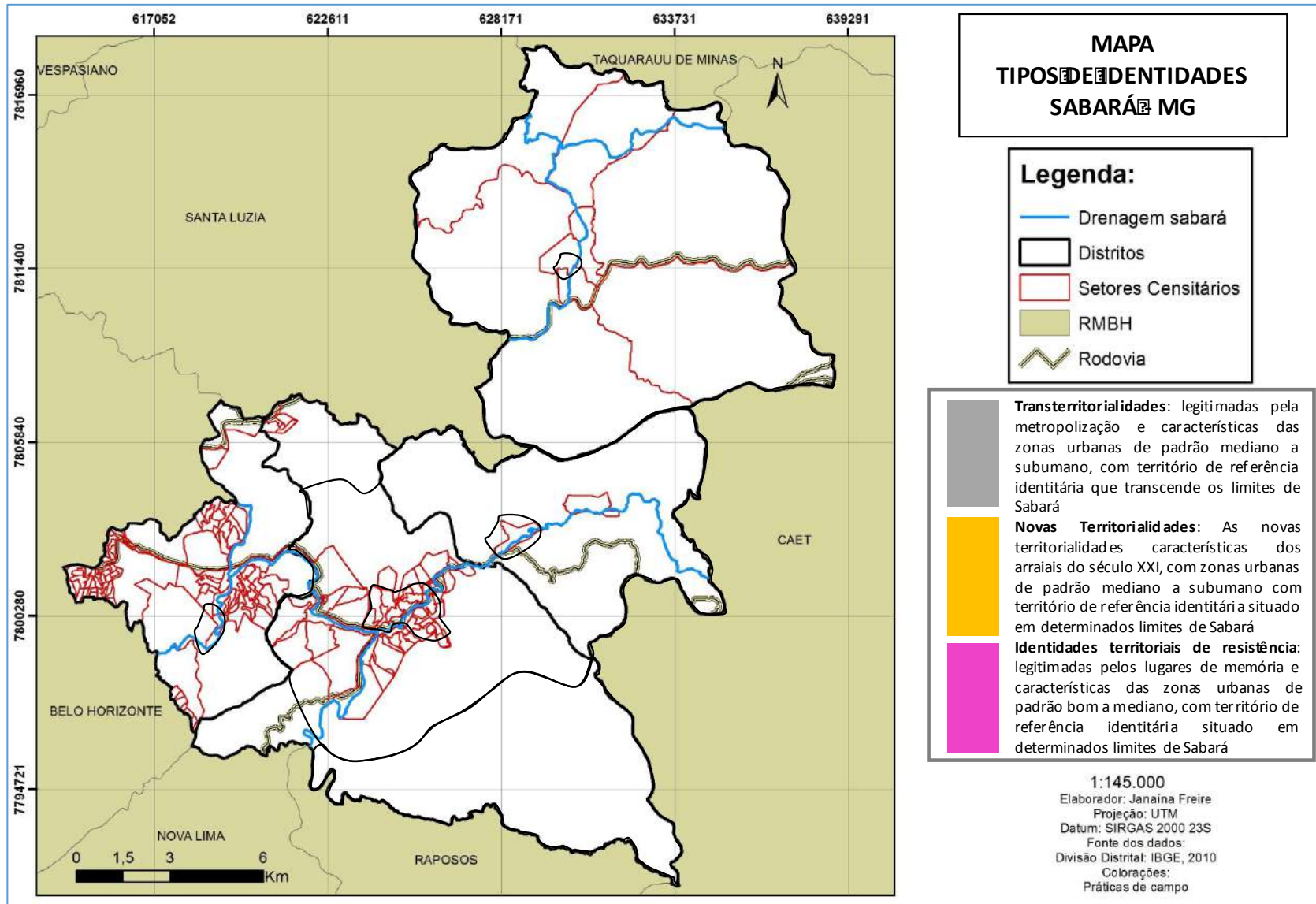
tracejado, pelo contato com outras culturas. No segundo, há uma abertura, pois o sentido de territorialidade não se restringe ao local de moradia. Apenas no primeiro caso o território está fechado e integra um grupo que procura reverberar sua própria cultura.



**Figura 134 - Domínios identitários de Sabará**

Organização: Janaína M Freire G Felipe.

O mapa a seguir especializa essas identidades. O centro de Ravena (UP2) foi classificado como identidade de resistência, embora tenha um conteúdo muito particular. É uma área de ocupação antiga, que já fez parte de Santa Luzia. Os moradores sentem-se ravenenses e não sabarenenses e resistem muito ao poder político de Sabará. Na memória dos mais idosos existe muito orgulho em ser ravenense e mesmo moradores que já vivem lá há muitos anos mas que não nasceram no local, sofrem diferenciação. Todo o resto de Ravena (UP1) foi classificado como transterritorialidade, por serem mais belo horizontinos que propriamente ravenense ou sabarenense.



**Figura 135 – Mapa: Tipos de identidades de Sabará - MG**

Organização: Janaina M. Freire G. Felipe.

Mestre Caetano tem algumas novas territorialidades nas áreas de ocupação irregular dentro dos limites distritais (UP1), mas o bairro Pompéu (UP2) é todo uma área de identidade territorial de resistência com sentido afetivo bem ligado a Sabará, embora a dinâmica de vida esteja muito ligada a Belo Horizonte.

Na Sede encontram-se os três tipos de identidade, apenas nas áreas próximas ao centro histórico e à igreja do Ó verificam-se identidades de resistência. Os arredores urbanizados, incluindo o Arraial Velho e Roça Grande, apresentam novas territorialidades que embora sejam sabarenses, não são ligadas, inteiramente, ao contexto histórico e cultural da área central. As bordas do distrito foram qualificadas como transterritorialidades por serem mais ligadas a Santa Luzia ao norte e a Belo Horizonte ao sul. Por fim, Carvalho de Brito tem apenas a Vila Marzagão como nova territorialidade, pois os moradores, embora tenha mais relação com Belo Horizonte, entendem a sua história (a história da vila) como parte da história de Sabará e convivem com fragmentos tombados no cotidiano. Todo o resto do distrito foi designado como transterritorialidade, pelo pouquíssimo contato com o município:

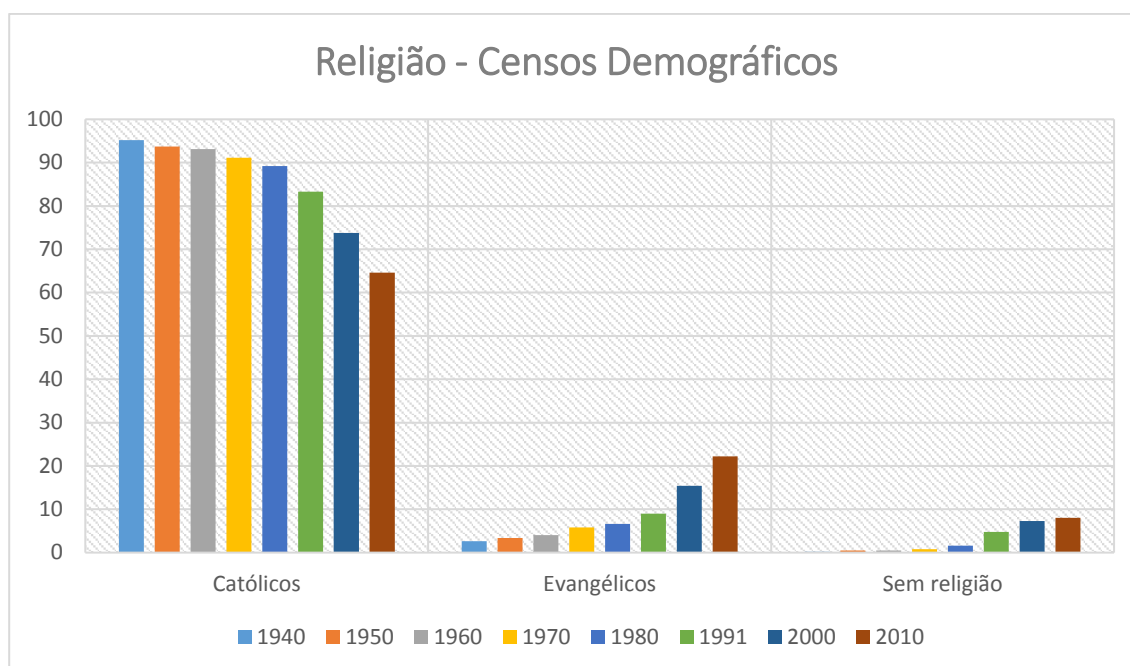
Acho que as pessoas não acessam o centro histórico por **falta de cultura**, falta de conhecimento da historia de sabará. Aquela coisa assim de, Belo Horizonte ta mais perto, vou numa churrascaria aqui, num barzinho aqui. **A falta do pertencimento à sabará**. Aquela coisa assim, **eu nem sei se eu sou sabarense**, A dificuldade de transporte pra lá...que é um onibuszinho que em determinados horários ele para de circular pro centro de sabará. Final de semana não tem ônibus circulando pro centro. Então assim como a pessoa vai? (VNA)

A fala de VNA, moradora do bairro Nova Vista, revela claramente essa ausência de Sabará: “eu nem sei se eu sou sabarense”.

Além desses elementos ligados diretamente a metropolização, podemos elencar outros fatores que influem na valoração afetiva. De acordo com Eduardo Yázigi (2003), o cristianismo difundiu uma rede de santuários, imagens e relíquias, com valor sagrado e artístico. Atualmente, nas políticas patrimoniais, o valor estético é superior ao devocional, que é espiritual, ou seja, originário do ser que habita. Isso pode ser explicado, de acordo com o autor, pela dessacralização do mundo. Além disso, houve uma expansão pentecostal principalmente nas áreas de baixa renda, como se percebe claramente em Sabará. Contudo, esse processo não é restrito ao município, é um movimento nacional, como se observa no gráfico a seguir.



Gráfico 15 - Religião em censos demográficos



Fonte: Janaína Mourão F. Gori. F.

Os católicos caíram de 95,2% na década de 1940 para 64,6% no censo de 2010, uma queda de 30%, similar ao crescimento pentecostal, que aumentou em 22% nesse mesmo período.

Todo mundo é católico, mas assim, virgula né, no meio de todo mundo, mas o pessoal vai arredando, o pessoal não ta...pra ser católico tem que ter muita firmeza, de berço né, eles é católico e de repente deixa de ser católico e passa pra outra religião. Evangélico e por aí vai... (BA).

Em Sabará nota-se claramente o avanço do evangelismo pelas bordas, alcançando inclusive os bairros históricos. “Agora aparentemente tem mais evangélicos do que católicos. As igrejas evangélicas abrangem um espaço considerável aqui”. (CLD). De acordo com os moradores, com o passar do tempo, isso tem acarretado um menor uso dos templos religiosos tombados: “Acho que pode ter uma dificuldade de diálogo por causa da religião, pelo centro ser mais católico e a periferia mais evangélica” (ADZ). É importante frisar que, embora a ocupação pentecostal tenha estado associada, durante muito tempo, à favelas e zonas periféricas de baixa renda, atualmente expande-se para outros grupos:

Mas seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiático, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas (MARIANO,2004, p.121)

Essa dessacralização associada a expansão pentecostal, não está dissociada do *lebenswelt metropolitano*. Embora não tenhamos nos aprofundado nesse elemento, posto que

daria uma tese a parte, entendemos que se a evangelização tem muita força nos aglomerados subnormais e eles tem se expandido pelo avanço da metrópole, esse fator religioso impactando na valoração afetiva do bem tombado também é um reflexo da metropolização. Não estamos julgando valores religiosos, apenas expressando um fenômeno verificado. Esse processo impacta não apenas no uso das igrejas em dias de missa, mas também na participação da população nas festas religiosas, tradicionais na cidade, como reclamaram alguns moradores.

Todos esses temas aqui discorridos são ruídos entre a valorização patrimonial e a valoração afetiva, fazendo com que apenas na Vila Marzagão, em limites restritos do centro histórico e no Pompéu, haja uma zona de valoração afetiva 1. No próximo subcapítulo procuramos descrever essa valoração em uma escala maior, saindo de zonas para os próprios bens tombados.

### **7.3 PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE SABARENSE: BENS TOMBADOS FORMATIVOS**

*As margens da memória uma vez fixadas com palavras, cancelam-se – disse Polo – Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco (CALVINO, 2003, p.85)*

Sem a valoração afetiva o patrimônio é coisificado, deixando de ser matéria formativa. Procuramos avaliar quais bens tem tido papel formativo, atuando efetivamente como patrimônios culturais, fazendo parte das identidades territoriais de resistência e das novas territorialidades constituídas em Sabará. Durante esse processo identificamos três tipos distintos de bens, são eles:

1. **Patrimônio cultural excluído** → Bens tombados importantes para o cotidiano sabarense que são inacessíveis aos moradores, dificultando a perpetuação de seu valor afetivo para as gerações futuras.
2. **Patrimônio cultural invisível** → Bens já demolidos que ainda permanecem vivos na memória de muitos moradores, principalmente os mais antigos.
3. **Patrimônio cultural ativo** → Bens tombados que estão presentes no cotidiano dos sabarenses, com valor de uso.

Vale ressaltar que fizemos uma análise de grupos e, que embora possa existir exceções, ou seja, determinados indivíduos que vivenciam diferente da maioria, esses resultados representam um padrão verificado. Os bens invisíveis não chegaram a ser tombados e por isso a supressão

da paisagem, entretanto, optamos por menciona-los pela importância memorial que possuem.

No mapa de valoração afetiva analisamos a valoração por meio de zonas, para, agora, pensarmos nos bens individualmente. Nesse caso, ressaltamos os bens que têm maior valor intersubjetivo para a comunidade ao redor e para Sabará como um todo. Bens que ativamente sintetizam o diverso ser sabarense, tanto em nível das identidades territoriais de resistência, quanto das novas territorialidades.

Denominamos como patrimônio cultural invisível aqueles que possuem valor afetivo e memorial, mas que foram suprimidos da paisagem. Para compreensão disso trabalhamos com o conceito de *paisagem na memória*<sup>74</sup>. De acordo com Simon Schama (1996, p.17), “[...] a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. Com essa afirmativa o autor demonstra que a paisagem conserva não apenas o visível, mas também o memorial, os extratos de lembrança que compõem a vida do ser, as experiências vividas.

A história está viva aqui ainda, o Santinho ainda estava vivo e comentou como funcionava a fábrica do Marzagão. Gente, a história, o que interessa não é o prédio estar inteiro, mas que a memória ainda está viva na memória e estamos aqui junto com as crianças contando isso (NLD)

Concordando com essa fala de NLD, moradora da Vila Eliza, procuramos listar os bens vivos na memória. Nesse grupo inserimos a Igreja de Santa Rita, na atual praça do coreto, no distrito Sede; a estação de trem General Carneiro; o antigo bairro Cuiabá próximo ao Pompéu; e o Coreto da Vila Eliza, próximo a Vila Marzagão. A Igreja de Santa Rita é comentada por diversos moradores como uma das preciosidades que haviam na cidade: “A praça santa Rita que infelizmente eles demoliram a igreja que tinha lá. A praça tem um charme, uma iluminação gostosa”. Zoroastro Passos (1942) comenta sobre a igreja dedicada a santa que era devoto:

Nascido ao pé de Santa Rita na rua do fogo, quase de frente do passo que teve a mesma sorte que o destino a ela reservara; nela batizado, criado na rua Direita, a dois passos da capela; aí tendo feito minha primeira comunhão; a cuja sombra cresci, brinquei os primeiros brincos da meninice, e onde recebi a benção matrimonial; onde se batizaram filhos meus; tendo-a sempre presente em minha lembrança (...). A Igreja de Santa Rita se integrava de tal jeito a minha vida, que a estou relembrando com lágrimas a me enevoar os olhos e o coração inundado com a suavíssima saudade! (PASSOS, 1942, p.341)

Esse sentimento do autor ainda vigora em muitos moradores da cidade que relembram a beleza da igreja e sentem não apenas pela construção, mas pela ausência de um santuário dedicado a santa de devoção. Por estar em uma área central, a sua supressão foi impactante na paisagem, como fica claro observando a foto do local antes da sua demolição e nos dias de hoje.

---

<sup>74</sup> Esse conceito foi utilizado pela autora na dissertação de mestrado intitulada: “Em Busca dos Guardiões da Lembrança: Imaginário e Paisagem na Memória de seringueiros do estado do Acre” (2013).

A primeira imagem foi tirada da praça Melo Viana, de costa para a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a segunda, da rua Dom Pedro II. No lugar da igreja hoje á uma praça com um coreto.



**Figura 136 - Composição Paisagística – Área da antiga Igreja de Santa Rita**

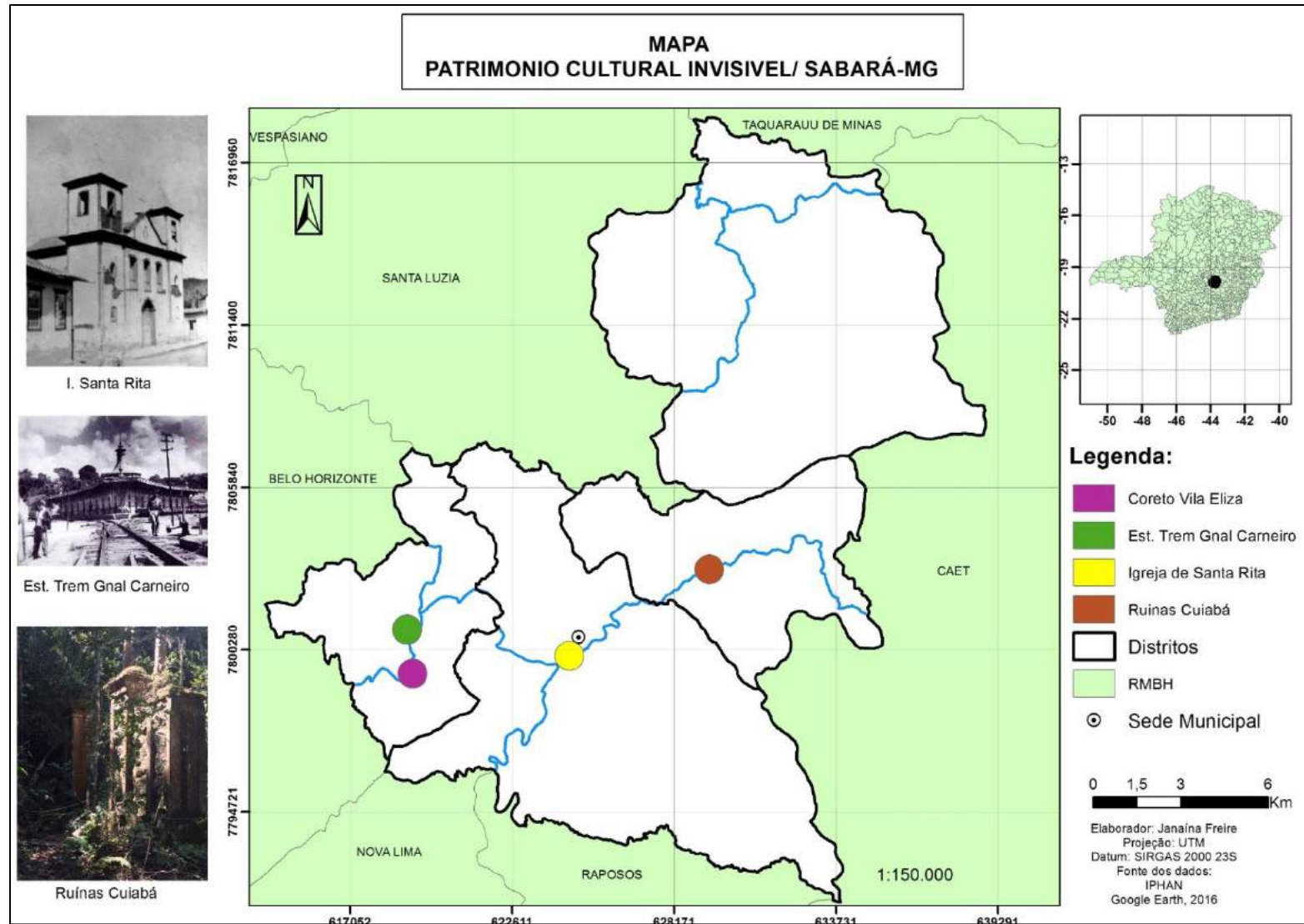
Fonte: Arquivo publico mineiro e foto da autora.



**Figura 137 - Foto do local da antiga Igreja de Santa Rita**

Fonte: Arquivo publico mineiro e foto da autora.

No distrito de Carvalho de Brito identificamos duas edificações invisíveis na paisagem física mas aparentes nas paisagens da memória dos moradores. A primeira delas é o coreto da Vila Eliza, que foi comentado por todos os moradores com os quais conversamos na Vila Marzagão. Ele era muito presente pois lá se reuniam para conversar e conviver, além de ser uma praça de festividades. .



**Figura 138 – Mapa do Patrimônio Cultural Invisível**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Além do Coreto, a estação de trem de General Carneiro ainda perpetua muito na memória dos moradores do distrito. Embora outras estações também tenham sido suprimidas da paisagem, essa nos pareceu a mais marcante. Para os jovens essa edificação é indiferente, mas os adultos e idosos sempre comentam sobre o lugar que era um ponto de encontro e de reunião dos moradores. Além disso, para ir a estação usavam as melhores roupas, demonstrando a importância do local. No capítulo 2 colocamos fotos da estação

Por fim, como patrimônio cultural invisível, citamos o antigo bairro Mestre Caetano, também conhecido como Cuiabá. Pelo que nos explicaram os moradores, o bairro era importante pois tinha diversos equipamentos urbanos inexistentes no Pompéu como médico, escola, armazém, cartório, etc. O bairro foi desmobilizado por causa do fechamento da Mina Morro Velho na segunda Guerra Mundial, pela falta de explosivos no mercado. Anos depois, também a estação Central do Brasil foi desativada. Esses dois contextos retiraram a população do local, e anos depois as edificações foram demolidas pela Anglo Gold. A memória do lugar, contudo, permanece viva. Dois elementos do antigo bairro são mais mencionados, o primeiro é o antigo trem e o segundo o antigo casarão demolido a poucos anos.

Tinha trem mas o trem era só duas vezes no dia, só de manhã e a noite. Agora não tem mais, não para mais o trem aqui. A estação acabou, destruíram a estação. De Sabará, de Mestre Caetano, aqui tinha uma parada de trem. A festa do povo era ali na paradinha. Todo dia de domingo, deu 2 horas que é a hora do trem passar, ia todo mundo pra parada, uns ia ficar jogando bola, outros vendendo salgado, vendendo doce, enchia de gente pra ver o trem passar (SLS).

A obra mais recente demolida é o casarão, um sobrado que lá havia. De acordo com SLS, com quem fizemos a caminhada de reconhecimento, o casarão teve várias funcionalidades. Ele foi construído para ser um hospital pois tinha muita incidência de febre amarela, mas com a edificação da Santa Casa em Sabará, tornou-se uma hospedaria para as pessoas que vinham de fora visitar a mina. Posteriormente, virou uma escola.

SLS faz um trabalho de recuperação da memória do lugar a partir de caminhadas e ciclismo com jovens e crianças. Fizemos esse percurso com ele e alguns moradores e foi muito interessante ver as ruínas e o interesse que causam nos mais jovens. Ainda vivem no Pompéu e em Sabará, alguns moradores do antigo Mestre Caetano, conversamos com uma senhora, já bem idosa, que é filha do escrivo e ela contou sobre a infância e juventude no local, demonstrando quão moderna era a vida para a época e que o acesso de trem permitia muitas viagens importantes.

O rio das Velhas e o rio Sabará também são fundamentais para o cotidiano dos moradores, embora não sejam bens tombados consideramos importante mencionar. Além de terem sido usados como meio de transporte e reserva aurífera, serviram como fonte de alimento

e lazer. Os rios estão presentes na memória de muitos moradores, não como algo, mas como alguém, um ser vivo com quem partilharam a infância e muitos momentos da vida. Grande parte dos relatos revelam uma dor pelo estado em que os córregos estão, pois, além de poluídos, a vazão diminuiu muito. O autor Silas Fonseca (2016), morador do Pompéu, dedicou um poema ao Rio Sabará:

Era como se o rio houvesse nascido comigo  
Tínhamos, parecia, a mesma idade e éramos amigos.  
Amigos de verdade!  
Até no nosso correr havia, por assim dizer, a mesma felicidade

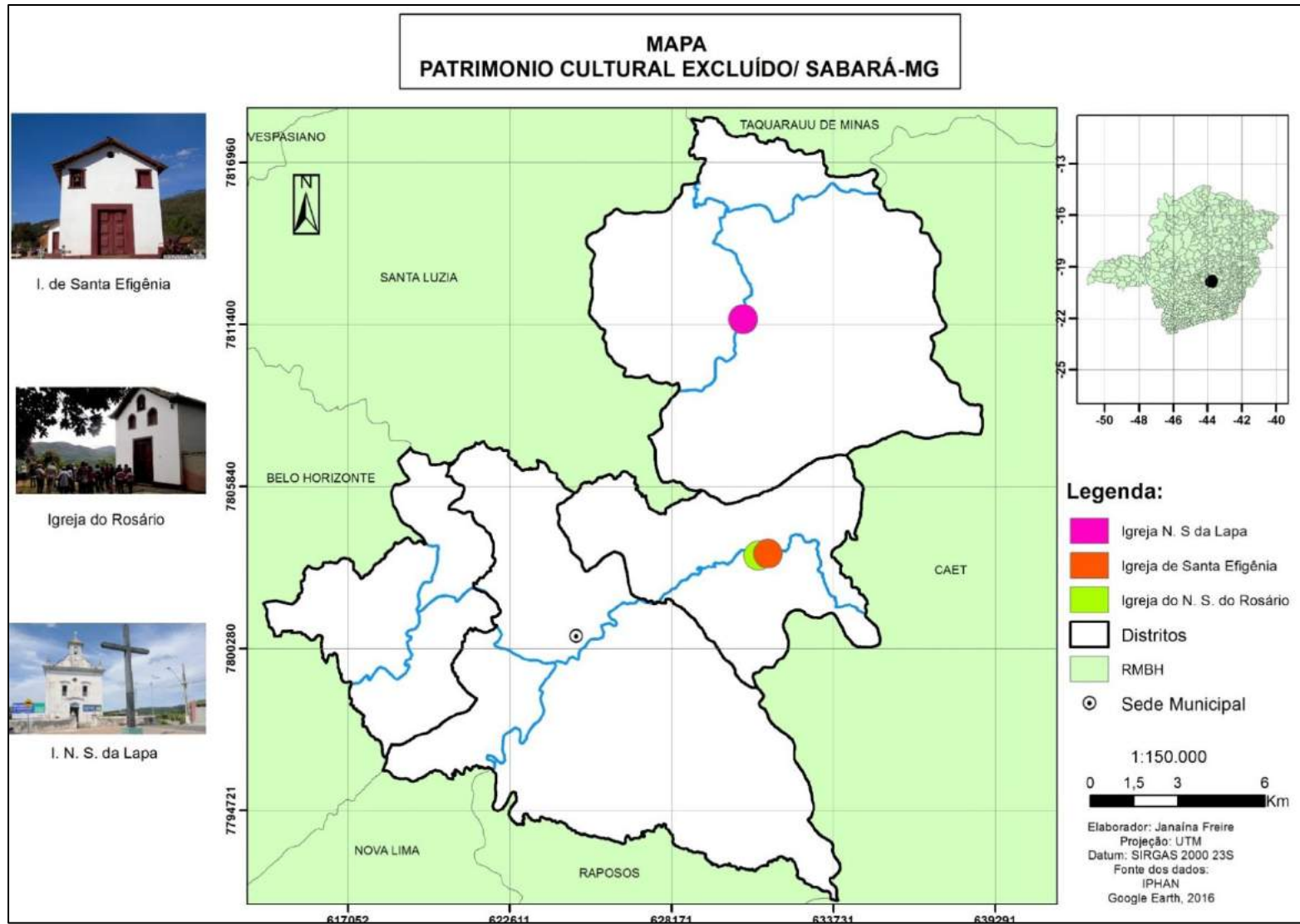
Eu nunca me dera muito bem a bola,  
Nas férias de escola, preferia cultivar a nossa amizade:  
Minha e do rio.  
Puxa vida, ele era meu amigo. No duro!  
Se eu tinha sede, ele me saciava,  
Se eu tinha fome, trazia-me um jambo maduro,  
Colhido nos lugares por onde passava  
E as borboletas? Ah, as borboletas...  
Branças, azuis, amarelas e pretas,  
Chegavam a todo momento na garupa do vento  
E apeavam docemente na areia:  
Dez, trinta, oitenta, cem...  
Nem se quantas, eram tantas!  
Todas coloridas, cheias de alegria  
E eu sorria. E o rio também!

Mas estas amizades puras, sinceras  
Só existem enquanto se é menino  
À medida em que fui “crescendo”  
Outras coisas fizeram-se mais importantes do que a nossa amizade:  
O bar, o cinema, a turma, o vintém...  
O rio não me procurou, nem eu o procurei também!

Mas, disseram-me outro dia – que covardia!  
Que estavam matando o rio!  
Lembrei-me da minha infância  
E senti percorrer-me um calafrio  
Amaldiçoe o meu mundo, egoísta e vazio,  
E resolvi que iria visita-lo, lembrar-lhe-ia da minha infância,  
Falar-lhe-ia de esperança,  
Dir-lhe-ia, sei lá, alguma palavra de carinho e conforto  
Mas a minha visita não surtiu efeito, o rio jazia no leito,  
Meu amigo já estava morto  
Olha, se você ainda for menino e tiver, assim, um rio amigo,  
Cultive esta amizade com carinho, com brio, ou,  
Como eu, perceberá tarde demais que a sua felicidade  
Que a sua paz, estavam naquela amizade: sua e do rio  
(FONSECA, 2016, p.78/79)

Os patrimônios culturais excluídos são aqueles que, ao contrário dos anteriores, ainda estão erguidos na paisagem. Também revelam valor afetivo, contudo os moradores não têm acesso ao patrimônio por motivos institucionais. Primeiramente podemos citar a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Ravena, que está fechada por conta de uma obra não finalizada pelo IEPHA.





**Figura 139 – Mapa do Patrimônio Cultural Excluído**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

A Igreja “ficou 10 anos fechada sem restauro, aí em 2010 ela começou a reforma e em 2013 fechou. Precisava de uns 10 anos de reforma pra poder liberar ela...é muito minucioso” (EDR). Os moradores sentem muito a ausência da igreja, principalmente por conta da festa da Padroeira (Marujada) que não tem mais a missa dentro do templo religioso, mas sim na praça central. Um moradora expressou o sentimento que tem ao vê-la fechada: “Revolta, decepção, é um sentimento que a gente chora...precisa ser reaberta sabe, é nossa” (CLD). O isolamento da igreja é o isolamento de uma memória que está totalmente ligada as festividades. Os moradores contam que era costume comprar a melhor roupa para o evento que durava quase uma semana (essa roupa era guardada para o natal daquele ano). EDR, organizador da festa na atualidade conta que: “o que define a festa pra mim é saudade. Eu saía catando cavaco da escola pra ver o sino tocar e os fogos saindo das casas, mas os tempos mudaram, além de ser fácil comprar roupa em qualquer lugar, a igreja não pode mais ser usada” (EDR). Visitamos a igreja e ela está toda em obras, cheia de poeira, fezes de ratos e cupins.



**Figura 140 - Fotos do interior da Igreja da Lapa - Ravena**

Fonte: Fotos da autora.

Além disso, a santa original foi roubada na década de 80 e muitos moradores não aceitam a da atualidade, o que impacta muito na memória popular. Não há registros do paradeiro da santa original.



**Figura 141 - Foto da Nossa Senhora de Assunção da Lapa**

Fonte: Foto da autora.

Os outros dois bens tombados excluídos são as igrejas que estão nos limites da Anglo Gold: Igreja do Rosário e Hermida de Santa Efigênia. A primeira ainda é acessada em um a dois momentos durante o ano, mas a segunda está completamente excluída do cotidiano sabarense. Os habitantes sentem muito essa falta e lutam por mais oportunidade.

Muitos moradores do Pompéu tinham relação direta com elas, tendo inclusive parentes enterrados. A Capela de Santa Efigênia não é visitada há muito tempo, inclusive não pudemos conhece-la ao vivo durante a tese, pois a empresa alega que não há segurança. Isso tem intrigado muito os moradores do bairro que desconfiam dessa explicação. A Capela do Rosário recebe visitantes no dia dos finados e em outras poucas datas pré-estipuladas e agendadas. Não cabe toda a população, por isso, só os primeiros a se inscrever obtém o direito.



**Figura 142 – Foto visita capela do Rosário – Mestre Caetano**

Fonte: Silas Fonseca.

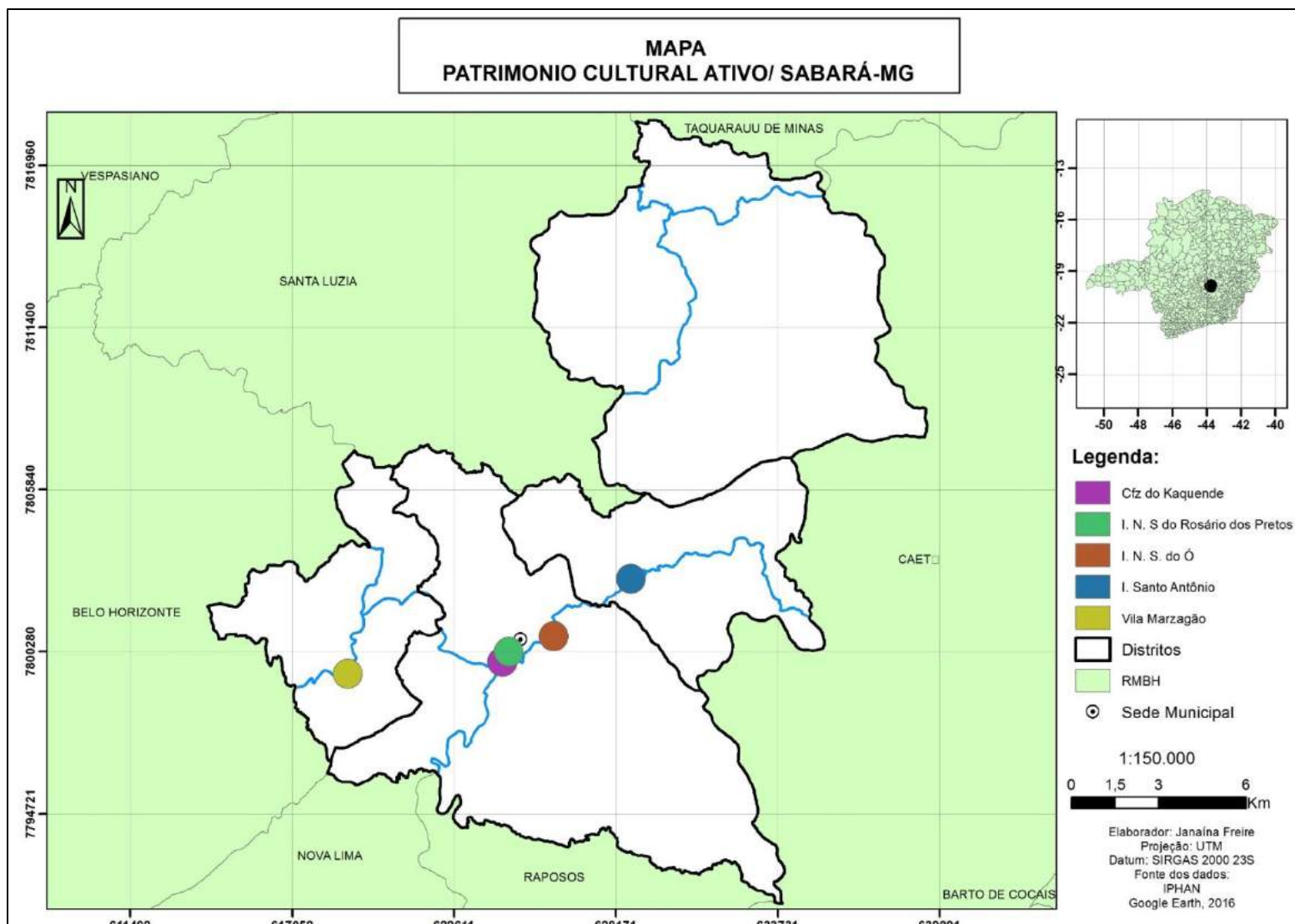
SLS relatou uma das visitas, colocando alguns de seus questionamentos pessoais:

Cerca de trinta pessoas da comunidade de Pompeu fizeram hoje uma visita ao cemitério no entorno da capela de Nossa Senhora do Rosário, no Distrito de Mestre Caetano (Cuiabá), dentro dos limites da Anglo Gold, a mais ou menos um quilômetro do seu centro de operações. A visita foi a convite da empresa e teve uma adesão imediata da comunidade que tem uma ligação muito forte com a história da capela. Houve uma breve celebração pelos mortos proferida pelo Padre Rogério e uma caminhada em torno da capela com a imagem da padroeira local. A capela, em sua estrutura de alvenaria está muito bem conservada e muito bonita, emoldurada pelo paisagismo exuberante da região. No entanto, o restauro das peças sacras para montagem do altar está apenas começando e não há previsão para o término do trabalho. Ainda não foi desta vez que se pode fazer uma visita à ermida de Santa Efigênia, em cujo cemitério, segundo consta, só se sepultava crianças. A empresa alega falta de segurança para a visita. Não sei se se justifica um investimento desta monta, para restaurar um patrimônio cujo valor histórico não se discute, mas que será aberto ao público, no máximo, três vezes ao ano. Fiquei pensando em nossa capela de Santo Antônio, frequentada diariamente pelos fiéis. Abandonada pelos órgãos públicos, cheia de goteiras e sem qualquer previsão de restauro. (SLS).

O questionamento que ele faz está em muita sintonia com o que defendemos na tese: de que justifica um investimento em restauração se só será aberta ao público em raras oportunidades? De que vale a valorização patrimonial do monumento histórico se não houver uma valoração afetiva, ou seja, um verdadeiro bem cultural?

Além dos bens excluídos e invisíveis, mapeamos cinco patrimônios culturais ativos. Não significa que não haja outros presentes no cotidiano dos moradores, mas observamos que esses são os mais atuantes no dia-a-dia e nas identidades sabarenses:

- Vila Marzagão;
- Chafariz do Kaquende;
- Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos;
- Igreja Nossa Senhora do Ó;
- Igreja de Santo Antônio (Pompéu).



**Figura 143 – Mapa do Patrimônio Cultural Ativo**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe..

A Vila Marzagão, como já abordado no capítulo 2, é uma antiga vila operária da indústria têxtil sabarense, segunda do Brasil e pioneira de Minas Gerais. Já abarcou aproximadamente 2.500 funcionários que moravam na vila. Hoje, nas estruturas da antiga indústria, funciona uma outra denominada Marcel Philippe; no galpão de depósito do algodão, mora uma família dona de um grupo de teatro chamado Kabana; e nas casas que restaram, habitam moradores que não tem registro e nem direito a terra. Muitos desses moradores são descendentes de trabalhadores da indústria têxtil, que sem terem para onde ir, ali se estabeleceram. A memória da antiga vila ainda está presente nos moradores mais antigos. Há algum tempo isso vem sendo reproduzido aos jovens, através do trabalho realizado pelo grupo Kabana, que já se considera parte da comunidade que frequenta a vinte anos.

A gente começou a ver que os jovens que moravam aqui não tinham ideia da história e tinham vergonha de morar aqui. Muita vergonha, assim, por exemplo, na escola: onde você mora? Porque não conheciam a história e tinha um preconceito com quem morava aqui, afinal, é aquele lugar que a ponte ta caída, que só tem casa velha, que só tem gente velha, é tudo gente pobre. Tudo isso gerou um preconceito com o Marzagão. (NLD).

Marzagão, contudo, está vivo, vivíssimo! Clamando por auxílio.

No distrito Sede elencamos apenas o chafariz do Kaquende e duas igrejas. O Chafariz, como já mencionado no sexto capítulo, é utilizado por toda a população dos arredores. Sempre há moradores ou turistas enchendo as garrafas de água. Carros e bicicletas se amontoam na frente da edificação. A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, além de ser estonteante, é saída para as celebrações religiosas e cenário para um dos principais pontos de encontro do centro: a praça Melo Viana. Por ser uma grande ruína, chama atenção mesmo dos que não são católicos. Junto com a Igreja Nossa Senhora do Ó, é símbolo da cidade. Por serem singulares, visto que se diferenciam da maioria das igrejas barrocas, ganharam destaque. A “igrejinha do Ó” aparece em todas as representações da cidade, impreterivelmente, pelo seu charme e visibilidade, adquirida com a implantação e fortalecimento da Companhia Belgo Mineira. Moradores de diversas localidades mencionaram a sua beleza e importância, quando perguntados sobre o patrimônio de Sabará.

No Pompéu, a capela de Santo Antônio é viva no cotidiano da população. É para ela que muitas das lutas se voltam, assim como é a partir dela que muitos moradores se unem. Analisamos muito se colocaríamos a igreja do Rosário de Ravena como patrimônio ativo, mas pelo que foi percebido ao longo das pesquisas, poucos moradores realmente a vivenciam espiritualmente, principalmente pela expansão pentecostal no local. Além disso, grande parte dos católicos demonstram verdadeiro afeto pela Matriz da Lapa e não pela Igreja do Rosário, por conta disso, não há em Ravena um patrimônio cultural especializado como ativo, apenas

como excluído.

Todos os bens existentes em Sabará são importantes para algum sabarense, com absoluta certeza isso pode ser afirmado, mas foi a partir das relações intersubjetivas que essa análise foi construída. Esses doze bens são, certamente, os que mais representam as identidades sabarenses e são legítimos patrimônios culturais. A igreja do Carmo, que possui obras de Aleijadinho, não foi aqui mencionada porque, embora tenha esse conteúdo artístico fabuloso, não se destaca no cotidiano, revelando-se muito similar a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Igreja das Mercês e a Igreja de São Francisco. Com certeza não é de obras com grande valor artístico que uma valoração afetiva se estabelece, caso contrário a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos estaria fadada ao escárnio. Os valores objetivos precisam estar acompanhados da valoração afetiva para que o patrimônio seja cultural e não coisificado.

#### 7.4 A COMUNIDADE E O LEBENSWELT METROPOLITANO

*O que há de melhor no homem somente desabrocha  
quando se envolve em uma comunidade.  
(Albert Einstein)*

O sentido afetivo dado aos bens culturais que impelem em uma formação interior são como forças que geram ação, fazendo com o que o ser tenha uma tomada de posição e motivação para vivências espirituais. Além do sentido afetivo (*gemut*), já comentado, Edith Stein (2003) discorre sobre outros dois elementos fundamentais: o caráter e a liberdade.

O ser humano, como já mencionado, é ato e potência pois é um ser e um vir a ser ao mesmo tempo. Ato puro é apenas Deus, que não possui nada em potência. O que leva uma potência a um ato é a vontade que surge a partir de atos volitivos desenvolvidos ao longo da vida. “ (...) a pessoa é estimulada a atualizar algo devido a uma determinada motivação, no entanto, ela também é livre para seguir ou não o estímulo vindo da motivação” (SBERGA, 2014, p.86). Aquilo que o ser permite que se atualize no presente compõe sua forma habitual, ou o seu caráter individual.

(...)daquilo que a pessoa é e daquilo que encontra em seu mundo externo e interno, percebido por meio de suas reflexões, brota a vida atual, e pela atualização de suas potências forma-se, gradualmente, o seu caráter. Não significa que a pessoa se torna o seu caráter, mas ela tem a posse de um caráter. (SBERGA, 2014, p.88).

Caráter se trata, portanto, das disposições naturais de cada ser: “cada indivíduo se relaciona de um modo bem pessoal com um mesmo objeto estético cuja significação resulta de uma relação única, do acordo secreto que ele estabelece com a obra” (RUS, 2015, p.78). São essas aptidões individuais que estabelecem os limites da auto formação da matéria humana,

visto que alguns possuem facilidade para determinados campos de atividade enquanto outros não. Todavia, não são apenas as aptidões individuais que constituem o caráter: “é composto por disposições que são adquiridas pelo ser humano ao longo de toda sua vida, provenientes de influências do meio social. Essas disposições herdadas provêm do tipo familiar, étnico, cultural, etc., ao qual pertence, recebendo (...) influências da comunidade (SBERGA, 2014, p.88). Portanto, no caráter individual existem traços semelhantes aos dos outros componentes da mesma comunidade. Edith Stein (2005) considera que o caráter (não devemos entender aqui como bondade, maldade, etc.) vem acompanhado da liberdade posto que o ser humano é livre para acatar ou não um estímulo oriundo de uma motivação.

O ser humano é um sujeito psicofísico, ou seja, é um ser que se insere no mundo de maneira diferente dos objetos e organismos vivos como plantas e animais. Vivencia o mundo como um mundo espiritual e é matéria em formação interior e exterior. “A liberdade é inseparável da consciência que um ser tem de si mesmo, ou seja, de sua capacidade de se debruçar sobre si mesmo e sobre as diferentes dimensões que o constituem, inclusive sobre as determinações que o condicionam, para conseguir decidir” (RUS, 2015, p.80). O agir livre vem de motivos que levam a decisões materializadas em atos voluntários. É a motivação que faz da liberdade um ato espiritual, pois é só no âmbito do espírito que há motivo. Na esfera corporal e psíquica trata-se de causalidade.

No *fiat* (faça-se) desvela-se a liberdade pessoal de uma motivação que levou a uma decisão, oriunda de uma camada profunda do ser, “actos em los cuales el yo no solo se vivencia, sino que se manifesta también como señor de su vivenciar” (STEIN, 2005, p.264). O ato livre está, portanto, fora da esfera do impulso, pois remete a uma aceitação ou refutação “se algo vale, eu aceito, se não vale, eu refuto” (BELLO, 2015, p.70). A pessoa inserida no mundo é, ao mesmo tempo, afetada pelo mundo e conquistadora desse mundo pela vontade, que leva a atos livres espirituais.

Uma das coisas fundamentais da fenomenologia steiniana é a compreensão de que o que a pessoa é na atualidade não é, necessariamente, tudo o que ela pode se tornar, ela continua sendo em potência, no núcleo do seu próprio ser, muito mais. “Como o ser da pessoa é uma alternância entre potencialidade e atualidade, jamais o ser conclui tudo aquilo que pode se tornar nesse dinamismo de alternância. Em linha de princípio, toda potência pode ser atualizada” (SBERGA, 2014, p. 97). Portanto, a vida atual da pessoa é fundada: no núcleo interior (que é diferente de toda e qualquer pessoa, ainda que sejam gêmeos univitelinos), nas relações intersubjetivas dentro das diversas comunidades, no caráter, na liberdade e, também, no mundo objetivo que a rodeia.



O ser se dirige a um objeto porque ele tem um conteúdo de sentido, que é a valoração. Toda matéria revela mensagens espirituais ao ser que decide se a valora ou não. Mas é preciso que algo tenha valor para gerar uma motivação que leva a uma decisão, que resulte em um ato. Portanto, sem a valoração afetiva um patrimônio não apenas deixa de se culturalizar, mas não motiva atos dentro da comunidade que o ser habita. Cada eu individual vive como eu e como comunidade, além de que o ser vive na individualidade aquilo que a comunidade vive. Por isso, a falta de ligação entre o ser e os bens é também uma falta de ligação entre a comunidade e os bens. Isso, por conseguinte, enfraquece a conexão entre o ser e a comunidade (STEIN, 2003). “O compartilhar de uma memória social comum é fundamental para a união dos grupos sociais e desenvolvimento de sentimentos de solidariedade e identidade” (DENCKER, 2012, p.141). É por meio dos bens culturais que uma comunidade se identifica enquanto tal, constituindo um fluxo de vivências comunitário que “tem toda uma história (...), no sentido que vem transmitido de uma geração a outra” (BELLO, 2015, p.92). Isso fortalece a união entre os grupos. Sem a conexão entre a pessoa e o mundo material, o ser não se alimenta de cultura e nem atua na comunidade com a sua força criadora - com atos livres em prol da comunidade.

Comunidade, para Edith Stein (2003; 2005), trata-se de uma vinculação natural e orgânica entre diferentes indivíduos. Se concretiza quando uma pessoa se situa diante de outra pessoa enquanto sujeito, ou seja, não apenas se posiciona, mas vive com o outro como um homem comunitário. Existem comunidades de diversos níveis, desde a família a uma nação, por exemplo. No caso de Sabará, nos preocupamos em identificar comunidades maiores, constituídas por grupos mistos para além da consanguinidade, para isso, procuramos bairros que possuíssem essas características. Sabemos que uma única comunidade sabarense seria impossível encontrar, como fica fácil de perceber na segunda parte dessa tese, mas talvez, como suspeitamos, houvessem comunidades dentro do município passíveis de serem mencionadas e analisadas.

Durante as pesquisas observamos que as perguntas “O que é uma comunidade pra você?” e “Aqui tem uma comunidade?” foram interpretadas de três formas principais:

1. Como um agrupamento de pessoas que vivem em comum união – comunhão

Comunidade é um grupo de pessoas que se une pra **comunidade crescer** né, agt não faz a comunidade sem as pessoas. Ninguém faz nada sozinho. A comunidade é importante na vida da gente. Todo mundo é família né? Você quer fazer alguma coisa todo mundo já te **ajuda**. Você adoeceu te ajuda junto. (BA).

é uma local onde as pessoas residem e que tenham mais ou menos as mesmas características assim. De família, os mesmos **valores culturais**, alguma coisa nesse sentido, é o que vejo de comunidade. (VNA).

Comunidade é mais ou menos o que eu vivo aqui, **todo mundo se abraça** por uma causa qualquer, toma essa causa como coisa comum e batalha por ela. (SLS).

Pra mim teria que ser aquele local que você vice bem e que você tenha um **relacionamento proveitoso**, que teria que ter suas necessidades de subsistência, lazer, **cultura**, trabalho, esporte, pra mim isso seria um conceito básico de comunidade. E aqui não tem. (EDR).

## 2. Como um grupo de pessoas que vivem em torno de uma paróquia

A **Igreja** é todo mundo junto, então comunidade é uma coisa que você tem que ta sempre unida, com amizade né. Pro crescimento da comunidade. Tem que olhar também as coisas que está errada na comunidade né, se não né...então comunidade é isso. E união né. Tem a comunidade Senhora do Ó, nos somos uma comunidade. Uma **paróquia** é dividida em comunidades, comunidade Senhora do Ó, esplanada (...) (BA).

Aí o que que deu? A gente compru apito, colocamos estandartes das comunidades na porta da **igreja**, o pau torou.. eu consegui trazer a globo, que era o foco nosso. (EDR).

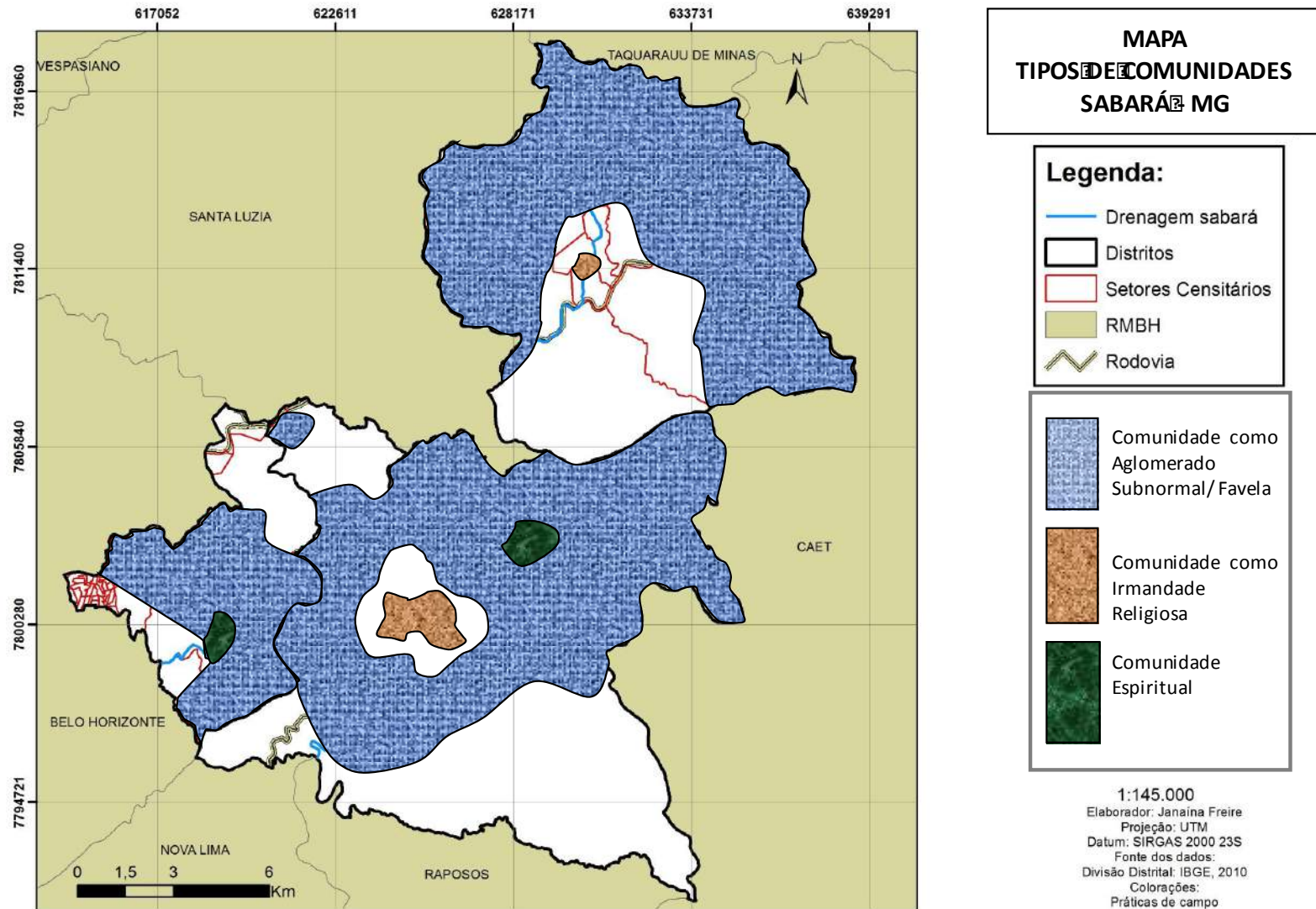
## 3. Como um outro nome para uma favela

Isso impediria essa pessoa a entrar no **mundo do crime** por exemplo, imagina, você tá sem trabalho, ta faltando arroz, aí seu vizinho de bom grado leva um almoço pra você, não comenta com ninguém, isso **ajuda a nossa comunidade**. Entendeu? (GTV).

Temos, uma comunidade bem **carente**. Ela é um pouco mista mas grande parte carente. (CSL).

**A minha parte lá, da minha comunidade**, a gente ta tentando melhorar pra deixar pros nossos filhos lá sabe, uma coisa melhor". (FTM).

Apenas a primeira interpretação relaciona-se diretamente ao conceito de Edith Stein. A comunidade como irmandade religiosa pode se aproximar, todavia, como observamos o bairro como um todo, percebemos que elas são excludentes, como explicaremos. A comunidade favela é extremamente fragmentada, com uma "harmonia" mantida através do estabelecimento de um território do medo. No mapa a seguir especializamos esse três tipos comunitários identificados.



**Figura 144 – Mapa: Tipos de comunidades – Sabará - MG**

Organização: Janaína M. Freire G. Felipe.

Para compreender melhor a composição dessas comunidades, realizamos as mediações comunitárias com jovens de três bairros distintos. Na comunidade como favela o trabalho foi desenvolvido em uma ONG, denominada AFFAS. Encontramos jovens de diversas escolas dos bairros General Carneiro, Vila Rica, Vila São José, Itacolomi, etc. Na comunidade como irmandade religiosa, trabalhamos na escola Christiano Guimarães no bairro Esplanada, no distrito Sede. Na comunidade espiritual fizemos as atividades com jovens do Pompéu, no Rancho da Cultura, ponto de cultura de um morador local.

Em Carvalho de Brito, com os jovens das favelas, percebemos que o pertencimento ao lugar é bem sutil, quando não nulo. Grande parte deles almeja uma vida fora dali. A maioria não se conhece e mesmo depois de seis encontros ainda não sabiam os nomes uns dos outros. Demonstraram pouco interesse em se conhecerem, principalmente quando moradores de bairros distintos. Observamos também que grande parte deles são pouco articulados, demonstrando um vocabulário escasso e pouca facilidade de expressão pessoal. Em uma das atividades requisitei que desenhassem um local importante para o cotidiano e grande parte deles desenhou a escola. Quando requisitados a tirar uma foto de algo que considerassem um patrimônio, apenas um dos 12 jovens não teve dificuldade de compreender o pedido e trouxe uma foto da própria escola. Ficou claro que há uma carência de bens culturais formativos na localidade e isso possivelmente impacta no sentido de comunidade que possuem. Contudo, o sentido de comunidade também impacta na valoração dos bens, apresentando-se como uma relação recíproca. A metropolização, por causa da supressão do sentido de comunidade gerada pelo *lebenswelt metropolitano*, impacta nessa ligação entre o ser e o patrimônio, banindo o cultural.

Durante as entrevistas em áreas favelizadas, ficou clara essa ausência de comunhão e trocas espirituais e o problema do tráfico e da criminalidade é sempre levantado como um problema da comunidade.

Então ali onde eu moro, infelizmente ta começando, aos poucos, virar um ponto de tráfico. A gente toda hora ali na esquininha vê um cara. Lá em cima já é mas ta descendo pela escada. Na frente assim do meu vizinho já da pra ver umas coisas diferentes, aí você já começa ver a expressão as pessoas mudando. É uma coisa muito aos poucos. Começa a perder o clima familiar do bairro e começa a vir aquela coisa mais cinematográfica, entendeu?

O cinematográfico a que ele se refere é a imagem que se tem de uma favela - o estereótipo, que nas partes mais baixas, ainda não é tão aparente, mas que já começa a despontar. Colocamos como parte dessa comunidade toda a periferia favelizada, que, ainda que católica, não apresentou uma ligação de comunidade paroquial. Toda essa área demarcada cresce em função da expansão de Belo Horizonte, exercendo pressão sobre o centro histórico,

com áreas em todos os distritos.

Na Sede, com os jovens das diversas paróquias do centro histórico, notamos que o papel da igreja é algo muito rarefeito, embora a mencionem e não aparentaram serem participativos nas atividades paroquiais. “(...) esa pertinência no deja de existir, siempre que haya canales de comunicaci3n que sirvan de v3a de acceso a las mencionadas influencias y que subsista la posibilidad de que despierte tambi3n la consci3ncia de la pertin3ncia” (STEIN, 2003, p.735)<sup>75</sup>. A falta de comunica3o 3 um limitador para a manuten3o de pr3ticas e a constitui3o de um sentimento de pertencimento Dona BA, explica que no caso da comunidade de Senhora do 3, o Padre n3o 3 muito cativante:

J- Os jovens frequentam?

Muito pouco, principalmente aqui na igreja, muito pouco. O jovem ele 3 muito com o padre. Se o padre 3 tranquilo, alegre...o jovem vai. O padre 3 mais s3rio, o jovem n3o gosta muito. O nosso padre 3 mais s3rio. Tem que saber dialogar com jovem. (BA).

De acordo com FTM: “daqui h3 alguns dias n3o vai falar mais nada entendeu? Porque n3o vai ter. Acho que o que tem aqui em Sabar3 est3 morrendo com os idosos”. Esse fen3meno para estar mesmo acontecendo, portanto, embora ainda haja uma valora3o afetiva aos bens tombados, at3 quando permanecer3?

Em muitos aspectos, os jovens dessas comunidades n3o se diferenciaram muito dos jovens de Carvalho de Brito, pois apresentaram iguais limita3o es de linguagem e express3o e pouca afetividade com o lugar (inclusive com Sabar3, os jovens dos bairros mais afastados alegaram que preferem Belo Horizonte). Contudo, eles eram mais conversadores e se conheciam, chamando-se por apelidos, inclusive. A igreja, que poderia ter um papel formador nas comunidades, parece n3o ter uma a3o muito efetiva:

Os jovens n3o ouvem os idosos e eles n3o querem aprender...o mundo vai acabar, n3o vai ter muita coisa pra frente n3o. Eles s3o o futuro, mas cad3? Agt fica boba de ver...n3o tem um coral. Tem muita cidade a3 que a juventude ta 3tima, mas na nossa cidade n3o posso falar isso n3o. N3o ta uma juventude alegre (ADZ).

Foram inseridos nesse grupo o centro hist3rico da Sede e o centro hist3rico de Ravena, contudo, possuem n3veis de envolvimento distinto. Na sede a popula3o aparentou muito mais envolvida com a igreja.

No caso das comunidades espirituais, optamos por trabalhar com o Pomp3u porque a Vila Marzag3o possui pouqu3ssimos jovens, al3m da aus3ncia de escolas ou outra institui3o que nos pudesse dar suporte, contudo, falaremos das duas. A vila Marzag3o, recebeu um apoio fundamental do teatro Kabana, que possivelmente mudou a hist3ria do local:

Comunidade 3 ajuntamento de pessoas das mais variadas poss3veis com desejos absolutamente variados, com objetivos variados. Eu s3 compreendi isso quando

<sup>75</sup> Esse pertencimento n3o deixar3 de existir sempre que houver canais de comunica3o que sirvam de via de acesso as mencionadas influ3ncias e que subsista a possibilidade de que tamb3m desperte a consci3ncia do pertencimento

cheguei aqui há vinte anos. E quando a gente veio pra cá, quando a gente começou a mexer aqui no Marzagão é que eu senti o que é uma comunidade, a gente tentou ter, a gente teve inúmeras reuniões com representantes da comunidade, antes tinha muitos, hoje tem menos. Tava todo mundo ligado no **bem estar**, mas cada um visualizando uma coisa totalmente **diferente**. Então assim, os desejos eram diferentes. Então comunidade pra mim é a dificuldade de administrar esse conflitos de interesse. Em um lugar que moram 200 pessoas, irem 100 pra reunião é muito bom (NLD)

NLD revela alguns fatores importantes relativos a uma comunidade espiritual, primeiramente, são sujeitos que visam o bem estar comum e se empenham para alcançar isso. As diferenças fazem parte do processo porque uma comunidade não se forma espontaneamente, é necessária uma ação conjunta, interesses comuns, ou melhor, um projeto único e uma comunhão espiritual.

(...) a comunidade é a forma de convivência humana ideal, porque todas as pessoas são envolvidas e se sentem pertencentes ao grupo. A comunidade não é guiada por atitudes psíquicas, mas por aquelas que se referem ao espírito, que solicita a reflexão, as críticas em favor da construção de um projeto em vista do bem comum (SBERGA, 2014, p.126)

Os bens culturais são elementos que auxiliam nessa comunhão, pois ligam o grupo a uma mesma memória social, com eventos partilhados. Portanto, os bens culturais são tanto meios para a consolidação de uma vida comunitária, como ferramentas para manutenção do sentido comunitário, pois eles são a permanência dos eventos.

El contenido de la vivencia comunitaria tiene su propia coloracion vivencial, que abarca el nucleo de sentido y que em su índole propia está determinado por la peculiaridade de los contenidos de las vivencias individuales que participan de la vivencia comunitaria<sup>76</sup> (STEIN, 2005, p.351)

As pessoas nascem e morrem, mas o mundo permanece significando e sendo significado. “La cuestionabilidad del mundo social y cultural es de carácter histórico” (SCHUTZ, 2003, p.37). Aos que chegam, os ingredientes comunitários passam a fazer parte de seus acervos de conhecimento, de modo que, juntos, coabitam um mundo espiritual. O patrimônio cultural tem o poder de renovar as almas, infundindo nelas energias formativas que se expandem para os grupos. No caso da Vila Marzagão, todo o cotidiano é vivido em um espaço antigo, já lugarizado. Além disso, eles possuem um projeto comum que é a posse da terra e o direito ao lugar: “Se Marzagão pudesse falar, é...fica até difícil. Pra resgatar um bocado dessas coisas, você viu lá no Mauro né? [teatro Kabana], mas nem tudo está ali. Tem gente que já morreu que sabe muito mais e não tem mais como contar” (CNR).

No caso do Pompéu, também há eventos históricos que partilham como: a história da criação da capela de Santo Antônio, a chegada da Belgo Mineira, a estação de trem de Mestre

<sup>76</sup> O conteúdo da vivência comunitária tem sua própria coloração vivencial, que abarca o núcleo de sentido e que em sua índole própria está determinado pela peculiaridade dos conteúdos das vivências individuais que participam da vivência comunitária.

Caetano, as festas e encontros no bairro Cuiabá, as trilhas para a Serra da Piedade, as Pescas no rio Sabará, os campeonatos de futebol de outrora, a chegada da energia elétrica e mais recentemente da internet e a morte de cada morador do bairro. Cada morte no “vale encantado” é uma morte da comunidade e não apenas de uma família. Edith Stein dá um exemplo nesse sentido. Quando uma tropa perde seu capitão, a dor da perda é individual, mas também é de todos: “Es cierto que yo, el yo individual, está lleno de sentimientos de duelo. Pero yo no siento solo esa tristeza, sino que la experimento como nuestro duelo; la vivencia está coloreada esencialmente por el hecho de que otros participen en ella” (STEIN, 2005, p.347)<sup>77</sup>. As vivências comunitárias, assim como as individuais, têm origem, portanto, no indivíduo, porque não há um ser espiritual único em uma comunidade, mas é o partilhar, viabilizado pela empatia (vivência intersubjetiva), que constitui um fluxo de vivências comunitário, o que estamos chamando de eventos (que tem como permanência os fragmentos, que podem ser patrimônios culturais).

“Comunidade do Pompéu é realmente uma comunidade. Todo mundo conhece todo mundo e todo mundo se ajuda. É um lugar realmente muito legal, uma família mesmo” (SLS). A comunidade do Pompéu também possui um projeto comum que é a prosperidade e permanência do grupo. Por estarem em uma zona de risco por conta da barragem de rejeitos da AngloGold, se unem ainda mais em prol do fortalecimento da segurança do grupo. “Desde el comienzo, sin embargo, encuentro em um mundo de la vida a semejantes que se manifiestan no solo como organismos, sino tambien como cuerpos dotados de consciência, como hombres iguales a mí” (SCHUTZ, 2003, p.35)<sup>78</sup>. Esse sentimento de reconhecimento mútuo é balizar em uma comunidade espiritual plena. Existe, contudo, problemas de ordem estruturais no Pompéu que não podem ser desconsiderados. A população ainda tem baixa escolaridade, carência de recursos bancários e administrativos, assim como insuficiência de equipamentos urbanos básicos. Isso não altera a relação de pertencimento que partilham:

É esse sentimento de pertencimento por exemplo... Aqui em Pompéu você faz um festival de tortas, você não precisa de preocupar, todo mundo dá farinha de trigo, dá torta, quase não se gasta com esse tipo de coisa, o pessoal ajuda e vai lá e faz. Então eu acho que isso é comunidade, o sentimento de pertencimento, de se preocupar um com o outro, isso a gente tem e é uma coisa muito boa. (SLS).

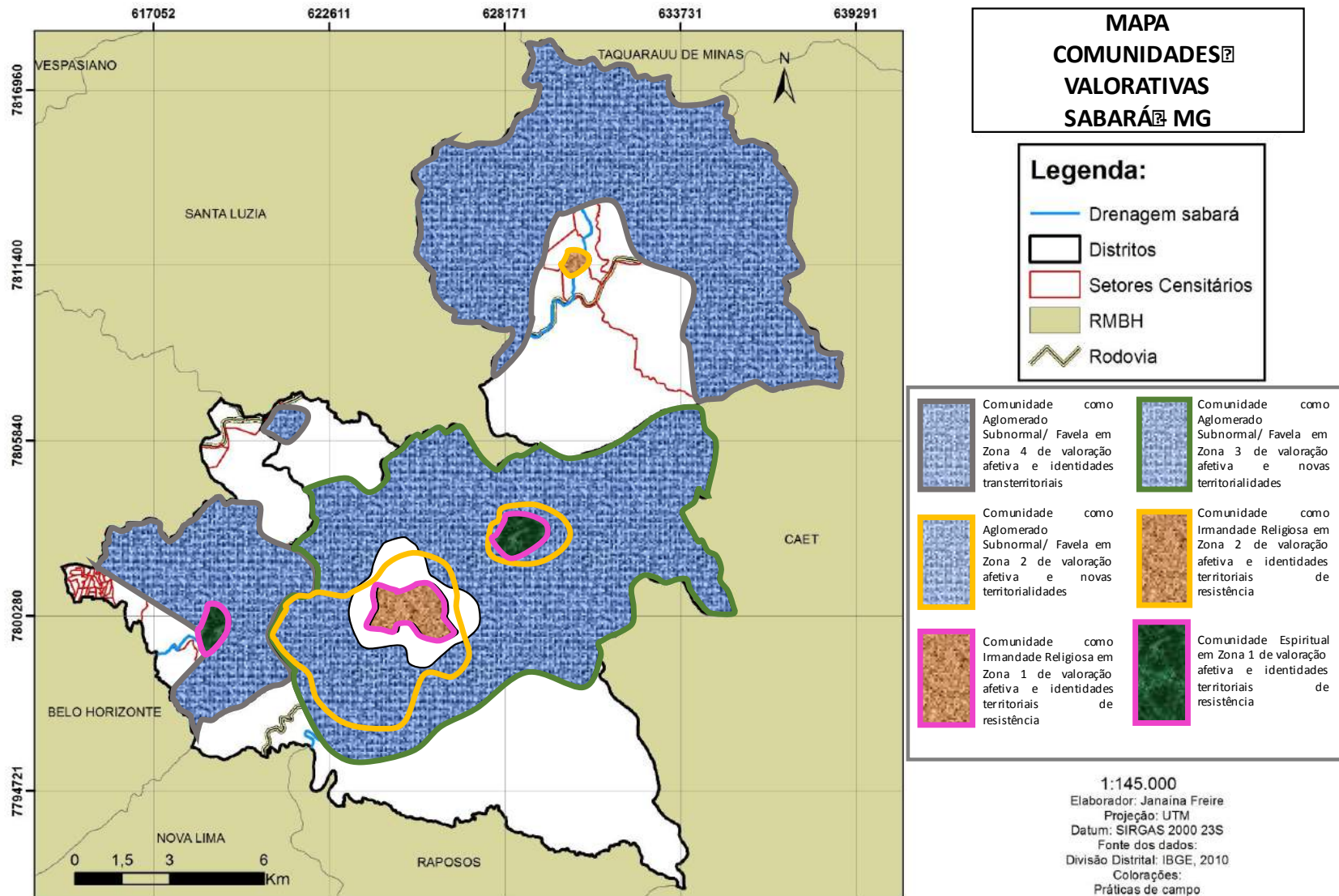
Alguns lugares de Sabará não adentraram em nenhuma dessas três classificações e, por isso, permaneceram em branco no mapa anterior. Para compreender melhor a relação entre

<sup>77</sup> É certo que eu, o eu individual, está cheio de sentimentos de luto. Mas eu não sinto a tristeza sozinho, mas também como nossa tristeza; a vivência está colorida essencialmente pelo fato de que outros participam dela

<sup>78</sup> Desde o começo, no entanto, encontro em um mundo da vida, semelhantes que se manifestam não só como organismos, mas também como corpos dotados de consciência, como homens iguais a mim.

identidade, comunidade e a valoração afetiva, produzimos um novo mapa que cruza as três informações já espacializadas, ao que chamamos de mapa de comunidades valorativas. Ver figura a seguir.





**Figura 145 – Mapa de comunidades valorativas**

Organização: Janaina M. Freire G. Felipe.

Juntando as três informações, obtemos as seguintes categorias:

- Comunidade como Aglomerado Subnormal/ Favela, em Zona 4 de valoração afetiva (Zona sem ação intelectual e sem mundo de alcance efetivo. Bens tombados como matéria não formativa e ausente patrimônio cultural) e identidades transterritoriais legitimadas pela metropolização e características das zonas urbanas de padrão mediano a subumano, com território de referência identitária que transcende os limites de Sabará
- Comunidade como Aglomerado Subnormal/ Favela em Zona 3 de valoração afetiva (Zona com escassa ação intelectual e exíguo mundo de alcance efetivo de operação das coisas distantes, sem zona manipulativa. Bens tombados como matéria não formativa e rarefeito ou ausente patrimônio cultural) e novas territorialidades, características dos arraiais do século XXI, com zonas urbanas de padrão mediano a subumano com território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará
- Comunidade como Aglomerado Subnormal/ Favela em Zona 2 de valoração afetiva (Zona de ação intelectual passiva com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação de coisas distantes e acanhada zona manipulativa. Bens tombados como bens de formação e rarefeito patrimônio cultural) e novas territorialidades, características dos arraiais do século XXI, com zonas urbanas de padrão mediano a subumano com território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará
- Comunidade como Irmandade Religiosa em Zona 2 de valoração afetiva (Zona de ação intelectual passiva com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação de coisas distantes e acanhada zona manipulativa. Bens tombados como bens de formação e rarefeito patrimônio cultural) e identidades territoriais de resistência, legitimadas pelos lugares de memória e características das zonas urbanas de padrão bom a mediano, com território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará
- Comunidade como Irmandade Religiosa em Zona 1 de valoração afetiva (Zona de ação intelectual ativa com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação manipulativa. Bens tombados como bens de formação e legítimo patrimônio cultural) e identidades territoriais de resistência, legitimadas pelos lugares de memória e características das zonas urbanas de padrão bom a mediano, com

território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará

- Comunidade Espiritual em Zona 1 de valoração afetiva (Zona de ação intelectual ativa com mundo de alcance efetivo na forma de zona de operação manipulativa. Bens tombados como bens de formação e legítimo patrimônio cultural) e identidades territoriais de resistência, legitimadas pelos lugares de memória e características das zonas urbanas de padrão bom a mediano, com território de referência identitária situado em determinados limites de Sabará

Nota-se que as zonas de valoração afetiva 4 e 3 só se apresentam nas comunidades como favelas, assim como as identidades transterritoriais são exclusivas desses espaços. Isto se dá basicamente porque são espaços onde a força metropolitana é muito intensa, influenciando tanto no conteúdo identitário (que se apresenta, em muitos casos, fora dos limites de Sabará), quanto na ação intelectual que tende a ser passiva ou até ausente, com mundo de alcance efetivo de coisas distantes ou nulo. Esses aspectos estão diretamente ligados a não formação de uma comunidade espiritual.

As comunidades religiosas apresentam zona 2 e 1 de valoração afetiva e isso se dá basicamente pela posição existencial mais próxima ou mais distante dos bens patrimonializados. As duas classificações de comunidades religiosas estão inseridas em zonas de identidades territoriais de resistência, constituindo um elemento fundamental de análise, visto que o sentido de ser sabarense existe, contudo não uma consolidação de uma comunidade espiritual plena.

Dissemos que os bens viabilizam a formação de uma comunidade, mas então o que explica o fato do centro histórico de Sabará ter bens históricos sem organizar-se como uma comunidade espiritual? Como dissemos, para a formação de uma comunidade é preciso uma ação coletiva, pois ela não se forma sem energias formativas e sem empatia. Primeiramente, uma vivência para pertencer ao fluxo de vivências comunitárias, deve antes ser uma vivência individual, impreterivelmente. Vimos, pelo mapa de valoração afetiva, que essa área se classifica como zona 1, ou seja, os monumentos atuam como bens formativos, mas o que impede, então, que ali se configure efetivamente uma comunidade a luz dos preceitos steinianos? A nosso ver, é a exclusão dos moradores que possuem crenças religiosas distintas. Não há uma intencionalidade em unir todos os moradores da localidade, como pertencentes de uma mesma identidade sabarense, mas de unir adeptos de uma mesma paróquia. Nesse caso, a empatia está comprometida por um pré-conceito “ J -Os evangélicos fazem parte da comunidade? – Não, os evangélicos têm a turma deles. É o pessoal que frequenta a igreja deles é outra comunidade. Tem uma igreja aqui em baixo” (BA). Portanto, verificamos que, embora

haja um sentimento de ser sabarense, ele é seletivo e partilhado apenas com outros sabarenses que possuem as mesmas crenças. Nem todos os moradores são vistos enquanto sujeitos e o projeto do grupo não é comum a todos. Isso nos leva a entender que a para a constituição de uma comunidade espiritual, é necessária uma empatia não excludente.

Há ainda um outro fator a ser analisado no centro histórico. Apenas uma pequena parte dele foi classificado como Zona 1, grande parte dos arredores foi categorizada como zona 2, ou seja, predominância de zona de operação de coisas distantes com rarefeito patrimônio cultural, embora ainda constituindo, de certa forma, como um bem de formação. Analisando esse fator, acreditamos que John Dewey (2010) trouxe uma luz para a interpretação dos fatos, ele defende que: “quando um produto artístico atinge o status de clássico, de algum modo, ele se isola das condições humanas em que foi criado e das consequências humanas que gera na experiência real de vida” (DEWEY, 2010, p.59). Isso que dizer que a arte pode se posicionar de tal modo em um pedestal, que deixa de ser cotidiana, fazendo com que os moradores recorram a fontes mais acessíveis como as músicas populares, os filmes, etc. “Quando, por sua imensa distância, os objetos reconhecidos pelas pessoas cultas como obras de belas-artes parecem anêmicos para a massa popular, a fome estética tende a buscar o vulgar e o barato” (DEWEY, 2010, p.64). Desta forma, os bens tombados ainda atuam nessas áreas como bens formativos, apenas porque existe uma zona de operação manipulativa, o que vincula o ser, ainda que de maneira corriqueira, ao sabarense de cidade patrimonial.

As comunidades espirituais mapeadas (Pompéu e Marzagão), só se enquadram em zona 1, constituindo tanto espaços de identidade de resistência, quanto zonas de ação intelectual ativa.

Por essa análise, entendemos que o patrimônio cultural é muito mais do que um conceito abstrato, ele é um instrumento de transformação social, pelo papel formador sobre o ser, que se alimenta de cultura e fortalece seu caráter e liberdade, agindo no mundo de forma construtiva. Quanto maior a relação de comunidade entre os habitantes, mais formativos serão os patrimônios, portanto, no caso de Sabará – cidade patrimonial metropolizada - as políticas de valorização patrimonial devem, antes de tudo, resgatar esse sentido comunitário, tendo os próprios bens como mecanismo para isso. A complexidade disso é que o *lebenswelt metropolitano* aumenta as distâncias e cria novas centralidades (nesse caso em Belo Horizonte), fazendo de Sabará uma espécie de apêndice – o que chamamos, em face da fala de uma moradora, de *bairrificação*. A metropolização é, portanto, um fenômeno que atua no sujeito que habita, o desvinculando do pertencimento ao grupo e, conseqüentemente, a um lugar;

afastando-o de eventos sociais que estejam inseridos no seu fluxo de vivências comunitárias e fazendo dos bens tombados, apenas matérias não formativas.

Acreditamos que a busca de boas condições nas cidades históricas – moradia digna, infraestrutura urbana, saneamento básico, empregabilidade, lazer, cultura, entre outros – devem ser tratadas como imperativos antecedentes ou práticas concomitantes ao desenvolvimento de políticas de patrimônio (COSTA, 2015, p.358)

Concordamos com essa fala de Everaldo Costa (2016), acreditando que a valorização patrimonial, por si só, não somente desculturaliza o bem (ou não o torna culturalizável), como se torna um vazio de espiritualidade e de transformação social. As políticas devem ser integradas e focadas na concepção de um ser comunitário e ativo. Perguntamos aos moradores o que entendem por cidade educadora e partilhamos aqui, a título de finalização, algumas respostas que estão em consonância com o que procuramos defender na tese.

Uma cidade educadora, pra mim, é uma **cidade que se preocupa**. Não só com os jovens mas com **todas as pessoas**. Existe um conceito que eu considero um pouco errado que as pessoas acreditam que no berço está a salvação do mundo. Aquela criança que ta no berço vai salvar o mundo. A gente tem que começar a **melhorar o mundo** pra criança. Porque se não é ele que vai pegar o mundo todo horrível e vai pensar só em sobreviver. Então pra mim uma cidade educadora tem que **educar de varias formas todas as pessoas**, não só focar em **educar mas também em ser educada** entendeu? (GTV).

Cidade educadora é onde a **historia é preservada**, que as pessoas conhecem a historia da cidade. E onde existem **projetos culturais** acontecendo (...). Onde preserva a cultura da cidade, onde as pessoas têm essa **afinidade**, onde existem atividades que aglomeram as pessoas, que **congregam** as pessoas (VNA).

Há de se criar, então, uma cidade patrimonial educadora!

**CADERNETA DE CAMPO 3:**  
**Experiências “sabaráticas” – autoentrevista**

.....*O que é comunidade pra você?*

Comunidade, pra mim, é solidariedade e fraternidade. É uma forma racional e humana de ser no mundo. É menos carnívora, menos ameaçadora. É vida que segue, potencializadora do melhor de cada um.

.....*Sabará tem uma comunidade?*

Sabará tem uma comunidade que é o bairro Pompéu, contudo, é uma área com diversas carências por parte do município. A Vila Marzagão, outro lugar apaixonante, aproxima-se disso, com moradores muito simples e atenciosos. Nunca me esquecerei da atenção de MRA e SLS no Pompéu e dos encontros com CNR, na vila. Mas Sabará, hoje, caminha tão dispersa, tão distante de si mesma. É preciso uma autorreflexão, porque eu sei que o melhor dela pode chegar.

.....*O que as pessoas de Sabará tem em comum?*

A hospitalidade é, certamente, um traço fundamental. Como toda e qualquer pessoa, elas tem sonhos e projetos, mas, acima de tudo, elas tem clamores. Se tem algo que todo sabarense que conversei tem é o “**brado retumbante**”, a súplica, o berro, o rogo.

.....*Qual é a história de Sabará?*

Uma história de doação e resignação. Uma história de diversas cores, origens e destinos. Sabará abriga desde sempre. A mim, também abrigou.

.....*O que é patrimônio cultural pra você?*

É algo nosso. É o “nós” materializado. É a linha imaginária que liga o(s) coração(ões) aos objetos. Uma ponte, talvez.

.....*Se eu tivesse que tirar uma foto de um lugar que representa Sabará, qual seria?*



**Figura 146 – Foto que representa Sabará**

Fonte: Foto da autora.

Essa é a foto que representa Sabará para mim....o sino, as árvores, as melhores casas e as ocupações nos morros, o próprio morro e o céu azul!

.....*Se Sabará pudesse falar o que ela te diria?*

“Não me esqueça Janaína”. Ao responder essa pergunta, me colocando no lugar dos moradores de Sabará, entendi o valor que ela tem. Essa frase revela o nosso querer interno mais profundo. Eu que não quero ser esquecida! Como se uma cidade fosse efetivamente capaz de lembrar...tomara que seja!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese buscou responder a seguinte pergunta: *Qual o valor afetivo dos bens tombados da cidade de Sabará-MG, metropolizada, à consciência dos moradores?*, valendo da hipótese de que a metropolização impacta na valoração afetiva dos bens tombados, pelas dinâmicas segregacionistas e o reordenamento do território que impõe. Para isso, alguns conceitos foram chaves: valorização patrimonial, que se refere aos valores objetivos dado pelas políticas patrimoniais, tanto em âmbito jurídico, quanto pericial e restauracionista; valoração afetiva, que se constitui como o conteúdo de sentido afetivo existente entre o ser e a obra, estabelecendo assim um mundo espiritual; patrimônio cultural, que é a sedimentação das experiências humanas em bens valorados afetivamente, atuando como bens de formação e com conteúdo transformador; bem de formação – bem cultural como formador externo da estrutura anímica humana; *lebenswelt*, mundo da vida que para a Fenomenologia é o mundo espiritual do ser que habita; paisagem, composta tanto pelo cenário quanto pela trama das relações humanas; lugar, que se refere ao espaço com significado afetivo; evento, constituído pelo fluxo de vivências comunitárias, ou seja, pela relação intersubjetiva social e histórica; comunidade, ajuntamento de pessoas que se enxergam como sujeito e visam um bem comum semelhante; e metropolização, fenômeno totalizante originado pela expansão urbana e re-configurador das paisagens citadinas e das relações nela estabelecidas. Esses conceitos principais se associaram a outros, a medida que a análise se desenrolava, como: vivências, mundo de alcance efetivo, espaço existencial, *gemut*, identidade e outros.

Para responder a pergunta e testar a hipótese, a tese pautou-se no método fenomenológico, propondo um diálogo com autores para além da Geografia Cultural, como Milton Santos, Rogério Haesbaert e Everaldo Costa, acreditando que há fios condutores entre as perspectivas. A fenomenologia busca o fenômeno que é, em síntese, um sujeito que direciona a um objeto que se mostra, estabelecendo relações corpóreas, psíquicas e espirituais. O fenômeno leva a essencial a partir da redução fenomenológica, que consiste em colocar entre parênteses o que não é imediatamente relevante. Para aplicação do método fenomenológico é fundamental o esvaziamento de preconceitos que possam induzir interpretações, por isso, para a tese, foi escolhida uma cidade desconhecida, aplicando metodologias empíricas antes de qualquer leitura teórica sobre a localidade. Os autores dialogados na tese, foram aderidos posteriormente, como um suporte para o entendimento dos fenômenos e de modo a conduzir uma pesquisa que fosse, antes de tudo, geográfica.



Para as atividades de campo foram selecionadas algumas metodologias aproximativas. Foram realizadas pesquisas exploratórias, para o primeiro contato com o município. A partir disso, e da complexidade identificada desde o princípio, resolveu-se aplicar questionários tendo como cálculo de amostra os setores censitários do censo demográfico do IBGE, de 2010. As perguntas foram divididas em três grandes temas: identificação da pessoa, conexões urbanas e valoração afetiva. Todo o período de aplicação dos mais de dois mil questionários, aproximaram os sujeitos sabarenses, preparando para a etapa das entrevistas. Estas foram aplicadas em moradores de todos os distritos, seguindo os preceitos da história oral, com um roteiro semiestruturado. As conversas eram de no mínimo uma hora e ocorriam tanto dentro de bens tombados quanto na residência dos colaboradores. Levando em consideração a especificidade de alguns lugares, foram realizadas caminhadas de reconhecimento, que foram fundamentais para o entendimento da paisagem. Toda pesquisa de campo foi acompanhada de uma caderneta de campo, registrada sempre com menos de 24h após a visita a Sabará. Trechos da caderneta foram compartilhados ao longo da tese. Por fim, foram realizadas atividades com três grupos de jovens distintos, denominando-se as dinâmicas como mediações comunitárias. Essa aproximação teve como objetivo compreender melhor os três tipos de comunidades identificadas ao longo da pesquisa,

Para a análise do material coletado, foi utilizada a Análise de Conteúdo após a transcrição integral de todas as gravações. A partir da análise, os dados foram organizados em categorias. Para facilitar a interpretação e exposição das informações, os setores censitários foram agrupados em unidades de paisagem, pelas semelhanças tanto em termos da estrutura urbana, como no que concerne a dinâmica de vida. Dessa forma, optou-se por, no primeiro capítulo, empreender uma espécie de nivelamento dos preceitos fenomenológicos e geográficos balizares para a tese, para, nos quatro capítulos seguintes, analisar as unidades de paisagem escolhidas a partir de cada distrito, começando por Carvalho de Brito, Sede, Mestre Caetano e Ravena – os dois últimos bem menores que os dois primeiros. Durante a narrativa dos capítulos dois a cinco, os temas foram se desenrolando gradativamente, através de uma investigação rigorosa e criteriosa que se pautou em tipologias e zoneamentos, tendo como suporte, material iconográfico e o mapeamento dos espaços pelo uso de SIG.

A última parte da tese foi dedicada ao estudo patrimonial, sendo dividida em valorização patrimonial no sexto capítulo e valoração afetiva no sétimo. Após toda a contextualização do que foi chamado como *lebenswelt metropolitano* de Sabará, acreditou-se ser possível enfim empreender a análise patrimonial, que no caso da presente tese tem ligação direta com a metropolização. Foi fundamental primeiro dissecar o mundo da vida dos diversos sabarenses,

para depois relacionar esses fatores ao patrimônio. Para a interligação desses elementos, foram traçadas o que se chamou de Cartografias Valorativas do Patrimônio de Sabará que, inicialmente resumiu-se a identificar a localização dos bens tombados, assim como organizá-los em zonas a partir de tipos, para em seguida avaliá-los enquanto afetividade. Para tanto, foram desenvolvidos mapas de valoração afetiva, identidades, distância/proximidade, comunidades e comunidades valorativas, acreditando que, assim, toda a discussão elaborada desde o primeiro capítulo integrou-se, revelando o que se efetua como a tese desta tese.

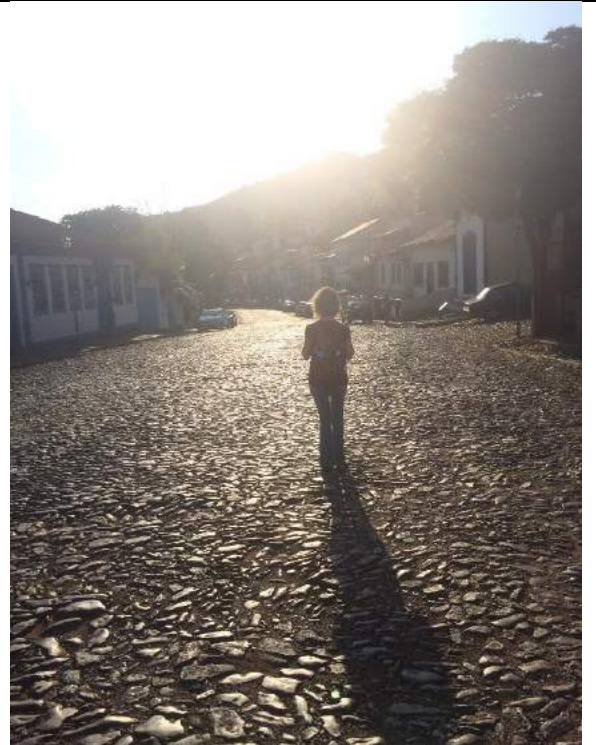
As vivências comunitárias têm origem no indivíduo que partilha com outros indivíduos, um fluxo de vivências comunitárias (eventos), que tem os objetos como permanência. Esses objetos, quando inseridos no mundo espiritual do ser enquanto bem cultural, tornam-se bens de formação, tanto suportando a constituição de uma comunidade, quanto dando suporte para mantê-las, visto que seu papel formador influi positivamente na liberdade e ação das pessoas que com almas renovadas e energias formativas, atuam no mundo. A noção de patrimônio surge da revolução francesa, tendo adquirido até os dias de hoje, uma diversidade de valores objetivos. Contudo, ele se afastou demasiadamente do cotidiano, na tentativa de perpetuar uma memória que nem sempre existe, esvaziando-se de valoração afetiva. Para a tese, patrimônio cultural é aquele que se efetiva enquanto parte da cultura das vivências do ser e não aquele que foi ditado por algum regulamento como tal. Fora do mundo da experiência o bem, não importa quantos tombamentos lhe atribuam, é só uma coisa, sem qualquer possibilidade de adjetivação.

Em Sabará, existe uma gama de questões que envolvem a valoração afetiva, dentre elas está o que chamamos de *bairrificação*, a partir da nova centralidade constituída em Belo Horizonte, que agrega mais os sabarenses que o centro histórico de Sabará; dessacralização do mundo e a expansão pentecostal, que tem afastado o culto as igrejas barrocas; falta de diálogo entre os órgãos de tombamento e a comunidade e o distanciamento da obra de arte do cotidiano, sendo posicionada como algo superior a experiência. Apenas a Vila Marzagão e o bairro Pompéu se revelaram como comunidades espirituais e zonas com valoração afetiva verdadeiramente constituída. Mesmo o centro histórico não se mostrou da mesma forma.

Por essa pesquisa de doutorado, acredita-se ter trazido uma nova perspectiva para a análise patrimonial, ampliando seu sentido para além do valor turístico e mercadológico e para além de um conceito – como uma prática de transformação social. Isso pode ser alcançado desde que não se corrompa o sentido cultural e formador, por um vazio estético sem vida espiritual, ou seja, valorizado patrimonialmente mas sem valoração afetiva. Para que esse potencial se materialize, o patrimônio cultural precisa fazer sentido para um grupo que tenha

relações empáticas e projetos comuns, tendo para com os fragmentos, eventos históricos e sociais que sejam perpetuados para além da vida do ser, e partilhados entre gerações.

Como a metropolização impacta no sentido de comunidade, pela criação de transterritorialidades, a bairrificação e o reordenamento do território, há um abalo na valoração afetiva, porque o ser vive o que a comunidade vive. Portanto, como defendido nessa tese, qualquer política patrimonial deve ser, antes de tudo, uma política de melhoramento do modo de vida em vista de criar laços e pertencimento com o lugar, caso contrário, o bem enquanto história e cultura coletiva (que só assim faz sentido qualquer tombamento) nunca se materializará para fora do papel, ou seja, no cotidiano.



## REFERÊNCIAS

- ADLER, Mortmer. *Como falar, como ouvir*. São Paulo: Realizações Editora, 2013.
- ALES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- ALES BELLO, A. *Introdução à Fenomelogia*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- ALES BELLO, A. *Pessoa e Comunidade*. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.
- ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. *Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas sócioespaciais*. Goiânia: UFG/FUNAP, 2009.
- ASSMANN, ALEIDA. Canon and Archive. In: Erll, Astrid, and Ansgar Nünning. *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin: *Walter De Gruyter*, 2008. p. 97 - 108.
- ASSMANN, JAN. Communicative and Cultural Memory. In: Erll, Astrid, and Ansgar Nünning. *Cultural Memory Studies: Na International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin: *Walter De Gruyter*, 2008. p. 109-118.
- ÁVILA, Rodrigo. *Trabalho, Memórias e preservação patrimonial na vila Marzagão (Sabará, MG)*. Minas Gerais: PUC MG- Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Campinas, SP: Verus editora, 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERTRAND, Georges. *Uma Geografia transversal e de travessias*. Maringá: Ed. Massoni, 2009.
- BESSE, Jean – Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.
- BOITO, Camillo. *Os restauradores*. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.
- BUARQUE, Sérgio C. *Construindo o desenvolvimento local sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2013.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

- CASTRIOTA, Leonardo. Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas. In: *Fórum Patrimônio*, Belo Horizonte, v.1,n.1, 2007.
- CASTRIOTA, Leonardo. Vivências efêmeras, lugares sem peso: a estetização nas cidades contemporâneas. In: *Comciência*, São Paulo, n.122, 2010.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação liberdade/UNESP, 2006.
- CORREIA, Lobato. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: *A cidade contemporânea: Segregação espacial*. São Paulo: contexto, 2013.
- COSTA, E; BENEDINI, L; PIRES, M. *Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- COSTA, Everaldo. *A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial*. São Paulo: Humanitas, 2011.
- COSTA, Everaldo. *Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana-totalidade mundo*. São Paulo: humanitas, FAPESP, 2015.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELGADO, Lucilia. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DENCKER, Ada. Valor patrimonial: memória social e poder. In: *COSTA, E; BENEDINI, L; PIRES, M. Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- FIGUEIREDO, Vanessa. *Da tutela dos monumentos à gestão sustentável das paisagens culturais complexas: inspirações à política de preservação cultural no Brasil*. São Paulo: FAU/USP- tese de doutorado em arquitetura e urbanismo, 2014.
- FONSECA, Silas. *Alma, versos e coração*. Belo Horizonte: ler para escrever, 2016.
- FONSECA, Silas. *O Pompéu do Ora-pro-nóbis*. Sabará: Estrela da Manhã, 2010. 111p.
- FREIRE, Janaína. *Paisagem e imaginário na memória de seringueiros do Acre*. Goiânia: DG/UFG- dissertação de mestrado em geografia- IESA, 2013.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GOMES, Paulo César. A cidade em quadrinhos: elementos para análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. In: *Revista cidades*. Presidente Prudente, V.5, N.7, jul/dez/2008.
- GOMES, Paulo César. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

- GUIMARÃES, Solange. Paisagens: Aprendizados mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. Rio Claro: UNESP- tese de doutorado em Geografia, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. In: *Revista etc, espaço, tempo e crítica*. Rio de Janeiro, N.2 (4), V.1, 2007. P39-52
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, François. Regimes de historicidade: *Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e conferências*. (trad. Emmanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. Poeticamente o homem habita. In: *Ensaio e conferências*. (trad. Emmanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2006b.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2012.
- HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. São Paulo: Idéias e letras, 2006.
- JEUDY, Henri- Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- LADRIERE, Jean. *Vida social e destinação*. São Paulo: Convívio, 1979.
- LEEuw, Gerardus. Lá religion deans son essence ET sés manifestations, In: *Resvista de abordagem gestaltica*, XV (2), P179-183. Goiânia. jul-dez, 2009.
- LEITAO, Lucia. *Onde coisas e homens se encontram: cidade, arquitetura e subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2014.
- LIBANIO, Clarice. *Sabará: Aspectos históricos, geográficos e socioeconômicos*. Prefeitura municipal de Sabará, 2008.
- LIMA, Elias. O lugar do sujeito em A Natureza do Espaço, de Milton Santos. In: *Revista Geografia*. Juiz de Fora, MG: v 03, nº 02, p 01-08, 2013.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Proj. História*, São Paulo: nº 17, p 63- 201, 1998.
- LUIJPEN, W. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

- MAHFOUD, M; MASSIMI, M. *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.
- MARINO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja universal. In: *Estudos avançados*, V.18, N.52, 2004.
- MEMÓRIA EMOTIVA, olhares sobre o patrimônio. Sabará: AFFAS, 2006.
- MENDES, Cândido. Valores e construção da subjectividade: dialéctica e submeditação. In: *Para onde vão os valores ?*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurici. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NETTO, Marcos. *ORA-PRO-NÓBIS EM POMPÉU: GASTRONOMIA NA SERRA DE SABARÁ/MG*. In: *Geograficidade*, Rio de Janeiro, v.4, 2014.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Proj. História*, São Paulo: nº 10, p 7- 28, 1993.
- NORBERG-SCHULZ. *Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1980.
- OLIVEIRA, L; MARANDOLA, E; HOLZER, W. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- PAES, Maria Tereza. As cidades coloniais brasileiras: ideologias espaciais, valores histórico, urbanístico e cultural. In: *Geographia*, Campinas, ano 17, n.35, 2015
- PASSOS, Zoroastro. Entorno da história do Sabará. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas Gerais, 1942, v1-v2.
- PINHEIRO, Maria Lucia. John Ruskin e as sete lâmpadas da arquitetura: algumas repercussões no Brasil. In: *Ruskin, John, a lâmpada da memória*, Cotia-SP: atelier editorial, 2008.
- POLANCZYK, Antônio José. *Louis Ensch e a Belgo Mineira*. Belo Horizonte: 3i editora, 2014.
- POSSAMAI, F. A perspectiva qualitativa em pesquisa: a fenomenologia. In: *Revista UNIVILLE*, Joinville, SC, v. 7, n. 2, p.50-54. 2002.
- QUIVY, Raymond. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo (org). *Qual o espaço do lugar?*, São Paulo: perspectiva, 2012.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RODRIGUES, Auro. *Geografia: Introdução a ciência geográfica*. São Paulo: Avercamp, 2008.



- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias*. São Paulo: UNESP, 2010.
- RUS, Eric de. *A visão educativa de Edith Stein*. Belo Horizonte: E.d artesã, 2015.
- RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.
- RUSSELL, Bertrand. *Abc da relatividade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (livro virtual).
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: ed. Cortez, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. São Paulo: Ed. USP, 2004.
- SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. Sao Paulo: EDUSP, 2005. 170p.
- SANTOS, Milton. Los espacios de laglobalizacion. In: *Anales de geografia de la Univerddidad Conplutense*. Barcelona, 1993.
- SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico- científico-informacional*. São Paulo: Ed Hucitec, 1999.
- SBERGA, Adair. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHELER, Max. *Da reviravolta dos valores*. Petrópolis: Ed vozes, 2012.
- SCHULTZ, Alfred. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- SCHULTZ, Alfred. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2012.
- SILVA, Jaqueline. Crescimento urbano de Sabará: modificação e conservação da cidade segundo seus instrumentos legais de planejamento. In: *Revista Labor & Engenho*. Vitória: v 4, nº 2, p 01- 16, 2010.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida do espírito. In: Fortuna, C (org), *cidade, cultura e globalização: Ensaio de sociologia*. Celta editora: 1997.
- Site. Agência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Disponível em:< <http://www.rmbh.org.br/>>. Acesso: em
- Site. Arquivo Público Mineiro. Disponível em:< <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>.
- Site. Facebook. Festival Da Banana - Ravena. Disponível em:< <https://www.facebook.com/ouronegrodesabara/>>.

- Site. Facebook. Jabuticaba Sabará. Disponível em:<  
<https://www.facebook.com/ouronegrodesabara//>>. Acesso: em
- Site. IBGE. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso: em
- Site. Plano Metropolitano. Macrozoneamento RMBH. Disponível em:<  
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>.
- Site. UNESCO. Disponível em:< <http://www.unesco.org/>>. Acesso: em
- SOTRATTI, Marcelo. A pesquisa qualitativa nos estudos do patrimônio cultural em espaços rurais: desafios e possibilidades. In: MARAFON, Gláucio José. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.
- SOUZA, Marcelo. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SOUZA, Marcelo. O desafio metropolitano, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SOUZA, Murilo. O trabalho de campo em geografia: por uma perspectiva participante de investigação científica. In: MARAFON, Gláucio José. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.
- SOUZA, Tânia Maria. Onde o sol nunca brilha: investimentos britânicos e mudança tecnológica na mineração aurífera de Minas Gerais no século XIX. São Paulo: USP- tese de doutorado em história econômica, 2002.
- SPOSITO, Eliseu. *Geografia e Filosofia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- SPÓSITO, Eliseu. *Redes e cidades*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.
- STEIN, Edith. Contribuciones a la fundamentacion filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In: STEIN, Edith, *obras completas*, II, escritos filosóficos: etapa fenomenológica. Madrid, ediciones El Carmen, 2005.
- STEIN, Edith. *El problema de la empatia*. Burgos: Ed. Monte Carmelo, 2004.
- STEIN, Edith. Estructura de La persona humana. In: STEIN, Edith, *obras completas*, IV, escritos antropológicos y pedagógicos. Madrid, ediciones El Carmen, 2003.
- STEIN, Edith. *Excurso sobre el idealismo trascendental*. Madrid: ediciones encuentro, 2005c
- STEIN, Edith. Fundamentos de la formación de La mujer. In: STEIN, Edith, *obras completas*, IV, escritos antropológicos y pedagógicos. Madrid, ediciones El Carmen, 2003c.
- STEIN, Edith. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascension al sentido del ser*. México: FCE, 1994.
- STEIN, Edith. Sobre el concepto de formacion. In: STEIN, Edith, *obras completas*, IV, escritos antropológicos y pedagógicos. Madrid, ediciones El Carmen, 2003b.

- STEIN, Edith. Una investigacion sobre el estado. In: STEIN, Edith, *obras completas*, II, escritos filosóficos: etapa fenomenológica. Madrid, ediciones El Carmen, 2005b.
- TEBAR, Lorenzo. *O perfil do professor mediador: Pedagogia da mediação*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina, PR: Ed. uel, 2013.
- VASCONCELOS, Pedro. Contribuição para o debate sobre processos e formas sócio espaciais nas cidades. In: *A cidade contemporânea: Segregação espacial*. São Paulo: contexto, 2013.
- VENANCIO, Marcelo; PESSOA, Vera Lúcia Salazar. O diário de Campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de duas historias de vida e do lugar. In: RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lúcia Salazar (orgs). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009. Pag 317 336.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugene Emmanuel. *Restauração*. São Paulo: Ateliê editorial, 2006.
- WHITEHEAD, Alfred. *O conceito de natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- YÁZIGI, Eduardo. *Civilização urbana, planejamento e turismo: discípulos do amanhecer*. São Paulo: Contexto, 2003.
- YÁZIGI, Eduardo. *Reencantamento da cidade: miudezas geográficas e devaneio*. São Paulo: Scortecci; Brasília: CNPq, 2013.

# APÊNDICE

## APÊNDICE A - Questionário



Universidade de Brasília  
Programa de Pós Graduação em Geografia – Tese de Doutorado  
janainamourao@gmail.com



### Identificação da pessoa

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Setor Censitário \_\_\_\_\_ 3. Bairro \_\_\_\_\_

#### 4. Gênero

- Feminino  
 Masculino

#### 5. Religião

- Católica  Judaica  Espírita  
 Evangélica  Umbanda/Candomblé  Não tem religião  
 Outras, qual? \_\_\_\_\_

#### 6. Idade

- 5-10  15-20  30-40  50-60  
 10-15  20-30  40-50  Mais de 60

#### 7. Há quanto tempo mora em Sabará

- 5-10  15-20  30-40  50-60  
 10-15  20-30  40-50  Mais de 60

#### 8. Escolaridade

- Ensino Fundamental incompleto  Ensino médio incompleto  Ensino Superior Incompleto  
 Ensino fundamental completo  Ensino médio completo  Ensino Superior Completo

### Conexões Urbanas

#### 9. Em qual cidade você trabalha e/ ou estuda?

- Sabará  Caeté  Outra, qual? \_\_\_\_\_  
 Belo Horizonte  Santa Luzia

#### 10. Quanto tempo do seu dia você fica em Sabará?

- O dia todo  Só pra dormir Porque? \_\_\_\_\_  
 Meio período  Só final de semana

#### 11. Você costuma ir no centro de Sabará?

- Sim Porque? \_\_\_\_\_  
 Não

**Valoração Afetiva**

**12. Você já ouviu falar no IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional?**

Sim

Não

**13. Se sim, o que ele faz?**

---

---

**14. Você sabe o que é tombamento de um imóvel?**

Sim

Não

**15. Se sim, o que é?**

---

---

**16. Como são as condições de vida no lugar onde você mora?**

---

---

---

---

**17. Sabará é importante pra você? Porque?**

---

---

---

---

**18. Se você pudesse definir Sabará em uma palavra, qual seria?**

---

**19. Quais são os nomes dessas edificações?**

Nº de acertos:

Nº de erros:

**APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas: Sabará - MG**

- O que é comunidade pra você?
- Aqui tem uma comunidade?
- O que as pessoas daqui compartilham? (procurando o fluxo de vivências comunitárias)
- O que vem sendo transmitido de geração em geração aqui na sua comunidade?
- Qual é a história da sua comunidade? (CASO TENHA COMUNIDADE)
- O que é patrimônio pra você?
- Qual é o patrimônio de Sabará/comunidade?
- Para as pessoas que moram aqui, qual é a importância do centro histórico no dia a dia delas?
- Se for pouca, qual é o motivo? (Existem barreiras simbólicas?)
- O que você acha que os jovens aprendem nas ruas de Sabará?
- O que você acha que eles deveriam aprender? Qual é o papel das ruas da cidade?
- Quais as atividades culturais mais frequentadas aqui da região?
- O que é uma cidade educadora pra você?
- Se eu tivesse que tirar uma foto de um lugar que realmente representa o que é Sabará, qual seria esse lugar?
- Se Sabará pudesse falar, o que ela te diria?

## APÊNDICE C – Mediações comunitárias: Sabará - MG

### APÊNDICE III

#### ATIVIDADE 1: Construção de Identidade

**CONTEXTO:** Identidade é um processo de construção e quanto mais conectados com ela, maior a chance de sermos aquilo que desejamos. Além disso, se o ser habita em um espaço e um tempo, ela também é reveladora da situação do sujeito.

Em uma folha de flipchart foi desenhada o esboço de uma carteira de identidade com os principais elementos que possui, ao lado de cada item era explicado o que o jovem deveria reproduzir no papel que recebeu. A ideia era construir uma nova identidade, com outros elementos, que não necessariamente os oficiais:

Item	Texto
Foto	Se você tivesse que escolher um lugar ou um animal para ser a sua representação, que lugar ou animal seria?
Impressão Digital	O que em você é singular? Só seu e de mais ninguém.
Assinatura	Qual característica você definiria como sendo a sua assinatura? Pode ser algo que você pensa de si mesmo ou aquela característica que todo mundo diz que você tem.
Registro Geral	Se você pudesse escolher os números que te representam, quais seriam?
Nome	Já imaginou a possibilidade de batizar a si mesmo? Se você não tivesse o nome que tem, qual nome se daria?
Filiação	Quem efetivamente cria e cuida de você?
Naturalidade	Qual lugar você se sente parte? Qual lugar você pode dizer que é seu lugar?
Data de nascimento	Escolha números que te representam

Depois de finalizados os jovens apresentavam uns para os outros, falando tanto o dado oficial quanto o escolhido

#### RESULTADOS ESPERADOS

- Aproximação entre o grupo
- Conhecimento maior dos jovens envolvidos no trabalho
- Identificação da afetividade existente, ou não, com Sabará, a partir da naturalidade

#### RECURSOS

- Imagem da carteira de identidade
- Canetinha
- Papel

### ATIVIDADE 2: Cubo dos problemas sociais

**CONTEXTO:** Toda sociedade tem uma realidade específica. A análise da paisagem por um forasteiro, por mais dedicada que seja, nunca será tão efetiva quanto ouvir a fala de quem vive. Os jovens sentem ausências que para os adultos e idosos não existem e, por isso, a necessidade de escuta-los.

**DESCRIÇÃO**

A partir da primeira atividade, foi possível identificar o local que cada jovem nasceu, assim, eles foram agrupados por mesmo bairro no caso de Carvalho de Brito, por bairros próximos no distrito Sede e por proximidade de ruas, no Pompéu. Cada grupo recebeu os materiais e foi requisitado a produzir um cubo de seis lados, onde cada lado deveria conter um problema enfrentado no local onde vivem. Por isso, deveriam ir conversando sobre isso durante a produção. Depois de finalizado, cada grupo jogava o dado e explicava porque colocou aquele problema que saiu na hora da jogada e também mencionava os outros temas escolhidos, sem a necessidade de explicação.

**RESULTADOS ESPERADOS**

- Identificação de problemas enfrentados pela comunidade
- Percepção de que os problemas são similares em cada distrito ou mesmo em Sabará como um todo
- Participação ativa dos jovens, de modo que percebam seu protagonismo

**RECURSOS**

- Cola e tesoura
- Papel
- Canetinha
- Régua
- Lápis e borracha

### ATIVIDADE 3: Patrimônios da Cidade

**CONTEXTO:** Os patrimônios da cidade são múltiplos, tanto pela sua variedade, quanto pela variedade de percepções. Com diferentes mundos de alcance efetivo, diferentes patrimônios emergem. Ainda que não sejam bens tombados, é importante introduzir a noção de algo “nosso”.

**DESCRIÇÃO**

Nessa atividade os alunos foram requisitados a trazerem uma foto de algum espaço considerado importante pra eles e pro bairro deles (como parte do patrimônio do bairro). Antes disso, era discutido o conceito de patrimônio em conjunto. Em alguns casos também foi requisitado que desenhassem esse patrimônio. No encontro seguinte, com esses materiais em mãos, localizamos o imóvel no Google Earth para que pudessem ter uma noção da sua posição espacial no mundo. Enquanto achavam o local utilizando a ferramenta, fomos dialogando com eles para entender quais pontos de referências eles levavam em consideração para se posicionarem.

**RESULTADOS ESPERADOS**

Identificação de marcos na paisagem  
Apropriação do espaço em que vivem  
Identificação de lugares importantes e patrimônios do local

**RECURSOS**

- Computador
- Software google earth
- Canetinha
- Papel
- Fotografia



